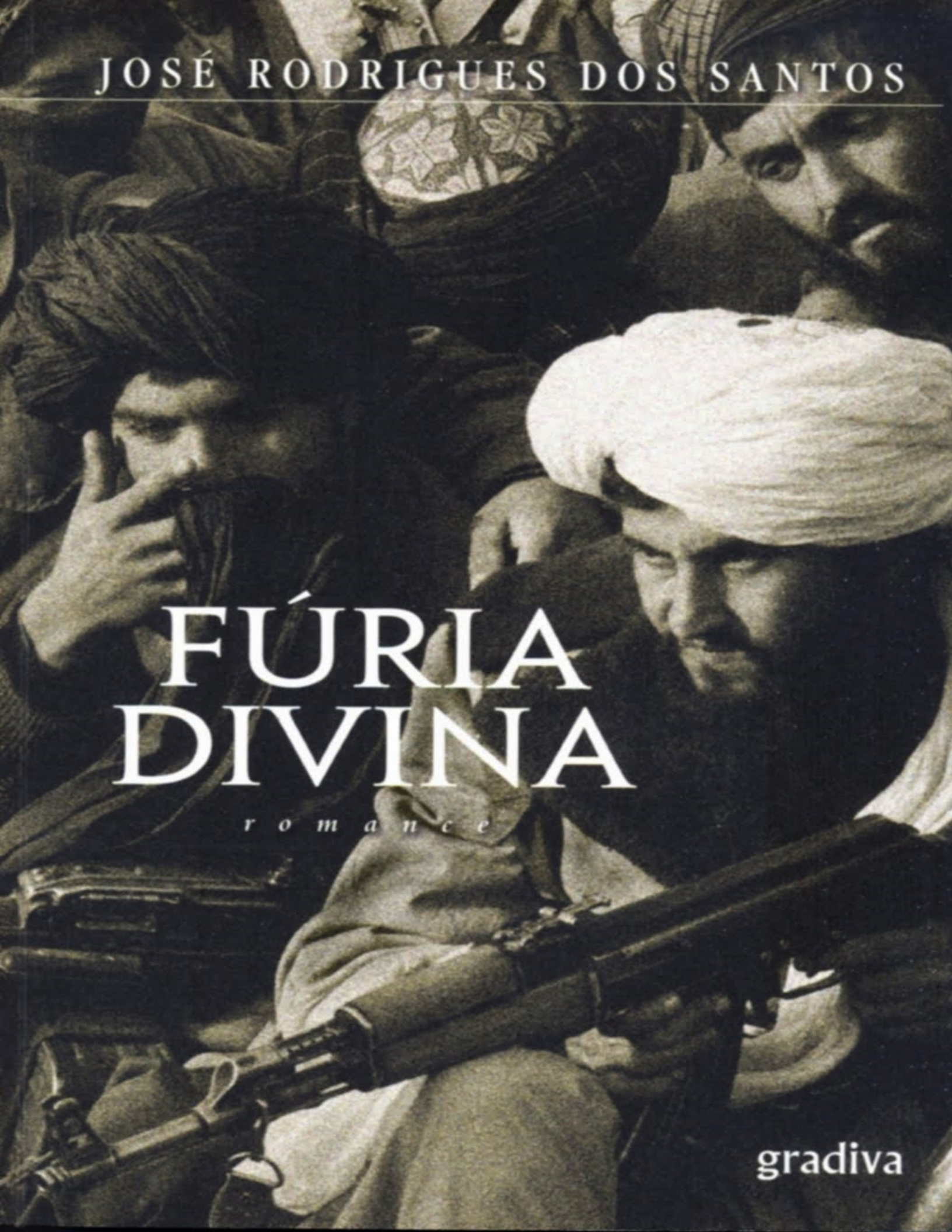
JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS



FÚRIA DIVINA

romance

gradiva

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

(1964)

Fúria Divina

2009

GRADIVA

FÚRIA DIVINA
romance
José Rodrigues dos Santos
Gradiva
© José Rodrigues dos Santos/Gradiva Publicações, S. A.
Revisão de texto: Helena Ramos
Capa: foto: © Corbis/VMI
design gráfico: Armando Lopes
Sobrecapa: foto: ©Time & Life Pictures/Los Alamos National Laboratory/Getty Images design gráfico: Armando Lopes Fotocomposição, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, L: Reservados os direitos para Portugal por: Gradiva Publicações, S.A.
Rua Almeida e Sousa, 21 — r/c esq. — 1399-041
Lisboa Telef. 21 393 37 60 — Fax 21 395 34 71 Dep. comercial: Telefs. 21 397 40 67/8 — Fax 21 397 1411 geral@gradiva.mail.pt / www.gradiva.pt 1." edição:Outubro de 2009
Depósito legal n.° 298 260/2009
ISBN: 978-989-616-338-9
Gradiva
Editor: Guilherme Valente

A aquisição de armas para a defesa dos muçulmanos é um dever religioso. Se eu realmente adquiri essas armas (nucleares), então agradeço a Deus. E se eu tento adquirir essas armas limito-me a cumprir um dever. Seria pecado os muçulmanos não tentarem possuir as armas que podem impedir os infiéis de infligir sofrimento aos muçulmanos.

OSAMA BIN LADEN
Afeganistão, 1998

A todos os crentes que amam e não odeiam

Às minhas três mulheres, Florbela, Catarina e Inês

Aviso

Todas as referências técnicas e históricas e todas as citações religiosas incluídas neste romance são verdadeiras.

Este romance foi revisto por um dos primeiros operacionais da Al-Qaeda.

Prólogo

As luzes dos faróis rasgaram a noite glacial, prenunciando um fragor cavado que logo se ouviu a aproximar. O camião percorreu a Prospekt Lenina devagar, o estrépito do motor sempre em crescendo, e abrandou quando chegou perto do portão. O veículo virou lentamente, galgou a ladeira com um ronco de esforço e imobilizou-se diante das grades do portão, os travões a soltarem um guincho desafinado, o motor a bufar de exaustão.

A sentinela sonolenta abandonou a casamata, o corpo encolhido no sobretudo e a Kalasbnikov displicentemente a tiracolo, e acercou-se do condutor.

"O que se passa?", perguntou o soldado, mal-humorado por se ver forçado a largar o aconchego do abrigo e a enfrentar o agressivo frio exterior. "Que estão aqui a fazer?"

"Viemos efectuar uma entrega", disse o motorista, exalando pela janela um denso vapor de respiração.

A sentinela franziu o sobrolho, intrigada.

"A esta hora? Tchort! Já são quase duas da manhã..." O rosto do motorista chamou-lhe a atenção. Tinha a tez trigueira e os olhos negros cintilantes, a fisionomia típica de um homem do Cáucaso. "Mostrem-me os documentos."

O motorista baixou a mão direita e extraiu um objecto da sombra.

"Estão aqui", disse.

O soldado apenas teve tempo de perceber que o condutor do camião lhe apontava aos olhos um cano protegido por um silenciador.

Ploc.

Sem um gemido sequer, a sentinela tombou de costas, como um boneco articulado, o corpo a emitir apenas o som abafado de um saco a cair no chão, um esguicho de sangue a jorrar da nuca sobre a neve enlameada.

"Agora!", exclamou o motorista, voltando a cabeça para trás.

Obedecendo ao plano previamente delineado, quatro homens saltaram da carga do camião, todos eles fardados como soldados do exército russo, o número do regimento 3445 cosido ao tecido. Dois deles foram recolher o corpo do soldado e guardá-lo na carga, um outro limpou a neve ensanguentada enquanto o quarto desapareceu na casamata.

O portão abriu-se com um zumbido eléctrico e, sem recolher o homem que deixara na casamata, o camião cruzou uma placa suja a anunciar PO Mayak em caracteres cirílicos e entrou no perímetro.

O complexo era enorme, mas o motorista sabia muito bem para onde ir. Viu os edifícios de pesquisa de Chelyabinsk-60 e, conforme havia sido combinado, estacionou na berma, pegou no telemóvel e digitou os números. "1411on", respondeu uma voz do outro lado.

"Coronel Pryakhin?"

"Sim?"

"Estamos cá dentro, no local combinado."

"Muito bem", respondeu a voz. "Venha agora para o complexo químico e siga os procedimentos delineados."

O camião arrancou e seguiu em direcção ao eufemisticamente designado "complexo químico". O veículo percorreu a estrada, passou pela Zavod 235 e aproximou-se das instalações de armazenamento do complexo.

Um muro de cimento com arame farpado no topo apareceu à direita. A estrada desembocou numa casa da guarda, e o motorista sabia que havia mais duas noutros pontos do muro. Entre a casinha e o portão, uma tabuleta desgastada por manchas de ferrugem indicava Rossiyskoye Hranilichshe Delyascbyksya Materialov.

Sempre a seguir o plano de operações, o condutor do camião estacionou num canto discreto diante do casinhoto, desligou o motor e os faróis, voltou a digitar os números do telemóvel, deixou tocar duas vezes, desligou e ficou a aguardar.

O portão começou a dobrar-se automaticamente.

Logo a seguir foi a vez de se abrir a porta do casinhoto, deixando a luz do interior recortada como um fio, e um homem saiu para a rua. Pelo boné percebia-se que se tratava de um oficial do exército. O militar olhou em redor, como se procurasse alguma coisa, e o motorista fez uma piscadela com os faróis para se fazer notar.

O oficial viu as luzes ligarem e desligarem e, acto contínuo, dirigiu-se ao camião em passo apressado.

"Komsomolskaya", exclamou o oficial, dando a senha.

"Pravda", respondeu o motorista com a contra-senha.

O militar saltou para o lugar ao lado do condutor, que o cumprimentou com um aceno de cabeça.

"Privet, coronel. Está tudo bem?"

"Normalno, meu caro Ruslan", assentiu Pryakhin com uma voz tensa, fazendo um gesto impaciente.

"Vamos. Não há tempo a perder."

Ruslan encaixou as mudanças e o camião arrancou em direcção ao portão aberto.

O veículo passou lentamente a casa da guarda e franqueou o portão, entrando

no perímetro do complexo químico.

"E agora?"

O coronel russo apontou para uma porta à esquerda.

"Estacione frente àquela porta de serviço."

O camião posicionou-se diante da porta e, sem desligar o motor para impedir que ele congelasse, Ruslan gritou uma ordem para a carga. De imediato cinco homens saltaram do veículo. O motorista apeou-se também e deu novas ordens; claramente, era ele quem estava no comando. Da carga foram retiradas duas pequenas arcas metálicas.

"Davai, davaü", grunhiu nervosamente o coronel Pryakhin, tentando apressá-los.

"Mexam-se!"

Com as duas arcas na sua posse, e deixando para trás apenas um homem de guarda ao camião, os cinco acompanharam o oficial russo em direcção à entrada de serviço e penetraram no edifício.

A temperatura lá dentro era acolhedora e os intrusos tiraram as luvas, mas mantiveram os sobretudos. Ruslan olhou em redor, avaliando as instalações. O

interior era iluminado por uma luz amarelada e as paredes de betão pareciam incrivelmente grossas.

"Têm oito metros de espessura", disse o coronel ao ver Ruslan a contemplar as paredes. Apontou para cima. "E o tecto está coberto por cimento, alcatrão e cascalho."

O oficial russo conduziu os intrusos pelos corredores desertos, virando consecutivamente à direita e à esquerda, até que se imobilizou numa esquina e olhou para trás, encarando Ruslan.

"Daqui para a frente já não vou", sussurrou. "No próximo corredor situa-se a sala de monitorização vídeo, que vigia o acesso e também todo o interior do cofre. Como já vos expliquei, estão lá dois homens.

Mais à frente, ao fundo do corredor, há umas escadas e lá em cima fica a antecâmara com a entrada do cofre. Lembrem-se de que os dois funcionários que lá se encontram são imprescindíveis para aceder ao cofre. Um tem uma parte do código, o outro tem a outra. Se vocês apenas controlarem um deles, só terão acesso a metade do código. E por isso que..."

"Eu sei", cortou Ruslan com súbita rispidez, como quem ordena silêncio.

O coronel calou-se por um momento e fitou intensamente o chefe do comando, a avaliá-lo. Estava habituado a dar ordens àquele tipo de gente, não a recebê-las.

"Boa sorte", resmungou enfim.

Ruslan voltou-se para trás e cravou os olhos em dois dos seus homens.

"Malik. Aslan." Fez um movimento curto com a cabeça. "Vão."

Os dois homens empunharam as pistolas com silenciadores, cruzaram a esquina e avançaram em surdina pelo corredor. No lado direito abria-se uma porta e lá dentro havia luz. Mergulharam ambos nessa sala e, de imediato, houve uma breve agitação, que culminou em quatro plocs surdos das armas a serem disparadas.

Sem esperar pelos companheiros, Ruslan e os outros dois homens avançaram pelo corredor com as duas arcas que tinham trazido do camião e só pararam quando se lhes depararam as escadas.

Escalaram-nas com cautela e deram com a antecâmara; era uma sala protegida por grades, parecia uma jaula.

"Quem vem aí?", perguntou uma voz. Um quarentão barrigudo ergueu-se de uma secretária e aproximou-se das grades para encarar os desconhecidos. "Quem são vocês?"

"Sou o tenente Ruslan Markov", identificou-se o desconhecido do outro lado das grades, fazendo continência. Apontou para as duas arcas que os seus companheiros traziam. "Viemos da fábrica química de Novossibirsk com material para armazenar."

"A esta hora?", estranhou o barrigudo. "Isto não é regulamentar. Qual é o protocolo que vocês estão a seguir?"

Depois de passar os olhos pela placa com o nome que o barrigudo ostentava ao peito, Ruslan extraiu o telemóvel e digitou um número. Ao segundo toque, uma voz atendeu do outro lado e Ruslan estendeu o telemóvel por entre as grades.

"É para si."

O barrigudo olhou o telemóvel com surpresa e, as sobrancelhas cerrando-se num ar intrigado, pegou no aparelho e encostou-o ao ouvido.

"A//of"

"Vitaly Abrosimov?", perguntou uma voz do outro lado da linha.

"Sim, sou eu. Quem fala?" "Vou-lhe passar a sua filha Irina."

Ouviu-se um som embrulhado no outro lado e um fio trémulo e medroso de voz percorreu a linha.

"Está? Pai?" "Irisha?"

"Paizinho." A filha soluçou, a voz molhada pelas lágrimas. "Eles dizem que me matam.

Matam-me a mim e à mãezinha." "O quê?"

"Têm armas, paizinho." Mais um soluço. "Dizem que nos matam. Por favor, vem..."

A frase foi interrompida por um clic e seguiu-se o som contínuo

característico de linha desligada.

"Irisha!"

Os olhares de Vitaly e de Ruslan cruzaram-se entre as grades, um de receio e interrogação, o outro de autoridade e afirmação.

"Abre a porta!", ordenou Ruslan.

Vitaly recuou um passo, sem saber o que fazer, o medo estampado no rosto.

"Quem são vocês? O que desejam?"

"Queres ver a tua família viva?", perguntou o intruso, retirando do bolso uma máquina fotográfica digital. Ligou a câmara e exibiu o pequeno ecrã na direcção de Vitaly. "Olha esta fotografia. Foi tirada há uma hora em Ozersk."

O barrigudo viu no ecrã a imagem da filha e da mulher, ambas a chorar, cada uma com os cabelos agarrados por uma mão masculina e a lâmina serrada de uma faca militar colada ao pescoço.

"Meu Deus!"

"Abre a porta imediatamente!", ladrou Ruslan, guardando a máquina.

Com as mãos a tremer, Vitaly tirou a chave do bolso das calças e apressou-se a destrancar a porta.

Os três homens entraram de rompante na antecâmara, as Kalashnikov apontadas para o guardião do cofre.

"Por favor, deixem-nas em paz", implorou Vitaly, recuando e com as mãos coladas numa prece. "Elas não fizeram nada, deixem-nas em paz."

Ruslan fixou os olhos negros na grande porta de aço ao fundo da antecâmara, o símbolo nuclear colado ao centro.

"Abre o cofre!"

"Não lhes façam mal."

O intruso pegou em Vitaly pelos colarinhos e puxou-o para si.

"Ouve-me bem, pedaço de esterco", rosnou. "Se abrires este cofre e os alarmes soarem, garanto-te que as tuas meninas serão cortadas aos bocadinhos, percebeste?"

"Mas não sou só eu quem tem o código..."

"Eu sei", assentiu Ruslan. "Chama o teu amiguinho. Mas sem levantar suspeitas, hã?"

Sempre a tremer e com gotas de transpiração a escorrerem--lhe da testa, Vitaly sentou-se na secretária, respirou fundo, pegou no telefone e digitou o número.

"Misha, vem cá." Pausa. "Sim, agora. Preciso de ti." Mais uma pausa. "Eu sei que é tarde, mas preciso de ti imediatamente." Ainda outra pausa. "Blin, vem cá, já te disse!

Despacha-te, anda."

Desligou o telefone.

"Onde está ele?", quis saber Ruslan.

Vitaly olhou de esguelha para uma porta lateral. "No quarto, a dormir. Não se esqueçam de que são duas da manhã."

Ruslan olhou para os dois homens que o acompanhavam e fez um gesto na direcção da porta.

Sem uma palavra, os elementos do seu comando foram imediatamente pôr-se em posição, ambos encostados à parede, um de cada lado da passagem.

A porta abriu-se e o rapaz que entrou foi imediatamente agarrado por trás.

"O que é isto?", protestou.

Ruslan ergueu a pistola, colou aos lábios o cano com o silenciador e arregalou os olhos.

"Caluda!"

Sentindo-se imobilizado por dois homens e vendo um militar armado diante dele na antecâmara, o rapaz achou melhor obedecer.

"Tu e o Vitaly vão abrir o cofre." O rapaz olhou para a porta de aço, incrédulo.

"O quê?"

Ruslan deu um passo em frente e fitou-o com intensidade.

"Presta atenção a isto que te vou dizer", murmurou, as palavras impregnadas de um tom de agressão latente. "Eu sei que existe um código secreto que abre o cofre e que ao mesmo tempo activa o alarme. Não é esse código que vais accionar.

Eu quero o verdadeiro código, percebeste?"

"Sim."

Ruslan sorriu sem humor e retirou a máquina fotográfica do bolso.

"Eu sei no que estás a pensar", disse, enquanto voltava a ligar a câmara. "Dizes-me que não activas alarme nenhum, metes o código de alarme e, cinco minutos depois, catra-pumba!, isto está cheio de homens do 3445." Colou o dedo às têmporas do rapaz. "Péssima ideia, Mikhail Andreev. Péssima ideia." Voltou o pequeno ecrã da máquina digital na direcção do seu prisioneiro. "Esta fotografia foi tirada há uma hora. Reconheces alguém?"

Mikhail fixou o ecrã e arregalou os olhos de horror.

"Lulia!"

O ecrã mostrava o rosto choroso da mulher, com o bebé ao colo e os canos de duas Kalashnikov apontados às cabeças.

"Oh, que bonitos que eles estão!", exclamou Ruslan num tom carregado de ironia. "A linda Iulia e o pequeno Sasha!" Guardou a câmara no bolso. "Se por acaso aparecer por aqui algum rapaz do 3445 depois de vocês abrirem o cofre,

juro-te por Deus que os meus homens que estão no teu apartamento, em Ozersk, de imediato enviarão a tua família para o Inferno. Está claro?"

"Não lhes façam mal, por favor."

"A segurança das vossas famílias depende de vós, não de nós. Se vocês se portarem bem, irá correr tudo às mil maravilhas. Se se portarem mal, isto vai acabar num banho de sangue. Entendido?"

Mikhail e Vitaly assentiram com as cabeças, a capacidade de resistência reduzida a nada.

Satisfeito, Ruslan deu um passo atrás e fez sinal aos seus homens de que largassem Mikhail.

"Juizinho, hem?"

Nesse instante chegaram à antecâmara os dois homens que haviam ficado para trás, a "limpar" a sala de monitorização vídeo. Um deles acenou com uma cassete, como se exibisse um troféu.

"Tudo tratado."

"Bom trabalho", disse Ruslan num registo monocórdico. Dirigiu-se para a porta do cofre e olhou para os dois prisioneiros. "Metam o código."

Trémulos, em estado de choque, os dois aproximaram-se, inclinaram-se sobre a caixa que controlava o ferrolho da porta de aço e, à vez, digitaram os números que lhes competiam. A grande porta emitiu um clac, fez o barulho expirado de descompressão e destrancou.

Com cuidado, Ruslan rodou o manípulo e a porta do cofre soltou-se.

"Abre-te sésamo!", exclamou com um sorriso.

Chamar cofre ao que os intrusos viram abrir-se diante deles depressa lhes pareceu demasiado redutor. A porta de aço deu-lhes acesso a um enorme armazém cheio de contentores com símbolos de radioactividade expostos em cada um dos lados.

Os contentores estavam amontoados uns em cima dos outros, mas com corredores entre eles, como ruas a separar blocos de apartamentos.

Ruslan virou-se para Vitaly.

"Como está isto organizado?"

O russo barrigudo apontou para o interior do grande armazém.

"O plutónio encontra-se ali à esquerda. O urânio do outro lado."

Ruslan fez um sinal e os homens desceram as escadas e mergulharam no labirinto de contentores.

Movimentavam-se com rapidez; ninguém queria permanecer naquele lugar mais tempo que o necessário. Era verdade que os contentores se encontravam todos selados, mas a radioactividade tinha o condão de os deixar nervosos.

O comando palmilhou o labirinto e só parou quando Ruslan ergueu a mão.

"E aqui!", exclamou ao ler as inscrições em caracteres cirílicos no novo grupo de contentores.

Olhou para um dos seus homens. "Beslan, mostra o que vales."

Um homem que transportava uma das arcas provenientes do camião pousou-a no chão e extraiu instrumentos do interior, que usou no acesso a um contentor. O contentor foi aberto em alguns segundos e o homem ligou uma lanterna e acedeu ao interior. Encontravam-se lá dentro várias caixas com caracteres cirílicos e o símbolo do nuclear. Beslan pegou numa delas e meteu-a na arca que trouxera consigo.

Instantes depois repetiu a operação com a outra arca.

"O que estão vocês a fazer?", perguntou Vitaly, já suficientemente alarmado para perder a prudência.

"Isto é urânio enriquecido a mais de noventa por cento!"

"Cala-te."

"Mas você não está a perceber", insistiu, quase num tom de súplica. "Cada uma destas caixas contém uma quantidade subcrítica de urânio. Se vocês as juntarem, as duas massas ultrapassam o valor crítico e pode haver uma explosão nuclear. Isto é uma coisa muito..."

Paf.

"Cala-te, já disse!"

A estalada ressoou com fragor pelo armazém e Vitaly, a face incendiada pela bofetada, nem se atreveu a emitir um gemido.

Ruslan voltou a atenção para os seus homens.

"Malik e Aslan, mantenham as arcas sempre a mais de dois metros uma da outra."

Apontou para o homem que abrira o contentor. "Beslan, sela-me isto. Quero que deixes o contentor exactamente como o encontrámos."

Beslan fechou o contentor e iniciou o trabalho de selagem, enquanto os companheiros se afastavam com as duas pequenas arcas. Reuniram-se minutos mais tarde na antecámara e fecharam a porta de aço do cofre.

"Vocês vêm connosco", ordenou Ruslan, apontando para os prisioneiros russos.

O grupo percorreu o caminho de volta em fila indiana, Ruslan sempre a liderar, Malik atrás dele com uma arca, Aslan a fechar a fila com a segunda arca, os outros dois homens e os dois prisioneiros no meio. Passaram pela sala de monitorização vídeo e o chefe do comando inspeccionou rapidamente o interior. Estava arrumada e limpa, não se vislumbravam quaisquer sinais do tiroteio. "Muito bem."

Retomaram a marcha pelos corredores e, duas esquinas à frente, depararam-

se com o coronel Pryakhin.

"Então? Correu tudo bem?" "Sim,net problema.

O ar gelado acolheu-os quando saíram do edifício. Calçaram as luvas e dirigiram-se ao camião. O veículo mantinha ainda o motor a trabalhar e o homem que o vigiava aguardava ao volante. Ao ver os companheiros regressarem, saltou para fora e foi abrir a porta traseira.

Pularam para a carga e arrumaram as duas arcas em contentores especiais, separados um do outro.

Uma vez o material radioactivo em segurança, Ruslan apontou para os três cadáveres estendidos num canto, um da sentinela que havia sido eliminada no portão de entrada, os outros dois dos homens abatidos na sala de monitorização vídeo e transportados para ali.

"Cubram-me estes corpos e mandem entrar os presos."

Os homens atiraram uma tela para cima dos três cadáveres, enquanto Ruslan e Aslan preparavam as respectivas pistolas. Uma vez concluídos os preparativos, Malik fez um sinal lá para fora e os dois prisioneiros russos subiram para a carga do camião. Ruslan e Aslan deixaram-nos passar, apontaram--lhes o cano das armas às nucas e dispararam quase em simultâneo.

Ploc.

Ploc.

Enquanto os seus homens limpavam o sangue espalhado pela carga e arrumavam estes novos cadáveres em cima dos outros, Ruslan saltou para fora e foi instalar-se no lugar do condutor. Ao lado acomodava-se já o coronel Pryakhin. O camião arrancou e cruzou o portão, abandonando o perímetro do complexo químico.

"O senhor coronel tem a certeza de que quer sair connosco?", perguntou o chefe do comando ao oficial russo.

"Você deve estar a brincar", retorquiu Pryakhin com uma gargalhada nervosa.

"Claro que tenho. Oficialmente não estou em Mayak. Não se esqueça de que entrei com uma credencial anónima e não há nenhum registo da minha presença aqui. Não posso ser agora visto cá dentro. Se não sair convosco, saio com quem?"

Ruslan indicou com o polegar a casa da guarda que ia ficando lá para trás, o portão já fechado.

"Podemos mesmo estar tranquilos com os tipos da casa da guarda?"

"Já lhe disse que são homens da minha confiança. Comandei-os na Chechénia e respondo por eles."

O camião percorreu o perímetro de PO Mayak no sentido inverso ao de meia

hora antes e regressou ao portão de entrada. O homem que ficara de guarda à casamata saltou para a carga e o veículo retomou a marcha, metendo pela Prospekt Lenina e fundindo-se na neblina com a escuridão da noite gelada.

Na carga levava o novo pesadelo da humanidade.

I

Foi a meio da estreita ponte baixa, entre a lagoa Azul e a lagoa Verde, que Tomás reparou no homem.

Era loiro e tinha o cabelo cortado muito curto, quase eriçado, óculos escuros a ocultarem-lhe os olhos e uma pose ambígua. Estava sentado ao volante do seu pequeno automóvel negro e contemplava a paisagem com a postura de alguém que passeava e ao mesmo tempo esperava.

"Deve ser um turista", murmurou Tomás.

"O quê?", perguntou a mãe.

"Aquele homem. Vinha atrás de nós desde Ponta Delgada, não reparou?" "Não. Porquê?"

Após um longo instante a fitar o desconhecido estacionado à entrada da ponte, Tomás abanou a cabeça e sorriu, tranquilizador.

"Não é nada", disse. "Sou eu com as minhas manias, só isso."

Dona Graça passeou o olhar pela paisagem, deixando-se inebriar pela harmonia serena do panorama que a abraçava. O vale verde e viçoso espraiava-se até uma longínqua parede circular, a verdura apenas interrompida pelos dois grandes espelhos de água que se estendiam em ambos os lados da ponte baixa. Uma floresta de pinheiros bordejava terrenos de pastagem, com hortênsias e fúcsias a colorirem as encostas.

"Que bonito!", exclamou ela. "E lindo, lindo."

O filho aquiesceu com a cabeça.

"E uma das mais belas paisagens do mundo, não há dúvida."

"Ah, lá isso é! Um espectáculo!"

"A mãe sabe como foi isto tudo formado?"

"Não faço a mínima ideia."

Tomás esticou o braço direito e indicou com o dedo a longa muralha que rodeava o horizonte como um anel.

"Esta é a caldeira de um vulcão, já reparou?"

O alarme incendiou o olhar de dona Graça, subitamente assustada.

"Estás a brincar!"

"A sério", insistiu o filho. "Não vê que aquela muralha ali ao fundo cerca todo o vale?

Aquilo são as paredes da cratera, têm mais de quinhentos metros de altura. Nós estamos mesmo no meio da caldeira."

"Ai Jesus! Isto é a caldeira de um vulcão? E... e não é perigoso permanecermos aqui, filho?"

Tomás sorriu e puxou-a pelo ombro, terno.

"Não se assuste, mãe. Não vai haver nenhuma erupção, pode ficar descansada."

"Como podes ter tu a certeza disso, valha-me Deus? Se isto é um vulcão pode...

pode rebentar tudo! Não viste aquele programa na televisão sobre o Vesúvio?"

O filho apontou para a encosta ocidental da cratera. "A última vez que houve aqui actividade vulcânica ocorreu ali ao fundo, no pico das Camarinhas. Foi há trezentos anos."

"E então? Isto pode explodir outra vez!"

"Claro que pode. Mas quando isso acontecer haverá sinais. Um vulcão não entra assim em erupção máxima de um momento para o outro. Primeiro aparece alguma actividade que serve de alarme."

Indicou umas casas que bordejavam a lagoa Azul.

"Olhe, isto é tão seguro que até vive ali gente, está a ver?"

A mãe espreitou o casario, uma expressão pasmada no olhar.

"Ah, ora esta! Há aqui uma povoação?" "Chama-se Sete Cidades. Vivem aqui mil pessoas." Dona Graça levou as mãos à cabeça.

"Credo, eles são malucos! Como é possível viver na cratera de um vulcão, Virgem santíssima?" Benzeu-se. "Valha-me Deus! E se isto rebenta tudo?"

"Já lhe disse que, se o vulcão recomeçar a actividade, primeiro haverá sinais."

"Quais sinais?"

Tomás indicou os dois lagos que os cercavam, um azulado como o céu e o outro esverdeado como a floresta em redor.

"A água punha-se a fervilhar, por exemplo. Ou então começava a erguer-se fumo do chão e haveria tremores de terra de origem vulcânica. Sei lá, há muitos sinais que servem de aviso. Mas, como vê, está tudo tranquilo, não vai acontecer nada."

Uma aragem fresca descia pelas paredes da enorme cratera e percorria a superfície plácida dos lagos. Dona Graça ajeitou o colarinho do casaco de modo a proteger melhor o pescoço e puxou o filho pelo braço. "Está frio."

"Tem razão. Se calhar é melhor sairmos daqui."

Entraram no carro encostado à berma da ponte e logo se sentiram mais aquecidos, refugiados do vento que soprava, desagradável.

"Onde vamos agora?", perguntou a mãe.

"Não sei. Onde quer ir? Lá à frente está Mosteiros..."

"Não", disse ela, indicando as casas na margem da lagoa Azul. "Vamos antes ali à vila."

Tomás ligou a ignição e o motor começou a funcionar. Arrancou, fez meia volta e passou pelo carro negro do homem loiro, seguindo em direcção à povoação. Uma placidez aprazível espreguiçava-se naquele recanto verde da ilha de São Miguel; ali era tudo tão sereno que dava a impressão de que o tempo parara.

Uma tabuleta indicava as Sete Cidades. Mais por hábito do que por desconfiança, ao fazer a curva para a direita Tomás espreitou pelo retrovisor.

O carro negro do homem loiro vinha atrás.

O automóvel que Tomás alugara em Ponta Delgada percorreu devagar a pequena localidade das Sete Cidades, que parecia adormecida àquela hora da manhã. As casas, mimosas e bem arranjadas, tinham as janelas abertas e roupas estendidas ao sol, mas não se via vivalma nas ruas.

"Isto é tão engraçado", observou dona Graça. "Devíamos ter trazido o teu pai."

Tomás, que mantinha a atenção fixa no espelho retrovisor, desviou o olhar para a mãe. Uns dias eram piores e outros melhores, mas não havia dúvidas de que o Alzheimer estava lá. Aquele parecia ser um dos dias melhores; a mãe reconhecia-o e conversava quase normalmente com ele, com tanta naturalidade que Tomás por momentos se esquecia da senilidade prematura que tomara conta dela. A observação relativa ao pai, porém, servira para lhe lembrar que aquela lucidez era enganadora e que havia acontecimentos relativamente recentes que a mãe já apagara da memória. Um deles era, obviamente, a morte do marido. Dona Graça falava dele como se ainda vivesse e Tomás já desistira de estar sempre a contar-lhe uma verdade que ela de imediato iria esquecer. E quem sabe se não era melhor assim? Se achava que o marido ainda estava vivo, talvez fosse sensato deixá-la acreditar nisso; a ilusão parecia inofensiva e mantinha-a feliz.

"Olha ali! Olha ali!"

"O quê?"

A mãe indicou uma elegante fachada branca com uma torre ao meio, coroada por uma cruz. "A igreja! Anda, filho, vamos ver."

Sabendo que a mãe tinha a mania das coisas religiosas, Tomás não hesitou; estacionou o carro na berma da rua e saiu. Olhou para trás e viu o pequeno automóvel negro dobrar a esquina e parar junto ao passeio, a uns cem metros de distância.

"Mas que raio!", exclamou, intrigado, com a mão a segurar a porta do carro ainda aberta.

"O que é, filho?"

"E aquele carro", disse. "Não nos larga." A mãe lançou o olhar na direcção do automóvel.

"Anda a passear, como nós. Deixa-o." "Mas ele vai para onde vamos e pára onde nós paramos. Não é normal!"

Dona Graça sorriu.

"Achas que nos está a seguir?"

"Se não está, parece!"

"Ai que disparate! Vê-se mesmo que andas a ver muitos filmes, Tomás. Quando chegarmos a casa vou falar com o teu pai, acho-te com a imaginação muito fértil. Esta semana não vai haver O Santo. A televisão anda a fazer-te muito mal à cabeça!"

Tomás fechou a porta do carro com estrondo e começou a caminhar na direcção do automóvel negro, disposto a tirar aquilo a limpo.

"Espere aí, eu já venho."

"Tomás! Onde vais tu, rapaz? Vem aqui à mãe! Imediatamente!"

Mas Tomás continuou a caminhar. Ao vê-lo aproximar-se, o homem loiro do carro negro ligou a viatura e fez marcha atrás, repondo a distância.

Tomás parou, embasbacado com este comportamento ostensivo.

"Ora essa!", murmurou, atónito. "O gajo está mesmo a seguir-me! Querem lá ver isto?"

Recomeçou a caminhar na direcção do automóvel negro, desta vez um pouco mais depressa, e o homem loiro, mais uma vez, fez marcha atrás; pareciam ambos envolvidos no jogo do gato e do rato, embora não se percebesse bem quem era quem. Tomando consciência de que o desconhecido não queria ser interpelado, embora pelos vistos não se importasse de o seguir sem disfarçar, Tomás deu meia volta e regressou para junto da mãe.

"O que estás a fazer, Tomás? Que história é esta?"

"Se quer que lhe diga, não sei. O homem está a seguir-nos, mas pelos vistos não se quer explicar."

"Está a seguir-nos? A que propósito?"

"Sei lá!", devolveu o filho com um encolher de ombros. "É um maluco qualquer."

Resignado, apontou para a fachada alva. "Vamos ver a igreja?"

Seguiram os dois para a igreja das Sete Cidades.

Tomás voltou a cabeça duas vezes para tentar perceber se continuavam a ser seguidos. O automóvel negro mantinha-se parado lá ao fundo, mas, quando mãe

e filho cruzaram a porta e desapareceram no interior do santuário, a viatura voltou a entrar em movimento.

Aproximou-se e estacionou quase ao lado da igreja.

A visita durou uns quinze minutos e, no momento em que Tomás e a mãe se dirigiram à saída para se irem embora, depararam-se com um vulto encostado à porta, o perfil recortado a negro diante do halo de luz matinal. Aproximaram-se e Tomás percebeu que era o homem loiro de cabelo curto do automóvel negro.

"Em que posso ajudá-lo?", perguntou Tomás.

"'Professor Thomas Norona?", perguntou o homem num inglês fortemente nasalado.

Era americano.

"Tomás Norona", corrigiu o português. “How can I help your”

O homem tirou os óculos escuros, extraiu um cartão do bolso do casaco e esboçou um sorriso forçado.

"Eu sou o tenente Jack Anderson, da base aérea das Lajes", identificou-se enquanto exibia o cartão.

Tomás pegou no documento e inspeccionou-o. O cartão anunciava que o seu detentor era o lieutenant Joseph H. Anderson, exibia a cores o seu rosto lácteo com boné de oficial e indicava-o como liaison officer da USAF nas Lajes AFB.

"Por que razão anda atrás de mim?"

"Desculpe os meus modos, sir. Recebi ordens para me assegurar do seu paradeiro, mas sem entrar em contacto consigo."

"Recebeu ordens para me seguir? De quem?" "Dos serviços de informações militares."

"Deve estar a brincar comigo..."

"Asseguro-lhe que nada do que faço em serviço é a brincar, sir.", disse o tenente Anderson com ar muito compenetrado. "Há instantes enviaram-me novas instruções.

Tenho de o levar o mais depressa possível para as Furnas."

"O quê?"

"O senhor tem um almoço marcado e o seu interlocutor já lá está."

"O quê?"

O tenente consultou o relógio.

"Temos uma hora para lá chegar. Vamos agora para Ponta Delgada, onde um helicóptero da USAF nos levará até às Furnas."

"Desculpe, mas é preciso ter lata!", exclamou Tomás num tom incrédulo. "Eu estou aqui de férias com a minha mãe e não tenciono encontrar-me com quem quer que seja!"

"Mas é uma pessoa muito importante de
Washington, sir."

"Nem que seja o presidente! A minha mãe vive num lar, tirei férias para estar com ela e é com ela que vou ficar!"

"Tenho a informação de que o assunto que trouxe essa pessoa até aqui é da mais alta importância. Seria mesmo muito conveniente que o senhor tirasse umas horas para ir às Furnas."

"Quero lá saber!"

"Oiça apenas o que temos para lhe dizer. Vai ver que não se arrependerá..."

Tomás fez uma careta de estranheza.

"Mas que raio de assunto é esse?" "E confidencial."

"O senhor está mesmo à espera que eu interrompa as minhas férias e vá ter com não sei quem para falar sobre não sei o quê?"

"Apenas sei que se trata de matéria da mais alta importância."

Tomás olhou para o tenente americano, reflectindo no convite. Viera um big shot de Washington para lhe falar de um assunto muito importante? Em boa verdade não via como poderia tal coisa dizer-lhe respeito, mas era um facto que a sua proverbial curiosidade acabara de ser espicaçada.

"Vai lá, filho", atalhou dona Graça. "Não te apoquentes comigo."

O historiador mordeu o lábio, hesitante.

"Diz que são apenas umas horas?" "Yes, sir." "E a minha mãe?"

"Dada a natureza confidencial do encontro, receio que ela não possa ir, sir. Teremos de a deixar em Ponta Delgada." Tomás olhou para dona Graça. "O que acha, mãe?"

"Ai filho, eu quero é ir para o hotel. Sinto-me cansada e vou dormir um bocadinho, se não te importas."

Tomás esfregou o queixo e mirou o tenente Anderson.

"Quem é esse sujeito que quer falar comigo?"

O tenente deixou escapar o fio de um sorriso vitorioso, acreditando que a partida estava ganha.

Meteu a mão no bolso das calças e retirou um telemóvel.

"Conversei com ele mas não sei o nome. Chamamos-lhe Eagle One.'" Exibiu o telemóvel. "No entanto, ele autorizou--me a ligar-lhe para falar consigo, se fosse caso disso. Acha necessário?"

"Claro que sim."

O americano digitou um número e estabeleceu a ligação.

"Bom dia, sir. Tenente Anderson aqui. Estou neste momento com o professor Norona e ele quer falar consigo... yes, sir... right away, sir. Anderson estendeu o

telemóvel ao seu interlocutor. Tomás pegou nele com cautela, como se o aparelho pudesse estar armadilhado.

"Hello?"

Ouviu uma risada do outro lado da linha e um rugido irrompeu pelo telemóvel.

"Fucking génio! Como vai isso?"

Aquela voz baixa e rouca e aquela expressão eram inconfundíveis e tinham a assinatura do chefe do Directorate of Science and Technology da CIA, que conhecera anos antes.

Era Frank Bellamy.

"Olá, mister Bellamy", saudou Tomás com uma certa frieza ao reconhecer a voz.

"Como vai o senhor?"

"Mas que tom é esse?", perguntou o homem do outro lado da linha com uma nova gargalhada. "Não me diga que não está contente por falar comigo...'"

"Estou de férias, mister Bellamy", suspirou o historiador. "O que deseja a CIA de mim?"

"Precisamos de falar."

"Já lhe disse que estou de férias."

"Fuck para as suas férias! Este assunto é da mais elevada importância!"

Tomás revirou os olhos, enchendo-se de paciência.

"Diga lá."

Frank Bellamy fez uma pausa, como se avaliasse o que poderia dizer pelo telefone, e baiixou a voz ao responder. "Segurança nacional."

"De quem? Vossa?"

"Dos Estados Unidos e da Europa. Incluindo de Portugal." O português riu-se.

"Você deve estar a gozar", disse. "Portugal não tem problemas de segurança nacional, pode ficar descansado."

"Isso diz você. Mas eu tenho outras informações."

"Que informações?"

"Estão a passar-se coisas de grande gravidade."

Tomás cerrou as sobrancelhas, já intrigado. "O quê?"

O americano fungou e pousou o dedo no botão vermelho para desligar, consciente de que o pássaro já não lhe escapava. "Vemo-nos ao almoço."

II

A voz de trovão rasgou o ar num tom imperativo.

"Ahmed, anda cá!"

O rapaz ergueu-se de um salto, quase com medo daquele rugido, e nem se permitiu hesitar. Saiu do quarto a correr e deu com o pai sentado no sofá da sala ao lado de um ancião de barbas brancas pontiagudas e um turbante na cabeça, uma figura que Ahmed conhecia à distância na mesquita; vira-o inúmeras vezes a conduzir as orações.

"Sim, pai?"

Ignorando a pergunta do filho, o senhor Barakah voltou-se para o visitante.

"E este o meu rapaz."

O ancião passou os olhos atentos por Ahmed, estudando-o com uma expressão de bonomia.

"Quando quer que eu comece?"

"Amanhã, se for possível", disse o senhor Barakah.

"Era bom aproveitar o início do novo ano." Voltou-se para trás e meneou os dedos cobertos de anéis, chamando o filho. "Anda cá, Ahmed. Já cumprimentaste o xeque Saad?"

Ahmed deu dois passos em frente e baixou a cabeça, quase envergonhado.

"As salaatn alekum", murmurou num fio de voz.

"Wa alekum salema", devolveu o clérigo, inclinando também a cabeça. "Então és tu o famoso Ahmed?"

"Sim, xeque."

"Quantos anos tens?"

"Sete."

"És um bom muçulmano?"

Ahmed balouçou a cabeça afirmativamente, com convicção. "Sou."

"Cumpres jejum no Ramadão?"

O rapaz ficou atrapalhado e olhou para o pai de esguelha, incerto quanto ao que deveria responder.

"Eu... a minha família...", gaguejou. "O meu pai... o meu pai não deixa."

O xeque Saad soltou uma gargalhada, no que foi acompanhado pelo anfitrião.

"E faz ele muito bem!", exclamou o visitante, ainda a rir-se com o embaraço do rapaz.

"O Profeta, na sua imensa sabedoria, isentou as crianças do jejum."

Ajeitou o turbante, que se deslocara com a gargalhada. "Agora diz-me lá, quantas vezes rezas ao dia?"

O rapaz abriu a mão e exibiu a palma e os dedos esticados. "Cinco."

O mullah soergueu o sobrolho com uma expressão céptica, como se duvidasse.

"De certeza?", inquiriu. "Acordas mesmo de madrugada para a primeira oração?"

"Sim", devolveu Ahmed com grande resolução.

"Não acredito!"

"Juro."

O clérigo olhou para o anfitrião, procurando confirmar o que lhe era dito.

"É verdade", garantiu o senhor Barakah. "Ainda o Sol não nasceu e já o vejo a rezar.

E muito devoto."

"E faz isso todos os dias?"

O pai olhou de relance para o filho.

"Bem... todos não. Às vezes fica-se a dormir, coitado."

"Seja como for, parece-me muito bom", considerou o xeque Saad, impressionado.

"Muito bem, Ahmed! Estás de parabéns, sim senhor! És mesmo um bom muçulmano!"

O rapaz quase rebentava de orgulho.

"Cumpro apenas o meu dever", disse, simulando modéstia.

O clérigo fez um gesto na direcção do seu anfitrião.

"O teu pai acredita que gostarias de conhecer melhor a palavra de Alá. É mesmo assim?"

Ahmed hesitou e lançou um novo olhar fugidio para o pai, como se tentasse perceber o sentido daquela pergunta.

"Já viste o xeque Saad na nossa mesquita, não viste?", interveio o senhor Barakah. "Ele é o mullah que nos guia e um profundo conhecedor do Livro Sagrado. Convidei-o para te ensinar o Alcorão e as orações e para te ajudar a aprofundar os conhecimentos em relação ao islão. Ele deu-nos a suprema honra de aceitar essa responsabilidade. O xeque será doravante o teu mestre. Percebeste?"

"Sim, meu pai."

"Serás um bom aluno e crescerás como um muçulmano virtuoso", sentenciou o senhor Barakah.

"Viverás conforme os ensinamentos do Profeta e as leis de Alá."

"Sim, meu pai."

O anfitrião inclinou-se sobre a mesa, pegou num bule fumegante e deitou chá na chávena do visitante, que mantinha nos olhos uma expressão de bondosa afabilidade.

"Amanhã é o primeiro dia do mês de Moharram e vamos celebrar a Hégira", disse o mullab. Fez uma pausa para beber um trago do chá. "Sabes o que é?"

"É a fuga do Profeta para Medina, xeque."

O clérigo pousou a chávena e sorriu.

"É um excelente dia para começarmos as lições."

O xeque Saad pousou o livro com grande cerimonial e, sem o ler, começou a recitar, a voz a fluir numa melodia cadenciada, os olhos cerrados na adoração das palavras divinas, as mãos abrindo-se como se recebessem o céu.

"Biçmillab Irrahman Irrahim!", entoou. "Em nome de Deus, beneficente e misericordioso!"

Fez uma pausa, dando ao seu pupilo oportunidade para lançar o versículo seguinte.

"Al-bâmdo li' Llábi Râbbil-álamin, arrabmáni rrahim, Máliqui yâumi ddinl", devolveu Ahmed.

"Louvado seja Deus, Senhor dos Mundos, Beneficente e Misericordioso, Senhor do Dia do Julgamento!"

"lyyáca nâebudo wa-lyáca naçtaín!", retomou o clérigo. "A Ti somente adoramos, de Ti somente esperamos socorro!"

"Ehdená' çeráta' Imustaquim, çeráta' ladina aneâmta âlaihim, gâiri' Imaghdubi âlaibim, wala dalinl", entoou o rapaz. "Mostra-nos o bom caminho, o caminho desses que tens favorecido, não o caminho desses que incorrem na Tua cólera nem o dos que se perdem!"

"Amin!", solfejaram ambos em simultâneo, proferindo o ámen final.

O xeque Saad abriu os olhos, acariciou a capa com ternura e olhou enfim o jovem pupilo.

"Reza assim a fatiha, a primeira sura do Alcorão", disse, referindo-se ao curto capítulo inicial. Pegou no livro com cuidado e ergueu-o diante do rosto de Ahmed, como se ostentasse nas mãos uma coroa imperial. "O que sabes tu sobre o Alcorão?"

O rapaz arregalou os olhos.

"Eu, xeque? É o Livro dos Livros, a voz de Alá a falar directamente para nós."

"E sabes quem o escreveu?"

Ahmed mirou o livro, depois o mestre, depois o livro outra vez; sentia-se surpreendido com a pergunta, tão óbvia era a resposta.

"Bem... foi Alá, Ele próprio."

O clérigo sorriu e afagou de novo o volume que tinha nas mãos.

"Esta é uma cópia perfeita do livro eterno, o Umm Al-Kittab, que Deus guarda sempre junto de si. O Alcorão regista, de facto, as palavras de Alá a dirigir-se directamente aos crentes e a fazer a última revelação à humanidade. A voz de Deus, vibrante e poderosa, jorra destas páginas sagradas, derramando-se por estes versículos de beleza sem igual. Mas não te esqueças de que, para transmitir a Sua mensagem, Alá Al--Khalid, o Criador, recorreu ao serviço do Seu mensageiro, o Profeta. No último sermão antes de morrer, Maomé disse: «Deixo atrás de mim duas coisas, o Alcorão e o meu exemplo, a sunnah, e se os seguirem nunca se sentirão perdidos.» Louvado seja o Senhor!"

"Alá An-Nur", devolveu o pupilo. "Deus é a luz."

"A primeira vez que Deus se manifestou foi numa noite do mês do Ramadão, quando Maomé, como fazia habitualmente, se recolheu a uma gruta de Hira para meditar. Só que dessa feita apareceu de repente o anjo Gabriel, que lhe disse: «Lê!» Ora Maomé era analfabeto e explicou ao anjo que não sabia ler. Mas o anjo insistiu três vezes e, como por magia, o coração de Maomé abriu-se às palavras de Alá."

O xeque abriu de novo o Alcorão, foi direito às páginas finais e localizou o capítulo 96.

"Esta é a sura da revelação", disse, estendendo o livro ao seu pupilo. "Lê tu os versículos revelados ao Profeta na gruta de Hira."

Ahmed pegou no volume e leu a sura 96, reproduzindo as primeiras palavras divinas escutadas por Maomé.

"«Lê, em nome do teu Senhor, que tudo criou, criou o homem de um coágulo. Lê, porque o teu Senhor é generoso, que ensinou pela pena aquilo que o homem não sabia.»"

Acabada a leitura dos versículos primordiais, o mestre estendeu as mãos e recuperou o livro.

"O Senhor ensina pela pena o que o homem não sabe. Ou seja, Alá fala directamente aos crentes através do Alcorão." Passou mais uma vez a mão pela capa ricamente trabalhada do livro. "Quando Maomé voltou para casa, em Meca, sentia-se confuso, mas acabou por perceber que Alá o havia escolhido como Seu mensageiro.

Seguiram-se novas revelações, que trouxeram a essência do islamismo. O Profeta explicou-as à mulher, Cadija, que de imediato as aceitou, tornando-se a primeira muçulmana. Depois explicou-as ao primo, Ali, que também as aceitou, tornando-se o primeiro muçulmano. A seguir o Profeta começou a pregar o islamismo em público, mas não foi escutado. Andou treze anos sem que o

ouvissem. Pior do que isso, como ele começou a pregar contra os ídolos de Meca, que atraíam peregrinos que faziam prosperar o comércio da cidade, a população revoltou-se contra Maomé.

Foi então que um grupo de peregrinos lhe pediu que mediasse um velho conflito entre duas grandes tribos de Medina, os Aws e os Khazraj.

Como a mediação foi bem sucedida, as duas tribos aceitaram o islão e convidaram o Profeta a ir viver com eles. Uma vez que a sua própria tribo em Meca o perseguia, Maomé aceitou o convite e partiu para Medina."

"Foi hoje!", exclamou o pupilo, saltitando de excitação. "Foi hoje!"

O xeque sorriu.

"Sim, hoje é a Hégira", disse, pegando numa chávena de chá e bebericando pela borda. "Faz hoje mil trezentos e cinquenta e quatro anos que Maomé saiu de Meca para atravessar o deserto e ir para Medina." Pousou a chávena na mesa. "E por que razão é a Hégira tão importante?"

O rapaz hesitou, desconcertado. Conhecia a história da Hégira, claro, mas escapava-se-lhe a relevância do evento. A ida de Maomé para Medina era importante porque os adultos diziam que era importante e isso sempre lhe bastara. A pergunta do mestre suscitava-lhe por isso alguma perplexidade.

A Hégira era importante, ponto final. Seria precisa alguma razão?

"Bem...", hesitou, a voz submissa. "A Hégira é importante porque... porque foi o primeiro dia."

"O primeiro dia de quê?"

Ahmed quase embatucou com esta pergunta.

"Do ano?", murmurou quase a medo.

"Sim, claro, a Hégira marca o início do nosso calendário, toda a gente o sabe. Mas porquê?"

O rapaz baixou a cabeça, sem resposta. Aquela pergunta era muito difícil; por mais que pensasse nada lhe ocorria. Vendo o pupilo num beco sem saída, Saad foi em seu socorro.

"A Hégira é importante porque constituiu o primeiro dia do islão", disse, condescendente. "Foi em Medina que Maomé criou a primeira comunidade muçulmana e construiu a primeira mesquita e é por isso que este é o mais santo de todos os dias, o primeiro dos restantes, aquele que assinala o início do ano. Louvado seja o Senhor!"

Por influência do xeque Saad, Ahmed tornou-se um menino ainda mais pio. Fazia o salat completo, isto é, rezava cinco vezes por dia. Antes falhava por vezes a oração da madrugada, a mais difícil porque lhe interrompia o sono, mas agora deixara de haver falhas; tornara-se tão rigoroso que lhe nasceram entre os

olhos uns círculos permanentes sombreados de olheiras, que depois exibia na escola e na mesquita como troféus, prova inequívoca da sua fé.

O salat era apenas o segundo dos pilares do islão, e o seu mestre cuidou que respeitasse os restantes. O primeiro, a shahada, era o mais fácil, uma vez que não passava de uma mera declaração a afirmar a crença num só Deus e o reconhecimento de que Maomé era o Seu mensageiro. Isso já fizera quando era criança e ainda não entendia o que estava a dizer. Mas o xeque insistia muito no respeito pelo terceiro pilar, a zakat, que consistia em dar esmolas aos necessitados.

"O Profeta, que Alá o tenha para sempre na Sua guarda, disse: «Não é um crente aquele que come à vontade, enquanto o vizinho a seu lado tem fome.»"

Saad fez um gesto em redor, exibindo o quarto onde ensinava o islão a Ahmed. "Tudo isto à tua volta pode pertencer temporariamente à tua família, mas o verdadeiro proprietário é Deus. Devemos por isso exercer sempre a zakat e partilhar entre todos nós os bens de Alá Ar-Rahman, o Beneficente."

Depois desta conversa, Ahmed fez questão de mostrar que se tinha tornado pródigo na zakat e, na oração da sexta-feira seguinte, aproveitou na mesquita um momento em que o xeque cruzou com ele o olhar para entregar a um pedinte estropiado uma nota que guardara de propósito para a ocasião.

Foi um gesto difícil, porque aquele era na verdade todo o dinheiro que conseguira amealhar nos últimos meses, mas acreditava que assim impressionaria o mestre.

Quando olhou para Saad, porém, viu-o abanar a cabeça, claramente desagradado com o gesto.

O rapaz ficou surpreendido primeiro e intrigado depois com esta reacção inesperada. Pois não fora ele suficientemente generoso? Afinal aquela nota era todo o dinheiro que possuía; resultara da soma de múltiplos trocos insignificantes que o pai lhe fora concedendo ao longo do último ano e ele guardara com zelo numa caixinha de sapatos. Havia-lhe custado muito entregar todo o seu dinheiro ao pedinte e apenas o fizera porque era um bom muçulmano. Não tinha sido um gesto de um crente respeitador dos ensinamentos do islão? Na verdade, nada via de errado no que fizera. Assim sendo, por que razão o xeque desaprovara aquela zakat? Seria a quantia pequena de mais? Se calhar era necessário dar ainda mais dinheiro... mas qual dinheiro? Ele não passava de um menino que andava na escola, não possuía mais do que aquilo!

A resposta a estas perplexidades veio na aula seguinte.

"Não é um problema de quantidade, cada um dá o que pode", explicou o mestre Saad com suavidade.

"O problema é que a zakat é para ser concedida discretamente."

"Mas porquê, xeque?"

"Para que o pedinte não se sinta envergonhado."

Apontou o dedo peremptório ao seu pupilo. "E para que tu não te sintas superior a ele." Exibiu as palmas das duas mãos. "O Profeta disse: «A melhor caridade é aquela em que a mão direita dá e a esquerda não tem conhecimento disso.» Lembra-te de que não tens de me agradar a mim nem aos teus semelhantes."

"Então a quem tenho eu de agradar, xeque?"

O mestre Saad ergueu os olhos e apontou para cima.

"A Alá."

III

Vista do ar, a pequena povoação das Furnas parecia um lugar extraído de um conto de fadas, com as suas casinhas pequenas e muito bem arranjadas ao longo das encostas verdes, os quintais cuidados e os espaços arrumados. Aqui e ali erguiam-se no ar jactos de vapor, sinalizando a forte actividade geotérmica visível nas caldeiras fervilhantes do pequeno povoado.

O helicóptero contornou o casario e pousou num campo ajardinado, entre uma vivenda alva e umas vacas que pastavam no monte ao lado, vagamente incomodadas com o estrepitar das hélices do intruso que ali aterrara. O tenente Anderson foi o primeiro a saltar para fora e estendeu a mão para ajudar Tomás a sair.

Afastaram-se do helicóptero em corrida, os corpos curvados e a cabeça baixa, e só pararam diante de um Humvee militar que os aguardava na estrada vizinha.

Saltaram para o interior e o jipe arrancou, serpenteando pelas ruas pacatas das Furnas.

"Sabe o que os Açores me fazem lembrar?", perguntou Tomás ao americano, o olhar preso nas fachadas das casas que desfilavam pelos passeios.

"O quê, sir?"

"Um filme da Disney que vi no cinema quando era miúdo."

"A Cinderela?"

"Não, não. Um daqueles filmes com gente a sério, em carne e osso."

"Como a Mary Poppins..."

"Isso. Só que este contava uma viagem ao Árctico.

Sem saberem como, os viajantes encontraram de repente uma terra perdida no meio da neve, onde tudo era verde e havia vulcões, florestas com árvores altíssimas e animais já extintos." Fez um gesto a indicar a paisagem no exterior.

"Os Açores parecem-me essa terra perdida."

O tenente Anderson olhou em redor e assentiu.

"Sim, esta paisagem tem de facto um pouco de fantasia. A mim, confesso, faz-me lembrar a Suíça."

O Humvee percorreu o emaranhado de artérias e estacionou bruscamente numa rua estreita, ao lado de um hotel. O americano fez sinal ao convidado para sair.

"É aqui, sir."

Tomás saltou do jipe mas admirou-se por ver o tenente Anderson quieto no seu lugar.

"Você não vem?"

"Nope", disse ele, abanando a cabeça. "O seu encontro com Eagle One será a sós, sir. Não se esqueça de que tudo isto é confidencial, eu não passo de um correio."

Acenou em despedida. "Bye-bye."

O Humvee arrancou com um rugido, deixando o passageiro para trás. Tomás respirou fundo e dirigiu-se para a entrada do hotel; não sentia particular simpatia pelo homem que iria encontrar, mas a curiosidade era mais forte que ele. Cruzou o átrio e ouviu de imediato a voz rouca interpelá-lo.

"Hell, você está atrasado!"

Voltou-se e viu a figura hirta e envelhecida de Frank Bellamy com um copo de whisky na mão.

Mantinha o porte militar e as mesmas rugas rasgavam-lhe os cantos dos olhos glaciais e cruéis, mas o cabelo tornara-se todo branco. O americano deu um passo e estendeu-lhe a mão para o cumprimentar.

"Olá, mister Bellamy", disse Tomás, devolvendo-lhe a saudação. "O que o traz por cá?"

O homem da CIA pousou o copo de whisky numa mesa e fez um gesto na direcção do restaurante do hotel.

"A gastronomia, Tomás. A gastronomia."

"O que tem ela de especial?"

"Ouvi dizer que é fucking delicious."

O grande e arejado salão do restaurante regurgitava de animação, os empregados afadigando-se de mesa em mesa com largas travessas carregadas de enchidos, couves, cenouras, cebolas, arroz, nabos e, sobretudo, muitas batatas, tudo fumegante e bem cheiroso. Um deles aproximou-se da mesa dos recém-chegados e de imediato começou a servi-los.

"Como se chama este prato?", quis saber Bellamy enquanto ajeitava o guardanapo no regaço.

"Cozido à portuguesa", esclareceu Tomás. "É um clássico da culinária portuguesa, originalmente de uma região do Norte de Portugal chamada Trás-os-Montes."

"Mas você tem de concordar que este dos Açores é especial", atalhou o americano.

"Não é todos os dias que se come um almoço cozinhado pela terra..."

"Viu como se faz isto?"

"Não."

"E aqui perto, na lagoa das Furnas. Por causa da actividade geotérmica, a terra ali é muito quente e eles cavaram no chão umas estruturas onde põem as panelas com toda a comida lá dentro. Tapam a estrutura e deixam o calor da terra cozer a comida durante cinco horas. Por volta do meio-dia vão lá buscar as panelas e trazem-nas directamente aqui para»o restaurante."

"Você já viu essas estruturas?"

"Já, pois. Estão num cantinho, ao lado da lagoa."

Frank Bellamy experimentou uma morcela com arroz e rolou os olhos de prazer.

"Hmm... é uma maravilha!"

O português também provou.

"É o melhor cozido à portuguesa de todos", disse.

"Na verdade, este cozido das Furnas é uma das maravilhas da gastronomia mundial. Por ser cozinhada muito lentamente pela terra, a comida fica com este gostinho especial... é difícil de explicar. O senhor escolheu bem o prato, está de parabéns."

"Quando cheguei esta manhã, recomendaram-mo muito."

Veio o empregado e deitou vinho tinto para os copos dos comensais. Tomás sentiu-se descontrair; era realmente uma maravilha voltar às Furnas e deliciar-se com um daqueles cozidos. Mas talvez fosse bom conhecer o resto da ementa do almoço, o menu que o seu interlocutor trouxera para alimentar a conversa.

"Para além da gastronomia, o que o trouxe por cá?", perguntou, a curiosidade sempre a espicaçá-lo. "O que há em mim que possa interessar à CIA?"

Bellamy pegou no guardanapo, limpou a boca, bebeu um trago de vinho e encarou o seu interlocutor.

"Não é a CIA", disse. "É a NEST."

"A quê?"

"NEST", repetiu. "É uma unidade de resposta rápida criada nos Estados Unidos em meados da década de 1970 para lidar com contingências especiais."

"NEST, diz você? O que significam essas iniciais?"

"Nuclear Emergency Search Team."

"Nuclear? Isso é um laboratório de física nuclear?"

"Não. É uma unidade especial que lida com emergências que envolvem armas nucleares."

Apanhado de surpresa, Tomás parou de mastigar e fixou o olhar em Frank Bellamy.

"Caramba! No que você está metido!" Digeriu a revelação e o pedaço de

comida que tinha na boca.

"O senhor deixou a CIA?"

"Não, não. Ainda lá continuo. Permaneço na chefia do Directorate of Science and Technology. Aliás, é por isso mesmo que pertenço à NEST. A nossa unidade da NEST é composta por especialistas em armamento ligados ao DOE, à NNSA e aos laboratórios nacionais, ou seja, as organizações responsáveis pelo desenvolvimento, pela manutenção e pela produção das armas nucleares americanas."

"Ah, a NEST controla as armas nucleares americanas..."

"Errado. A NEST é uma unidade criada para localizar, identificar e eliminar material nuclear."

O português fez uma careta intrigada.

"Que material nuclear?"

"Bombas atómicas, por exemplo. Na verdade, todo o material nuclear que possa ser usado contra os Estados Unidos pelos seus inimigos, como países ou organizações terroristas. Temos ao todo mais de setecentas pessoas preparadas para responder a uma ameaça nuclear, embora utilizemos equipas muito mais pequenas. Em apenas quatro horas, por exemplo, podemos pôr um Search Response Team em qualquer local onde haja uma ameaça."

"Ena, isso parece coisa de filme americano."

"Receio que seja muito real."

Tomás trincou uma batata cozida, quase com medo de fazer a pergunta seguinte.

"E... e têm ocorrido ameaças dessas?"

"Algumas."

"A sério?"

"Um mês depois do 11 de Setembro, por exemplo, a CIA recebeu a informação de um agente com o nome de código Dragonfire a indicar que os terroristas estavam na posse de uma arma nuclear de dez quilotoneladas e que essa arma se encontrava em Nova Iorque. Como deve imaginar, foi o pânico na administração. O vice-presidente Dick Cheney foi de imediato retirado de Washington e o presidente Bush mandou a NEST para Nova Iorque com a missão de procurar a bomba."

"E então? Encontraram-na?"

Bellamy fez um ruído aspirado com o canto da boca, como se tentasse chupar um pedaço de comida preso entre os dentes.

"Era falso alarme."

"Ah, bom. Mas o que eu quero saber é se há ameaças dessas que se revelam reais."

"Todos os dias."

Foi a vez de Tomás emitir um estalido com a língua e esboçar uma expressão impaciente.

"Oh, vá lá... Fale a sério."

"Estou a falar a sério", insistiu Bellamy. "Todos os dias há uma ameaça de ataque nuclear contra nós."

"Não pode ser."

"Não acredita? Olhe, o Paquistão construiu armas nucleares devido à tecnologia que o seu chefe de projecto, um homem chamado Abdul Qadeer Khan, roubou ao Ocidente. E esse senhor pôs-se depois a vender a tecnologia para a construção de armas nucleares a outros países, como o Irão, a Líbia e a Coreia do Norte, pelo menos."

"Ah, lá vêm vocês com a mesma conversa", troçou Tomás. "Já com o Iraque disseram o mesmo e foi o que foi."

"O Iraque foi um disparate pegado do Bush filho e a história das armas de destruição em massa não passou de um pretexto para viabilizar a guerra pelo petróleo e estender o domínio americano ao Médio Oriente. No entanto, no caso das exportações da rede Khan receio que estejamos a falar de uma coisa muito séria."

"Vocês têm provas?"

"Claro."

"Não me estou a referir às provas do estilo daquelas que o vosso secretário de Estado foi à ONU apresentar contra o Iraque..."

"Não tenha dúvidas de que temos provas. Olhe, em 2003 recebemos uma denúncia relativa a um navio alemão com destino à Líbia chamado BBC China. O navio foi interceptado no Mediterrâneo e, quando fomos inspeccioná-lo, descobrimos que ele transportava milhares de componentes para centrifugadoras. Apanhada em flagrante, a Líbia confessou que o remetente era o senhor Khan e revelou que ele havia prometido equipar o país com armas nucleares a troco de uns míseros cem milhões de dólares. Isto foi a Líbia que disse, não fui eu. O mesmo senhor Khan efectuou pelo menos treze viagens à Coreia do Norte. O que acha você que ele foi lá fazer? Ver se as coreanas tinham tetas grandes? Há também registos de viagens deste cavalheiro ao Irão e suspeitas de negócios com um quarto país, mas não temos a certeza de qual. Será a Síria ou a Arábia Saudita. Quer mais provas?"

"Se as tiver..."

"Então aqui vão", prontificou-se Bellamy, embalado.

"Na mesma altura da intercepção do BBC China, os laboratórios do senhor Khan distribuíram numa feira internacional de armamento uma brochura a

disponibilizar diferentes tipos de tecnologia nuclear a quem a quisesse comprar. Pressionámos o Paquistão por causa das actividades ilícitas do chefe do seu projecto nuclear. O senhor Khan foi preso e em 2004 apareceu na televisão paquistanesa a confessar tudo."

"Ele confessou?"

"Em directo na televisão. Disse que actuou sozinho."

"Ah! Ele fez tudo sozinho..."

Impaciente com a ingenuidade implícita nesta observação de Tomás, Bellamy rolou os olhos.

"Oiça lá, as baratas peidam-se em francês? Não, pois não? Pois a probabilidade de o senhor Khan ter actuado sem o conhecimento dos militares paquistaneses é igual à probabilidade de uma barata se peidar em francês." Formou um O com o polegar e o indicador. "Ou seja, um grandessíssimo zero!"

Bebeu um gole de tinto.

"Então o tipo despacha centrifugadoras para a Líbia, distribui brochuras a oferecer equipamento nuclear numa feira de armamento e faz viagens sucessivas ao Irão e à Coreia do Norte e os militares paquistaneses não topam nada? Mas há alguém que acredite nisso?

Claro que o senhor Khan é apenas a face visível do problema! Claro que os militares paquistaneses estão enterrados até ao pescoço nesta porcaria! Então não haviam de estar? Eles são os mentores da proliferação nuclear em todo o mundo! O chefe dos serviços secretos paquistaneses, o ISI, era o general Hamid Gul. Pois sabe o que ele disse? O homem afirmou em público que era dever do Paquistão desenvolver a infra-estrutura nuclear islâmica e, quase no mesmo fôlego, acrescentou que os Estados Unidos não têm maneira de travar atentados suicidas muçulmanos.

Isto é, relacionou em público a questão nuclear com a questão dos suicídios. E se disse isso em público imagine o que não fará em privado! Basta ver que o ISI tem fortes ligações aos grupos terroristas islâmicos, como por exemplo o Lashkar-e-Taiba, que levou a cabo os grandes atentados em Mumbai e tem filiação à Al-Qaeda. Não lhe parece que esta ligação de um estado islâmico a terroristas é um barril de pólvora à beira de rebentar?"

"Claro que sim. Mas eu julgava que o Paquistão era vosso aliado. Se as coisas são assim, por que razão vocês não fazem nada?"

Bellamy abanou a cabeça, frustrado.

"Por causa do fucking Afeganistão", desabafou.

"Depois do 11 de Setembro tornou-se essencial obter a cooperação do Paquistão na luta contra os talibãs e a Al-Qaeda, pelo que se decidiu fechar os olhos ao que os militares andavam a fazer com as armas nucleares. Mas claro

que é tudo uma grande fantochada. O Paquistão diz em público que está contra os fundamentalistas islâmicos, mas em privado ajuda-os, arma-os e protege-os. Sabe qual é o problema? E

que há muitos poderes dentro do Paquistão e o maior deles é o do ISI e dos militares.

O poder dessa gente é tal que a falecida antiga primeira-ministra paquistanesa, Benazir Bhutto, revelou que a primeira vez que viu a bomba atómica do seu país foi uma maqueta que o meu antigo director da CIA lhe apresentou. Quer dizer, os seus próprios militares recusaram-se a mostrar--lhe a bomba do país que ela supostamente governava, veja só! E, quando a senhora Bhutto foi afastada do poder, ela própria disse que tinha sido vitimada por um golpe nuclear montado pelos militares para a impedirem de assumir o controlo dessas armas. Ora é com esta gente que nós temos de lidar. Com os militares a constituírem um estado dentro do estado no Paquistão e com as suas ligações aos fundamentalistas islâmicos, tudo é possível. Daqui até as armas nucleares paquistanesas chegarem às mãos dos terroristas, meu caro, basta um pequeno e terrível passo. Está claro?" "Claríssimo."

"É por isso que, e em resposta à sua pergunta, só lhe posso dizer que todos os dias paira a ameaça de um atentado nuclear contra nós. Em boa verdade, o que está em questão agora já não é saber se ele vai acontecer, porque vai. A questão é saber quando."

Suspirou e deixou a palavra ecoar. "Quando."

Tomás remexeu-se no lugar, pouco à vontade. Para tentar descontrair-se, deslizou o olhar para o vasto jardim que se estendia para lá do restaurante, passeando a atenção pela flora exuberante, e em especial pelos hibiscos e pelas hidrângeas que enchiam o parque. Tudo ali era pacato e lento, em contraste com as palavras tensas com que o seu interlocutor o brindava à mesa.

"Oiça, mister Bellamy", disse. "O que deseja o senhor de mim?"

O americano recostou-se na cadeira e mirou-o com o desafio a cintilar-lhe nos olhos azuis gelados. "Que se junte a nós."

"A nós, quem?" "À NEST."

Tomás franziu o sobrolho, admirado com a sugestão. "Eu? A que propósito?"

"Oiça, a NEST tem equipas especiais na Europa, na região do golfo Pérsico e na base aérea de Diego Garcia, no Indico. Precisamos de si para a nossa equipa europeia."

"Mas porquê eu? Não sou militar nem engenheiro nem físico nuclear. Não vejo como vos possa ser útil numa unidade dessas."

"Não se faça modesto. Você tem outros talentos."

"Quais?"

"É um criptanalista de primeira categoria, por exemplo."

"E depois? De certeza de que vocês têm outros por aí, provavelmente bem mais talentosos do que eu."

"Não. Você é único."

"Não vejo em quê..."

Frank Bellamy brincou com a colher de sobremesa.

"Diga-me uma coisa, onde passou você o seu último ano?"

A pergunta deixou Tomás desconcertado.

"Bem... no Cairo. Porquê?"

"O que esteve lá a fazer?"

"Estive na Universidade de Al-Azhar a tirar uma especialidade em islamismo e a aprender árabe."

"Porquê?"

"Ora, porque é muito útil para o meu estudo de línguas antigas do Médio Oriente.

Como sabe, já falo e leio aramaico, a língua de Jesus, e hebraico, a língua de Moisés. O árabe, enquanto língua de Maomé, pode ajudar-me como instrumento de pesquisa na história das grandes religiões, uma área que me interessa muito em termos académicos. Além disso, o primeiro tratado de criptanálise está redigido em árabe."

"E aprendeu alguma coisa útil no Cairo?"

"Sim, claro. Aliás, até já dou aulas a alguns alunos muçulmanos lá em Lisboa. Porque pergunta?"

O americano inclinou-se para a frente, apoiou os cotovelos na mesa e cravou os olhos em Tomás.

"Ainda pergunta porquê? Então você é um excelente criptanalista, lê e fala árabe, conhece o islão a fundo e, depois de me ouvir falar sobre o tipo de ameaça a que estamos sujeitos, ainda me vem perguntar porquê? É preciso ter lata!"

O português respirou fundo e devagar.

"Ah, já estou a perceber tudo..."

"Ainda bem!"

"Mas não conte comigo. Eu não quero fazer parte dessa organização que você representa."

"Prefere fazer como a avestruz? Mete a cabeça na areia e finge que não se passa nada?

Pois eu tenho a dizer-lhe que estão a acontecer coisas muito graves, coisas de que o público em geral não tem a mínima noção. E você pode ajudar-nos a enfrentá-las."

"Mas por que motivo hei-de eu ajudar a América? Vocês inventaram o

problema no Iraque, agora andam para aí a lamuriar-se e nós é que temos de vos ajudar?"

"Este problema não é exclusivamente americano. É europeu também."

"Pois, pois. Vá-me contando histórias."

Bellamy torceu os lábios finos e recostou-se de novo na cadeira, a atenção sempre presa no português, os dedos entrelaçando-se uns nos outros.

"Descobrimos uma coisa, Tom. Precisamos da sua ajuda."

"Que coisa?"

"Um e-mail da Al-Qaeda."

"O que tem esse e-mail de especial?"

"Não lhe posso dizer agora. Esta informação só lhe poderá ser fornecida se você se juntar a nós."

"Isso é tudo conversa!"

O esboço de um sorriso perpassou pelo olhar gelado e calculista do homem da CIA.

"Diga-me uma coisa, Tom. Gosta de Veneza?"

Tomás não percebeu a mudança de direcção na conversa e ainda hesitou na resposta, mas deixou-se embalar, sempre queria ver onde iria aquilo dar.

"É uma das minhas cidades favoritas. Porquê?"

"Venha comigo a Veneza."

O português soltou uma gargalhada.

"Eu gosto de Veneza, mas confesso que, para companhia, idealizava outro tipo de pessoa... uma figura talvez mais curvilínea, não sei se está a ver o género. Além do mais, encontro-me aqui de férias com a minha mãe e não a vou abandonar."

"E quando acabam essas férias?"

"Depois de amanhã."

"Então é perfeito. Eu parei aqui nos Açores a caminho de Veneza. Encontramo-nos lá dentro de três dias."

"Mas o que há em Veneza assim tão especial?"

"O Grande Canal."

Tomás voltou a rir-se.

"E que mais?"

"E uma senhora que quero que você conheça."

"Quem?"

Frank Bellamy ergueu-se, dando o almoço por encerrado. Tirou a carteira do bolso e, com um gesto displicente, largou uma nota gorda sobre a mesa antes de responder.

"Uma brasa."

IV

O homem que apareceu ao fundo do corredor tinha de certo modo um aspecto ascético. Era magro, vestia uma jalabiyya, a longa túnica branca que os homens mais religiosos habitualmente usam, e ostentava uma barba negra, larga e farfalhuda.

"É ele! É ele!", disse uma voz excitada entre o grupo de rapazes que aguardava à porta da sala.

"Ele, quem?", perguntou Ahmed, mirando interrogadoramente a figura que percorria com tranquilidade o corredor.

"O novo professor, estúpido!"

O professor de Religião tinha-se aposentado no ano anterior, pelo que havia agora um novo responsável por aquelas aulas. Ahmed frequentava uma madrassa financiada pela Al-Azhar, a mais poderosa instituição de ensino do mundo islâmico.

Estudava Matemática, Árabe e o Alcorão. A matéria religiosa ocupava mais de metade do tempo de aulas na madrassa, embora os seus principais conhecimentos sobre o islão lhe fossem transmitidos em casa ou na mesquita pelo xeque Saad, com quem aprendia havia já quase cinco anos. Passou quase todo esse tempo, não a discutir o islão, mas a decorar o Alcorão, tarefa que o enchia de entusiasmo e o fazia sentir-se adulto. Chegara já à sura 24 e sabia que, quando tivesse todo o Livro Sagrado na ponta da língua, atrairia grande respeito pela sua família e seria considerado um menino muito pio.

O aparecimento daquele homem ao fundo do corredor, porém, tudo iria mudar. O novo professor aproximou-se da porta da sala e abrandou. Fez com a cabeça sinal aos alunos de que entrassem e foi ocupar o seu lugar diante da classe.

"As saldam alekum", cumprimentou. "Chamo-me Ayman bin Qatada e sou o vosso novo professor de Religião. Vamos começar a aula por recitar a primeira sura."

As lições iniciais foram em tudo semelhantes a outras que Ahmed tivera sobre o islão, ali na madrassa, em casa ou na mesquita. O professor Ayman era senhor de uma voz rica e enganadoramente suave. As suas palavras e o tom em que as proferia adquiriam por vezes tanta força nos momentos certos que, ao fim

de algumas aulas, o professor se revelou capaz de galvanizar os alunos e inflamar a classe com tiradas vibrantes de emoção.

Foi-se tornando gradualmente claro que as suas aulas não eram apenas ocupadas pela memorização em coro do Alcorão. Interessante e imaginativo, o professor Ayman contava muitas histórias e encorajava os alunos a participarem, o que fazia daquelas lições de Religião um momento muito animado. Eram talvez as aulas mais interessantes que havia na madrassa.

A certa altura, a matéria começou a revelar-se um pouco diferente da que o anterior professor havia dado ou daquela que o xeque Saad ensinava a Ahmed em casa ou na mesquita. Até que chegou o dia em que veio a lição mais inesquecível de todas.

Depois da recitação de algumas suras, o professor Ayman não se concentrou nas mensagens de virtude do Alcorão, como era habitual nas aulas do seu antecessor, mas na história do islão. Com um brilho nos olhos e um timbre ardente e inflamado na voz, dedicou toda aquela hora a falar sobre a grandeza do império erguido em nome de Alá.

"Maomé, que a paz esteja com ele, começou a expansão do islão com a força da espada", explicou o professor Ayman, brandindo o punho no ar como se ele próprio segurasse uma cimitarra ensanguentada.

"Quando estava em Medina, o Profeta, que Deus o tenha para sempre na Sua guarda, iniciou a conversão dos Árabes à verdadeira fé. Fê-lo pela pregação, mas também lançando uma guerra contra as tribos de Meca. Foram precisas vinte e seis batalhas, mas o mensageiro divino, com a graça de Alá, acabou por submeter todo o povo árabe e convertê-lo ao islão. Quando os muçulmanos se juntaram em Meca para o primeiro Hadj, Maomé, que a paz esteja com ele, subiu ao monte Arafat e fez o seu discurso de despedida."

O professor inspirou fundo, como se nesse instante emulasse o Profeta.

"«Depois de hoje já não haverá mais duas religiões a coexistir na Arábia»", disse, citando as palavras de Maomé. "«Eu desci por Alá com a espada na minha mão e a minha riqueza virá da sombra da minha espada. E aquele que discordar de mim será humilhado e perseguido.»"

Os alunos não conheciam estas palavras do Profeta, mas, ao ouvi-las da boca exaltada do professor, a turma inteira ergueu-se a uma só voz.

"Allah u akbar!", gritaram os alunos em uníssono.

"Deus é o maior!"

Ayman sorriu, agradado com a reacção de fervor religioso. O burburinho, porém, revelou-se talvez ruidoso de mais e o homem fez com as duas mãos um gesto para impor o regresso do silêncio à sala.

"Dias depois do sermão final, Maomé, que a paz esteja com ele, apanhou

uma febre que durou vinte dias e acabou por morrer. Tinha sessenta e quatro anos de idade quando Alá o chamou para o jardim eterno. Por essa altura já toda a Arábia era muçulmana."

"Allah u akbar!", voltaram a entoar os alunos, desta vez repetidamente. "Allah u akbar!"

O professor pediu de novo calma.

"Pensam que a morte do Profeta, que a paz esteja com ele, foi o fim da história?"

Abanou a cabeça.

"Não foi. Foi apenas o princípio de uma grande e gloriosa epopeia. Após a morte de Maomé, que a paz esteja com ele, a utnma ficou temporariamente dividida, mas acabou por escolher um sucessor.

Sabem quem foi?"

"O califa", respondeu um aluno de imediato.

"Claro que o sucessor foi o califa", disse Ayman, um pouco exasperado com a resposta. "Califa quer dizer sucessor, toda a gente sabe isso. O que eu quero saber é quem foi o primeiro califa."

"Abu Bakr", disseram outros dois.

"Abu Bakr", confirmou o professor. "Ele era um dos sogros de Maomé, que a paz esteja com ele. Abu Bakr e os três califas que se lhe seguiram são hoje conhecidos como os quatro Califas Bem Guiados, por terem ouvido a revelação dos lábios do próprio Profeta e por terem aplicado a sharia, protegido a umma e atacado os kafirun."

Todos os alunos na sala sabiam que a sharia era a lei do islão, a umma o conjunto universal da comunidade islâmica e os kafirun os infiéis, plural de kafir, mas houve uma mão hesitante que se levantou.

Pertencia a Ahmed, para quem a afirmação do Profeta de que a sua riqueza viria da sombra da espada constituía novidade; jamais o xeque Saad ou o anterior professor na madrassa lhe haviam falado naquela declaração.

"E como foi que o fizeram, senhor professor?"

"Ora, da mesma forma que o Profeta, que a paz esteja com ele, o fez! Com o Santo Alcorão numa mão e a espada na outra! Abu Bakr exerceu o califado em pleno respeito pela Justiça de Deus, contemporizando quando era de contemporizar, punindo quando era de punir. E o segundo califa, Omar ibn Al-Khattab, lançou uma grande jihad contra as nações que faziam fronteira com a Arábia, como aqui o Egipto e também a Síria, a Pérsia e a Mesopotâmia, para expandir a fé e o império.

Com a graça de Alá, conquistámos ainda Al-Quds." Ergueu o punho vitorioso. "Allah u akbar”.

"Allah u akbar!", devolveu a turma, entusiasmada.

Nenhuma desta matéria trazia necessariamente novidades, mas o novo professor tinha o condão de a apresentar de uma forma que os alunos achavam bem mais interessante.

"Crescemos e prosperámos, espalhando a sharia pelo mundo conforme ordenado por Alá no Santo Alcorão!" O tom entusiástico e inflamado de Ayman tornou-se subitamente lúgubre.

"As coisas complicaram-se, no entanto, com a morte de Uthman bin Affan, o terceiro dos quatro Califas Bem Guiados. É que ele foi assassinado por revoltosos muçulmanos, os Kharij. Quando Ali ibn Abu Talib, o quarto califa, começou a reinar, decidiu não vingar a morte do terceiro califa por recear que a insurreição dos Kharij alastrasse. Só que isso ia contra a sharia e os mandamentos divinos, conforme notou o governador da Síria, Muawiyya, que exigiu a punição dos Kharij. Como o califa Ali não cedeu, Muawiyya concluiu que Ali estava em violação da sharia e já não era o califa legítimo, pelo que se revoltou. Ali respondeu, argumentando que ele era o sucessor de Maomé e que o Profeta, que a paz esteja com ele, jamais permitiria uma revolta contra si, pelo que esta revolta significava ela própria a violação da sharia. A umma dividiu-se assim essencialmente em dois campos: os xiitas, que apoiavam Ali, e os sunitas, que apoiavam Muawiyya.

Seguiram-se muitas batalhas, mas Ali acabou por morrer e Muawiyya tornou-se califa, iniciando assim a primeira dinastia de califas, a dinastia omíada."

"Nós somos sunitas, não somos?", perguntou um aluno.

"A umma é sunita", sentenciou Ayman. "Só o Irão é xiita. O Irão e partes do Iraque e do Líbano. Mas os muçulmanos legítimos somos nós, os sunitas. Vamos de Marrocos ao Paquistão, da Turquia à Nigéria, somos a verdadeira umma. Os xiitas estão em apostasia por terem ficado com Ali depois de ele ter violado a sharia e por andarem a adorar santos, como Ali e o seu filho Hussein."

"E depois?", quis saber outro aluno.

"E depois o quê?"

"O que aconteceu quando a primeira dinastia de califas começou?"

"Ah, a dinastia omíada...", exclamou o professor, retomando o fio à meada. "Pois...

seguiram-se tempos turbulentos, claro. O califado ficou sedeado em Damasco, mas os Kharij continuavam em insurreição, o que impediu o exército islâmico de se concentrar na sua missão principal, a expansão e a conquista, para se ocupar da pacificação do império. Muawiyya recorreu a todos os métodos possíveis, incluindo a matança em grande escala, até que acabou por pôr fim à

revolta dos Kharij. Mas o mais importante é que o seu filho Yazid, quando se tornou califa, esmagou uma outra revolta, conduzida por Al-Hussein ibn Ali, um neto de Maomé, que a paz esteja com ele. O califa decapitou Hussein e exterminou a sua família."

A turma reagiu em choque a esta revelação.

"O califa matou o neto do Profeta?", admirou-se um aluno, os olhos arregalados.

"Ele pôde fazer isso?", quis saber outro.

"Maomé, que a paz esteja com ele, foi um grande homem", disse o professor.

"Mas, atenção, ele era um homem, não era Deus nem se fazia passar por tal. Todos os homens se devem submeter à sharia, incluindo os descendentes do Profeta, porque as leis de Alá são universais e eternas. A violação da sharia pode implicar apostasia e o Enviado de Deus estabeleceu a pena de morte para esse crime." Inclinou a cabeça, como se fizesse uma concessão. "Mas também é verdade que a matança de descendentes do Profeta, que a paz esteja com ele, chocou a umma e foi por isso que os abássidas, que eram leais à família de Maomé, assassinaram o último califa dessa dinastia e puseram fim aos omíadas."

"Acabaram os califas?"

"Não, começou a segunda dinastia de califas, a dos abássidas."

"Ah! Então a umma ficou unificada..." O professor Ayman hesitou.

"Bem, não exactamente. A prioridade dos abássidas foi exterminar os omíadas até ao último. Não foi por acaso que o primeiro califa desta segunda dinastia, Abu al Abbas, ficou conhecido por o Exterminador. Ele mandou matar qualquer omíada que ainda vivesse, mesmo que fosse uma mulher, um velho ou uma criança. E, quando acabaram de os exterminar a todos e já não havia mais ninguém para matar, foram exumar-lhes os ossos e esmagá-los."

"Não escapou ninguém?"

"Apenas Abdul Rahman, que fugiu para o Al-Andalus e reconstituiu o califado omíada em Córdova. Os outros morreram todos."

"Mas isso não permitiu unificar a umma, senhor professor?"

"Infelizmente, não. Os abássidas transferiram a sede do califado para Bagdade, mas o nosso império começou a fragmentar-se devido às múltiplas cisões internas. Apareceram estados independentes, surgiram os fatimidas, os mamelucos... eu sei lá, foi uma confusão. A única coisa que nos manteve unidos, para além do Santo Alcorão, foram as agressões externas que entretanto se deram. Foi nessa altura que os kafirun vieram da Europa e atacaram Al-Quds e a Terra Santa, apanhando-nos fragilizados."

Todos os alunos presentes na sala sabiam que os kafirun, ou infiéis, da Europa a que o professor se referia eram os cruzados que conquistaram Al-Quds,

o nome árabe de Jerusalém. "Pouco depois sofremos as invasões dos Mongóis, que ocuparam Bagdade e puseram fim a quinhentos anos de dinastia abássida."

Fez uma curta pausa, como se preparasse o que ia dizer a seguir.

"E depois? Quando os Mongóis se instalaram na capital do califado, quem de entre nós se ergueu contra eles?"

Passeou o olhar pela sala silenciosa. Os alunos faziam um esforço para pensar num nome, mas nada lhes ocorria.

"Quem?", perguntou Ayman de novo.

"Saladino?", arriscou uma voz.

O professor soltou uma gargalhada.

"Saladino venceu os kafirun da Europa. Eu estou a referir--me a quem se ergueu contra os Mongóis. Quem?"

O silêncio mais completo foi a resposta.

"Nunca ouviram falar de Ibn Taymiyyah?"

Muitas cabeças balouçaram afirmativamente; os alunos reconheciam aquele nome.

Ahmed não era porém um deles; nunca tinha ouvido falar em tal figura.

"Quem foi Ibn Taymiyyah?", perguntou o professor.

"Foi um grande muçulmano", retorquiu um dos alunos que identificara o nome.

"Um gigante!", atalhou Ayman. "O xeque Ibn Taymiyyah foi um gigante. Nasceu dez anos depois da invasão mongol e o seu pai tornou-se imã da mesquita de Damasco. Os mamelucos continuaram a combater os Mongóis, mas o problema é que a elite mongol se converteu ao islão. Como sabem, o Profeta, que Alá o abençoe, proibiu que se matassem muçulmanos. Se os Mongóis se tornaram muçulmanos, isso significava que já não poderiam ser combatidos. Ou poderiam?

O xeque Ibn Taymiyyah consultou os textos sagrados, analisou o assunto e emitiu uma fatwa a legalizar a jihad contra os Mongóis, dizendo: «Está provado pelo Livro e pela sunnah e pela unanimidade da nação que quem se desvie de uma única das leis do islão será combatido, mesmo que tenha proferido as duas declarações de aceitação do islão.» E o xeque também disse: «Fé é obediência. Se uma parte dela estiver em Alá e outra não estiver em Alá, terá de haver combate até que toda a fé esteja em Alá.»

Desse modo, o xeque Ibn Taymiyyah deu cobertura legal e divina à guerra contra os Mongóis convertidos ao islão. O xeque disse aos nossos soldados que a derrota que haviam sofrido diante do inimigo era como a derrota de Maomé, que a paz esteja com ele, na batalha de Uhud, mas que a sua insurreição seria como o triunfo do Profeta, que a paz esteja com ele, na batalha das trincheiras. Os

acontecimentos seguintes provaram que ele tinha razão. Com a ajuda espiritual do xeque Ibn Taymiyyah, os Mongóis foram finalmente derrotados." O professor estendeu as mãos para cima.

"Deus é o maior!"

"Allah u akbarr, repetiram os alunos, de novo galvanizados.

"O xeque Ibn Taymiyyah ainda era vivo quando nasceu o grande Império Otomano, que deu origem ao terceiro califado, com a capital em Istambul. Os Otomanos destruíram o Império Romano do Oriente, assumiram o controlo de Constantinopla, conquistaram os países vizinhos e atacaram os kafirun europeus por todo o lado. O

grande califado otomano chegou às portas de Viena e durou quase sete séculos. Mas os Otomanos e a umma começaram a desviar-se da sharia e a ceder à tentação de obedecer a leis humanas, não à lei de Alá. Isso aconteceu numa altura em que os kafirun se puseram a desenvolver máquinas e mais máquinas, cada vez mais poderosas. O resultado foi a fragilização dos Otomanos, e com eles de toda a umma.

Até que, em 1924, o califado otomano foi extinto."

"Que Alá amaldiçoe os kafirun!", berrou Abdullah, um rapaz sentado mesmo atrás de Ahmed. "Morte aos infiéis!"

"Sim, os kafirun estão por detrás do fim do grande califado", disse o professor Ayman.

"Mas a decisão de acabar com o califado foi tomada pelo novo emir turco, Mustafa Kemal, que arda para sempre no grande fogo. Este apóstata auto-intitulou-se Atatürk, o pai dos turcos, mas estava evidentemente sob a diabólica influência dos kafirun e da sua cultura no momento em que decidiu separar a religião do estado.

Teve até o desplante, vejam só, de transformar a grande mesquita de Santa Sofia num museu!"

"Morte ao apóstata!", gritou o mesmo Abdullah.

Um outro secundou-o de imediato:

"Que Alá o retenha para sempre no Inferno!"

O professor ergueu as mãos, procurando sossegar a turma. Queria incutir nos alunos o orgulho de serem muçulmanos, mas não estava nos seus projectos iniciar ali um motim.

"Calma, calma!", pediu. "Tenham calma!"

A sala serenou, com o bruá de vozes a amansar.

Ahmed, que até ali se havia mantido calado a digerir tudo o que ouvia, deu consigo de mão erguida a pedir para falar.

O olhar do professor pousou nele.

"Sim, rapaz. O que é?"

Ahmed sentia o coração a ribombar-lhe no peito, forte e descontrolado; não sabia se era de nervosismo por falar em público ou de indignação pelo que os kafirun haviam feito à umma.

"Senhor professor, como podemos ter calma?", perguntou num tom empertigado.

"Neste momento não há nenhum califado! O senhor disse há pouco que o profeta Maomé deixou os califas como seus sucessores. Se agora estamos sem califa, não estaremos nós a desrespeitar a vontade do apóstolo de Deus?"

O professor Ayman aproximou-se de Ahmed e passou-lhe a mão pelo cabelo, mostrando que achara aquela pergunta muito pertinente.

"Tende paciência e esperai. A umma vai acordar."

"Mas quando, senhor professor? Quando?"

O professor respirou fundo e fez um sorriso enigmático antes de voltar costas.

"Em breve."

V

A faixa de água era uma estrada a cortar a cidade e a lancha acelerava pelo Grande Canal como se fosse um bólide desportivo, ziguezagueando entre os pesados vaporetti, as elegantes gôndolas e os táxis ligeiros, mas o olhar de Tomás mantinha-se preso sobretudo às deslumbrantes fachadas bizantinas que o espelho líquido reflectia em ondulação; viam-se palacetes lado a lado, desfilando pálidos e orgulhosos, ocasionalmente com as luzes interiores acesas, o que permitia vislumbrar pelas janelas múltiplos quadros, candelabros e estantes de livros, sempre por baixo de tectos cuidadosamente trabalhados.

"Falta pouco", prometeu Guido, o guia italiano que fora esperar Tomás ao aeroporto.

Havia já alguns anos que o historiador não vinha a Veneza e regressar à grande e velha cidade dos canais revelava-se uma experiência de cortar a respiração. Pousou os olhos na água; o mar era verde-garrafa e pequenas vagas gorgulhavam de encontro à base da lancha. Inspirou o ar fresco da tarde. Cheirava a maresia e as gaivotas grasnavam sem cessar; num instante os pipilares pareciam alegres e no seguinte melancólicos.

A lancha flectiu para a esquerda, o Grande Canal abriu-se e revelou as torres da San Giorgio Maggiore ao fundo à direita. A embarcação atravessou o Bacino di Jian Marco, passando ao lado da grande praça e do imponente Campanile, à esquerda, e encostou perto da movimentada Ponte delia Paglia.

"Chegámos", anunciou Guido.

Tomás saltou para o pequeno cais, onde as filas de gôndolas negras aguardavam clientes, e o guia veio no seu encalço.

"Onde é a reunião?"

Guido apontou para a grande estrutura gótica coberta por mármore rosa mesmo ali ao lado.

"E aqui, signore. No Palazzo Ducale."

"Aqui?", admirou-se Tomás. "Vocês organizam reuniões no palácio dos doges?"

"Claro. Haverá melhor local em Veneza?"

"Mas eu pensei que isto era para turistas..."

O italiano encolheu os ombros e riu-se.

"Inventámos uns trabalhos de restauração para fechar o palazzo ao público. Fique descansado que ninguém nos incomodará."

Dirigiram-se directamente às arcadas da fachada voltada para o mar e, a ladear a porta de entrada, deram com dois carabinieri com armas automáticas.

Identificaram-se e entraram no palácio. Estava escuro. O guia conduziu o historiador pela escadaria até ao segundo piso, onde se viam mais carabinieri armados. Depois de se identificarem de novo, passaram pelas estátuas da Sala del Guariento e Guido parou diante da porta seguinte, fazendo sinal a Tomás de que avançasse sozinho.

"Faça o favor", disse. "A reunião é aqui, na Sala del Maggior Consiglio."

A porta abriu-se e revelou um enorme salão ricamente decorado nas paredes e no tecto alto.

Tomás sabia que, no tempo dos doges, era justamente ali que se realizavam as reuniões do grande conselho, o que, como é evidente, requeria um espaço amplo, de modo a albergar os cerca de dois mil conselheiros da cidade. Tal como nesse tempo, uma enorme mesa ocupava agora toda a extensão central da Sala del Maggior Consiglio e várias dezenas de pessoas fervilhavam em torno dela, algumas sentadas, outras a deambular nervosamente para um lado e para outro, papéis a saltarem de mão em mão.

Na cabeceira, diante do descomunal Paraíso de Tintoretto, como se ele próprio fosse o doge que governava Veneza, sentava-se a figura austera e dominadora de Frank Bellamy.

Um martelo de madeira bateu na mesa.

Toe. Toe. Toe.

"Minhas senhoras e meus senhores", chamou a voz rouca e baixa de Bellamy, "peço a vossa atenção, porfavor."

As cadeiras arrastaram-se uma última vez, suspenderam-se as conversas cruzadas, as derradeiras tosses ecoaram pelo salão e o silêncio acabou enfim por se impor.

Lá fora o mar rumorejava com suavidade e apenas as gaivotas não se calaram.

"Bem-vindos à reunião anual da NEST na Europa", retomou o homem da CIA.

"A maior parte dos presentes tem estado connosco nos últimos anos, mas, como é hábito, juntaram-se a nós alguns elementos novos. Desta feita, em vez de militares, engenheiros e físicos, trouxemos para a NEST pessoas com diferentes perfis e competências. Acreditamos que elas nos poderão ser úteis a identificar ameaças concretas. Até aqui temos deixado essa parte sobretudo aos serviços

secretos, como a CIA, o MI5, a Mossad e outros do género, concentrando-nos mais na missão de lidar com qualquer ameaça concreta que esses serviços nos indiquem. Mas, após o 11 de Setembro, optámos por fazer um upgrade às nossas capacidades, pelo que aí estão as novas aquisições." Fez um sinal para a mesa.

"Peço aos estreantes na NEST que se ponham de pé."

O pedido deixou Tomás desconcertado. Ele era um estreante, mas a verdade é que não aceitara integrar a NEST, apenas concordara ir àquela reunião. Em resposta ao pedido do orador, umas dez pessoas ergueram-se e Tomás sentiu o olhar frio de Bellamy pousar em si. Relutantemente, empurrou a cadeira para trás e levantou-se também.

"Por favor, dêem um acolhimento caloroso a estes novos membros da nossa equipa."

Uma vaga de aplausos irrompeu na Sala del MaggiorConsiglio. Tomás teve ganas de contestar estas palavras e dizer que não era membro da equipa, mas calou-se diante da aclamação. Apercebendo-se da atenção que recaía sobre ele, sorriu com embaraço e, ardendo por se tornar invisível, sentou-se o mais depressa que pôde.

"Vamos fazer uma breve reunião introdutória, com informação geral sobretudo relevante para estes novos elementos da equipa, mas que servirá também para nos lembrar a todos por que razão estamos aqui e por que motivo a nossa missão é tão importante", retomou Bellamy.

"Depois teremos reuniões separadas mais especializadas, para discutir a evolução em cada teatro de operações e analisar respostas aos novos desafios. Parece-vos bem?"

Um coro de assentimento correu pela mesa.

"O Ocidente vai ser atacado por armas nucleares", começou por dizer.

Gerou-se um burburinho na sala, com os presentes a trocarem olhares inquisitivos.

"Não vos estou a contar nada de novo, pois não? O Ocidente vai de facto ser atacado por armas nucleares. A única dúvida é saber quando. É por isso que nós existimos."

O burburinho acalmou.

"A NEST, como sabem, foi instituída nos Estados Unidos na década de 1970, mas é bom não nos esquecermos de que tudo isto começou em 1945, quando os cientistas do Projecto Manhattan fizeram explodir a primeira bomba atómica em Alamogordo, no Novo México, e depois em Hiroxima e Nagasáqui."

Bellamy suspirou.

"Eu naquele tempo trabalhava em Los Alamos, no Projecto Manhattan, e lembro-me do choque que senti quando me apercebi de que a América pensava

estar na posse de um grande segredo."

Ouviram-se risos na mesa.

"A sério", insistiu ele, reagindo às gargalhadas. "Hoje pode parecer anedota, mas os nossos políticos achavam mesmo que a bomba atómica era um grande segredo da América. Não percebiam que nos tínhamos limitado a resolver um problema de engenharia e que, no momento em que fizemos explodir a bomba, provámos que era possível resolver esse problema. A partir daí, qualquer outro cientista poderia fazer o mesmo. O conhecimento ficou ao alcance do mundo inteiro. Pensar que quem inventa a bomba atómica pode ficar com o segredo da sua construção é o mesmo que pensar que quem inventou a roda podia ficar com o segredo da sua concepção. Na verdade, a caixa de Pandora fora aberta. A era nuclear havia começado e já não era possível desfazê-la. Um grupo de físicos, incluindo Einstein, Oppenheimer e Bohr, veio então a público alertar para o facto de que não havia segredo nenhum a proteger e de que em breve todo o mundo estaria armado com engenhos nucleares."

"Essa previsão não se concretizou", observou um homem fardado que se encontrava na outra ponta da mesa.

"Não imediatamente", concordou o orador. "Mas o facto é que a produção de uma arma nuclear não tem grande segredo, pois não? Existem já pelo menos dez países que as possuem e mais uns vinte com a possibilidade de as fabricar. O

Tratado de Não Proliferação Nuclear conseguiu estancar o problema, mas, como sabem, a situação ameaça ficar em breve fora de controlo. Não nos podemos esquecer de que a bomba atómica é a arma mais barata alguma vez inventada na relação entre poder de destruição e custo. Com uma arma nuclear, a destruição de uma cidade é muito mais barata do que com outras armas."

"Não se esqueçam de que a Líbia pagou apenas cem milhões de dólares para que o senhor Khan lhe construísse armas nucleares", atalhou um homem sentado ao lado de Bellamy. "Estas bombas são tão baratas quanto isso."

"Exacto", retomou Bellamy. "Lembrem-se também que, com a evolução tecnológica, a tecnologia nuclear está a tornar--se cada vez mais barata e eficiente. O que a torna acessível aos países subdesenvolvidos. E lembrem-se que a tecnologia para construir uma central nuclear destinada a produzir electricidade é praticamente a mesma que é necessária para construir armas nucleares. O que significa que nos países subdesenvolvidos não existem projectos nucleares pacíficos. A bomba atómica é relativamente fácil e barata de construir, pelo que se tornou especialmente atraente para os países pobres. Com pouco dinheiro, esses países conseguem tornar-se incrivelmente ameaçadores. Basta-lhes produzir armas nucleares. No instante em que um país toma a decisão estratégica de se tornar uma potência nuclear, não há sanções internacionais que

o travem. O país não precisa de ser rico nem desenvolvido. Basta-lhe querer."

Olhou em redor da mesa. "Meus amigos, as armas nucleares são agora as armas dos pobres. Se eu tiver uma, posso ameaçar e intimidar o meu vizinho. E as probabilidades de um país pobre de facto fazer explodir uma bomba atómica são, como sabem, muito maiores do que no caso de um país rico."

A maior parte das pessoas naquela sala já tinha consciência de tudo isto, mas mesmo assim reagiu com um silêncio pesado a estas palavras. Embora quase todos conhecessem a ameaça, relembrá-la não constituía uma experiência agradável. Era como a morte; todos sabem que vão conhecê-la, embora ninguém goste de pensar nela.

"Mas a maior ameaça não é esta, pois não? No fim de contas, se um país subdesenvolvido nos atacar com uma bomba nuclear, sempre podemos responder com dez bombas termonucleares. A maior ameaça é, como sabem, a dos terroristas. E, entre estes, os mais ameaçadores são os jihadistas islâmicos. Se eles fizerem explodir uma bomba nuclear aqui em Veneza, por exemplo, contra quem é que retaliamos?

Os fundamentalistas muçulmanos não têm um quartel-general, não têm uma cidade, não têm um país. Na verdade, não possuem nenhum endereço para o qual possamos responder. Com estes terroristas, a ameaça de retaliação não funciona. E desde o 11 de Setembro que nós já percebemos que, logo que possam, eles vão atacar-nos com armas nucleares. Por um lado, não receiam retaliações. Por outro, gostam de actos dramáticos que chamem a atenção. As armas nucleares são por isso perfeitas para os fundamentalistas islâmicos. São eles a maior ameaça existente, e no fundo é por causa deles que nós existimos."

Terminou a sua exposição e consultou o relógio, exasperado.

"Daran", praguejou.

"Passa-se alguma coisa, mister Bellamy?"

"Era uma pessoa que devia estar aqui a conduzir a reunião e que se atrasou."

Apoiou as mãos na mesa e ergueu-se com um suspiro.

"Bom, vou ali pedir ajuda a um colaborador nosso que se encontra numa reunião restrita na Saia del Consiglio del Dieci à Armeria. Não se importam de aguardar um bocadinho?"

"Com certeza."

Frank Bellamy dirigiu-se à porta para ir chamar o colaborador, mas deteve-se a meio caminho, como se se tivesse lembrado de alguma coisa.

"Ah!", exclamou. "Respeitinho com ele, hem? É da Mossad."

VI

O grupo de rapazes juntou-se ao longo do canal, os olhares presos às casas brancas perfiladas na outra margem, os punhos cerrados numa fúria de vingança.

Ahmed estava entre eles e fitava as casas com o mesmo sentimento a ruminar-lhe no espírito.

"Temos de dar uma lição aos kafirun", comentou Abdullah entre dentes, os cabelos lisos desfraldados ao vento. "Não ouviram o professor? Os kafirun odeiam-nos e fazem tudo o que podem para humilhar a umma. Temos de vingar o fim do califado!"

A declaração funcionou como a chama que se cola ao rastilho: incendiou-lhes a vontade.

"Por Alá, vai ser hoje mesmo", exclamou Ahmed, dando um murro na palma da mão.

Girou a cabeça em redor com uma expressão de desafio no rosto.

"Quem vem comigo?"

"Eu!", responderam os restantes num tropel.

Olharam uns para os outros, a decisão tomada mas sem saberem bem como proceder a seguir. Uma coisa era decidir, outra era actuar. Voltaram-se para Ahmed.

"O que fazemos?"

O rapaz reflectiu um instante.

"Vamos todos a casa vestir uma jalabiyya."

Apontou para a ponte sobre o canal.

"Encontramo-nos aqui dentro de meia hora. Quem não aparecer é um apóstata!"

O grupo separou-se à pressa, todos a correr.

Ahmed entrou furtivamente em casa, o olhar dançando de um lado para outro.

Não queria que os pais ou os irmãos o vissem, não lhe fossem perguntar alguma coisa.

Esgueirou-se para o quarto, abriu o armário e tirou a longa túnica branca que costumava usar nas orações de sexta-feira na mesquita do bairro. Vestiu-a depressa e, quando ia a sair, a irmã mais nova apareceu de repente e quase

embateu nele.

"Onde vais assim vestido?", admirou-se ela.

Ahmed ficou um instante especado, sem reagir.

"Eu? Vou... vou... vou à mesquita."

"A esta hora?"

O rapaz afastou-a do caminho e apressou-se a sair de casa com receio de que aparecesse mais alguém.

"Ordens do xeque", ainda lançou da porta antes de desaparecer.

Reencontraram-se junto à ponte do canal. Ahmed foi o terceiro a comparecer, mas em breve surgiram os restantes. Vinham todos de jalabiyya, conforme combinado.

"E agora?", perguntou um deles, quase embaraçado.

Ahmed fez um sinal em direcção às casas brancas do outro lado.

"Agora atravessamos a ponte e vamos ter com os kafirun."

"E quando chegarmos lá? O que fazemos?"

Era uma boa pergunta. Ahmed esfregou o queixo, pensativo. Pois, não tinha pensado nisso.

Atravessavam a ponte, entravam no bairro cristão e... e... e depois? Os olhos do rapaz passearam pelo canal e pousaram nos seixos arredondados que estavam espalhados ao longo das margens.

"Apanhem as pedras", exclamou, apontando para os seixos. "Vamos atacar os kafirun com elas!"

"Boa ideia!"

Os rapazes foram a correr para o canal e encheram os bolsos de pedras. Depois, com a jalabiyya anormalmente pesada, subiram até à entrada da ponte e pararam um instante para ganhar coragem. Já haviam chegado àquele ponto. Seriam capazes de dar o passo seguinte?

"Por Alá, vamos!", gritou Ahmed, mais para se encher de bravura do que para encorajar os outros.

"Allah u akbar!", berraram os restantes, esforçando-se também por ganhar valentia.

O grupo avançou. Eram dez rapazes, todos vestidos com túnicas brancas e os bolsos a abarrotar de pedras. Atravessaram a ponte a tremer de medo, os rostos fechados a exibir uma determinação que não sentiam. Ai se os pais os vissem! Mas eles eram muçulmanos e do outro lado estava o inimigo, os kafirun... os cruzados. Não era o seu dever de bons muçulmanos impor o respeito pelo islão?

Entraram no bairro cristão copta e calaram-se, não fosse a berraria atrair atenções indesejadas. O ânimo quase se esvaiu. Que lhes aconteceria agora?

Iria algum cruzado aparecer-lhes pela frente a brandir uma espada? O que

fariam se isso acontecesse realmente? A imaginação tornara-se subitamente febril e já viam cruzados a espreitar em todas as esquinas.

Talvez seja melhor despachar isto, pensou Ahmed ao chegar à primeira casa do outro lado da ponte, o nervosismo a fazer-lhe tremer as pernas e as mãos.

Tirou uma pedra do bolso e apontou na direcção da casa.

"Esta já serve", disse. "Vamos atacá-la."

Os outros elementos do grupo, também ansiosos por saírem dali o mais depressa possível, pegaram igualmente nas pedras que traziam nos bolsos das jalabiyya.

"Allab u akbar!", gritaram em coro para ganhar coragem.

Uma chuva de pedras cruzou o ar e foi cair sobre a casa sem consequências aparentes.

Tiraram mais pedras dos bolsos e fizeram novo lançamento, mas agora com mais convicção. Esta segunda vaga culminou no som de vidros a partirem-se.

Pararam um instante, numa expectativa receosa.

"O que é isto?", ouviram uma voz adulta gritar do outro lado.

Tomados de pânico, deram meia volta e correram como desesperados, correram pela rua de terra avermelhada, correram a levantar poeira atrás das sandálias, correram até à ponte e para além dela, correram até chegarem ao seu bairro e pararem para recuperar o fôlego e rirem-se de nervosismo e excitação.

Por Alá, como se sentiam orgulhosos! Haviam dado uma lição aos kafirun.

Durante as aulas de Religião na madrassa, o professor Ayman falava abundantemente da história do islão, e em particular dos grandes confrontos com os kafirun. Descrevia o massacre feito pelos duzentos mil soldados do Império Romano do Oriente entre os três mil homens do exército de Maomé quase como se tivesse acontecido na semana anterior, e no mesmo tom abordava as guerras com os cruzados por causa de Jerusalém, ou Al-Quds.

"Quando Omar conquistou Al-Quds recusou-se a rezar numa igreja para que ninguém se atrevesse a transformá-la numa mesquita", contou. "Deu ordens para que os kafirun cristãos não fossem molestados e autorizou o regresso dos kafirun judeus, cuja entrada em Al-Quds havia sido proibida pelos cristãos. Pois sabem o que fizeram os kafirun cristãos quando tomaram Al-Quds durante as cruzadas?"

Os alunos ficaram calados, à espera que o professor respondesse à sua própria pergunta.

"Mataram todos os crentes! Homens, mulheres, velhos, crianças... ninguém escapou!

Ninguém! Passaram todos os fiéis pelo fio da espada!"

A voz tornou-se arrebatada e o tom empolgado e vibrante.

"E não se ficaram por aí, esses cães. Atreveram-se a transformar a sagrada

Cúpula do Rochedo numa igreja, vejam só! E à santa mesquita de Al-Aqsa, sabem o que lhe fizeram, sabem? Mudaram-lhe o nome e passaram a chamar-lhe Templo de Salomão!

Templo de Salomão, vejam bem! Pegaram na santa mesquita de Al-Quds e fizeram dela a morada do emir kafir. Foi isso o que eles fizeram!"

Um burburinho indignado percorreu a sala.

"Os kafirun odeiam-nos", concluiu, repetindo a frase com que terminava cada uma destas histórias.

"Eles querem exterminar o islão."

Atrás de uma história vinha outra e outra ainda.

Ayman gostava de as contar e os alunos adoravam escutá-las. Comparava o comportamento dos cristãos com o dos muçulmanos, repetindo sempre com novos pormenores a história de Saladino, o grande emir muçulmano que, ao conquistar Jerusalém, deixara sair em liberdade todos os cristãos e até indemnizara as viúvas e as órfãs dos soldados cristãos mortos em combate.

"Acham que os kafirun mereceram tamanha consideração?", perguntava sempre o professor depois de uma nova descrição dos actos de Saladino.

"Por Alá, não!", respondia a turma.

"Os kafirun exterminaram os três mil mártires do exército de Maomé, que o seu nome seja para sempre sagrado! Os kafirun mataram todos os crentes em Al-Quds!

Os kafirun de Napoleão invadiram o Egipto e a Síria! Os kafirun vieram para as nossas terras mandar no nosso petróleo! Os kafirun impuseram governos-fantoches para nos governarem à vontade deles! Os kafirun impõem-nos leis que vão contra a sharia!

Será que ainda merecem tanta consideração?"

"Por Alá, não!"

Os ataques ao bairro cristão copta foram-se tornando mais arrojados. Ahmed e o seu grupo enchiam os bolsos das jalabiyya de pedras, atravessavam a ponte e atacavam casas cada vez mais longe. Chegaram até a apedrejar um restaurante, mas fugiam sempre que aparecia um adulto e voltavam em corrida para o seu bairro.

No final de cada um destes raides, a adrenalina fazia-os sentirem-se tão bravos como Saladino, embora talvez menos clementes.

Mesmo sabendo que os seus pais desaprovariam os ataques, Ahmed acreditava que cumpria assim o seu dever de bom muçulmano. Tinha consciência, no entanto, de que respeitava apenas uma parte das suas obrigações de crente. A outra, mais espiritual, decorria no recolhimento da mesquita ou na

memorização diária do Alcorão.

Mas o maior desafio espiritual que enfrentava aparecia todos os anos no mesmo mês.

O Ramadão.

Quando o mês sagrado chegou pela primeira vez depois de conhecer o xeque Saad, Ahmed decidira em segredo cumprir o quarto pilar do islão, o sawm, ou jejum.

As crianças estavam isentas de sawm, como os pais e o mullab lhe disseram abundantemente, mas Ahmed acreditava que era seu dever de bom muçulmano respeitar o jejum.

"O sawm ajuda-nos a termos uma ideia do que sofrem os menos afortunados que não têm comida", explicou-lhe o xeque numa ocasião em que falaram do Ramadão. "Os bons muçulmanos devem jejuar em obediência a Deus."

No mês sagrado Ahmed acordava antes do amanhecer, como já fazia anteriormente, mas dessa feita passou a comer com a família uma refeição leve e muito insonsa à luz das lâmpadas amareladas da sala. O sal era evitado para não dar sede, uma vez que o jejum se estendia às bebidas. O sawm começava ao alvorecer, altura que a mãe fazia a merenda para os filhos levarem para a escola.

Os cinco irmãos saíam de casa pelas oito da manhã.

Ahmed e os dois mais velhos iam para uma madrassa, as irmãs dirigiam-se a outra.

Uma vez na escola, o rapaz atirava a comida para o lixo e passava o dia em jejum.

Custaram-lhe mais as primeiras horas e os primeiros dias sem comer, mas ao fim de algum tempo começou a habituar-se e, embora sentindo alguma fraqueza e uma certa irritabilidade, lá foi respeitando o sawm às escondidas.

Descobriu assim que a melhor hora do Ramadão era a do crepúsculo. Quando o Sol se punha para lá do horizonte avermelhado e da mesquita soava o chamar melancólico do muezzin à oração, a mãe espalhava pela mesa tâmaras e jarros com água, que todos consumiam de imediato, os mais pequenos também, apesar de os adultos presumirem que eles não tinham jejuado. Seguia-se a oração do princípio da noite e o grande jantar, verdadeiramente opíparo: a mesa enchia-se dos melhores pratos, como ricos koshari, deliciosos taamiyya ou suculentos molokhiyya, acompanhados de pão baladi e queijo domiati, tudo regado a muito chá e iogurte; a fechar vinham os inevitáveis doces de baklava variada, que o rapaz devorava com indisfarçável gula.

Ahmed abraçou o Ramadão como o mês das boas acções.

Para além de se preocupar com a confecção do jantar, a mãe aproveitava o ócio do dia para cozinhar comida para os pobres. O filho, piedoso e imbuído de

um espírito de boa vontade, aproveitava os feriados de sexta-feira para a ajudar; depois levava a panela para a mesquita, onde entregava a comida para ser distribuída pelos necessitados.

Quando nessa primeira vez em que respeitou o sawm em segredo chegou a Lailat al-Qadr, a Noite do Poder, que assinalava a primeira revelação recebida por Maomé na gruta de Meca, já perto do fim do mês sagrado, Ahmed não pregou olho. Passou a noite inteira a rezar, acreditando na promessa feita por Deus de que, naquela noite, nenhuma oração passaria despercebida.

"Está escrito no Livro Sagrado: «A Noite do Poder vale mais do que mil meses»", dissera-lhe o xeque Saad durante uma lição na mesquita, recitando de cor os versículos 3 e 4 da sura 97. "«Nela descem os Anjos e o Espírito com a permissão do teu Senhor para executarem todas as Suas ordens»."

A Noite do Poder tem mais poder do que mil meses? Os anjos descem à Terra nesta noite para executar as ordens de Alá? Ele próprio foi consultar o Alcorão e leu e releu a sura 97. Era verdade, estava lá! Como não aproveitar para rezar a noite inteira, se ela valia mais do que mil outras noites?

Rezou por isso horas a fio, mas a verdade é que não tinha muito a pedir a Deus.

Claro, como bom muçulmano, seria mais piedoso se rezasse pelos pobres e pelos desfavorecidos. E rezou. Precisava também de rezar para que fosse sempre honesto e íntegro, como requeria o Alcorão, e que Alá lhe desse forças para que respeitasse escrupulosamente as Suas leis e não o deixasse cair em tentação. E rezou.

Passou doravante a cumprir o sawm na íntegra no Ramadão, mesmo que em segredo, e a rezar na Noite do Poder até de madrugada. Às habituais orações que fazia desde os sete anos, depois de conhecer o professor Ayman passou a acrescentar outras preces nessa noite sagrada. A partir dos doze anos rezou pelos desfavorecidos e rezou pela incorruptibilidade da sua alma. Mas, a partir dessa altura, achou que deveria rezar igualmente pelo Islão nessa sua hora difícil, deveria rezar para que o Profeta tivesse enfim um sucessor, deveria rezar para que o califado fosse restaurado.

E rezou.

Toc. Toc. Toc.

Alguém bateu à porta com suavidade à hora do almoço. O Ramadão já tinha passado havia cerca de um mês e toda a família estava à mesa a comer um cabrito assado.

"Ahmed, vai ver quem é", ordenou o pai, agarrado a um pedaço de carne.

O filho ergueu-se e foi abrir a porta. Do outro lado viu um homem de olhar

submisso e corpo curvado.

"O senhor Barakah está?"

Ahmed olhou em direcção à sala.

"Pai, é para si."

"Quem é?"

"É um senhor. Quer falar consigo."

O senhor Barakah limpou as mãos a um guardanapo e levantou-se. Ahmed foi sentar-se à mesa e não prestou atenção à conversa que começou à porta.

Instantes mais tarde, porém, ouviu a voz do pai troar pelo ar.

"Ahmed, anda cá!"

O tom era inesperadamente imperativo e o rapaz deu um salto de susto na cadeira.

"Anda cá, já te disse!"

Ahmed levantou-se, interrogando-se sobre o que se passaria e o que teria acontecido para irritar assim o pai. Aproximou-se a medo da porta, onde ele permanecia.

O visitante encontrava-se ainda do lado da rua e tinha a cabeça baixa, como um penitente.

"Sim, pai?"

Paf.

Nem a viu chegar. A estalada foi repentina e brutal, de tal modo forte que o rapaz cambaleou e embateu desamparado contra a parede.

"Não tens vergonha?", gritou o pai, puxando-o de novo para a porta. "Não tens decência?"

"O que foi, pai?", ainda conseguiu perguntar, a voz embargada. "O que fiz eu?"

Paf.

Mais uma estalada, desta feita na outra face.

"O que fizeste? Ainda tens o descaramento de me perguntar o que fizeste?" Agarrou-o pelo pescoço e forçou-o a encarar o visitante. "Conheces este senhor?"

Com o olhar embaciado pelas lágrimas, Ahmed fitou o desconhecido.

"Não", balbuciou, abanando a cabeça.

"Este senhor mora no outro lado do canal, no bairro cristão. Diz que tu e os teus amigos foram lá apedrejar-lhe a casa. É verdade?"

Ahmed sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo e olhou melhor para o visitante de olhar submisso e tronco curvado. Era isto um kafir? Era aquilo um temível cruzado? Era aquela gente que andava a humilhar o islão?

"Responde", insistiu o pai, abanando-o como a um saco de batatas. "É

verdade?"

Foi a vez de Ahmed baixar a cabeça.

"Sim", murmurou.

Sem largar o filho, o senhor Barakah olhou para o visitante, apresentou-lhe desculpas e despediu-se.

Quando o desconhecido se afastou, fechou a porta e arrastou o rapaz para o seu quarto.

Uma vez a porta trancada, Ahmed viu o pai tirar o cinto das calças e de imediato soube o que o esperava.

Maldito kafir.

VII

A porta da Sala del Maggior Consiglio abriu-se e Frank Bellamy reentrou acompanhado de um homem baixo e redondo, de barba grisalha e pequenos óculos encavalitados na ponta do nariz. Tinha um ar tão patusco e inofensivo que o vizinho de Tomás se inclinou na direcção do português e sussurrou um gracejo.

"Se a Mossad for toda assim, Israel está perdido!"

O historiador sorriu por cortesia, mas manteve a atenção fixa nos dois homens que se aproximavam da mesa. Bellamy indicou ao seu convidado um lugar para se sentar.

"Meus amigos, apresento-vos o David Manheimer."

O recém-chegado inclinou a cabeça para cumprimentar os presentes.

"Shalom"

O grupo devolveu a saudação e o homem da CIA retomou a apresentação.

"Como alguns de vocês sabem, o David é o nosso elemento de ligação à Mossad e tem grande experiência no estudo de grupos terroristas islâmicos. Ele interrogou muitos desses terroristas e traçou-lhes um perfil e um quadro motivacional que se tornou uma referência para os serviços de informações de todo o mundo ocidental.

É um privilégio tê-lo aqui connosco, mesmo que apenas por breves instantes, uma vez que ele tem de voltar à sua outra reunião."

Sorriu para o israelita. "Go on, David."

O homem da Mossad afinou a voz.

"O que posso dizer que vocês não saibam já?", perguntou num inglês gutural. "O

terrorista religioso é um zelota. Tem tendência a concentrar-se num único valor e a excluir todos os outros. No caso dos terroristas muçulmanos, o valor central é obedecer a Alá e ao Profeta e impor a lei islâmica, custe o que custar. A religião explica-lhes o mundo e o seu lugar enquanto indivíduos, mas ao mesmo tempo impulsiona-os à acção. Para estes zelotas não existem áreas cinzentas, mas branco e negro, e todas as ambiguidades morais são destruídas. As coisas são ou não são, não há meio-termo. Os terroristas vêem-se a si mesmos como o povo de Deus e aos outros como o inimigo de Deus, e assim desumanizam o adversário ao ponto de o quererem matar como quem mata... formigas, por exemplo.

Pretendem purificar o mundo e não percebem que apenas o conspurcam

ainda mais."

"Uns malucos, portanto", observou uma voz.

Manheimer olhou imediatamente para o homem que falara, um indivíduo magro, com os malares muito salientes.

"Nem pense nisso", corrigiu-o, peremptório. "Todos os testes psicológicos que lhes fizemos mostram que estamos a lidar com pessoas perfeitamente normais. Não são psicopatas nem sequer desequilibrados. São pessoas como quaisquer outras. Aliás, se reparar, quando a polícia vai falar com vizinhos e conhecidos de um terrorista depois de ele ter cometido um atentado, a resposta típica é de completa surpresa, uma vez que todos o achavam absolutamente banal. E é o que eles são! Muitos terroristas mostram-se até bastante simpáticos e afáveis, ninguém diria que eles fazem estas coisas terríveis."

"De certeza que não são loucos?"

"Absoluta! Se quiser, a única fraqueza psicológica comum que lhes encontramos é sofrerem quase todos de um forte complexo de inferioridade. Eles convivem mal com o domínio intelectual, cultural e tecnológico do Ocidente. Como não o conseguem igualar, sentem-se complexados e então rejeitam o Ocidente, agarrando-se à religião e declarando-a superior a tudo. Ora só proclama superioridade, como sabe, quem sente inferioridade. O que eles fazem é racionalizar esse complexo de inferioridade, convencendo-se a si próprios de que eles é que são superiores, eles é que são bons, eles é que têm razão. Na verdade, os terroristas muçulmanos encaram-se a si mesmos como santos e mártires, pessoas que abraçam causas nobres, que dão a vida para o bem da humanidade. O facto é que estão apenas a exorcizar o seu complexo de inferioridade."

"Mas fazem coisas loucas..."

"Do nosso ponto de vista, sim. Mas não do ponto de vista deles. Se percebermos a forma como eles raciocinam ficamos até surpreendidos com a maneira absolutamente lógica como tudo bate certo. Basta que demos por bons alguns pressupostos, como, por exemplo, que as ordens do Alcorão e de Maomé são mesmo para ser seguidas à letra. O resto é apenas consequência disso..."

"Tem de haver uma explicação para esses comportamentos", insistiu o homem dos malares salientes, sempre combativo. "Se não são malucos, são necessariamente pessoas incultas e pobres, uma vez que..."

"Está mais uma vez enganado!", cortou Manheimer. "Todos os estudos mostram que os terroristas em geral são pessoas com uma educação acima da média, a maior parte das vezes de nível universitário. O perfil do terrorista islâmico não é excepção. É verdade que alguns são pobres e incultos, mas a maioria frequentou ou tirou cursos superiores e há até vários casos de pessoas

ricas. Bin Laden, por exemplo, é milionário!" Abanou a cabeça e esboçou um sorriso condescendente. "Eu sei que os políticos e os académicos ocidentais gostam de arranjar causas socioeconómicas que expliquem tudo. Isso de certo modo conforta-vos, faz-vos pensar que, se resolverem os problemas socioeconómicos desses povos, resolvem o problema do terrorismo.

Consigo perceber esse modo de raciocinar. Mas já repararam que uma percentagem anormalmente elevada de terroristas é saudita? Ora que eu saiba a Arábia Saudita está a nadar em petrodólares e não existem praticamente sauditas pobres! Isso deita por terra essa conversa politicamente correcta das causas socioeconómicas!"

O israelita ergueu o dedo, professoral, num esforço para enfatizar o seu ponto de vista.

"E preciso que vocês percebam uma coisa: embora em alguns casos as questões socioeconómicas possam de facto desempenhar um papel, os terroristas muçulmanos são sobretudo motivados por questões religiosas. Eu sei que, para um ocidental, isso é difícil de entender, mas é a pura verdade: os terroristas muçulmanos limitam-se a acatar as ordens do Alcorão e de Maomé, acreditando que, através da obediência cega às palavras divinas, conseguem libertar-se do seu complexo de inferioridade em relação ao Ocidente."

"Não posso aceitar essa explicação" insistiu o homem dos malares salientes.

"E, no entanto, é o que revelam os interrogatórios e exames aos terroristas muçulmanos que capturámos. Como deve calcular, fizemos perfis extensíssimos a muitos e muitos fundamentalistas islâmicos. As conclusões não deixam lugar para dúvidas."

"Acho isso inacreditável. Decerto que..."

O corpo Frank Bellamy, até aí passivo, de repente ganhou vida.

"Desculpem, meus senhores, mas não vamos entrar em discussão", interrompeu. "Se o senhor Dahl alimenta dúvidas quanto ao que escutou, estou certo de que o David lhe poderá fazer chegar às mãos os relatórios adequados." Consultou o relógio, como quem dá aquele assunto por encerrado devido a falta de tempo.

"David, creio que o seu tempo se esgotou..."

"De facto, assim é", confirmou o homem da Mossad, erguendo-se. "Peço desculpa, mas aguardam-me noutra reunião. Foi um prazer ter estado aqui convosco."

Apesar do seu porte arredondado, Manheimer abandonou a sala com passo ligeiro, tão depressa como havia chegado.

Bellamy voltou a ficar com a reunião nas mãos.

"Estamos já perto do final desta reunião geral e daqui a pouco começam as

reuniões especializadas. Mas não queria terminar sem lembrar as consequências de um eventual fracasso da nossa missão de vigilância.

Virou-se para uma senhora de meia-idade sentada à sua esquerda. "Evelyn, por favor. Explique-nos o que acontecerá às nossas sociedades se ocorrer um atentado destes."

Evelyn levantou-se e ajeitou o casaco negro.

"Jolly good, mister Bellamy."

"A professora Evelyn Cosworth é uma das nossas novas aquisições", esclareceu o homem da CIA. "É catedrática em Sociologia pelo Imperial College, em Londres, e tem uma tese de doutoramento sobre os efeitos das grandes catástrofes na sobrevivência ou morte das civilizações. Faça o favor, Evelyn."

A professora lançou um derradeiro olhar sobre as suas notas.

"O que eu tenho para dizer é muito simples e breve", começou por dizer, falando com um forte sotaque de upper dass britânica. "As únicas bombas atómicas lançadas contra sociedades humanas foram as do Japão, em 1945. Essas explosões provocaram o colapso imediato da sociedade japonesa. Será que o mesmo aconteceria agora? O terrorismo nuclear é uma experiência que ainda não vivemos, pelo que só podemos calcular os efeitos sem ter muitas certezas. Mas há algumas coisas que podemos dar por certas. Se ocorrer um atentado nuclear na América, por exemplo, as ondas de choque serão sentidas com brutalidade por todo o planeta. Claro que as primeiras vítimas serão as pessoas atingidas pela explosão, muitas das quais morrerão ou ficarão feridas. Mas, tal como aconteceu no Japão, as consequências de tal evento irão muito para além disso. Toda a confiança das populações nos governos que as dirigem seria automaticamente destruída.

Com a perda de confiança, a economia americana poderia quase parar. É possível que eclodissem motins, revoltas e insurreição generalizada, tornando os Estados Unidos ingovernáveis. Ora o grande crash financeiro de 2008 serviu para nos recordar que hoje em dia todas as economias do planeta estão ligadas por uma rede invisível, mas bem real. E serviu também para nos lembrar quão importante é existir confiança — confiança na economia, confiança no sistema, confiança na administração. Um colapso da confiança na América poderia suscitar um novo colapso da economia mundial. É possível que a nossa civilização sobreviva a um choque desses.

Mas se os terroristas tiverem a intenção de destruir o Ocidente, é só uma questão de fazerem depois explodir uma segunda bomba atómica e uma terceira e uma quarta.

Meus amigos, garanto-vos que a nossa civilização não sobreviveria a uma

catástrofe dessas."

O silêncio da Sala del Maggior Consiglio tornou-se absoluto. Aproveitando o impacto das palavras da professora Cosworth, Frank Bellamy retomou o comando da reanião.

"Aqueles que pensam que o terrorismo nuclear é apenas um problema americano deveriam pensar melhor", disse à laia de conclusão.

"Está terminada esta reunião geral. Nos vossos cadernos poderão encontrar o programa para hoje. Podem dirigir-se às salas onde vão decorrer as reuniões de especialidade. Aqui neste salão está marcada a reunião com os novos membros da NEST, a quem convido para se sentarem mais perto do meu lugar. Minhas senhoras e meus senhores, bom trabalho!"

Seguiu-se uma cacofonia de cadeiras a serem arrastadas, documentos arrumados e conversas retomadas. Com a barafunda momentaneamente instalada, Tomás ergueu-se e foi ocupar um lugar entretanto deixado vago, a duas cadeiras de distância de Bellamy. O americano estava a endireitar os seus papéis, mas ergueu o olhar na direcção do recém-chegado.

"Então, Tomás? Aprendeu alguma coisa?"

"Sim, claro. Mas olhe que eu não sou um novo membro da NEST. Vim apenas assistir a uma reunião, mais nada."

Bellamy ficou um longo segundo a fitá-lo, com uma expressão algures entre pensativa e irónica.

"Que eu me lembre, você não veio apenas assistir a uma reunião..."

"Ai não? Então vim cá fazer o quê?"

"Veio ajudar-nos a decifrar um e-mail da Al-Qaeda."

"Mas o senhor disse que eu só poderia ter acesso a esse e-mail se aceitasse integrar a NEST. Ora que eu saiba ainda não aceitei tal coisa."

"Vai aceitar."

O historiador riu-se.

"O que lhe dá tanta certeza?"

"A pessoa que lhe vou apresentar. Ela está quase a chegar."

"Está a falar de quem?"

O rosto do americano abriu-se no seu habitual sorriso sem humor.

"Da brasa, claro."

VIII

Os dedos magros do xeque deslizaram docemente sobre o couro da capa do Alcorão, como se o mestre acreditasse que, com aquele gesto, estava a acariciar Deus.

"Porque fizeste isso?", perguntou o xeque Saad, a voz melíflua.

Ahmed manteve o rosto hirto, os olhos a segurarem o olhar do mestre, convicto de que nenhuma censura o afastaria do caminho da verdade.

"São kafirun, xeque."

"E depois? Que mal te fizeram eles?"

"Fizeram mal ao islão. Quem faz mal ao islão faz mal a Alá e faz mal à umma. E

quem faz mal a Alá e à umma faz-me mal a mim."

"Achas mesmo isso?"

"Sim."

"Foi isso que eu te andei a ensinar nestes últimos cinco anos? Foi isso o que aprendeste comigo? Foi isso o que aprendeste nesta mesquita?"

O rapaz baixou cabeça e não respondeu. O xeque cofiou a barba, pensativo.

"Quem é que te anda a contar essas coisas?"

"Pessoas."

"Quais pessoas?"

O rapaz calou-se por um instante. Se mencionasse o professor Ayman era capaz de lhe arranjar problemas, pensou. Talvez fosse melhor recorrer a uma resposta evasiva.

"Os meus amigos."

Saad apontou o dedo ao seu pupilo.

"Então vais dizer aos teus amigos que, ao perseguir os cristãos, eles próprios são os kafirun."

Ahmed levantou os olhos admirados.

"O que quer dizer com isso, xeque?"

O mestre indicou o Alcorão que tinha nas mãos.

"Em que sura vais?" "Perdão?" "Até que sura já decoraste?"

O pupilo sorriu com orgulho.

"Já cheguei à sura 25, xeque."

"Nestes cinco anos já decoraste todo o Alcorão até à sura 25?"

"Sim."

"Então recitame a sura 5. Já."

"A sura 5, xeque?", surpreendeu-se Ahmed de novo, arregalando os olhos. "Mas é enorme..."

"Recitame o versículo 82 da sura 5."

O rapaz fechou os olhos e fez um esforço de memória. Passou em revista mental a sura 5 e chegou enfim ao versículo pedido.

"«Nos judeus e nos que adoram ídolos encontrarás a mais violenta inimizade para com os que crêem»", recitou. "«Nos que dizem: 'Nós somos cristãos', encontrarás os mais próximos, em amor, para os que crêem»."

"Vês?", perguntou o xeque. "Vês? Entre os cristãos encontrarás os mais próximos dos crentes! É o que diz Alá no Alcorão! É a própria voz de Alá a dizê-lo!"

"Mas, xeque, a mesma sura 5 revela outras coisas também", argumentou Ahmed, combativo. "No versículo 54, Alá diz o seguinte: «O vós que credes! Não tomeis a judeus e cristãos por confidentes: uns são amigos dos outros. Aquele de entre vós que os tome por confidentes será um deles»."

"É verdade", reconheceu Saad. "Mas lembra-te do que Alá diz no versículo 256 da sura 2: «Não há constrangimento na religião!» Ou seja, não podemos obrigar os cristãos a converterem-se."

"O problema, xeque, é que na mesmíssima sura 2, versículo 191, Alá diz outra coisa: «Se vos combatem, matai-os: essa é a recompensa dos incrédulos.» E, dois versículos adiante, Alá diz: «Matai-os até que a perseguição não exista e esteja no seu lugar a religião de Deus. Se eles se converterem, não haverá mais hostilidade.»"

O xeque endireitou-se no seu lugar. Diabo do rapaz, pensou, para além de ser precoce tem mesmo a primeira parte do Alcorão na ponta da língua! Onde quer que ele estivesse a beber toda esta informação, a verdade é que trazia sempre resposta pronta.

"Ouve, Ahmed, é um facto que tudo isso está escrito no Alcorão e corresponde à vontade de Alá", afirmou, falando devagar como se pesasse as palavras. "Mas devo lembrar-te que Deus reconhece os judeus e os cristãos, a quem chama os Adeptos do Livro. E, no versículo 109 da sura 2, Alá diz: «Muitos Adeptos do Livro, por inveja, queriam voltar a fazer-vos incrédulos depois de haverdes professado a vossa fé, depois de a verdade se lhes mostrar claramente. Perdoai e contemporizai.»"

Vês? "«Perdoai e contemporizai»." Mesmo que Alá censure os judeus e os cristãos, Ele apela aos crentes para que perdoem os Adeptos do Livro. Temos,

pois, de perdoar e contemporizar. E uma ordem directa de Alá."

"Mas, xeque, o senhor não recitou todo esse versículo", corrigiu o pupilo. "Há uma parte que omitiu."

"O quê? Que parte omiti eu?"

"No versículo 109, Alá diz tudo o que o senhor disse que Ele disse", admitiu. "Mas a frase completa do «perdoai e contemporizai» é: «Perdoai e contemporizai até que Deus venha com a Sua Ordem.» Ou seja, os crentes só devem perdoar e contemporizar até Alá aparecer com a Sua Ordem. Isto implica que, uma vez a Ordem aparecida, já não se deve perdoar nem contemporizar! Deve-se fazer outra coisa. Deve-se: «Matai-os até que a perseguição não exista e esteja no seu lugar a religião de Deus», como vem na mesma sura, alguns versículos adiante."

O xeque Saad suspirou, exasperado.

"Ouve, Ahmed", disse. "O Livro Sagrado é complexo e por vezes contraditório.

Deves acima de..."

"Complexo? Contraditório?", admirou-se o pupilo, ganhando atrevimento. Indicou o Alcorão com o olhar. "Xeque, o que está escrito no Livro Sagrado é simples e directo.

Alá diz na sura 2, versículo 193: «Matai-os até que a perseguição não exista e esteja no seu lugar a religião de Deus». Isto é muito claro! Isto é..."

"Cala-te!", cortou Saad em tom subitamente agastado, o rosto enrubescendo como uma malagueta, a voz elevando-se pela primeira vez nos três anos em que instruía Ahmed. "Não deves falar assim! Nenhum bom muçulmano deve falar assim! Tens apenas doze anos, és ainda uma criança! Não me venhas ensinar o que diz ou não diz Alá no Alcorão! Eu sei muito bem o que está dito por Deus no Livro Sagrado! Eu estudei o Alcorão toda a minha vida! O islão é Alá, a quem chamamos Ar-Rabman e Ar-Rahim, o Beneficente e o Misericordioso! O islão é Maomé, que disse que era irmão de todo o homem piedoso! O islão é Saladino, que poupou os cristãos quando libertou Al-Quds! O islão são os cento e catorze versículos do Alcorão que falam sobre o amor, a paz e o perdão!"

Ahmed encolheu-se no seu lugar, intimidado com aquela fúria repentina.

"Alá aconselha-nos no Alcorão a sermos generosos com os nossos pais, com a nossa família, com os pobres, com os viajantes", continuou Saad no mesmo tom, quase atropelando as palavras. "Não devemos ser perdulários, não devemos enganar os outros. A ostentação e o orgulho são grandes defeitos, a honestidade é uma virtude. É isso o que Alá diz no Alcorão!" No empolgamento das palavras, ergueu o dedo justiceiro. "O islão é o que o Misericordioso enuncia na sura 2, versículo 177: «Recto é quem crê em Deus, no Ultimo Dia, nos anjos, no Livro e

nos Profetas; quem dá dinheiro por seu amor aos parentes, órfãs, pobres, ao viajante, aos mendigos e para o resgate de escravos. Os que fazem a oração e dão esmolas, os que cumprem os pactos quando os têm, os perseverantes na adversidade, na desgraça e no momento da calamidade; esses são os verdadeiros e esses são os tementes.»"

Fixou no pupilo os olhos ainda furiosos.

"E, acima de tudo, não te esqueças de que o islão é pacífico, ouviste? Pa-cí-fi-co! «Ó

vós que credes!», ordena Alá na sura 4, versículo 29: «Não vos mateis!» Matar é, pois, proibido! Está sentenciado por Alá no Alcorão! «Não vos mateis!»"

Fez-se silêncio na salinha da mesquita; apenas se ouvia a respiração ofegante do xeque e o eterno zunir irritante das moscas. Saad passou a mão pela cara, num esforço para se acalmar e retomar o dominio emocional de si próprio, e o pupilo baixou os olhos, embaraçado com o próprio embaraço do seu mestre.

Já mais sereno, o clérigo afinou a voz.

"Através do Alcorão, Alá reconheceu os profetas dos judeus e dos cristãos como Seus mensageiros", disse, a voz retomando a tranquilidade habitual.

"Deus diz na sura 3, versículo 3: «Deus te revelou, ó Profeta, o Livro com a verdade, testemunhando os que o precederam: a Tora e o Evangelho.» E Alá acrescenta na sura 4, versículo 163: «Inspirámos-te como inspirámos a Noé e aos Profetas que vieram depois dele, pois inspirámos a Abraão, Ismael, Isaac, Jacob, às doze tribos, a Jesus, a Job, a Jonas, a Aarão, a Salomão e a David, a quem demos os salmos.»

O problema é que as mensagens originais destes profetas da Tora e do Evangelho foram deturpadas por intermediários, como os rabinos e os padres. Daí a necessidade que Alá teve de fazer a revelação por uma última vez, desta feita a Maomé, e ordenar que as Suas palavras ficassem registadas no Livro Sagrado para não mais serem deturpadas.

Quando o Alcorão fala, é pois Alá que fala. E no Alcorão está o reconhecimento de que Jesus era um Profeta verdadeiro. Ou não leste isso?"

"Sim, xeque. Li."

"A mensagem de Alá é uma mensagem de bondade, de piedade e de tolerância. No último sermão que fez antes de morrer, Maomé disse: «Não existe superioridade de um árabe em relação a um não árabe, nem de um não árabe sobre um árabe, nem de um branco sobre um negro, nem de um negro sobre um branco, excepto a superioridade que se obtém através da consciência de Deus»." Fez uma pausa para deixar esta frase assentar. "Está claro isto?"

"Sim, xeque", assentiu Ahmed de novo.

O pupilo hesitou, como se quisesse acrescentar mais alguma coisa, mas, preocupado com a inesperada irascibilidade do mestre, conteve-se.

"O que é, rapaz?", perguntou Saad, que havia notado a hesitação.

"Nada, xeque."

"Diz."

O olhar de Ahmed pousou no volume que o mestre ainda acariciava.

"Quando Maomé disse que não havia superioridade de raças, estava a dizer o que vem no Alcorão."

"Claro."

"Mas, xeque, nessa mesma frase o Profeta torna claro que, não havendo superioridade de raças, há superioridade no islão. O que o apóstolo de Alá diz é: não há superioridade entre os homens «excepto a superioridade que se obtém através da consciência de Deus». Ou seja, os muçulmanos são superiores.

Alá diz na sura 3, versículo 19: «A religião, para Deus, é o islão.»"

"Claro, o islão é a submissão a Deus. Quem se submete a Deus é superior. Mas lembra-te de que os Adeptos do Livro também têm consciência de Deus..."

"É uma consciência deturpada pelos rabinos e pelos padres, xeque. Não é a verdadeira consciência. Eles só têm conhecimento de Deus através de intermediários, não de forma directa, como nós."

"É verdade", reconheceu o mestre. "E então?"

"Isso mostra que não somos todos iguais, xeque."

"Admito que não", reconheceu Saad. "Mas lembra-te que Alá diz na sura 2, versículo 62: «Na verdade, os que crêem, os que praticam o judaísmo, os cristãos e os sabeus — os que crêem em Deus e no Último Dia e praticam o bem — terão a recompensa junto do seu Senhor. Para eles não há temor.» A mesma mensagem é repetida em dois outros versículos. Como vês, as pessoas boas dos Adeptos do Livro serão recompensadas por Alá. Isto mostra tolerância para com as outras religiões."

"E, no entanto, na sura 5, versículo 51, Alá torna claro que um crente não pode ser amigo de um judeu ou de um cristão..."

"É verdade."

Ahmed voltou a hesitar, na dúvida sobre se deveria expor o que tinha em mente, mas desta feita venceu a hesitação.

"E há outra coisa, mas peço-lhe que não se zangue com aquilo que vou dizer ...."

Saad sorriu, benigno.

"Fica descansado."

"O senhor disse há pouco que Alá proibiu no Alcorão que se matasse."

"Sim."

"Mas se assim é, xeque, por que razão a sura 2, versículo 193, diz: «Matai-os até que a perseguição não exista e esteja no seu lugar a religião de Deus»?

Se assim é, por que razão o versículo 191 da mesma sura diz: «Se vos combatem, matai--os: essa é a recompensa dos incrédulos.»

Se assim é, por que razão Alá ordena no Alcorão a morte dos que cometem certos crimes? Afinal, matar é ou não proibido?"

O mestre ficou momentaneamente sem saber o que dizer.

"Bem... quer dizer, é proibido, mas... também é permitido... enfim... é permitido, mas só em certas circunstâncias, claro."

"É isso, xeque. É permitido em certas circunstâncias. Mais do que isso, a morte é ordenada, como acontece no caso dos crentes envolvidos em assassínio, apostasia ou relações sexuais ilegais ou no caso dos kafirun. Lembre-se que a sura 4, versículo 29, se dirige aos crentes, não aos kafirun.

«Ó vós que credes», diz Alá: «Não vos mateis!" Ou seja, não mateis outros crentes, não mateis outros muçulmanos, com excepção dos criminosos. Mas Alá não proíbe a matança de kafirun.

Aliás, ainda nem sequer falámos sobre o que vem na sura 9, versículo 5, onde Alá...".

A voz de Ahmed morreu ao ver o mestre empalidecer no instante em que mencionou este versículo. Mas o xeque permaneceu calado e o pupilo retomou a voz e concluiu a frase.

"... na sura 9, versículo 5, Alá diz: «Matai os idólatras onde os encontrardes. Apanhai-os! Preparai-lhes todas as espécies de emboscadas!»"

Os músculos dos maxilares do mestre contraíram-se, denunciando o esforço que ele fazia para se dominar.

"Isso é para os idólatras, não é para os Adeptos do Livro", argumentou, a voz fria e tensa.

"São todos idólatras, xeque! Os kafirun cristãos, não rezam eles a estátuas que põem nas igrejas? Não adoram eles santos e a mãe de Jesus? Não dizem eles que Jesus é o filho de Deus? Isso é idolatria! Está no Alcorão: «Não há outro Deus que não seja Deus!» O senhor mesmo o disse nas inúmeras lições que tivemos ao longo destes anos! Só há um Deus! Ninguém reza a Maomé! Ninguém reza à mãe de Maomé! Ninguém reza a Abu Bakr ou a qualquer outro califa! Um verdadeiro crente só reza a Deus, unicamente a Deus! Mas os kafirun cristãos rezam a Jesus, rezam à mãe dele, rezam ao Espírito Santo, rezam ao santo este e ao santo aquele, rezam ao papa, rezam diante de estátuas... rezam a tudo! Acham até que Jesus é uma espécie de Deus... Isso é idolatria! E Alá diz: «Matai os idólatras onde os encontrardes.»"

"Está bem, mas essa ordem foi dada no contexto de urna batalha específica,

não pode ser lida como ordem geral."

"Só não é lida como ordem geral por quem não a quer ler assim, xeque", devolveu o pupilo com um esgar sobranceiro. "É evidente que todos os versículos do Alcorão têm um contexto. Mas não é Alá As-Samad, o Eterno? Então as Suas ordens, embora sempre proferidas num contexto, também são eternas. Quando Alá, na Sua infinita sabedoria, revelou ao Profeta o versículo a ordenar que certas acusações envolvessem um mínimo de quatro testemunhas, essa ordem tem ou não tem um contexto?"

"Claro que sim."

"E, no entanto, é eterna. O mesmo se passa com a ordem da matança dos idólatras.

Como todos os versículos do Alcorão, esse versículo tem igualmente um contexto.

Porém, é tão eterno quanto os outros."

Apontou para o seu mestre. "O senhor mesmo disse várias vezes que o Livro Sagrado é atemporal. Se assim é, este versículo também o é."

Saad respirou fundo, subitamente cansado.

"Não sei quem te anda a ensinar essas coisas", exclamou com um gesto impotente, contornando o problema que o pupilo lhe apresentava. Em jeito de que a conversa estava concluída, pegou carinhosamente no Alcorão e ergueu-se da cadeira.

"Mas deves ter cuidado."

Ahmed ergueu as sobrancelhas, surpreendido com o inesperado aviso.

"Porquê, xeque?"

O mestre lançou um derradeiro olhar ao pupilo antes de lhe voltar as costas e abandonar a salinha.

"Porque o que andas a dizer é perigoso.

IX

"Fuck! Já passa da hora!"

Frank Bellamy levantou os olhos do relógio e espreitou a porta, ardendo de impaciência.

"O que se passa?", quis saber Tomás.

"É uma das nossas chefes de equipa. Está atrasada."

"Esperamos mais um pouco."

"Não pode ser", insistiu, consultando mais uma vez o relógio. "Tenho outra reunião marcada a seguir e depois um jantar."

O salão já se havia esvaziado e Bellamy olhou em redor para a dezena de figuras que ali permaneciam, todas especadas à espera de instruções sobre o que fazer. A hora do crepúsculo aproximava-se e a iluminação da Sala del Maggior Consiglio fora ligada instantes antes. Verificou se o ecrã de plasma e o DVD se encontravam instalados, lançou uma derradeira miradela esperançosa na direcção da porta e, tomando a decisão inadiável, fez sinal para as cadeiras vazias.

"Meus senhores, façam o favor de tomar os vossos lugares", disse. "Vamos então começar a reunião."

A cacofonia de cadeiras a arrastarem-se e das pessoas a sentarem-se foi agora bem mais breve e tranquila do que quinze minutos antes, quando a reunião preliminar acabara. Desta vez os presentes não se conheciam uns aos outros, pelo que as conversas trocadas não passaram de amabilidades de circunstância.

"Como expliquei há pouco, todos os presentes vieram de áreas de recrutamento pouco tradicionais na NEST. O que esperamos é sobretudo ajuda vossa no processo de detecção de qualquer ameaça potencial aqui na Europa. Cada um tem, por um motivo ou por outro, conhecimentos aprofundados sobre o islão e relações com as comunidades muçulmanas que vivem nos seus países. Mas, que eu saiba, ninguém aqui possui uma noção aprofundada do tipo de ameaça que enfrentamos, razão pela qual achei importante falarmos um pouco."

Ajeitou os papéis e deixou respirar uma pausa antes de lançar a pergunta provocatória que marcaria o tom da reunião.

"Se eu fosse um terrorista e quisesse efectuar um atentado nuclear, o que acham que teria de fazer?"

A pergunta ficou no ar, insidiosa, até os presentes perceberem que Bellamy esperava de facto uma resposta.

"Arranjar uma bomba, suponho eu", arriscou Tomás.

"Muito bem", disse, parecendo aprovar a ideia. "Mas onde a iria eu encontrar?"

"Sei lá. Comprava a esse tal Khan, por exemplo."

O homem da CIA considerou a resposta.

"Seria uma boa opção. O problema é que o senhor Abdul Khan já foi neutralizado, mas isso, admito, não constitui necessariamente um grande obstáculo. O senhor Khan pode estar fora do circuito, mas há por aí outros Khan à solta. É bom lembrarmo-nos de que ele acabou por confessar em 2008 ser apenas o testa-de-ferro dos militares paquistaneses e esses, receio bem, continuam a operar com relativa impunidade. Muitos deles são fundamentalistas muçulmanos e, se eu fosse um terrorista islâmico, poderia de facto pensar em pedir-lhes ajuda. Mas se assim é, pergunto eu, por que razão os jihadistas ainda não fizeram explodir uma dessas bombas?".

O grupo permaneceu calado. Era uma boa questão.

"A resposta é simples", adiantou Bellamy, respondendo à sua própria pergunta.

"Porque uma bomba dessas teria a morada do remetente."

"Não estou a perceber", confessou a professora Cosworth do outro lado da mesa.

"O que eu quero dizer é que as bombas atómicas têm uma assinatura individual que pode ser lida. A NEST possui uma base de dados muito completa sobre tudo o que diz respeito à concepção de armas nucleares, de textos publicados em revistas científicas a passagens de romances de espionagem. Está tudo lá. No caso de uma bomba nuclear ser detonada, a NEST tem por obrigação analisar as características da explosão, incluindo a sua força destrutiva e a composição dos isótopos da chuva radioactiva que inevitavelmente se seguirá. Essas características serão comparadas com a informação de que dispomos sobre os arsenais nucleares já existentes. Na nossa base de dados possuímos elementos muito concretos relativos às bombas que estão na posse do Paquistão, da índia, da Coreia do Norte... de toda a gente. Comparando as características da explosão com esses dados poderemos saber qual foi o país que construiu a bomba detonada e a entregou aos terroristas. Ou seja, as características da explosão dão-nos a morada do remetente.

Sabendo onde os terroristas foram buscar a bomba poderemos retaliar, destruindo o país que a entregou aos terroristas. Estão a perceber?

É isso que tem impedido os militares paquistaneses de entregarem armas

nucleares aos jihadistas muçulmanos. Eles sabem que nós podemos localizar a origem da bomba."

Todas as cabeças assentiram ao mesmo tempo, num movimento sincronizado de compreensão.

"A hipótese mais verosímil para os terroristas obterem uma arma nuclear intacta é, por isso, o roubo", retomou Bellamy. "Aqui, receio que o principal suspeito seja a Rússia. Desde o fim da União Soviética que os sistemas de controlo e segurança atómicos entraram em colapso na Rússia. O país tem entre quarenta mil e oitenta mil ogivas nucleares, mas a forma como essas armas são guardadas deixa qualquer pessoa arrepiada. Basta pensarmos que a inflação na Rússia chegou a atingir os dois mil por cento para percebermos como se tornou fácil subornar um cientista ou um militar em situação mais vulnerável. Aliás, eles alienaram armas ao desbarato logo que o sistema comunista acabou.

Houve até um almirante que foi condenado por ter vendido sessenta e quatro navios da frota russa do Pacífico, incluindo dois porta-aviões, à índia e à Coreia do Sul!

Quem nos garante a nós que os Russos não venderam também armas nucleares?"

"Se o tivessem feito", argumentou a professora Cosworth, "presumo que já se saberia."

O homem da CIA levantou-se do seu lugar e ligou o ecrã de plasma e o aparelho de DVD.

"Acha que sim? Então veja esta entrevista dada em 1997 pelo general Alexander Lebed, na altura conselheiro do presidente Bóris Yeltsin, ao programa 60 Minutes, da CBS."

Bellamy carregou num botão do aparelho de DVD, o ecrã iluminou-se e apareceu a figura do general russo sentado numa cadeira. Diante de Lebed encontrava-se o entrevistador Steve Kroft. O texto introdutório, apresentado com a voz de Kroft, mencionava o problema do paradeiro de bombas nucleares soviéticas de uma quilotonelada com o tamanho de uma pasta de executivo. As vozes de Kroft e Lebed irromperam pelas colunas de som ligadas ao aparelho de DVD.

"Acredita que essas armas estão seguras e contabilizadas?"', perguntou o entrevistador.

"De modo nenhum", retorquiu Lebed. "De modo nenhum."

"Seria fácil roubar uma delas?"

"Têm o tamanho de uma pequena pasta."

"E possível pôr uma numa pasta e sair com ela?"

"A própria bomba tem a forma de uma pasta. Na verdade, é uma pasta. E

possível transportá-la. Mas também se pode pôr noutra pasta, se quisermos."

"Mas já é uma pasta."

"Sim."

"Eu poderia passear pelas ruas de Moscovo ou Washington ou Nova Iorque e as pessoas pensariam que eu estava a transportar uma pasta?"

"Sim, sem dúvida."

"É fácil detoná-la?"

Lebed reflectiu um instante.

"Bastariam vinte, trinta minutos."

"Mas não são precisos códigos secretos do Kremlin ou coisas do género?"

"Não."

"O senhor está a dizer-me que há um número significativo destas bombas que desapareceram e que ninguém sabe onde estão?"

"Sim. Mais de uma centena."

"Onde se encontram elas?"

"Algures na Georgia, algures na Ucrânia, algures nos países bálticos — quem sabe?

Talvez algumas estejam mesmo fora desses países. Basta uma pessoa para detonar esta arma nuclear — uma única."

"O senhor está a afirmar que estas armas já não se encontram sob o controlo militar russo..."

"Eu estou a afirmar que mais de cem armas de um total de duzentas e cinquenta não estão sob o controlo das forças armadas da Rússia. Não sei onde se encontram. Não sei se foram destruídas ou se foram guardadas ou se foram vendidas ou roubadas. Não sei."

Bellamy desligou o aparelho de DVD e a imagem no ecrã de plasma desfez-se.

"Penso que estas declarações são elucidativas sobre a dimensão do problema que temos em mãos", disse, reocupando o seu lugar.

"Convém esclarecer que, depois desta entrevista do general Lebed, um porta-voz governamental russo declarou que essas armas nunca existiram e que as existentes foram destruídas." Sorriu com sarcasmo. "Uma pequena contradição, não vos parece? Primeiro dizem que essas armas nunca existiram e logo a seguir afirmam que elas já foram destruídas, o que significa que afinal sempre existiram."

Fez-se silêncio da Sala del Maggior Consiglio.

Tomás tinha dificuldade em assimilar o que acabara de ouvir.

"Acha que essas armas desaparecidas caíram nas mãos de terroristas?", perguntou ele.

"É possível", assentiu Bellamy. "Mas o importante desta entrevista é que as palavras do conselheiro do presidente ilustram o colapso do sistema de segurança na Rússia.

Se calhar as bombas nucleares em pastas de executivo não caíram nas mãos dos terroristas, mas outras bombas podem ter caído. Lembrem-se que o arsenal russo se situa algures entre as quarenta mil e as oitenta mil ogivas. Como podemos ter a certeza de que, com a corrupção lá existente, todas elas estão em segurança? E depois não é só a corrupção, é o laxismo também. Os inspectores americanos que foram visitar instalações nucleares russas em 2001 revelaram que, quando chegaram ao armazém onde as armas eram guardadas, encontraram a porta aberta!"

"Gott im Himmel!", murmurou um homem que até aí permanecera calado, obviamente alemão.

"Este problema é pois de extrema gravidade", insistiu Bellamy. "Acontece que as coisas entretanto parecem ter melhorado na Rússia e houve um forte regresso à disciplina. Por outro lado, é bom lembrarmo-nos de que as armas nucleares requerem manutenção, sob pena de não funcionarem. Além disso, muitas delas estão protegidas por ferrolhos electrónicos, o que dificulta consideravelmente as coisas.

Não quer dizer que não haja risco de roubo. Esse risco mantém-se, claro, mas na nossa análise existem riscos ainda maiores."

"Maiores?", admirou-se a professora Cosworth. "Good Lord! Que riscos poderão ser maiores do que os terroristas roubarem uma... uma bomba atómica?"

A conversa foi interrompida por uma voz feminina proveniente da porta e que ressoou pela sala.

"Porque não os terroristas construírem, eles próprios, uma bomba nuclear?"

Todos os rostos sentados à mesa se voltaram na direcção da entrada, procurando identificar a recém-chegada.

"Rebecca!", exclamou Bellamy, aliviado. "Está atrasada!"

A caminhar em direcção à mesa com uma pasta de executivo negra na mão vinha uma rapariga de cabelo curto e tão loiro que parecia palha. Tinha uns grandes olhos azuis, luminosos e expressivos, e uns lábios suculentos e apetitosos como morangos.

Vestia um pullover amarelo e jeans azul-claros, uma combinação a condizer na perfeição com os cabelos e os olhos.

Despindo-a com o olhar, Tomás reparou que o corpo dela se desenhava curvilíneo como uma viola, com seios pequenos mas arrebitados, e foi nesse instante que percebeu quem ela era.

"Peço desculpa", disse Rebecca, com o sotaque nasalado dos Americanos.

"Fui retida pelo tráfego no Grande Canal." Era a brasa prometida por Bellamy.

X

O corpo de Ahmed balouçava para a frente e para trás, ao ritmo monocórdico das palavras que repetia sem cessar, uma ladainha a cujos sons se esforçava por se familiarizar.

"«Mas os infiéis desmentem a Hora»", entoou, recitando os mesmos versículos da sura 25 pela quinta vez consecutiva, numa tentativa de completar a memorização daquele capítulo do Alcorão. "«E para os que desmentem a Hora preparámos uma fogueira. Quando esta de um lugar distante os veja, ouvirão a sua fúria e o seu crepitar. Quando forem lançados num lugar estreito, dentro dela, ali mesmo pedirão a aniquilação. Responder-se-lhes-á...»"

Calou-se.

Ouviam-se vozes excitadas na casa. Inclinou-se em direcção à porta fechada do quarto, tentando destrinçar os sons que ela abafava. Vinham da sala, percebeu. Era a voz do pai. E da mãe. Estariam outra vez a discutir? Aquilo ia acabar mal, pensou com desânimo; dali a pouco o pai já estaria a espancar a mãe. Não se sentia com vontade de suportar mais uma cena, mas no momento em que ia tapar os ouvidos apercebeu-se de outras vozes. Aguçou de novo a atenção. O que era aquilo?

Ouviam-se... ouviam-se também os irmãos, estavam todos a falar com grande exaltação. Por Alá, o que estaria a acontecer?

Hesitou. Estava sentado no chão e tinha o Alcorão pousado num kursi, um suporte desdobrável de madeira que facilitava a leitura e, sobretudo, garantia que o Livro Sagrado ficava acima dos seus joelhos, uma posição adequadamente respeitosa. Mas o barulho perturbava-lhe a recitação, pelo que acabou por fechar o Alcorão e guardá-lo com cuidado na estante. Depois abriu a porta e esticou a cabeça lá para fora.

"O que se passa?"

A algazarra continuava e ninguém respondeu à sua pergunta. Intrigado, saiu para o corredor e foi para a sala. Viu a família a discutir com grande agitação e no meio estava o televisor ligado, mostrando um homem de gravata a falar.

"Que aconteceu?", perguntou de novo, a atenção já fixa no ecrã em busca de uma resposta.

"Não sabemos bem", devolveu o pai, sem tirar os olhos do televisor. "Houve

problemas numa parada militar e parece que dispararam sobre o presidente."

"Qual presidente?"

"Qual é que havia de ser? Sadat, claro!"

"Dispararam sobre Sadat? Porquê?"

"Sei lá, é isso que estamos a discutir. Eu acho que são rivalidades entre eles, o poder cria muitos inimigos. Mas o teu irmão pensa que foram os sionistas."

Ahmed apontou para o televisor.

"O que dizem na televisão?"

"Nada", devolveu o irmão mais velho com um encolher de ombros. "Dizem que o presidente foi para o hospital."

"Mais nada?"

"E que foi decretado o estado de emergência."

Depressa se tornou evidente que da televisão não viriam mais notícias. Mas toda a família mergulhara num estado de excitação febril e ninguém conseguia permanecer fechado em casa.

Apesar do calor que fervia lá fora, saíram todos para a rua e deram com o nariz nos vizinhos; toda a gente sentia a mesma coisa, ninguém era capaz de conter a agitação nervosa que se apossara de si. As conversas centravam-se obsessivamente no mesmo assunto: o que acontecera e quem o fizera. Uns diziam que era um golpe de estado dos generais, outros que aquilo era tudo inventado, os primeiros indignavam-se com os segundos, havia quem insistisse nos Israelitas e dissesse que o acordo de paz de Camp David havia sido uma emboscada; o facto é que a algazarra se transferira para a rua.

A mãe de Ahmed, que tinha ido inspeccionar um tacho que deixara ao lume, apareceu de repente à porta de casa, esbaforida.

"Depressa! Depressa! Venham ver!"

Foram todos a correr para casa, família e vizinhos, e as atenções fixaram-se de novo no ecrã. O homem engravatado desaparecera; em seu lugar surgiram imagens do Alcorão, com uma voz a recitar o Livro Sagrado. Ficaram paralisados, tentando digerir o significado daquilo. Por que motivo a televisão recitava o Alcorão?

"O rádio!", exclamou o senhor Barakah.

O pai de Ahmed foi apressadamente ao quarto buscar um pequeno receptor de ondas curtas. Voltou para a sala, pousou o aparelho sobre a mesa, ligou-o e sintonizou a estação que habitualmente ouvia. Uma voz melódica e melancólica irrompeu do rádio. Estava a dar um qualquer programa de música e os sons flutuavam como ondas, iam e vinham, tornavam-se mais límpidos num momento e logo a seguir mais distantes, pelo meio ouviam-se uns assobios, como era característico das recepções de onda curta.

"Que horas são?", quis saber o irmão mais velho de Ahmed.

O pai consultou o relógio. Faltavam quatro minutos para a hora certa.

"O noticiário é daqui a quatro minutos."

Aguardaram em volta do aparelho, a impaciência a ruminar-lhes no estômago. No televisor continuava a recitação do Alcorão; Ahmed identificou os versículos da sura 2. O programa musical da rádio, que até ali lhes parecera infindável, chegou entretanto ao fim e uma voz pausada e distante encheu a sala.

"Aqui Londres. Esta é a BBC. Estão a ouvir os serviços em língua árabe."

Seguiu-se uma pausa cheia de estática e os toques metálicos e imponentes do Big Ben romperam devagar o silêncio. A voz voltou.

"Morreu o presidente Anwar al-Sadat. O chefe de estado egípcio foi vitimado hoje por um atentado no Cairo. O ataque ainda não foi reivindicado, mas..."

Só na semana seguinte recomeçaram as aulas. A lei marcial decretada pelo vice-presidente Mubarak obrigou Ahmed e toda a família a ficarem em casa durante alguns dias, como aconteceu com a generalidade dos Egípcios. Reinava na altura a maior das confusões sobre os reais motivos do atentado, mas, dois dias depois, a televisão deu a conhecer a identidade dos assassinos.

"Quem são esses homens da Al-Jama'a?", perguntou Ahmed ao pai, ao almoço, depois de ouvirem o noticiário.

"Al-Jama'a al-Islamiyya", corrigiu o senhor Barakah, dando o nome completo do movimento. "São radicais."

"O que é isso?"

"O filho, tens cada pergunta!", retorquiu o pai com impaciência. "São muçulmanos que querem a aplicação da sharia."

"Uns malucos!", acrescentou a mãe, inclinada sobre a travessa para cortar uma fatia de carneiro. "Uns doidos!"

"Cala-te, mulher! Que sabes tu disso?"

"Sei que assim as coisas vão piorar..."

"Não vão nada!", sentenciou o marido, estendendo o prato na direcção da mulher para que ela o servisse de carne. "O Mubarak vai ter mão firme para lidar com esta gente, vais ver."

"E se não tiver?"

"Se não tiver, olha... isto pode realmente acabar mal."

"Matar o presidente!", insistiu a mãe, olhando de relance para cima como se consultasse Alá. "Onde já se viu isto, meu Deus? Onde já se viu isto? Queira o Misericordioso que tudo se componha! Inch'Allah!"

"Devem pensar que estamos na América!", exclamou o pai, preparando-se para meter o primeiro pedaço de carneiro na boca. "Lá é que se matam presidentes..."

"O Sadat não devia ter feito a paz com os sionistas", opinou o filho mais velho, que até ali permanecera calado. "Isso foi mal feito!"

"Lá isso é verdade", assentiu o senhor Barakah, já a mastigar. "O presidente devia ter tido mais cuidado. Foi um desrespeito para com a umma e para com os mártires das guerras contra os sionistas. Isso é verdade."

"O Sadat estava a pedi-las...", insistiu o mais velho.

"Sabem o que disse um dos homens que disparou sobre ele? «Matei o faraó!»"

O pai riu-se.

"Faraó? É boa, essa!"

A conversa prosseguia animada, mas Ahmed já não prestava atenção. Tinha a mente mergulhada num turbilhão, tão pensativo ficara quando o pai lhe explicara o que eram radicais. São muçulmanos que querem a aplicação da sharia? E qual o mal disso?

A sharia é a lei de Deus e está ordenada por Alá no Livro Sagrado. Se a Al-Jama'a quer a aplicação da lei de Deus, não será isso porventura justo? A cabeça de Ahmed enchia-se de interrogações e perplexidade, mas, considerando o clima de medo que se instalara após a morte do presidente e a purga entretanto iniciada pelo vice-presidente, sabia que aquele era o pior momento possível para começar a fazer perguntas em voz alta. O melhor era permanecer calado.

A madrassa reabriu portas na semana seguinte e Ahmed compareceu às aulas logo no primeiro dia.

Tinha a noção de que não conseguiria calar-se indefinidamente; precisava de saber.

A mente fervilhava-lhe ainda de dúvidas e necessitava de respostas urgentes.

Talvez as encontrasse na aula de Religião, pensou, e foi por isso com ansiedade que aguardou a hora da lição.

Quando o professor Ayman apareceu, descobriu-lhe no rosto uma expressão estranha; era como se misturasse alegria com apreensão; num momento sorria, no seguinte quase espreitava por cima do ombro. Havia de facto um clima de medo que perpassava por toda a gente e pelos vistos o professor não era excepção. A tensão tornou-se palpável, mas Ahmed acreditava que a aula de Religião lhe mostraria caminhos.

Não foi isso, porém, o que aconteceu. A aula revelou-se nesse dia uma enorme decepção; em vez de falar do que lhe interessava, o professor Ayman limitou-se a pôr os alunos a recitar o Alcorão em coro.

A recitação do Livro Sagrado era uma coisa muito bela, repreendeu-se de imediato Ahmed, subitamente mortificado com o seu desapontamento.

Como podia ele estar decepcionado por recitar o Alcorão? Aquelas eram as

palavras de Alá As-Samad, o Eterno, e qualquer oportunidade para as proferir constituía uma grande honra e era assim que tinha de pensar sempre!

Momentos após a lição terminar e depois de toda a gente sair da sala, deu consigo a caminhar no encalço do professor. Não o planeara, mas o facto é que o estava a seguir.

Ayman percorria o corredor com a sua longa jalabiyya branca a roçar o chão e o rapaz vinha em silêncio dois metros atrás. Muito atento a tudo em seu redor, no entanto, o professor depressa se apercebeu de que estava a ser seguido e parou de repente para encarar Ahmed.

"O que é?", perguntou com inesperada rispidez. "Porque vens atrás de mim?"

O rapaz quase se sobressaltou com o tom agressivo da interpelação e arregalou os olhos.

"Eu... eu preciso de falar consigo, senhor professor."

Ayman olhou de imediato em redor, como se procurasse uma ameaça escondida.

"Porquê? Passa-se alguma coisa?"

"Não, senhor professor. Sou eu que estou com umas... umas dúvidas."

"Dúvidas? Que dúvidas?"

"Dúvidas sobre o que diz o Alcorão."

O professor fez um ar interrogativo.

"Ora essa!", exclamou com admiração. "As coisas que Alá diz no Santo Alcorão são muito claras. Basta ler o que lá está e obedecer às Suas ordens."

"Pois, senhor professor, mas o mullab da minha mesquita está a dizer-me coisas diferentes."

"Que coisas?"

"Sobre os kafirun."

O corpo de Ayman descontraiu-se visivelmente.

Fez um gesto rápido com a mão para que o aluno o seguisse.

"Anda daí", ordenou, recomeçando a avançar pelo corredor. "Vamos ali ao meu gabinete falar."

De novo a caminhar atrás do docente, Ahmed sentiu uma beatífica serenidade a envolvê-lo. O professor Ayman sabia, tranquilizou-se enquanto o via deslizar na sua jalabiyya. Ele esclarecê-lo-ia quanto à verdade.

A verdade sobre os kafirun.

XI

Frank Bellamy indicou a loira que acabara de chegar.

"Apresento-vos Rebecca Scott, uma operacional da CIA que se encontra agora adstrita à NEST e que se junta à nossa pequena reunião."

Seguiu-se um coro de "hello" e "good afternoon" com muitos acenos de cabeça e sorrisos; a recém-chegada era realmente vistosa e todos os olhares incidiram nela.

A loira sentou-se ao lado de Bellamy e pousou a sua mala de executivo aos pés.

"A especialidade de miss Scott", continuou o orador, "está relacionada com a montagem e desmontagem de armas nucleares. Isto quer dizer que, se houver uma crise, ela é uma das pessoas que poderão ser chamadas de emergência para neutralizar uma bomba atómica. Além disso, miss Scott tem experiência de combate no Afeganistão." Fixou a atenção nela. "Olhando para este rosto bonito ficamos com a impressão de que estamos perante um anjo, não acham? Mas lembrem-se, meus caros: os dentes dela são feitos de aço!"

O grupo riu-se, embora ninguém tivesse a certeza de que se tratava de uma piada.

Com modos muito profissionais, Rebecca endireitou-se na cadeira e enfrentou a mesa.

"Muito obrigado, mister Bellamy", começou ela por dizer. "É um prazer estar aqui convosco. Segundo me pareceu, do que escutei ao entrar aqui na sala, vocês já analisaram as possibilidades de os terroristas adquirirem uma bomba nuclear intacta."

"Exacto", confirmou Bellamy. "íamos agora ponderar os cenários ainda mais prováveis."

Rebecca Scott assentiu.

"Bem, mais provável do que roubarem uma arma nuclear é os próprios terroristas construírem uma bomba dessas. É esse, aliás, o cenário mais preocupante. As probabilidades de se verificar são incrivelmente elevadas."

As pessoas à mesa carregaram as sobrancelhas, surpreendidas e intrigadas.

"Isso é possível?", quis saber Tomás, sem perder tempo a fazer-se notar pela beldade que iluminava a sala. "Repare que estamos a falar de uma bomba

nuclear..."

"E depois?"

"Bem... suponho que não se construa uma bomba nuclear assim do pé para a mão."

Rebecca ergueu dois dedos.

"Bastam dois dias", disse. "Ou menos."

"O quê?"

"Construir uma bomba nuclear é facílimo. Sublinhe a palavra facílimo, por favor. A única dificuldade é mesmo arranjar material físsil. Se um grupo terrorista tiver esse material na sua posse e contar com um engenheiro minimamente competente, o resto é uma brincadeira de crianças."

"Está a falar a sério?"

"Não tenha dúvidas! A maior parte das pessoas pensa que para construir uma bomba nuclear é necessário um mega-projecto com instalações e recursos gigantescos, como o Projecto Manhattan, por exemplo. Nada mais errado.

As instruções sobre como se monta uma bomba destas estão divulgadas na Internet e em vários livros técnicos disponíveis em qualquer boa biblioteca. É só ler."

"Desculpe, mas não pode ser assim tão simples..."

"Há algumas dificuldades, claro", reconheceu ela. "Mas, no essencial, a construção de uma bomba nuclear é realmente simples. Para que tenham uma noção, deixem-me explicar--vos o seguinte: existem dois tipos de bombas nucleares. Uma é a de plutónio, preferida pelas forças armadas por ser altamente físsil, o que permite provocar uma explosão com pequeníssimas quantidades, tornando-se portanto miniaturizável."

"Como as pastas de executivo russas."

"Isso mesmo. A bomba de Nagasáqui, por exemplo, era uma bomba de plutónio. Mas um engenho destes levanta alguns problemas delicados. O primeiro é a sua construção.

A bomba de plutónio detona por implosão, o que requer uma engenharia complexa e muito minuciosa de simetria explosiva. Além do mais, o plutónio é de difícil manuseamento por ser altamente radioactivo. Basta respirarmos quantidades ínfimas deste elemento para morrermos."

"Eu julgava que tinha dito que a construção de uma arma nuclear era uma brincadeira de crianças...", observou Tomás.

"E é", assegurou Rebecca. "Mas nenhum grupo terrorista irá para a bomba de plutónio, devido aos problemas que acabei de enumerar. A opção será sempre a bomba de urânio, do género da utilizada em Hiroxima. Trata-se de um engenho que usa urânio altamente enriquecido, contendo mais de noventa por cento do

isótopo físsil U-235. Se estivermos na posse de urânio altamente enriquecido com esse isótopo, podemos montar uma bomba atómica em qualquer lado — até numa garagem."

"Está a brincar...", disse a professora Cosworth.

"Infelizmente não. Tendo urânio altamente enriquecido, a construção do engenho é de uma simplicidade infantil."

"Sim, mas o manuseamento do urânio altamente enriquecido há-de requerer cuidados especiais", argumentou Tomás. "Não nos podemos esquecer de que estamos a lidar com material radioactivo. Que eu saiba isso não se faz numa... numa garagem!"

"Basta uma garagem", repetiu Rebecca, categórica.

"Reparem, o que é exactamente o urânio altamente enriquecido? Em forma natural, o urânio é constituído por três isótopos: U-234, que é residual, U-235 e U-238. Para efeitos militares, apenas interessa o U-235. O problema é que, quando se extrai o urânio da terra, a presença deste isótopo é inferior a um por cento. A esmagadora maioria do urânio em estado natural é constituída pelo isótopo U-238.

É preciso, pois, processar o urânio em centrifugadoras de modo a eliminar o U-238 e enriquecer a proporção do isótopo U-235. Estão a perceber?"

"É isso o enriquecimento?"

"Exacto. Procura-se enriquecer o urânio com o isótopo U-235. E essa é a única parte complexa da produção de uma bomba atómica. O urânio extraído da terra é esmagado e molhado em ácido sulfúrico, de modo que só sobreviva o urânio puro.

Esse urânio puro é secado e filtrado, transformando-se num pó chamado yellowcake.

Este pó é então submetido a um gás a temperaturas elevadas e convertido assim num composto gasoso que depois é enviado para máquinas de rotação supersônica chamadas centrifugadoras. À medida que as centrifugadoras rodam, os diferentes pesos dos isótopos levam-nos a separarem-se, com o mais pesado, o U-238, atirado para o exterior das centrifugadoras e o mais leve, o U-235, a fixar-se mais perto do eixo. O gás vai passando de centrifugadora em centrifugadora, extraindo a cada passo mais U-235. Este processo requer cerca de mil e quinhentas centrifugadoras a trabalharem em cascata durante um ano até se conseguir apurar U-235 suficiente para cruzar o ponto crítico de detonação. Nessa altura o gás é convertido num pó metálico, chamado óxido de urânio, e finalmente num metal cinzento, de preferência com a forma de um ovo. Ao tocarmos nele verificamos que é frio e seco. Bastam..."

"Ao tocarmos nele?", insistiu Tomás. "Mas esse urânio não é radioactivo?"

"Claro que é radioactivo", confirmou ela. "Mas tem baixa toxicidade. O urânio altamente enriquecido é tão tóxico como... sei lá, como o chumbo, por exemplo. Se uma pessoa respirar ou engolir traços deste elemento irá sentir-se mal disposta, claro, mas apenas isso. O urânio altamente enriquecido é moderadamente radioactivo, o que significa que pode ser manuseado sem luvas e até transportado numa simples mochila. Com um pouco de protecção nem sequer é assinalado pelos detectores de radiação, vejam só!"

"Good beavens" exclamou a professora Cosworth, horrorizada.

"É por isso que uma bomba atómica de urânio é tão interessante para os terroristas.

Podemos até dormir com uma pequena quantidade deste material debaixo da almofada!" Ergueu o indicador. "Mas, atenção, há alguns cuidados que é preciso ter. O urânio altamente enriquecido não pode ser amontoado a partir de determinadas quantidades, uma vez que ocasionalmente os átomos de U-235 dividem-se de forma espontânea, disparando neutrões que, a partir de uma massa com uma certa dimensão, poderiam dividir um número de átomos suficiente para provocar uma reacção em cadeia e uma consequente explosão nuclear. O que eu quero dizer é que há um valor crítico de massa de urânio enriquecido que não pode ser cruzado. Se estivermos na posse deste material, temos de ter o cuidado de o manter separado em pequenas quantidades subcríticas, perceberam?"

"No caso do urânio altamente enriquecido, qual é o valor crítico?", quis saber Tomás, infinitamente curioso. "Como é que eu sei que a quantidade de material na minha posse é sub-crítica ou crítica?"

"A massa crítica de urânio é inversamente proporcional ao nível de enriquecimento. O

nível mais baixo de enriquecimento necessário para desencadear uma reacção nuclear é vinte por cento. Nesse caso, teria de se acumular quase uma tonelada de urânio para provocar uma explosão nuclear espontânea. Na outra extremidade do espectro está o enriquecimento a noventa por cento ou mais. Neste caso bastam pequenas quantidades."

"Quanto?"

"Uns cinquenta quilos." Fez um gesto com as mãos, indicando o volume. "Fica assim com o tamanho de uma bola de futebol."

"Está a dizer-nos que, se eu juntar cinquenta quilos de urânio enriquecido a noventa por cento, posso gerar uma explosão nuclear espontânea?"

"Sim."

"Caramba!"

"É tão simples como isso!", exclamou Rebecca, balouçando a cabeça

afirmativamente. "Daí que a construção de uma bomba destas seja tão fácil."

Pegou numa caneta e pôs-se a rabiscar um desenho numa folha A4. "Basta construir um tubo... pôr vinte e cinco quilos de urânio altamente enriquecido numa extremidade, a que chamaremos bala... pôr outros vinte e cinco quilos na outra extremidade, a que chamaremos alvo... pôr um pouco de material propulsor atrás da bala... disparar a bala em direcção ao alvo... as duas quantidades subcríticas colidem, tornando-se críticas... e bang, dá-se a reacção nuclear!"

Exibiu o desenho diante dos rostos embasbacados à mesa.

"Justfy, só isso?", quis saber a professora Cosworth, algures entre escandalizada e aterrorizada.

"Eu avisei que a construção de uma bomba nuclear era simples, não avisei?", observou Rebecca, mantendo o desenho virado para o seu auditório.

"Quando duas massas subcríticas de urânio altamente enriquecido se juntam e cruzam o limiar crítico dos cinquenta quilos, dá-se a detonação. A bomba de Hiroxima era assim." Guardou o desenho.

"E vocês ainda não sabem o pior!"

"Há pior?"

"Em última instância, os terroristas podem nem sequer construir este engenho. Basta-lhes pôr vinte e cinco quilos de urânio altamente enriquecido no chão, subir a um primeiro andar e lançar das alturas os outros vinte e cinco quilos de urânio altamente enriquecido sobre o material que deixaram no chão.

Quando as duas partes subcríticas colidirem, e apesar de não estarem dentro de um engenho, podem fazer cruzar o limiar crítico e desencadear a explosão nuclear."

Encolheu os ombros. "Brincadeira de crianças."

O alemão sentado à mesa voltou a pôr as mãos na cabeça, estarrecido. "Mein Gott!"

A reunião terminou meia hora mais tarde, com a distribuição de documentos e literatura para consulta posterior. Tomás folheou o material e viu esquemas e equações a multiplicarem--se na documentação. Teria talvez dificuldade em seguir aqueles raciocínios, mas sabia que, para um engenheiro, tudo aquilo era cristalino.

"Tom!", chamou uma voz.

O português levantou a cabeça e viu Frank Bellamy ao lado da loira, ambos a olharem para ele.

"Sim?"

"Venha cá. Deixe-me apresentar-lhe a Rebecca Scott."

Tomás ergueu-se e estendeu-lhe a mão.

"How do you do?", cumprimentou-a Tomás no seu melhor inglês britânico.

A loira tinha uma palma da mão macia e quente.

"Hi, Tom", devolveu Rebecca no seu sotaque americano. "Mister Bellamy falou-me muito de si."

"Espero que bem."

A mulher riu-se.

"Disseme que aqui o Palazzo Ducale de Veneza era o sítio perfeito para nos conhecermos."

"Ai sim? Porquê?"

Rebecca encolheu os ombros e olhou para o homem da CIA, endereçando-lhe a pergunta.

"Então você não sabe quem esteve aqui preso, Tomás?", perguntou Bellamy.

"Aqui neste palácio? Não faço a mínima ideia."

"Foi o seu colega italiano." Indicou um ponto para além da grande pintura de Tintoretto que adornava a parede.

"Esteve ali nas prisões e tentou fugir por um buraco no tecto."

"Não sei de quem está a falar."

"Ora, do seu colega italiano, já lhe disse.

" Bellamy espreitou Rebecca pelo canto do olho. "Casanova."

A loira soltou uma gargalhada, divertida com a observação e sobretudo com a cara embasbacada de Tomás. .

"Oh, lá vem você com as suas piadinhas!", observou o historiador com acidez, acusando o toque.

Bellamy manteve a atenção fixa em Rebecca.

"Tenha cuidado com este português", avisou. "Tem ar de sonso mas é um predador de fêmeas."

"Não ligue", pediu Tomás, tentando recuperar do embaraço. "Está há muito tempo a trabalhar na NEST?"

A melhor táctica era mudar de assunto.

"Há já algum tempo", confirmou ela. "Fui colocada em Madrid e coordeno as operações na Península Ibérica."

"Ah, bom! Isso explica que mister Bellamy nos tenha apresentado."

O homem da CIA aproveitou para meter a colher.

"Conto que a vossa colaboração seja profícua!"

O historiador lançou-lhe um olhar de repreensão.

"Mister Bellamy, já lhe disse que não tenho a certeza de vir trabalhar para a NEST..."

"Come on, Tom. Isto é só uma colaboração. Pagamos-lhe bem e você nem terá grande trabalho, vai ver."

"Não sei, não. Tenho de pensar nisso."

"Não me diga que não quer trabalhar para mim...", disse Rebecca, fazendo beicinho e pestanejando muito.

O português soltou uma gargalhada.

"Caramba, vocês usam todos os argumentos!"

"Vamos lá, Tom", incitou Bellamy. "Precisamos de uma decisão! Como é? Junta-se a nós ou não?"

Os olhos do historiador dançaram entre Bellamy e Rebecca, hesitantes.

"Garante-me que isto não me ocupará muito tempo?"

"Claro que não! O que queremos de si não é quantidade de trabalho, é qualidade.

Como já lhe expliquei, há um e-mail da Al-Qaeda que precisa de ser decifrado e estamos convencidos que só você o pode fazer."

Realmente, pensou Tomás, o que tinha a perder?

Iria fazer trabalho de consultoria e ser bem pago.

Qual era a dúvida? A decisão estava tomada.

"Muito bem! Contem comigo."

Os dois americanos sorriram e apertaram-lhe as mãos.

"Atta boy!", exclamou Bellamy. Consultou o relógio pela enésima vez e olhou de seguida para Rebecca.

"Oiça, eu agora tenho de sair para uma outra reunião. Uma vez que vocês vão trabalhar juntos, presumo que tenham muito que falar..."

"Sim, mister Bellamy", assentiu ela. "Preciso mesmo de conversar aqui com o Tom. Vou só ali ao quarto de banho e já volto."

A americana afastou-se, deixando os dois homens atrás dela a apreciarem-lhe as formas femininas.

"Uma pin-up, hem?", observou o homem da CIA. "Conhecendo-o como conheço, aposto que ela foi o argumento crucial na sua decisão de se juntar a nós."

Sem tirar os olhos da mulher que dobrava a esquina, Tomás riu-se.

"O que o faz pensar isso?"

Rebecca saiu da sala e Frank Bellamy suspirou.

Voltou-se para o português, os olhos azuis a chisparem de frieza. "Você é um fucking tarado!"

XII

A salinha era pequena e escura, de tal modo despojada de decoração que quase tinha um aspecto ascético, à semelhança do seu circunspecto ocupante. As paredes sustentavam posters com fotografias de santuários sagrados; num lado via-se uma imensa multidão em torno da Caaba de Meca durante o Hadj, no outro uma imagem da mesquita de Al-Aqsa no topo da colina de Al-Quds.

O professor Ayman trancou a porta à chave e convidou o aluno a sentar-se diante dele.

"Então?", perguntou. "O que se passa? Que dúvidas são essas que te põem a seguir os meus passos como uma sombra?"

Agora que ali estava, Ahmed quase se envergonhou por ter confessado que tinha dúvidas. Como era possível alimentar dúvidas sobre o que Alá dizia? As interrogações varreram-se-lhe por momentos da mente e fez um esforço para se lembrar da conversa que tivera semanas antes com o xeque Saad.

"O mullah da minha mesquita, senhor professor, diz que temos de perdoar e contemporizar com os kafirun Adeptos do Livro, como está na sura 2, e que os cristãos são os mais próximos dos muçulmanos, como está na sura 5."

O rapaz calou-se um instante, à espera da reacção do professor.

"E tu? O que achas?"

"É verdade que Alá diz isso no Livro Sagrado", reconheceu Ahmed. "Mas Alá também diz outras coisas. Estou um pouco confuso."

"Como se chama esse mullah?"

"É o xeque Saad."

O professor Ayman pegou num bloco de notas e escrevinhou o nome. A seguir guardou o bloco e encarou de novo o aluno, desta feita para assumir as rédeas da conversa.

"Diz-me, rapaz, onde está escrita a lei islâmica?"

"No Alcorão, senhor professor."

"E o que fazemos quando aparece uma situação nova que não foi prevista pelo Santo Alcorão?"

O pupilo hesitou; nunca havia pensado em tal possibilidade.

"Há situações que não estão previstas no Livro Sagrado?", admirou-se, uma expressão interrogativa na face.

"Claro que há. Como fazes para as resolver?"

O olhar de Ahmed tornou-se opaco; não tinha resposta para esta pergunta.

"Julguei que estava tudo previsto no Alcorão, senhor professor."

"Pois não está", replicou Ayman.

A questão deixou Ahmed baralhado. A palavra de Alá estava gravada no Alcorão.

Seria possível encontrá-la em qualquer outra parte?

"Então... então está onde?"

"Recuemos ao tempo do Profeta para percebermos como nasceu a sharia", convidou o professor, indicando o poster da Caaba de Meca como se a fotografia os transportasse para aquela época remota. "Sempre que os crentes tinham uma disputa e não sabiam qual a vontade de Deus, a solução era perguntar a Maomé, que a paz esteja com ele. O apóstolo de Deus recebia então uma revelação de Alá e dava a resposta. Mas às vezes Alá não se pronunciava. Quando isso acontecia, o Profeta decidia por ele próprio. Na sura 3, versículo 32, Alá diz: «Obedecei a Deus e ao Enviado.» A mesma exortação vem noutros pontos do Santo Alcorão, ou não vem?"

"Vem, senhor professor. É preciso obedecer sempre a Deus e ao Profeta."

"Pois é assim que se conhece a lei de Alá: através do Santo Alcorão. E se por acaso aparecer uma situação para a qual o Livro Sagrado não tem resposta, teremos de perguntar ao Profeta."

Ahmed ficou um instante a ponderar o que o professor acabava de lhe dizer. As leis estão no Alcorão ou nas palavras do Profeta. Quando há dúvidas, pergunta-se a Maomé. Remexeu-se, mais por perplexidade do que por desconforto.

"Mas, senhor professor, o Profeta já morreu!", argumentou, abrindo os braços como quem exibe uma evidência. "O que fazemos agora quando aparece alguma coisa que não está esclarecida no Livro Sagrado?"

"Ah!", exclamou Ayman, erguendo o dedo peremptório. "Boa pergunta! Esse foi justamente o problema que os primeiros crentes enfrentaram quando o apóstolo de Deus foi para o Paraíso, que Alá o tenha para sempre consigo."

"O que fizeram eles para o resolver?"

"Como sabes, a autoridade passou para o sucessor do Profeta, não é verdade? Quem ficou a mandar foi o primeiro califa, Abu Bakr. Sempre que havia uma disputa, as pessoas recorriam a Abu Bakr ou a alguns dos outros companheiros de Maomé, todos eles testemunhas de anteriores decisões do apóstolo de Deus, como a sua segunda mulher, Aisha, e ainda Ma'az ibn Jabel, Abu Hurairah, Abu Obayda ou Omar ibn Al-Khattab. Os companheiros do Profeta actuavam como juízes e consultavam o Santo Alcorão. Quando o Livro Sagrado não dava resposta, aplicava-se o que Alá estabelece na sura 33, versículo 21: «No Enviado tendes um formoso exemplo», e na sura 4, versículo 80: «Quem obedece ao

Enviado obedece a Deus.» Ou seja, o Profeta, que a paz esteja com ele, é um exemplo para ser seguido.

Daí que procurassem orientação em episódios da vida de Maomé, que a paz esteja com ele."

"São os hadith!", exclamou Ahmed, os olhos iluminando--se. "São os hadith! E por isso que os mullahs nas mesquitas estão sempre a falar nos hadith e na sunnah..."

"Nem mais!", confirmou o professor. "Mas não se diz os hadith. É um hadith e vários ahadith. Plural é ahadith, singular é hadith.'"

"Desculpe."

"Os ahadith relatam histórias de Maomé, que a paz esteja com ele, estabelecendo desse modo a sua sunnah, ou exemplo. Os episódios da vida do Profeta, que a paz esteja com ele, servem assim de fonte legal, só suplantados pelo Santo Alcorão."

Alterou o tom da voz, como se fizesse um aparte. "Aliás, muitos versículos do Livro Sagrado só se entendem se conhecermos as circunstâncias em que apareceram.

Essas circunstâncias estão relatadas justamente nos ahadith."

"Mas, senhor professor, como sabemos se esses episódios narrados nos ahadith ocorreram mesmo? O meu mullah disseme que há muitos ahadith falsificados..."

"E disse bem", confirmou Ayman. "Há imensos relatos fraudulentos de episódios da vida de Maomé, que a paz esteja com ele. Foi por isso que, duzentos anos depois da morte do Profeta, que a paz esteja com ele, alguns estudiosos se puseram a coleccionar ahadith e a verificar a forma como foram transmitidos ao longo do tempo, de modo a garantir a sua fiabilidade. A colecção mais importante é a do imã Al-Bakhari, que analisou trezentos mil ahadith e determinou que dois mil eram autênticos, uma vez que conseguiu seguir-lhes a pista até ao próprio mensageiro de Alá. Esses ahadith estão publicados numa colecção chamada Sahih Bukhari. Também o imã Muslim fez uma colecção muito credível, conhecida por Sahih Muslim.”

"Portanto, qualquer hadith que esteja nessas colecções é considerado verdadeiro?"

"Sem dúvida", assegurou o professor. "Mas deixa-me voltar à questão de como se formam as leis islâmicas, porque isso é importante. Imagina agora que era preciso pronunciar uma decisão legal... uma fatwa. O que se fazia? Se o Santo Alcorão era omisso quanto ao assunto em apreço, ia-se ter com Aisha e ela lembrava-se de uma sunnah, um exemplo da vida de Maomé, que a paz esteja com ele, que se adaptava à circunstância em questão. Mas imagina que não lhe

ocorria nenhum episódio, não encontrava nenhum hadith adequado. O que fazia ela? Dizia para a pessoa ir falar com Abu Obayda, por exemplo. Talvez ele se lembrasse de algum hadith apropriado. Se Obayda não se lembrasse, remetia a pessoa para Abu Bakr."

"E se o califa também não tivesse resposta?"

"Bom, nesse caso reunia um conselho e apresentava a questão, perguntando se alguém se lembrava de alguma coisa na vida de Maomé, que a paz esteja com ele, que resolvesse o problema. Se ninguém se lembrasse, então o conselho pronunciava uma nova decisão, mas sempre inspirada no espírito do Santo Alcorão ou da sunnah."

"Isso não é uma ijma'ah?"

"Sim, essas decisões são as ijma'ah. Portanto, a fonte superior do islão é o Santo Alcorão. Quando o Livro Sagrado não tem resposta, vamos aos ahadith que contam episódios da vida do Profeta, que a paz esteja com ele, e extraímos uma sunnah, um exemplo apropriado ao problema. Quando os ahadith não têm resposta, os sábios emitem uma ijma'ah inspirada no Santo Alcorão ou na sunnah."

"Mas isso era no tempo em que ainda viviam pessoas que conheceram o Profeta.

Como se fazem hoje as ijma'ah?"

"Da mesma maneira, com um conselho de sábios", retorquiu Ayman. "Grande parte das ijma'ah é actualmente pronunciada pelo Conselho Islâmico para a Pesquisa, que se reúne aqui no Cairo, na Universidade Al-Azhar."

"A nossa universidade?"

"Sim, a nossa. Al-Azhar é a mais prestigiada universidade do islão, não sabias?"

"Então não havia de saber?", exclamou Ahmed, subitamente orgulhoso. "E nós pertencemos a ela..."

"A nossa madrassa pertence a Al-Azhar, sim."

O aluno manteve por momentos um sorriso desenhado no rosto, mas logo uma interrogação o assaltou.

"Tenho uma dúvida, senhor professor: como podemos ter a certeza de que as decisões desses sábios são todas acertadas?"

"Pois, esse é um problema", reconheceu o professor Ayman, o olhar de repente toldado.

"O Conselho Islâmico para a Pesquisa está sob influência do governo e as suas ijma'ah tendem a ser feitas para agradar ao governo, não a Alá." Abanou a cabeça. "Isso não pode ser. Eu acho que a umma não pode confiar nestes sábios que só dizem o que é conveniente, não o que é verdadeiro. Há outros sábios

cujas ijma'ah são mais fiéis ao Santo Alcorão ou à sunnah."

"Quem?"

"O grande mufti da Arábia Saudita, por exemplo. Ou a Escola de Lei Islâmica do Qatar."

Fez-se silêncio. O eterno zunir das moscas, até aí mero ruído de fundo, tornou-se dominante, acompanhado pelo som abafado de vozes e passos no corredor, para além da porta trancada.

Ahmed remexeu-se no seu lugar.

"Senhor professor, ainda não percebi bem. Permite-me que lhe faça uma pergunta?"

"Claro."

O rapaz calou-se um instante, considerando a melhor maneira de reformular a questão.

"Não entendo o que tem isto a ver com o problema dos kafirun", disse, retomando a questão que ali o levara.

"O mullah da minha mesquita diz que os cristãos são os mais próximos de nós e que devemos perdoar e contemporizar. Isso está de facto dito por Alá no Alcorão. Mas, ao mesmo tempo, Alá diz outras coisas no Livro Sagrado. Diz que não podemos ser amigos dos kafirun judeus e cristãos. Diz que devemos matar os kafirun até que a perseguição pare e eles se convertam e deixem de ser kafirun. Diz que devemos preparar todas as espécies de emboscadas aos idólatras e matá-los. Afinal onde está a verdade?"

"Está em tudo o que te disse."

O aluno sacudiu a cabeça, inconformado.

"Desculpe, mas continuo a não entender. O que têm estas coisas de que o senhor professor falou a ver com o problema dos kafirun?"

"Têm tudo. Tudo. O Santo Alcorão e os ahadith contêm uma resposta clara para o problema dos kafirun."

"Qual resposta? Qual?"

O professor acariciou distraidamente o queixo, passando os dedos devagar por entre os pelos negros e levemente encaracolados da barba farfalhuda.

"Já ouviste falar na nasikh?"

"Sim, claro. O meu mullab mencionou isso numa lição, aí há um ano. Porquê?" "O que é a nasikh?"

"Bem... é a revelação progressiva do Alcorão."

"Sim, mas o que quer isso dizer?"

Ahmed mordeu o lábio. O xeque Saad já tinha de facto abordado aquele assunto, mas fora uma coisa de tal modo breve que o significado do conceito não ficara firme na sua mente.

"Não sei."

O professor sorriu.

"Nasikh é a chave para as aparentes contradições do Alcorão. Na verdade não há contradições nenhumas. O Livro Sagrado é perfeito. Nasikh significa que Alá decidiu, na Sua imensa sabedoria, revelar progressivamente o Santo Alcorão. Podia ter revelado tudo de uma vez, mas Deus, que tudo sabe e tudo planeia, optou por fazê-lo por fases, através do sistema de revelação progressiva, ou nasikh. Isso quer dizer que as novas revelações cancelam as anteriores. Compreendeste?"

O rapaz fez um ar intrigado.

"Hmm... sim."

Pelo tom hesitante da resposta, o professor Ayman percebeu que aquele "sim"

significava na realidade um "não" encapotado.

"Já vi que não compreendeste nada", observou. "Mas eu explico-te melhor. Antes de Meca, para que direcção o Santo Alcorão mandava os crentes rezarem?"

"Al-Quds."

"Exactamente! Primeiro foi mandado aos crentes que rezassem na direcção de Al-Quds e depois na direcção de Meca. Parece haver aqui uma contradição. Afinal, qual a ordem que é válida?"

"Ora, a segunda."

"Isso é nasikh, ou ab-rogação. Através do Santo Alcorão, Alá mandou primeiro rezar na direcção de Al-Quds e depois na de Meca. Quando há contradição aparente, aplica-se o princípio da revelação progressiva. As novas revelações cancelam as anteriores. A ordem de rezar na direcção de Meca cancelou a anterior. O mesmo acontece com o álcool, por exemplo. Primeiro o álcool era permitido em todas as circunstâncias, depois passou a ser proibido só durante a oração e mais tarde foi proibido em qualquer circunstância. Qual a ordem que é válida?"

"A última, claro."

"Nasikh! As revelações anteriores são canceladas pelas novas. É isso a ab-rogação.

Podemos continuar a ler os versículos cancelados no Santo Alcorão, claro, mas já não são válidos. Compreendeste?"

"Sim", retorquiu o aluno com a convicção de quem finalmente entendera.

"Agora é preciso que percebas mais outra coisa", disse. "A revelação progressiva divide-se em dois períodos fundamentais: o de Meca e o de Medina. O primeiro período é o de Meca, altura em que o Profeta, que a paz esteja com

ele, nunca falou em guerras e defendeu a tolerância e o perdão para com os Adeptos do Livro. Neste primeiro período de treze anos, ele limitou-se a pregar e a rezar e a meditar. O único conflito que teve foi com a adoração dos ídolos. Mas depois o Profeta, que a paz esteja com ele, fugiu para Medina e tudo mudou.

Neste segundo período ele quase só falou em guerras e passou a pregar o islão com a espada na mão. Comandou pessoalmente os crentes em vinte e seis batalhas, ordenou a morte de pessoas, regozijou-se quando lhe mostraram as cabeças decapitadas dos seus inimigos e combateu os Adeptos do Livro. Agora repara: quando começou a era islâmica?"

"Foi com a Hégira."

"Que foi justamente a fuga do Profeta, que a paz esteja com ele, para Medina. Isso quer dizer que a fase de Medina é que é a do verdadeiro islão, não a fase de Meca. Se fosse a de Meca, a era islâmica teria começado com a primeira revelação. Mas não. A era islâmica só começou quando Maomé, que a paz esteja com ele, foi para Medina; só se iniciou quando o Enviado de Deus, que a paz esteja com ele, começou a pregar a guerra e a intolerância para com os Adeptos do Livro. Percebeste?"

"Sim."

"E eu pergunto-te agora: em que fase da revelação progressiva do islão está dito por Alá no Santo Alcorão que, em relação aos judeus e aos cristãos, devemos perdoar e contemporizar?"

"Na fase de Meca."

"E em que fase está dito que devemos emboscar e matar os idólatras?"

"Na de Medina, claro."

"À luz do princípio de nasikh, o que se deve concluir quanto a essa aparente contradição?"

"A fase de Medina é posterior à fase de Meca", constatou Ahmed.

"Logo, a revelação que está na sura 9 cancelou a da sura 2. É essa a ordem de Alá que permanece válida. A que se encontra na sura 9, versículo 5."

Ayman abriu os braços, fechou os olhos, levantou o rosto e, com a expressão mística de um asceta em transe, entoou o versículo que a revelação progressiva autenticara.

"«Matai os idólatras onde os encontrardes. Apanhai-os! Preparai-lhes todas as espécies de emboscadas!»”

XIII

O sino da basílica tocou compassadamente, como se marcasse o ritmo de Veneza, o som a reverberar com melancolia pela enorme praça, pontuando o farfalhar surdo das revoadas de pombos que saltitavam por entre a multidão.

"Já são sete horas", constatou Rebecca, lançando um olhar sobre a discreta Torre dell'Orologio situada em frente. "Quer ir tomar qualquer coisa?"

"Sim, porque não?", concordou Tomás. "Vamos comer um gelado?"

"Está bem. Mas depois damos um salto ao Harry's, pode ser?"

"Combinado."

Atravessaram a Piazzeta e passaram entre o Campanile e a basílica. As cúpulas brancas e arredondadas do santuário reflectiam os derradeiros raios de Sol e o lusco-fusco semeava sombras nas colunas sujas das velhas galerias que cercavam a Piazza San Marco. Toda a praça se abria num bulício nervoso; era um verdadeiro mar de pessoas, com os turistas a encherem as esplanadas e a fotografarem-se diante dos edifícios, ignorando os pombos que esvoaçavam de ponto em ponto, à cata das migalhas que lhes eram lançadas às mãos-cheias pelos venezianos.

Tomás e Rebecca tomaram o caminho de uma das esplanadas ao lado da Torre dell'Orologio, onde homens com elegantes smokings afinavam violinos, violoncelos e um piano para o concerto ao ar livre do início da noite. Contornaram a esplanada e, nas galerias veccbie, detiveram-se diante da pequena montra de gelados do Gran Caffé Lavena.

"Um chocolate ice cream", pediu ela.

Decidido a impressioná-la, Tomás optou por exibir o seu melhor italiano. Aproximou-se do balcão de estilo antigo e, espreitando a reacção de Rebecca no reflexo dos espelhos oxidados pelo tempo, lançou o pedido ao empregado.

"Per me, uno gelato di fragola, per favore."

A americana lançou-lhe um olhar surpreendido.

"Gee, não sabia que você falava italiano!"

"Oh, falo muitas línguas." Piscou-lhe o olho verde e sorriu com malícia. "Na verdade, adoro exercitar línguas!"

Atenta ao duplo sentido da graçola, Rebecca não deu parte de fraca e soltou uma gargalhada.

"Reserve a língua para o sorvete."

Com os gelados nas mãos, abandonaram o Lavena e atravessaram a Piazza San Marco em direcção à estreita passagem aberta no vértice entre o Museu Correr e as longas arcadas da Procuratie Nuove. Lá atrás, a orquestra da esplanada começou a tocar os primeiros acordes de Strangers in the Night, enchendo o ar de uma melancolia vibrante.

"Então o que faz uma mulher bonita como você na NEST?", perguntou Tomás entre duas lambidelas no gelado de morango.

"Gosto de aventura e desafio", devolveu ela, uma mão com o gelado, a outra a segurar a pasta negra de executivo. "Quando acabei o curso de Engenharia fui recrutada para a CIA e acabei sob as ordens de mister Bellamy no Directorate of Science and Technology. Depois do 11 de Setembro ocorreu um grande susto com o incidente Dragonfire, um alerta nuclear em Nova Iorque que..."

"Eu sei, mister Bellamy contou-me."

"Ah, bom. Pois, no rescaldo desses atentados percebeu-se que os terroristas muçulmanos estavam dispostos a tudo. Mesmo ao impensável. O meu governo chegou à conclusão de que um ataque nuclear terrorista se tinha tornado inevitável e decidiu reforçar a NEST. Mister Bellamy foi enviado para lá e convidou-me para me juntar à equipa. Ao fim de algum tempo, no entanto, concluiu-se que a ameaça não podia ser apenas enfrentada na América e era necessário estender a nossa área operacional ao resto do planeta. Por causa disso, primeiro fui enviada para o Afeganistão e depois para chefiar o nosso centro operacional no Sul da Europa, em Madrid."

"Porquê Madrid?"

Rebecca franziu o sobrolho.

"Você é historiador, viveu o último ano no Cairo a estudar o islão e ainda pergunta «porquê Madrid»?"

"Está a referir-se ao Al-Andalus?"

"Claro."

Tomás ficou a matutar na escolha de Madrid para a sede daquele centro operacional da NEST.

"Faz sentido", reconheceu. "Os muçulmanos ocuparam grande parte da Península Ibérica entre 711 e 1492. Quando eu estava na Universidade de Al-Azhar, no Cairo, ouvi alguns fundamentalistas falarem nostálgicamente no Al-Andalus e na necessidade de o islão recuperar a Península Ibérica." Encolheu os ombros. "Mas aquilo pareceu-me um objectivo a longo prazo."

"Está enganado."

O português olhou para a americana, que trincava já a bolacha do cone do gelado.

"Que quer dizer com isso? Acha que eles têm mesmo desígnios imediatos sobre a Península Ibérica?"

Rebecca parou de mastigar por um instante e olhou-o de soslaio.

"Você está a brincar? Claro que sim! Osama Bin Laden escreveu, e cito de cor: «Pedimos a Alá que a umma recupere a sua honra e o seu prestígio, e erga de novo a única bandeira de Alá sobre toda a terra islâmica que nos foi roubada, da Palestina ao Al-Andalus»."

"Bin Laden escreveu isso?"

"Numa carta ao grande mufti da Arábia Saudita, em 1994."

"Caramba!"

"E olhe que isto é apenas uma pequena amostra. A recuperação do Al-Andalus faz parte do discurso dos jihadistas. O braço direito de Bin Laden na Al-Qaeda, o egípcio Ayman Al-Zawahiri, declarou numa gravação difundida em 2007: «A nação muçulmana do Magrebe, zona de batalha e de jibad. Fazer regressar o Al-Andalus ao islão é um dever da umma em geral e vossa em particular.» E também o mentor de Bin Laden, Abdullah Azzam, estabeleceu ser obrigatório fazer guerra para recuperar as terras muçulmanas do Al-Andalus. Até a revista infantil do Hamas fala do assunto!"

"A sério? O que andam os tipos do Hamas a dizer às criancinhas palestinianas?"

"Que é dever dos muçulmanos recuperar Sevilha e todo o Al-Andalus. Isto para não falar, claro, do xeque Qaeadawi, líder espiritual da Irmandade Muçulmana, que escreveu que o islão foi expulso de duas regiões da Europa, o Al-Andalus e os Balcãs e a Grécia, mas ia agora voltar. Ou do xeque Al-Hawali, que, numa carta ao presidente Bush logo a seguir ao 11 de Setembro, escreveu: «Imagine, senhor presidente, que ainda choramos por causa do Al-Andalus e nos lembramos do que Fernando e Isabel fizeram à nossa religião, cultura e honra! Sonhamos reconquistá-lo!»"

"Bem, se for a ver, tudo isso não passa ainda de conversa..."

A americana imobilizou-se logo a seguir à esplanada do Caffé Florian, diante da estreita passagem que os conduzia para fora da Piazza San Marco.

"Conversa, Tom? Com esta gente não se brinca! Passámos anos a achar que era tudo conversa, que os muçulmanos falavam, falavam, mas não fariam nada e... e olhe onde essa ingenuidade nos levou!"

"Mas houve alguns passos concretos dados pelos muçulmanos fundamentalistas em relação ao Al-Andalus?"

Recomeçaram a andar e saíram da praça, virando à esquerda na direcção do cais dos vaporetti.

"Os atentados de Madrid, em Março de 2004."

"Está bem, mas isso esteve relacionado com o apoio espanhol à invasão do Iraque."

"Não, Tom. Os atentados de Madrid estiveram relacionados com os desígnios muçulmanos sobre o Al-Andalus. O apoio espanhol à invasão do Iraque foi apenas o pretexto. Não percebeu o que Bin Laden disse na carta ao grande mufti? Essa carta é de 1994, dez anos antes dos atentados de Madrid! E não ouviu o que Al-Zawahiri declarou na sua gravação de 2007? Estes são os chefes da Al-Qaeda a falar! Se eles afirmam que o Al-Andalus é para ser recuperado, pode acreditar que vão actuar em conformidade!"

"Muito bem", aceitou Tomás. "Admitamos que os atentados de Madrid estão relacionados com os desígnios islâmicos sobre a Península Ibérica. O que eu quero saber é se vocês tiveram mais alguns sinais de que os fundamentalistas tencionam agir para recuperar o Al-Andalus."

"Por acaso, tivemos."

"Quais?"

"Na Argélia existe uma organização terrorista chamada Grupo Salafista para a Pregação e o Combate. Este grupo filiou--se na organização de Bin-Laden e Al-Zawahiri e mudou o seu nome para Al-Qaeda no Magrebe Islâmico. Num atentado efectuado em 2007 em Argel, esta gente declarou: «Não descansaremos enquanto não voltarmos a ter o nosso amado Al-Andalus.» Desde então, as autoridades espanholas têm andado muito alarmadas com a actividade destes grupos. Os serviços secretos espanhóis, o CNI, detectaram a presença de um autodenominado Grupo para a Libertação do Al-Andalus na Internet. Sabe-se que mais de três mil pessoas em Espanha consultam regularmente os sites muçulmanos fundamentalistas e que quase oitenta por cento das pessoas presas nos últimos anos em Espanha por ligações ao terrorismo internacional são provenientes do Norte de África.

Isto significa que os terroristas estão a instalar células adormecidas no país. As autoridades espanholas descobriram entretanto que os muçulmanos fundamentalistas assumiram o controlo de dez por cento das mesquitas informais do país e andam a pregar em caves, garagens e locais do género. E isto não é tudo. Foram detectados muitos mudjabedin oriundos de Espanha a treinar em campos terroristas no Mali, no Níger e na Mauritânia. Também já se percebeu que uma importante parte dos mudjabedin enviados para o Iraque é oriunda de Espanha. Imagine o que eles farão com a experiência adquirida nos campos de treino do Sahel e nos campos de batalha do Iraque quando regressarem a Espanha! Não tenha ilusões, a situação é muito preocupante!"

"Não fazia ideia de que isto já estava assim..."

"A verdade, Tom, é que a Al-Qaeda acredita que toda a terra que foi

muçulmana tem de voltar a ser muçulmana. Bin Laden quer recuperar o Al-Andalus para o integrar no grande califado. O público está a ser mantido na ignorância, mas há políticos que sabem muito bem o que se passa. O antigo ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Joschka Fischer, afirmou em círculos restritos que, se Israel cair, o próximo país a ser atacado será, com toda a certeza, Espanha."

Tomás coçou a nuca.

"Pois, realmente...", suspirou. "Não há dúvida de que está montado um grande problema para Espanha."

"E para Portugal."

"Como assim?"

"Tom, você anda a dormir ou quê? Já se esqueceu do que era Portugal antes de se formar como país?"

"Você está a insinuar que a Al-Qaeda... a Al-Qaeda já tem os olhos postos em Portugal?"

Pararam os dois à porta do Harry's, a alguns metros do embarcadouro dos vaporetti.

As águas do Grande Canal lambiam a pedra do cais e as gôndolas negras passavam paulatinamente, como espectros cosidos à sombra do destino.

"Oiça lá, que territórios integravam afinal o Al-Andalus?"

"Bem, Espanha e... e Portugal, claro."

Rebecca abriu a porta do Harry's Bar e, antes de entrar, ainda olhou de relance para o historiador.

"Pois aí tem a sua resposta."

XIV

A caminho da aula, alguns dias depois da conversa no gabinete, Ahmed seguia pelo corredor quando sentiu alguém agarrá-lo pelo ombro e puxá-lo, forçando-o a virar-se. Levantou o rosto surpreendido e viu o vulto branco e esguio do professor Ayman inclinar-se na sua direcção, a barba negra a roçar-lhe o ombro.

"Estive a investigar o teu mullah", segredou-lhe ele ao ouvido. "É um sufi." Ayman endireitou-se e retomou a voz normal. "Afasta-te dele."

Logo que deu o conselho, o professor virou as costas e retomou o passo. O aluno ficou pregado ao chão, sem saber o que dizer, os olhos cravados na jalabiyya que se distanciava, incapaz de perceber o significado do que acabara de ouvir.

"Professor!", ainda conseguiu lançar na direcção do vulto. "Qual é o problema de ele ser sufi?"

Já à porta da sala, Ayman virou a cabeça para trás e lançou-lhe um sorriso enigmático.

"Já vais perceber."

A aula começou com as recitações habituais do Alcorão. Vários alunos, incluindo Ahmed, esforçavam-se por memorizar todo o Livro Sagrado e eram capazes de recitar as primeiras suras sem olhar para o texto. Mas, meia hora mais tarde, o professor anunciou que o resto da lição seria dedicado à história do islamismo, o que provocou uma vibração alegre na classe; não havia quem não gostasse dos episódios grandiosos que ele narrava com inigualável perícia.

"O islão teve nos primeiros tempos um crescimento glorioso", começou Ayman por dizer, voltando a um tema que a todos era caro naquelas aulas. "O exército do Profeta, que a paz esteja com ele, submeteu toda a Arábia à vontade de Alá, e logo a seguir, seguindo a ordem de Deus dada através do Santo Alcorão ou da sunnah, os nossos valentes mudjahedin atacaram e impuseram o islão aos países vizinhos. Foi um período de luta constante, de guerras e batalhas, mas o islão saía sempre vencedor."

"Allah u akbar!", exclamaram alguns alunos, pressentindo que vinha aí mais uma grande narrativa épica.

O professor fez sinal para se calarem.

"Ao fim de algum tempo, porém, alguns crentes mais fracos começaram a sentir-se cansados de guerra. Estavam mais preocupados com o seu bem-estar do que em obedecer às ordens de Alá no Santo Alcorão e espalhar a palavra de Deus. Quando o nosso exército conquistou povos que não eram árabes, como aqui no Egipto ou ali na Síria, esses crentes fracos tiveram contactos com os kafirun cristãos que por aqui viviam e acabaram por ser influenciados por eles."

"O que quer dizer com isso de haver crentes influenciados pelos kafirun, senhor professor?", perguntou um aluno, estranhando a observação.

"Por exemplo, viam os monges cristãos fechados num mosteiro a dizer que estavam em meditação para comungar com Deus e para encontrar a paz e o amor. Toda essa conversa influenciou os crentes fracos, muitos dos quais se puseram então a falar no amor de Alá, não na força de Alá. Nasceu assim o sufismo, um movimento que prega o amor, a paz e a espiritualidade." A cabeça de Ayman girou pela sala.

"Algum de vós por acaso é sufi?"

Três mãos hesitantes ergueram-se no ar. O professor fixou o rosto dos três alunos e esboçou uma expressão de desdém.

"Pois ficai a saber que o sufismo não é islão."

Os três arregalaram os olhos, surpreendidos. Os olhares dos colegas incidiram de imediato sobre eles, deixando-os subitamente intimidados. O que queria o professor dizer com aquilo?

"Mas eu sou crente, senhor professor", argumentou um deles, quase num queixume assustado. "Faço o salat completo, cumpro a zakat, respeito o..."

"O mero respeito de alguns preceitos do islão não faz de uma pessoa um crente", cortou Ayman, um tom agreste a ensombrar-lhe a voz. "Para se ser muçulmano é preciso respeitar todos os preceitos, sem excepção. Todos. É isso o que Alá diz na sura 4, versículo 65 do Santo Alcorão e é isso o que está estabelecido na sunnab do Profeta, como é relatado num hadith apropriado. O mensageiro de Alá comandava homens no campo de batalha e os sufis vêm agora desvalorizar a importância da guerra? Os sufis renegam o exemplo do Profeta, que a paz esteja com ele, e ainda acham que são crentes?

Acaso não está estabelecido por Alá na sura 33, versículo 21 do Santo Alcorão: «No Enviado tendes um formoso exemplo»? Se o Profeta, ele próprio, fazia a guerra e mandava degolar kafirun, não é isso um formoso exemplo? Se ele mandava matar em guerra, quem são os sufis para desvalorizar a guerra?" O olhar de Ayman cravou-se num dos outros alunos que dissera ser sufi, um rapaz gordo de grandes olhos negros.

"Onde está dito no Santo Alcorão que devemos evitar o uso da força?"

A pergunta ficou a pairar no silêncio, os olhos do professor sempre fixos

naquele aluno. Sentindo-se interpelado, o rapaz viu-se na obrigação de responder. Estava encolhido no seu lugar e, quando falou, a sua voz não passava de um fio trémulo.

"Como... como diz, senhor professor?"

"Mostra-me onde está a ordem de Alá no Santo Alcorão a dizer que devemos evitar o uso da força."

O rapaz olhou atrapalhado para o volume que tinha diante de si.

"Está ... está na... na sura 3, senhor professor."

"Recita o versículo."

O aluno não o sabia de cor e abriu o Alcorão, a mão sapuda agitando-se de nervos.

Localizou o terceiro capítulo e deslizou o indicador grosseiro pelas folhas, seguindo em silêncio os versículos sucessivos.

O processo prolongou-se, mas o professor deixou correr; aquele silêncio aumentava a intensidade dramática do momento.

"Está aqui!", exclamou enfim o aluno, um tom quase aliviado na voz. "Está aqui! E o versículo 134!"

"Recita-o."

O rapaz bufou para aliviar o nervoso miudinho, como se fosse uma máquina a vapor e tivesse de descarregar a pressão para não explodir. O corpanzil tremia-lhe e a leitura saiu-lhe aos solavancos no momento em que começou a recitar o versículo.

"«Esses que praticam a caridade, obedecendo a Deus nas alegrias e nas desgraças, que reprimem a cólera e apagam a ofensa dos homens — Deus ama os que fazem o bem!»"

"Só isso?"

O aluno gordo ergueu a cabeça; transpirava abundantemente e engolia em seco.

"Há outras suras onde... onde Alá diz o mesmo, senhor professor."

"Claro que há", assentiu Ayman, a voz gelada.

"Por exemplo, na sura 42, versículo 37, Deus promete o melhor para aqueles que se afastam dos grandes pecados e das torpezas e que, quando se irritam, perdoam»." Encolheu os ombros.

"E depois? Alá quer que haja perdão entre os crentes e que se faça o bem.

Perdoemos então e façamos o bem entre os crentes. É por isso que somos bons muçulmanos. Mas engrandecer o islão também é fazer o bem! Perdoar os kafirun que se convertam ao islão também é perdoar! Há, no entanto, limites ao perdão. Ou não há? O que diz Alá no Santo Alcorão para os que roubam? Diz para perdoar? Não!

Diz para lhes cortarem as mãos! O que diz Alá através da sunnah para as adúlteras?

Diz para perdoar? Não! Diz para as lapidarem até à morte! O que diz Alá no Santo Alcorão para os idólatras? Diz para perdoar? Não! Diz para os emboscar e para os matar! O Santo Alcorão é para ler no seu todo, a sharia é para ser respeitada no seu todo! Entenderam?"

Um murmúrio de assentimento percorreu a aula.

Apontou para o aluno gordo que regressara ao silêncio e permanecia encolhido no seu lugar.

"Os sufis enfraqueceram o islão", acusou, como se aquele rapaz representasse todos os sufis. "Quando os kafirun cruzados invadiram o islão e conquistaram Al-Quds, que Alá os amaldiçoe para sempre, alguns sufis opuseram-se ao uso da força, dizendo que a guerra pregada no Santo Alcorão não era física, mas espiritual. Esta conversa enfraqueceu o islão e foi por causa desses sufis malditos que os cruzados conseguiram humilhar a umma. E quando, mais tarde, os Mongóis atacaram e conquistaram a sede do califado, Bagdade, vários sufis repetiram a mesma heresia, afirmando que não se devia lutar com as armas, que pela força não se resolvia nada... essa conversa cristã. Qual foi o resultado disso?

Enfraqueceram de novo o islão e deixaram mais uma vez humilhar a umma! E sabem quem se ergueu contra os sufis e os denunciou como hereges? Foi Ibn Taymiyyah!

Sabem o que disse Ibn Taymiyyah?"

Encarou a classe, como se aguardasse resposta, embora todos soubessem perfeitamente que a pergunta era retórica e que ninguém iria responder.

"Ibn Taymiyyah declarou que o sufismo é um movimento cristão!" Ergueu o dedo, para sublinhar a afirmação. "Um movimento cristão! Dizem-se crentes, mas são cristãos! Tal como os kafirun cristãos, os sufis acham que, quando oram a Alá, eles estão com Alá e Alá está com eles. Onde se encontra isto escrito no Santo Alcorão? Em parte nenhuma!

Esse tipo de oração é dos kafirun cristãos, não de um verdadeiro crente! E ainda por cima os sufis puseram-se a interpelar os santos, exactamente como os infiéis cristãos e xiitas, negando assim que só existe um Deus."

Voltou a apontar para o aluno.

"Eles não passam de kafirun a fingir-se crentes! Não se deixem, pois, enganar por esses apóstatas! O Islão que os sufis pregam não é o islão que está no Santo Alcorão! Leiam o que se encontra de facto escrito no Livro Sagrado e conhecerão a palavra de Deus. Não deixem que os intermediários façam as interpretações que lhes convêm!"

A aula foi inesperadamente tensa, sobretudo devido à presença dos três alunos que se disseram sufis e da forma como o professor explicara esse movimento.

Toda a gente já tinha ouvido falar dos sufis, claro; havia até poemas sufis que se liam na madrassa ou em casa. Mas o que ninguém tinha ainda pensado é que a doutrina sufi constituía um desvio em relação ao Alcorão e à sunnah do Profeta.

Em nenhum aluno teve esta revelação maior impacto do que em Ahmed. À medida que a sala esvaziava, o rapaz ia pensando no que o professor lhe havia dito uma hora antes no corredor. O xeque Saad era sufi. Sufi! A palavra,agora amaldiçoada ecoava-lhe continuamente na mente. Sufi! O xeque Saad era sufi!

Com tanta novidade a atormentá-lo, Ahmed queria mais alguns esclarecimentos. Foi para junto do professor e aguardou que todos os colegas saíssem.

"Percebeste agora por que motivo tens de te afastar do teu mullah?", perguntou-lhe Ayman com um olhar severo.

"Sim, senhor professor. Mas ainda preciso de perceber mais algumas coisas."

A sala ficara vazia e Ayman dirigiu-se à porta para sair, acompanhado pelo seu último aluno.

"Diz lá."

"Os sufis, senhor professor. Qual a sura e o versículo do Alcorão onde se..."

"É ele!"

A voz no corredor e a imagem do grupo de polícias a cercar a saída da sala de aula paralisaram Ayman e emudeceram Ahmed, que vinha atrás e levou um instante a perceber o que se passava.

"É ele!", repetiu a mesma voz, apontando para o vulto de jalabiyya que se detivera junto à porta da sala.

Ahmed olhou para o homem que falara e apontava agora para o professor de Religião e reconheceu o emir da madrassa. Um dos polícias, decerto o chefe, fez um sinal aos seus homens.

"Apanhem-no!"

Os polícias agarraram Ayman de imediato. Um deles torceu-lhe o braço e obrigou-o a dobrar o tronco.

"O que é isto?", perguntou o professor, a voz alterada, o corpo a remexer-se num esforço para se libertar. "Larguem--me! Por Alá, larguem-me! Eu quero..."

Um polícia esmurrou Ayman no estômago e outros dois algemaram-lhe as mãos por trás das costas. Com o professor imobilizado, os polícias puxaram-no à força ao longo do corredor. Foi tudo muito rápido e Ayman acabou por tropeçar e cair com um gemido de dor, mas os polícias não se detiveram e continuaram a puxá-lo, arrastando-o pelo chão até desaparecerem lá ao fundo, ao virar da

esquina.

Aterrorizado, Ahmed tudo viu sem conseguir mexer um músculo que fosse.

XV

Uma atmosfera densa acolheu-os no Harry's Bar. O rés-do--chão formigava de gente e Tomás preferiu levar Rebecca para o primeiro andar, onde o ambiente era mais tranquilo. Sentaram-se num canto, à meia-luz amarelada, e pediram um bellini para começar.

"Não me quero queixar", observou Tomás com uma careta, "mas o Harry's Bar é mais fama que proveito." Indicou o menu. "A relação qualidade-preço deixa um pouco a desejar."

"Não se preocupe, é a NEST que paga."

"Eu sei e foi justamente por isso que fiz o comentário", riu-se. "Se isto saísse do meu bolso, eu pagava e calava!"

Rebecca ajeitou o cabelo loiro e passeou os olhos azuis brilhantes pelo restaurante.

"Mas tem de admitir que isto tem classe..."

"Não nego."

A americana encheu os pulmões de ar, como se quisesse assim inspirar toda a história do Harry's.

"Awesome!", exclamou, extasiada. "Hemingway costumava vir aqui! Já viu?"

Tomás manteve um sorriso desenhado nos lábios.

"Vocês, os Americanos, parece que têm uma fixação pelo Hemingway."

"Foi um dos nossos melhores escritores, o que quer? Mas este também era o poiso de grandes figuras europeias. Maria Callas, Onassis..."

Pegou no menu e indicou o prato mais famoso do restaurante.

"Sabia que foi aqui que inventaram o carpaccio? Fantástico, não é? Que tal pedirmos uma dose para cada um?"

"Se é a NEST a pagar..."

Instantes mais tarde já o empregado estava na posse da ordem para a refeição.

Rebecca parecia realmente excitada por se encontrar ali, mas Tomás ainda tinha a mente retida no que a americana lhe dissera antes de entrarem no Harry's.

"Acredita mesmo que os fundamentalistas islâmicos têm os olhos postos em Portugal?"

Ela fitou-o provocadoramente.

"O que acha, Tom?", perguntou em tom de desafio.

"Você é historiador e conhece o islão a fundo. Pensa que, se eles estão interessados em recuperar o Al-Andalus, se vão contentar com Espanha? Acredita mesmo nisso?"

Tomás suspirou, de repente angustiado.

"Tem toda a razão", reconheceu. "À luz do que aprendi na Universidade de Al-Azhar, a ameaça é muito mais séria do que nós pensamos." Tamborilou os dedos na mesa. "Considera que a ameaça sobre a Península Ibérica é nuclear?"

Rebecca curvou os lábios, céptica.

"Hoje em dia ninguém pode ter a certeza de nada", indicou. "Mas eu diria que, quando usarem armas nucleares, os terroristas vão procurar alvos muito mediáticos. O 11 de Setembro colocou os padrões de terror muito altos. Depois desses atentados, decerto que procurarão uma coisa ainda mais espectacular ou terrível. O nuclear é a escolha óbvia, mas podem até nem atacar com uma bomba atómica. Existem outras armas nucleares..."

O rosto do historiador abriu-se numa expressão interrogadora.

"Que outras armas nucleares? Que eu saiba as armas nucleares que existem são as bombas atómicas."

A americana abanou a cabeça.

"Há outras armas."

"A sério? Quais?"

"Olhe, um avião, por exemplo."

Tomás agitou a cabeça, num esforço para retirar sentido daquela informação.

"Não estou a perceber. De que maneira um avião pode ser uma arma nuclear?"

O empregado reapareceu com dois copos de bellini, que pousou sobre a mesa. A americana deixou-o afastar-se, provou um golo e encarou o português com os seus grandes olhos azuis.

"Imagine, Tom, que os terroristas que assumiram o controlo do voo da American Airlines que embateu na torre norte do World Trade Center, no 11 de Setembro, tinham optado por voar mais uns sessenta quilómetros para norte e atiravam o avião sobre a central nuclear de Indian Point. O que acha que aconteceria?"

Tomás arregalou os olhos, imaginando a cena.

"Eu faço-lhe um desenho", retomou ela. "Se o aparelho atingisse o sistema de arrefecimento do reactor nuclear, teríamos um meltdown que faria Chernobyl parecer um piquenique. Libertar-se-iam centenas de milhões de curies de radioactividade. Para que tenha uma ideia, estamos a falar de uma quantidade de

radioactividade centenas de vezes superior à libertada pelas bombas de Hiroxima e Nagasáqui! E isto com Nova Iorque e New Jersey mesmo ali ao lado!" "Não tinha pensado nisso..."

"Pois nós estamos a pensar. E os terroristas também. Depois de termos invadido o Afeganistão conseguimos deter um dos cérebros do 11 de Setembro, um tipo chamado Khalid Sheikh Mohammed. Sabe o que ele confessou? Revelou que o primeiro alvo dos aviões eram instalações nucleares, mas acabaram por decidir não as atacar para já. E repetiu a expressão para já."

"Caramba! Mas não são essas centrais que estão concebidas para aguentar terramotos e outros desastres?"

“É verdade, mas um avião carregado de combustível a cair em cima de uma central nuclear é coisa nunca prevista. Nenhum dos mais de cem reactores nucleares actualmente existentes na América foi concebido para aguentar o impacto de um Boeing. Nenhum. E vinte desses reactores, Tom, estão situados num raio de sete quilómetros em volta de um aeroporto. Além disso, nem é preciso o avião provocar um meltdown dos reactores nucleares. Basta que o aparelho caia no edifício onde é armazenado o combustível nuclear já gasto. O combustível poderia incendiar-se e espalhar em redor uma quantidade de radioactividade equivalente a três ou quatro Chernobyls. Seria uma catástrofe!"

Tomás bebeu de uma assentada metade do seu bellini.

"O que vale é que agora os cockpits dos aviões estão blindados", observou.

"Tomar um aparelho de assalto é hoje em dia muito mais difícil do que em 2001..."

"É verdade", assentiu Rebecca. "Mas você não está a perceber a dimensão do problema. Da mesma maneira que um avião pode colidir com uma central nuclear, um camião carregado de explosivos também pode! Para os objectivos que os terroristas pretendem atingir, é a mesma coisa! Não interessa se usam um avião ou um camião armadilhado. O que interessa é provocar uma catástrofe nuclear. E isso está ao alcance de qualquer organização terrorista suficientemente competente."

"Como a Al-Qaeda."

"Por exemplo. E o pior é que as ameaças nucleares não se ficam por aqui. Há mais armas atómicas ao dispor dos terroristas."

Tomás abriu a boca, estupefacto.

"Mais ainda?"

"Chamamos-lhes bombas sujas."

O empregado apareceu novamente, desta feita com o carpaccio e os pratos principais.

Distribuiu a comida pela mesa e sumiu-se tão depressa como aparecera.

"Os militares preferem uma designação mais sofisticada", disse Rebecca, retomando o fio à meada. "Chamam-lhes aparelhos de dispersão radiológica."

"Até parece que estão a falar de máquinas de raios X."

"E de certo modo estão. A ideia por detrás destas bombas é muito simples. Põe-se dinamite numa pasta cheia de césio e faz-se explodir. Ou enche-se um camião de TNT com cobalto e detona-se. As possibilidades são imensas e resumem-se ao conceito elementar de associar explosivos comuns a material radioactivo. É isso uma bomba suja."

"Está a dizer-me que essas bombas têm capacidade de desencadear explosões nucleares?"

"Não, claro que não. Mas se forem detonadas ao ar livre podem espalhar radioactividade por um raio de centenas de quilómetros quadrados. Já viu o impacto psicológico que isso causaria? O césio, por exemplo, emite raios gama, que podem causar danos nos tecidos biológicos, envenenamento radioactivo e cancro. Um atentado destes desencadearia o pânico generalizado, devido à ameaça invisível da radioactividade.

Provavelmente haveria até mais mortes de acidentes de automóvel provocados pela tentativa de fuga desesperada do que pela explosão ou pela radioactividade propriamente ditas. Se fosse usado material radioactivo especialmente forte, as partes da cidade onde ocorresse a explosão teriam de ser evacuadas e descontaminadas ao longo de vários meses. As primeiras camadas de solo e até a vegetação, o asfalto e o cimento teriam de ser retirados e armazenados em locais seguros. Milhares de pessoas seriam forçadas a mudar de casa e muitas nunca mais poderiam voltar. Já viu a confusão que se geraria?"

"Mas onde iriam eles buscar o material radioactivo?"

"Ora, a qualquer parte. Hospitais, por exemplo. Os aparelhos de raios X que mencionou há instantes são radioactivos. Até os detectores de fumo usados nos escritórios têm material radioactivo. Qualquer terrorista pode pegar nesse material, juntar-lhe dinamite e... bum!"

"Se é assim tão fácil, por que razão ainda não pensaram nisso?"

Rebecca recostou-se na cadeira, de repente cansada. "Já pensaram."

"O quê?"

"Em 1995, os terroristas chechenos puseram uma bomba no Parque Ismailovsky, em Moscovo. O engenho era constituído por dinamite e alguns quilos de césio-137, um material altamente radioactivo. Felizmente, em vez de o detonarem, telefonaram a uma estação de televisão local para indicar a localização da bomba. Dessa feita não quiseram provocar destruição, apenas criar medo. À luz do que aconteceu no 11 de Setembro, não sei se da próxima vez os terroristas serão assim tão escrupulosos..."

O empregado veio com os cappuccinos fumegantes e desapareceu de imediato. Tomás deitou açúcar no café e ficou a remexê-lo distraidamente com a colher, a mente absorvida pelos problemas novos que lhe haviam sido apresentados.

"Com tudo isso, desviámo-nos de Portugal", constatou.

"Pois desviámos."

"Confesso que ainda não percebi por que razão vocês me contactaram."

"Precisamos de si para perceber o que se passa em Portugal, o que estão os fundamentalistas islâmicos a fazer aí, se há alguma coisa anormal... essas coisas."

"Mas para isso tem a secreta portuguesa, o SIS."

"O SIS serve para algumas coisas, mas para outras não. Você tem relações dentro da comunidade islâmica, o SIS não tem."

O rosto de Tomás assumiu uma expressão inquisitiva.

"O que tem a comunidade islâmica em Portugal?

Aquilo é tudo boa gente. Conheço-os bem, são pessoas fantásticas e muito pacíficas, de uma gentileza incrível. A maior parte veio de Moçambique, é gente que ocupa lugares de relevo na sociedade portuguesa e, quando falamos entre nós, a questão da religião nem sequer se põe. Sabe, ponho as mãos no fogo por eles."

"É verdade que as referências que temos dos muçulmanos em Portugal são excelentes. Aliás, isso aplica-se aos muçulmanos de todos os países de língua portuguesa, como o Brasil, a Guiné-Bissau e Moçambique. Ao contrário do que acontece na maior parte dos países ocidentais, os muçulmanos em Portugal não são uma minoria ostracizada, mas cidadãos de primeiro plano, muito bem integrados e com formação superior. Ao que parece, urna importante parte até põe a lusofonia à frente do islamismo, ou pelo menos lado a lado."

"Então qual é a dúvida?"

Rebecca ficou um instante a fitar o seu interlocutor.

"Em todos os rebanhos há ovelhas ronhosas..."

"Que está a querer dizer com isso?"

A americana inclinou-se no seu lugar, pegou na pasta de executivo que pousara aos pés, pousou-a no regaço e abriu-a. Extraiu do interior um computador portátil metálico e, afastando o cappuccino para abrir espaço, instalou-o sobre a mesa.

"A Al-Qaeda gosta muito da Internet", disse, carregando no botão para ligar o portátil.

"Desde os atentados de 1998 contra as embaixadas americanas em Nairobi e Dar-es-Salaam, a organização de Bin Laden e Al-Zawahiri tem coordenado todas

as suas grandes operações através da Internet."

O ecrã do computador acendeu-se.

"Usam formas muito sofisticadas de esconder mensagens. Por exemplo, recorrem a programas de encriptação que..."

"Está a desviar-se do assunto", observou Tomás.

"Não foi isso que lhe perguntei."

"Tenha calma", pediu Rebecca. "Não estou a mudar de assunto, fique descansado. Estou antes a tentar demonstrar--lhe algo." Os vários programas do portátil encheram o ecrã do computador.

"Esteganografía. Já ouviu falar?"

A americana carregou no programa da Internet.

"Claro que sim", retorquiu Tomás, quase ofendido por uma tal pergunta lhe ser feita, a ele, um criptanalista. "É uma ideia de encriptação muito engenhosa, destinada a esconder a existência de mensagens. Como elas estão ocultas em imagens inocentes, ninguém vai lá procurar nada. Porque pergunta?"

A Internet ficou acessível no portátil e a americana procurou o Hotmail.

"Porque é uma técnica muito usada pela Al-Qaeda.

A organização do nosso amigo Bin Laden gosta de ocultar nas imagens instruções destinadas aos seus operacionais ou às células adormecidas. Ora, entre outras coisas, nós estamos sempre a vigiar endereços electrónicos suspeitos e aqueles cujas mensagens são abertas no Sul da Europa vêm-me calhar a mim."

Escreveu uma morada electrónica no Hotmail.

"Este endereço é usado pela Al-Qaeda para comunicar com as suas células adormecidas." O endereço foi aberto e o ecrã exibiu a lista de mensagens.

"Quer ver agora uma coisa curiosa?"

"Mostre lá..."

Rebecca carregou em spam, exibindo todo o lixo electrónico ali acumulado.

"Você não costuma receber muito lixo de natureza sexual?", perguntou ela.

"UU", riu-se Tomás. "Muitas propostas de operações para aumentar o meu pénis!

Como se eu precisasse..."

A americana olhou-o de relance.

"Dispenso o marketing.'" Voltou a concentrar-se nas mensagens acumuladas no spam até detectar uma em particular, intitulada naugbty redhaired.

"Repare agora nesta mensagem."

Carregou na linha e a mensagem abriu, exibindo um link para um site designado sexmaniacs. Rebecca carregou no link e o computador fez ligação ao site.

Instantes depois, o ecrã exibiu a imagem de uma ruiva a fazer sexo oral. Em

close up.

"Caramba!", exclamou Tomás, chocado com a fotografia que cobria todo o ecrã.

"Você anda a frequentar estes sites”

Rebecca revirou os olhos.

"Engraçadinho", disse. "Agora vou usar o key-tracker para identificar a password."

Ligou o software de intercepção e, em alguns instantes, o programa desvendou a chave que lhe permitia aceder à mensagem oculta. "Boa! Agora repare no que está escondido aqui dentro."

Digitou a password que o key-tracker lhe fornecera. Apareceu a ampulheta do computador a tremer sobre a imagem da ruiva de boca escancarada e, em poucos segundos, a fotografia pornográfica foi substituída por uma linha composta por letras e números.

"Bingo!"

Tomás inclinou a cabeça para a frente e, a mente a funcionar como um criptanalista, leu a mensagem que a Al-Qaeda havia escondido naquela fotografia.

6 A Y H A S 1 H A 8 R U

"Ah, então é este o e-mail da Al-Qaeda de que mister Bellamy me falou!", percebeu o criptanalista. "Mas o que tem ele assim de tão especial que requeira que seja especificamente eu a decifrá-lo?"

"Tenha calma, já vai perceber", disse Rebecca.

"Seguimos a rota desta mensagem e descobrimos que ela foi aberta por alguém, decerto o destinatário a quem a Al-Qaeda estava a dar instruções. Através da identificação do IP do computador onde a mensagem encriptada foi aberta localizámos o paradeiro da célula adormecida. Era um cibercafé. O operacional obviamente não abriu a mensagem em casa, mas num local público, de modo a evitar qualquer possibilidade de ser identificado."

"De qualquer modo, esse cibercafé dá-vos já uma localização, não é? Em que parte do mundo estava o computador que abriu esta mensagem da Al-Qaeda? No Paquistão? No Iraque?"

Rebecca manteve os olhos fixos em Tomás, de modo a medir a reacção dele ao ouvir a revelação.

"Em Lisboa."

XVI

A notícia correu célere pela madrassa: o professor de Religião tinha sido preso pela polícia. O colega sufi gordo que Ayman interpelara na sua última aula parecia aliviado e tentava convencer os amigos de que o professor havia sido preso por ter dito que os sufis não eram muçulmanos. Os companheiros de turma fingiram acreditar, mas todos sabiam que não podia ser; o professor demonstrara na aula que o sufismo ia contra o Alcorão e a sunnah. Além do mais, como poderia a polícia ter sabido e reagido tão depressa? Claro que não era por isso! Mas então porque o tinham prendido?

Foi só no dia seguinte à detenção que as coisas se esclareceram. O rumor começou a circular logo pela manhã e fazia todo o sentido.

"Anda cá", disse Abdullah logo que viu Ahmed chegar à madrassa, puxando-o para um canto do corredor. "Já sabes porque prenderam o professor de Religião?"

O recém-chegado pousou a mochila no chão.

"Há novidades?"

O colega olhou para todos os lados, uma expressão conspirativa estampada no rosto, antes de se voltar de novo para Ahmed e murmurar o segredo.

"Ele é da Al-Jama'a."

"O quê?", admirou-se Ahmed, levantando inadvertidamente a voz. "O professor Ayman?"

"Chiu!", ordenou Abdullah, olhando de novo em redor, quase alarmado. "Mais baixo."

"Desculpa", pediu Ahmed. "Mas tens a certeza?"

Abdullah fingiu-se ofendido.

"Então não tenho? Estou a dizer-te que ele é membro da Al-Jama'a al-Islamiyya."

"Ah!", exclamou o amigo, pondo a mão na boca de espanto. "Tu achas... tu achas que ele matou o... o presidente?"

Estas últimas palavras foram proferidas num sussurro tão baixo que se tornaram quase inaudíveis.

"Não sejas parvo!", retorquiu Abdullah com uma risada nervosa. "Os que mataram o faraó foram logo presos. Mas parece que o professor é militante da

Al-Jama'a e eles andam a prender toda a gente ligada ao movimento."

"Como sabes que ele é da Al-Jama'a?"

"Ouvi há pouco o emir da madrassa falar com o professor de Árabe. O nome do professor Ayman estava nas listas da Al-Jama'a."

A informação provocou grande excitação na escola, não só junto dos alunos, mas também entre professores e funcionários.

Por Alá, já viram isto?, interrogava-se toda a gente. Tivemos um conspirador a ensinar aqui na escola!

Ahmed sentia-se em estado de choque. Como era possível que tivessem detido uma pessoa tão conhecedora da palavra de Deus? A história do envolvimento do professor Ayman na conspiração para matar o presidente deixou-o pensativo. Se o professor se metera nisso, raciocinou, lá devia ter os seus motivos. A Al-Jama'a era descrita na televisão como um movimento radical por defender a aplicação da sharia, mas, aos olhos de Ahmed, isso não a diminuía; pelo contrário, enaltecia-a.

Afinal, a sharia era a lei de Alá e querer a sua aplicação devia ser um desejo natural de qualquer muçulmano! Como era possível haver muçulmanos que se opusessem à sharia?

A discussão começou à mesa quando a família almoçava.

"Estes koftas estão carbonizados", resmungou o pai, mirando com repulsa os três pastéis de carneiro picado que tinha no prato.

"Por Alá, lá estás tu!", disse a mulher, revirando os olhos de enfado. "Estão como sempre estiveram."

"Estou-te a dizer que estes koftas estão carbonizados!", insistiu o senhor Barakah, erguendo a voz. Pegou num dos pastéis e exibiu-o como prova.

"Olha para isto! Olha para isto! Isto é coisa que se apresente à mesa?"

"Se não gostas, vai cozinhar tu!", devolveu a mulher, ofendida pela crítica do marido.

O senhor Barakah ergueu-se de rompante.

Paf.

A estalada ecoou pela casa e os filhos, todos eles à mesa, encolheram-se nos seus lugares e mantiveram os olhos baixos.

"Isso é maneira de me falares?", gritou o senhor Barakah, fora de si. "Já não há respeito nesta casa?"

"És um estúpido!"

Com a violência de um touro, o marido contornou a mesa e agarrou na mulher.

"Como te atreves, mulher, a faltar-me ao respeito?"

"Larga-me! Larga-me!"

"Eu já te ensino! Eu já te ensino!"

Pelo canto do olho, Ahmed viu o pai a arrastar a mãe para fora do seu campo de visão e, instantes depois, a porta do quarto deles a fechar-se e o som de estaladas e murros e a mãe a gritar. Ninguém dizia uma palavra à mesa, aquele era um assunto tabu entre os irmãos; todos viam o que se passava mas ninguém alguma vez falara no caso.

Ahmed sentiu ganas de se levantar e ir a correr em socorro da mãe, mas conteve-se e deixou-se ficar sentado, a cabeça baixa, o coração pesado.

"Toma, sua cabra!", gritava o pai no quarto. "Eu mato-te, ouviste? Eu mato-te!"

Sons de impacto.

"Pára! Pára!"

Era a mãe a implorar.

Para se isolar dos sons brutais que lhe chegavam do exterior, Ahmed pôs-se a recitar mentalmente o Alcorão. Num esforço de se abstrair da violência e de se convencer de que o correctivo que estava a ser aplicado à mãe era justo, escolheu os versículos relacionados com o papel da mulher, e em particular o versículo 34 da sura 4.

"«Os homens têm responsabilidade sobre as mulheres, porque Deus favoreceu a uns em relação aos outros, e porque eles gastam parte das suas riquezas em favor das mulheres»", recitou num murmúrio quase inaudível. "«As mulheres piedosas são submissas às disposições de Deus; são reservadas na ausência dos seus maridos no que Deus mandou ser reservado. Àquelas de quem temais desobediência, admoestai-as, confinai-as nos seus aposentos, castigai-as. Se vos obedecem, não procureis pretexto para as maltratar. Deus é altíssimo, grandioso»."

A recitação de cor só terminou quando sentiu o pai sentar--se no seu lugar para retomar o almoço. Vinha a transpirar e com a respiração arfante. Logo que o senhor Barakah cortou a kofta e meteu metade do pastel à boca, os filhos seguiram--lhe o exemplo sem pronunciar uma única palavra. Ouviam a mãe gemer do quarto, onde o marido a confinara, mas ninguém se atrevia a fazer fosse o que fosse.

Ninguém, com excepção de Ahmed. Atormentado por aqueles gemidos que não cessavam, e apesar de saber que tal tratamento era justo e correcto, o rapaz tomou em silêncio uma decisão que iria mudar a sua vida.

Começou por evitar ficar em casa. Logo que as aulas terminavam, ia para a mesquita rezar e estudar e só chegava a casa pela noite, a tempo do jantar.

Mas em breve se interrogou quanto à sensatez da opção de se refugiar naquela mesquita. O xeque Saad era o mullab do santuário, mas sempre que o

via Ahmed lembrava-se das palavras do professor Ayman, que Alá o protegesse: o teu mullah é um sufi, afasta-te dele.

Passou a prestar uma atenção crítica a tudo o que Saad dizia. Até que um dia lhe ouviu uma oração que o fez erguer o sobrolho.

"«Meu Deus, como és bom com aquele que vai contra os Teus princípios»", rezou o xeque nessa ocasião. "«Quem Te procurou e foi renegado por Ti, ou quem procurou refúgio em Ti e foi traído, ou quem se aproximou de Ti e foi afastado?»"

Ahmed ficou a pensar nesta oração. "Meu Deus, como és bom com aquele que vai contra os Teus princípios"? Mas o que é isto? Alá é bom com quem não O respeita?

Onde estaria isso escrito?

Quando a oração terminou, Ahmed foi ter com Saad.

"Xeque, posso fazer-lhe uma pergunta?"

"Diz, rapaz."

"Que oração foi essa que o senhor recitou? Não me lembro de a ver no Alcorão..."

"É uma oração da ordem Naqshbandi."

"O Profeta recitou-a?"

Saad sorriu e contornou a pergunta.

"A ordem Naqshbandi surgiu alguns séculos depois do Profeta, rapaz." Inclinou-se para o seu pupilo, afagando-lhe o cabelo. "Estou a ver que esta oração te interessou. É bela, não é? Nela se reflecte a bondade e a tolerância do islão."

Ahmed não fez comentários, mas registou na mente o nome da ordem. À primeira oportunidade escapuliu-se para a biblioteca da mesquita e foi procurar num livro referências dos Naqshbandi.

Descobriu que se tratava de uma ordem ligada a Bahauddin Naqshband, o santo de Bucara que viveu no século XIV. A meio do texto, o livro referiu a corrente islâmica a que pertencia essa ordem. Era sufi.

"Logo vi", murmurou Ahmed, estreitando os olhos. "Logo vi!"

A associação do xeque aos sufis tornava-se-lhe agora clara, mas faltava-lhe ainda uma prova definitiva. Não foi Maomé que disse que não se pode acusar ninguém sem provas suficientes? Não foi o Profeta que exigiu até em certos casos a presença de quatro testemunhas para que ninguém fosse injustamente acusado?

A prova surgiu-lhe inesperadamente na sexta-feira seguinte. No final da oração do meio-dia, Saad aproximou-se do pupilo.

"Lembras-te daquela oração que no outro dia te deixou fascinado?"

Ahmed levou alguns instantes a perceber que o clérigo se referia à oração da ordem Naqshbandi.

"Sim...", murmurou com uma expressão velada, de modo a ocultar o que verdadeiramente pensava.

"Pois há mil maneiras de chegarmos ao Criador", disse o xeque enigmaticamente.

"A oração é apenas uma delas."

"Não entendo. O que pretendes dizer com isso?"

"Queres que eu te mostre?"

Ahmed ainda pensou em dizer que não; suspeitava daquelas novidades. Mas percebeu que estava ali uma oportunidade de ouro para melhor conhecer o seu mestre e, vencendo a relutância, acabou por aquiescer.

Nessa noite o clérigo levou-o ao coração do Cairo, o souq de Khan Al-Khalili. Metendo por uma ruela, conduziu-o a um edifício antigo com um grande pátio central coberto de cadeiras e um palco montado ao fundo. O pátio estava cercado pelos três andares do edifício, com elegantes mashrabiyya cravados nos andares superiores.

"Isto é um wikala", anunciou.

Perante o olhar inquisitivo do pupilo, percebeu que a palavra nada lhe dizia.

"Sabes que antigamente, quando ainda não havia hotéis, existiam aqui no Cairo pousadas usadas pelos mercadores que atravessavam o Sara em caravanas. Esta é uma delas."

Ahmed contemplou com desconfiança as cadeiras eo palco montados no pátio e a multidão que se aglomerava no local. Viam-se turistas kafirun a tomar alguns lugares.

"Estas pessoas não têm ar de ser caravaneiras. O que estão aqui a fazer?"

"Tem paciência e já perceberás."

Minutos mais tarde um grupo de homens com turbantes e vestes brancas ou coloridas subiu ao palco e outro apareceu nas varandas com instrumentos na mão, sobretudo tabla. Os aplausos encheram o pátio e, acto contínuo, os homens das varandas começaram a tocar e os do palco puseram-se a rodopiar ao ritmo da música. Era uma melodia estranha, quase hipnótica, com um poder que fazia vibrar o ar e reverberar as paredes do wikala.

Os dançarinos rodopiavam e rodopiavam, seguindo a cadência viciante da música, girando as túnicas como rodas, a melodia a crescer sem cessar, num frenesim empolgante, num remoinho arrebatador; eram piões, eram o vento do deserto, eram vórtices coloridos, vários corpos num movimento único, reduzidos a manchas, transformados num torvelinho, mergulhados em transe.

"O que estão eles a fazer?"

"Buscam a comunhão com o Criador." O xeque fez um gesto em direcção às figuras rodopiantes; as anteriores tinham revoluteado para fora do palco e agora eram homens com túnicas e turbantes negros que redemoinhavam em crescendo.

"Vê como é belo! Vê como é sublime! Unem-se a Deus através da música e da dança. Mas também o fazem através da meditação e da recitação. Há mil maneiras de comungar com Alá."

Ahmed fez um esgar de repulsa.

"Comungar com Alá? São cristãos?"

"Muçulmanos."

O rapaz quase abanou a cabeça em desaprovação, mas dominou-se. Onde já se vira tal coisa? Muçulmanos a comungar com Deus? Muçulmanos a usar a meditação, a música e a dança para se unirem ao Misericordioso? Onde estava isso escrito no Alcorão?

Cravou os olhos no xeque, que se mantinha preso ao bailado hipnótico dos dançarinos rodopiantes, e fez-lhe a pergunta com intensidade.

"Quem são estes homens?"

"Dervish."

"O que é isso?"

O xeque desviou enfim a atenção dos dançarinos e sorriu com bonomia para o seu pupilo.

"Ascetas sufis." A prova!

Ahmed não sabia se devia estar revoltado ou sentir-se esfuziante por ter finalmente confirmado as suas suspeitas. Mas agora não havia dúvidas. O xeque era um sufi!

O professor Ayman tinha razão!

O xeque era um sufi! E o que era um sufi senão um muçulmano submetido a influências cristãs?

Um kafir, portanto.

Isso queria dizer que ele, Ahmed, estava a ser ensinado por um kafir! Isso queria dizer que o verdadeiro islão não era aquele que o xeque lhe explicava nas suas lições. Pior ainda, o verdadeiro islão não era aquele que o mullah pregava todas as sextas-feiras na mesquita. Ele e a família estavam a ouvir uma doutrina cristã encapotada, não o verdadeiro islão! O verdadeiro islão era outro. O verdadeiro islão era o que se encontrava exposto por Alá no Alcorão e exemplificado pelo Profeta na sunnah. O verdadeiro islão era o da sura 9, versículo 5.

"«Matai os idólatras onde os encontrardes. Apanhai-os! Preparai-lhes todas as espécies de emboscadas!»"

Como poderiam os verdadeiros muçulmanos ignorar tão claras ordens de Alá?

Passou a evitar o xeque Saad e aquela mesquita.

Quando as aulas terminavam na madrassa optava por escapar-se para longe, deambulando pelas ruas do Cairo, primeiro perdido em busca de um rumo que não sabia definir, depois encontrando-se quando, a dois passos do wikala onde actuavam os dervish sufis, deparou com aquela que lhe pareceu a mais bela mesquita do souq de Khan Al-Khalili.

A grande mesquita de Al-Azhar passou a ser o seu destino depois das aulas. A hora das orações convergia para o santuário, em pleno bazar, onde recitava com redobrado vigor as orações a Alá. Os mullabs pareciam-lhe ainda demasiado desviantes, mas ao menos não eram sufis. Além disso, concluiu que o islão desviante era defeito geral no Egipto, o medo de desagradar ao governo parecia maior do que a fé desses clérigos cobardes. Para contornar o problema, concentrava a sua atenção essencialmente na recitação do Alcorão, ignorando a maior parte do sermão pregado à hora da oração.

O resto do tempo era passado entre os comerciantes do bazar. Gostava do bulício, das cores, dos aromas, da excitação, das gentes diversas que por ali passavam.

Vagueava sozinho pelo souq, embora o seu poiso habitual fosse um trecho da Sharia Al-Muizz li-Din Allah onde a certa hora pousava a longa sombra do minarete em xadrez vermelho do complexo Al-Ghouri. Ouvia da rua as vozes em coro de crianças da madrassa do complexo a recitarem o Alcorão e, sentado no passeio, entretinha-se a acompanhar a recitação. Ah, como era retemperador ouvir as palavras de Alá entoadas por aquelas vozes macias!

"Pssst!"

Ahmed voltou a cabeça, tentando perceber se era com ele. Estava sentado num degrau do acesso ao complexo de Al-Ghouri, mesmo junto à mesquita.

Havia algumas semanas que frequentava aquele trecho da rua e tornara-se notado entre os comerciantes da zona.

"Pssst! Ó miúdo, anda cá!" Era mesmo consigo.

Viu o vendedor de uma loja de cachimbos de água chamá-lo com o dedo e, após uma hesitação, foi ter com ele.

"Queres falar comigo?"

"Sim, miúdo. Como te chamas?"

"Ahmed."

"Não me ajudas a arranjar fregueses para o meu negócio?" O rapaz espreitou com curiosidade os múltiplos cachimbos de água espalhados pelo chão e pelas prateleiras.

"Eu, senhor?"

"Apesar de estarmos na Al-Muizz, os turistas raramente vêm para esta parte do souq", queixou-se o comerciante. "Preciso de alguém que os vá buscar à Midan Hussein."

Tirou do bolso uma moeda de cobre reluzente.

"Dou-te vinte piastras por cada turista que me tragas e que me compre uma sheesha."

Acenou com a moeda como se tentasse o rapaz com uma doce baklava. "Vinte piastras!"

Desconcertado com a inesperada proposta, Ahmed levantou o rosto para a tabuleta no topo da porta de entrada. Tinha escrito Arif e o adolescente presumiu que se tratava do nome do dono do estabelecimento.

"E se ele não comprar nada?"

"Bem, nesse caso não levas dinheiro, claro. Mas, se fizeres..."

"Pai!"

A voz, suave e melodiosa, veio de dentro da loja e os dois voltaram os olhos naquela direcção. Apareceu nesse instante, por uma porta atrás do balcão, uma rapariga de uns dez anos, magra e com uns olhos negros luminosos, pareciam pérolas polidas.

Ahmed sentiu um baque. Aquela menina era a criatura mais bela que alguma vez vira.

"Adara!", exclamou o comerciante. "Vai lá para dentro!"

"Mas, pai..."

"Vai lá para dentro imediatamente! Agora estou ocupado, não vês? Já te chamo."

A rapariga deu meia volta e desapareceu. Era um anjo como Ahmed jamais havia visto. E ele sabia como se chamava. Adara. Que nome tão belo e apropriado!

Adara. A palavra árabe para virgem era perfeita para criatura tão sublime. Adara...

Sem hesitar, o rapaz estendeu a mão na direcção do comerciante.

"Aceito."

Arif encarou-o e abriu a boca num sorriso feio, revelando incisivos apodrecidos.

"Excelente!"

"Vou encher-lhe a loja de clientes."

XVII

"Onde é o seu hotel?"

Tinham acabado de sair do Harry's e Tomás decidiu fazer de cavalheiro até ao fim.

"Ao pé do teatro La Fenice", disse Rebecca. "É aqui perto, não se preocupe."

"Eu acompanho-a. O meu hotel também não é longe."

Veneza à noite tinha algo de irreal, parecia um palco fantasmagórico. A luz desmaiada dos candeeiros afagava timidamente as fachadas coloridas de branco, de amarelo, de rosa. Por toda a parte viam-se lojas elegantes, alternando com restaurantes acolhedores e edifícios históricos requintadamente conservados. A multidão deambulava distraída, os olhos a saltitarem pelas vitrinas ricamente decoradas, os passos levando-as ao abandono pelo enredado de calles.

"É curioso os muçulmanos fundamentalistas usarem imagens pornográficas para esconder mensagens cifradas, não acha?", observou a americana.

"Isso tem a ver com uma ordem dada por Alá no Alcorão."

"A sério? Alá manda ocultar mensagens em mulheres debochadas?"

Tomás riu-se.

"Claro que não", disse. "Mas há um trecho do Alcorão, julgo que no capítulo 57, onde é dito: «Criámos o ferro — nele há grandes danos e grande utilidade para os homens — para que Deus em segredo conheça os que socorrem a Ele e aos Seus Enviados.» Este versículo é interpretado como uma autorização divina para os muçulmanos usarem tecnologias modernas de modo a difundirem o islão. Daí que os fundamentalistas não hesitem em recorrer a armas sofisticadas e a computadores, incluindo esses sites pornográficos. Em tempo de guerra vale tudo, é a filosofia desses tipos. Presumo até que vocês tenham detectado muita actividade na Internet..."

"Muita mesmo", confirmou Rebecca. "A Internet é hoje em dia um elemento-chave da Al-Qaeda numa série de coisas: propaganda, treino, planificação, logística... Tudo!

Eles usam-na para comunicar entre si, para mostrar vídeos de atentados, para transmitir informações, ordens e planos secretos e para atacar os computadores ocidentais. Já contámos uns cinco mil sites fundamentalistas, alguns deles com instruções pormenorizadas sobre como fabricar bombas simples. Há outros com

chat-rooms onde as pessoas fazem as perguntas que quiserem e têm do outro lado um especialista em lei islâmica a dar as respostas. Uma vez vi num desses chat-rooms um internauta fundamentalista dizer que pertencia a um grupo que estava na posse de um refém e queria saber se, à luz do islão, era permissível decapitá-lo com um serrote ou se teriam de usar uma faca ou uma espada, conforme o exemplo do Profeta..."

"E o que respondeu o especialista?"

"Disse que o exemplo do Profeta devia ser seguido, como ordena o Alcorão, e aconselhou-os a usarem a faca ou a espada."

Sem conseguir deixar de visualizar a cena, Tomás fez uma careta de repulsa e respirou fundo.

"O que fazem vocês a esses sites?"

"Encerramos uns e vigiamos outros. Temos ainda uma táctica, que é abrir sites fundamentalistas para ver quem vem ter connosco. Apanha-se assim muito peixe..."

"Miúdo, suponho."

"Claro. Os tubarões têm os seus próprios sites e só frequentam aqueles nos quais têm confiança."

"Como Bin Laden?"

"Esse já nem usa a Internet."

"Tem medo de ser apanhado?"

"Sim. Actualmente todo o núcleo duro da Al-Qaeda evita a Internet. Eles sabem que o risco é demasiado grande; a nossa tecnologia de intercepção é de tal modo sofisticada que os pode localizar a qualquer momento. Ao que sabemos, Bin Laden recorre a mensageiros para transmitir as suas ordens. Quando usa um computador, só vê informação que outros carregam para um CD ou um DVD. Nem pensar em fazer ligações à Internet."

La note xe bela, Fa presto Nineta,
Andemo in barcbeta l frescbi a chiapar.

A voz, entoando uma melodia melancólica, rompeu do estreito canal em frente.

Atraídos pela promessa de romantismo que aquele som encerrava, Tomás e Rebecca calaram-se e subiram a uma ponte que ligava os dois quarteirões separados pelo canal; a ponte era pequena e pitoresca, curvando-se em arco sobre as águas escuras.

Da penumbra líquida emergiu então uma gôndola furtiva, o gondoleiro de pé a empurrar suavemente o remo, a voz embalando os turistas que o ouviam.

Parados no topo da curvatura da ponte, o português e a americana-tinham os olhos colados à pequena embarcação, fruindo o instante. A gôndola passou por baixo da ponte, deslizando suavemente pelo canal, e a melodia ecoou pelo canal.

E Toni el so remo L'è atento a menar.
Nol varda, nol sente L'è un orno de stuco.

O vulto negro desapareceu numa curva, a voz do gondoleiro a sumir-se na distância, tão irreal que a sua passagem parecia agora não ter passado de ilusão.

"Sabe uma coisa?", perguntou Tomás, a mente voltando ao problema que o preocupava mais. "Ainda me custa acreditar que haja fundamentalistas em Portugal."

Rebecca demorou um instante a libertar-se dos efeitos inebriantes da barcarolle, a canção dos gondoleiros venezianos, e a regressar ao presente.

"Não sei porquê", disse por fim.

"Porque eu conheço a nossa comunidade islâmica. Encontro-me com eles muitas vezes, temos discussões, falamos muito. É tudo boa gente, já lhe disse."

"E eu já lhe disse que todas as comunidades têm as suas ovelhas tresmalhadas!"

"Mas neste caso não há precedentes. Nunca se viu um muçulmano português envolvido em actos de... de terrorismo islâmico. Isso é coisa impensável!"

Rebecca recomeçou a caminhar, descendo da ponte e pisando o quarteirão.

"Está enganado."

A curiosidade espevitada, Tomás lançou-lhe um olhar inquisitivo do topo da ponte curvada.

"Que quer dizer com isso?"

"Já houve fundamentalistas islâmicos oriundos de Portugal envolvidos em atentados."

O historiador desceu por fim a ponte, indo no encalço da americana.

"Está a falar a sério?"

"Claro."

"Diga-me quem!"

Rebecca continuou a andar, imperturbável, mas voltou a cabeça para trás.

"Sabe qual foi o primeiro atentado feito pela Al-Qaeda em solo europeu?"

Tomás apressou o passo e posicionou-se ao lado dela.

"Não foi o de Madrid?"

"Deve estar a gozar..."

"A Al-Qaeda atacou na Europa antes dos atentados de 2004?"

"E evidente que sim."

"Quando?"

"O primeiro ataque da organização de Bin Laden em solo europeu ocorreu em 1991. Foi em Roma. O antigo rei do Afeganistão, Mohammad Zahir Shah, na altura planeava regressar ao seu país, o que constituía uma óbvia ameaça aos mudjahedin fundamentalistas e, por arrastamento, à Al-Qaeda.

Foi nessa altura que um elemento da Al-Qaeda se fez passar por jornalista e conseguiu aproximar-se do rei. Uma vez diante dele, o terrorista sacou de uma faca e desferiu-a contra o coração do ex-monarca. O que salvou o rei foi uma caixa de prata para cigarrilhas que tinha no bolso e que impediu que a lâmina penetrasse no coração."

"Não sabia disso."

"Sabe como se chamava esse elemento da Al-Qaeda?"

A americana parou, tirou uma fotografia da pasta e voltou-a na direcção de Tomás. A imagem mostrava um homem barbudo e bem nutrido, de aspecto europeu mediterrânico, sentado numa cela. Uma legenda em baixo indicava Cárcere di Rebibbia, Roma.

O historiador encolheu os ombros.

"Ignoro."

"Paul Almida Santous."

Rebecca pronunciou o nome com um sotaque fortemente americano; da sua boca saiu um nome tão estranho que Tomás levou um instante a converter estes sons bizarros num nome português.

"Ah!...", exclamou. "Paulo Almeida Santos."

"Isso."

O historiador levou um outro longo momento a fazer a ligação entre este nome, aquela fotografia e a história do atentado em Roma.

"Está a dizer-me que... que esse terrorista da Al-Qaeda era português?"

"You bet", confirmou ela. "Os italianos prenderam-no, claro. Ele primeiro fechou-se em copas e só anos mais tarde é que aceitou falar, mas limitou-se a dizer coisas que já eram do nosso conhecimento. Mesmo assim ficámos a saber que o senhor Santos tinha treinado nos campos da organização existentes no Afeganistão e que teve três reuniões com o próprio Bin Laden para preparar o atentado."

"Desconhecia esse caso em absoluto."

"Estou a contar-lhe isto para que tenha a noção de que o trabalho que esperamos de si não é necessariamente um piquenique", acrescentou Rebecca, voltando a guardar a fotografia na pasta.

"E um facto que a comunidade islâmica em Portugal é tranquila e constituída por gente boa. Mas, tal como entre os portugueses cristãos, também é possível

encontrar entre os portugueses muçulmanos quem opte por caminhos diferentes. Ou pode pôr as mãos no fogo por toda a gente no seu país?"

"Claro que não."

"Os nossos sistemas de vigilância mostram que a mensagem que lhe mostrei no Harry's foi aberta há dois meses num cibercafé de Lisboa. O remetente é um endereço que andamos a vigiar há alguns anos e que sabemos ser apenas usado para emitir ordens operacionais de grande magnitude. Isso mostra que..."

"Se é assim", interrompeu Tomás, "porque não encerram esse endereço?"

"Porque já o temos localizado e não o queremos queimar. Se o encerrássemos, a Al-Qaeda abriria outro, provavelmente com maiores cautelas ainda, e emitiria ordens operacionais sem que pudéssemos saber nada. Tendo este endereço identificado, dispomos ao menos da possibilidade de observar o tráfego, de interceptar mensagens e de perceber se vai ou não acontecer alguma coisa."

"Estou a entender."

Rebecca calou-se por um momento, tentando retomar a ideia que expunha quando foi interrompida.

"Como eu estava a dizer, o facto de terem sido emitidas ordens através desse endereço mostra-nos que vai acontecer alguma coisa. E o facto de esse e-mail ter sido aberto num computador cujo IP está num cibercafé de Lisboa mostra-nos que os operacionais a quem foram dadas as ordens se encontram em Portugal."

"Acha, portanto, que vai ocorrer um atentado em solo português..."

"Isso já não sei", retorquiu ela. "Só há uma maneira de responder a essa pergunta, não lhe parece?"

"Qual?"

"Decifre a mensagem que lhe passei há pouco. Tudo depende do que estiver contido nela."

Tomás meteu a mão ao bolso e extraiu o bloco de notas. Folheou-o e localizou a página para onde havia copiado a linha de letras e números que se encontrava oculta sob a imagem pornográfica.

6 A Y H A S 1 H A 8 R U

"Não há forma de vocês me arranjarem a chave desta cifra, pois não?"

A americana soltou uma gargalhada.

"Se a tivéssemos, Tom, pode acreditar que já a teríamos usado!", exclamou.

"Oiça, o e-mail contém sem dúvida ordens operacionais. Essa mensagem foi aberta em Lisboa, o que significa que este atentado pode envolver o seu país. Se eu fosse a si, sabe o que fazia? Metia horas extraordinárias para decifrar o que aí

está escrito!"

"Oiça, eu sou apenas um historiador. Porque não entregam antes este assunto ao SIS?"

"Já entregámos."

"E eles?"

Rebecca revirou os olhos.

"Não sabem nada."

"Mas o que disseram eles?"

"Que a comunidade muçulmana portuguesa é muito pacífica e que não há problemas."

"E têm razão."

A americana apontou para o papel que Tomás mantinha entre os dedos.

"Acha que sim? Se têm razão, então quem foi que usou um cibercafé de Lisboa para abrir a mensagem da Al-Qaeda que escondia essa cifra? O menino Jesus?"

O português parou para reler a linha que tinha anotado no bloco de notas. Dois segundos depois, fechou o bloco com um gesto decidido e arrumou-o de novo no bolso.

"Não sei", disse. "Mas acredite que vou descobrir."

XVIII

O homem era loiro, de pele avermelhada pelo sol, e olhava com interesse para os produtos expostos ao longo da ruela adjacente à Midan Hussein.

"Mister! Mister!", chamou Ahmed com um sorriso encantador ao acercar-se do potencial cliente.

"Venha ver a gruta de Ali Babá!"

"Ai sim?", sorriu o ocidental. "O que tem ela de especial?"

"Está cheia de tesouros."

A vida de Ahmed depois das aulas passou a ser deambular pelas ruelas do souq em busca de clientes ocidentais. Sabia um inglês elementar com jargão para turistas que Arif lhe ensinara e que foi aperfeiçoando no contacto com os estrangeiros. Muitos ocidentais achavam-lhe graça e deixavam-se arrastar pelo labirinto do Khan Al-Khalili até à loja dos cachimbos de água, quase à sombra do minarete de Al-Ghouri.

Havia dias em que angariava tantos clientes e recebia por isso tantas piastras que chegava a somar cinco ou dez libras egípcias.

"Masba'allab!, Ahmed! Masbaallah!"

Arif, o dono da loja, mostrava-se de tal modo satisfeito com o desempenho do seu jovem angariador que passou a chamar-lhe o meu menino.

Convidava-o para almoçar à sua mesa, na copa, de onde Ahmed espreitava amiúde as mulheres a comer na cozinha. Arif tinha várias filhas, todas elas esbeltas e ruidosas, mas o rapaz só parecia ter olhos para a bela Adara. As mulheres mantinham-se à parte, mas sempre que a rapariga, por qualquer motivo, se aproximava, Ahmed corava e baixava o rosto.

Desde que começara a trabalhar para a loja dos cachimbos de água, jamais trocara uma palavra com ela. Astuto, como bom comerciante que era, Arif acabou inevitavelmente por notar o interesse que o seu protegido nutria pela filha. Não ficou aborrecido. Não tinha a certeza de que Ahmed fosse a pessoa ideal para Adara, menina que considerava especialmente rebelde, mas também era verdade que não estava certo do contrário, pelo que decidiu acompanhar o pupilo com atenção.

O comportamento que ao longo do tempo foi observando em Ahmed agradou-lhe.

Descobriu que o rapaz, como bom muçulmano, gastava parte do dinheiro que ganhava na zakat, as esmolas que distribuía aos necessitados. Ahmed limitava-se a cumprir com zelo os ensinamentos do xeque Saad, uma vez que percebera já que a maior parte do que o mullab lhe explicara não eram necessariamente ideias sufis, mas o verdadeiro islão. E foi esse islão que Arif descortinou em Ahmed. O Alcorão e a sunnab do Profeta ordenavam a generosidade e o respeito pelos outros, virtudes que começavam justamente pela distribuição desinteressada da zakat pelos desfavorecidos. Ahmed orgulhava-se de ser o mais crente de todos os crentes, pelo que nunca descurava esta obrigação, facto que não passou despercebido a Arif.

Alá ordenara também o respeito pela família e Ahmed, apesar de evitar passar tempo em casa, entregava à mãe a parte que lhe restava do dinheiro ganho no souq.

"Onde arranjaste isto?", perguntou-lhe a mãe da primeira vez que o filho lhe estendeu duas notas de uma libra.

"No souq", respondeu com honestidade, tal como ordenado por Alá no Alcorão. "A trabalhar numa loja de sheesha."

Os pais encolheram os ombros à novidade e deixaram-no fazer como quisesse; desde que frequentasse a madrassa e fosse passando de ano, para eles estava tudo bem.

Mas Arif, a quem nada escapava, chegava já a conclusões.

"O que achas de Adara?"

A pergunta de Arif apanhou Ahmed de surpresa. A rapariga acabara de passar pela copa e o seu admirador secreto seguira-lhe o vulto com mal disfarçado interesse.

"Hã?", exclamou o rapaz, atarantado, como se tivesse sido apanhado com a mão nas baklavas.

"Adara. O que pensas dela?"

Ahmed corou e, sentindo-se desnudado pelos olhos perscrutadores do patrão, baixou os olhos. "Eu... eu... não sei."

"Não sabes? Então não a vês? Ora essa, ela acabou de passar por aqui..."

O adolescente manteve-se muito quieto no seu lugar, horrorizado com a forma tão transparente como se deixara ler.

"Gostarias de casar com ela um dia?"

Ahmed ergueu os olhos, uma centelha de esperança a iluminar-lhe o rosto.

"Eu?"

Arif riu-se.

"Sim, tu. Quem haveria de ser? Achas que darias um bom marido para Adara? Ela é uma boa rapariga."

Com o coração a ribombar-lhe no peito e a garganta estrangulada pela emoção, o rapaz apenas conseguiu balouçar afirmativamente a cabeça e deixar escapar pelos lábios um fiozinho de voz.

“Sim”.

"Terás de a domar, claro. A minha filha é um pouco rebelde e precisa da mão firme de um homem. Sentes-te à altura dessa tarefa?"

O fiozinho de voz voltou:

"Sim."

"Isso implica que sejas sempre um bom muçulmano, não um mole como esses kafirun que aqui me trazes à loja. Achas que posso estar descansado quanto a isso?"

Neste ponto a voz de Ahmed ganhou corpo e firmeza; isso de bom muçulmano era algo que estava determinado a ser ao longo da vida, custasse o que custasse.

"Com a graça de Deus não o desiludirei!"

Arif soltou uma gargalhada e deu-lhe uma palmada nas costas. O acordo estava selado; agora era apenas deixar que Ahmed e Adara crescessem.

Crescer foi coisa que os dois se encarregaram de fazer sem que ninguém lhes desse ordens para tal.

Nos anos seguintes a vida de Ahmed centrou-se na madrassa de manhã e no souq à tarde. Foram tempos de maturação e experiência.

O contacto com os turistas provocava no rapaz uma repulsa que se esforçava por ocultar. Desaprovava a forma desnudada e imodesta como as mulheres ocidentais se apresentavam em público; elas atreviam-se mesmo a expor os ombros e as coxas, pareciam verdadeiras mulheres de rua, ordinárias e desavergonhadas. Não tinha sido o Profeta que ordenara o decoro? Onde estavam os véus que as protegiam dos olhares ínvios? Por vezes observava até casais de turistas a andarem de mão dada em público!

Encolhia os ombros, num misto de fúria e resignação. Eram kafirun, o que se havia de fazer?

Os relatos sobre os cruzados é que falavam verdade, concluiu. O professor Ayman, que Alá o protegesse onde quer que o tivessem encerrado, é que tinha razão, confirmou. Esta gente bárbara desconhecia as mais elementares regras de decência e boa conduta, não passavam todos de animais entregues aos instintos mais primários. Os kafirun pareciam ricos, claro; mas nem por isso eram mais do que meros selvagens. Que diferença entre essa gente e Adara, por exemplo! Os meses haviam-se feito anos e o corpo de Adara evoluíra de menina para uma mulherzinha.

Logo que teve a primeira menstruação, o pai ordenou-lhe que se cobrisse

quando saísse à rua, não fosse a nudez da sua pele leitosa desencadear involuntariamente a excitação sexual dos homens.

Ahmed aprovou esta decisão com todo o coração; não tinha sido o Profeta que, segundo um hadith, havia dito que "quando uma mulher atinge a idade da menstruação não é adequado que ela exiba partes do seu corpo, excepto isto e isto", apontando para o seu rosto e mãos? As mulheres kafirun não passavam de umas ordinárias, enquanto bastava pousar os olhos na filha de Arif para perceber a modéstia e o decoro que caracterizavam as crentes. Que contraste! As kafirun exibiam o corpo despudoradamente, enquanto Adara saía totalmente coberta, como o mensageiro de Deus requeria.

O problema é que, com o tempo, a rapariga pareceu dar alguns sinais de rebeldia e, a certa altura, começou a escolher certos adereços que pareciam pouco apropriados ao rapaz a quem estava prometida. Ahmed calou-se de início, mas, quando estes comportamentos se tornaram demasiado ostensivos, chegou o momento em que não se conteve e decidiu chamar a atenção de Arif.

"Adara vai sempre à rua adequadamente coberta", observou certo dia ao almoço, medindo as palavras com cuidado. "Mas, há pouco, vi-a sair e fazer uma coisa que chama um pouco a atenção dos homens."

"O quê?", alarmou-se Arif, preocupado com a reputação da filha. "O que a viste fazer?"

"Levava saltos altos", denunciou Ahmed, baixando a voz. "Deixa os homens imaginarem-lhe as pernas..."

O patrão deu um murro na mesa, subitamente irado.

"Por Alá, isso não pode ser! Quando essa rapariga voltar vou ter uma conversa com ela!" "Ela tem de andar de sapatos baixos." Ergueu o indicador.

"E há outra coisa: cheirava a champô perfumado. Isso é perigoso! Distrai a mente dos homens, afastando-os de Alá e inspirando-lhes fantasias pecaminosas."

Arif levantou-se de rompante, incapaz já de conter a justa indignação de pai ultrajado.

"Tens razão", vociferou. "Quando ela chegar vai receber um correctivo! Não quero poucas-vergonhas na minha casa!"

O contacto com os ocidentais expôs Ahmed a algumas ideias novas. Certo dia, quando seguia pelas ruas do souq em direcção à loja dos cachimbos de água, ouviu um dos turistas perguntar-lhe o que achava do governo do Egipto. O rapaz riu-se e encolheu os ombros.

"Eu não acho nada, mister. Sou um simples muçulmano."

"Mas não gostarias de ter democracia no teu país?"

A pergunta extraiu uma expressão vazia de Ahmed.

"O que é isso, mister?"

Foi a vez de o turista se rir.

"Democracia? Nunca ouviste falar de democracia?"

"Eu não, mister."

"É tu poderes escolher o teu presidente", explicou o europeu. "É tu teres uma palavra a dizer na forma como se governa e se fazem as leis do teu país. Não gostavas?"

"Mas para que preciso eu disso, mister?"

A pergunta pareceu ao turista tão ingénua que o deixou por momentos desconcertado.

"Sei lá, para... para poderes substituir o teu presidente, por exemplo. Olha, imagina que achas que ele está a governar mal. Em vez de o teres a mandar para sempre, podes tirá-lo e pôr lá outro que governe melhor."

"Mas ele não vai deixar, mister."

O turista riu-se outra vez.

"Claro que não! É por isso que precisas de leis democráticas, que permitam substituí-lo. Não gostavas de as ter?"

"Nós não precisamos de novas leis, mister", retorquiu Ahmed, abrandando o passo porque estavam prestes a chegar à loja dos cachimbos de água. "Para nos governar já temos as leis apropriadas."

"Quais? As destes ditadores que mandam em vós?"

O rapaz apontou para cima.

"As de Alá."

Com o tempo foi-se apercebendo de que o souq estava cheio de polícias. Alguns andavam uniformizados, eram facilmente detectáveis. Mas havia outros que circulavam à paisana, se misturavam na multidão e se infiltravam por toda a parte; pareciam formigas.

Ahmed tomou pela primeira vez consciência de que andavam por ali quando viu uns desconhecidos a apreenderem produtos espalhados por um vendedor sobre um tapete no passeio — camisas de marca, rádios, perfumes.

"Contrabando", explicou-lhe, lacónico, Arif, encostado à porta a acompanhar a cena.

Sentado no degrau da loja dos cachimbos de água, Ahmed observava surpreendido os homens a algemarem o comerciante que havia sido apanhado em flagrante.

"Mas qualquer pessoa pode prendê-lo?"

Arif riu-se.

"Estes tipos não são pessoas quaisquer, rapaz", disse, suficientemente baixo

para apenas ser escutado pelo seu jovem empregado. "São polícias."

O incidente despertou Ahmed para uma nova realidade. Havia polícias à paisana a circular pelo bazar. Daí em diante começou a estar mais atento a tudo o que se passava em seu redor. Sempre que via esses polícias actuar e deter alguém, parava para os observar com cuidado. Registava os rostos, as atitudes, as expressões, o que diziam, o modo como andavam, a forma de olharem.

Começou assim a distinguir as características que os diferenciavam. Percebeu que esses homens não eram sorridentes ou espontâneos como as outras pessoas que se viam no souq; em vez disso tinham um rosto tenso, grave, compenetrado.

Apresentavam também uma maneira característica de caminhar; não o faziam com uma descontracção natural, embora se esforçassem por parecê-lo, antes revelavam uma rigidez que não conseguiam ultrapassar.

Ahmed aprendeu desse modo a reconhecê-los, e sobretudo a evitá-los. O seu negócio era angariar clientes para a loja e procurava fazê-lo bem. Apesar de estar a lidar com kafirun, não achava o trabalho totalmente desagradável.

Alguns turistas mostravam-se amigáveis e uns davam-lhe até baksbeesh de cinquenta piastras ou mesmo uma libra, mas o rapaz não se deixava enganar.

Tinha sempre bem presente o aviso de Deus na sura 5, versículo 51 do Alcorão: "O vós que credes! Não tomeis a judeus e cristãos por confidentes: uns são amigos dos outros. Aquele de entre vós que os tome por confidente será um deles."

A amizade com os Adeptos do Livro era assim proibida por Alá e Ahmed não o esquecia. Daí que, quando o viam passar pelas ruelas labirínticas do souq com um casal de turistas no encalço e lhe perguntavam para onde ia, tinha sempre a mesma resposta na ponta da língua:

"Vou levar este cão kafir e a sua prostituta para o Inferno!"

XIX

O grupo de jovens palmilhava as ruelas em declive, apreciando as fachadas pitorescas das casas com as flores nas varandas e as roupas coloridas a secarem às janelas. Em alguns cantos cheirava a vinho, por influência das tabernas àquela hora ainda encerradas, e noutros a urina; eram os efeitos da folia nocturna. À frente do grupo, o professor ia chamando a atenção para os pormenores que deveriam observar.

"Já não existem aqui casas mouriscas", explicou Tomás aos seus alunos da disciplina de Estudos Islâmicos. "Mas, se repararem bem, Alfama mantém um certo ar de casbab, não acham?"

Os alunos assentiram, as cabeças voltadas em todas as direcções. A maior parte da classe era muçulmana, mas alguns revelavam-se cristãos ou agnósticos movidos pela curiosidade. Desceram as escadarias e dobraram a igreja, alcançando o terraço do Miradouro de Santa Luzia. Os múltiplos telhados vermelhos e o distante caudal azul do Tejo abriram-se diante dos seus olhos, mostrando-lhes Lisboa antiga em todo o seu esplendor.

"Pintarola!", exclamou um dos estudantes.

Deixaram-se ali ficar, a descansar e a contemplar a magnífica vista da cidade. A mente do professor, porém, fervilhava de ideias. Desde que voltara de Veneza que andava a imaginar qual a melhor forma de interpelar os seus alunos muçulmanos sobre questões políticas, e em particular as relacionadas com o fundamentalismo islâmico. O problema é que não via maneira satisfatória de o fazer. O assunto era totalmente estranho às aulas e aqueles jovens, despreocupados e alegres, pareciam-lhe ter tanta relação com o fundamentalismo como a água com o azeite.

Mas, que diabo!, o facto é que aquele e-mail da Al-Qaeda fora aberto em Lisboa.

Era fundamental que começasse a fazer perguntas, mesmo às pessoas mais improváveis.

Como os seus alunos muçulmanos.

Foi por isso que decidiu sair da faculdade e dar aquela aula ali, ao ar livre, visitando Alfama e a Mouraria, os bairros da antiga Lisboa muçulmana.

Sabia que só nesse contexto conseguiria criar um ambiente propício às

questões que precisava de levantar.

O estudante mais próximo de si era Suleiman, um rapaz tranquilo cujos pais, de origem indiana, tinham vindo de Moçambique na década de 1960 e se tinham tornado advogados de grande nome em Lisboa.

Tomás viu ali a sua oportunidade.

"Suli, viste ontem as notícias?"

O aluno desviou os olhos da paisagem lisboeta.

"Sim, claro. Porquê?"

"Grande chatice, aquilo na índia, hem?"

Suleiman suspirou e fez uma interjeição com a língua.

"Nem me fale nisso."

"Já viste o que lhes deu? Saíram às ruas e puseram-se a disparar sobre toda a gente..."

"São malucos. Doidos varridos."

Três gaivotas aproximaram-se do miradouro em voo rasante e a grasnar sem parar, obrigando alguns jovens a encolherem-se. Seguiram-se algumas risadas e piadas trocadas entre eles a propósito do incidente.

Tomás deixou passar uns segundos antes de voltar à carga.

"E se isso acontecesse aqui?"

"O quê?"

"Os atentados, Suli. Imagina que esses tipos, esses fundamentalistas, pegavam em armas e... sei lá, vinham aqui para Alfama, por exemplo, e começavam a matar toda a gente que lhes aparecia pela frente. Já viste a confusão que era?"

Suleiman fez um ar interrogativo.

"O professor está a falar a sério?"

"Ó Suli, quem nos garante a nós que isso não acontece aqui? No fim de contas, há fundamentalistas em toda a parte, não é verdade? Basta um punhado deles para lançar o caos..."

"Nós estamos em Portugal!", devolveu o rapaz, como se esse facto fosse, por si próprio, eloquente. "Aqui não há dessa gente!"

"Como podes ter a certeza disso?"

Uma expressão baralhada perpassou pelo rosto do estudante.

"Porque... não sei, porque... ora, porque isso saber-se-ia", gaguejou.

"Saber-se-ia como?"

"Quer dizer, eu já teria ouvido alguém falar nisso, por exemplo. Ou alguém já teria comentado alguma coisa. Sabe, a conversa dos fundamentalistas é uma coisa que se nota, não passa despercebida..."

"E tu nunca ouviste nada?"

"Claro que não."

Tomás olhou em redor. "Nem o resto do pessoal?"

Suleiman virou também o rosto para o grupo e, com descontracção, lançou a pergunta.

"Malta! Alguma vez alguém ouviu... sei lá... alguém escutou um caramelo qualquer a falar de... de jihad, ou coisas no estilo?"

O grupo assumiu uma expressão de perplexidade.

Mas um deles, o Alcides, deu um passo em frente, o rosto muito compenetrado.

"Eu já."

Tomás arregalou os olhos.

"A sério? Quem?"

Alcides estreitou os olhos, assumiu uma pose de conspirador, olhou em redor e, assegurando-se de que ninguém o ouvia fora do grupo, inclinou-se para a frente e murmurou com ar muito compenetrado:

"O Sylvester Stallone. No Rambo."

A conversa desfez-se em galhofa.

XX

"Vou levar este cão kafir e a sua prostituta para o Inferno!"

Andava havia três anos a responder a mesma coisa sempre que o interpelavam em árabe no souq a caminho da loja dos cachimbos de água com um casal de turistas no encalço.

Só que, certo dia, aconteceu uma coisa inesperada.

Ahmed tinha já quinze anos e percorria o Khan Al-Khalili com perfeito à vontade, como se sempre tivesse ali vivido. Nessa tarde decidiu ir ao El Fishawy angariar turistas. O café mais antigo do Cairo situa-se numa ruela estreita e movimentada por trás da Midan Hussein. É um estabelecimento com história, distinguindo-se por uma atmosfera exótica que um dia atraíra até o próprio rei Faruk e que parecia ser do agrado dos kafirun.

Os turistas refastelavam-se nos sofás e nas cadeiras do El Fishawy para fumar sheesha ou beber chá aromático, apreciando a decoração requintadamente deteriorada do café e o burburinho agitado no souq. A viela era uma passagem estreita, protegida do Sol inclemente por enormes toldos, mas focos de luz esgueiravam-se pelos cantos e faziam brilhar a poeira e o fumo perfumado dos cachimbos de água, formando no ar diamantes cintilantes e assumindo tonalidades fantásticas num incessante jogo com as sombras.

Depois de passar os olhos pelos clientes instalados no exterior do El Fishawy, a atenção de Ahmed prendeu-se num casal que fumava sheesha numa salinha interior. "Mister, está boa a sheesha?"

O americano levantou o polegar direito e piscou o olho.

"Excelente."

"Gostaria de comprar um cachimbo de água ainda melhor do que esse?"

O turista soltou uma gargalhada.

"Gee, nem aqui vocês nos deixam em paz!"

"Mas, mister, é a mais antiga loja de sheesha do Cairo!" Apontou para a fotografia que o El Fishawy expunha na parede com o rei Faruk sentado numa mesa do café. "Até o rei ia lá abastecer-se!"

Era tudo mentira, claro. O estabelecimento de Arif estava longe de ser antigo e muito menos tivera visitantes ilustres, mas aquelas palavras pareciam funcionar junto de muitos turistas e estes não seriam excepção. Depois de

trocarem algumas palavras, Ahmed apercebeu-se de que se tratava de americanos. O homem era um loiro falador, mas a mulher, de tez trigueira e grandes óculos escuros, permanecia calada, para agrado do jovem egípcio. A americana teve o cuidado de manter o recato, o que lhe parecia de louvar; afinal as mulheres sempre têm de saber ocupar o seu lugar. Assim sendo, Ahmed apenas tivera de conversar com o marido em inglês, acabando por convencê-lo a visitar a loja de Arif para ver o que pomposamente designou como "os cachimbos de água mais procurados do Cairo".

O guia e os clientes saíram do El Fishawy e calcorrearam apressadamente as ruas do souq. Já na movimentada Sharia Al-Muizz li-Din Allah, a principal rua do Cairo medieval, viraram em direcção ao complexo Al-Ghouri. O minarete pintado com os motivos de xadrez vermelho funcionava como um farol, uma vez que era à sombra dele que se encontrava a loja dos cachimbos de água de Arif, e passaram pelo velho vendedor de especiarias que há anos fazia a Ahmed a mesma pergunta galhofeira.

"Onde vais tu tão apressado?"

Sem se deter, Ahmed lançou a resposta habitual.

"Vou levar este cão kafir e a sua prostituta para o Inferno!"

Alguns passos adiante, o guia apercebeu-se de que o casal parara atrás dele. Parou também e deu meia volta, sem compreender qual era o problema.

"Então, mister? O que se passa?"

Para espanto de Ahmed, quem respondeu não foi o americano, mas a mulher.

"O que nos chamaste?"

Ahmed ficou boquiaberto. A americana falara. Em árabe.

"Como disse?"

"Eu perguntei-te o que nos chamaste", repetiu ela, a voz cortante e fria.

O rapaz abanou a cabeça, tentando reordenar os pensamentos. A americana dirigira-se a ele num árabe fluente, embora com um inconfundível sotaque estrangeiro; pareceu-Ihe libanês. E o que dissera ele que suscitasse aquela pergunta naquele tom?

Fez um esforço para reconstituir o minuto anterior.

Vinha ele a andar pela ruela, desaguara na rua principal, vira o velho do costume sentado no sítio de sempre, o velho perguntara-lhe onde iam e ele dera-lhe a resposta habitual, ia levar o cão kafir e a sua prostituta para...

Por Alá! A cadela kafir entendera!

"O que se passa?", interrogava-se o americano em inglês, sem nada compreender.

"Porque parámos?"

O homem manifestamente não falava árabe, confirmou Ahmed. Só a mulher.

Ela continuava a fitar o rapaz de um modo intenso e o jovem, passada a surpresa de perceber que as suas palavras haviam sido compreendidas, devolveu-lhe o olhar sem se mostrar intimidado. Pelo Profeta, nenhuma mulher o faria vacilar!

"O que nos chamaste?", insistiu a turista.

"Chamei-vos o que vocês são!", disse Ahmed, olhando-a nos olhos com uma expressão de desafio.

"O que se passa, sweetie?", voltou o americano a perguntar, pressentindo que algo não estava bem."Explica-me."

Sem descolar os olhos de Ahmed, a mulher falou em inglês.

"Este tipo chamou-te cão infiel a ti e prostituta a mim." O homem arregalou os olhos, perplexo e embasbacado, duvidando até de que ouvira bem.

"O quê?"

"É o que te digo, Johnny. Ele insultou-nos."

Passado o pasmo inicial, o rosto do americano enrubesceu e, com um gesto rápido e inesperado, esbofeteou Ahmed.

Paf.

"Como te atreves?", rosnou, subitamente enraivecido.

Apanhado de surpresa, o rapaz caiu no chão e sentiu o americano aproximar-se.

"Porco árabe!" Seguiu-se um pontapé, que passou de raspão nas costas do guia.

"Toma! Quem pensas tu que és?"

O medo de Ahmed tornou-se subitamente fúria. Ergueu-se de um salto e atirou-se às cegas sobre o americano, socando-o consecutivamente, de qualquer maneira, umas vezes acertando-lhe no rosto ou no corpo, outras atingindo o ar, mas sempre a socar, num frenesim furioso, imparável, louco. Deixou de ver bem, tudo o que registava era uma refrega raivosa, via uma mão, um rosto, o chão, uma loja, um pé, uma mão, tudo numa sequência imparável, numa confusão indescritível, numa cólera descontrolada.

"Cão kafir!", vociferou no meio daquele caos enfurecido. "Que Alá te envie para o fogo eterno!"

Gerou-se um pequeno tumulto em plena rua. Ahmed sentiu inicialmente que a violência do seu ataque apanhara o adversário em contrapé, embora ao cabo dos primeiros golpes ele tenha começado a reagir.

Redobrou a fúria do assalto, numa tentativa de decidir logo a contenda, mas o seu novo ímpeto foi inesperadamente interrompido por duas mãos duras como ferro que o puxaram pelo ar.

"Larga-o!", ordenou uma voz em árabe. "Larga-o!"

Ahmed sentiu o braço direito rodar e quase explodir de dor, preso atrás das

costas. Levou um murro no estômago e a dor transferiu-se para aí, aguda e devastadora. Contorceu-se sobre si próprio e bateu com a testa no chão. Sentiu dois pontapés nas costelas e um no nariz. Tentou abrir os olhos e viu tudo vermelho; era o sangue que lhe jorrava abundantemente pela cara. Mas no meio de toda aquela barafunda conseguiu vislumbrar de relance os homens que intervieram e, reconhecendo os rostos sérios e compenetrados, percebeu que estava perdido.

Eram polícias à paisana.

O juiz tinha um ar algures entre displicente e indiferente no momento em que ergueu o martelo de madeira e olhou para o rapaz que, do banco dos réus, o fitava com assustada ansiedade.

"Por ofensas à integridade física de um turista e à integridade moral de uma mulher", proclamou apaticamente, "condeno o arguido, Ahmed ibn Barakah, a três anos de prisão!"

O martelo caiu com estrondo na mesa.

Pak.

Acto contínuo, um polícia puxou-o pelos ombros e Ahmed mal teve tempo de ver a mãe esconder a cara para ocultar as lágrimas, o pai estremecer de vergonha nas bancadas semidesertas do tribunal e Arif abanar a cabeça de desalento. Num piscar de olhos saiu da sala de audiências e foi arrastado pelos corredores deslavados e opressivos até ao carro celular, onde o aguardavam os outros condenados do dia. Fazia calor, como sempre no Cairo, mas o que lhe ardia nesse dia era a alma. De medo e de indignação.

Sentou-se no carro celular, os olhos perdidos no infinito, enquanto aguardava que chegassem ainda mais condenados e os levassem para a cadeia. Três anos de prisão por ter posto na ordem um kafir e a sua prostituta! Três anos! Mas que país era aquele que dava mais importância a dois kafirun que a um crente? Ainda por cima, ele limitara-se a responder às agressões de um desses cães! Abanou a cabeça, num misto de indignação e de comiseração. Queriam lá ver aquilo? Um kafir já era mais importante do que um crente! Como era possível?! Um kafir tornara-se mais importante do que um crente! Por Alá, onde aquele país já chegara!...

Aos olhos de Ahmed, o seu julgamento resumia-se a uma narrativa de simplicidade arrepiante. O turista americano não passava afinal de um jornalista que estivera a cobrir a guerra civil no Líbano. Viera ao Cairo com a sua meretriz libanesa, uma cadela cristã decerto apaniguada dos malditos Gemayel, e, por vingança pelo justo correctivo que lhe fora aplicado, usara toda a sua influência para arregimentar a embaixada americana e pressionar a condenação de um

crente. O governo, constituído evidentemente por fantoches dos Americanos, vira-se decerto forçado a meter-se ao barulho e pressionara o tribunal. O juiz tinha tido medo e condenara-o. Realmente, só assim se conseguia entender que o juiz desse mais importância a um kafir do que a um crente.

Ah, enquanto aquele governo existisse não se ia a lado nenhum! Não fora aquela gente que tivera o desplante de ir a Al-Quds e fazer a paz com os sionistas? O faraó Sadat dera a cara, mas Mubarak também estivera envolvido na traição, o apóstata! E o que era o pequeno Ahmed diante de tão grande afronta? Se tiveram a falta de vergonha de irem à terra dos kafirun abraçar os sionistas, o que lhes custava mandar um pobre e humilde crente durante três anos para a cadeia por se ter defendido de um cruzado?

O sentimento de revolta levou Ahmed a pensar numa coisa que um outro turista lhe dissera. Qual fora a palavra que ele utilizara? Democracia, não fora? Ele perguntara se Ahmed gostaria de ter democracia no Egipto. Claro que na altura tinha ido ver essa palavra à enciclopédia. Democracia. Com base no que lera, tinha percebido que isso significava organizarem-se umas eleições e ir toda a gente votar num novo governo.

A ideia, assim à primeira vista, não lhe parecia má de todo. Teria de verificar com um mullab, claro; não com um desviante sufi, mas com um verdadeiro crente. O facto é que, se houvesse eleições, poderia votar contra Mubarak e os seus esbirros e toda aquela miserável corrupção que os arrastava pela decadência. Em vez daqueles vermes, poderiam pôr no governo gente séria e honesta, bons muçulmanos que respeitassem a sharia e a vontade de Alá e distribuíssem zakat pelos necessitados e fizessem frente aos kafirun que humilhavam a umma. Sim, talvez fosse disso mesmo que o Egipto precisava. Democracia.

XXI

A vida de Tomás retomou a rotina de sempre. Dava aulas de História na Universidade Nova de Lisboa e fazia consultoria na Fundação Calouste Gulbenkian, curiosamente na mesma rua da faculdade. Aos fins-de-semana ia a Coimbra visitar a mãe ao lar; quando a encontrava mais lúcida levava-a a passear pela Baixinha ou à beira-rio, junto à ponte pedonal.

A novidade na sua vida chegava por telefone.

Rebecca Scott telefonava-lhe com frequência de Madrid para saber se ele tinha conseguido quebrar o segredo da mensagem cifrada que ela lhe mostrara em Veneza ou se obtivera progressos nos seus inquéritos sobre os muçulmanos fundamentalistas em Portugal.

"Descobri alguns sítios em Lisboa onde se fala muito em jihad", anunciou Tomás.

"Ai sim? Onde?"

"Os cinemas que passam os filmes do Chuck Norris", gracejou, ecoando a piada de Alcides.

"Olhe que faz mal em levar as coisas para a brincadeira", repreendeu-o a americana do outro lado da linha. "Isto é muito sério!"

As conversas entre os dois limitavam-se às questões do trabalho relacionado com a NEST, mas Tomás tinha a intuição de que ela usava o assunto como pretexto para falar com ele. Era verdade que a intuição nunca fora o seu forte e poderia até dar-se o caso de ele estar a imaginar coisas, mas era um facto que as conversas telefónicas com Rebecca lhe deixavam essa impressão.

As revelações de Veneza pareceram-lhe na altura de grande gravidade, mas agora, ali na tranquilidade mansa de Lisboa, espreguiçando-se na placidez soalheira dos dias mornos, aquelas ameaças terríveis afiguravam-se-lhe fantasiosas. Para todos os efeitos, decidiu não deixar o assunto morrer por completo. Bem vistas as coisas, a NEST começara a pagar-lhe um salário, modesto é certo, mas suficientemente interessante para o convencer de que tinha de apresentar serviço.

Começou por isso a frequentar as mesquitas com regularidade. Às sextas-feiras o seu poiso principal tornou-se a Mesquita Central, à Praça de Espanha, tão acessível por se encontrar quase ao lado da faculdade e da Gulbenkian. Foi

recebido pelos muçulmanos que a frequentavam com um misto de surpresa e satisfação; não era habitual ver por ali gente de olhos verdes.

"Quer tornar-se muçulmano?", perguntaram-lhe com frequência nas primeiras vezes.

"Não, não. Estou aqui só para ver."

Com o tempo começaram a meter-se com Tomás, em particular os moçambicanos e os guineenses que com ele se cruzavam durante as abluções antes da oração.

"Então quando é que o professor declara a sbabada?", perguntavam-lhe na brincadeira, referindo-se à declaração de aceitação de que existe apenas um Deus e de que Maomé era o Seu Profeta.

De início ria-se e mantinha a versão de que estava ali apenas para ver, mas sentiu que também precisava de se tornar brincalhão e um dia decidiu ir a jogo.

"Ando a pensar nisso", respondeu dessa vez.

Esta réplica foi diferente da habitual, o que suscitou a curiosidade dos seus bem-dispostos interlocutores.

"A sério, pá?"

"Pois", confirmou. "Desde que descobri que os muçulmanos podem ter várias mulheres que não penso noutra coisa!"

Seguiu-se a gargalhada geral, acompanhada de muitas palmadas nas costas.

"Depende das gajas", contrapôs um moçambicano de mãos mergulhadas na água.

"Há mulheres que a malta paga para se ver livre delas, caraças!"

Novas gargalhadas.

"Agora a sério", insistiu o historiador. "Existe alguém que seja casado com várias mulheres?"

"Aqui em Portugal?", perguntou um guineense que aguardava a sua vez nas abluções.

"Era bom, era!"

"Aqui não há haréns", confirmou o moçambicano, agora a lavar os pés. "O pessoal respeita a lei. Que remédio!"

Tomás descobriu que este ambiente descontraído era o ideal para criar a atmosfera propícia às perguntas de maior alcance sem correr riscos de ofender ninguém. Passou a usar os gracejos cúmplices entre homens, sobretudo a propósito das mulheres, para sondar o terreno de um modo mais eficiente.

"Quem tem grandes vidas são esses fundamentalistas, hem?", passou a dizer na sequência das piadas sobre os haréns. "Esses é que só obedecem à sharia e casam com todas as miúdas que querem..."

"Podes crer, meu. Podes crer."

"Gostava de conhecer malta dessa. Será que vocês me podem apresentar alguém?"

Sempre que lhes fazia este pedido, os muçulmanos portugueses riam-se.

"Só na Arábia Saudita, pá", tornou-se a réplica mais comum.

"Tens de perguntar ao Bin Laden!", era outra resposta habitual.

Só quatro semanas depois de voltar de Veneza, e após mais um telefonema de Rebecca a questioná-lo sobre os resultados do seu trabalho, é que abriu o bloco de notas e fixou os olhos na mensagem cifrada que a Al-Qaeda ocultara debaixo da fotografia pornográfica da ruiva de boca escancarada.

6AY-H A S 1 H

Começou por ler a linha em voz alta, procurando respeitar as sílabas.

"Seis ay has um ha oito ru." Calou-se, num esforço para discernir o sentido do que lera. "Que raio quererá isto dizer?"

Era um feriado e dispunha de todo o tempo do mundo para resolver aquele mistério. Coçou a cabeça. Assim à primeira vista, aquilo parecia-lhe claramente uma... Rrrrrrrrr ...

O som fê-lo endireitar a cabeça. Era o estremecer mudo do telemóvel. Meteu a mão no bolso e extraiu o aparelho.

"Está lá?"

"Boa tarde. É o professor Noronha?"

"Sim. Quem fala?" "Daqui Norberto."

Tomás fez um esforço de memória, mas o nome não lhe dizia nada.

"Desculpe, não estou a ver..."

"Norberto Mamede. Sou seu aluno na faculdade, em Estudos Islâmicos."

"Ah!", exclamou, batendo com a palma da mão na testa. "Norberto! Desculpa, tinha a cabeça noutro lado. Está tudo bem, rapaz?"

A voz na linha hesitou.

"Mais ou menos, professor."

"Então? O que se passa?"

Norberto fez uma curta pausa antes de responder.

"O professor lembra-se daquela aula que deu no outro dia, quando nos levou a passear por Alfama e pela Mouraria?"

"Sim..."

"Lembra-se de ter feito perguntas sobre os... enfim, sobre os fundamentalistas?"

O coração de Tomás deu um salto. Sentou-se devagar no sofá e empurrou o auscultador do telefone o mais possível contra o ouvido, para se assegurar de que estava a ouvir bem.

"Sim..."

"Pois... a coisa é que eu recebi agora um telefonema e... não sei bem o que fazer, não sei a quem me dirija.... Lembrei--me da sua conversa no outro dia e decidi ligar-lhe, não sei se fiz bem."

"Fizeste bem, Norberto", assegurou-lhe. "Fizeste bem. Comigo estás perfeitamente à vontade. Conta lá, que telefonema foi esse que recebeste?"

A voz do aluno voltou a hesitar.

"O professor lembra-se do Zacarias?"

"Quem? Aquele moço de barbas que andou lá na faculdade no ano passado?"

"Sim, esse mesmo! Lembra-se dele, não lembra? Foi ele que me ligou."

"E então?"

"O Zacarias sempre teve a mania que era mais-muçulmano do que o resto do pessoal, mais isto, mais aquilo, chateava-se quando nos via a beber cerveja... enfim, ele era rigoroso no cumprimento dos nossos costumes. Acontece que o Zacarias desapareceu no ano passado e nunca mais deu notícias. Confesso que não liguei muito a isso, o gajo às vezes era até um bocado chato. Mas ontem à noite, estava eu a jantar, tocou o telefone. A minha mãe foi atender e disse que era uma chamada de longa distância para mim. Quando peguei no telefone percebi que se tratava do Zacarias."

"Ah. O que te disse ele?"

"Pareceu-me assustado e queria ver se eu o podia ajudar a voltar a Portugal."

"Mas por que razão estava ele assustado?"

"Acho que os tipos com quem ele anda são fundamentalistas."

"Ai sim?"

"A ligação não estava boa, havia muitas interferências na linha, mas pareceu-me que ele disse uma palavra... enfim, uma palavra que me acagaçou um pouco, confesso. Ainda estou nervoso."

"O quê? O que disse ele?"

Norberto suspirou para ganhar coragem.

"Terroristas."

XXII

A porta da cela era metálica e, quando o guarda a abriu, Ahmed viu um mar de cabeças e de corpos voltar-se na sua direcção; o guarda empurrou-o para o interior da cela e a porta fechou-se atrás dele. Um forte fedor a fezes infestava o ar pesado e viciado da cela. Fazia um calor insuportável e o recém-chegado depressa percebeu que era difícil conseguir mexer-se no meio daquela multidão. Os prisioneiros pareciam enlatados, todos comprimidos uns contra os outros.

"Quem és tu, irmão?", perguntou um dos companheiros de cela, um velho de barbas brancas.

Ahmed apresentou-se e, respondendo ao questionário cerrado a que o submeteram, explicou por que motivo havia sido preso. A dado ponto da narrativa elevou-se entre os restantes prisioneiros um leve clamor de aprovação, em apoio aos insultos e aos murros que haviam estado na origem da detenção.

"Estes kafirun têm de aprender que não podem vir aqui à nossa terra comportar-se como cruzados", observou o homem das barbas brancas, arrancando novo coro de assentimento. "Fizeste bem, irmão."

A cela tinha o piso forrado a azulejo branco, com duas pequenas janelas quadradas no tecto e uma retrete no canto.

Era realmente difícil mexerem-se naquele espaço, havia gente a mais. Quando Ahmed comentou o assunto, recebeu como resposta uma pergunta inesperada: "Tens dinheiro?"

O recém-chegado olhou desconfiado para o homem que lhe fizera a pergunta.

"Porque queres saber?"

"Porque o dinheiro compra favores. Tens dinheiro?"

Ainda sem entender o propósito da pergunta, Ahmed extraiu do bolso uma moeda de vinte piastras. Os olhares em redor tombaram na moeda como abutres.

"Não chega", disse o homem. "Tens mais?"

Do bolso saiu com hesitação mais uma moeda de vinte piastras.

"Quarenta piastras. É capaz de chegar." O homem aproximou-se da porta da cela e gritou: "Guarda! Guarda!"

Instantes mais tarde abriu-se uma janelinha na porta e o guarda, um homem gordo e mal barbeado, espreitou para a cela.

"O que querem?"

"Não se consegue respirar aqui. Abre a porta durante dez minutos, por favor."

"O que ganho eu com isso?"

O homem virou a cabeça e olhou para Ahmed.

"Mostra-lhe."

Percebendo enfim o que se estava a passar, o novo recluso exibiu as duas moedas ao guarda.

"Quarenta piastras."

A fechadura rodou com três clacs sonoros, a porta foi aberta e o ar fresco jorrou para dentro da cela como um rio. O interior tornou-se de repente mais respirável e menos abafado e uma frescura agradável acariciou os rostos magros e transpirados.

Mas durou pouco este bálsamo. Dez minutos mais tarde, o guarda aproximou-se e trancou de novo a porta. A armadilha voltara a fechar-se. O alívio só voltou ao cair da noite, quando a porta da cela se abriu de novo e os prisioneiros foram encaminhados como cordeiros pelos corredores da prisão. Assustado, Ahmed bateu no ombro do prisioneiro que caminhava à sua frente e perguntou-lhe para onde iam.

"É o jantar."

Desembocaram de facto num salão com uma grande mesa e três guardas sentados nas pontas. Os reclusos formaram uma fila e, um a um, aproximaram-se dos guardas. Quando chegou a vez de Ahmed, o guarda, percebendo que tinha diante dele um novo preso, olhou-o dos pés à cabeça, como se o inspeccionasse.

"Ya ibn al Kalb, ismakeb?", perguntou. "Filho de um cão, como te chamas?"

"Ahmed ibn Barakah."

O guarda estendeu-lhe um prato de alumínio e mandou-o sentar-se. Um cozinheiro aproximou-se com um grande tacho e despejou-lhe arroz, couves e queijo de ovelha no prato. Como não lhe entregaram talheres, Ahmed viu-se forçado a comer com as mãos; mas não se incomodou. Afinal, era assim que o Profeta comia. E ele tinha muito orgulho em comer como o mensageiro de Deus.

No final do jantar, os reclusos foram devolvidos à sua cela, situada no segundo andar do edifício. A sensação de claustrofobia voltou quando a porta foi fechada. Era já noite cerrada e os presos deitaram-se no chão de azulejo, tentando dormir. A impressão de que não passavam de sardinhas enlatadas tornou-se nesse instante mais forte e, esquadrinhando a cena em torno dele, Ahmed apercebeu-se de que cada pessoa só tinha espaço suficiente para ocupar dois azulejos e meio. Sentia pés a tocarem-lhe na cabeça e os seus próprios pés encontravam-se à cabeça de outra pessoa.

Tentou abstrair-se disso e adormecer.

Não conseguiu. Por mais que se esforçasse por dormir, o facto é que permanecia acordado. Que estava ali a fazer?, interrogava-se continuamente. Como fora possível tudo aquilo ter acontecido? Queria ir para casa, queria frequentar a madrassa, queria percorrer o souq em busca de clientes para a loja dos cachimbos de água, queria deleitar-se com a figura de Adara à hora do almoço na cozinha de Arif. Por Alá, perdera tudo isso! E agora? Que seria da sua vida? Sentiu as lágrimas a inundarem-lhe os olhos e os soluços a escaparem-se-lhe pela boca.

Tudo aquilo era culpa do governo, concluiu. Seria admissível que, no seu próprio país, um kafir fosse mais importante do que um crente?

Dava voltas e mais voltas no seu estreito lugar, o sentimento de injustiça a ensombrar-lhe o coração.

No tempo do Profeta, pensou, nada daquilo teria acontecido. Se levasse o seu caso directamente ao apóstolo de Deus, decerto Maomé não só o ilibaria de toda a culpa como o cumprimentaria por não ter deixado que um kafir o humilhasse! Quantos crentes haviam sido perdoados por terem morto muitos kafirun? Não seria ele, Ahmed, perdoado por ter defendido a sua honra? Não, em definitivo o governo estava nas mãos dos kafirun!

A certa altura sentiu a bexiga apertar e teve necessidade de urinar. Levantou-se e saltitou entre os corpos deitados até chegar junto da retrete. O fedor a fezes era ali especialmente forte; havia uma nuvem de moscas a zunir em torno da latrina e Ahmed teve pena dos que estavam deitados naquela zona. Como era possível dormir ali? É verdade que junto à retrete havia mais espaço do que no resto da cela, o que não admirava: todos iam para o mais longe possível da imundice. Mesmo assim, e porque havia gente a mais, alguns não encontravam outro espaço que não fosse aquele.

Ahmed urinou longamente para o buraco fétido e, a tarefa cumprida, foi a saltitar de regresso ao seu lugar. Quando lá chegou, porém, percebeu que o seu espaço desaparecera, os corpos tinham-se encostado de modo a ocupar a vaga que deixara aberta. Procurou noutro canto, mas era a mesma coisa. Não havia espaço. Andou de um lado para o outro, o desespero a crescer, mas estava toda a gente encostada, não havia azulejo visível que pudesse ocupar.

"Queremos dormir", protestou uma voz, incomodada com aquele vulto que andava por toda a parte.

"Não tenho lugar", queixou-se Ahmed.

Seguiu-se um coro de chius irritados.

"Vai-te deitar!"

O novo recluso olhou mais uma vez em redor, já desesperado. Foi então que

percebeu como aquilo funcionava. Claro que havia espaço. Claro. Era onde se deitavam aqueles que não encontravam lugar. Resignado, derrotado e horrorizado, Ahmed saltitou devagar entre os corpos por uma última vez e, com um esgar enojado, deitou-se no único espaço que havia disponível. Ao lado da retrete.

Quando acordou na manhã seguinte, Ahmed iniciou uma rotina que se prolongaria enquanto estivesse na cadeia de Abu Zaabal. Os presos da sua cela foram arrebanhados pouco depois da oração do amanhecer e levados para a cantina, onde lhes foi servido o pequeno-almoço. Eram favas cozidas com pão. Logo nessa primeira manhã, ao mergulhar os dedos no empapado das favas, sentiu um objecto sólido escondido no meio da comida. Estranhou e extraiu o objecto do meio das favas.

"O que é isto?", perguntou, exibindo o que parecia ser um pequeno tubo.

Os parceiros do lado, dois irmãos chamados Walid, riram-se.

"Uma beata", disse um deles.

Sem acreditar, Ahmed aproximou o tubo do nariz e cheirou. Tinha o odor a cinza e a tabaco; era realmente uma beata.

"Que porcaria!"

"São os guardas", acrescentou o outro irmão Walid, encolhendo os ombros. "Põem nojeiras na comida para nos chatearem..."

Ahmed aprendeu logo ali que as refeições em Abu Zaabal eram sempre uma caixinha de surpresas. Podia não encontrar nada, como acontecera na véspera ao jantar, embora também houvesse sempre a possibilidade de aparecerem as coisas mais inesperadas. O mais comum eram pequenas pedrinhas ou areia misturada com comida, mas corriam histórias de reclusos que tinham ouvido guardas gabarem-se de escarrar para a panela quando estavam constipados. O pior, porém, vinha a seguir ao pequeno-almoço. Os presos eram levados para um pátio no segundo andar do edifício onde os guardas os obrigavam a correr às voltas, no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio. Se alguém abrandava era de imediato insultado e açoitado por um grande cinto nas mãos de um guarda. Ahmed não percebia o propósito daquela cena, mas corria como os outros e, também como os outros, levava uma ocasional vergastada. Só ao final da manhã o grupo era reconduzido à cela. Não foram necessários muitos dias para Ahmed começar a encarar aquele reduzido espaço sobrepovoado, irrespirável e malcheiroso como uma bóia de salvação. O que quando chegou lhe parecia absolutamente insuportável foi-se-lhe afigurando pouco a pouco como um verdadeiro oásis. Já lhe haviam explicado que aquela cela fora concebida para vinte pessoas, mas estavam ali sessenta; a informação escandalizara-o na altura,

mas já deixara de o chocar agora. A cela tornara-se um refúgio.

Viveu cinco meses assim. Dormia mal, a comida não prestava, sofria com saudades da vida que perdera e de vez em quando era agredido pelos guardas.

Preencheu uma requisição especial e a família foi autorizada a enviar-lhe pequenas quantias de dinheiro, o que lhe permitia comprar cigarros, verduras, queijo e melancias na cantina. Como ninguém tinha faca, as melancias eram esmagadas contra o chão para poderem ser abertas.

Ao longo deste período a única coisa que o alegrou foi uma carta que recebeu de Arif. O

antigo patrão endereçou-lhe uma missiva terna e calorosa, chamando-lhe meu filho e assegurando-lhe que no seu coração nada mudara e que o acordo que haviam feito três anos antes permanecia válido. Adara estava-lhe prometida e seria sua, acontecesse o que acontecesse.

Até que um dia, a meio de uma corrida em círculos no pátio com os guardas a vergastarem com os cintos os reclusos que se atrasavam, um funcionário da cadeia apareceu no local.

"Ahmed ibn Barakah!", chamou, lendo o nome num papel. Como ninguém respondeu, repetiu o nome, mas dessa vez mais alto: "Ahmed ibn Barakah!"

Ahmed arfava pesadamente, o rosto a escorrer suor e as roupas coladas ao corpo com a transpiração, e só à segunda chamada percebeu que era consigo. O que lhe quereriam dessa vez? Teria feito algum disparate? Iria ser sujeito a mais alguma punição? Ainda pensou em deixar-se ficar, em fazer-se despercebido, mas depressa concluiu que isso seria pior; se o viessem a castigar, castigá-lo-iam com mais dureza por desobediência.

Abrandou por isso, e, ofegante, apresentou-se diante do funcionário que berrara o seu nome.

"Sou eu", disse por entre golfadas de ar, o peito a inchar e a esvaziar-se. "Ahmed ibn Barakah."

"Vai à tua cela buscar as tuas coisas e apresenta-te dentro de cinco minutos no pátio central", ordenou, virando-se de imediato para o pátio de modo a continuar a chamada: "Mohammed bin Walid!"

Foi assim, sem perceber bem o que se passava, que Ahmed foi metido num carro celular, juntamente com outros oito reclusos, e pelas grades da janelinha viu o complexo prisional de Abu Zaabal ficar para trás. Vislumbrou o edifício da prisão, mas também o hospital e a escola, com a aldeia de Abdel Moneim Riad lá ao fundo, até que a nuvem de pó erguida pelo carro tudo tapou e os prisioneiros se acomodaram nos seus lugares.

Entre eles estavam os irmãos Walid.

"Será que nos vão libertar?", perguntou um deles, esperando contra a esperança.

"Não pode ser", disse Ahmed, mais para manter as expectativas baixas. "Ainda me falta cumprir pena."

"A mim também", disse o segundo irmão.

"E a mim", acrescentou um outro preso.

Depressa perceberam que todos os que iam no carro celular ainda tinham tempo para cumprir, o que lhes ensombrou a esperança. Se não era para os libertar, para que os haviam tirado de Abu Zaabal?

Um dos reclusos que seguia no carro celular olhou para os seus companheiros um a um e o olhar iluminou-se-lhe.

"Vocês já repararam numa coisa?"

"O quê?"

"Somos todos da Irmandade Muçulmana." Olharam uns para os outros, reconhecendo a sua filiação no grupo radical islâmico. "Pelo Profeta, tens razão!"

Ahmed afinou a voz.

"Eu não."

Olharam-no com curiosidade.

"O que fizeste para ser preso?"

"Bati num kafir", disse, com orgulho. "E o tribunal, em vez de me proteger a mim, um crente, protegeu o kafir, que Alá o amaldiçoe para sempre!"

Um coro de aprovação percorreu o carro celular.

"Falas e comportas-te como um verdadeiro crente, meu irmão", declarou um dos seus companheiros de viagem com uma certa solenidade respeitosa. "Podes não ser da Irmandade Muçulmana, mas é como se fosses."

A descoberta de que os que ali seguiam pertenciam à mesma organização islâmica ou partilhavam as mesmas ideias deixou-os algo apreensivos. Tornara-se evidente que o facto de todos respeitarem o Alcorão e a sunnab do Profeta tinha sido um critério para serem seleccionados e retirados de Abu Zaabal. Isso levantava importantes questões. Que se passava? O que lhes iriam fazer? Para onde seguiam?

Com crescente ansiedade, puseram-se a espreitar lá para fora, tentando descortinar o caminho.

Perceberam que desciam pela província de Qaliubiya na direcção do Cairo.

Duas horas depois já a grande cidade havia ficado para trás e acercavam-se de Maadi, a sudeste da capital. Foi então que repararam numa tabuleta com a inscrição. Tora.

"Que Alá Ar-Rabim, o Misericordioso, se apiede de nós", murmurou um dos reclusos ao ver a inscrição.

"Porquê?", alarmou-se Ahmed, interrogando-o com o olhar. "Conheces este lugar?"

"Sim."

"E então? Para onde vamos?"

O homem que falara afastou-se da janela do carro celular e sentou-se no seu lugar com um suspiro prolongado, os olhos baixos e conformados, o ânimo pesado.

"Para o inferno."

XXIII

Optou de início por manter secreta a informação. Rebecca voltou a ligar de Madrid, mas Tomás nada lhe disse sobre a conversa com Norberto. Queria primeiro apurar algumas coisas e certificar-se dos factos antes de revelar o que quer que fosse.

A primeira prioridade foi localizar a família de Zacarias. Norberto não tinha o contacto do seu antigo colega, que lhe ligara de um número não identificado, pelo que o professor precisava de encontrar outro caminho. Procurou as fichas dos alunos do ano anterior e folheou-as até chegar ao registo do estudante desaparecido. A pequena folha rectangular com o logótipo da faculdade identificava Zacarias Ali Silva e tinha colada ao canto uma fotografia tipo passe colorida, mostrando um rosto coberto por uma barba negra encaracolada que o envelhecia prematuramente.

Tomás pegou no telemóvel e ligou para o número de telefone registado na ficha.

"Está lá?", respondeu uma voz feminina do outro lado da linha.

"Bom dia, minha senhora. Será que posso falar com o Zacarias?"

"O Zacarias não está."

"Daqui fala o professor Noronha, da Universidade Nova de Lisboa. Tenho muita urgência em chegar à fala com o Zacarias. Será que me pode dizer onde o posso localizar?"

"O meu filho não se encontra no país."

"A senhora é a mãe?"

"Sou, sim."

"Muito prazer, minha senhora. Eu dei aulas ao Zacarias no ano passado e a senhora está de parabéns, tem um filho muito esperto."

A voz do outro lado quase ronronou de prazer.

"Obrigada."

"Quando é que o Zacarias volta?"

"Só daqui a uns meses."

"Ah, que maçada! Tenho tanta urgência em falar com ele... Não haverá nenhuma maneira de o contactar?"

"Bem... o meu filho foi estudar para o Paquistão. Agora é um pouco difícil

chegar até ele."

"Mas o Zacarias não deixou nenhum contacto?"

"Deixou, claro."

"E será que... que mo poderia dar?" A mãe fez uma pausa de hesitação antes de responder.

"Antes de partir, o meu filho pediu-nos que não lhe ligássemos."

"Ai sim? Porquê?"

"Oh, manias dele! Sabe como é, esta rapaziada hoje em dia quer é fazer o que lhe apetece..."

"Então como fala a senhora com o seu filho?"

"O Zacarias às vezes telefona-nos."

"E o contacto que ele lhe deui? Não o usa?"

"Este número é só para coisas muito urgentes. Ele foi muito insistente. Só deveríamos ligar-lhe em caso de uma grande emergência."

"Bem... este caso é uma grande emergência. Será que mo pode dar?"

A voz feminina voltou a fazer uma pausa.

"Isso não sei."

Tomás respirou fundo. Percebeu que teria de ser persuasivo se queria chegar a algum lado.

"Oiça, minha senhora", disse, a mente freneticamente à procura da mentira mais convincente e sedutora que conseguisse imaginar.

"Eu preciso mesmo de chegar à fala com o Zacarias. Abriu-se agora uma.., uma grande oportunidade profissional para ele e temos de actuar com enorme rapidez."

A senhora adoptou um tom distante, desconfiado até.

"Será que me pode explicar do que se trata?"

A mentira teria mesmo de ser boa, percebeu Tomás.

"Bem, passa-se o seguinte. Eu dou aulas na faculdade, mas também trabalho na Gulbenkian. A fundação está ligada ao negócio do petróleo, não sei se sabe..."

"Toda a gente sabe."

"Acontece que eles estão à procura de uma pessoa versada em estudos islâmicos para chefiar o seu departamento de relações com o mundo islâmico. Sabe como é, a Gulbenkian acha que nada melhor do que um muçulmano para falar com outro muçulmano, parece que isso facilita os negócios lá no Médio Oriente. A pessoa que desempenhava essa função, um muçulmano muito respeitado, morreu subitamente e eles precisam de um substituto com grande urgência. Está a ver, trata-se de um trabalho que lida com muitos milhões, não é verdade? Como calcula, a responsabilidade é enorme e... e estamos a falar de um trabalho principescamente pago." Disse estas últimas palavras num tom de

confidência, como se estivesse a partilhar com ela um grande segredo. "Ora eles vieram falar comigo e eu sugeri-lhes o Zacarias. Agora, se eu não o encontrar... lá se vai a oportunidade..."

O silêncio voltou ao outro lado da linha, desta feita um pouco mais prolongado do que as pausas anteriores.

"Eu vou ali buscar o número do Zacarias."

Os algarismos já estavam registados no bloco de notas e Tomás ficou um instante a contemplá-los. Depois levantou-se e foi buscar a lista telefónica. Localizou as páginas das ligações internacionais e só parou quando chegou ao Paquistão. Olhou de novo para o número que a mãe de Zacarias lhe havia dado.

00-92-42-973...

O indicativo nacional, 92, era mesmo do Paquistão.

Fixou o indicativo de área e percorreu a lista dos indicativos por cidade, obviamente estabelecida por ordem alfabética.

Faisalabad 41

Islamabad 51

Karachi 21

Lahore 42

Reteve o olhar neste último indicativo, 42, e verificou mais uma vez o número que lhe havia sido dado. 00-92-42-973... Lahore.

O número de emergência de Zacarias era de Lahore. Conhecia a cidade de nome e de múltiplas referências históricas, mas percebeu que não era capaz de a situar no mapa. Pegou no atlas e procurou as páginas da Ásia. Encontrou o Paquistão e deslizou o indicador até Lahore. Ficava perto da fronteira com a índia, constatou.

Ainda hesitou em relação ao que deveria fazer de seguida. A hipótese mais simples era entregar já o assunto a Rebecca e ao seu pessoal da NEST. Mas, se calhar, o melhor seria mesmo certificar-se de que estava numa pista correcta, não se fosse dar o caso de lançar um falso alarme. Poderia ser embaraçoso. Além do mais, Zacarias conhecia-o a ele, não a uns americanos que lhe aparecessem pela frente. Vencendo as derradeiras reticências, pegou no telemóvel e digitou o número. Da linha vieram os sons das ligações a serem estabelecidas e finalmente do aparelho a chamar.

Trrrr-trrrr... trrrr-trrrr...

"Salaam", soltou uma voz masculina do outro lado.

"Hello?", perguntou Tomás em inglês. "Será possível falar com Zacarias Silva, por favor?"

"Muje angrezee naheeng aateel"

O homem não falava inglês, percebeu. Tentou por isso em árabe, mas a

resposta veio novamente em urdu. "Kyaap aap ko urdu atee hay?"

O português suspirou, impaciente com aquela conversa de surdos. Assim não iria lá.

"Zacarias Silva", disse, repetindo a seguir o nome próprio sílaba a sílaba. "Za-ca-ri-as!"

"Zacareya? Zacareya?"

"Isso! Isso!", entusiasmou-se. "Ele está?"

O paquistanês retorquiu com uma algaraviada em urdu tão longa que deixou Tomás sem saber como responder.

"Zacarias!", foi tudo o que conseguiu dizer mal o outro lhe deu oportunidade. "Vá chamá-lo, por favor! Zacarias!"

Uma nova barreira cerrada em urdu encheu o telefone. Quando Tomás já desesperava, porém, o homem deixou de falar e a linha permaneceu em suspenso.

"Está lá?", chamou o historiador, sem perceber bem o que se passava. "Está lá? Alô!"

O silêncio prolongou-se e o português ficou na dúvida sobre o que fazer. Deveria aguardar? Seria melhor desligar e tentar outra vez? A chamada teria caído? Na verdade, não tinha a menor ideia de qual o melhor procedimento.

"Está sim?"

A linha parecia morta. À medida que o silêncio se prolongava, Tomás ia-se inclinando para a possibilidade de desligar e ligar de novo. Quando o ia a fazer, todavia, a ligação animou-se.

"Salaam'", disse uma nova voz do outro lado, mais suave do que a anterior.

Talvez este falasse inglês, pensou Tomás, esperançado.

"Hello? Queria falar com Zacarias Silva, por favor."

Detectando o Zacarias Silva pronunciado à maneira portuguesa, a voz mudou inesperadamente para português.

"Sou eu. Quem fala?"

"Zacarias Silva?"

"Sim, sou eu."

"Daqui Tomás Noronha, o teu professor em Lisboa. Estás-me a ouvir bem?"

"Sim, sim. Estou a ouvir. O que se passa?"

"Zacarias, o Norberto falou comigo e parece que estás a precisar de ajuda. Diz-me o que é preciso fazer e eu farei."

Fez-se um curto silêncio do outro lado.

"Professor, não posso falar agora", disse Zacarias, tão depressa que ia atropelando as palavras. "Depois ligo-lhe."

Click.

A chamada foi desligada.

Manteve o telemóvel por perto durante o resto do dia, sempre preocupado com a possibilidade de receber uma chamada de Zacarias. Nem sequer nas aulas desligou o aparelho. Sentia-se quase como um miúdo apaixonado, tão ansioso pelo prometido telefonema da namorada que chegava a suspirar. Sempre que o telemóvel tocava, metia a mão no bolso e agarrava-o com uma rapidez expectante, para se sentir desapontado logo a seguir, ao constatar que a chamada afinal não era do antigo aluno.

"Você anda estranho", constatou Rebecca, a autora de uma das chamadas que Tomás recebeu entretanto. "Passa-se alguma coisa?"

"Por acaso, passa."

"Ai sim? O quê?"

"Tenha calma", riu-se ele. "Logo que tenha alguma informação mais concreta digo-lhe, está bem?"

Rebecca soltou um grito de excitação. "Não me diga que descobriu alguma coisa!"

"Tenha calma..."

Calma era, porém, um bem de que o próprio Tomás não dispunha em abundância por aqueles dias. Permaneceu atento ao telemóvel durante dois dias sem que nada acontecesse, o que o deixou ainda mais enervado. Que se passaria? Que segredos eram aqueles que Zacarias escondia? Do que tinha ele medo? Porque falara ele em terroristas quando tinha ligado a Norberto?

Com o ex-aluno teimosamente silencioso, o historiador começou a recear ser ultrapassado pelos acontecimentos. Nessa noite, quando se foi deitar, decidiu abrir o jogo com Rebecca logo na manhã seguinte. No fim de contas, raciocinou, ela e a NEST é que tinham os meios para chegar a Zacarias.

Crrrrrrr Crrrrrrr Crrrrrrr

O telemóvel acordou-o a meio da noite. Olhou estremunhado para o enorme mostrador digital do despertador pousado na mesinha de cabeceira e viu as horas exibidas a âmbar fluorescente. 04:27.

Esticou o braço e agarrou o aparelho.

"Está sim?", atendeu, sonolento.

"Professor Noronha?"

A voz distante despertou-o como se naquele momento o tivessem encharcado de água gelada.

Endireitou-se de imediato na cama, de repente muito alerta.

"Sim, sou eu", confirmou. "Es tu, Zacarias?"

"Não tenho muito tempo para falar", disse a voz. "O professor estava a falar a sério quando disse que me ajudava?"

"Sim, absolutamente. O que precisas que eu faça?"

"Preciso que me tire daqui!"

"Queres dinheiro para comprar uma passagem de avião?"

"Eu tenho dinheiro", respondeu Zacarias. "O problema é que eles desconfiam de mim e têm-me debaixo de olho. Se eu for à estação de comboios ou ao aeroporto, eles descobrem."

Tomás teve vontade de perguntar quem eram eles, mas conteve-se. O tom de urgência que sentia na voz do antigo aluno mostrava-lhe que Zacarias não dispunha de muito tempo para falar, pelo que teria de se limitar à informação útil.

"Então que queres que eu faça?"

"Não sei bem. Preciso de protecção para sair."

"Queres que vá aí?"

"É perigoso, professor..."

"Não te preocupes comigo. Estás em Lahore, nãoestás?"

"Sim."

"Então encontramo-nos exactamente de hoje a oito dias ao meio-dia, aí em Lahore."

Abriu a gaveta da mesa-de-cabeceira e tirou um lápis. "Diz-me em que sítio."

Zacarias fez uma pausa, claramente a tentar escolher um ponto de encontro.

"O forte da cidade velha", decidiu. "Sabe onde é?"

Tomás tomou nota da referência.

"Não sei, mas vou descobrir. Encontramo-nos então no forte da cidade velha de Lahore, ao meio-dia, precisamente daqui a uma semana."

"Combinado." Fez-se um súbito silêncio na linha, como se o ex-aluno quisesse acrescentar mais alguma coisa. "E... professor?"

"O que é, Zacarias?"

"Tenha muito cuidado."

XXIV

Os portões abriram-se em dois e revelaram um complexo prisional absolutamente gigantesco. Tora incluía quatro prisões e Ahmed e os seus companheiros de viagem foram levados para uma delas. O elemento da Irmandade Muçulmana que vira o nome de Tora inscrito na tabuleta contemplou lugubremente o edifício, identificando-o.

"Mazra Tora."

O nome foi instantaneamente assimilado por todos os outros presos, mas extraiu de Ahmed uma expressão vazia.

"Conheces?"

"É a cadeia para onde vão os nossos irmãos."

A vida em Abu Zaabal havia sido um completo inferno e Ahmed estava convencido de que, dissessem o que dissessem, nada poderia ser pior. Mas enganava-se. Os primeiros dias em Tora revelaram-lhe que o inferno tinha diversos níveis e que Mazra estava talvez situada no patamar mais profundo.

Os recém-chegados foram levados para uma das alas da prisão e depressa perceberam que se tratava de um sector especial. O grupo proveniente de Abu Zaabal foi atirado para uma cela imunda e, horas depois, os guardas foram buscar um deles.

"O que será que lhe querem?"

Ninguém foi capaz de responder.

"Vamos esperar para ver", sugeriu o mais velho do grupo.

A resposta foi dada duas horas depois, quando o seu companheiro reapareceu, ensanguentado e quase incapaz de falar. Foi nesse instante que perceberam que aquela era a ala dos interrogatórios. Depois de ver o estado em que o preso viera e consciente do que o esperava, o segundo recluso a ser chamado resistiu e tentou escapar aos carcereiros. Foi espancado logo ali, à frente dos companheiros, e arrastado pelos cabelos para fora da cela.

"Já vais aprender a obedecer", rugiu um dos guardas que o levaram.

O segundo preso voltou horas depois numa maca.

Trazia alguns dentes partidos, os olhos inchados e as mãos ensanguentadas. Seguiu-se outro recluso e outro ainda, até que, já na madrugada do dia seguinte, Ahmed sentiu mais uma vez a porta da cela reabrir-se, dois guardas a entrarem e

atirarem para o chão o homem que haviam acabado de interrogar, e aproximarem-se e pararem à sua frente.

"É a tua vez."

Como um autómato, quase sem sentir as pernas e com as mãos subitamente a tremerem-lhe, Ahmed ergueu-se do seu lugar e acompanhou-os para fora da cela.

Caminhava num transe, sem pensar, sabendo o que o esperava mas entregando-se ao destino, resignado, como se deixasse a sua vida nas mãos de Alá Ar-Rabim Al-Halim Al-Karim — o Misericordioso, o Clemente, o Benévolo.

A sala estava caiada de branco, com poças de sangue no chão e manchas avermelhadas na parede. Havia uma cadeira no centro, com correias para prender braços e pernas, e uma máquina eléctrica ao lado. Um homem gordo e transpirado, de aspecto brutal e com barba rala, aproximou-se dele.

"Despe-te!", ordenou.

Olhando de relance para a salinha, o coração aos saltos e todo o corpo a tremer quase em convulsões, Ahmed hesitou.

"O que... o que me vão fa..." Paf.

Uma estalada violenta incendiou-lhe o rosto.

"Despe-te."

O preso tirou de imediato as roupas até ficar nu. O homem gordo puxou-o pelo cabelo e obrigou-o a sentar-se na cadeira. Os guardas que o tinham ido buscar à cela apertaram-lhe as correias aos braços e às pernas, imobilizando-o no assento, e retiraram uns eléctrodos da máquina ao lado, fixando-os aos testículos de Ahmed.

Quando terminaram, o homem gordo posicionou-se diante do recluso com uma grande pasta nas mãos.

"Como te chamas?"

"Ahmed ibn Barakah."

O homem abriu a pasta e folheou os papéis até encontrar o que queria. Parou e leu durante uns instantes "Estou aqui a ler o teu dossiê", murmurou, enquanto percorria o documento com os olhos.

"Diz aqui que és um radical."

Fitou o preso com os olhos muito arregalados, como quem sabe a verdade e não admite que lhe mintam.

"E verdade?"

O coração de Ahmed saltava-lhe descontroladamente no peito. Sabia que tinha de responder a cada pergunta sem cometer uma falha, mas não percebia com exactidão o que lhe queria aquele homem.

"É verdade?"

O preso engoliu em seco. Precisava de responder, mas tinha medo de falar, não fosse dizer a coisa errada.

"Eu... eu sou um crente", balbuciou por fim.

"Acredito em Alá Ar-Rahman Ar Rabim, o Beneficente e o Misericordioso. Sou testemunha de que não há nenhum Deus senão Alá, sou testemunha de que Maomé é o Seu profeta."

O homem gordo mudou a perna de apoio.

"Todos acreditamos em Alá e somos testemunhas de que não há nenhum Deus senão Alá", retorquiu, a voz no limite da paciência. "Mas aqui quem manda é Alá Al-Hakam, o Juiz, e o que eu quero saber é se és ou não um radical."

"Não sei o que é um radical", tentou Ahmed argumentar, num esforço para contornar a questão. "Sou um crente, sigo as ordens de Alá no Alcorão e a sunnak do..."

Uma dor violentíssima subiu-lhe do ventre, como facas a dilacerá-lo; a dor era tão forte que o cegou, enchendo-lhe a visão de luzinhas. Contorceu-se na cadeira para tentar dobrar-se, mas as correias eram resistentes e mantiveram-no no seu lugar.

"És ou não um radical?"

Percebeu que o espaço para negociar tinha terminado e decidiu que diria tudo o que lhe pedissem.

"Sim... sim, sou um radical."

"Pertences à Irmandade Muçulmana?"

"Não."

A dor voltou, imensa e poderosa, e Ahmed quase perdeu os sentidos. Sentiu água fria ser-lhe despejada pela cabeça e, reabrindo os olhos, viu o homem gordo a mirá-lo.

"Pertences à Irmandade Muçulmana?", perguntou ele de novo.

"Não."

"Mas vinhas com eles de Abu Zaabal."

"Eu... eu vim com quem me puseram no carro. Nem sabia... nem sabia quem eles eram."

"Não os conhecias em Abu Zaabal?"

"Só... só de vista. Dois... dois deles eram da minha cela em Abu Zaabal."

"Quem?"

"Os irmãos... os irmãos Walid."

O homem gordo consultou os documentos que tinha na mão e assentiu com a cabeça; pareceu aceitar a resposta. Porém, depressa ergueu de novo os olhos e

fixou-os no recluso.

"E a Al-Jama'a alTslamiyya? Pertences a ela?"

Era uma pergunta muito perigosa, percebeu Ahmed. Uma facção da Al-Jama'a era a responsável pela morte de Sadat e todo o movimento se tornara objecto de cerrada perseguição pelo governo.

Qualquer associação sua a esta organização seria explosiva, devastadora.

Abanou a cabeça, enfático.

"Não. Não pertenço à Al-Jama'a."

Mais uma explosão de dor e de cegueira e de luzes.

O sofrimento era incrivelmente doloroso, como se mil facas pontiagudas o espetassem no corpo. Desta feita perdeu mesmo os sentidos.

Voltou a si com uma impressão fria e húmida na cara; tinham-lhe novamente atirado água à cabeça.

"Volto a perguntar: pertences à Al-Jama'a al-Islamiyya? Diz a verdade!"

"Não!" negou de novo, abanando veementemente a cabeça. "Não!"

O homem gordo apontou para os papéis que tinha nas mãos.

"Diz aqui que há testemunhas de que tinhas simpatias."

"Quais... quais testemunhas? Não sei de nada, juro! Pelo Profeta, juro que não sei de nada!"

"Mentes!"

"É verdade! Não sou da Al-Jama'a! Juro!"

"Não estiveste envolvido no martírio do presidente?"

"Eu?", surpreendeu-se Ahmed, arregalando os olhos horrorizados. "Claro que não! Claro que não!"

"Podes prová-lo?"

"Eu... eu tinha doze anos quando isso aconteceu! Claro que não estive envolvido!"

"Mas tinhas amigos da Al-Jama'a!"

"Eu tinha muitos amigos. Se calhar alguns eram da Al-Jama'a... não sei."

O homem folheou mais umas páginas, os olhos sempre a percorrer a informação ali registada.

"Dizem que te tornaste radical."

"Sou um crente. Sigo as instruções de Alá no Alcorão e a sunnah do Profeta. Se isso é ser um radical, sou um radical."

O interrogador voltou a estudar os documentos que tinha na mão e fixou a atenção na data de nascimento.

"Pois, nasceste em 1969, não foi?" Coçou os pelos da barba enquanto fazia as contas. "Realmente, tinhas apenas doze quando o presidente foi martirizado." Leu mais algumas linhas dos documentos e ergueu a cabeça quando descobriu

algo que lhe despertou a atenção. "Olha lá, porque deixaste de frequentar a tua mesquita?"

Nesse instante Ahmed percebeu, surpreendido, que a polícia andara a investigá-lo com algum pormenor. Até haviam feito perguntas sobre ele na mesquita!

"Qual mesquita?", perguntou, sabendo muito bem a qual o seu interlocutor se referia mas procurando ganhar tempo para reordenar os seus pensamentos.

"A do teu bairro. Porque deixaste de ir lá?"

"Porque... porque não era o verdadeiro islão o que ali se ensinava."

O homem gordo levantou o sobrolho.

"Ai não? Então era o quê?"

"Era uma versão cristianizada do islão, uma versão feita para agradar aos kafirun.

Aquilo não era o verdadeiro islão."

"Então o que é o verdadeiro islão?"

"E o que está no Alcorão e na sunnab do Profeta."

"Nessa mesquita não ensinavam o Alcorão e a Sunnab?"

"Sim, claro", reconheceu. "Mas só uma parte. Havia coisas que não eram ensinadas."

"Tais como?"

"Que não devemos ser amigos dos Povos do Livro, por exemplo. É o que Alá diz no Alcorão e o que algumas pessoas que se afirmam crentes parecem querer ignorar.

Ou que temos de emboscar e matar os idólatras onde os encontrarmos, tal como Alá ordena no Livro Sagrado. Nenhuma dessas coisas era ensinada nessa mesquita, o mullab fingia que não estavam lá."

O homem gordo respirou fundo e atirou os documentos para cima de uma mesinha.

Depois olhou para os seus homens e fez com a cabeça um sinal na direcção de Ahmed.

"Levem-no e tragam-me outro."

XXV

Coff! Coff!

O cheiro ácido e penetrante da poluição penetrou-lhe nas narinas e invadiu-lhe os pulmões. Tomás tossiu, aflito, e olhou lá para fora. Uma nuvem violeta erguia-se das ruas, pairando sobre os milhares e milhares de motos e automóveis que enchiam como formigas as artérias poeirentas de Lahore. O pior, percebeu, eram os auto-riquexós, cujos escapes exalavam rolos densos de fumo; pareciam chaminés de fábricas montadas sobre rodas.

Coff! Coff!

Os pulmões desfaziam-se em tosse.

"Por favor", pediu ao condutor, já a sentir-se asfixiar. "Será que pode fechar as janelas?"

"Yes, mister"', assentiu o taxista.

O paquistanês rodou o manipulo até fechar a janela da sua porta e, com o carro sempre em movimento e uma mão ao volante, inclinou o corpo para o outro lado e começou a rodar o outro manipulo.

"Cuidado!", gritou Tomás ao ver o táxi ir na direcção de um auto-riquexó.

Uma guinada rápida evitou a colisão no último momento. O taxista voltou a cabeça para trás e exibiu os dentes amarelos, no que parecia ser a caricatura de um sorriso.

"Não se preocupe, mister. Aqui em Lahore é sempre assim."

As janelas ficaram fechadas e o interior do táxi pareceu enfim selado, uma caixa respirável no meio de uma nuvem incrivelmente vasta de poluição.

Tomás inspirou fundo, aliviado.

"Puf! Agora está-se bem melhor."

Olhou lá para fora e examinou o emaranhado urbano. Lahore era uma cidade plana e poeirenta, mas sobretudo caótica. Tinha o casario baixo, os edifícios cor-de-tijolo inacabados e uma permanente nuvem de smog a flutuar ao longo do horizonte irregular; a neblina era tão cinzenta que escurecia a manhã. A névoa de poluição nascia nas grandes artérias, todas elas muito movimentadas, e ascendia devagar para o firmamento até ficar a pairar como um espectro.

"O Zamzama é longe?", perguntou o cliente, impacientando-se.

A avenida onde o táxi se metera estava tão congestionada que parecia quase

impossível avançar.

"Não, mister." A informação tranquilizou-o.

"Quanto tempo para chegar lá? Cinco minutos? Dez?"

O taxista riu-se.

"Não, mister. Da forma como o trânsito está, vamos levar pelo menos uma hora..."

Tomás rolou os olhos.

"Oh, não!"

Recostou-se no assento, mentalizando-se para uma viagem lenta e demorada.

Apanhado na armadilha daquele trânsito infernal, o táxi avançava aos solavancos.

Não admirava que a viagem demorasse uma hora, percebeu. Só os últimos duzentos metros tinham levado uns dez minutos!

Sentia-se cansado depois de muitas ligações aéreas. Passara as últimas vinte e quatro horas a apanhar voos consecutivos, de Lisboa para Londres, onde não havia nesse dia ligação directa para o Paquistão; de Londres para Manchester, a tempo de apanhar o voo nocturno das linhas aéreas paquistanesas; de Manchester para Islamabade, onde desembarcara de madrugada; e finalmente de Islamabade para Lahore. Tinham sido ao todo quatro voos para ali chegar. O que valia, considerou, é que havia aproveitado todo aquele tempo para trabalhar.

Cerrou as pálpebras, tentando descontrair-se e descansar. Mas as imagens do trabalho que o ocupara ao longo dos voos invadiram-lhe a mente; eram tão obsessivas como aqueles jogos de computador que lhe permaneciam na retina depois de passar horas a jogá-los. Apesar de ter os olhos fechados, só via as letras e os números formarem combinações no escuro, como um imenso sudoku mental.

"Porra!", praguejou, abrindo os olhos.

Percebeu que não iria conseguir dormir enquanto não solucionasse o enigma no qual finalmente se embrenhara. Rendendo-se à evidência, inclinou-se no assento e abriu a mala de mão, de onde extraiu o bloco de notas. Folheou-o e voltou à linha que o assombrava sempre que cerrava as pálpebras.

6 A Y H A S 1 H A 8 R U

Ao lado da linha, e nas páginas seguintes, multiplicavam-se as tentativas frustradas de quebrar a cifra. As coisas não estavam a resultar, percebeu. Talvez fosse melhor encarar a charada de uma forma nova. Tal como os criptanalistas da NEST, sempre partira do princípio de que se encontrava diante de uma cifra de grande complexidade, uma vez que os seus autores pareciam ter recursos de tal modo sofisticados que até haviam conseguido ocultar a mensagem por baixo de uma imagem.

Mas estaria mesmo no caminho certo? Os seus consecutivos fracassos, e também os dos criptanalistas da NEST, constituíam um indício evidente de que estavam a cometer um erro. E se mudasse de perspectiva? E se tentasse pôr-se no lugar dos homens que tinham enviado aquela mensagem? Melhor ainda, e se conseguisse compreender a posição do destinatário em Lisboa?

Coçou a cabeça, inteiramente absorvido naquele mistério.

A primeira coisa a notar era que a mensagem, embora tivesse sido enviada por muçulmanos, possivelmente por árabes, se encontrava redigida em caracteres latinos.

Esse pormenor, raciocinou, não era despiciendo. Que leitura deveria fazer dele? Em primeiro lugar, isto parecia mostrar que o destinatário em Lisboa não tinha modo de abrir uma mensagem em caracteres árabes. Claro, tinha-a consultado num cibercafé, como descobrira a NEST, e era natural que o computador desse cibercafé não estivesse apetrechado com software para língua árabe. Fora por isso que a mensagem tivera de ser enviada em caracteres latinos.

Mas havia ainda uma outra conclusão a extrair deste facto. Quem enviara a mensagem não tinha manifestamente a noção de que o endereço do remetente se encontrava sob vigilância. Já Rebecca, aliás, o dissera. Assim sendo, e uma vez ocultada a mensagem por baixo da fotografia pornográfica, decerto que os terroristas não veriam necessidade de utilizar uma cifra muito complexa. Porque o fariam se se achavam em segurança? De resto, era até admissível que o destinatário em Lisboa não dispusesse de meios para decifrar uma mensagem que utilizasse um sistema demasiado sofisticado.

Posto o problema nestes termos, havia uma coisa que se tornava muito clara. A cifra só podia ser simples. Simples.

"É evidente...", murmurou Tomás, caindo em si. "Como é que eu não vi isto antes?"

"Perdão, mister?"

O português olhou aparvalhado para o taxista que o fitava pelo retrovisor, a mente mergulhada no enigma, os olhos momentaneamente presos no rosto do paquistanês, e levou um instante de perplexidade a perceber o que o homem lhe perguntara.

"Não é nada", disse, a atenção a voltar-se de novo para o bloco de notas. "Sou eu a falar para os meus botões."

Com movimentos frenéticos, pôs-se a ensaiar com a caneta soluções tradicionais para a mensagem. A chave deveria ser simples. Tentou a cifra de César, mas não obteve quaisquer resultados. Exercitou depois as cifras de substituição homófonas, também sem sucesso. Pegou num quadro de Vigenère e procurou aí a solução, mas mais uma vez falhou.

"Tenho de me pôr outra vez na posição de quem enviou e de quem recebeu a mensagem", sussurrou, pensativo.

Voltou a fixar os olhos na mensagem, como se a intensidade do olhar pudesse resgatar o segredo que ela escondia. Se o remetente era da Al-Qaeda, com toda a probabilidade estaria diante de um árabe. E o receptor também deveria ser árabe. Mesmo que não fossem árabes, eram pelo menos muçulmanos fundamentalistas, o que obrigatoriamente significava que sabiam árabe, nem que fosse por terem memorizado o Alcorão. Ou seja, apesar de estar redigida em caracteres latinos, com toda a probabilidade a mensagem original encontrava-se em árabe. Em árabe.

Ora o árabe escreve-se da direita para a esquerda!

Como diabo lhe escapara um pormenor desses?

Voltou a recorrer à cifra de César, às cifras de substituição homófonas e ao quadro de Vigenère, mas lendo os resultados no sentido inverso. Novamente sem êxito. Suspirou, já desanimado. Num derradeiro fôlego, pôs-se a escrever a sequência de números e letras em tamanho gigante, como se através da ampliação pudesse extrair o segredo oculto na charada. Desenhou as letras num tamanho descomunal, mas elas ficaram tão grandes que não couberam todas numa única linha do bloco de notas, pelo que teve de as repartir em duas linhas com dimensões iguais.

6 A Y H A S 1 H A 8 RU

"Seis-Ayhas-Um-Ha-Oito-Ru?"

De repente, esta forma inesperada pareceu-lhe ter potencialidade. Da esquerda para a direita não fazia sentido. E da direita para a esquerda?

"Sahya-Seis-Ur-Oito-Ah-Um." Também não.

A não ser que fossem coordenadas geográficas.

Ur, sabia-o, foi a primeira cidade do mundo. A escrita nascera aí. E Abraão também.

Situava-se na Suméria, hoje Iraque, e tinha nas proximidades uma base aérea americana. Seria uma pista? Seria esta mensagem as coordenadas de um lugar?

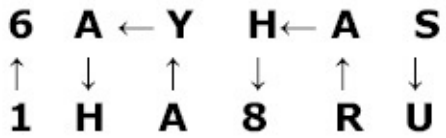
Seria a localização do sítio onde iria ocorrer um atentado?

Em Ur?

Era uma possibilidade, concluiu. Mas a separação dos algarismos, o seis de um lado, o oito de outro e o um numa posição solitária não lhe pareciam corresponder a coordenadas. Pôs-se então a imaginar rotas diferentes, que lograssem juntar os algarismos. A primeira vista só poderia conciliar o seis e o um, uma vez que um estava por baixo do outro, pelo que ensaiou uma rota a deambular entre a linha de cima e a linha de baixo. Começou num sentido, sem resultados, e depois ensaiou outro.

"Meu Deus..."

De boca aberta, a mensagem emergiu-lhe de repente diante dos olhos, poderosa e cristalina. Pegou na caneta e, num frenesim nervoso, rabiscou com setas a rota do segredo que a cifra ocultara.



"Descobri!", gritou.

O motorista quase deu um salto de susto.

"O quê? O que se passa?"

Percebendo que se tinha descontrolado no seu entusiasmo, Tomás corou, embaraçado.

"Nada! Nada!", garantiu, regressando ao presente.

Espreitou lá para fora.

"Oiça lá, ainda falta muito?"

O carro passou ao lado de um pequeno campo ajardinado de hóquei e desembocou no início de uma grande avenida de aspecto europeu, com um canhão oitocentista instalado no início.

"Chegámos."

O carro estacionou ao lado do passeio e pela janela Tomás viu uma mulher escultural junto ao canhão, o cabelo coberto por um lenço de seda cor-de-laranja.

Como se tivesse um sexto sentido, a mulher rodou o corpo na direcção do táxi, tirou os óculos de sol e fitou-o com os seus olhos azuis brilhantes.

Era Rebecca.

XXVI

Ahmed chegou à cela arrastado pelos carcereiros, dorido no ventre e incapaz de caminhar.

Mas, tirando as dificuldades de locomoção, vinha num estado incomparavelmente melhor do que todos os outros reclusos que haviam sido interrogados antes dele. E, outro pormenor que não passou despercebido aos seus companheiros de cela, o interrogatório não excedera a meia hora.

"O que aconteceu?", perguntou-lhe um dos reclusos que ainda não fora interrogado, algures entre a esperança e a desconfiança.

"Acho que ainda andam à procura de crentes envolvidos na matança do faraó", explicou Ahmed, numa referência ao assassínio de Sadat.

"E não estiveste?"

"Claro que não."

"Como os convenceste disso, meu irmão?"

"Eu tinha doze anos na altura."

Todos os elementos da cela acabaram por passar pelas mãos dos interrogadores e a grande maioria regressou quase inconsciente para junto dos companheiros. A primeira fase dos interrogatórios durou dois dias, seguindo-se mais dois dias em que ninguém os incomodou, o que permitiu aos mais maltratados recuperarem forças.

Ao quinto dia, porém, três carcereiros entraram na cela e um deles, depois de chamar pelo mais velho dos irmãos Walid, estendeu-lhe um frasco e uma colher.

"Toma duas doses deste xarope!"

Walid lançou um olhar interrogador ao frasco.

"O que é isso?"

"Toma!", rugiu.

Sabendo que não tinha modo de se opor àquela ordem, o recluso aceitou o frasco e engoliu duas colheradas do xarope. Quando terminou, os guardas permaneceram na cela, como se esperassem que o remédio fizesse efeito.

Alguns minutos mais tarde consultaram o relógio e deram uma nova ordem.

"Massaja-te nas partes baixas."

"O quê?"

"Faz o que eu te digo!", voltou a gritar.

"Massaja-te!"

O preso obedeceu e massajou-se, sem perceber bem o objectivo daquela ordem.

Ao fim de poucos instantes parou, surpreendido com a enorme erecção que se lhe formara nas calças. Os carcereiros pareceram ter ficado satisfeitos com aquele resultado, pois logo sorriram entre eles antes de se voltarem de novo para o recluso.

"O teu irmão?"

Walid apontou para um homem que estava do outro lado da cela.

"Está ali."

Um dos guardas foi buscá-lo e o que parecia ser o chefe ladrou a ordem seguinte.

"Despe-te!"

Sem se atrever sequer a hesitar, o Walid mais novo tirou as roupas e ficou nu no meio da cela, os braços, as costas e o peito a exibirem as equimoses do interrogatório a que fora sujeito logo na primeira noite.

"Põe-te de gatas!"

O recluso baixou-se e ficou de gatas. Havia um silêncio pesado na cela; os outros reclusos quase nem se atreviam a respirar, com medo de atraírem as atenções sobre si. O chefe dos carcereiros olhou então para o Walid mais velho, que continuava com uma grande erecção a erguer-se das calças, e sorriu com malícia.

"Sodomiza-o!"

O preso arregalou os olhos, espantado com a ordem.

"Como?"

"Es surdo ou quê?", gritou o guarda. "Sodomiza-o!"

Uma expressão de pânico encheu o rosto do Walid mais velho.

"Mas... mas... mas ele é meu irmão!"

O guarda deu um passo em frente, puxou o recluso pelo pescoço e apertou-o com tanta força que ele enrubesceu e deixou por momentos de respirar.

"Se voltas a questionar mais uma ordem minha, mato-te! Ouviste? Aperto-te o gasganete com força e mato-te!" Apontou para o irmão mais novo, que permanecia nu e de gatas no meio da cela.

"Sodomiza-o!"

Encurralado e sem alternativas, o Walid mais velho baixou as calças e aproximou-se do irmão por trás.

Atónitos com o que se estava a passar na cela, Ahmed e os outros reclusos não sabiam o que fazer. A maior parte voltou a cabeça para o outro lado, num esforço para não ver o que acontecia no meio da cela, mas os gemidos de dor e o

choro convulsivo dos dois irmãos eram demasiado terríveis para serem ignorados. Foi nesse instante e naquelas circunstâncias que Ahmed percebeu onde realmente se encontrava. No último grau do inferno.

Dois dias depois da terrível cena que envolveu os irmãos Walid, os carcereiros voltaram à cela.

"Ahmed ibn Barakah!"

Ao ouvir o seu nome pronunciado por um dos guardas, Ahmed sentiu o coração dar um salto e começar a bater com força, como se quisesse saltar-lhe do peito.

"Sou eu."

"Acompanha-nos."

O recluso seguiu os carcereiros com o medo a anestesiar--lhe o corpo. Não era apenas a breve experiência de tortura que o assustava daquela maneira, nem o estado em que vinham os outros reclusos depois dos interrogatórios, mas sobretudo a humilhação a que vira os irmãos Walid serem submetidos. Se aqueles homens que geriam a cadeia haviam sido capazes de fazer aquilo, concluiu, não existia perfídia que não estivesse ao seu alcance. Preparou-se, por isso, para o pior. Teria de ser forte, entregar o corpo ao destino e esperar que Alá Ar-Rasbid, o Guia, o conduzisse à salvação.

Acompanhado por dois guardas, Ahmed percorreu o mesmo corredor por onde o tinham levado quando fora interrogado dias antes, mas, em vez de entrar na sala do interrogatório, seguiu em frente até à porta que dava acesso àquela ala. Um dos homens desaferrolhou a porta e o recluso foi empurrado para além dela até chegar a um átrio. Conduziram-no pelas escadas para o andar inferior e levaram-no por um novo corredor até uma outra porta, que também abriram.
"Entra."

Embora a medo, Ahmed obedeceu e cruzou a porta. Era uma nova cela. Encontravam-se ali talvez uns quinze reclusos, mas todos tinham um ar bem mais saudável do que aqueles que deixara para trás.

Clac.

Ouviu o som metálico atrás de si e voltou-se. A porta da cela tinha-se fechado. O

alívio encheu-lhe o corpo como o oxigénio preenche os pulmões e Ahmed tomou consciência de que havia abandonado a ala dos interrogatórios e fora transferido para uma ala normal.

A vida tornou-se consideravelmente mais fácil dali em diante. Nesta nova ala os reclusos eram autorizados todos os dias a fazer exercícios no pátio e até a jogar futebol. O quotidiano converteu-se assim numa experiência primeiro mais

agradável, depois rotineira e por fim enfadonha. Quando não havia jogos nem outras actividades, Ahmed arrastava-se langorosamente pelo pátio, sem nada para fazer e com a eternidade por preencher.

Havia, porém, alguns momentos para os quais vivia.

Ahmed passou a receber a comida que a mãe lhe enviava duas vezes por mês e tinha até acesso a jornais, como o Al-Abram e o Al-Goumbouria, que os presos passavam de mão em mão. Foi assim que tomou conhecimento das últimas novidades sobre a sagrada guerra dos mudjabedin no Afeganistão, que Alá os protegesse e os acolhesse no Seu jardim, e dos pormenores mais revoltantes relativos à ocupação sionista do Líbano, que Alá os amaldiçoasse e os enviasse para o grande fogo. Ah, como gostaria de se juntar aos mudjabedin!

A sua solidão terminou justamente num dia em que estava sentado num canto do pátio da prisão a ler pormenores sobre uma grandiosa batalha envolvendo o Leão de Panjshir, o glorioso comandante Ahmed Shah Massoud, contra os kafirun russos que se haviam atrevido a pôr os pés imundos em terra islâmica. Quando ia a meio do texto, empolgado pela narrativa da vitória nessa batalha, desta feita em Jalalalade, sentiu uma sombra incómoda projectar-se sobre o jornal.

Ergueu os olhos e vislumbrou um vulto plantado diante dele, o sol atrás a impedi-lo de distinguir as feições do intruso. Para se proteger da luz que o encandeava, pôs a mão sobre a testa como se fosse a pala de um boné e, a boca entreabrindo-se de pasmo, reconheceu o homem que o fitava com um sorriso caloroso.

Era Ayman.

O professor de Religião que tanto influenciara Ahmed na madrassa havia envelhecido consideravelmente em apenas três anos de cadeia. A barba farfalhuda tornara-se grisalha e Ayman apresentava um aspecto cansado, o corpo curvando-se já ligeiramente, as rugas a riscarem o canto dos olhos. Mesmo assim, para Ahmed o encontro foi emocionante. Ao longo dos três anos anteriores interrogara-se muitas vezes sobre o que teria acontecido ao professor, como se encontraria ele, se estaria ainda vivo. Rezava amiúde a Alá para que protegesse o seu mestre e agora ali o tinha, mesmo diante de si, é certo que envelhecido e gasto, o corpo quebrado pela prisão, mas a chama do Islão ainda lhe cintilava nos olhos; era ao mesmo tempo um recluso e um homem livre, o corpo confinado à prisão e a alma entregue a Alá.

"Que lhe fizeram eles, senhor professor?", perguntou depois da emoção do reencontro.

Ayman fez um gesto de amável reprimenda.

"Não me chames professor", disse. "Aqui não sou professor. Além do mais,

já sabes o suficiente sobre o islão para seres tratado como um aluno."

"Então como lhe chamarei?"

"Irmão, como toda a gente. Somos ambos muçulmanos e Alá exige modéstia e pudor de todos nós. Chama-me irmão."

Ahmed sentiu dificuldade em chamar irmão ao antigo professor, de tal modo estava o hábito enraizado, mas tinha também consciência de que era uma questão de se ir acostumando.

"Sim... meu irmão."

Custou, mas lá o disse.

"Muito bem", aprovou Ayman. "Então conta-me, como vais tu?"

"Eu estou bem, mashaallab. Mas o que lhe fizeram eles, senhor profes... meu irmão?"

O antigo professor de Religião encolheu os ombros.

"Fizeram-me o que fizeram a todos os irmãos, que Alá os amaldiçoe para sempre!

Torturaram-me."

Desabotoou a camisa e mostrou equimoses no peito.

"Bateram-me, deram-me choques eléctricos, penduraram-me como carne num açougue." Estendeu as mãos e exibiu as pontas dos dedos deformadas.

"Arrancaram-me as unhas uma a uma, que Alá os leve para o Inferno!"

Ahmed olhou impressionado para os dedos estropiados e abanou a cabeça, mal contendo a fúria que lhe fervilhava no sangue.

"Também a mim me torturaram, esses cães malditos!"

"O que te fizeram?" "Deram-me choques."

"E mais?"

"Acha pouco?"

Ayman balançou a cabeça de um lado para o outro, como se dissesse que poderia ter sido pior.

"E agora que já passaste pela tortura? Ganhaste-lhes medo?"

O jovem encarou o seu antigo professor com uma expressão escandalizada, como se tivesse acabado de ser insultado.

"Medo, eu? Claro que não!"

"E então?"

Ahmed tremia.

"Odeio-os! Odeio-os! Como podem eles comportar-se assim? Como podem eles fazer-nos isto?" Cuspiu para o chão, num gesto de desprezo. "Estes cães envergonham o islão! Onde já se viu um crente punir outro crente para proteger os kafirun?"

"Esta gente do governo fez a shabada e pratica o salat", disse o antigo

professor, "mas não é crente."

"São cães raivosos!"

Mirando o arame farpado enrodilhado sobre os muros em torno do pátio da cadeia, Ayman fungou com força e lançou um escarro para o chão, num gesto de profundo desprezo.

"Pior do que isso", sentenciou. "São kafirun!"

XXVII

"Alguma vez leu Kipling?", perguntou Rebecca.

"Claro, não se esqueça de que sou historiador..."

A americana pousou a mão no cobre trabalhado da peça de artilharia que dominava a grande avenida. "Então já conhece o Zamzama."

Os olhos verdes de Tomás deslizaram das grandes rodas laterais para a arma que elas sustentavam.

"«Quem controla o Zamzama controla o Punjabe», escreveu Kipling a abrir o seu maior romance, Kim."

Ergueu a atenção para ela. "Isso é mesmo verdade?"

Rebecca sorriu, como se não houvesse resposta para a pergunta, ou como se não a soubesse, ou talvez como se ela nem sequer fosse importante, e fez um sinal com a cabeça na direcção do lado esquerdo da avenida.

"Vamos! Temos muito trabalho a fazer."

Atravessaram o The Mali em direcção ao museu de Lahore, uma bela construção em estilo neomogul que Tomás logo admirou. Estavam em pleno Raj britânico. Neste sector da cidade tudo era grandioso e imponente, com a grande avenida a separar Lahore como um rio majestoso, de um lado o belo museu naquele estilo neomogul à Taj Mahal, do outro a Universidade do Punjabe, os dois lados da avenida com amplos passeios e espaços verdes, tudo muito bem ordenado e arejado, num flagrante contraste com o caos e a poluição com que se confrontara ao entrar na cidade.

"Sabe", disse Tomás, "já quebrei o segredo da charada que vocês interceptaram."

"A sério?"

Apesar de caminhar ao longo do passeio, o historiador abriu a mala de mão e procurou o bloco de notas.

"É verdade. Passei a viagem toda à volta dela e consegui descobrir a cifra utilizada pela Al-Qaeda para ocultar a mensagem."

"E o que diz ela?"

"A mensagem? Ainda não cheguei lá, mas apenas por falta de tempo. O facto é que já..."

Rebecca consultou o relógio e ergueu a mão, travando-o.

"Agora não temos tempo para isso", disse, a voz baixa e tensa. "São dez da manhã e o encontro com o seu ex-aluno é daqui a duas horas. Temos muita coisa com que preocupar--nos neste momento. A charada fica para depois."

Travado no seu entusiasmo, Tomás calou-se e deixou-se guiar pela americana, os olhos de historiador perdendo-se pela arquitectura imperial daquela parte da cidade.

As fachadas dos edifícios estavam degradadas, era certo, mas cintilava ali ainda com esplendor a grande jóia arquitectónica do Raj. Olhando para o The Mali era possível viajar no tempo e recuar às indolentes tardes de cricket, com os gentlemen a encherem os passeios pela avenida, as ladies com pequenas sombrinhas a protegê-las, os The Times com semanas de atraso dobrados por baixo dos braços, os cavalos e as charretes a percorrerem a estrada com os seus clip-clops característicos, as figuras de laço ou gravata a entrarem nos clubs para o tea time com scones e as conversas em torno do great imperial game, as mensabib vestidas com...

"É aqui."

A voz de Rebecca desfez a imagem do Raj em Lahore e trouxe Tomás de regresso ao presente. A americana parara ao lado de urna grande carrinha azul estacionada junto ao passeio.

Uma nave espacial.

Foi essa a impressão que teve quando pôs o pé no interior da carrinha. Vista de fora, a viatura apresentava a chapa envelhecida e amolgada em alguns pontos, com o azul da pintura já algo esbatido e meio coberto por uma densa camada de poeira e por espessas manchas de lama. Os pneus estavam quase carecas e, em bom rigor, a única coisa que distinguia a carrinha das carcaças ambulantes que atafulhavam o trânsito de Lahore era o vidro escuro, colocado aparentemente para proteger os ocupantes do calor escaldante do Punjabe.

Considerando o aspecto exterior tão degradado, Tomás esperava um interior sujo e desarranjado, se calhar até com buracos nos assentos, pelo que, ao entrar, experimentou um sentimento de absoluta irrealidade. O ambiente era escuro e fresco, cheio de ecrãs de LCD e alta tecnologia, um aroma sofisticado a pairar no ar. O contraste com as suas expectativas era tal que duvidou dos sentidos.

Aquela não podia ser a carrinha desmazelada que vira ainda instantes antes! Decerto que se enganara!

"Howdy!"

A voz masculina veio da dianteira da carrinha. Ou, em rigor, do cockpit. Esforçando-se por habituar os olhos ao escuro, Tomás distinguiu duas figuras ali dentro. Eram dois homens na casa dos vinte anos, de camisa clara e gravata, e com enormes auscultadores a abraçar-lhes a cabeça.

"O meu nome é Jarogniew", disse um deles,,voltando-se para trás e estendendo a mão para o cumprimentar. "Mas eles chamam-me Jerry, é mais fácil. Como vai isso?"

"Eu sou o Sam", disse o outro, imitando o gesto do seu parceiro.

O recém-chegado apertou-lhes as mãos.

"Eu sou o Tomás", identificou-se.

"No shit, Sherlock!", sorriu Jarogniew. "Pensámos que você era o fucking Bin Laden!"

Riram-se os dois numa grande algazarra e Tomás juntou--lhes o seu sorriso, mais por cortesia social do que por ter achado realmente graça.

"Rapazes! Rapazes!", disse Rebecca, que entrara também na carrinha e acabara de fechar a porta. "Tenham juízo e portem-se bem! O que vai o nosso convidado pensar?"

"Sim, Maggie", respondeu Jarogniew, claramente o mais brincalhão. "Partimos agora, boss?"

"Sim."

Jarogniew ligou a ignição e a carrinha arrancou bruscamente, atirando os ocupantes de encontro aos assentos. Rebecca sorriu e voltou o rosto para o português.

"Não lhes ligue, Tom. Estão sempre na brincadeira, mas pode confiar neles. São os melhores operacionais que temos no Paquistão."

"Eles chamaram-lhe Maggie?"

A americana encolheu os ombros.

"Oh, não faça caso."

"Afinal você chama-se Maggie ou Rebecca?"

"Não é isso. Eles têm a mania de que eu me pareço com a Meg Ryan..."

Tomás encarou-a com atenção e observou melhor os grandes olhos azuis e o cabelo loiro curto da mulher sentada ao seu lado.

"Não está mal visto", reconheceu. "Dá realmente um certo ar."

"Acha?"

"Claro que você é mais bonita", apressou-se a acrescentar. "Se quer que lhe diga, a Meg Ryan nem lhe chega aos calcanhares..."

Rebecca soltou uma gargalhada.

"Ai esse sangue latino! Mister Bellamy bem me avisou! Tenho de ter cuidado consigo!"

"E eu? Tenho de ter cuidado com quem?"

O olhar da americana desviou-se para as ruas que desfilavam lá fora. A carrinha acabara de sair do The Mali e entrava no sector paquistanês de Lahore.

"Você tem de ter cuidado com o que se passar no forte", disse ela, mudando o

tom ligeiro da conversa. "Esta gente não é para brincadeiras."

"E quem me vai proteger? Você?"

"Claro." Fez um sinal para os dois homens sentados na dianteira. "E eles."

A atenção de Tomás transferiu-se para os homens da frente.

"A NEST tem operacionais no Paquistão?"

"Não. O Jerry e o Sam trabalham na nossa embaixada em Islamabade. Digamos que eles nos foram emprestados para esta operação. Está a ver ali o Jerry?"

Tomás observou o homem que conduzia a carrinha.

Jarogniew era gordo e tinha uma careca reluzente, com cabelo apenas por trás das orelhas.

"Sim."

"É o nosso perito em comunicações. Os avós vieram da Polónia, mas o seu país é agora esta carrinha. Ele monta sistemas de comunicações e faz vigilância operacional. Se houver alguma anomalia, o Jerry será o primeiro a detectá-la."

O português manteve o olhar preso na careca do motorista.

"E se ele identificar uma anomalia? O que acontece?"

"Nesse caso terá de a comunicar", disse ela. "Tudo dependerá então de mim e do Sam."

Os olhos de Tomás deslizaram para o homem sentado ao lado do motorista. Sam era um indivíduo corpulento, de cabelo curto e barba rala, e totalmente vestido de negro.

"O Sam é o vosso músculo?"

"Acho que lhe pode chamar assim."

"Parece uma versão mais feia do Van Damme", observou. "Será que ele também sabe karate?"

O comentário tinha sido feito a brincar, mas Rebecca pareceu considerá-lo pertinente.

"Sam!", chamou.

O homem de negro voltou a cabeça.

"O que é, Maggie?"

"Antes de vir aqui para Islamabade, o que fazia você?"

"Receio que isso seja informação confidencial..." Rebecca fez beicinho e pestanejou exageradamente.

"Oh, vá lá!"

O homem riu-se.

"Navy SEALS", disse. "Fazia operações especiais no Afe ganistão, como muito bem sabe. Não se lembra de tomarmos um chá em Kandahar?"

"Então não me lembro? Eles andavam aos tiros lá fora e nós a saborear

aquela zurrapa..."

"Então se se lembra, porque pergunta?"

"Por nada", devolveu ela. "Queria apenas que o nosso amigo percebesse melhor em que mãos está entregue."

"Rigkt."

O operacional voltou a atenção para a frente, retomando a conversa com o motorista, e Rebecca inclinou-se na direcção do português.

"Está a ver? O Sam é o responsável pela sua segurança. Se o Jerry detectar algum problema, o Sam e eu teremos de actuar. A sua vida poderá depender da nossa capacidade de reacção."

Tomás endireitou-se no assento.

"Caramba, já me está a assustar. Acha mesmo que isto pode dar para o torto?"

O olhar de Rebecca regressou ao caos urbano de Lahore, por onde a carrinha ziguezagueava.

"Oiça, Tom. Tem alguma ideia do tipo de muçulmanos que vivem nesta cidade?"

"Sufis", retorquiu Tomás. "Aliás, os sufis de Lahore são famosos. Quem não conhece as noites sufis no santuário de Baba Shah Jamal? Parece que dançam até entrarem em transe, entregando-se assim a Deus. Dizem que é interessante. E muito místico."

Ela fitou-o de novo, uma cintilação incrédula nos olhos.

"Sufis, diz você?"

"Sim. E a corrente mais pacífica do islão, juntamente com a dos ismaelitas. Os sufis vivem em paz e harmonia. Para eles a jihad é um conceito de luta do espírito para atingir a perfeição, não é necessariamente guerra nem matança."

Rebecca balançou afirmativamente a cabeça, mas sem a convicção de quem concordava.

"Sim, é verdade que há sufis em Lahore", reconheceu. "É verdade que esta cidade é um centro de misticismo islâmico." O tom da voz da americana ensombrou-se. "Mas também é verdade que vivem aqui muçulmanos de outro tipo. Já ouviu falar na Lashkar-e-Taiba?"

O historiador assentiu.

"O Exército dos Puros", traduziu ele. "Foram eles que levaram a cabo os atentados de 2008 em Mumbai. Porquê?" "A Lashkar-e-Taiba é de Lahore."

"Está a brincar..."

"E mais uma mão-cheia de outras organizações fundamentalistas islâmicas. Lahore, Peshawar, Rawalpindi e Carachi são autênticos viveiros de radicais." Indicou as ruas lá fora. "Esta pode ser a cidade da noite sufi de Baba Shah Jamal,

mas não se esqueça de que Lahore é também a cidade das manhãs sangrentas da Lashkar-e-Taiba."

A carrinha saiu do tráfego denso e meteu por um caminho desimpedido que desembocou junto a umas grandes muralhas. Havia dois autocarros estacionados em frente e alguns peões com máquinas fotográficas penduradas ao peito. A carrinha aproximou-se devagar e estacionou ao lado de um dos autocarros.

"Chegámos!", anunciou Jarogniew. "É aqui o forte."

O silêncio instalou-se dentro da viatura. Com um misto de curiosidade e preocupação, Tomás esticou a cabeça e observou a movimentada entrada do forte.

"Lahore é a cidade dos fundamentalistas islâmicos", repetiu Rebecca. "Não se esqueça de que é com esse tipo de gente que você se vai encontrar aqui."

As pessoas lá fora tinham um ar absolutamente normal. A maior parte das que entravam no forte eram turistas, pelo que a atenção de Tomás se centrou nos poucos paquistaneses que ali se encontravam. Havia os motoristas dos autocarros, alguns taxistas, três ou quatro condutores de auto-riquexós, mais um punhado de vendedores de bebidas ou de panfletos turísticos e ainda alguns transeuntes. O

historiador procurou uma ameaça em cada um destes rostos, mas todos tinham um ar inofensivo.

"Que horas são?", perguntou.

Rebecca espreitou o relógio.

"Onze", disse. "Falta uma hora."

XXVIII

O reencontro com o antigo professor reacendeu uma chama de esperança em Ahmed. Aproveitava todas as horas em que podia sair da cela e ir para o pátio para se juntar a Ayman e beber um pouco mais da sua sabedoria. Nem sempre o mestre estava disponível para ele, uma vez que se encontrava rodeado de outros elementos da Al-Jama'a alTslamiyya e passavam todos muito tempo juntos em animadas discussões políticas e teológicas.

Mas Ahmed gostava da companhia daqueles homens com quem partilhava tantas ideias e a quem admirava pela coragem de terem morto o faraó. Aprendeu com eles a comportar--se como um verdadeiro crente: a maneira de falar, a forma de rezar, o modo de vestir, em tudo isso se foi gradualmente educando.

Passou a caminhar com os olhos baixos, como se exigia entre os crentes mais pios, de modo a evitar os olhos dos outros. Ensinaram-lhe também a não olhar uma mulher acima do queixo. Como não havia nenhuma ali na cadeia, exercitou esse olhar respeitoso com os outros reclusos.

Aprendeu a cobrir sempre a cabeça, de modo a afugentar o Diabo, e sobretudo a rezar correctamente; não devia olhar para os pés no momento em que se ajoelhava, mas sim para o ponto onde iria pousar a testa quando se inclinasse diante de Deus.

Além do mais, na cantina passou a comer como os outros elementos da Irmandade Muçulmana ou da Al-Jama'a, isto é, com os dedos; era esse o modo como Maomé se alimentava, conforme descrito pelos ahaditb, pelo que seria assim que os verdadeiros crentes teriam de comer.

Constatou que os outros reclusos, mais instruídos religiosamente, moviam os lábios sem cessar, mas só ao fim de algum tempo reuniu coragem para perguntar porque o faziam.

"Estou a rezar", explicou Ayman. "Devemos rezar constantemente, devemos arrepender-nos a todo o momento, devemos purificar-nos em permanência. Não te esqueças de que fazer o salat cinco vezes ao dia é o mínimo exigido aos crentes e que Alá até queria que o fizéssemos mais vezes."

Ahmed passou a ter as orações nos lábios murmurantes, embora por vezes se esquecesse e só a imagem de um outro irmão a rezar o lembrasse do seu dever de bom muçulmano.

Vendo-o sempre tão devoto, Ayman vinha ter com ele com frequência para lhe revelar mais facetas do verdadeiro islão. O antigo aluno já tinha todo o Alcorão decorado, o que fazia dele um hafiz, "aquele que preservou", mas o facto é que, tal como a maioria dos crentes, não compreendia bem o seu conteúdo; as implicações filosóficas, políticas e teológicas escapavam-lhe. O árabe do século VII em que o Livro Sagrado estava escrito era de difícil compreensão. Para agravar as coisas, os versículos só podiam ser entendidos quando integrados nos abadith que explicavam as circunstâncias que os originaram.

Ahmed suspeitava por esta altura que o xeque Saad tinha propositadamente evitado revelar-lhe o contexto de muitos dos versículos, pelo que buscava em Ayman a explicação que tudo esclareceria. E o antigo professor fazia-lhe a vontade.

A primeira ocasião em que se voltaram a encontrar a sós no pátio da cadeia foi numa manhã soalheira, mas anormalmente fresca.

"O nosso governo é formado por kafirun", proclamou Ayman. "Toda esta gente que manda em nós, todas estas leis que nos regem e que nos enviaram para a prisão...

tudo isto é coisa de kafirun que se fingem crentes."

Falava como se não os estivesse a insultar, mas a fazer uma mera constatação teológica, o que intensificou a curiosidade de Ahmed.

"Meu irmão, achas mesmo isso? O nosso governo é... é kafirr "Com certeza. Está no Livro Sagrado. Qualquer crente estudioso sabe isso. O governo é kafir, não há dúvida nenhuma."

Ahmed meditou nestas palavras.

"Mas onde está isso escrito no Livro Sagrado, meu irmão?" Que eu saiba, os nossos governantes declararam a shahada, fazem o salat e acreditam em Alá. Isso não faz deles muçulmanos?"

Ayman sentou-se com um gemido de prazer num banco do átrio, o sol ardente a tostar-lhe a tez.

"Deixa-me contar-te um haditb que teve grandes implicações no islão", começou por dizer enquanto se acomodava no seu lugar. "Certa vez dois homens foram ter com Maomé, que a paz esteja com ele, e pediram-lhe que decidisse uma disputa. O Profeta, que a paz esteja com ele, decidiu, mas o homem prejudicado disse que não aceitava essa decisão e foram os dois falar com Omar ibn Al-Khattab. Ao saber que o prejudicado não aceitara o julgamento do Profeta, que a paz esteja com ele, Omar pegou na espada e decapitou-o." Inclinou a cabeça na direcção do aluno, num gesto interrogativo. "Estás a ver o problema que se criou, não estás?"

"Omar violou a sharia", percebeu Ahmed.

"Recitame o versículo que estabelece a lei que Omar violou", ordenou Ayman, testando a compreensão e a memorização do Alcorão pelo seu antigo aluno.

"«Ó vós que credes», diz Alá na sura 3, versículo 3: «Não vos mateis!»"

Ayman balançou aprovadoramente a cabeça.

"Nem mais! Omar tinha violado a sharia! Ou, pelo menos, assim parecia. Tendo um muçulmano assassinado outro muçulmano, a sharia requeria que o assassino fosse executado. Omar teria pois de ser morto. O Profeta, que a paz esteja com ele, viu-se então obrigado a julgar o caso. Foi nessa altura que Deus, através do anjo Gabriel, lhe recitou a frase que está na sura 4, versículo 65: «Mas não, pelo teu Senhor! Não acreditaram antes de te haverem obrigado a julgar sobre o que está em litígio entre eles; em seguida, não encontrando em si mesmos queixa sobre o que sentencies, submeter-se-ão totalmente.» Ou seja, o que Alá comunicou ao Profeta através do anjo foi que, ao não aceitar a decisão do Profeta, o homem prejudicado deixara de ser muçulmano. Assim sendo, Omar não matara um muçulmano, mas um kafir. Não tinha então de ser executado. Percebeste?"

"Sim, meu irmão."

"Agora diz-me: quais as consequências desta decisão?" Ahmed franziu o sobrolho.

"Omar foi salvo?"

"Isso é evidente!", exclamou Ayman, subitamente exasperado. "Claro que Omar foi salvo! Mas o que este episódio e este versículo têm de importante não é isso! O

importante é que ficaram estabelecidas duas coisas fundamentais: matar kafirun não é necessariamente crime e não aceitar todas as decisões do Profeta faz de nós kafirun. Repito: todas. Lembra-te que está dito no final da sura 4, versículo 65: «Sebme-ter-se-ão totalmente.» Se a submissão for parcial, a pessoa deixa de ser muçulmana. A submissão tem, pois, de ser total. O mesmo, aliás, diz Alá na sura 4, versículos 150 e 151 do Santo Alcorão: «Os que não crêem em Deus nem nos Seus Enviados desejam estabelecer uma distinção entre Deus e os Seus Enviados. Dizem: 'Cremos nuns e não cremos nos outros.' Desejam tomar entre aqueles um caminho intermédio. Esses são verdadeiramente os infiéis.» Ou seja, não há caminho intermédio. Se não aceitarmos todas as leis, tornamo-nos kafirun."

"O que quer dizer com isso, meu irmão? Se eu falhar uma lei, uma única que seja, deixo de ser muçulmano?"

"É isso mesmo o que diz Alá no Santo Alcorão! Para se ser muçulmano é

preciso respeitar sempre todas as leis. Basta falhares em algumas delas e deixas de ser muçulmano. Por exemplo, tu rezas cinco vezes por dia, não é verdade?"

"Sim, sem falhar."

"Se rezas cinco vezes por dia, como o Santo Alcorão requer, mas se por acaso não respeitas o jejum no Ramadão, como o Santo Alcorão exige, deixas de ser crente e tornaste kafir. Entendeste?

O próprio Ibn Taymiyyah, referindo-se aos Mongóis que aceitaram o islão mas mantiveram algumas das suas práticas pagãs, disse: «Qualquer grupo que aceite o islão, mas ao mesmo tempo não pratique alguns dos seus preceitos, deve ser combatido por acordo de todos os muçulmanos»."

"Ah!", exclamou Ahmed, coçando o couro cabeludo. "Foi por isso que, naquela última aula na madrassa, o meu irmão disse que os sufis não são crentes!"

"Exacto! Fizeram a sbahada e praticam o salat e a zakat, podem até cumprir o hadj e respeitar o jejum no mês sagrado, mas, ao invocar santos nas suas orações, renegam que só há um Deus. Não cumprem assim todos os preceitos do islão, o que, à luz do estabelecido no Santo Alcorão e na sunnab, faz deles kafirun."

"Estou a perceber..."

"Mas ainda é preciso que percebas uma outra coisa", apressou-se a acrescentar.

"Como sabes, Alá cansou-se de ver a Sua palavra deturpada por intermediários e decidiu ditar as Suas leis uma última vez aos homens. Escolheu Maomé, que a paz esteja com ele, como mensageiro. Só que, para impedir que a Sua palavra fosse de novo deformada, Alá proibiu a existência de intermediários e obrigou que a Sua lei ficasse inscrita no Santo Alcorão. Não haveria desse modo possibilidade de desvios. Quem quisesse reinterpretar a vontade de Deus seria confrontado com o que Ele deixara escrito no Livro Sagrado. A sharia é assim uma ordem dada directamente por Alá aos crentes, sem influência de intermediários. «Não temais os homens, mas temei-Me», diz Deus na sura 5, versículo 44."

"Tudo isso já eu sei, meu irmão. E então?"

Ayman fitou os olhos do seu antigo aluno.

"Recitame, por favor, a frase do testemunho que o muezzin faz no adhan, quando chama os crentes para a oração."

"«Ash-hadu na la illaba illallab", entoou Ahmed.

"«Sou testemunha de que não há nenhum Deus senão Alá». «Asb-hadu Mubammad ur rasulullab»", completou. "«Sou testemunha de que Maomé é o Seu profeta»."

"Essa declaração que acabaste de recitar implica a nossa submissão a Deus e Deus apenas", atalhou Ayman. "«Não há nenhum Deus senão Alá.» Isso significa que todas as outras autoridades existentes na Terra, incluindo presidentes e governos, valem menos do que a vontade de Alá, expressa directamente no Santo Alcorão. Isto quer dizer que a vontade de Alá tem de ser obedecida, mesmo que isso implique desobedecer a um presidente ou a um polícia. Alá manda acima de todos. Está claro?"

"Bem... sim." Hesitou. "O Profeta defendia isso?"

"Claro!", exclamou Ayman, quase escandalizado com a pergunta. "Não conheces o hadith do encontro do cristão Adi com o apóstolo de Deus, que a paz esteja com ele?"

"Confesso que não."

"O cristão Adi foi ter com o Profeta, que a paz esteja com ele, e ouviu-o recitar o versículo que diz que os Adeptos do Livro, em vez de Deus, escolheram prestar culto aos seus rabinos e aos seus padres. O cristão negou que isso fosse verdade e Maomé, que a paz esteja com ele, para demonstrar que tinha razão, sentenciou: «Tudo o que os seus padres e os seus rabinos consideram permissível, eles aceitam como permissível; tudo o que eles declaram proibido, eles consideram proibido e, dessa forma, prestam-lhes culto»."

Ahmed meditou por momentos no sentido do hadith que acabara de lhe ser relatado.

"Portanto, o Profeta achava que os kafirun não adoravam Deus, mas os intermediários de Deus", concluiu.

"Claro. Mas este hadith tem especial importância porque estabelece que a obediência a leis e decisões humanas constitui uma forma de prestar culto. Assim sendo, quem aceite leis cuja fonte não é Alá está a prestar culto a algo diferente de Alá. Como sabes, meu irmão, isso é contra o islão. Quem o fizer torna-se kafir. Não te esqueças de que até o próprio califa Ali foi destituído e morto por não ter respeitado integralmente a sharia. Ninguém está acima da Lei Divina! Nem califas, nem presidentes, nem polícias! Alá é a única autoridade."

"E... e no caso das leis do nosso país? Como se compatibilizam elas com o islão?"

O antigo professor respirou fundo, como se a referência ao assunto o enervasse.

"Alá me dê paciência!", murmurou. "Hoje não a tenho!"

Sem pronunciar mais uma única palavra, levantou-se e foi-se embora.

Foram precisos dois dias para Ayman reunir toda a paciência de que era

capaz e voltar a sentar-se com Ahmed para abordar o assunto que o enervava.

Trazia consigo um grosso livro azul que mostrou ao seu pupilo.

"Isto é o Código Penal do Egipto", anunciou, começando a folhear o livro azul à procura das partes que considerava relevantes. "Deixa-me mostrar-te aqui o artigo 274... ora cá está!" Afinou a voz para ler o texto. "«Uma mulher adúltera deve ser presa até dois anos.»" Olhou para o seu interlocutor. "Agora recitame o que diz Alá na sura 24, versículo 2 do Livro Sagrado."

Ahmed fez um esforço de memória; sabia que o mestre não estava apenas a questioná-lo sobre aquele versículo em particular, mas também a testar os seus conhecimentos do Alcorão.

"«À adúltera e ao adúltero, a cada um deles dai cem açoites»."

"E há também um hadith que relata a ordem do Profeta, que a paz esteja com ele, de lapidar até à morte um casal de adúlteros", acrescentou Ayman.

"Existe ainda um outro hadith que revela que Alá recitou ao Profeta, que a paz esteja com ele, um versículo a ordenar a lapidação até à morte dos adúlteros, mas esse versículo perdeu-se inadvertidamente. Para todos os efeitos, o que nos interessa é que Alá manda no Santo Alcorão dar cem açoites aos adúlteros e a sunnah do Profeta, que a paz esteja com ele, ordena que eles sejam executados por lapidação. Mas a nossa lei, pasme-se, appenas prevê até dois anos de prisão às adúlteras e até seis meses de prisão aos adúlteros! É isto o islão?" "Claro que não."

Ayman folheou de novo o Código Penal egípcio.

"Agora o artigo 317", disse, localizando rapidamente a página que procurava. "Ora escuta: «A sentença por roubo é três anos de prisão com trabalhos forçados»."

Ergueu os olhos. "Agora recitame a ordem de Alá na sura 5, versículo 38."

Ahmed precisou de alguns segundos para identificar mentalmente o trecho.

"«Cortai as mãos do ladrão»."

"O que o Profeta, que a paz esteja com ele, também ordenou, conforme contado em ahadith apropriados, explicando que o corte deveria ser da mão direita. Ou seja, Alá mandou cortar as mãos dos ladrões e o Profeta esclareceu que Ele se referia às mãos direitas, mas a nossa lei apenas prevê três anos de prisão com trabalhos forçados. Pergunto eu outra vez: é isto o islão?"

"Não, meu irmão, é evidente que não."

O antigo professor ergueu o Código Penal ao nível dos olhos e fez um esgar de desprezo.

"Já li a lei egípcia de trás para a frente e de cima para baixo e não vejo nada aqui a penalizar a apostasia. À luz da lei egípcia, qualquer pessoa pode deixar de ser crente e tornar-se kafir cristã ou outra coisa qualquer. Agora recitame o que

diz Alá na sura 2, versículo 217."

A sura 2 é o capítulo mais comprido do Alcorão, pelo que Ahmed levou algum tempo a localizá-lo na memória.

"«Aquele de vós que abjure a sua religião e morra é infiel, e para esses serão inúteis as suas boas acções nesta vida e na outra; esses serão entregues ao fogo»."

"O que é completado pela sunnah do Profeta, que a paz esteja com ele", atalhou Ayman. "Um haditb apropriado registou esta ordem do mensageiro de Alá, que a paz esteja com ele: «Matem quem renegar a nossa religião.»" Exibiu o livro azul que mantinha na mão. "Ou seja, Alá envia os apóstatas para o fogo e o Profeta manda matá-los, mas a lei egípcia nem sequer diz que isso é crime! E eu pergunto mais uma vez: é isto o islão?"

"Por Alá, claro que não!"

"Dei apenas três exemplos, mas há inúmeros outros em que se verifica absoluta dissonância entre a Lei Divina e a lei em vigor no Egipto." Fungou e escarrou.

"Sabes o que o Egipto me faz lembrar?"

Ahmed abanou a cabeça.

"Antes de o Profeta, que a paz esteja com ele, ter começado a pregar a palavra de Alá, a Arábia estava toda ela mergulhada em jahiliyya, na ignorância de Deus. Uma sociedade jahili é justamente aquela que não se submete exclusiva e totalmente a Alá, vive na ignorância das Suas leis. Ora isso é muito grave porque a Lei Divina é a lei universal."

Baixou-se e apanhou uma pequena pedra.

"Estás a ver esta pedra? Vou largá-la." Deixou-a tombar. "Caiu, viste? E porque caiu ela?"

"Por causa da lei da gravidade, meu irmão."

"Que é uma Lei Divina! A lei da gravidade é igual na Terra e na Lua, é igual hoje e há mil anos, é eterna e universal porque foi estabelecida por Alá. O mesmo se passa com a sharia. A Lei Divina que Alá prescreveu para os homens, tal como a lei da gravidade e todas as leis da natureza, é eterna e universal, válida para todos os homens independentemente da sua raça ou nacionalidade, válida aqui ou na América, válida hoje, amanhã ou no tempo do Profeta, que a paz esteja com ele. A sharia é a melhor lei porque vem de Deus e, que eu saiba, as leis das criaturas não se podem comparar com a lei do Criador."

"Portanto, temos de rejeitar as leis humanas."

"Com todas as nossas forças! A base da mensagem de Alá é essa mesmo: todos têm de aceitar a Lei Divina e rejeitar todas as outras leis. O princípio que tudo funda é a verdade eterna que tu enunciaste há pouco: «La illaha illallab»,

«não há nenhum Deus senão Alá.» Essa proclamação constitui uma declaração de guerra à possibilidade de os homens proclamarem leis que não são permitidas por Deus. «La illaba illallab» tornou os homens livres uns dos outros. Um crente já não pode ser escravo de outro, todos somos finalmente livres e ninguém pode exercer autoridade sobre o outro. A única submissão é a Alá e à Sua sharia. O islão pôs fim à justiça humana e instituiu a Justiça Divina. Alá disse que não se pode consumir álcool e logo os crentes obedeceram. Compara isso com os governos seculares jabilis, com toda a sua legislação, com todas as suas instituições, polícias e militares, e que têm tanta dificuldade em fazer com que uma pessoa obedeça às suas leis. A América também tentou abolir o álcool, ou não tentou? E conseguiu? Não é o fracasso da América em proibir o álcool, comparado com o sucesso do islão na mesma proibição, a prova de que a Lei Divina é muito mais eficiente do que as leis humanas?"

"Além disso, somos mais livres."

"Mais livres? Somos totalmente livres! O Islão liberta o homem das imperfeitas leis e tradições humanas e submete-o unicamente a Deus. O universo inteiro fica assim sob a autoridade de Alá, e o homem, sendo uma ínfima parte desse universo, passa a obedecer às leis universais. A Lei Divina regula todas as matérias e põe o homem em harmonia com o resto do universo. O ser humano liberta-se. No islão não interessa a raça, a língua, a nacionalidade, a classe social, somos todos gotas de água que se juntam num ribeiro e todos os ribeiros convergem para um grande rio que desagua no oceano imenso. Compara, por exemplo, o império de Deus com os impérios humanos do passado. Olha para o Império Romano! Já viste o que se passava aí?"

Ahmed ficou na dúvida sobre o sentido da pergunta.

"Acabou?"

"Claro que o Império Romano acabou, isso era inevitável. O que eu quero dizer, no entanto, é que se juntavam aí pessoas de todas as raças, mas a relação entre elas não era livre. Uns eram nobres e outros eram escravos, e os Romanos mandavam mais do que as pessoas de outras regiões. Olha para os grandes impérios europeus, como o britânico, o espanhol, o português ou o francês! Todos eles eram fundados na ganância e no orgulho, na opressão e na exploração de povos. Olha para o império comunista! Em vez de mandarem os nobres, ali quem manda é o proletariado, ou, para ser mais verdadeiro, uma elite privilegiada que usurpou o poder em nome do proletariado. Todo o comunismo é fundado na luta de classes, não na harmonia. Compara tudo isso com o islão, que liberta o ser humano destes grilhões e o submete universalmente à Lei Divina. No seu sentido mais profundo, «la illaha illallab» significa que todos os aspectos da vida humana devem ser regulados pela sharia, mas isso, meu irmão, tem uma

importante consequência. Sabes qual é?"

A pergunta era retórica e Ahmed permaneceu calado.

"Aqueles que se revoltam contra a soberania de Alá e decidem proclamar leis humanas têm de ser enfrentados! Deus quis que o Profeta, que a paz esteja com ele, pusesse fim à jabiliyya e impusesse a Lei Divina entre os homens. Impusesse, repito. O problema é que, com o tempo, a sharia foi suspensa e a vontade de Alá já não está a ser respeitada entre os homens."

"O meu irmão acha que o Egipto vive agora em jabiliyya?"

"Então não vive?", perguntou Ayman, o corpo inteiro de súbito a tremer, o tom de voz a inflamar-se. "Então não vive? Alá instituiu o Islão justamente para pôr fim ao culto das imperfeitas leis humanas. Todas as pessoas da Terra devem obediência a Deus e a Deus apenas. Ninguém tem o direito de fazer leis. Aceitar a autoridade pessoal de um ser humano é aceitar que esse ser humano partilha a autoridade de Alá. Isso é heresia! Isso é a fonte de todos os males do universo!"

Incapaz de permanecer sentado, ergueu-se num gesto de exaltação, o braço erguido a sublinhar as sentenças empolgadas.

"Só há um Deus: Alá! Só há uma autoridade na Terra: Alá! Só há uma lei: a sharia! Mas aqui, no Egipto e nos países que se dizem do islão, a autoridade é do governo e a lei que vigora é a lei desse governo. E eu pergunto: é isso o islão? Claro que não! Claro que não! Estes governos que se dizem do islão são, na verdade, jahili, uma vez que estabelecem limites à sharia, não punindo os adúlteros com a lapidação até à morte nem ordenando a amputação da mão direita dos ladrões, nem sequer considerando que a apostasia é crime, conforme está previsto na Lei Divina. Uma pessoa pode ser adúltera, bêbeda ou até kafir, mas desde que obedeça à lei humana é classificada como boa cidadã! Isto faz algum sentido? E um crente que mate urna adúltera à pedrada, respeitando assim a sharia, é, imagine-se!, classificado como criminoso e fanático e até vai para a prisão! É este um país islâmico? Como já te expliquei, Alá ordena no Santo Alcorão que se respeitem todos os Seus preceitos, não apenas alguns. Quem respeitar uns preceitos e ignorar outros é, em bom rigor, kafir. Isso significa que estes governos jahili que mandam em nós não passam, aos olhos de Deus, de governos kafirun."

Ahmed tentou digerir as implicações do que acabara de escutar. Os governos que não aplicam a sharia são kafirun, repetiu mentalmente. Isso significava que o seu governo era também kafir.

"Mas... mas... como podemos nós viver num país Kafir?"

"É isso justamente o que eu e os meus companheiros perguntamos. O Egipto é ou não é um país crente? Se é, tem de respeitar integralmente a Lei Divina. Se não a respeitar na totalidade, torna-se kafir."

"Tens toda a razão, meu irmão!", exclamou Ahmed.

"O que podemos nós fazer para impor o respeito pela vontade de Alá?"

Ayman, passada a paixão que o arrebatara momentos antes, voltou a sentar-se.

"Temos de derrubar o governo, não há outra possibilidade. Repito o que te disse: Alá quis que o Profeta, que a paz esteja com ele, pusesse fim à jahiliyya e impusesse a Lei Divina entre os homens. A palavra impusesse é aqui crucial, não me canso de o sublinhar. Somos, por isso, obrigados por Deus a reinstituir a comunidade islâmica na sua forma original, de modo a acabar com o estado de jahiliyya em que o mundo mergulhou. A soberania foi retirada a Alá e de novo transferida para o homem, fazendo com que uns homens mandem noutros e façam leis que contradizem a Lei Divina. Como resultado dessa rebelião, voltou a opressão. Olha para o nosso governo: não é ele corrupto? Não vês tu corrupção por toda a parte? Como é possível que os judeus tenham hoje mais força do que toda a umma? Como é possível que os cristãos mandem em nós e usem governos-fantocbes para nos oprimirem? Como é possível que nos deixemos dividir? Precisamos de iniciar um movimento que una a umma, reinstitua a Lei Divina entre os homens e restabeleça o verdadeiro islão."

"Foi por isso que a Al-Jama'a matou o faraó?"

"Claro. Não foi por causa do acordo com os sionistas em Camp David, como alguns pensam. O conflito com os sionistas é apenas um sintoma do mal, não o mal em si. O verdadeiro mal é termos leis humanas que se sobrepõem à Lei Divina. Todo o mal que está acontecer à umma é resultado desse erro. Foi por isso que mandámos o faraó para o grande fogo!"

"Mas a morte dele não resultou", constatou Ahmed. "A jahiliyya continua."

"A matança do faraó foi um primeiro passo, que terá de ser seguido por outros. Não há alternativa. As ordens de Alá no Livro Sagrado são muito claras e não vale a pena fingirmos que elas não estão lá, como fazem muitos que se dizem crentes e que são, na verdade, jabili."

Ahmed inspirou fundo e balançou-se no seu lugar, como um pêndulo, considerando o problema. Havia algum tempo que pensava no assunto, em particular desde que um turista que guiara pelo souq do Cairo lhe tinha dado uma ideia.

"Se calhar há um outro caminho", murmurou.

"Qual?"

"Houve um kafir que uma vez me falou na possibilidade de se mudar de governo sem grandes problemas", disse, falando devagar. "Ele chamou a isso democracia. Segundo esse kafir, é..."

O antigo professor ergueu-se de rompante.

"Democracia?", perguntou quase aos berros, a voz carregada de indignação. "Democracia?"

Ahmed deu um salto de susto no seu lugar; não esperava aquela reacção e muito menos o ardor escandalizado que nela sentia.

"Porquê, meu irmão? Eu disse... eu disse alguma coisa de errado?"

"Tu não tens estado a ouvir o que tenho explicado? Então ando eu aqui a revelar-te o islão, a mostrar-te que Alá ordenou o respeito integral da sharia, que a verdadeira liberdade está no respeito da Lei Divina e tu... tu... tu vens-me falar de... de democracia? Não percebeste nada do que eu te ensinei?"

"Mas, senhor profes... meu irmão!", tentou Ahmed argumentar, a voz submissa e tímida, o corpo encolhendo-se de embaraço. "Que eu saiba até agora não falámos sobre isto! Eu... eu na verdade nem sei bem o que pensar da democracia, queria perceber o que diz Alá sobre o assunto. Por favor, não se ofenda!"

Ayman bufou, como uma máquina a vapor a libertar-se da pressão, e fez um esforço para se acalmar. Sentou-se e fitou o seu pupilo.

"Tu sabes o que é democracia?"

A pergunta deixou Ahmed momentaneamente atrapalhado.

"Bem... quer dizer, democracia é... é nós podermos escolher um novo governo."

"O que tem grandes e graves implicações. Imagina que os crentes estão em minoria e o governo que é eleito é kafir. O que acontece então? Aceitamos ser governados por kafirun? Posto perante uma possibilidade que nunca considerara, o pupilo ficou de sobrolho carregado a matutar no assunto.

"Pois, não tinha pensado nisso."

"E esse é apenas o menor dos problemas", apressou-se Ayman a adiantar. "O grande problema é teológico. Esse é inultrapassável."

"Não estou a entender..."

"Diz-me, qual é a lei verdadeira que deve reger os homens?"

"Ora, é a Lei Divina, a sharia."

"Então tu não estás a ver que a democracia dá às pessoas o poder de fazerem elas próprias a lei? Numa democracia são as pessoas que decidem o que se pode ou não fazer, o que se pode ou não proibir. Isso é contra o islão! No islão as pessoas não têm o poder de decidir o que é legal ou ilegal. Esse poder é exclusivo de Alá! Os adúlteros têm de ser lapidados até à morte, mesmo que as pessoas discordem dessa penalização. Quem faz a lei é Deus, não são as pessoas! A Lei Divina está enunciada no Santo Alcorão e na sunnah do Profeta, que a paz esteja com ele, e as pessoas, gostem ou não, têm de a respeitar na íntegra. Se não o fizerem, tornam-se kafirun e a sociedade mergulha na jakiliyya. É por isso que

a democracia é inaceitável para o islão. Ao retirar o poder a Deus e entregá-lo aos homens, ela está a semear a heresia e o politeísmo."

"Mas, meu irmão, já li que a América quer que o islão tenha democracia..."

Ayman soltou uma gargalhada sonora.

"Isso dá-me vontade de rir!", exclamou. "Só pode dizer isso quem desconheça o islão! Ou, mais provavelmente, quem tenha um plano para destruir o islão! Dizer que um crente pode ser democrata é o mesmo que dizer que um crente pode ser politeísta. As duas coisas são contraditórias, é como querer misturar água e azeite! A democracia prevê liberdade de religião, incluindo o direito de as pessoas mudarem de crença, mas isso vai contra o islão, como muito bem sabes! Não foi o Profeta, que a paz esteja com ele, que decretou a pena de morte para os apóstatas? Como pode isso ser compatível com a liberdade de religião? A democracia prevê também a liberdade de expressão, o que significa que se pode até criticar Alá e as Suas decisões. Ora o islão proíbe terminantemente que se faça tal coisa."

"Tem razão", reconheceu Ahmed. "Só não sei onde está estabelecida essa proibição."

"Na sunnah. Existe um hadith que revela que o Profeta, que a paz esteja com ele, perguntou a um grupo de amigos: «Quem pode tratar do Kaab bin Ashraf?» Referia-se a um poeta que criticava Maomé, que a paz esteja com ele. Um homem chamado Musslemah perguntou: «Quer que o mate?» O Profeta, que a paz esteja com ele, respondeu: «Sim.» Musslemah decapitou então o poeta e Maomé, que a paz esteja com ele, disse: «Se ele se tivesse calado como todos os que partilham a sua opinião, não teria sido morto. Mas ele ofendeu-nos com a sua poesia e qualquer de vós que fizesse o mesmo também mereceria a espada». Este haditb mostra que não se pode criticar o islão e que a punição para quem o fizer é a morte. Aliás, é uma evidência que a crítica ao islão não pode ser feita. Como pode o respeito por Deus ser compatível com a liberdade de expressão? Como pode ser o Islão compatível com a democracia?"

Abanou a cabeça e esboçou um sorriso agastado. "Sabes o que desejam realmente os kafirun americanos, sabes?"

Ahmed ficou calado, aguardando que Ayman respondesse ele próprio à pergunta que fazia.

"Recitame o que Alá diz na sura 5, versículo 51."

O pupilo voltou a concentrar-se.

"«Ó vós que credes! Não tomeis a judeus e cristãos por confidentes: uns são amigos dos outros. Aquele de entre vós que os tome por confidentes será um deles»."

"O que Alá está a dizer nesse versículo é que, para além de não podermos ser

amigos dos Povos do Livro, não podemos confiar neles. Isso está repetido noutras partes do Santo Alcorão, como a sura 3, versículo 100. Seria ingenuidade nossa acreditar que os judeus e os cristãos estão de boa-fé quando analisam a história islâmica e fazem propostas para a nossa sociedade, como essa da democracia. Quando vêem com essas ideias, o que eles realmente querem é atingir as fundações do islão e demolir a estrutura da nossa sociedade. Ao pregar a liberdade, a democracia e os direitos humanos, os kafirun cristãos estão a atacar o islão com poderosas armas intelectuais."

"Mas o Irão tem democracia, meu irmão", argumentou Ahmed. "E, que eu saiba, os iranianos são muito respeitadores da sharia."

"Já foram mais", retorquiu o mestre com um esgar irónico. "Além disso os iranianos são xiitas, não praticam o verdadeiro islão. De qualquer modo, é preciso notar que quem realmente manda no Irão são os ayatollahs, e esses não são eleitos. Os presidentes e os parlamentos do Irão, embora eleitos, não têm o poder de violar a sharia, apenas de a fazer respeitar. Mas o que é verdadeiramente importante é resistir à tentação de ceder perante as armas intelectuais do Ocidente kafir, sob pena de abandonarmos a Lei Divina e passarmos a querer a lei dos homens. Onde está dito no Santo Alcorão que é preciso democracia? Se Alá não fala nisso é porque ela não é necessária! Basta a Lei Divina, que regula o universo inteiro. Se a lei de Alá é boa para todo o universo, porque não há-de ela ser boa para os homens?"

Ahmed coçou a cabeça, simultaneamente esclarecido e confuso.

"Então o que fazemos, meu irmão?"

"Fazemos o que Ibn Taymiyyah disse que fizéssemos."

O pupilo soergueu o sobrolho, admirado com a referência ao xeque que combateu o domínio mongol.

"Que quer dizer com isso?"

"Posto perante uma situação semelhante à nossa, Ibn Taymiyyah consultou o Santo Alcorão e a sunnab do Profeta, que a paz esteja com ele, e concluiu que um governo que só acata parte da sharia e ignora a outra parte está, na verdade, a seguir homens e não Deus. O xeque disse: «Fé é obediência. Se alguma dela estiver com Alá e outra dela estiver com outro que não Alá, a guerra é obrigatória até que toda a fé esteja com Alá.»"

Ahmed ficou um instante calado, amadurecendo as implicações da fatwa de Ibn Taymiyyah.

"O meu irmão está a dizer que a única solução é a guerra?"

O antigo professor de religião ergueu-se do seu lugar, dando a conversa por encerrada. Mas antes de regressar para o grupo dos seus companheiros da Al-Jama'a que se juntavam no outro lado do átrio para se prepararem para a oração

do meio-dia, voltou-se para o seu pupilo.

"Chamamos-lhe jibad."

XXIX

A ansiedade e a expectativa corroíam-lhe o espírito. Tomás espreitou o relógio pela décima vez em apenas cinco minutos e respirou fundo, sem saber se desejava que o tempo acelerasse ou abrandasse. Cerrou os olhos e desejou ardentemente saltar as duas horas seguintes. Que bom seria que, quando dentro de instantes abrisse de novo as pálpebras, fosse já uma da tarde e o encontro com Zacarias já tivesse ocorrido!

Abriu os olhos e consultou mais uma vez o relógio.

Onze e cinco.

"Porra!"

"O que foi?", perguntou Rebecca.

"Ainda faltam cinquenta e cinco minutos."

Remexeu-se no assento, desassossegado. "Não será melhor irmos agora?"

"Para onde?"

"Lá para fora!", exclamou Tomás, a voz numa tensão impaciente. "O Zacarias já cá pode estar."

Rebecca passeou o olhar pelo exterior.

"Já o viu?"

"Não, claro que não." "Então qual é a pressa?"

"Bem... sempre saímos desta maldita carrinha, não acha? Além disso, despachamos isto de uma vez por todas! Quanto mais cedo este assunto ficar resolvido melhor."

A americana fitou-o, uma expressão maternal a derramar-se pelo seu olhar azul.

"Tenha calma, Tom", disse num tom tranquilizador.

"Vamos lá para fora no momento em que tivermos de ir. Nem um minuto antes, nem um minuto depois.

Compreendeu?"

As palavras de Rebecca pareciam funcionar como sedativos e Tomás deu consigo a descontrair-se.

"Está bem."

"Não se preocupe, estamos a controlar a situação", acrescentou ela, indicando com a cabeça os dois operacionais lá à frente. "O Jerry e o Sam estão

a monitorar o que se passa lá fora." Os dois homens tinham parado de conversar entre eles e pareciam atarefados com os instrumentos electrónicos que enchiam aquilo a que a Tomás parecia ser um cockpit.

"Deixe-os trabalhar. Mas se vir o Zacarias avise-me.

Okay?"

"Fique descansada."

O silêncio imperava na carrinha. Apenas se ouviam as comunicações electrónicas no cockpit, com Jarogniew a testar os instrumentos e Sam a perscrutar todo o movimento exterior. Aquela espera era enervante, descobriu Tomás, sentindo o nervoso miudinho apoderar-se de novo dele. Onde seria exactamente o encontro com Zacarias? O antigo aluno apenas lhe falara no forte da cidade velha, mas agora que ali estava percebia que se tratava de um complexo enorme. Como localizar o ponto exacto do encontro? E o que iria acontecer? Será que Zacarias iria mesmo aparecer? Pelo telefone ele tinha-lhe parecido incrivelmente nervoso. E se sucedesse algum imprevisto?

Rebecca sentiu a inquietação gradualmente apoderar-se de novo do historiador, que se remexia e suspirava no seu lugar, e percebeu que teria de lhe manter a mente ocupada.

"Você viveu no Egipto?", perguntou ela.

Tomás assentiu com a cabeça.

"Presumo que tenha lido um dossiê sobre mim."

"Sim, mas a documentação raramente mostra o que se passa dentro da cabeça de uma pessoa", devolveu a americana. "Diz o que ela fez, mas não consegue necessariamente explicar porquê."

"Quer saber porque fui para o Cairo?"

"Sim."

"Porque quis aprender árabe e conhecer o islão", retorquiu ele. "Sou perito em línguas antigas e criptanálise. Até sei hebraico, a língua de Moisés, e aramaico, a língua de Jesus. Mas faltava-me a língua e a cultura de Maomé. Além do mais, não se esqueça de que o mais antigo tratado de criptanálise está escrito em árabe."

"A sério?"

"Não sabia? E um texto do século IX, mas só foi descoberto em 1987, num arquivo de Istambul. Intitula-se Um Manuscrito para Decifrar Mensagens Criptográficas."

Arqueou as sobrancelhas.

"Fascinante título, hem?"

"Quem é o autor?"

"Abu Yusuf Yacub ibn Ishaq ibn as-Sabbah ibn Omran ibn Ismail Al-Kindi."

Tomás pronunciou o nome muito depressa, extraindo um esgar perplexo do rosto da sua interlocutora.

"Quem?"

O historiador soltou uma gargalhada.

"Para facilitar chamamos-lhe apenas Al-Kindi", esclareceu, divertido. "É ele o principal responsável pelo meu interesse pela língua árabe. Fiz questão de ler na língua original o manuscrito que Al-Kindi escreveu. É fascinante. Foi por isso que fui para o Cairo aprender árabe. Mas, claro, acabei por me interessar também pelo islão.

Estudei na Universidade de Al-Azhar, a mais prestigiada universidade islâmica do mundo, e passei a perceber melhor o que se passa na mente dos muçulmanos. Falei com todo o tipo de gente, nem imagina."

"Conheceu fundamentalistas?"

"Claro."

Rebecca mudou de posição no assento, subitamente interessada. Começara por questionar Tomás sobre a sua passagem pelo Egipto apenas para o manter distraído, mas percebera nesse instante que o historiador podia abrir-lhe perspectivas novas.

"E então?"

"Então, o quê?"

"Ora, não se faça desentendido!", exclamou Rebecca; agora era ela que se mostrava impaciente.

"O que lhe disseram os tipos, Tom? Por que razão andam eles a atacar toda a gente? Porque fazem estes atentados horríveis? Eles explicaram-lhe isso?"

O historiador franziu o sobrolho.

"Está a insinuar que não sabe por que motivo os radicais levam a cabo estes ataques?"

"Bem, presumo que isso se deva a... a razões socioeconómicas, à pobreza, à ignorância..."

"Quais razões socioeconómicas? Qual pobreza? Qual ignorância? Não sabe que o Bin Laden é milionário? Não sabe que uma importante parte dos homens que levam a cabo estes atentados tem estudos universitários? Aliás, na reunião da NEST em Veneza apareceu um tipo da Mossad a dar-nos um perfil dessa gente."

"Pois... tem razão. Então qual é a explicação?

Descobriu-a?"

"Claro."

"E então?"

"Aqueles a quem você chama fundamentalistas limitam-se a seguir à letra as ordens que estão no Alcorão e na vida de Maomé. Tão simples quanto isso."

"Não é bem assim", corrigiu ela. "Eles fazem uma interpretação abusiva do islão."

"Quem lhe disse isso?"

"Quer dizer...", hesitou Rebecca, desconcertada com a pergunta. "Isso está... sei lá, está na imprensa. Já li isso na Newsweek... ou na Time, não sei bem."

Tomás inclinou ligeiramente a cabeça, como um professor a repreender com o olhar o seu aluno favorito.

"E acreditou?"

"Bem, não há razões para duvidar... ou há?"

O historiador respirou fundo, desta vez já não de ansiedade, mas para ganhar balanço. O seu problema não era o que responder, mas por onde começar.

"Oiça, é preciso entender um conjunto de coisas sobre o islão", disse. "A primeira, e talvez a mais importante de todas, é que o islão não é o cristianismo. Nós temos esta fantasia de que os profetas promovem sempre a paz e de que para eles a vida é sagrada, seja em que circunstâncias for. Em momento algum os profetas aceitam que se faça guerra e se mate outras pessoas. É ou não é verdade?"

"Bem... sim, é verdade." Mudou de tom e tornou-se mais assertiva. "Mas também é verdade que a maior parte das guerras são provocadas pelas religiões! Quantas matanças não se fizeram em nome de Cristo?"

"Ordenadas por Cristo?"

"Não, claro que não. Mas em nome dele..."

"Não confunda coisas", rectificou Tomás. "Quando um cristão faz a guerra, é importante que perceba que ele está a desobedecer a Cristo. Não foi Jesus que disse que, quando nos batem numa face, devemos dar a outra? Ao recusar-se a dar a outra face e ao optar pela guerra, o cristão está a desobedecer ao seu Profeta, ou não está?"

"Claro que sim."

"Pois essa é uma importante diferença entre o cristianismo e o islão. É que, no islão, quando um muçulmano faz a guerra e mata gente pode estar simplesmente a obedecer ao Profeta. Não se esqueça de que Maomé era um chefe militar! No islão pode acontecer que o muçulmano que se recuse a fazer a guerra seja precisamente aquele que desobedece ao seu Profeta!"

Rebecca franziu o sobrolho, numa expressão de absoluta incredulidade.

"Está a falar a sério?"

"Registe isto que eu lhe vou dizer", acrescentou o historiador, quase a soletrar as palavras. "A maior parte do Alcorão é constituída por versículos

relacionados com a guerra."

O rosto da americana manteve desenhada a incredulidade.

"Isso não pode ser!", exclamou. "Sempre ouvi dizer que o islão é totalmente pacífico e tolerante."

"E é, se formos todos muçulmanos. O islão impõe regras de paz e concórdia entre os crentes. O problema é se não formos muçulmanos. Está escrito no Alcorão, creio que no capítulo 48: «Muhammad é o Enviado de Deus. Os que estão com ele são duros com os incrédulos, compassivos entre si.» Os compassivos entre si é lido como uma ordem de tolerância entre os crentes e o duros com os incrédulos de intolerância para com os infiéis. No nosso caso, os não muçulmanos, as ordens inscritas no Alcorão ou no exemplo de Maomé são que temos de pagar aos muçulmanos uma taxa humilhante. Se não o fizermos, seremos mortos. Ou seja, se levarmos à letra as regras do islão, a escolha é muito simples: ou nos convertemos em muçulmanos, ou nos humilhamos, ou somos assassinados."

"Mas eu nunca ouvi falar nisso..."

"Nunca ouviu porque no Ocidente estes factos são ocultados. A versão do islão que nos é apresentada é uma versão expurgada destes pormenores perturbadores. Dão-nos uma versão cristianizada do islão. É até frequente ouvir líderes islâmicos no Ocidente a citarem textos sufis para mostrar que o islão é só paz e amor. Acontece que o sufismo é um movimento místico islâmico muito minoritário e com forte influência cristã, coisa que não nos é explicada. A ideia que fica é que o islão é muito próximo do cristianismo, o que não é bem verdade.

Maomé fazia coisas que, sendo naturais naquele tempo, são hoje inaceitáveis para uma mente ocidental. Essas coisas são-nos cuidadosamente escondidas."

"Hmm... isso é novidade para mim", disse Rebecca com um esgar céptico. "Dê-me exemplos de coisas que não nos são contadas."

"Olhe, a primeira grande batalha em que Maomé esteve envolvido foi a batalha de Badr, contra a sua própria tribo de Meca. Os muçulmanos venceram e os líderes inimigos foram mortos ou capturados. Um deles, chamado Uqba, implorou pela sua vida e perguntou a Maomé quem olharia pelos seus filhos no caso de ele ser executado. Sabe o que o Profeta lhe respondeu? «O Inferno», disse, e mandou matá-lo. Um outro líder inimigo, chamado Abu Jahl, foi morto e o muçulmano que o decapitou exibiu a cabeça decepada diante de Maomé. Ao ver a cabeça, e depois de se certificar de que se tratava realmente de Abu Jahl, o Profeta deu graças a Deus pela morte do seu inimigo."

"Jesus!", exclamou Rebecca. "Isso aconteceu mesmo?"

"Está amplamente documentado", assegurou Tomás. "Daí que o antigo líder da Al-Qaeda no Iraque, Al-Zarkawi, tenha invocado este incidente quando

decapitou um refém americano em 2004. Se bem me lembro, Al-Zarkawi disse: «O Profeta, o mais misericordioso, ordenou que se cortassem os pescoços de alguns prisioneiros em Badr. Ele estabeleceu um bom exemplo para nós.»"

Rebecca mordeu o lábio.

"Daí que estes fundamentalistas andem a decapitar reféns..." "Estão simplesmente a seguir o exemplo do Profeta, coisa que o Alcorão lhes ordena que façam."

"E há mais situações dessas?"

"Quer mais?", admirou-se Tomás. "Então vou contar-lhe a história de uma tribo judaica que se recusou a converter-se ao islão. Eram os Qurayzah. Maomé cercou a tribo durante quase um mês e os Qurayzah acabaram por se render. Maomé pediu-lhes que escolhessem alguém que decidisse o seu destino. Os judeus escolheram um muçulmano chamado Mu'adh, que já conheciam e de quem esperavam clemência. Mas Mu'adh optou por executar os homens e escravizar as mulheres e as crianças. Ao tomar conhecimento desta decisão, Maomé disse: «Decidiste em conformidade com o julgamento de Alá lá em cima nos sete céus.» Maomé foi então ao mercado de Medina e ordenou a abertura de uma trincheira no chão. Depois mandou buscar os prisioneiros e, à medida que eles lhe eram apresentados, decapitava-os nas trincheiras. As mulheres e crianças cativas foram depois entregues aos muçulmanos, com excepção daquelas que se converteram ao islão."

"Que horror! Tem a certeza de que isso aconteceu?"

"Claro que sim. Aliás, há até um versículo do Alcorão que se refere a este episódio."

Rebecca abanou a cabeça. "Não fazia ideia nenhuma disso."

"É o que eu lhe estava a tentar explicar há pouco", insistiu o historiador. "No Ocidente é apenas apresentada uma versão cristianizada do islão, havendo sempre o cuidado de eliminar todos estes pormenores que nos poderão chocar e alienar. Está a ver Jesus a mandar cortar cabeças de pessoas e a dizer a condenados que quem vai tratar dos seus filhos será o Inferno e a vangloriar-se perante a cabeça decepada de um inimigo? Isto é chocante para nós e é por isso que estes pormenores não nos são revelados! Mas é importante que os conheçamos para percebermos melhor a Al-Qaeda, o Hamas e toda essa gente."

"Claro, tem razão."

"Lembre-se de que os fundamentalistas não estão a inventar nada. Limitam-se a executar à letra as ordens do Alcorão e a seguir o exemplo do Profeta. Eles citam profusamente os textos sagrados do islão e o grande problema é que, quando vamos às fontes verificar o que está lá de facto escrito, descobrimos que os fundamentalistas têm razão. Está lá mesmo escrito o que eles dizem que está

escrito."

"Mas isso é muito grave!", exclamou Rebecca. "Se as coisas são realmente assim, então..."

"Pessoal."

"... não estou a ver como poderemos nós..."

"Pessoal!"

À segunda vez, o tom de voz tornou-se mais peremptório e conseguiu sobrepor-se àquele diálogo empolgado. Rebecca e Tomás pararam de falar, voltaram a cabeça para os bancos da frente e viram Sam inclinado para trás, a olhá-los.

"O que é, Sam?"

"Odeio interromper a vossa conversa. Vocês parecem tão entusiasmados que até me custa."

"Está bem, mas o que é? Passa-se alguma coisa?"

O operacional voltou o braço para eles, exibiu o relógio e bateu com o dedo no mostrador.

"Está a chegar a hora."

XXX

Sempre que Ahmed se aproximava do grupo de presos da Al-Jama'a al-Islamiyya que rodeava Ayman, ficava atento e escutava as conversas que se cruzavam no ar. Os temas eram variados, da teologia à política e à filosofia, mas nessas múltiplas conversas, umas serenas e outras apaixonadas, destacava-se sempre uma palavra por todos repetida a qualquer instante. Jihad.

Como conhecedor de árabe e bom muçulmano, Ahmed sabia muito bem o que ela significava. A origem do termo estava em juhd, uma palavra que queria dizer esforço, luta, tentativa, acto de batalhar. O seu sentido correcto emergia naturalmente do contexto. Mas, ainda como conhecedor da língua árabe e bom muçulmano, Ahmed não ignorava que, no âmbito daquelas discussões, ela significava sobretudo guerra santa, o combate pelo caminho de Alá.

Nessa manhã, enquanto aguardava que Ayman estivesse disponível para lhe explicar mais uma questão teológica, Ahmed sentiu o olhar de um dos elementos da Al-Jama'a pousar sobre ele. Era um homem com uma cicatriz a cortar-lhe a cara e de olhos negros penetrantes como adagas; dizia-se que já matara dois polícias.

"Meu irmão, porque não te juntas à jibad?", perguntou o homem, o tom entre a provocação e o desafio. "Porventura não queres agradar a Alá?"

"Claro que quero."

"Então a jihad é o caminho."

"Há muitas maneiras de fazer a jibad", argumentou Ahmed, papagueando o que o xeque Saad lhe ensinara anos antes.

O homem da Al-Jama'a riu-se, trocista, e abanou a cabeça com uma ponta de desprezo.

"Essa é a desculpa de quem não quer fazer a jibad e prestar serviço a Alá. Assim não vais pelo bom caminho, meu irmão."

A interpelação deixou Ahmed perturbado. Isto é uma desculpa? O que queria ele dizer com isso? Era ou não verdade que havia várias maneiras de fazer a jibad? O tom trocista implícito na observação do recluso da Al-Jama'a incomodou-o, não apenas pelo mérito da questão em si, mas também porque admirava aqueles homens. Por Alá, eles tinham enfrentado o governo e morto o

faraó! Fizeram-no sabendo que iriam ser perseguidos, torturados e executados, mas fizeram-no! Que coragem!

Fizeram-no porque estavam ao serviço de Alá e puseram Alá acima das suas próprias vidas! Que fé! Eram realmente dignos de admiração! E um destes homens, um destes bravos, um destes heróis que tanto admirava... troçara dele por causa da sua resposta! Por Alá, teria de tirar tudo aquilo a limpo!

Quando Ayman ficou finalmente livre para o elucidar sobre a questão que o levara até ele, Ahmed mudou de ideias e preferiu questioná-lo sobre a guerra santa.

"O que sabes tu sobre a jihad?", perguntou Ayman quando o seu pupilo mencionou o assunto.

"Sei o que o xeque Saad me ensinou nas lições privadas e o que ele dizia na mesquita."

"Ah, o sufi!", exclamou Ayman com um tom de desprezo a colorir-lhe as palavras.

"E o que te ensinou ele, meu irmão?"

"Disse-me que a jihad se refere a vários tipos de luta, não apenas à luta militar, e que pode ser a batalha moral que uma pessoa leva a cabo para resistir ao pecado e à tentação."

"E que versículo do Santo Alcorão citou ele para sustentar tão interessante observação?"

A pergunta, feita com inconfundível ironia, deixou Ahmed um pouco atrapalhado.

"Bem, quer dizer... ele não citou o Livro Sagrado..."

"Então? Citou o quê?"

"Um haditb."

"Que haditb é esse? Conta-me lá."

"É um haditb que relata que, quando Maomé veio de uma batalha, disse aos amigos que regressava da pequena jihad e que ia agora para a grande jihad. Quando os amigos lhe perguntaram o que queria ele dizer com isso, o apóstolo de Alá respondeu que a pequena jihad era a batalha da qual tinha vindo para lutar contra os inimigos do islão e que a grande jihad é a luta espiritual da vida muçulmana."

Ayman passou os dedos deformados pela barba grisalha, uma expressão sibilina a cintilar-lhe nos olhos.

"Diz-me, meu irmão, onde está relatado esse haditb?"

"Enfim... isso não sei."

"Mas sei eu!", atalhou o mestre, de repente peremptório, a voz a ganhar vigor.

"Esse episódio é mencionado por Al-Ghazali, que viveu cinco séculos depois do Profeta, que a paz esteja com ele. Sabes quem foi Al-Ghazali, presumo..."

Ahmed baixou a cabeça, quase envergonhado.

"O fundador do sufismo."

"Não admira que o teu mullab te tivesse enchido a cabeça com esses disparates cristãos!

A batalha em nome de Alá é pequena jihad? Hmpf! É preciso não ter vergonha!"

Apontou o dedo ao pupilo.

"Para tua informação, Al-Ghazali menciona esse badith sem citar a sua fonte. Esse hadith não consta da lista de ahadith compilada no Sabib Bukbari ou no Sabib Muslim. É, pois, um hadith falso, inventado pelos sufis para, aos olhos dos crentes, enfraquecer a importância da espada. Aliás, basta ler o Santo Alcorão e todos os ahadith credíveis para perceber que essa história disparatada é incoerente com a palavra de Alá ou a sunnah do Profeta, que a paz esteja com ele. Em ponto algum do Livro Sagrado Alá descreve a jihad nesses termos, nem Maomé, que a paz esteja com ele, o fez em qualquer hadith citado por Al-Bukhari ou Al-Muslim, os mais fiáveis de todos os ahadith jamais compilados. Esquece, pois, essa história disparatada que te contaram."

Ahmed manteve a cabeça baixa, quase como se estivesse arrependido e se quisesse penitenciar.

"Sim, meu irmão."

"Que mais disparates te contou o teu mullah sobre a jihad?"

"Contou-me que existem três categorias de jihad: a jihad da alma, a jihad contra Satanás e a jihad contra kafirun e hipócritas. Disseme que tem de se completar a primeira para passar à seguinte."

"Hmm!", murmurou Ayman, ponderando a exposição que acabara de ouvir. "O teu mullah é manhoso, usou a verdade para te enganar. Sabes, é verdade que essas três jihads existem e é verdade que são categorias. Mas o problema é que o teu mullah, embora reconheça explicitamente que elas são categorias, se finge despercebido e as trata como se fossem etapas. Não são etapas! Se fossem etapas, eu teria de deixar de lutar contra Satanás enquanto estivesse a lutar pela minha alma. Ora isso não faz sentido nenhum, pois não? A verdade é que essas três categorias caminham lado a lado, de mão dada! Eu faço a jihad da alma ao mesmo tempo que faço a jihad contra Satanás e ao mesmo tempo que faço a jihad contra kafirun e hipócritas. Uma jihad não exclui as outras, antes as complementa e as ajuda! Percebeste?"

"Sim, meu irmão."

"Para entenderes a jihad e a ordem de Alá para a fazer tens de começar por

compreender uma coisa", disse o mestre. "A revelação da sharia foi gradual. O Profeta, que a paz esteja com ele, não recebeu todas as revelações de uma só vez. Alá preferiu desvendar a Lei Divina por etapas e ao longo de muitos anos. Primeiro nomeou o Seu mensageiro, que a paz esteja com ele, e mandou-o converter a sua família e as tribos, sem combater nem impor o pagamento de jizyab, o imposto que os kafirun têm de pagar para poderem viver com os crentes. Por ordem de Alá, os treze anos do Profeta em Meca, que a paz esteja com ele, foram assim passados apenas em pregação. Depois Alá mandou-o emigrar para Medina e pregar para as tribos que aí viviam. Mais tarde, Deus deu-lhe autorização para combater, mas apenas aqueles que o combatiam. O Profeta, que a paz esteja com ele, não foi autorizado a fazer guerra contra aqueles que não lhe faziam guerra. A seguir, Alá mandou-o combater os politeístas até que a Lei Divina fosse inteiramente instituída. Quando esta ordem de jihad foi dada, os kafirun foram divididos em três categorias: os que estavam em paz com os crentes, os que estavam em guerra com os crentes e os dbimmies, aqueles que viviam connosco e pagavam a jizyab, recebendo assim a nossa protecção. Finalmente, veio a ordem para fazer a guerra contra os Adeptos do Livro que nos fossem hostis, guerra que só iria parar se eles se convertessem ao islão ou, em alternativa, aceitassem pagar a jizyab e se tornassem dbimmies.

"Portanto só sobraram duas categorias de kafirun..."

"Nem mais. Os que estavam em guerra com os crentes e os dbimmies. Essa foi a etapa final, que ainda se mantém porque não há nada no Santo Alcorão ou na sunnah do Profeta, que a paz esteja com ele, a removê-la." Inclinou-se na direcção de Ahmed. "E agora pergunto-te eu: por que razão é importante perceber estas fases?"

"Por causa da nasikb, a ab-rogação."

"Exactamente! A revelação da vontade de Alá decorreu por etapas e cada etapa anulou a anterior.

Agora diz-me: quando o teu antigo mullah, esse kafir sufi que te andou a ensinar, falava de jihad, quais eram as etapas que ele mencionava?"

"As primeiras."

"E porquê?"

A pergunta extraiu uma expressão inquisitiva de Ahmed. "Não sei."

"Porque eram as que lhe convinham!", exclamou Ayman com grande veemência.

"Porque eram as que lhe permitiam apresentar um islão em paz com os kafirunl Porque eram as que não chocavam os kafirun cristãos! Esse mullah maldito optou por ignorar que a jihad é o principal tópico do Santo Alcorão! Esse mullah herege optou por ignorar que a expressão jihad fi sabilillah, ou a

guerra no caminho de Alá, é usada vinte e seis vezes no Santo Alcorão! Esse mullah apóstata optou por ignorar que o Santo Alcorão tem suras inteiras dedicadas exclusivamente à guerra e que algumas delas foram baptizadas com o nome de batalhas, como a sura Ahzaab, a sura Qital, a sura Fath e a sura Saff! O que diz Alá na sura 8, versículo 65? «O Profeta! Incita os crentes ao combate.» E o que diz Alá na sura 9, versículo 14? «Combatei-os! Deus atormentá-los-á pelas vossas mãos, humilhá-los-á e auxiliar-vos-á contra eles.» Como ignorar estas ordens directas de Deus? Como se isso não bastasse, há milhares de abadith que ilustram a sunnah do Profeta, que a paz esteja com ele, em relação à guerra! Só o Sabib Bukhari compila mais de duzentos capítulos com o título de jihad e o Sabib Muslim conta cem capítulos com o mesmo título! Não te esqueças que o Profeta, que a paz esteja com ele, disse: «Eu desci por Alá com a espada na minha mão e a minha riqueza virá da sombra da minha espada. E aquele que discordar de mim será humilhado e perseguido.»"

Inclinou-se na direcção de Ahmed, os olhos em fogo, a voz alterada. "Sabes por que razão esse teu mullab optou por ignorar tudo isto, sabes?"

Sentindo o olhar intenso do mestre, o pupilo abanou a cabeça sem se atrever a dizer uma palavra.

"Porque ele faz parte da conspiração kafir que tenta impedir os crentes de compreenderem verdadeiramente o Santo Alcorão!", bradou. "Eis porquê!"

Ahmed engoliu em seco e, a custo, recuperou a voz.

"Mas, meu irmão, é um facto que Alá diz no Alcorão que não há compulsão na religião..."

"É um facto", concordou Ayman, baixando o tom de voz para readquirir a serenidade.

"É essa a Sua vontade, ninguém pode ser obrigado a converter-se ao islão e a submeter-se a Alá. Claro, a recusa da conversão implica que a pessoa irá prestar contas no dia do juízo, mas esse problema é entre essa pessoa e Alá, não é um problema dos crentes. Alá mandou-nos deixá-los em paz, Ele tratará do assunto no momento próprio. Porém, lembra-te de que as últimas revelações de Deus, que ab-rogam as anteriores, determinam que os kafirun que não se convertem são obrigados a pagar jizyah e a tornar-se dhimmies. Se não o fizerem, serão mortos. É ou não verdade?"

“Sim”.

"Como isto não lhes interessa, porém, os ditos crentes que querem agradar aos kafirun cristãos, como o teu mullah sufi, extraem dos primeiros versículos corânicos verdades finais, ignorando convenientemente que se trata de verdades provisórias e que só foram válidas numa etapa inicial da revelação da Lei Divina. Eles enunciam uma verdade, a de que não há compulsão na religião, para

defender que as guerras só podem ser defensivas, o que é falso."

Ahmed ficou intrigado com esta última afirmação.

"O que quer o meu irmão dizer com isso? A jihad não é defensiva?"

O antigo professor de Religião fez uma careta de enfado.

"Defensiva? Então quando o Profeta, que a paz esteja com ele, atacou as tribos judias e mais tarde atacou Meca estava a fazer uma jihad defensiva?

Então quando Omar, bendito seja, conquistou aqui o Cairo, conquistou Damasco e conquistou ainda Al-Quds, estava a fazer uma jihad defensiva? Que jihad defensiva?

Onde está ela mencionada no Santo Alcorão? Falam em jihad defensiva como se ela fosse uma guerra defensiva. A jihad não é uma mera guerra! Não tenhamos medo das palavras: a jihad é o recurso à força para espalhar a Lei Divina entre os homens!"

"Mas... justamente, meu irmão. Não é isso uma contradição? Como podemos nós espalhar a Lei Divina à força se não há compulsão na religião?"

Ayman suspirou, num esforço para dominar a impaciência.

"Por Alá, vejo que as influências do mullab sufi ainda te perturbam o raciocínio", exclamou. "Estás a confundir duas coisas distintas. É verdade que não há compulsão na religião. Mas é também verdade que, nas últimas revelações que ab-rogaram as anteriores, Alá ordenou que os kafirun que não se convertessem teriam de pagar jizyah ou ser, mortos. A ordem de Alá na sura 9, versículo 29 do Santo Alcorão é muito clara: «Combatei os que não crêem em Deus nem no Último Dia nem proíbem o que Deus e o Seu Enviado proíbem, os que não praticam a religião da verdade entre aqueles a quem foi dado o Livro! Combatei-os até que paguem o tributo por sua própria mão e sejam humilhados»." Ergueu o dedo, peremptório. "«Combatei-os até que paguem o tributo»", repetiu. Fez um gesto a abarcar o pátio da cadeia, como se aquele espaço contivesse o mundo.

"Acaso os kafirun hoje em dia pagam o tributo?"

"Que eu saiba, não."

"Então se não pagam, e em obediência às ordens de Alá, o que lhes devemos fazer?"

Confrontado directamente com a questão, Ahmed hesitou, na dúvida sobre se deveria levar o raciocínio até ao fim.

"Devemos... combatê-los?"

"Seguindo o exemplo do Profeta, que a paz esteja com ele, temos primeiro de dar aos kafirun um prazo para se converterem ou pagarem a jizyah."

Inclinou-se sobre o seu pupilo, quase ameaçador.

"Mas, se não respeitarem esse prazo, terão de ser mortos, claro."

Ahmed mordeu o lábio inferior.

"Isso não será um pouco... um pouco brutal?"

O rosto de Ayman enrubesceu, as sobrancelhas carregaram-se e o corpo tornou-se tenso.

"Brutal?", quase gritou, escandalizado. "O que queres dizer com brutal?"

"Bem... matar uma pessoa, mesmo um kafir... enfim... hoje em dia isso talvez não seja a..."

"Hoje em dia?", cortou Ayman, furioso. "Desde quando é que a sharia tem prazo de validade? A Lei Divina é eterna! As ordens de Alá são eternas! A lei da gravidade vale hoje como valia no tempo de Maomé, que a paz esteja com ele! A ordem de obrigar um kafir a pagar jizyab sob pena de ser morto vale hoje como valia no tempo de Maomé, que a paz esteja com ele! A sharia é eterna! Ainda não percebeste isso?"

Ahmed baixou a cabeça, constrangido.

"Sim, meu irmão", sussurrou, a voz num fio. "Tem razão. Desculpe. Rogo o seu perdão."

O recuo do pupilo acalmou Ayman. O antigo professor de Religião ergueu os olhos e varreu o céu com a mão.

"Por detrás do universo existe uma Lei que o regula, uma Força que o move, uma Vontade que o ordena", disse, a voz já mais controlada. "Em nenhum instante é possível desobedecer à Vontade e à Lei Divina. As estrelas, a Lua, as nuvens, a natureza, tudo se submete à Sua Lei e à Sua Vontade e é assim que o universo encontra a sua harmonia." Indicou os reclusos que se encontravam no pátio. "Ora o homem é parte deste universo e, assim sendo, as leis que o governam não são diferentes das leis que governam o universo. Da mesma maneira que Alá criou leis que regulam o universo, Ele criou leis que regulam o homem. Os seres humanos têm de obedecer à Lei Divina para estarem em harmonia com o universo e em paz consigo mesmos. Se, em vez de o fazerem, cederem às suas tentações e instintos e rejeitarem a sharia, então entrarão em confronto com o universo e aparece a corrupção e todos os problemas que estamos a ver no islão e no mundo. Está claro isto?"

"Sim, meu irmão."

"O islão é a declaração de que o poder pertence a Deus e a Deus apenas. Os kafirun são livres de escolher a sua religião, mas essa liberdade não significa que se podem submeter a leis humanas.

Qualquer sistema instituído no mundo tem de ter a autoridade de Alá e as suas leis têm de emanar da Lei Divina. É sob a protecção deste sistema universal que cada indivíduo é livre de adoptar a religião que quiser. Mas lembra-te: quem usurpar o poder divino tem de ser afastado. Esse afastamento é feito através da

pregação ou, quando se levantam obstáculos, através da força. Ou seja, com recurso à jihad."

Ahmed abanou a cabeça, frustrado.

"Não foi nada disso que o xeque Saad me ensinou durante tantos anos. Ele dizia que a jihad era apenas defensiva e que..."

"Isso é conversa de cobardes que têm medo de assumir as consequências das ordens de Alá no Santo Alcorão ou da sunnah do Profeta, que a paz esteja com ele", cortou Ayman, agastado. "Fingem que não está lá o que manifestamente está lá! Os kafirun cristãos distorcem o conceito de jihad, insinuando que ela impõe a tirania.

Bem pelo contrário, a jihad liberta os homens da tirania. E esses cobardes que se dizem crentes ficam tão embaraçados diante dos kafirun cristãos que se põem a argumentar que a jihad é meramente defensiva e exibem os versículos já ab-rogados como suposta prova." Inclinou a cabeça. "Quando o teu mullah falava em jihad defensiva estava a referir-se à defesa de quê?"

"Bem... das terras do islão, suponho eu."

"Que vergonha! Como é possível que ele tenha sugerido isso? Quem diz tal coisa está a diminuir a grandeza do islão e a dar a entender que as terras são mais importantes do que a fé. A jihad só é defensiva no sentido em que defende o homem e o liberta dos grilhões de outros homens. Só nesse sentido é ela defensiva. De resto, a ordem de Deus é a de espalhar a Lei Divina por toda a humanidade! E como se faz isso? Só a pregar? Claro que não! Teríamos de ser muito ingénuos para pensar que as sociedades jahili aceitariam pôr as suas leis de acordo com a Lei Divina, de modo a viabilizar um clima de liberdade que permitisse que os kafirun escolhessem a religião que querem sem constrangimentos. E por isso que a jihad é necessária. A jihad não se destina a defender terras, destina-se a impor a Lei Divina!"

Ayman inclinou-se no seu lugar e varreu o chão do pátio com as palmas das mãos até fazer um pequeno monte de areia. Depois pegou num pedaço de areia e ergueu-o.

"Quanto achas que vale isto?"

Ahmed fitou a areia que se escapava em grãos por entre os dedos do mestre.

"Sei lá... nada, acho eu."

"Nada", ecoou Ayman, limpando as mãos uma à outra para se desfazer da areia. "Ou seja, as terras em si não têm valor. O islão procura a paz, mas não uma paz superficial que se limite a garantir a segurança das suas terras e das suas fronteiras. O que o islão procura é a paz mais profunda de todas: a paz de Deus e de obediência a Deus apenas. Enquanto essa paz não existir, teremos de lutar por ela. A luta faz-se através da pregação e, quando necessário, da jihad. Há algum

verdadeiro crente que, depois de ler o Santo Alcorão e de conhecer a sunnah do Profeta, que a paz esteja com ele, pense que a jihad diz apenas respeito à defesa das fronteiras? Deus diz no Livro Sagrado que o objectivo é limpar a corrupção da face da Terra! Se fosse a defesa das fronteiras, Ele tê-lo-ia dito. Mas não disse. A jihad não é pois uma mera fase temporária, mas uma etapa fundamental que existe enquanto existir jahiliyya entre os homens. É obrigação do islão lutar pela liberdade do homem até que todos se submetam à Lei Divina. O destinatário do islão é toda a humanidade e a sua esfera de acção é o planeta inteiro. Ou os kafirun se convertem ou pagam a jizyab. São essas as ordens de Alá e é para isso que existe a jihad."

"Sim, meu irmão."

Ayman recostou-se no seu lugar e fixou o olhar no firmamento.

"Se os kafirun não o fizerem, terão de ser mortos."

XXXI

Crrrrrr. "Bluebird:'

A voz rasgou o ar com a sua tonalidade eléctrica, enxameada pelo ranger raspado da estática.

"Bluebird, está a ouvir-me?" Crrrrrr.

Tomás ajeitou o aparelhinho que lhe haviam instalado no ouvido, tentando melhorar as condições de recepção. "Isso é comigo?", perguntou o historiador.

"Sim", confirmou a voz. "Está a ouvir-me bem?"

"Muito bem." Crrrrrrr.

A estática voltou.

"Já localizou o Charlie?", perguntou Jarogniew no auricular, quebrando mais uma vez a estática.

"Qual Charlie?"

"O tipo com quem se vai encontrar, já lhe expliquei aqui na carrinha. Você é o Bluebird, ele é o Charlie."

O historiador olhou em redor, tentando reconhecer algum rosto na praça. Havia muita gente a circular por ali; eram sobretudo muçulmanos mas nenhum parecia o seu ex-aluno.

"Não, ainda não vi o Zacarias."

"Fuck!", protestou Jarogniew. "Não use o nome verdadeiro, goddam it! Ele é o Charlie, já lhe disse."

Tomás fez um estalido impaciente com a língua.

"Mas que charada mais absurda!", reclamou, revirando os olhos. "Qual é o problema de o chamar pelo nome? Para quê esses códigos idiotas? Isto é algum filme? Eu tenho cara de 007? Que palhaçada vem a ser esta?"

"Segurança."

"Segurança de quê?"

"Jesus! Odeio trabalhar com amadores porque só fazem disparates", resmungou Jarogniew, rangendo os dentes de impaciência. "Oiça, Bluebird, você tem de perceber que os tipos com quem estamos a lidar têm acesso a tecnologia. Se eles souberem deste encontro é muito natural que monitorizem as frequências de rádio. Se o fizerem vão dar connosco. Por isso aconselho-o a usar os nomes de código que eu lhe dei aqui na carrinha. Entendeu?"

O historiador suspirou, submetendo-se sem estar inteiramente persuadido.

"Sim."

Crrrrrr.

Olhou mais uma vez em redor. O forte de Lahore parecia-lhe um oásis tranquilo aberto no meio do inferno urbano. Apesar disso, na praça junto à entrada do forte havia muito movimento; eram os crentes a sair da mesquita Badshahi, uma das maiores e mais belas do mundo, elegante com os seus quatro minaretes e situada mesmo do outro lado da praça. O forte e a mesquita estavam construídos no imponente estilo mogul, caracterizado pelas paredes grossas, pela pintura vermelha atijolada, pelas cúpulas largas que lhe lembravam as stupas tibetanas. Eram linhas arquitectónicas soberbas, o que não o surpreendia; no fim de contas, o estilo mogul criara a grandeza do Taj Mahal.Apesar da espectacularidade da mesquita, o que ali o deixava embasbacado era sobretudo o Portão Alamgiri, a porta de acesso ao forte. Tratava-se de uma entrada enorme. Tomás sabia pelos livros de história que era costume no tempo dos moguls passarem por ali elefantes com os membros da família real no dorso. Encarou a porta e esforçou-se por imaginar a cena: elefantes a cruzarem o Portão Alamgiri. Que espectáculo devia ter sido!

Espreitou o relógio. Onze e quarenta e cinco.

Faltavam quinze minutos para a hora que combinara com Zacarias. Passeou de novo os olhos pela praça, atento aos rostos que por ali circulavam, mas mais uma vez não identificou a face familiar. Teria havido algum problema? Será que o seu antigo aluno iria mesmo aparecer?

Crrrrrr.

"Bluebird."

Desta vez era uma voz feminina ao auricular.

"O que é, Rebec..." Não concluiu o nome, lembrando-se do que Jarogniew lhe dissera minutos antes. Não podia chamar ninguém pelo nome. Mas qual era o código que a identificava? "O que é, Sbopgirl?"

"Estou a..." Crrrrrr "... mesmo em..." Crrrrrr "... minarete que..."

Crrrrrr.

"Diga lá outra vez?"

Crrrrrr.

"... e não sei..." Crrrrrr.

"Shopgirl?" Crrrrrr.

A comunicação com Rebecca parecia comprometida.

Por segurança, Tomás chamou Jarogniew pelo nome de código.

"Alpha? Está tudo bem?"

Crrrrrr. "Alpha?"

Crrrrrr.

Tornava-se claro que, por qualquer motivo, as comunicações tinham ido abaixo.

Com uma interjeição irritada, Tomás deu meia volta e regressou para junto da carrinha.

"Fiquei sem comunicação."

Mal Tomás entrou na viatura, Jarogniew retirou-lhe do cinto o pequeno aparelho de recepção e emissão e pôs-se a fazer testes para localizar o problema.

Apercebendo-se de que surgira um imprevisto, Rebecca voltou também para a carrinha para se inteirar do que se passava.

"Tens dez minutos para resolver isso", avisou ela na direcção de Jarogniew.

"Fica descansada", retorquiu o operacional, embrenhado no aparelho.

Tomás e Rebecca instalaram-se nos bancos de trás, numa expectativa nervosa. A hora do encontro estava a chegar e havia problemas nas intercomunicações. Que mais iria correr mal? Muito experiente em situações de tensão, a americana tinha consciência de que nada dependia dela nesse instante e o melhor era mesmo tentar descontrair-se. Precisava de afastar a cabeça daquela dificuldade e a melhor maneira era distraí-la com outro assunto.

"Ainda estou a pensar naquilo que me contou há bocado", murmurou. "Confesso que fiquei chocada."

"Compreendo", devolveu Tomás. "Mas não é caso para tanto."

"Como não é caso para tanto?"

O historiador balançou a cabeça. Explicar história a leigos tinha os seus inconvenientes...

"Você precisa de perceber que Maomé era um homem do século VII", disse. "As coisas que ele fez têm de ser compreendidas no contexto daquele tempo. O facto é que Maomé uniu os Árabes e ergueu uma civilização. Promoveu o monoteísmo, encorajou a caridade, estabeleceu regras de convivência social... fez muita coisa.

Foi sem dúvida um grande homem. Não podemos é avaliá-lo à luz da moral vigente hoje em dia no Ocidente. A nossa moral está impregnada de valores cristãos, embora nem sequer nos apercebamos disso, pelo que temos tendência a olhar para as coisas segundo esses valores."

"Está a insinuar que devemos aceitar o que os fundamentalistas fazem?"

"Não, de modo nenhum. Temos de ser tolerantes com os tolerantes e intolerantes com os intolerantes. A Inglaterra e a América foram tolerantes com o nazismo e veja no que isso ia dando!

Não podemos ser ingénuos ao ponto de pensarmos que há espaço de diálogo com os intolerantes. Não há! A Al-Qaeda é intolerante. A Lashkar-e-Taiba é

intolerante.

O Hamas é intolerante. Eles seguem à risca o Alcorão e ambicionam impor o islão a todo o mundo. Às vezes vejo intelectuais ocidentais a defender que se deve dialogar com a Al-Qaeda ou com o Hamas e isso dá-me vontade de rir. Só pode dizer isso quem não tem a mínima noção do que..."

"Rapaziada, não se querem calar?"

Era Jarogniew que testava o aparelho.

"Nós falamos mais baixo", prometeu Rebecca.

"Estou a tentar concentrar-me, goddam it!"

"Pronto, está bem!", disse ela, baixando de seguida a voz. "O que está a dizer, Tom, é que temos de enfrentar os muçulmanos."

"Errado."

"Desculpe, foi o que depreendi das suas palavras."

"O que eu disse é que temos de enfrentar o que habitualmente se designa por fundamentalismo."

"Mas os fundamentalistas aplicam os preceitos contidos no Alcorão e no exemplo do Profeta, certo?"

"Sem dúvida."

"Isso não faz deles os verdadeiros muçulmanos?"

Tomás riu-se.

"Você parece o Bin Laden a falar."

Rebecca esperou pelo resto da resposta, mas, como ela não veio, insistiu.

"Faço notar que a minha pergunta não foi respondida..."

"Não sei se posso responder a essa pergunta", confessou o historiador. "Isso é muito sensível. Quando estive no Cairo apercebi-me de que, bem lá no íntimo, muitos muçulmanos se interrogavam sobre se os fundamentalistas não teriam afinal razão. Tudo o que os fundamentalistas dizem é, no fim de contas, sustentado por versículos do Alcorão e por exemplos reais da vida de Maomé. Nada daquilo é inventado. Isso deixa muitos muçulmanos desconfortáveis, como deve calcular, sobretudo porque o Alcorão estabelece que, para se ser verdadeiramente um muçulmano, é preciso respeitar todos os preceitos do islão, não apenas alguns. Goste-se ou não, fazer a jihad contra os infiéis é um dos preceitos. Ponto final."

"Se assim é, por que razão os muçulmanos em geral não cumprem à letra esses preceitos?"

"Isso dá uma longa conversa!" Fez uma pausa.

"Quer mesmo que eu lhe explique isto?"

"Enquanto o Jerry não resolver o problema, sim."

Tomás olhou para o americano, que inspeccionava o interior do aparelho de

som, e depois espreitou a multidão lá fora. Não havia sinais de Zacarias. Mesmo que houvesse, Rebecca tinha razão. Não se podia fazer nada enquanto o problema técnico não fosse resolvido.

"Oiça, uma parte importante dos muçulmanos são fundamentalistas no sentido em que acreditam no respeito e na aplicação dos fundamentos da lei islâmica", disse, tentando abstrair-se do problema que os preocupava naquele momento. "O que se passa é que uns acham que é preciso aplicar imediatamente a sharia na íntegra, e são esses que designamos habitualmente por fundamentalistas ou radicais.

Estou a falar dos fanáticos que nos declararam uma guerra até à morte e andam a fazer matanças por toda a parte. Os outros fundamentalistas são os conservadores.

Estes também querem exterminar o Ocidente, mas têm noção de que o inimigo é mais forte do que eles e preferem um entendimento temporário, enquanto esperam o momento mais propício para atacar. Os terceiros são os seculares, que percebem que os tempos mudaram e que certos preceitos estabelecidos por Maomé no século VII reflectem a realidade desse século e não podem ser transpostos para a actualidade.

Estes são genuinamente pacíficos, mantêm-se muçulmanos mas querem viver em paz e aceitam o Ocidente."

"E os governos desses países? Que pensam eles?"

"Há de tudo, como sabe. Mas aqueles que não são fundamentalistas nem conservadores estão sob a mira de parte das suas próprias populações."

"Porquê?"

"Por estarem a violar a sharia", observou o historiador. "A lei islâmica requer, por exemplo, que se apedreje uma adúltera até à morte, na sequência do que já vem exigido no Antigo Testamento. Só que isso, como deve calcular, choca com a moral ocidental.

Não foi Jesus que disse, em defesa de uma adúltera: «Atire a primeira pedra quem nunca pecou»? Acontece que há governos muçulmanos que estão sob influência da cultura ocidental e estabeleceram penas mais leves para este tipo de crimes.

Mas não foi Maomé que ordenou a lapidação até à morte das adúlteras? Se um governo é muçulmano, porque não executa essa ordem do Profeta?

Estas duas perguntas são muito complicadas e põem estes governos em xeque."

"As populações muçulmanas acham que se deve lapidar uma adúltera até à morte?"

"Muita gente acha, sim."

"Está bem, mas isso é o povo ignorante a falar..."

"Está enganada! Muitos muçulmanos instruídos e esclarecidos são fundamentalistas.

Repare que a principal característica de um fundamentalista islâmico é a sua vontade de respeitar integralmente, e com verdade, o islão. Se o Alcorão manda rezar cinco vezes voltado para Meca, ele reza. Se o Alcorão manda dar esmolas aos pobres, ele dá. Se o Alcorão manda cortar a mão aos ladrões, ele corta. Se o Alcorão manda matar os infiéis que não aceitam ser humilhados com o pagamento da taxa discriminatória, ele mata. É tão simples quanto isto.

Para um fundamentalista não há zonas cinzentas. O que o Alcorão e o Profeta dizem para fazer é para ser feito e corresponde ao bem. Os que não obedecem ao Alcorão e ao Profeta são infiéis e estão ao serviço do mal. Mais nada. Os muçulmanos encontram-se no reino da luz e os infiéis mergulhados na treva."

"Tudo isso já eu sei", disse Rebecca. "Mas como é possível que essa gente não evolua com o tempo? É isso que não percebo!"

"Não percebe porque não conhece a história do islão", atalhou Tomás. Dobrou-se no assento e retirou um mapa do saco de viagens que tinha aos pés. Abriu o mapa no regaço e apontou direcções.

"Repare, desde o tempo de Maomé que os muçulmanos se habituaram a estar na ofensiva e a dominar os outros povos. Espalharam-se rapidamente pelo Médio Oriente e pelo Norte de Africa, usaram a força para ocupar a índia, os Balcãs e a Península Ibérica e chegaram a atacar a França e a Áustria."

"Mas sempre ouvi dizer que as relações dos muçulmanos com as outras religiões eram pacíficas..."

"Quem lhe disse isso?"

"Li num artigo qualquer. Dizia lá que as cruzadas é que abriram as hostilidades entre cristãos e muçulmanos."

Tomás riu-se.

"Isso é conversa da treta! As cruzadas constituíram o primeiro esforço dos cristãos de abandonarem a defensiva, após quatro séculos consecutivos a serem atacados!

Foi só com as cruzadas que os cristãos se ergueram contra os muçulmanos e passaram à ofensiva." O dedo de Tomás indicou outros pontos do mapa. "As cruzadas marcaram a primeira resposta dos cristãos aos contínuos ataques dos muçulmanos.

Para além da reconquista da Terra Santa, os cristãos recuperaram a Península Ibérica e, com os Descobrimentos portugueses, começaram de repente a espalhar-se pelo mundo. De um momento para o outro apareceram impérios

europeus por todo o planeta. Até pequeníssimas potências como Portugal ocuparam áreas de poderio islâmico, como partes da índia e o estreito de Ormuz, chegando até a erguer fortes em plena Arábia, terra que o Profeta, antes de morrer, dissera que só podia ser ocupada por muçulmanos. Apesar da espantosa expansão europeia, o islão manteve o objectivo declarado de conquistar toda a Europa e fez uma derradeira tentativa de retomar a ofensiva atacando de novo o Sacro Império Romano no século XV, mas o segundo cerco de Viena fracassou e os exércitos islâmicos bateram em retirada. Foi a consumação do descalabro. Seguiu-se derrota atrás de derrota, até que os europeus entraram em pleno coração do islão."

"No século XIX", atalhou o americano.

"Antes", corrigiu Tomás. "Napoleão invadiu o Egipto em 1798. Como deve calcular, os muçulmanos ficaram em estado de choque. E o pior foi constatar que quem expulsou os infiéis franceses do Egipto não foram os exércitos islâmicos, como seria de esperar, mas uma pequena esquadra britânica. O islão percebeu nesse momento que as potências europeias podiam invadir a seu bel-prazer as suas terras e, para cúmulo, só outras potências europeias tinham capacidade de as desalojar!"

"Bem, de certa forma houve aí uma justiça poética, não acha?", observou Rebecca. "Os muçulmanos passaram séculos a comportar-se como imperialistas e a invadir país após país. Alguma vez tinham de provar o fruto que antes impunham aos outros..."

"Visto sob esse prisma, é verdade. Só que eles descobriram que esse fruto era até muito amargo, uma vez que a expansão europeia em território islâmico se acentuou no século XIX, com os Britânicos a ocuparem Aden, o Egipto e o Golfo Pérsico e os Franceses a colonizarem a Argélia, a Tunísia e Marrocos. O auge deste processo ocorreu com a derrota do Império Otomano na Primeira Guerra Mundial. A Grã-Bretanha e a França abocanharam todo o Médio Oriente, com os Britânicos a ficarem com o Iraque, a Palestina e a Transjordânia e os Franceses a dominarem a Síria e o Líbano. O símbolo desse domínio ocidental sobre o islão foi a abolição do califado otomano, em 1924."

"Está bem, mas isso é tudo história!", contra-argumentou Rebecca. "Que eu saiba todos esses países já recuperaram a independência. Além do mais, quem aboliu o califado foram os próprios Turcos, não foi o Ocidente..."

O historiador dobrou o mapa e guardou-o de novo no saco de viagem.

"Acha que é tudo história? Olhe que os muçulmanos não vêem a coisa assim.

Nós, os ocidentais, encaramos a história como uma coisa que já passou e que não deve condicionar-nos. É, mais uma vez, a cultura cristã que nos orienta, mesmo que não nos apercebamos disso. Mas os muçulmanos não são cristãos e

olham para as coisas de maneira diferente. Encaram acontecimentos de há mil anos como tendo acontecido agora!"

"Lá está você a exagerar..."

"Quem me dera! Eu sei que para nós tudo isto parece estranho, mas o passado para os muçulmanos tem uma importância desmesurada, eles encontram aí orientação religiosa e legal. No fundo os muçulmanos acham que o passado reflecte os propósitos de Deus e por isso toda a história é muito actual. Daí que a colonização dos países islâmicos pelos europeus os choque acima de tudo."

"Mas já lhe disse que eles recuperaram a independência há muito tempo!", insistiu Rebecca.

"Tanto quanto sei, a maior parte desses países libertou-se dos colonizadores entre 1950 e 1970..."

"É verdade, mas para eles é como se tudo tivesse ocorrido ontem. Repare que o islão foi a principal civilização do planeta na altura em que o cristianismo estava mergulhado na Idade Média. Os muçulmanos habituaram-se a encarar-se a si próprios como os guardiães da verdade divina e viam a sua supremacia como uma consequência natural e lógica disso mesmo.

Mas eis que, de repente, se viram confrontados com a reconquista cristã, com as consequências dos Descobrimentos portugueses e com a idade das luzes e, de um momento para o outro, aperceberam-se de que o Ocidente passou a mandar no mundo.

Os infiéis ocidentais, até aí na defensiva, tornaram-se senhores do planeta e chegaram ao ponto de colonizar os países islâmicos! A capital do califado, Istambul, pôs fim ao próprio califado e, por decisão de Atatürk, passou a imitar a cultura e o sistema secular dos infiéis ocidentais, separando a religião do Estado. Como acha que os muçulmanos encararam esta transformação?"

"Imagino que não tenham gostado muito..."

"Claro que não gostaram! E, para agravar as coisas, o contraste entre a qualidade de vida das duas civilizações tornou-se gritante. Muitos muçulmanos começaram a comparar as suas vidas com as dos ocidentais e isso fê-los questionarem--se. Por que razão viviam os países islâmicos na pobreza e tinham governos tão corruptos?

Porque motivo estavam tão atrasados em relação ao Ocidente? Por que diabo não conseguiam eles também fabricar belos automóveis e voar até à Lua? Incapazes de fazer frente ao domínio tecnológico e financeiro do Ocidente, esses muçulmanos concluíram que só conseguiriam responder na área cultural. E o que havia aqui? O islão! Não foi o islão que dominou o mundo, da Índia até à Península Ibérica? Não tinha Maomé em poucos anos criado uma grande civilização? Como fizera ele isso? A resposta era: respeitando integralmente a lei

islâmica. Logo, a resposta para os problemas de hoje também podia ser a mesma. Muitos começaram a achar que o problema é que haviam abandonado a verdadeira fé e passaram a acreditar que, se respeitassem de novo todos os preceitos do islão, o esplendor de outrora regressaria em força."

"E foi isso que os atirou para o fundamentalismo."

"Exactamente! Quando um muçulmano diz que se sente humilhado pelo Ocidente, não está a dizer que o Ocidente o maltrata. O que está a dizer é que é humilhante ver o Ocidente superiorizar-se ao islão nos planos económico, cultural, tecnológico, político e militar. O pecado do Ocidente é mostrar-se mais poderoso do que o islão. Daí ao raciocínio seguinte é um mero passo. Muitos muçulmanos acham que, se rejeitarem a modernidade e respeitarem à letra os preceitos do Alcorão e o exemplo do Profeta, a glória e o domínio do islão em todo o mundo voltarão."

"E foi isso que os fundamentalistas começaram a defender depois da queda do califado otomano..."

Tomás fez um trejeito com a boca.

"Na verdade este retorno aos fundamentos do islão começou com um xeque medieval chamado Ibn Taymiyyah, que defendeu a interpretação literal do Alcorão e do exemplo de Maomé, e foi sobretudo relançado no século XVIII, no rescaldo do choque da invasão napoleónica do Egipto. Nessa altura apareceu na Arábia um teólogo chamado Al-Wahhab que, inspirado em Ibn Taymiyyah, rejeitou as inovações feitas ao longo do tempo e preconizou o regresso do islão às suas fontes mais originais, o Alcorão e a sunnah do Profeta, estabelecendo a jihad como um dever fundamental dos muçulmanos. Al-Wahhab declarou que todos os muçulmanos que não respeitavam o islão à letra eram infiéis e aliou-se a um emir tribal chamado ibn Saud. Juntos, os dois conquistaram o que é hoje a Arábia Saudita e criaram uma dinastia que ainda agora governa o país. Os Saud mantêm-se como chefes políticos e os descendentes de Wahhab como líderes religiosos. Mas o que é importante perceber é que é aos wahhabistas que está hoje entregue a gestão das madrassas e das universidades."

"O quê?!"

"A sério. A educação saudita assenta hoje no fundanfentalismo mais primário que possa existir. Está a ver o problema que isso cria, não é verdade? O controlo pelos wahhabistas do sistema de ensino saudita significa que o islão que os sauditas aprendem desde pequenos na escola é o islão da jihad, da matança dos infiéis, da mutilação dos ladrões, dos apedrejamentos das adúlteras até à morte... e por aí fora. E como se isto não bastasse, no século XX apareceu o petróleo!"

Rebecca fez uma careta.

"O que tem o petróleo a ver com isto?"

O historiador esfregou o polegar e o indicador.

"Dinheiro", explicou. "O petróleo enriqueceu os Sauditas. De repente os wahhabistas ficaram cheios de dinheiro e imagine o que decidiram eles fazer?"

"Ergueram grandes mesquitas?"

Tomás soltou uma gargalhada.

"Também", disse. "Mas, sobretudo, puseram-se a financiar madrassas em todo o mundo islâmico, assumindo o controlo da matéria pedagógica nelas ensinada."

"Meu Deus!"

"Pois é, pois é! De repente as escolas espalhadas pelo mundo islâmico e financiadas pelos wahhabistas sauditas puseram-se a ensinar por toda a parte o islão da jihad!

Essas madrassas tornaram-se autênticos viveiros de fundamentalistas, com os novos currículos educativos a pregarem o regresso ao século VII, a defenderem a matança dos infiéis e a rejeitarem a modernidade, dizendo que o retorno ao islão original poria os muçulmanos de novo na vanguarda."

"Mas isso não faz muito sentido! Como é que rejeitar a modernidade os põe de novo na liderança? Não percebo..."

"Oiça, tem de entender que esta mensagem de regresso às origens os apanhou num momento de vulnerabilidade, em que muitos muçulmanos se sentiam humilhados pelo colonialismo e cidadãos de segunda classe na sua própria terra..."

"Mas não era isso justamente o que eles faziam aos cristãos, aos judeus e aos hindus? Não andaram eles séculos a fazer dos outros cidadãos de segunda, obrigando-os até a pagarem taxas discriminatórias e humilhantes para poderem viver nas suas próprias terras?"

"Claro que sim", reconheceu Tomás. "Mas quando os cristãos lhes fizeram o mesmo eles não gostaram e, como é evidente, sentiram-se humilhados. Essa humilhação foi a parte negativa, embora talvez pedagógica, da colonização europeia. Mas repare que a moeda tem uma outra face. Os europeus construíram infra-estruturas que eles não tinham, instituíram sistemas escolares e serviços públicos que não existiam e aboliram a escravatura. Se for a ver bem, não há comparação do grau de desenvolvimento das terras islâmicas que tiveram colonização europeia com o das terras islâmicas que permaneceram sob domínio muçulmano. Só os palestinianos criaram sete universidades desde a ocupação israelita em 1967. Compare isso com as oito universidades da imensamente rica Arábia Saudita ou com o atraso do Afeganistão! E isto para não falar no obscurantismo. Só para que tenha uma ideia, a soma de todos os livros traduzidos em todo o islão desde o século IX é de cerca de cem mil, que é

exactamente o número de livros que hoje em dia se traduzem em Espanha num único ano!"

"Então qual é a dúvida dos fundamentalistas? Eles não percebem as vantagens da modernização?"

"Os fundamentalistas e os conservadores vêem as coisas de maneira diferente, o que quer que lhe faça? Eles acham que o islão foi ultrapassado pelo Ocidente justamente, por se ter desviado das leis divinas e, influenciados pelos ensinamentos dos wahhabistas financiados pelo petróleo saudita, julgam que só o regresso às práticas do século VII os poderá pôr de novo na dianteira. Eles não têm uma visão humanitária do mundo, mas uma visão ortodoxa islâmica."

"Qual é a percentagem de muçulmanos que raciocinam dessa maneira?"

"E difícil de dizer. Eu diria que o muçulmano médio quer apenas viver a sua vida em paz e sossego, respeitar Deus e ser feliz. Penso que estes são a maioria. Têm um conhecimento superficial do islão, ignoram os fundamentos coránicos da jibad, mas sabem que não querem viver num país onde se aplique a sharia na íntegra."

"Portanto, a maioria é secular."

"Sim, acho que se pode dizer isso. É um facto, porém, que, em alguns casos, a maior parte de uma população muçulmana pode ser fundamentalista. Não foi a revolução islâmica que contou com amplo apoio popular no Irão? Não foi o Hamas que ganhou as eleições na Palestina? Não foi a Frente de Salvação Islâmica que venceu a primeira volta das eleições na Argélia e só não ganhou a segunda volta porque o acto eleitoral foi cancelado? Os fundamentalistas argelinos andavam a cortar o pescoço a milhares de pessoas e, pelos vistos, a maior parte da população aprovava! Isso mostra que os fundamentalistas gozam de uma sustentação popular maior do que gostamos de pensar, embora em geral sejam de facto minoritários."

"Portanto, se bem entendi, temos os fundamentalistas, os conservadores e os seculares."

"Sendo que os seculares são tendencialmente maioritários", insistiu Tomás. "Mas não tenha ilusões: os dois outros grupos são muito perigosos e, pelo menos em alguns países islâmicos, constituem sem dúvida a maioria. Não podemos ser ingénuos ao ponto de acreditar que os muçulmanos são todos muito tolerantes e o conflito que existe se deve a meros problemas sociais e à existência de Israel. A questão é infelizmente muito mais vasta e perigosa do que isso. A maioria pode ser secular, mas, ao mesmo tempo, é também silenciosa. Já a minoria fundamentalista é muito activa e ruidosa."

"Estou a ver."

"O islão está, pois, a viver um grande despertar. Existe uma vontade muito

forte por parte de alguns muçulmanos de passar à ofensiva e estender o islão a todo o planeta, impondo..."

"Está pronto!"

Olharam para a frente e viram Jarogniew com o aparelho na mão, preparado para o reinstalar. Tomás ergueu-se e foi ter com o americano, que pregou o aparelho ao cinto do historiador e começou a fazer as ligações.

"Então? Qual era o problema?"

"Havia uns fios que estavam a fazer mau contacto", explicou Jarogniew. "Este problema é muito frequente e às vezes põe em risco as operações. Eu lembro-me de uma vez em que..."

Mas Tomás já não o ouvia. Tinha os olhos presos num rapaz de shalwar kameez branca e turbante cinzento que viu a passar lá fora. O vulto parecia-lhe familiar, mas não tinha a certeza; a barba negra era maior e o corpo ligeiramente mais magro. As dúvidas, porém, desfizeram-se no momento em que o rapaz levantou por instantes o rosto.

"Ele está aqui", murmurou.

"O quê?"

"O Charlie chegou."

XXXII

A visita da mãe à cadeia de Tora era sempre um acontecimento aguardado com grande expectativa por Ahmed. O pai recusava-se a ir vê-lo, dizia que o filho o envergonhara e trouxera desgraça e desonra à família, mas mãe era mãe. As visitas aos reclusos que não estavam confinados a alas especiais eram autorizadas duas vezes por mês e a mãe jamais faltou a uma. Era dos primeiros visitantes a entrar e levava--lhe habitualmente merendas caseiras que faziam as delícias do filho e o compensavam pelo rancho austero da prisão.

A princípio os guardas inspeccionavam com grande cuidado essas merendas, abrindo-as e mergulhando os dedos sujos na comida. Quando ouviu o seu pupilo queixar-se destas inspecções, Ayman explicou-lhe o que devia fazer para evitar que a comida fosse assim conspurcada.

"Baksheesh."

"O quê?"

"Tens de pagar aos guardas!"

Embora fosse elementar, a ideia parecera-lhe genial. A partir do instante em que os carcereiros começaram a receber um suborno, que podia ser em dinheiro ou em tabaco, tudo se tornou de facto mais fácil.

A mãe trazia sempre a ansiedade desenhada no rosto; no fim de contas não era fácil ter um filho na prisão. Mas, nesse dia, quando a viu, Ahmed apercebeu-se de que, dessa feita havia algo de diferente nela; era a expressão que lhe bailava no rosto, não parecia tão ansiosa e tinha um ar de certo modo feliz, o que o surpreendeu.

"O que se passa?", perguntou-lhe logo que se sentaram juntos na sala das visitas.

Ela fitou-o com um sorriso luminoso.

"Não me digas que não sabes..."

"Eu não."

"A moção que submetemos ao tribunal foi deferida." Ahmed manteve um ar indiferente.

"E então?"

A mãe fez um ar quase escandalizado, chocada com a displicência do rapaz.

"E então?", admirou-se. "Ó filho, o juiz decidiu que deves ser libertado!

Achas pouco?"

Ahmed encolheu os ombros.

"Isso é uma mera formalidade", observou sem entusiasmo. "Não vale nada."

"O que queres dizer com isso?"

"Mãe, eu já estou preso há ano e meio.

Cumprindo-se metade da pena, e não havendo queixas em relação ao meu comportamento, é normal que o juiz determine a minha liberdade condicional."

"Mas... e ainda te queixas? Condicional ou não, o que vais ter é a liberdade! O

juiz mandou que te libertassem! Achas pouco?"

"Quando será isso?"

"Daqui a duas semanas."

Ahmed riu-se sem vontade. "A mãe, acredita mesmo nessa conversa?"

"Claro que acredito." Olhou-o com ar desconfiado. "Porquê? Não devia acreditar?"

"Claro que não."

"Porquê?"

Ahmed apontou para o guarda prisional que vigiava a sala.

"Porque eles são uns mentirosos! Porque eles fazem o que querem! Alguma vez me vão libertar?"

"Mas a decisão não foi dos guardas, filho. Nem foi do governo. Foi do juiz."

"E depois? Olhe, já vi aqui quatro casos de irmãos da Al-Jama'a a quem o juiz deu ordem de libertação. Sabe o que lhes aconteceu? Continuam presos! O governo não quer saber das decisões dos juízes para nada! Se os juízes nos libertam, o governo invoca as medidas especiais previstas no estado de emergência e mantém-nos aqui fechados.

Só sairemos daqui quando o governo decidir, não quando os tribunais decidirem..."

A mãe recuperou o sorriso.

"Olha lá, tu por acaso és da Al-Jama'a?"

"Bem... na verdade, não sou."

"Foi isso o que nos disse o tio Mahmoud, que conhece o pessoal da polícia.

Parece que a polícia percebeu que não és da Al-Jama'a, e por isso não vai invocar o estado de emergência para impedir a tua libertação."

Ahmed cravou os olhos na mãe, perscrutando-a com atenção, como se tentasse ver através dela.

"A mãe está a falar a sério?"

"Claro que estou."

"A polícia disse isso ao tio Mahmoud?" Ela ergueu a mão frágil e, meiga e

terna, passou-lhe os dedos quentes pelo rosto.

"Meu filho", disse, com doçura. "Vais para casa."

Também Ayman, já habituado às reiteradas práticas do governo em circunstâncias semelhantes, reagiu inicialmente com cepticismo à notícia. Mas os pormenores da conversa do tio Mahmoud com a polícia também acabaram por convencê--lo de que a libertação do seu pupilo estava agora iminente.

"Pois, a tua mãe tem razão", observou Ayman, balançando afirmativamente a cabeça. "Na verdade não estás filiado na Al-Jama'a. Eles devem ter procurado e, como é evidente, não encontraram nenhum documento nem nenhum testemunho que te ligue a nós. Portanto, é perfeitamente natural que te libertem."

Estavam na cantina da cadeia à hora do almoço e a sopa acabara de ser servida.

Escutando distraidamente a opinião do seu mestre, Ahmed fez um gesto de abandono.

"E-me indiferente."

Ayman olhou-o com curiosidade.

"Não pareces muito satisfeito..."

"O que vou eu fazer lá para fora? O meu irmão disse, e muito bem, que vivemos numa sociedade jahili que se finge crente. Como acha que me sinto por estar lá fora e não poder fazer nada para impor a vontade de Alá? Como pode um verdadeiro crente viver no meio da jahiliyyar"

O mestre percorreu a cantina com os olhos, observando os reclusos a comer o almoço.

"A maior parte dos irmãos sai daqui quebrada, com medo de voltar a enfrentar os kafirun que se dizem crentes e mandam em nós." O olhar voltou a Ahmed.

"E tu? O que achas que te fez esta experiência aqui na prisão? Também te sentes com medo?"

"Eu? Medo?", rosnou o seu pupilo, o olhar incendiando-se de indignação por tal hipótese ter sido ventilada. "Nunca! Quem julga que eu sou?"

"E então?"

"Saio daqui com raiva! Saio daqui revoltado! Alguma vez aceitarei o que o nosso governo nos está a fazer? Jamais! Como é possível que acredite que eu seja assim tão fraco?" Pousou a mão no peito. "Nós somos crentes e eles perseguem os crentes! Como se atrevem eles? E como se atreve o meu irmão a pensar que eu tenho medo desses... desses cães? Se acha que esta gente do Diabo me fez medo, a mim, engana-se!"

Ayman abriu as mãos num gesto de aprovação.

"Que Alá seja louvado, és um verdadeiro crente!", exclamou. "Perdoa-me

por ter duvidado, mas deves saber que só uma minoria reage como tu. Quando submetida à tortura e à clausura, a maior parte dos irmãos quebra. Mas alguns, poucos e corajosos como tu, ganham determinação. São esses a vanguarda do islão, aqueles que marcham pelo oceano da jabiliyya com o archote na mão e guiam a humanidade até Deus."

Ao ouvir estas palavras, a indignação do pupilo afogou-se num carrossel de emoções e deu lugar a uma vaga inebriante de orgulho.

"Se houvesse maneira, também eu ergueria o archote." Bateu no peito. "Também eu!"

Ayman tamborilou os dedos na madeira da mesa à qual estavam ambos sentados.

"Há maneira."

"Qual?"

"A do Profeta, que a paz esteja com ele."

Ahmed estreitou os olhos.

"O que está a sugerir?"

"A jihad."

O pupilo calou-se. Havia já muito tempo que andava a ponderar o assunto. Desde que começara a perceber realmente o Alcorão e a sunnah do Profeta que se questiqnava se não seria sua obrigação obedecer às ordens de Alá: espalhar a fé pela pregação quando possível, pela força se a pregação falhar. O envolvimento de Ahmed na Al-Jama'a nunca fora explicitamente abordado entre ele e o seu mestre, mas permanecera sempre implícito, como um fantasma a pairar sobre as conversas entre ambos.

Havia uma coisa, porém, que se lhe afigurava cada vez mais clara: se Ahmed acreditava realmente em Alá e na Sua mensagem, teria de Lhe obedecer. A obediência não era realmente uma opção, mas uma ordem divina. E a ordem instituída nas últimas revelações de Deus ao Profeta era que a humanidade inteira teria de se submeter ao islão. "Combatei-os até que não exista tentação e seja a religião toda de Deus", diz Alá no Alcorão, sura 8, versículo 39. Combatei-os até que seja a religião toda de Deus! Por Alá, poderia a ordem ser menos explícita? Como poderia um crente ignorar esta instrução divina? Deus mandava combater os kafirun até que todos se submetessem!

E ele, Ahmed? Pois se se dizia crente, não deveria ser consequente com a sua crença? Se se submetera à vontade de Alá, não deveria obedecer às Suas ordens? Como poderia ele fingir que essa ordem inequívoca não estava gravada a ouro no Alcorão? Estava! Ele lera-a! Ele decorara-a! "Combatei--os até que não exista tentação e seja a religião toda de Deus." Se era verdadeiramente crente teria de obedecer, não dispunha de alternativa; a sua vontade e opinião pessoal não

contavam para nada. A vontade de Alá era soberana.

Virou o rosto e encarou Ayman com determinação, a decisão já tomada, a submissão a Deus finalmente completa. "O que tenho de fazer?"

A resposta à pergunta levou duas semanas a ser dada. Ayman explicou que tinha de consultar os irmãos para decidir qual o melhor caminho, pelo que Ahmed ficou a aguardar as instruções. Sentia-se pela primeira vez absolutamente em paz consigo mesmo. Decidira juntar-se à jihad e cumprir as ordens divinas. Por Alá, haveria maior prazer na vida que o de realizar a vontade de Deus?

Os dias passaram e recebeu uma notificação formal a informá-lo da data e da hora em que seria libertado. Seria dentro de setenta e duas horas. Mostrou a notificação ao mestre, que lhe pediu que tivesse paciência. Em breve teria novidades.

Na véspera da libertação, quando Ahmed estava já no pátio a despedir-se de companheiros de prisão que ocupavam outras celas e que não iria ver mais, Ayman apareceu e fez-lhe sinal de que o seguisse para uma zona discreta junto do muro.

"Os irmãos deram-me a resposta", anunciou-lhe o mestre num sussurro, lançando olhares em volta para garantir que não havia ninguém à escuta. "Já está tudo tratado."

"Então?"

"Queremos que prossigas os estudos." A decisão deixou Ahmed boquiaberto.

"Estudos? Quais estudos? Eu quero é combater! Eu quero é juntar-me à jibad!"

Ayman lançou-lhe um olhar de leve reprovação.

"Tem calma, meu irmão. Acalma-te e escuta-me: a seguir ao nome de Deus, sabes qual é a segunda palavra mais usada por Alá no Santo Alcorão?"

Ainda afogado em frustração, o pupilo abanou a cabeça com uma veemência feita de fúria mal contida.

"Não."

"ww", disse o mestre, colando o indicador às têmporas. "Conhecimento. Em trezentos versículos do Santo Alcorão, Alá exorta os crentes a usarem a inteligência e o conhecimento. O próprio Profeta, que a paz esteja com ele, o afirmou: «A primeira coisa criada por Alá foi o intelecto.»" Bateu com o dedo na testa. "Temos pois de usar a cabeça."

"Está bem, eu uso a cabeça. Mas quero usá-la para fazer a jibad, como Alá ordena aos crentes!"

"E vais fazê-la", assegurou Ayman. "Podes estar tranquilo quanto a isso. Mas primeiro tens de adquirir conhecimentos."

"Que tipo de conhecimentos?"

O antigo professor de Religião voltou a olhar em volta, para se assegurar mais uma vez de que ninguém os escutava. "Engenharia."

Ao ouvir a palavra, Ahmed esboçou uma careta.

"Para quê?"

"Eu lembro-me que, na madrassa, eras muito elogiado pelo professor de Matemática.

Suponho que sintas afinidade com essa área, ou estou enganado?"

"Não, estás certo. E depois?"

"Os irmãos dizem que precisamos de engenheiros. Tu pareces vocacionado para essa área. Portanto, queremos que completes os teus estudos e tires Engenharia."

Ahmed respirou fundo, resignado.

"Muito bem, se essa é a vossa vontade..."

"É essa a vontade dos irmãos, sim."

"Mas garantes-me um lugar na jihad?"

"A seu tempo receberás instruções a esse respeito, inch'Allah. Mas isso só acontecerá quando terminares o teu curso de Engenharia."

"Está bem."

"E já escolhemos o sítio onde vais estudar."

Apesar da frustração, Ahmed quase se riu.

"Por Alá, isso é que é organização!", exclamou. "Vou para onde?

Espero ao menos que seja no Cairo...

" O mestre abanou a cabeça.

"O nosso país tornou-se demasiado perigoso, há muitos polícias nas universidades a vigiar os estudantes. Além do mais, não te esqueças de que tens cadastro. Terás de sair do Egipto."

"O quê?"

"Aqui serias logo apanhado."

"Então quero ir para a Terra das Mesquitas Sagradas", disse, peremptório. "É o único país que aplica a maior parte da sharia."

Ayman voltou a abanar a cabeça.

"Não", repetiu. "Não vais para a Arábia Saudita, já aí está muita gente. Queremos-te totalmente fora dos circuitos habituais. Temos outro destino para ti."

"Qual?"

"A Europa."

A notícia deixou o pupilo chocado.

"Eu? Para a Europa?" Não queria acreditar no que acabara de ouvir. "Mas... mas vocês enlouqueceram?

Querem-me mandar para junto dos kafirun?"

"Tem calma, meu irmão", pediu Ayman, pondo-lhe a mão no ombro para o sossegar.

"O que queremos é mandar-te para um sítio onde ninguém te irá vigiar e onde te sentirás à vontade. O mundo islâmico está cheio de governos jabili que só fazem o que os kafirun querem que eles façam. Não estarias seguro aqui. Precisamos de te enviar para um sítio onde passes absolutamente despercebido." Ahmed esfregou o queixo, pensativo.

"Ir para a Europa é um grande sacrifício", disse. "Se realmente me querem nas terras dos kafirun, tenho uma condição. Solicito que me dêem condições para casar."

Ayman abriu a boca, espantado.

"Por Alá, tu tens noiva?"

"Está-me prometida desde os doze anos."

"És uma caixinha de surpresas, meu irmão", exclamou o mestre. "Podes ficar descansado que terás a ajuda da Al-Jama'a. Aliás, o casamento é a forma ideal de te manteres invisível. E... perfeito!"

Ahmed encheu o peito de ar, muito satisfeito com a evolução dos acontecimentos.

"Então estamos de acordo", disse. "Para onde querem que eu vá? Há muitos irmãos a ir para Londres..."

"Justamente, e isso é um problema. Em Londres encontram-se já demasiados irmãos e os kafirun começam a desconfiar. Não podemos mandar-te para lá. Tens de ir para um sítio mais tranquilo, onde passes despercebido."

"O que tem a Al-Jama'a em mente?"

"O Al-Andalus", anunciou o mestre. "Queremos que vás para uma das grandes cidades do califado do Al-Andalus."

"O califado de Córdova?"

"Sim."

"Querem que eu vá para Córdova?"

Com um sorriso que deixou ver os dentes podres, Ayman abanou a cabeça uma última vez e anunciou então o destino reservado ao seu protegido.

"Al-Lushbuna."

"O quê?"

O mestre tirou do bolso uma folha muito engelhada e abriu-a, exibindo-a ao seu pupilo; era um pequeno mapa da Europa. Apontou o dedo deformado e sujo para uma cidade no extremo ocidental da Península Ibérica.

"Os kafirun chamam-lhe Lisboa."

XXXIII

O vulto de Zacarias tinha emergido do Portão Alamgiri, o que significava que o rapaz já devia estar havia algum tempo dentro do forte à espera do seu antigo professor. Já com as intercomunicações restabelecidas Tomás apressou o passo e aproximou-se dele. O rapaz trocou um breve olhar com o historiador e seguiu em frente, como se não fosse nada, atravessando a praça entre o forte e a mesquita.

"Ele está a ir-se embora!", comunicou Tomás pela intercomunicação que Jarogniew lhe instalara na roupa.

"Bluebird, o Charlie estabeleceu contacto?"

"Quer dizer... ele viu-me, sim."

"E fez algum sinal?"

Tomás hesitou, os olhos fixos na figura de sbalwar kameez que caminhava à sua frente.

"Não tenho a certeza", disse. "Ele olhou para mim e reconheceu-me, isso é certo. Mas não posso garantir que me tenha feito qualquer sinal. Talvez. Não sei."

"Siga-o."

O historiador obedeceu às ordens de Jarogniew e pôs-se no encalço de Zacarias. Olhou em redor, à procura de Rebecca e Sam, mas não os viu. A praça não estava tão cheia como dez minutos antes, embora mantivesse algum movimento.

"Bluebird", voltou a chamar Jarogniew. "Qual é a situação?"

"Ele está a caminhar em direcção a um grande portão, situado do outro lado da praça, mas apenas com uma pequena passagem."

"É o Portão Roshnai", identificou a voz ao auricular. "Continue atrás dele."

Zacarias aproximou-se do portão e encolheu acabeça para passar através da abertura estreita para o outro lado. Tomás seguiu-lhe o exemplo e, ao emergir na rua, viu o antigo aluno espreitar para trás, como se se quisesse certificar de que o homem com quem se ia encontrar permanecia no seu encalço.

Esta troca de olhares encorajou o historiador, que viu nela um sinal claro de que devia prosseguir, pelo que apressou o passo e se chegou mais ao rapaz.

Caminhavam agora pelas ruas estreitas da cidade velha de Lahore. Habituado

ao souq do Cairo, Tomás esperava que este sector fosse mais pitoresco, com bancadas por toda a parte e um certo charme exótico pelas ruelas. Mas ali não havia nada disso. A cidade velha era suja e parecia cair aos bocados, com os edifícios degradados e cabos de electricidade pendurados por toda a parte. As ruas estavam enlameadas por condutas de água rotas e esgotos a céu aberto e eram percorridas por motos, mulas, jumentos, carroças, auto-riquexós e um automóvel ocasional, numa cacofonia de buzinadelas e rádios com o volume no máximo. Não havia ali elegância nenhuma, apenas uma nojeira contínua.

O seu ex-aluno meteu por uma ruela à direita, tão imunda como as outras, e entrou no que parecia ser uma casa de chá improvisada. Não tinha paredes para o exterior, apenas cadeiras de plástico e uma enorme vasilha a fermentar leite.

Zacarias sentou-se numa cadeira e disparou olhares em todas as direcções; dava a impressão de que se sentia acossado.

"Bluebird, qual é a situação?"

"Agora não! Silêncio nas comunicações!"

Crrrrrr.

Tomás abrandou o passo, entrou no mesmo estabelecimento e sentou-se a duas cadeiras de distância. Viu o rapaz pedir um lassi, uma bebida feita à base do leite que fermentava na vasilha, e seguiu-lhe o exemplo, pedindo outro. Depois ficou sentado em silêncio, à espera do que viesse a acontecer.

"Isto está complicado, professor."

Foi a primeira coisa que Zacarias disse. O antigo aluno falou em português, mas quase sem movimentar os lábios e a olhar para a rua, como se quisesse disfarçar.

Quem o visse de longe poderia pensar que estava a cantarolar ou a murmurar uma prece.

Percebendo esta preocupação de esconder que haviam entabulado conversa, Tomás assentou o cotovelo na mesa e deixou cair a cabeça na mão, de modo que a palma lhe ocultasse a boca e ninguém lhe visse os lábios a mexer.

"Então?", perguntou. "O que se passa?"

"Julguei que os tinha despistado. Mas quando estava no forte à sua espera vi um deles. Quase entrei em pânico."

Tomás lançou um olhar para a rua, tentando vislumbrar qualquer figura suspeita, mas nada viu de anormal. Havia pessoas de um lado para o outro e motociclos a passar com grande fragor e muito fumo, mas cada um parecia metido na sua vida.

"Estão a vigiar-te?"

"Sim."

"Porquê?"

"Porque eu sei de mais e porque já lhes disse que não concordava com o que eles andam a fazer."

Mordeu o lábio e revirou os olhos, como se estivesse a repreender-se. "Eu e a minha grande boca! Nunca mais aprendo a estar calado!..."

"Mas sabes o quê, concretamente?"

"Sei que vai haver um grande atentado. Será uma coisa terrível, pior do que o 11 de Setembro."

"Pior ainda?", admirou-se o historiador. "Onde?"

"No Ocidente."

"Sim, mas em que sítio?"

Zacarias abanou a cabeça.

"Isso não sei."

"Na Europa ou na América?"

"Apenas sei que será no Ocidente."

"E quando será isso?"

"Está iminente."

"O que quer isso dizer? Vai ser hoje, amanhã, na próxima semana, daqui a um mês... quando?"

"Iminente quer dizer iminente."

O empregado do estabelecimento aproximou-se e os dois calaram-se. O homem colocou um copo de alumínio diante de Zacarias e entregou outro a Tomás, regressando de seguida para junto da grande vasilha de leite a fermentar.

O historiador levou o copo à boca e provou o lassi; tinha o sabor fresco de iogurte.

Pousou o copo de alumínio e limpou o líquido branco que lhe ficara a colorir os cantos da boca.

"Já percebi que o atentado pode ocorrer a qualquer momento", retomou ele. "Mas quem o vai levar a cabo?"

"Um muçulmano português."

Tomás abriu a boca, estupefacto. "O quê?"

"A sério. É um gajo de Lisboa."

"Como se chama ele?"

"Ibn Taymiyyah."

O professor esboçou uma careta incrédula. "Esse nome não soa lá muito português..."

"O que quer? È como o gajo se chama."

"E ele vai fazer um atentado assim sem mais nem menos, sozinho?"

"Claro que não será sozinho."

"Então quem está com ele?"

"A Al-Qaeda."

Ao ouvir este nome, Tomás sentiu os pelos eriçarem-se-lhe e teve de beber mais um gole de lassi para se acalmar e tentar reordenar o raciocínio.

Tudo aquilo lhe parecia assumir proporções demasiado grandes para as suas capacidades. A Al-Qaeda? Caramba, no que se estava a meter! Teve ganas de conversar com Rebecca ou com qualquer dos outros americanos e receber os seus conselhos, mas sabia que não o podia fazer; teria de ser ele próprio a conduzir o processo naquele momento.

"Olha lá, como sabes tudo isso?"

"A Al-Qaeda pediu ajuda aos tipos com quem eu estou. Eles precisavam de fazer passar aqui pelo Paquistão material que retiraram do Afeganistão. Como estávamos sem pessoal, vieram ter comigo para dar uma mãozinha. Foi assim que me apercebi do que se estava a passar."

"E como sabes que há um português envolvido?"

"O Ibn Taymiyyah? Ora, falei com ele."

"A sério?"

"Sim. Estive com o gajo apenas durante dez minutos, mas reconheci-o de Lisboa e meti conversa."

"Tu conhecias o tipo?"

"Sim. Vi-o umas vezes na mesquita e outras na faculdade."

"Qual faculdade?"

Zacarias lançou um olhar fugaz na direcção do seu antigo professor.

"A nossa", disse, afastando de novo a cabeça. "A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa."

"Estás a gozar comigo..."

"Acho até que ele foi seu aluno."

Tomás voltou a abrir a boca, absolutamente atónito. A conversa adquiria tonalidades surreais. Tinha tido um aluno que agora era elemento da Al-Qaeda? E esse seu antigo estudante ia fazer um grande atentado? Mas que raio de disparate vinha a ser aquele?

"Desculpa, mas eu não me lembro de nenhum Ibn Taymiyyah nas minhas aulas...", disse, após um esforço de memória.

"O senhor professor decora os nomes de todos os seus alunos?"

"Claro que não, são demasiados. Mas um nome desses não é coisa que passe despercebida, não é? Ibn Taymiyyah? É evidente que me recordaria de um nome desses, sobretudo se considerarmos que se trata de um nome com forte carga histórica!"

Zacarias encolheu os ombros.

"Se calhar não foi seu aluno", admitiu. "Mas que o vi na faculdade, disso não

tenho quaisquer dúvidas."

O historiador endireitou-se no seu lugar, decidindo largar aquele assunto de momento.

Havia outras prioridades.

"Bem, depois vemos isso", murmurou. "Agora explica-me quem é a malta de quem andas a tentar fugir."

Zacarias ficou um instante calado, como se até tivesse medo de pronunciar o nome.

"Já ouviu falar na... na Lashkar-e-Taiba?", sussurrou» atirando novos olhares em todas as direcções para se assegurar de que ninguém o tinha ouvido.

"São os tipos dos atentados de Mumbai, em 2008. Andas metido com essa gente?"

"Infelizmente."

"Mas... como?"

O jovem encolheu os ombros, como se até ele fosse incapaz de perceber em que circunstâncias se metera naquela trapalhada.

"Sabe, eu vim para cá para estudar num complexo educacional aqui perto de Lahore", disse, apontando vagamente numa direcção. "Chama-se Muridke, não sei se já ouviu falar."

"Não."

"O Muridke tem um campus a uns quarenta quilómetros daqui. Lá dentro existe um hospital, escolas, uma mesquita, laboratórios... tudo. Chamam-lhe complexo educacional, mas é também, de certo modo, um campo de treinos."

"Treinos? Treinos de quê?"

"Ora, da jihad".

Tomás lançou-lhe um olhar perscrutador.

"Tu vieste para o Paquistão para te treinares para a jihad?"

"Não é bem isso. Eu vim para o Muridke sem saber bem no que me vinha meter. No fim de contas, quem gere o complexo é a Jamaat-ud-Dawa, a Associação de Profissão de Fé, que dirige mais de uma centena de escolas e seminários por todo o Paquistão, e ainda uma rede de hospitais e serviços sociais. Confiei nisso, claro." Hesitou. "O que eu não sabia é que... que a Jamaat-ud-Dawa não passa de uma espécie de fachada da Lashkar-e-Taiba."

Fez-se um breve silêncio, quebrado pelo estrépito de uma moto a passar defronte do estabelecimento.

"As autoridades sabem disso?"

Zacarias riu-se sem gosto.

"As autoridades apoiam isso", exclamou.

"O governo paquistanês apoia essa organização?"

O jovem abanou a cabeça.

"O governo não manda nada", disse. "Quem está por detrás disto tudo é o ISI, os serviços secretos paquistaneses. São eles quem manda no país. Articulam-se com os talibãs, articulam-se com a Lashkar-e-Taiba... se calhar até se articulam com a Al-Qaeda, não sei."

O historiador abanou a cabeça, como se tudo aquilo fosse de mais para ele.

"Que terra esta!"

"Os tipos da Lashkar-e-Taiba recrutaram-me em Muridke. Eu era muito ingénuo e nem percebi bem no que me estava a meter. Quando compreendi, era demasiado tarde."

Zacarias deixou os olhos perderem-se no casario degradado da cidade velha de Lahore, como se tivesse ficado imerso nos seus pensamentos, ponderando o emaranhado de circunstâncias que o arrastara inexoravelmente para aquele momento e para aquele local, como se ele não passasse de uma folha à mercê dos humores instáveis do vento.

"Os tipos da Lashkar-e-Taiba estavam no forte a vigiar-te?"

O rapaz fez uma careta.

"Não sei", disse, estremecendo, como se o seu espírito tivesse nesse instante voltado ao corpo. "Vi lá um deles, isso é certo. Mas pode ter sido coincidência."

Tomás coçou o queixo, pensativo. Gostaria mesmo de pedir instruções a Jarogniew ou a Rebecca, mas parecia-lhe desaconselhável de momento.

"O que queres fazer agora?"

"Não sei." Hesitou. "Quero ir-me embora daqui, mas receio que seja demasiado arriscado."

"Eu vim acompanhado de gente."

"Quem?"

"Forças de segurança."

A informação deixou Zacarias horrorizado. O rapaz arregalou muito os olhos, como se lhe tivessem falado do Diabo.

"O quê? Não me diga que falou com a polícia paquistanesa?!" Pôs as mãos na cabeça, o alarme a toldar-lhe a face.

"Oh, não! Não ouviu o que eu lhe disse? Esses tipos dão-se com a Lashkar-e-Taiba, andam todos metidos uns com os outros!" Olhou em redor, desorientado. "Meu Deus, o que vamos fazer agora?"

"Tem calma", disse Tomás num tom tranquilo. "Não falei com polícia paquistanesa nenhuma."

"Então falou com quem?"

"Americanos."

Zacarias espreitou a rua, tentando identificar rostos ocidentais.

"Onde estão eles?"

O historiador fez um gesto displicente na direcção do exterior.

"Andam por aí..."

"E esses gajos podem tirar-me daqui?"

"Claro. Neste preciso momento, se quiseres.

Escondem-te num carro e levam-te para uma base militar aqui perto. Depois metem-te num avião da força aérea americana e retiram-te imediatamente do país. É só dizeres."

O rapaz respirou fundo. Era como se o seu corpo fosse um saco de preocupações que se esvaziava.

"Ufa! Ainda bem!" "Então? O que fazemos?"

Zacarias ergueu-se de um salto, de repente cheio de energia e entusiasmo.

"Vamos embora!", exclamou, já sem tentar disfarçar que estava na conversa com Tomás. "Não há tempo a perder." Fez um gesto na direcção do caminho por onde tinham vindo. "Mas primeiro temos de ir ali ao forte."

"Porquê?"

O rapaz atirou uma nota para a mesa e saiu para a rua, acompanhado pelo seu antigo professor.

"Trouxe comigo uma prova."

"Que prova?"

"A prova de que se está a preparar um grande atentado. Mas quando estava no forte e vi o gajo da Lashkar-e-Taiba por ali, entrei em pânico e deitei-a numa caixa, não queria ser apanhado na posse dela. Agora temos de ir lá buscá-la! Quando o senhor vir..."

"Ibn al Kalb!"

O grito insultuoso interrompeu a conversa e paralizou Tomás. Sentiu um vulto negro posicionar-se entre ele e Zacarias, apercebeu-se de uma lâmina a cintilar ao sol e, como num sonho, viu-a despenhar-se sobre o corpo do seu antigo aluno.

"Ahhhh!"

O desconhecido apunhalava Zacarias.

XXXIV

Lisboa chocou Ahmed.

Foi a primeira vez que saiu do Egipto e visitou um país estrangeiro, para mais ocidental, pelo que sentiu um brutal embate ao deparar-se com a diferença entre os dois mundos. Os contactos com os kafirun no souq do Cairo já lhe haviam dado alguns indícios, mas uma coisa era intuir as diferenças e outra ser esmagado por elas.

A novidade que de início mais o espantou, e para a qual não estava verdadeiramente preparado, foi a riqueza que encontrou em Portugal. Os automóveis brilhavam de tão novos que pareciam, os autocarros tinham portas que se abriam automaticamente, as estradas eram impecáveis, não havia papéis nem plásticos espalhados pelos passeios, as pessoas tinham um aspecto bem tratado e dos seus corpos emanavam fragrâncias perfumadas, não se viam bairros degradados nem esgotos a céu aberto nem lixeiras pelos cantos nem revoadas de mendigos, o ar respirava-se limpo e tudo parecia ordeiro e arrumado.

Que contraste com o Cairo!

E que dizer dos comportamentos? Nunca tinha visto tanto kafir de uma só vez, mas o mais chocante foi observar as mulheres a andarem por toda a parte com a pele branca exposta — por Alá, iam praticamente nuas! Viam-se-lhes os braços, as pernas, o cabelo, os ombros; algumas até vestiam camisinhas tão curtas que expunham a barriga e deixavam mesmo antever o rego dos seios!

"Prostitutas!", vociferou em voz baixa, indignado. "Todas umas prostitutas!"

E o mais extraordinário é que os homens mal pareciam fazer caso disso; não deram sinais de se incomodar com tamanha falta de vergonha. Via-os até a lidar com as mulheres como se fossem iguais, misturando-se sem pudor. Observou inúmeros casalinhos a andarem na rua de mão dada e, com os olhos que Alá lhe dera, chegara a vê-los beijarem-se na boca em plena via pública! Que imundice!

Sentindo-se afogar naquele mar de imoralidade e degeneração, decidiu procurar refúgio no aconchego de uma mesquita. Disseram-lhe que havia uma a funcionar perto do Martim Moniz e procurou-a, mas por mais que andasse não havia meio de a encontrar.

Deambulou perdido pela Baixa de Lisboa e assustou-se quando viu um polícia aproximar-se dele.

Pensou que ia ser preso e preparou-se para fugir, mas sentia-se paralisado de medo, ficou pregado ao chão. O polícia interpelou-o em português e, muito hirto, Ahmed abanou a cabeça e fez sinal de que não entendia. Após as primeiras palavras confusas, ouviu o guarda mudar para um inglês primário mas perceptível.

"Precisa de ajuda?"

O polícia queria ajudá-lo! No Cairo sempre vira os polícias como repressores agressivos e corruptos, pessoas que deviam ser evitadas a todo o custo. Mas aquele guarda mostrava-se desconcertantemente afável. Desconfiado, Ahmed balbuciou uma desculpa improvisada e afastou-se o mais depressa que pôde, convicto de que haveria ali uma artimanha qualquer.

Que terra aquela!

"Estes Portugueses devem-se fartar de roubar aos crentes", observou após o seu primeiro passeio pela cidade.

Ahmed fora instalado na casa dos Qabir, uma família de muçulmanos de origem moçambicana que vivia em Odivelas. Ninguém suspeitava da ligação do visitante à Al-Jama'a e o acolhimento resultava de uma mera paga de favores antigos.

"Porque dizes isso, meu irmão?", perguntou o chefe da família, Faruk. "Aconteceu alguma coisa?"

"Estou-me a referir a toda esta opulência, a todo este dinheiro que os Portugueses exibem. Isto é gente muito rica, com certeza foram roubar a algum lado."

Faruk riu-se.

"Quem? Nós?" Mais uma gargalhada. "Somos dos povos mais pobres da Europa ocidental! Meu irmão, tens de viajar mais pela Europa para veres o que é realmente riqueza! Há por aí povos muito mais ricos do que o nosso!"

Ahmed cravou os olhos no anfitrião, o esgar exprimindo um misto de incredulidade e escândalo.

"Os outros kafirun são ainda mais ricos? Por Alá, a roubalheira deve ser muita!"

"Não é bem assim, meu irmão. Nós investimos muito na educação e sabemos que a verdadeira riqueza é gerada pelo conhecimento. Se andares por este país ou por toda a Europa, verás que por aqui existem poucas riquezas naturais nas terras. Não há petróleo, não há ouro, não há diamantes." Colou o indicador às têmporas. "Mas possuímos conhecimentos. Aqui no Ocidente sabemos fazer carros, aviões, pontes, computadores... é essa a nossa riqueza."

Ahmed calou-se. Pareceu-lhe evidente que aquela família era desviante e vivia em jahiliyya. Estes supostos crentes estavam de tal modo integrados que

até se referiam aos kafirun ocidentais como nós, não eles! Onde já se vira uma coisa assim? Além do mais tinham comportamentos impróprios. Pois não andava a filha mais velha de Faruk, Fátima, vestida de jeans e a exibir impudicamente o rosto e os cabelos pela rua, sujeitando-se aos olhares lúbricos dos kafirun? E que dizer da mulher do seu anfitrião, Bina, que às vezes parecia ser quem verdadeiramente mandava lá em casa? Como podia Faruk autorizar tais coisas? Porque não as punha ele na ordem? Como se tudo aquilo não bastasse, Ahmed já vira com os seus próprios olhos cervejas no frigorífico daquela casa! Seria possível?

O recém-chegado começou a frequentar a mesquita de Odivelas, mas achou-a demasiado desviante. Onde estavam os apelos à jihad? Onde se exigia a aplicação da sharia? Onde se ouvia recitar as ordens de Deus no Alcorão para emboscar os idólatras? Em parte alguma! Por Alá, que muçulmanos eram aqueles?

As instruções da Al-Jama'a a Ahmed iam no sentido de que jamais poderia deixar perceber que era um verdadeiro crente. Devia ocultar em todas as circunstâncias o seu pensamento, mesmo diante dos muçulmanos portugueses. Tratava-se de uma medida de segurança, não podia chamar as atenções sobre si uma vez que a organização o queria manter a todo o custo afastado das listas dos crentes identificados pelos serviços secretos ocidentais. Permaneceu por isso em silêncio, mas sentia-se baralhado e indignado com tanta jahiliyya.

A gota de água que fez transbordar o copo da sua paciência ocorreu ao fim da segunda semana, quando jantava com os Qabir. Fátima chegou a casa nessa noite muito excitada com uma notícia que lhe acabara de ser dada. Uma amiga muçulmana fora, um ano antes, obrigada pela família a casar com um desconhecido. Acontece que se descobrira agora que a rapariga tinha um namorado secreto e, pelos vistos, mantivera o contacto com ele mesmo depois de casada.

"Vai para lá uma bronca!...", observou Fátima à mesa.

"Essa miúda já devia ter juízo", disse a mãe. "Sempre foi uma doidivanas!"

"Oh, já a conheces! Quando se lhe mete uma coisa na cabeça, ninguém a tira. Decidiu que o namorado é o homem da sua vida e não o vai largar de maneira nenhuma!

Agora que tudo foi descoberto, acho que ela se vai divorciar do marido e casar com o namorado!"

O alvoroço despertou a curiosidade de Ahmed, que pediu que lhe explicassem a conversa. Fátima resumiu o assunto no seu árabe titubeante e deixou o convidado atónito.

"Ela continuava a ver o namorado?", espantou-se.

"É verdade", confirmou Fátima.

"E agora?"

"E agora... olha, vai divorciar-se."

"Mas... mas... e o adultério?"

"Pois, é chato para o marido", reconheceu ela. "Não se tivesse casado por combinação!

Quem anda à chuva molha-se, não é verdade?"

"Mas houve adultério!", insistiu Ahmed, escandalizado. "Isso é permitido?"

A família Qabir entreolhou-se.

"Bem... claro que não", disse Faruk.

"Ah, bom! Então qual é o castigo que vão aplicar a essa adúltera?"

O anfitrião disparou um olhar de repreensão à filha por ter trazido aquele assunto para a mesa, considerando a presença do hóspede e os seus hábitos manifestamente conservadores, mas logo encarou o egípcio e forçou um sorriso, algo embaraçado com o que ia dizer.

"Não haverá nenhum castigo."

Ahmed parou de comer.

"Como?! Não haverá nenhum castigo? Não lhe vão fazer nada?"

"Não."

"Porquê?"

"Porque... porque aqui o adultério não é crime."

Ao ouvir esta revelação o hóspede engasgou-se e desatou a tossir; tossiu tanto que parecia que os pulmões lhe iam saltar pela boca. Quando por fim recuperou, teve vontade de se levantar e de berrar com toda aquela gente e mandar as mulheres da casa pôrem o véu e atirar todas as cervejas pela janela e...

Conteve-se.

As suas ordens eram de que não deveria revelar os seus pensamentos. Teria de ocultar a todo o custo que era um verdadeiro crente. Por Alá, não podia deixar de cumprir as instruções da Al-Jama'a. Mas percebeu que ia ser difícil.

Passou os primeiros três anos em Lisboa a aprender português e a fazer as disciplinas do liceu que lhe permitiriam inscrever-se na faculdade.

Agastado com tanto comportamento desviante, saiu o mais depressa que pôde da casa dos Qabir e alugou um quarto a dois quarteirões de distância. A capacidade de memorização que desenvolvera ao decorar todo o Alcorão na infância ajudou-o consideravelmente e, ao fim desse tempo, falava português com apenas alguns vestígios de sotaque estrangeiro.

A modernidade que via à sua volta, em vez de o inspirar e o levar a questionar tudo o que até ali pensara, serviu apenas para reforçar as suas crenças e suscitar-lhe o maior dos ensinamentos.

Como era possível que os kafirun fossem tão abastados e os verdadeiros crentes tão pobres? Como pudera Alá permitir tamanha injustiça? A resposta era clara. Os crentes haviam-se desviado do verdadeiro caminho. Tinham abandonado a sharia e Deus punira-os com aquela suprema humilhação! Era preciso, pois, voltar às verdadeiras leis islâmicas. Era necessário respeitar integralmente a sharia e trazer de regresso à Terra a Lei Divina. Só assim se agradaria a Deus e se receberia de volta o Seu favor, de modo que os crentes se tornassem de novo mais ricos e prósperos e poderosos do que os kafirun. Na verdade tornava-se fundamental regressar aos valores do passado para garantir a hegemonia no futuro.

Concluiu com sucesso o secundário e, conforme havia acordado com a Al-Jama'a, concorreu para Engenharia, pondo o seu nome nas candidaturas para o Instituto Superior Técnico e para a Universidade Nova de Lisboa. Foi aceite nos dois cursos, o que não era surpreendente se consideradas as suas excelentes notas do secundário e as relativamente baixas médias de acesso, e acabou por optar pela Nova, sempre era uma universidade.

Foi por essa altura que recebeu uma carta do Cairo. Abriu-a e viu que havia sido remetida por Arif, o seu antigo patrão no souq. Depois de o cumprimentar e dos preâmbulos habituais, o dono da loja dos cachimbos de água queixou-se de que Adara já estava em idade de casar e queria saber se o seu antigo pupilo se mantinha na disposição de cumprir o que ambos haviam acordado anos antes.

Ahmed respondeu de pronto e, em dois meses, os papéis necessários foram tratados pelos pais e pelo noivo. Quando os documentos do casamento foram por fim assinados e tudo ficou pronto, Ahmed deu um derradeiro salto aos correios e enviou para o Cairo um envelope com o bilhete de avião. No momento em que saiu do edifício, não se conteve e soltou um urro e um salto de alegria.

A bela Adara vinha aí!

XXXV

Parecia um filme.

O desconhecido agarrava Zacarias com o braço esquerdo, enquanto a mão direita, que segurava o punhal, caía consecutivamente sobre a sua vítima.

Apunhalou-o uma, duas e três vezes, até que Tomás despertou do seu torpor e, ganhando vida, desferiu um brutal pontapé na cabeça do agressor. Apanhado em desequilíbrio, o homem tombou no chão, largando Zacarias, e encarou o português.

"Kafir!", vociferou.

O desconhecido ergueu-se de um salto, a faca a pingar sangue, e avançou na direcção de Tomás, ameaçador. Crrrrrr.

"Blackbawk! Blackbawk!" Era a voz de Jarogniew ao auricular, gritando freneticamente.

"Go! Go!"

No meio da confusão, Tomás lembrou-se de que Blackbawk era o nome de código de Sam. Mas não havia tempo para se preocupar com os outros, a ameaça diante dele era demasiado premente.

Crrrrrr.

"Bluebird! Saia daí! Já!"

O agressor de negro deu um passo rápido, como um felino, e espetou o punhal na sua direcção. Tomás saltou para trás e conseguiu desviar-se.

Aproveitando o desequilíbrio momentâneo do desconhecido, desferiu um novo pontapé, desta vez no estômago do homem, mas ele não vacilou e, lançando-se pelo ar, caiu sobre o historiador.

Crrrrrr.

"Blackhawk!? Go! Go!"

O português conseguiu suster-lhe a mão que empunhava o punhal, mas sentiu o agressor socar-lhe os rins. A dor fê-lo fraquejar e logo viu a lâmina a aproximar-se dos olhos. Fez força para a fazer recuar, mas o mais que conseguiu foi suster-The o avanço. A ponta do punhal estava a um mero palmo de distância e Tomás não tinha muito tempo para reagir.

Crrrrrr.

"Bluebird?"

Com um movimento rápido e desesperado, o europeu encolheu-se de modo a dar uma joelhada no ventre do agressor e, acto contínuo, voltou-se e acertou-lhe com o cotovelo na cara. Numa reacção reflexa, a mão com a faca recuou e Tomás aproveitou para cabecear o homem no rosto. O desconhecido soltou um urro de dor e, às cegas, numa fúria súbita, lançou o punhal contra a vítima com tal força que quebrou a defesa do inimigo, rasgando-lhe a camisa e passando-lhe a lâmina pelo corpo.

Crrrrrr.

"Blackhawk, o que se passa?"

O português sentiu uma dor aguda irromper-lhe no peito, junto ao coração, e percebeu que tinha sido esfaqueado. Quase entrou em pânico. Onde estava a ajuda?, interrogou-se naquele momento desesperado. Onde parava Sam? Onde se encontrava Rebecca?

Porque demoravam tanto a ir em seu socorro? Será que tinham problemas de comunicação semelhantes aos seus no início da operação? Será que não ouviam os insistentes apelos de Jarogniew nos auriculares? Se assim fosse, estava perdido.

Crrrrrr.

"Onde estás, Blackkawk? O que está a acontecer?"

Apercebendo-se de que a sua resistência chegava rapidamente ao fim, Tomás contorceu-se numa tentativa desesperada de se libertar, mas o desconhecido imobilizou-o com o braço esquerdo, como havia feito momentos antes a Zacarias, e, já com o braço direito livre, ergueu bem alto o punhal para esfaquear o historiador com toda a força.

Pab.

Pab.

O pulso do desconhecido perdeu energia. Tomás olhou para cima e viu o seu agressor de olhos vidrados e um buraco aberto na testa a expulsar matéria branca e sangue. O homem de negro estava muito hirto e inclinou-se devagar, como uma árvore a tombar, até cair no chão, evidentemente morto.

Deitado de costas e finalmente sem ninguém por cima dele, o historiador ergueu a cabeça e viu Sam com as duas mãos agarradas a uma pistola em riste, os olhos a dardejarem em todas as direcções em busca de ameaças potenciais, o fumo a flutuar diante do cano da arma.

"Você está bem?", perguntou Sam sem olhar para ele.

Tomás soergueu-se, assentando o corpo sobre um cotovelo, e massajou o peito dorido.

"Acho que o gajo me atingiu no peito", disse, avaliando ainda a reacção do corpo.

"Mas tenho a impressão de que só me apanhou de raspão."

"Já vamos ver isso."

A atenção do português desviou-se da ferida que lhe sujava a camisa com sangue para o americano.

"Estava a ver que nunca mais aparecia ninguém!", resmungou. "Você não ouviu o seu amigo chamar pelo auricular?"

"Ouvi."

"Então porque raio levou tanto tempo?"

"Fui retido por outros capangas." Indicou com a cabeça o fim da rua, onde se encontravam dois vultos prostrados no chão. "Levei uns instantes a despachá-los."

Crrrrrr.

"Blackhawk! Qual é a situação?"

"Bluebird está okay", revelou Sam. "Charlie está down. Standby."

O historiador levantou-se devagar e, cambaleante, aproximou-se de Zacarias, que se encontrava deitado no chão, inanimado, ao lado de uma poça de sangue que aparentemente lhe saíra do pescoço. Mas já não havia sangue a jorrar. Tomás ajoelhou-se ao lado do antigo aluno e pousou-lhe dois dedos por baixo da orelha, tentando captar-lhe a pulsação. Nada.

Experimentou-lhe o pulso, mas voltou a não sentir a pulsação.

"Então?", quis saber Sam.

Tomás abanou a cabeça com tristeza. Libertando uma mão, o americano ajoelhou-se também ao lado de Zacarias e experimentou-lhe a pulsação. Levou apenas um breve momento a tirar as suas próprias conclusões.

"Está morto."

Crrrrrr.

"Hello?" Agora era a voz de Rebecca. "O que se passa? Aconteceu alguma…"

"Houve um incidente", respondeu Sam. " Perdemos Charlie. Temos de sair daqui."

"Mas o que se passa? Como está o Tom?" A voz era frenética e destilava ansiedade.

"Tom! Você está bem?"

"Estou bem."

"Shopgirl, saia da linha", ordenou Sam. "Temos de fugir daqui."

Uma multidão aproximava-se agora do local, espreitando os corpos inertes de Zacarias e do desconhecido. Sam mostrava-se ansioso por abandonar aquelas paragens antes que a polícia chegasse e puxou Tomás pelo braço. O historiador tinha, no entanto, relutância em abandonar o cadáver do seu antigo aluno, e

sacudiu a mão do americano.

"Oiça, temos mesmo de sair daqui!", argumentou Sam com sentido de urgência.

"Ele está morto, não há nada que possamos fazer."

Tomás deitou um derradeiro olhar a Zacarias, como se se estivesse a despedir. Mirou-lhe os olhos vidrados, o pescoço dilacerado, a mão esticada com o indicador a arranhar o chão...

"Espere!"

Sam impacientou-se. "O que é agora?"

Tomás voltou a abeirar-se do corpo e inclinou-se sobre a mão imóvel de Zacarias. "O que é isto aqui?"

O americano aproximou-se e espreitou para o local.

"O quê?"

Diante do dedo a terra parecia revolver-se em traços. Tomás girou a cabeça, tentando decifrar o desenho que pelos vistos Zacarias fizera no chão enquanto agonizava. Tinha de ser uma coisa importante, percebeu. Ninguém gastava os seus derradeiros instantes de vida a fazer um desenho irrelevante.

Girou mais uma vez a cabeça e fixou os traços. Não era um desenho, acabou por perceber. Eram letras. "Use me?", interrogou-se Tomás. "O que raio quer isto dizer?"

"Ele pediu que o usasse", constatou Sam, traduzindo a frase.

O historiador fez uma careta intrigada e abanou a cabeça num gesto de incompreensão.

"Isso não faz sentido nenhum!"

O som longínquo de uma sirene rasgou o ar e trouxe-os à realidade. Sam agarrou de imediato no braço de Tomás, dessa vez com a determinação de quem não admite mais hesitações, e puxou-o com força.

Let's go!

XXXVI

A figura que se materializou na rampa das chegadas do aeroporto de Lisboa atraiu os olhares de toda a gente. Era uma mulher coberta da cabeça aos pés por trajes islâmicos, uma imagem pouco comum na capital portuguesa.

Metido no meio daquela pequena multidão, Ahmed fixou a atenção na figura tímida e reconheceu-lhe os olhos.

"Adara!", chamou, erguendo o braço. "Adara! Por aqui!"

Foi recebê-la no final da rampa. Apesar de se terem visto com frequência na loja dos cachimbos de água, nunca haviam trocado mais do que breves palavras. Adara vinha adequadamente tapada, mas era evidente que se transformara numa mulher, o corpo mais largo e longo, os olhos ainda pérolas reluzentes, a face de um anjo.

A transbordar de felicidade, Ahmed levou-a para o seu novo apartamento no Monte de Caparica, para onde se mudara de modo a estar mais perto da faculdade, e deu-lhe carneiro assado e arroz árabe, jantar que lhe havia sido preparado por Bina, a mulher de Faruk.

"Está bom?", perguntou ele, tentando fazer conversa.

Adara assentiu em silêncio.

"Sentes-te cansada?"

Ela voltou a acenar afirmativamente, os olhos sempre pousados na comida. A mulher não parecia faladora, o que desapontou Ahmed. Achava-a linda e queria-a alegre, mas ela parecia fechada como uma concha. O noivo encolheu os ombros, resignado. Em devido tempo ela desabrocharia, considerou.

Logo que terminaram a refeição instalou-se um certo acabrunhamento entre eles.

Ambos sabiam o que teria de acontecer a seguir, mas não era claro como chegariam a esse momento. Ahmed ponderou o assunto e optou por um caminho indirecto.

"Queres ver a casa?"

Adara levantou o olhar assustado; percebeu muito bem o sentido da pergunta. Ahmed interpretou o silêncio como consentimento implícito, a postura adequada de uma mulher modesta e recatada, e conduziu-a para o quarto. Havia uma grande cama de casal no meio e fez-lhe sinal de que se dirigisse a ela.

Adara obedeceu e estendeu-se vestida na cama, o corpo hirto, os olhos a saltitarem de nervosismo.

O marido desligou a luz: e deitou-se ao lado dela.

Não sabia bem o que fazer em tais circunstâncias, uma vez que aqueles assuntos eram proibidos até nas conversas entre homens, mas tinha a ideia de que tudo se passava entre as pernas dela. Ganhou coragem e meteu-lhe desajeitadamente a mão pela parte de baixo do vestido, explorando-a até lhe detectar a abertura quente. Sentiu a erecção formar-se-lhe nas calças e despiu-se com um movimento rápido.

Depois deslizou para cima dela e fez força para entrar. A coisa não resultou; devia haver qualquer mecanismo que ambos desconheciam. Teve então a ideia de lhe abrir as pernas e voltou a investir. Ela gemeu de dor no momento em que o marido conseguiu penetrá-la. Foi uma refrega rápida e atabalhoada.

Dois minutos depois, Ahmed levantou-se e foi lavar-se. A seguir foi a vez dela de ir fazer as abluções. O marido voltou ao quarto, acendeu a luz e constatou, uma centelha de alívio a perpassar-lhe pelos olhos, que uma pequena mancha de sangue sujava o lençol.

O campus universitário da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova situava-se em Monte de Caparica, perto do apartamento onde viviam. Inscreveu-se em Engenharia Electrotécnica e os tempos seguintes foram passados às voltas com as diferentes matérias do curso. Frequentou cadeiras com nomes bizarros como Electrotecnia Teórica, Instrumentação e Medidas Eléctricas, Conversão Electromecânica de Energia e Electrónica de Potência em Accionamentos. Não eram as disciplinas mais galvanizantes do mundo, mas Ahmed completou-as com competência e dedicação.

Se as coisas iam bem nos estudos, a verdade é que em casa não pareciam famosas.

Adara andava permanentemente deprimida. Era muito diferente da menina alegre e divertida que ele admirara na loja dos cachimbos de água no Cairo.

Certo dia, quando chegou das aulas, deu com ela sentada no sofá a chorar.

"Que se passa? Que aconteceu?"

A mulher passou a mão pela face, limpando apressadamente as lágrimas, e endireitou-se.

"Não é nada."

"Como assim, não é nada? Porque estás a chorar, mulher?"

Adara recusava-se a responder, mas Ahmed não admitiu o silêncio e exigiu que ela lhe explicasse o que se passava; não sairia dali enquanto não tirasse tudo a limpo.

Tanto insistiu que a mulher acabou por se abrir.

"Sinto-me infeliz."

"Porquê? Tens saudades da família?" Ela balançou afirmativamente a cabeça. "Mas não é só isso, pois não? Há mais?" Ela não disse nada. "Então? Porque andas tão triste?"

Adara voltou a fechar-se num mutismo teimoso.

Mas a porta tinha sido entreaberta e Ahmed não ia aceitar que as coisas ficassem por ali; queria apurar o que se passava.

Voltou a insistir dias depois, até arrancar por fim uma confissão surpreendente.

"Não gosto do meu casamento." A revelação deixou-o chocado.

"O quê? Que dizes?"

Pela primeira vez desde que se unira àquele homem, Adara levantou o rosto e fixou o marido nos olhos, em desafio, como se dizer aquilo a libertasse.

"Não gosto de estar casada."

Aquela declaração era inaudita e deixou Ahmed atónito. Onde já se vira uma mulher dizer tal coisa ao marido? Teria ela enlouquecido?

"O que queres dizer com isso? Porventura trato-te mal?"

"Não, claro que não."

"Então? Qual é o problema?"

Ela baixou os olhos, deixando uma lágrima solitária escorrer-lhe pela face.

"Não sinto amor por ti."

Ahmed ficou a olhar para ela embasbacado. Esperava que ela dissesse tudo menos aquilo.

"E desde quando isso é relevante?", perguntou por fim. "O que tem o amor a ver com isto? És parva ou quê?"

A mulher encolheu-se toda, os olhos a saltitarem para um lado e para o outro, perdidos e desesperados.

"Eu queria um casamento... um casamento especial, estás a perceber? Um casamento em que houvesse uma grande paixão, em que me sentisse flutuar..."

"Estás maluca?"

"Eu quero um amor como os dos romances!"

O marido contraiu o rosto numa expressão perplexa.

"Quais romances? Do que estás tu a falar?"

"Estou a falar de uns livros que eu lia lá no Cairo às escondidas dos meus pais, como Barbara Cartland, Daphné du Maurier..."

"Lixo!", cortou Ahmed, subitamente enfurecido. "Isso é tudo lixo! Isso são tudo ordinarices dos kafirun!"

"São livros belos!", argumentou ela. "Falam de amor, mostram um mundo em que as mulheres podem escolher a sua vida, se apaixonam, casam com o

homem que querem e não com quem o pai lhes manda, tomam decisões suas, podem..."

"Isso é lixo!", repetiu o marido num tom tão agressivo que a obrigou a calar-se.

"Esses livros dos kafirun não passam de obras do Diabo! Querer estar bonita em público, desejar atrair homens, buscar o prazer, divertir-se... tudo isso são seduções de Satanás! Não te esqueças de que esta vida é um teste temporário! O Diabo tem inúmeros estratagemas para nos desviar do bom caminho e esses livros imorais dos kafirun são um desses estratagemas!" Apontou para cima. "Mas Alá Al-Hakam, o Juiz, tudo observa, e se Ele nos vir a ceder à tentação irá barrar-nos o caminho para os jardins eternos! É isso o que tu queres, ir para o grande fogo?"

Adara abanou negativamente a cabeça; vivia aterrorizada com a possibilidade de ir para o Inferno.

"Então tem juízo!", ordenou ele. "Uma boa muçulmana evita as sensações animalescas que estão contidas nesses livros. Islão é submissão. As mulheres devem obediência aos seus maridos e a Deus, não a Satanás e à animalidade do corpo."

Adara voltou a fitá-lo.

"Mas, justamente, quando estamos os dois juntos, quando tu queres intimidade... é animalidade o que acontece. Não há romantismo, não há... sei lá, não há nada. É

horrível!"

Ahmed respirou fundo.

"Só falas assim porque andaste a ler esses livros dos kafirun, com as suas descrições licenciosas e não islâmicas da intimidade entre marido e mulher. Mas fica sabendo que nenhuma boa muçulmana deve copiar o comportamento das ímpias. Uma boa crente evita vestir-se como elas, comportar-se como elas, ter intimidade como elas!"

"Ao menos as kafirun são livres."

"São ímpias!", exclamou ele em tom de quem não admite discussão. "Esses livros nojentos que andaste a ler afastam as boas muçulmanas do caminho de Alá."

"Eu gosto dos meus romances!"

Ahmed aproximou o rosto da mulher e falou entre dentes, numa voz baixa e tensa, carregada de ameaças: "Estás proibida de voltar a ler essas imundices."

As coisas não iam nada bem em casa. A conversa permitiu enfim a Ahmed perceber o problema e a sua origem, mas não o resolveu. Adara andava permanentemente infeliz e o marido começou a intuir que o sogro é que tinha

razão; no fundo ela era uma rebelde. Ahmed sabia que teria de ter o pulso firme para a domar e passou a vigiá-la com mais atenção, tendo especial cuidado com o que a mulher lia ou via na televisão.

Com o casamento em banho-maria, investiu fortemente nos estudos. Concluiu Engenharia em 1994, aos 25 anos, e, graças a uma recomendação dos seus contactos na Al-Jama'a, começou a trabalhar em projectos de uma empresa saudita que abrira um escritório em Lisboa. Mas a curiosidade e um certo enfado pelo trabalho e pelos silêncios pesados em casa impeliram-no a procurar coisas diferentes.

Logo que arranjou emprego mudou para uma casa mais bem situada. O casal deixou o Monte de Caparica e transferiu-se para um apartamento à Praça de Espanha, perto dos escritórios da empresa e da Mesquita Central. Logo que completou a mudança pôs-se a espreitar os diversos cursos oferecidos na universidade na qual se havia licenciado e descobriu que a Nova tinha uma outra faculdade a uns meros dois passos do seu novo apartamento.

Visitou a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas à primeira oportunidade. O que mais lhe chamou a atenção foi o curso de História, uma paixão desde os tempos em que o professor Ayman lhe ensinara a história do islão na madrassa de Al-Azhar.

Decidiu por isso preencher os tempos livres a frequentar algumas cadeiras desse curso. Inspeccionou o currículo e a que mais lhe interessou foi Línguas Antigas.

Quis saber quem a ministrava e fixou a atenção no nome do professor.

Tomás Noronha.

XXXVII

"Temos de voltar para trás!"

"O quê?"

"Temos de voltar para trás!", repetiu Tomás. "Imediatamente!"

O historiador estava de tronco nu no assento da carrinha e Rebecca limpava-lhe a ferida no peito com um pedaço de algodão embebido em álcool. Mas Tomás tinha a cabeça voltada para trás e os olhos presos às muralhas vermelho-atijoladas do forte que se afastava na traseira da viatura.

"O que se passa?", perguntou Jarogniew, agarrado ao volante.

"Ele quer voltar para trás", explicou Rebecca enquanto preparava o penso. "Porquê?"

Os olhares caíram sobre o historiador, que mantinha a atenção colada ao forte, lá ao fundo.

"O Zacarias disseme que deixou uma coisa muito importante escondida no forte.

Temos de ir lá buscá-la."

"Você está louco?", insistiu Jarogniew. "A esta hora a polícia já anda à volta do corpo do seu amigo. Se você voltar pode ser identificado por alguma testemunha."

"Mas temos mesmo de ir procurar o que o Zacarias lá deixou."

"Que raio de coisa é assim tão importante?"

"Pelo que percebi trata-se de uma prova relacionada com o grande atentado que está em preparação."

"Você sabe onde se encontra isso?"

"No forte."

"Sim, mas em que sítio?"

"O Zacarias não me disse."

"Então como tenciona descobrir essa prova? O forte é muito grande..."

Tomás voltou a cabeça e cravou os olhos em Sam.

"Use me."

O americano fez a expressão vazia de quem não entende alguma coisa. "Hã?"

"A mensagem que o Zacarias deixou escrita no chão", explicou o historiador. "É uma pista para chegar ao que ele escondeu."

Fez-se um curto silêncio dentro da carrinha, com os americanos a considerarem as consequências do que acabavam de escutar. Como tinha sido o único a ver a derradeira mensagem de Zacarias, Sam foi o primeiro a perceber onde Tomás queria chegar.

Vencendo as últimas hesitações, inclinou-se no seu lugar, abriu um saco e extraiu um tecido branco do interior.

"Vista esta shalwar kameez e este pakoV, disse, estendendo a Tomás os trajes paquistaneses. "Assim ninguém o reconhecerá."

Sentado ao volante, Jarogniew encarou o seu companheiro com um esgar inquisitivo. "O que estás a fazer?"

Sam indicou o forte que desaparecia lá atrás. "Vamos voltar."

Dessa vez Tomás cruzou mesmo o Portão Alamgiri e entrou no complexo do forte de Lahore. Ao seu lado ia Sam, igualmente disfarçado com uma shalwar kameez, a pistola oculta dentro das vestes, os olhos a saltitarem atentos a qualquer ameaça.

"Por onde quer começar?", perguntou o americano.

O Portão Alamgiri ficara para trás e ao lado deles estava a Porta de Musamman Burj, já dentro do complexo. Diante dos dois ocidentais de shalwar kameez estendia-se um vasto espaço harmoniosamente preenchido por edifícios e jardins.

"Pelo centro."

Atravessaram o grande jardim em passo rápido.

Uma placidez beatífica pairava naquele local. Os corvos crucitavam e os pardais chilreavam sem cessar, o pipilar melodioso a sobrepor-se ao rumor distante, mas sempre presente, da cidade. O forte era defendido por canhões antigos que ornavam os cantos das muralhas; para além delas estendia-se o casario degradado da cidade velha, já quase uma lixeira de edifícios decadentes e ruelas imundas.

No entanto, ali, no meio do jardim do forte, reinava a harmonia. Aspersores gigantes espalhavam água pela verdura e os jactos da rega atingiam o tronco das árvores papiyal e o caminho dos visitantes, obrigando Tomás e Sam a especiais cuidados para não se molharem.

Contornaram o jardim e aproximaram-se do primeiro edifício, uma construção em pedra de portas baixas. Tomás tirou do bolso um folheto com a planta do complexo.

"Isto é o Diwan-i-Aam", identificou. "Era aqui que o imperador mogul recebia as visitas."

Os dois homens curvaram-se e passaram a porta de entrada.

"Esses moguls deviam ser uns anões", observou Sam ao constatar que todas

as portas no interior do edifício eram igualmente baixas.

O Diwan-i-Aam parecia uma relíquia mal conservada no tempo. O mármore antigo que decorava o interior tinha um ar muito gasto, embora os arabescos cravados na sua superfície fossem claramente visíveis. As paredes pareciam de gesso e estavam rachadas, apresentando inscrições a giz feitas por visitantes desrespeitosos, provavelmente adolescentes apaixonados, enquanto o chão se quebrava em rachas. O interior era escuro e estranhamente fresco, num agradável contraste com a fornalha que ardia lá fora. As salas eram apertadas, pareciam extraídas de um Punjabe dos Pequeninos, e os dois homens percorreram-nas metodicamente sem encontrar nada.

"Não é aqui", concluiu Tomás.

Saíram para a varanda e contemplaram o pátio em frente, ornamentado por um pequeno jardim com um lago artificial seco que expunha os tubos das canalizações. Logo a seguir viam-se ainda mais edifícios e, para além das muralhas, de novo a cidade a espraiar-se no meio do smog.

Sam apontou para os restantes edifícios do complexo.

"Vamos procurar daquele lado."

Antes de se fazer à escada para descer para o jardim, Tomás lançou uma derradeira olhadela à varanda do Diwan-i-Aam. Foi nesse instante que reparou na mancha azul quase escondida por baixo da arcada, à esquerda. Era uma caixa cilíndrica de plástico azul, com uma abertura no topo e as letras pintadas a branco.

Um caixote de lixo.

Tomás ficou imóvel a olhar para as letras brancas no caixote azul; parecia hipnotizado.

"O que foi?", perguntou Sam.

O historiador apontou maquinalmente para o caixote de lixo. Ficaram ambos um longo instante a contemplá-lo, quase como se receassem ver o que se escondia no interior. O primeiro a reagir foi o americano. Pôs a mão debaixo da shalwar kameez para agarrar a arma e, embora mantivesse a pistola escondida, assumiu uma postura vigilante, como se assim garantisse a segurança do perímetro.

"Veja o que está lá dentro."

Tomás aproximou-se devagar e inclinou a cabeça sobre a abertura, espreitando o conteúdo do caixote de lixo. Viu uma lata verde de refrigerante e um saco branco de batatas fritas. Estendeu a mão e afastou o saco, tentando vislumbrar o que se encontrava por baixo. Detectou uma superfície amarelo-torrada, pareceu-lhe cartão.

"Está ali qualquer coisa."

"Tire-a."

Movendo-se com mil cuidados, o historiador mergulhou o braço no caixote de lixo e tocou na superfície amarelada. Era realmente um cartão ou um papel grosso.

Pegou nele e retirou-o, trazendo-o para a luz.

Um envelope.

Inspeccionou-o de frente e verso, mas não havia nada escrito. Indeciso, trocou um olhar com Sam. O americano fez um sinal com a cabeça, encorajando-o a abrir o sobrescrito. Tomás procurou a abertura e descobriu-a selada por uma pequena corda áspera. Desfez o nó e a abertura ficou exposta. Meteu a mão dentro do sobrescrito e sentiu uma superfície lisa e fresca no interior.

"Então?", impacientou-se Sam.

"Calma."

Depois de se certificar de que não havia ninguém em redor a espiá-los, Tomás extraiu a superfície macia que o envelope guardava. Parecia uma folha plastificada, de tamanho A4. Virou-a para si e pousou os olhos nela.

Sentiu um baque.

"Meu Deus!"

Ao ver o historiador arregalar os olhos, Sam não conseguiu conter a curiosidade.

"O que é? O que está aí?"

Lívido, Tomás girou a folha para o americano. Sam apercebeu-se então de que se tratava da imagem ampliada de uma fotografia de telemóvel. A imagem estava escura e algo desfocada, mas o seu conteúdo era bem visível. A foto mostrava uma caixa com caracteres cirílicos impressos à superfície. No topo, entre uma bandeira russa e os caracteres cirílicos, a caixa ostentava um símbolo universalmente reconhecido.

O nuclear.

XXXVIII

Uma desagradável lufada de vento obrigou Ahmed a levantar-se e ir fechar a janela.

Espreitou lá para fora e arregalou os olhos, horrorizado. Adara atravessava a rua e, espanto dos espantos, tinha a cabeça totalmente descoberta!

"Por Alá!", exclamou de pasmo. "Enlouqueceu!"

Ahmed não gostava que a mulher saísse sozinha para ir à mercearia, mas não havia maneira de contornar o problema. Encontrava-se num país kafir e não tinha consigo a família para acompanhar Adara sempre que ela precisava de ir à rua. Tivera por isso de se resignar, mas só a deixara sair com a promessa de que resguardaria o rosto e o corpo dos olhares impudicos. E eis que ela desobedecera à ordem.

No momento em que Adara abriu a porta, o lenço já voltara a cobrir-lhe o cabelo. A palma da mão do marido abateu-se-lhe sobre a face uma, duas, três, sucessivas vezes, cobrindo-a de estaladas.

"Sua prostituta! Sua desavergonhada! Como te atreves a desobedecer-me?"

Ahmed ficou descontrolado. Era a primeira vez que batia na mulher, mas a fúria tinha tomado conta dele.

Adara encolheu-se no canto do hall de entrada do apartamento, os braços a cobrirem a cabeça, o corpo a tremer e reduzido a uma bola defensiva.

"O que foi?", gemeu ela. "O que fiz?"

"Prostituta! Não tens vergonha? Estou farto! Vais aprender, ouviste? Vais aprender!"

"O que fiz? Por Alá, o que fiz?"

"Tu sabes muito bem! Sua cadela! Sua ordinária! Não prestas para nada!"

Quando o marido acabou de a espancar, Adara permaneceu um bom bocado encolhida no seu canto a soluçar. Aquela mulher era mesmo rebelde, repetiu Ahmed para si pela enésima vez, ofegante, os olhos pousados com despeito naquele corpo trémulo. Mas ele havia de a pôr na ordem, ele havia de a ensinar a ter recato e a comportar-se como uma boa muçulmana!

"Tu não me podes bater!", gemeu ela quando recuperou o fôlego. "Não tens o direito!

Só um mau crente bate na mulher!"

"Quem te disse isso?"

"O mullab da Mesquita Central. Ele disse que o Profeta, no seu último sermão, mandou os crentes tratarem bem as suas mulheres!"

"Que eu saiba, trato-te bem..."

"Mas bateste-me! O mullah disse que o Alcorão garante a igualdade de homens e mulheres. Não podes maltratar-me!"

O marido soltou uma gargalhada forçada.

"Ou esse mullah é um ignorante ou está vendido aos kafirun. Onde se encontra tal coisa escrita?"

Ela ergueu os olhos revoltados e fitou-o com rancor.

"No Alcorão, já te expliquei. Eu própria li! Alá diz no versículo 228 da sura 2: «As mulheres têm sobre os maridos direitos idênticos aos que eles têm sobre elas.» Está lá escrito!"

"Tu agora já decoras o Alcorão?"

"Conheço esse versículo."

"Então se conheces deverias citá-lo na íntegra. É verdade que Alá diz no Alcorão que os direitos são idênticos. Mas logo no mesmíssimo versículo Alá esclarece que «os homens têm predomínio sobre elas»."

"«Têm predomínio»", admitiu Adara. "Embora disponham de «direitos idênticos» aos delas."

"Pois sim. Mas não te esqueças de que Alá estabelece no Livro Sagrado que o testemunho de uma mulher vale metade do de um homem, que a herança que cabe a uma filha é metade da que cabe a um filho e que um homem pode estar casado com quatro mulheres ao mesmo tempo mas nenhuma mulher pode estar casada com mais de um homem ao mesmo tempo. E no versículo 223 da sura 2 está dito por Alá: «As vossas mulheres são vossa pertença. Desfrutai-as como quiserdes»."

"«Desfrutai-a», diz Alá", argumentou Adara, sempre combativa. "Ele não diz que batas."

"Di-lo na sura 4, versículo 34: «Àquelas de quem temais desobediência, admoestai-as, confinai-as nos seus aposentos, castigai-as.»"

"Lá está", insistiu Adara. "Alá diz «admoestai-as» e «castigai-as», mais uma vez não diz que lhes batam."

"A que tipo de castigo e admoestação achas tu que Alá se está a referir?"

"Não sei. Mas Ele não fala em bater."

"Falou o Profeta."

A mulher lançou-lhe um olhar interrogativo.

"O que queres dizer com isso?"

"Há um hadith que regista estas palavras do mensageiro de Deus: «Nenhum

homem será questionado sobre os motivos pelos quais bate na sua mulher.» E num outro hadith está escrito que o Profeta se queixou de que as mulheres estavam a ficar atrevidas com os maridos e deu-lhes autorização para bater nelas."

"O meu mullah diz que esses ahadith não são totalmente seguros", argumentou ela.

Ahmed encolheu os ombros.

"São citados por Abu Dawud", esclareceu, como se tal facto fosse suficiente. "E há um outro hadith de Al-Bukhari em que alguém pergunta ao Profeta se pode bater na mulher e ele responde que sim, acrescentando que se deve dar o correctivo com um miswak."

Adara tinha dificuldade em aceitar tal coisa. Embora soubesse que jamais conseguiria derrotar Ahmed nos argumentos corânicos, não se deu por vencida.

"Pois que eu saiba não me bateste com nenhum miswak", protestou. "Além do mais, para um crente bater na mulher tem de ter um motivo válido. Não pode bater porque lhe apetece!"

"É verdade."

"Então se é verdade, porque me bateste?"

"Porque me desobedeceste!"

"Eu?"

Ahmed deu um passo adiante, enervando-se, e apontou à mulher o dedo acusador.

"Não te faças despercebida porque eu vi tudo! Andaste na rua sem estar devidamente tapada, como ordenou o Profeta, como ordenei eu e como convém a uma muçulmana que se dê ao respeito! Ou negas?"

Adara ficou sem saber o que dizer. Era verdade que, nos últimos tempos, se destapava sempre que saía à rua. Estava cansada dos olhares bizarros que os kafirun portugueses lhe lançavam sempre que a viam naqueles preparos e queria integrar-se melhor, circular sem estar a ser observada a todo o momento. Sempre tivera o cuidado de se voltar a tapar quando chegava a casa, mas pelos vistos o marido apanhara-a a infringir as regras.

Ergueu os olhos e voltou a fitar Ahmed com uma expressão de desafio.

"Está bem, destapei-me na rua. E então? Qual é o problema?"

O marido olhou-a com uma expressão de pasmo, não acreditava no que acabara de escutar.

"Qual é o... o..." Abanou a cabeça, como se assim lograsse reordenar o pensamento. "Estás a brincar comigo, mulher?"

"Não, não estou! Qual é o problema de as mulheres se destaparem? Será que me podes explicar?"

"Estás doida? São ordens do Profeta!"

"Mas ele tinha de ter alguma razão para nos mandar cobrir..."

"Então não sabes que os homens... os homens ficam loucos de excitação quando vêem uma mulher destapada? Não sabes o efeito que a visão de uma mulher seminua tem nos homens? Eles ficam cegos de desejo! Eles ficam confusos!"

"Confusos?"

"Sim, confusos! Nem conseguem trabalhar! Instala-se o caos total! A sociedade mergulha na anarquia mais completa! É a fitna absoluta!"

Adara ficou um instante calada a olhar para o marido, como se tentasse decidir por onde começar.

Depois levantou--se a custo e caminhou devagar em direcção da cozinha.

"Quando eu frequentava a minha madrassa no Cairo, as professoras também me davam essa explicação. Diziam que nós, as mulheres, temos um grande poder no nosso corpo e que, se o exibirmos em público, a sociedade se desintegra."

Aproximou-se da janela e chamou o marido. "Anda cá ver uma coisa."

Sem perceber onde ela pretendia chegar, Ahmed aproximou-se.

"O que é?"

"As mulheres kafirun tapam-se?"

"Sabes bem que não", devolveu ele com desprezo. "Essas ímpias não passam de umas prostitutas que não têm vergonha de exibir o corpo aos olhares impudicos."

Adara apontou para a rua.

"Então olha lá para fora e diz-me: vês homens a correrem de um lado para o outro a ferver de desejo? Vislumbras anarquia em alguma parte? Se tudo o que tu e as professoras da minha madrassa dizem é verdade, como explicas que esta terra de kafirun seja muito mais organizada e ordenada do que a terra dos crentes?

Como explicas que eu ande na rua destapada e não haja homens a lançarem-me olhares lúbricos? Como explicas que tudo funcione aqui tão bem quando há milhares de mulheres a circular destapadas por toda a parte? Onde está a Fitna? Onde está o caos? Onde está a anarquia?"

Os olhos de Ahmed passearam pela rua diante do seu apartamento. A paisagem era realmente muito mais harmoniosa do que a confusão a que se habituara no Egipto. As pessoas circulavam tranquilamente e os homens não davam sinais de se babarem sempre que se deparavam com um tornozelo feminino. É certo que já vira operários lançar piropos sujos a raparigas, mas eram ocasiões relativamente raras e no Cairo até já assistira a assédio bem mais

intenso. Observou lá ao fundo uma mulher a passar com os ombros descobertos e o homem com quem ela se cruzou no passeio não sofreu qualquer ataque de nervos nem teve nenhuma erupção de lascívia sexual. Como explicar tal mistério?

Com um esgar de despeito, o marido voltou as costas à janela e abandonou a cozinha.

"A explicação é simples", resmungou ao sair. "Os kafirun não são verdadeiros machos!"

XXXIX

A ruiva lasciva inclinou-se sobre Tomás, deixando vislumbrar os seios opulentos por entre a gola entreaberta da camisa, e abriu-se num sorriso maravilhoso.

"Deseja mais alguma coisa?"

Ao ouvir esta pergunta, o historiador engoliu em seco. "Não, obrigado."

A ruiva pousou-lhe o copo de champanhe no tabuleiro, voltou a sorrir e deu meia volta, bamboleando o traseiro até desaparecer por entre as cortinas da parte dianteira do avião.

"Jesus!", exclamou Rebecca, que estava sentada ao lado de Tomás a observar a cena.

"Você tem realmente saída com as mulheres. Até as hospedeiras lhe fazem olhinhos!"

O português de olhos verdes torceu a boca e esboçou um esgar de comiseração.

"Elas percebem que você não me liga nenhuma...", murmurou num queixume fingido.

A americana soltou uma gargalhada.

"Ah, lá está você a apalpar o terreno!"

"Infelizmente é a única coisa que apalpei até agora..."

Rebecca olhou-o de esguelha.

"Se quiser algo mais, tem de o merecer!"

"Ai sim?", animou-se Tomás, abrindo-se num sorriso sedutor. "Então o que preciso eu de fazer?"

A americana dobrou-se no assento e tirou uma pasta de cartolina que guardara no saco que tinha aos pés. A capa da pasta trazia impressa a águia americana no topo, a sigla da NEST por baixo e as palavras Top Secret carimbadas a vermelho no canto.

"Precisa de fazer o seu trabalho", respondeu ela, assumindo uma postura profissional e estendendo-lhe a pasta. "Leia."

Com ar resignado, o historiador pegou na pasta de cartolina e abriu-a. No interior encontravam-se resmas de papel com o nome da Al-Qaeda referenciado em título.

Percebeu que havia fotografias mais adiante e foi direito a elas. Umas mostravam homens de roupas árabes e cabeça tapada, com armas nas mãos; outras eram imagens de edifícios, tiradas por meios aéreos ou mesmo no local, com uma legenda a indicar "campos de treino"; outras ainda exibiam cães mortos no interior do que parecia ser uma câmara estanque. Havia também fotografias exibindo diversos rostos árabes e duas delas eram de Osama Bin Laden, uma com o líder da Al-Qaeda a disparar uma Kalashnikov.

"Isto é um dossiê sobre a Al-Qaeda", constatou Tomás.

"Gee, Tom! Você é um génio!"

Ignorando o tom de ironia, o português fechou a pasta e devolveu-a a Rebecca.

"Oiça, eu não sou génio nenhum", disse. "Sou um historiador e esta matéria é do seu foro, não do meu."

"Mas você está a trabalhar para a NEST, Tom, e temos uma emergência em mãos", argumentou Rebecca. "O seu ex--aluno disselhe que a Al-Qaeda está na posse de material radioactivo. As palavras em russo inscritas nas caixas que ele fotografou revelam tratar-se de urânio enriquecido a mais de noventa por cento. Ou seja, é material militar. Isto é muito grave e, uma vez que você está envolvido na operação, era bom que se familiarizasse com este assunto."

"Você já leu essa papelada toda?"

"Claro."

Tomás pegou no copo de champanhe que a hospedeira ruiva lhe tinha oferecido e bebericou um trago.

"Então faça-me um resumo."

Rebecca suspirou, vencida, e abriu a pasta.

"Muito bem", disse. "O que aqui está é o que sabemos sobre os projectos da Al-Qaeda em relação à construção e uso de bombas nucleares, projectos que remontam à década de 1990. Um sudanês que desertou do movimento, um tipo chamado Jamal Ahmad Al-Fadl, revelou-nos que Bin Laden esteve nessa altura empenhado na compra de urânio enriquecido por um milhão e meio de dólares. O nosso informador disse ter visto, com os seus próprios olhos, um cilindro com uma série de letras e números gravados no exterior, incluindo um número de série e as palavras Africa do Sul, identificando a origem do urânio enriquecido."

"O que aconteceu a esse material?"

"Não sabemos."

Tomás espreitou a pasta.

"Considerando o volume desse dossiê, presumo que haja ainda mais pistas."

A americana folheou os documentos que se encontravam no interior da pasta.

"Claro que há", confirmou., extraindo uma fotografía que virou na direcção

de Tomás.

'"Está a ver isto?"

A imagem mostrava uma sequência de tendas miseráveis, com homens de turbante, mulheres a cozinhar sobre lenha e crianças andrajosas a brincar na terra.

"Parece um campo de refugiados."

"Muito bem!", exclamou ela, como se o historiador tivesse acertado uma pergunta num concurso televisivo. "É o campo de Nasirbagh, na fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão. A polícia encontrou aqui, em 1998, dez quilos de urânio enriquecido. O material estava nas mãos de dois afegãos que iam partir para o Afeganistão.'" Baixou a voz, como se fizesse um aparte. "Sabe quem nessa altura operava livremente no Afeganistão, não sabe?"

"A Al-Qaeda."

Rebecca guardou a fotografia e tirou outras duas.

"Você hoje está imparável, acerta em todas", sorriu. Apresentou as duas novas fotografiias.

"Conhece estes senhores?"

Os olhos do português deslizaram para as legendas por baixo das imagens.

"A acreditar no que está aqui escrito, este é o Bashiruddin Mahmood e este o Abdul Majieed", indicou, apontando para cada uma das fotografias. "Mas não faço a mínima ideia de quem sejam."

"São dois antigos elementos do programa paquistanês de armas nucleares", identificou ela.

Apontou para a fotografia do primeiro homem.

"O senhor Mahmood é um dos principais peritos do Paquistão em urânio enriquecido.

Trabalhou durante trinta anos na Comiissão de Energia Atómica do Paquistão e foi uma figura central no complexo de Kahuta, onde os Paquistaneses produziram urânio enriquecido para a sua primeira bomba atómica. Chefiou ainda o reactor de Khosib, que produz plutónio para bombas atómicas, mas teve de se demitir depois de ter afirmado em público que as armas nucleares paquistanesas eram propriedade de toda a umma e de defender o fornecimento de urânio enriquecido e plutónio militar a outros países islâmicos. Isto era uma coisa que o Paquistão já estava a fazer, claro, mas pelos vistos não se podia confessar em público."

"Um rapaz com pouco tento na língua, portanto", gracejou Tomás. "Mas porque me está a falar desses cavalheiros pouco recomendáveis?"

"Porque eles se deslocaram a Cabul para uma reunião com Bin Laden em Agosto de 2001, um mês antes dos atentados de Nova Iorque e Washington. A

notícia desse encontro chegou a Langley depois do 11 de Setembro e deixou a CIA à beira de um ataque de nervos. A coisa foi considerada tão grave que o director da CIA, George Tenet, foi direito a Islamabade para falar com o presidente Musharraf. Mahmood e Majeed foram então detidos pelas autoridades paquistanesas e interrogados por equipas conjuntas paquistanesas-americanas. Mahmood negou ter-se alguma vez encontrado com Bin Laden."

"E então, o que fizeram vocês? Mergulharam-lhe a cabeça na água, como fizeram aos fundamentalistas que meteram em Guantánamo?"

"Vontade não nos faltou", murmurou Rebecca, como quem faz um aparte. "Mas, tendo em conta as circunstâncias, não podíamos seguir de imediato para os métodos mais musculados. Em vez disso, o nosso pessoal da CIA decidiu submetê-lo ao teste do polígrafo. A máquina mostrou que o tipo estava a mentir."

"Surpreendente", ironizou Tomás.

"É, não é? Fomos então interrogar o filho. O rapaz revelou que Bin Laden tinha pedido ao pai informações sobre como fabricar uma arma nuclear.

Depois de o filho se descoser, Mahmood lá confessou que realmente se deslocou a Cabul e se reuniu durante três dias com Bin Laden e o seu braço--direito, Ayman Al-Zawahiri.

Mahmood admitiu por fim que a Al-Qaeda queria mesmo produzir armas nucleares.

Os companheiros de Bin Laden ter-lhe-ão dito que o Movimento Islâmico do Usbequistão lhes tinha fornecido material nuclear e queriam saber como usá-lo.

Mahmood ter-lhes-á explicado que o material que se encontrava na sua posse daria apenas para uma bomba suja, mas não poderia desencadear uma explosão nuclear.

Disse-nos ter ficado com a impressão de que a Al-Qaeda tinha falta de conhecimentos técnicos e que o seu projecto se encontrava ainda nas etapas iniciais."

"De qualquer modo, isso tira todas as dúvidas", concluiu Tomás. "A Al-Qaeda quer mesmo construir armas nucleares."

Rebecca lançou-lhe novo olhar sarcástico.

"Eu não digo que você é um génio? Claro que quer construir armas nucleares! É

aliás por isso que achamos que este senhor Mahmood não nos contou toda a verdade. Se a Al-Qaeda tinha falta de conhecimentos técnicos, de certeza que ele e Majeed lhe forneceram instruções detalhadas sobre como fazer uma bomba atómica.

Só que o Mahmood não nos podia confessar isso, pois não?"

"Pois, enterrava-se todo."

A americana guardou as duas fotografias na pasta e retirou uma resma de folhas agrafadas.

"Agora gostava que visse isto", disse, mostrando-lhe o documento. "Traduza-me o título."

Tomás pegou na resma e folheou-a. Tinha vinte e cinco páginas escritas em árabe, com diagramas e desenhos por toda a parte. Voltou à primeira página e fixou os olhos nos caracteres árabes que se encontravam no título.

"Superbomba.'"

Rebecca voltou a pegar no documento.

"Quando invadimos o Afeganistão, depois dos atentados do 11 de Setembro, entrámos em edifícios, abrigos, grutas e campos de treino da Al-Qaeda e descobrimos milhares de documentos e imagens com pormenores sobre as actividades e os projectos da organização de Bin Laden. A análise desse material revelou que a Al-Qaeda andava activamente a tentar deitar a mão a armas de destruição em massa." Indicou a resma de folhas.

"Este documento, Superbomba, foi descoberto na casa de Abu Khabab em Cabul. O senhor Khabab era um destacado elemento da Al-Qaeda." Folheou o documento sem se deter em nenhuma página em particular. "Está aqui informação detalhada sobre os diversos tipos de armas nucleares existentes. Além do mais, pode encontrar nestas páginas todos os pormenores sobre a engenharia necessária para provocar uma reacção em cadeia, incluindo as propriedades dos materiais nucleares. Ou seja, isto é um verdadeiro manual para construir uma bomba atómica."

Guardou o manual em árabe na pasta e localizou mais uma fotografia, que voltou a mostrar a Tomás.

"Este senhor chama-se José Padilla e é de Chicago", disse. "Prendêmo-lo no Verão de 2002 depois de ele se ter encontrado no Paquistão com o chefe operacional da Al-Qaeda, Abu Zubaydah. O nosso amigo Padilla propôs-se fabricar uma bomba atómica, mas o Zubaydah pediu-lhe antes que regressasse aos Estados Unidos e começasse a adquirir material radioactivo para usar com explosivos vulgares e fazer assim uma bomba suja que permitisse contaminar uma área vasta. É interessante que a Al-Qaeda tenha recusado a proposta de Padilla, não acha? Só poderia ter feito isso se nessa altura já tivesse em marcha o seu próprio projecto de uma bomba atómica."

"A bomba do Zacarias."

"Exacto. De outro modo, o Zubaydah jamais recusaria a proposta de Padilla. Com toda a certeza, a Al-Qaeda já..."

"Senhores passageiros, vamos iniciar a nossa descida", anunciou uma voz adocicada, devia ser a hospedeira ruiva. "Por favor apertem os cintos e

endireitem os assentos das vossas cadeiras. Deveremos aterrar no aeroporto de Ierevan às 13h35 locais, ou seja, dentro de aproximadamente meia hora. Obrigado por voarem com..."

"Ainda não percebi porque raio me arrastou para a Arménia", resmungou Tomás.

"Já lhe expliquei que temos de tirar tudo isto a limpo", disse Rebecca. "O meu contacto russo opera em Ierevan e nós, se queremos falar com ele, temos de ir ao seu encontro. Afinal somos nós os interessados, não é verdade? Tenha paciência."

"Este desvio por Ierevan é por causa das inscrições em caracteres cirílicos na fotografia do Zacarias?"

"Sim, mas não só." Voltou a indicar a pasta de cartolina. "Antes de partirmos de Lahore falei com Langley e eles disseram-me que a fotografia é muito credível porque bate certo com toda a informação de que dispomos. Sabemos que, na década de 1990, houve elementos da Al-Qaeda que se deslocaram a três estados centro-asiáticos que antigamente faziam parte da União Soviética e, aproveitando o caos que se seguiu ao desmoronamento do sistema comunista, tentaram comprar uma ogiva nuclear ou material que permitisse construir uma bomba atómica."

"E conseguiram?"

"Estamos convencidos que não. Mas em 1998 soube-se que eles pagaram dois milhões de dólares a um cazaque que prometeu entregar-lhes um engenho nuclear soviético do tamanho de uma mala."

"Que mala? Uma daquelas de que falou o general Lebed, o assessor do antigo presidente Ieltsin?"

"Essas mesmo."

"Se bem me lembro da gravação que mister Bellamy nos mostrou em Veneza, o general Lebed disse numa entrevista à televisão americana que tinham desaparecido várias malas dessas. Está a dizer-me que a Al-Qaeda deitou a mão a uma delas?"

"É uma possibilidade. Aliás, nesse mesmo ano a revista árabe Al Watan Al Arabi noticiou que a Al-Qaeda tinha comprado vinte ogivas nucleares a mafiosos chechenos por trinta milhões de dólares e duas toneladas de ópio. Não conseguimos confirmar esta informação, mas o biógrafo de Bin Laden, Hamid Mir, revelou que Ayman Al-Zawahiri, o número dois da Al-Qaeda, lhe disse em 2001 que a Al-Qaeda já possuía engenhos nucleares. Al-Zawahiri ter-lhe-á contado que bastavam trinta milhões de dólares e uma viagem ao mercado negro da Ásia Central para adquirir material atómico de fabrico soviético. Segundo Al-Zawahiri, a Al-Qaeda já teria adquirido assim algumas armas nucleares em

formato de pastas. Estamos a lidar com fontes diversas, mas a informação bate toda certa e parece até complementar-se. Como deve calcular, sentimo-nos mortalmente preocupados."

"Acha que a fotografia do Zacarias constitui a prova final de que isso é tudo verdade?"

Rebecca lançou um olhar pela janela do avião.

"É o que vamos saber em Ierevan."

O aparelho já havia iniciado a descida, abanando ligeiramente em função das variações do vento. A hospedeira ruiva passou ao lado de Tomás e lançou-lhe mais um sorriso encantador, mas o historiador estava de tal modo embrenhado nos seus pensamentos que nem notou.

"Quem é o tipo com quem vamos falar?", quis saber.

"Prepare-se para encontrar uma figura um pouco bizarra. Chama-se Oleg Alekseev."

"Sim, mas quem é ele?"

"E um antigo coronel do Komitet Gosudarstveno Bezopasnosti."

"Hã?"

Rebecca arrumou a pasta de cartolina no saco e verificou o cinto de segurança, preparando-se para a fase final da aterragem.

"KGB."

XL

As aulas de Línguas Antigas seduziram Ahmed, sobretudo porque os temas estavam relacionados com o Médio Oriente. O professor Noronha começou por ensinar os rudimentos das línguas da Mesopotâmia, a antiga Terra dos Dois Rios, o Iraque, e depois falou longamente sobre o Egipto e a descoberta de que a língua dos faraós era o copta.

A matéria era do natural interesse do estudante árabe, uma vez que abordava a história do seu próprio país. Embora fosse muçulmano, o aluno tinha-se também por bom egípcio e sentia um orgulho secreto nos seus antepassados, mesmo os do período pré-islâmico. Apesar de viverem em jabiliyya, tinham sido capazes de erguer as espantosas grandes pirâmides sobre as quais tantas vezes pousara o olhar durante a infância no Cairo.

Não eram aqueles gigantes assentes no planalto de Giza dignos de admiração?

Foi quando se preparava para ir a uma destas aulas que, ao folhear o jornal no emprego, se deparou com uma notícia que lhe prendeu a atenção. O título era Massacre em Luxor e revelava a matança de mais de sessenta turistas kafirun pelo que o jornal apelidava de "radicais islâmicos" e que Ahmed sabia serem verdadeiros muçulmanos.

"Allah u akbar!", exclamou, esforçando-se por conter a excitação que se apoderou dele.

Verificando que ninguém o estava a observar, murmurou uma prece. "Que a grande jihad se declare enfim e que Deus, o Todo-Poderoso, nos ajude a vencer!"

Convencido de que aquele evento iria desencadear um movimento que culminaria com o colapso do regime jahili e a tomada do poder pelos verdadeiros crentes, teve ganas de partir de imediato para o Egipto e juntar-se à jihad. Logo que chegou a casa ligou para Salim, o seu contacto da Al-Jama'a Al-Islamiyya em Londres. Salim deu-lhe a entender, nas entrelinhas, que o movimento era de facto o responsável por aquela acção gloriosa.

Ahmed quase rebentava de orgulho e de excitação.

"E uma grande jornada para a umma", declarou com entusiasmo transbordante. "Será que posso apanhar o primeiro avião para me juntar à jihad?"

"Não é o momento certo", soprou-lhe a voz do outro lado da linha. "Os

acontecimentos em Tebas levaram o faraó a lançar uma grande repressão contra os crentes. A situação é muito perigosa e instável. Dá graças a Alá por te encontrares aí. É aí que deves ficar."

Ahmed sabia que, por uma questão de segurança, o seu interlocutor falava por enigmas. Tebas era o antigo nome de Luxor e o faraó era o presidente Mubarak.

Claramente o regime perseguia os verdadeiros crentes, tal como fizera após a matança de Sadat.

"Mas o povo está connosco?"

Salim hesitou, procurando as melhores palavras para descrever como aquela acção havia sido acolhida pelos Egípcios.

"A informação de que disponho, meu irmão, é a de que o nosso povo está mergulhado em jabiliyya. Temos por isso de ser mais prudentes nas nossas acções. O Profeta, que a paz esteja com ele, escolheu fazer a revelação por etapas, de modo a assegurar o triunfo da verdadeira fé. Precisamos de ser pacientes e aprender com o seu belo exemplo."

Estas palavras judiciosamente escolhidas indiciavam que a jornada de glória e martírio não havia sido bem acolhida pelo cidadão comum. Era uma informação desconcertante.

Ahmed, porém, não se deixou desencorajar.

"Quando permitirão que me junte à jibad? Quando?"

"Sê paciente e aguarda."

"Não tenho feito outra coisa, meu irmão. Mas sinto que chegou a minha hora. Quando me chamarão?"

O seu interlocutor fez uma curta pausa, talvez para ponderar o que poderia dizer ao telefone. Respirou fundo e por fim respondeu.

"O dia aproxima-se."

O massacre de Luxor renovou o interesse de Ahmed pelo Antigo Egipto, matéria das primeiras aulas na faculdade. O problema é que, depois de abordar a civilização egípcia e os hieróglifos, o professor Noronha passou para o Antigo Testamento e o hebraico e depois para o Novo Testamento e o aramaico e o latim. A cadeira, todavia, era semestral e as aulas estavam prestes a terminar sem que o docente abordasse o maior e mais importante período da história da humanidade. O islão.

Ahmed sempre fez questão de se sentar num canto discreto da sala, de modo a manter-se longe dos olhares, mas a constatação de que o semestre se esgotava impeliu-o a procurar o professor numa das últimas aulas. Interceptou-o à saída da sala, identificou-se e lançou-lhe a pergunta.

"Senhor professor, não vai falar do islão?"

"Infelizmente, não."

"Porquê?"

"Primeiro, porque não há tempo", explicou Tomás. "Repare que esta cadeira é semestral. Depois, porque o árabe não é exactamente uma língua antiga, como deve saber. Ora esta cadeira chama-se justamente Línguas Antigas e..."

"O árabe do Alcorão é uma língua antiga", interrompeu Ahmed. "Há muitos falantes de árabe actual que não o entendem. Além do mais, o árabe é a língua de Deus. Foi em árabe que Alá falou aos crentes."

"Os judeus dizem que foi em hebraico..."

"Os judeus são uns falsos!", vociferou Ahmed, irritado com a referência ao povo que o Alcorão amaldiçoou por ter quebrado a aliança com Deus.

"Maomé disse: «A última hora só virá depois de os muçulmanos combaterem os judeus e os muçulmanos os matarem até que os judeus se escondam atrás de uma pedra ou uma árvore e a pedra ou a árvore digam: muçulmano, servo de Alá, há um judeu atrás de mim; vem e mata-o.» Assim falou o Profeta e as suas palavras mostram o destino que daremos a esses miseráveis."

Tomás ficou um instante boquiaberto, espantado com a agressiva erupção verbal do aluno.

"Bem...", hesitou. "Isso... enfim, não é assunto para estas aulas."

Pressentindo que perturbara o professor, Ahmed baixou o tom de voz, mas não largou o assunto.

"Sim, mas como pode o senhor ignorar o islão?", insistiu. "É importante que as pessoas aqui neste país conheçam a palavra de Alá."

"Sem dúvida", concordou o professor, um tudo-nada agastado com o tom excessivamente assertivo do estudante. "Mas esta cadeira é sobre línguas antigas e o islão não consta no currículo pelos motivos que lhe indiquei e por mais um ainda: é que eu não sei árabe nem sou perito em assuntos islâmicos."

"Mas devia aprender. Não tem curiosidade?"

"Admito que sim. Aliás, para dizer a verdqde, ando a pensar em ir estudar árabe para um país islâmico. Interesso--me muito por criptanálise e o primeiro tratado jamais publicado sobre este assunto está escrito em árabe. Gostaria de o ler na língua original."

"Isso é uma excelente ideia", aprovou Ahmed. "O senhor professor pode ir para um país árabe, aprender a língua e, já agora, iniciar-se no islão. Quem sabe se não acabará por se converter?"

"Sim, quem sabe?"

Tomás começou a andar, esforçando-se por se afastar daquele aluno que começava a achar inconveniente, mas ainda lhe ouviu as frases finais.

"Lembre-se de que a história ainda não acabou", lançou Ahmed lá atrás, em

jeito de aviso. "Um dia serão os historiadores muçulmanos a analisar o passado cristão da Península Ibérica."

Já a subir as escadas, o professor levantou a mão e acenou.

"Adeus."

"O islão estará de volta."

Triiimmm.

Ahmed encontrava-se estendido na cama a reler os ahadith compilados no Sabih Bukhari, a forma que encontrara de se descontrair após mais um dia de trabalho, e resmungou ao escutar a campainha da porta, mas não se mexeu.

"Adara!" chamou. "Vai ver quem é!"

Os textos islâmicos eram a sua única companhia nos tempos livres e não lhe apetecia levantar-se. Já tinha entrado na casa dos trinta anos e andava havia algum tempo a pensar em arranjar mais uma mulher.

Adara infernizava-lhe a vida; ainda por cima por enquanto não lhe dera nenhum filho. Já pensara em dizer-lhe em voz alta por três vezes "eu renego-te!" e assim divorciar-se, mas ia protelando.

Se calhar a melhor solução era arranjar uma segunda mulher, uma rapariga que fosse respeitadora, obediente e boa parideira. Ali em Portugal achava as moças muçulmanas demasiado desviantes, fruto da influência licenciosa dos kafirun, pelo que teria de pedir à família que lhe encontrasse uma virgem no Egipto.

Reconsiderou. Não podia ser. Vivia em Portugal e casar-se com uma segunda mulher poderia arranjar-lhe problemas com os malditos kafirun.

Talvez a solução fosse mesmo divorciar-se.

Triiimmm.

Ao ouvir pela segunda vez o toque, Ahmed revirou os olhos e respirou fundo; lembrou-se de que Adara tinha saído para as compras. Com uma interjeição impaciente, pousou o volume na mesa-de-cabeceira e levantou-se para abrir a porta.

"Faz favor?", perguntou em português.

No corredor do prédio estava um homem de barba farta e vestes brancas islâmicas.

"Ahmed ibn Barakah?", quis saber o desconhecido, evidentemente um muçulmano.

"Sou eu", respondeu em árabe. "Em que posso ajudá-lo?"

"Chamo-me Ibrahim Sakhr", identificou-se o homem. "Venho da parte de Ayman bin Qatada."

Ao ouvir o nome do seu antigo professor, Ahmed abriu-se num sorriso deferente e convidou o desconhecido a entrar no apartamento. Deu-lhe o melhor

sofá e ofereceu-lhe chá e biscoitos. Depois das habituais delicadezas preliminares, o anfitrião lançou a pergunta que abriu caminho a que o visitante lhe explicasse o propósito da sua presença.

"Como vai Ayman?"

"Está agora no Iémen."

"A sério?", admirou-se Ahmed. "A fazer o quê?"

"A servir o islão."

O anfitrião lançou um olhar sonhador pela janela, procurando o espaço para além do horizonte lisboeta.

"Ah, o Iémen!", exclamou. "Que sorte! Ele ainda trabalha para a Al-Jama'a?"

"Claro. Ayman é um bom muçulmano." Ibrahim bebeu um trago de chá. "E tu? Ainda és um bom muçulmano?"

"Eu? Claro que sim."

"Não foste corrompido pela jahiliyya que impera por esta terra de kafirun?"

"Nunca!"

"Sabemos que não tens feito em público afirmações de um verdadeiro crente..."

Ahmed quase ficou ofendido com a observação.

"O que queres dizer com isso, meu irmão? Estás a insinuar alguma coisa?"

"Estou apenas a repetir o que ouvi."

"É verdade que tenho evitado fazer declarações que mostrem que estou no caminho da virtude. Mas essas foram as instruções que a Al-Jama'a me deu! Ayman pediu-me que não me fizesse notado e evitasse que me catalogassem como um verdadeiro crente! Como podes tu agora vir aqui com essas insinuações ofensivas? Por que razão me..."

O visitante pôs-lhe a mão no ombro.

"Acalma-te, meu irmão", disse, a voz serena, o tom pausado. "Estava apenas a testar-te."

"Nem sabes como me custa permanecer calado com as coisas que vejo à minha volta!

Há nesta terra gente que se diz crente e bebe vinho e deixa as mulheres exporem-se aos olhares impudicos! Pensas que não tenho todos os dias vontade de os repreender? Mas as ordens da Al-Jama'a foram claras e, com a ajuda de Deus, esforço-me por cumpri-las."

"Eu sei, meu irmão", insistiu Ibrahim. "Quis apenas ter a certeza de que o teu silêncio significava obediência às nossas ordens e que não te tinhas deixado corromper por estes kafirun"

"Espero que nem uma sombra de dúvida tenha restado no teu espírito."

"Fica descansado", assegurou o visitante. "Agora estou certo do que Ayman

dizia a teu respeito."

Ahmed pegou no bule fumegante e, esforçando-se por se acalmar, despejou mais chá na chávena do visitante.

"Ainda bem. Às vezes fico com a impressão de que a Al-Jama'a me esqueceu..."

"Não te esqueceu."

"Mas parece! Mandaram-me há mais de quinze anos para aqui e daqui ainda não saí. Para que me querem os irmãos nesta terra de kafirun? Que utilidade tenho eu aqui?"

Ibrahim pegou num biscoito e mergulhou-o na chávena, amolecendo-o no calor do chá.

"Na verdade, temos uma missão para ti."

O anfitrião arregalou os olhos, a esperança súbita a afogar-lhe o ressentimento. Desde que soubera do massacre de Luxor que aguardava este dia.

"A sério?" Olhou para cima, numa prece. "Deus é grande! Ele é Al-Karim, o Benévolo, e As-Samad, o Eterno!" Encarou o visitante. "Como é bom saber que não fui esquecido!"

Ibrahim trincou a bolacha amolecida.

"Não foste."

"Que missão é essa que me está destinada, meu irmão?"

"Queremos que te treines para ser um mudjahedin."

Ahmed nem queria acreditar no que estava a ouvir. Treinar para ser um mudjahedin?

"Mas... mas isso é o meu sonho! Por Alá, isso é maravilhoso! Não desejo outra coisa na vida!"

"Ainda bem", sorriu Ibrahim, satisfeito por verificar todo aquele entusiasmo. "És um verdadeiro crente, não há dúvida." Soergueu o sobrolho. "Tens o passaporte em dia?"

"Está tudo em ordem."

O homem da Al-Jama'a retirou um envelope do bolso do casaco e estendeu-o na direcção de Ahmed. O anfitrião abriu-o com uma expressão intrigada e viu um maço de dólares e uma lista de contactos, com números de telefone e moradas.

Levantou os olhos e fitou interrogadoramente Ibrahim.

"O que é isto?"

"São as pessoas com quem vais ter de falar quando chegares lá."

"Lá onde? Ao campo de treinos?"

O visitante apontou com o dedo rude para um dos endereços mencionados na lista e o seu olhar cintilou. "Ao Afeganistão."

XLI

"Está um tipo a seguir-nos."

Tomás espreitava pelos reflexos da vitrina de uma das lojas da Rua Abovyan, uma das principais artérias do centro de Ierevan, a atenção disfarçadamente presa no vulto que parecia vigiá-los.

"Eu sei", devolveu Rebecca, despreocupada. "Topei-o logo na recepção do hotel."

"O que fazemos?"

A americana encolheu os ombros. "Nada."

Esta resposta deixou Tomás desconcertado.

"Mas... mas... deixamos o tipo seguir-nos? Não fazemos nada?"

"Tem alguma sugestão? Quer desatar a correr por aí fora? Ou prefere que eu tire a pistola e dispare sobre ele?"

"Bem, não sei... vocês é que estão habituados a lidar com estas situações."

Rebecca puxou Tomás pelo braço, fazendo-lhe sinal de que seguisse em frente.

"Deixe estar, não ligue. Vamos prosseguir o nosso passeio e ver o que acontece."

Tinham saído dez minutos antes do hotel, situado em plena Abovyan, e andavam a deambular diante de um pequeno largo dominado pelo datado Kino Moskva, um grandioso complexo de cinemas com a assinatura inconfundível do estilo arquitectónico soviético. Aos pés deste monumento da vanguarda comunista encontrava-se uma esplanada com os toldos cobertos por anúncios à Coca-Cola, uma ironia que não escapou a Tomás.

Atravessaram a rua e desceram a Abovyan. Era uma elegante via cheia de lojas e passeios espaçosos.

Por toda a parte se publicitavam os principais produtos da Arménia, com destaque para as carpetes e os brandies, e as pessoas tinham um certo ar de Médio Oriente, embora de cultura marcadamente ocidental nas roupas e comportamentos.

Não admirava; afinal aquele era o mais antigo país cristão.

Ierevan revelou-se-lhes uma cidade de aspecto globalmente desarranjado, dava a impressão de um grande bazar, embora o Centro tivesse um toque mais

ordenado.

Sobretudo ali, na Abovyan, a mais elegante das ruas. O passeio que calcorreavam alargou-se consideravelmente, abrindo espaço para uma enorme esplanada dominada por um restaurante chamado Square One.

O português girou a cabeça em redor, como se estivesse a apreciar o local, e pelo canto do olho procurou o vulto que os seguia desde o hotel.

"Ele ainda não nos largou", constatou.

"Deixe-o estar", disse Rebecca, quase indiferente. "Goze mas é o passeio."

"Mas eu não vim aqui para fazer turismo", argumentou Tomás, num tom entre o protesto e o queixume. "Quando é que nos encontramos com o seu russo?"

"Não sei. Estou à espera que o coronel entre em contacto connosco."

"Ele sabe que estamos aqui?"

"Claro que sabe." Fez um gesto com a cabeça em direcção ao indivíduo que os seguia.

"Aliás, suspeito que este tipo faça parte da pandilha."

Num gesto quase reflexo, Tomás virou a cabeça e olhou directamente para o homem.

"Parece-lhe?", murmurou para Rebecca.

"Vamos ver."

A Abovyan desaguou na surpreendente Praça da República, o centro de Ierevan e o coração da cidade. A praça tinha um formato oval e estava cercada por edifícios graciosos, as fachadas de um tijolo amarelo e vermelho e com grandes arcadas; dava a impressão que aquele era o ponto de encontro do imponente estilo arquitectónico soviético com as linhas tradicionais arménias. O centro da praça era dominado por grandiosas fontes de água, para onde os dois visitantes se voltaram, admirando os bailados coreografados dos jactos líquidos.

Pelo canto do olho, Tomás manteve a atenção presa na sombra que os acompanhava.

Aquilo poderia ser normal para Rebecca, mas o facto é que ele não estava habituado a que o seguissem na rua, pelo que a situação o punha algo nervoso.

Apercebeu-se de que o homem estava a atender um telefonema e, instantes depois, viu-o a guardar o telemóvel e a dirigir-se directamente a eles.

"Atenção!", disse Tomás, tocando no ombro de Rebecca. "O tipo vem para aqui."

A americana voltou-se e encarou frontalmente o homem, que de facto se aproximava de forma ostensiva, sem o mínimo esforço de ocultar a sua presença.

Agora que estavam mais perto e o observavam melhor, constataram que parecia arménio, com um nariz proeminente e a cara chupada.

"Quem é Scott?", perguntou o homem num inglês rudimentar.

"Sou eu", disse ela. "Rebecca Scott."

"Tenho uma mensagem do coronel Alekseev. Ele quer conversar consigo esta noite no CCCP."

Era o acrónimo em russo de URSS, a antiga União Soviética, o que surpreendeu os dois visitantes.

"CCCP?", admirou-se Rebecca. "Não percebo."

"É um estabelecimento na Nalbandyan, ao lado da Praça Sakharov." Apontou na direcção do outro lado da Praça da República. "É aquela rua ali. Esteja no CCCP às dez da noite em ponto." Colou a palma da mão à testa e fez continência. "Boa tarde."

O homem afastou-se, dando claramente por finalizada a sua missão. Tomás ficou a vê-lo ir-se embora, subindo pela Abovyan, até que sentiu o olhar azul de Rebecca colado nele.

"Está a ver?", disse ela. "O coronel não falha."

XLII

Peshawar.

Aquele nome era uma lenda e o inconfundível travo exótico da aventura percorria a grande cidade. Quantas vezes não lera nos jornais egípcios referências àquele lugar mágico nos relatos da gloriosa epopeia que fora a jihad contra os kafirun soviéticos? Com uma mão na mala e a outra a agarrar um puxador, Ahmed esforçava-se por se equilibrar junto à porta do pitoresco autocarro que dançava pelas ruas de Peshawar, ziguezagueando apinhado de gente por entre o tráfego intenso; ia de tal modo a abarrotar que até tinha passageiros montados no tejadilho. O autocarro faiscava num colorido desconcertante, a chapa tapada por placas douradas ou de alumínio barrocamente pintado, os faróis decorados por pestanas metálicas; parecia um palacete ambulante.

Passaram por um grandioso edifício vermelho-acastanhado com cúpulas redondas no topo, ao melhor estilo neomogul, e Ahmed lançou um olhar inquisitivo ao paquistanês que se espremia ao seu lado.

"É o museu", identificou o homem em inglês.

O autocarro desembocou numa rua incrivelmente caótica e imobilizou-se com um estremeção; havia automóveis por toda a parte a buzinar quase sem cessar, os escapes a libertar nuvens de fumo cinzento, e as pessoas misturayam-se por entre as viaturas como formigas. Enervado com a confusão em redor, Ahmed voltou a encarar o seu anónimo companheiro de viagem.

"A mesquita de Mehmet Khan ainda é longe?", perguntou, a impaciência a roer-lhe o estômago. O homem apontou para diante.

"E mesmo ali, no Bazar Khyber", indicou. "Quando lá chegar, vire à esquerda e meta-se na Rua dos Ourives. A mesquita é a meio da rua."

Ahmed saltou do autocarro e atravessou o mar de viaturas e carroças até chegar ao passeio esquerdo e meter em direcção ao fundo da artéria congestionada. A via pública estava entregue aos homens, todos com vestes tradicionais, e não se viam mulheres em parte alguma.

A rua desaguou no bazar, em pleno coração da cidade velha, onde a confusão era ainda maior, como se tal fosse possível. Havia lojas de óculos, de malas, de panelas, de roupas, de tudo e de nada, e pelos passeios estendiam-se bancadas

ambulantes com miswak, os limpa-dentes feitos a partir de nogueira, mas também guloseimas como os tooth e os frutos secos, sobretudo tâmaras.

Lembrando-se das instruções que recebera ainda em Lisboa, o visitante egípcio parou diante de uma loja de roupas e apontou para uma túnica tradicional branca pendurada num cabide.

"Como se chama isso?"

O vendedor olhou para a túnica.

"Shalwar kameez"

Ahmed sorriu, achando graça à inesperada semelhança entre a palavra paquistanesa kameez e a portuguesa camisa. Ou Vasco da Gama trouxera a palavra portuguesa para o sub-continente indiano, pensou, ou então levara a palavra urdu para Portugal.

"Dê-me essa."

O comerciante mediu-lhe a estatura com o olhar e tirou uma shalwar kameez embrulhada num plástico, entregando-a ao cliente. Ahmed apontou de seguida para os chapéus tradicionais afegãos pousados uns em cima dos outros numa prateleira.

"E isso? O que é?"

"São pakolr”

"Dê-me também um."

Pagou, pediu direcções para a Rua dos Ourives e seguiu o seu caminho com as compras embrulhadas num saco de plástico e a mala pendurada na outra mão.

Aqui e ali irrompia o aroma das especiarias, visíveis em montinhos multicoloridos que espreitavam de sacos de serapilheira ou se erguiam em vasilhas de plástico. Por estas ruelas já não se viam carros, apenas motos e bicicletas e burros e carroças, e sobretudo muitos transeuntes, todos de shalwar kameez.

Do meio do bazar abriu-se uma rua estreita repleta de vitrinas com artigos de ouro e Ahmed percebeu que era aquela a Rua dos Ourives.

Tratava-se quase apenas de um corredor, é certo que movimentado e rico, mas uma mera passagem estreita entre lojas.

O visitante viu ali algumas mulheres. Eram as primeiras que identificava no espaço público de Peshawar, e verificou, com satisfação, que vinham totalmente tapadas por burkas negras e os olhos e o nariz ocultos por uma rede. Por ali se via que estava numa terra de gente pia, pensou aprovadoramente; não era como a pouca-vergonha que se via em Portugal ou até, embora em muito menor escala, no Egipto!

Palmilhou a rua em passo rápido e depressa deu com o minarete que se erguia à esquerda.

Contemplou a estrutura e aproximou-se de um ourives que aguardava os clientes à porta da loja.

"É esta a mesquita de Mehmet Khan?", perguntou.

O homem assentiu. "É ela mesmo."

Ahmed olhou em redor e, como se não descortinasse o que procurava, pousou a mala no chão e tirou um papel do bolso. "Onde é o mercado Shanwarie?"

O ourives apontou para um pátio à direita. "Aqui ao lado."

O pátio era um espaço fechado, totalmente cercado por varandas de apartamentos, algumas com roupas coloridas a secar em cordas. Ouviam-se pássaros a chilrear, provavelmente em gaiolas deixadas nas varandas, o pipilar alegre a ecoar melodioso pelo espaço fechado. Todo o rés-do-chão do pátio estava ocupado por pequenas lojas, com os comerciantes sentados no degrau da entrada a conversar num murmúrio. Não havia dúvidas, aquele era o mercado que Ahmed procurava, embora fosse bem mais discreto do que imaginara.

Sem perder tempo, consultou o papel que trazia no bolso e olhou em redor, para identificar a morada que buscava. Localizou-a, mergulhou numa entrada discreta e trepou a escadaria escura até ao segundo andar, imobilizando-se diante de uma porta de grades. Viu um botão ao lado da porta e carregou.

Dling-dlong.

Um homem calvo de shalwar kameez e longas barbas brancas abriu a porta e encarou-o.

"As salaam alekum", saudou o homem com um sotaque argelino. "Em que posso ajudá-lo?"

"Wa alekum salema", devolveu Ahmed. "Venho em nome da sura 9, versículo 5."

"«Matai os idólatras onde os encontrardes»", devolveu o homem, dando assim a contra-senha em árabe. "«Apanhai-os! Preparai-lhes todas as espécies de emboscadas!»"

Terminada a recitação do versículo, o homem abriu os braços e abraçou-o.

"Bem-vindo irmão! Fui informado da tua chegada!"

O dono da casa acolheu Ahmed e levou-o para um quarto onde havia dois pares de camas, cada par com um beliche em cima do outro, como uma camarata. As duas camas do topo já estavam ocupadas, embora os ocupantes não se encontrassem presentes, e o anfitrião atribuiu ao visitante a cama de baixo do lado esquerdo.

"Vais dormir aqui", disse, ajeitando os lençóis. "Amanhã de madrugada vem um irmão buscar-te e, com a graça de Deus, levar-te para os mukbayyam:"

Os olhos de Ahmed cintilaram ao ouvir a palavra mágica. Mukbayyam. Iam

levá-lo para os mukbayyam! Seria possível? Sentiu ganas de dar pulos de alegria.

Mukbayyam, todos o sabiam, era o nome que se dava aos campos de treino no Afeganistão. Estaria o seu sonho à beira de se concretizar? Por Alá, esperara tanto tempo por aquele momento!

"Amanhã?", perguntou o recém-chegado, incapaz de conter a excitação, quase com medo de ter entendido mal. "Vou... vou já amanhã para os mukbayaam'f "lnch'Allah! Tens de estar pronto às seis da manhã."

Era verdade! Por Alá, era verdade! O seu rosto iluminou-se de alegria, mas fez um esforço para se conter.

"E... e qual o mukhayyam para onde vou?"

Evitando divagar sobre o assunto, o anfitrião voltou-se para sair do quarto e deixar o convidado à vontade.

"Se Deus quiser, a seu tempo saberás."

Ahmed repousava estirado na cama quando, uma hora depois, o dono da casa reapareceu. O homem queria saber se estava tudo bem e inspeccionou o seu convidado dos pés à cabeça, observando-lhe a jalabiyya egípcia com uma expressão reprovadora.

"Tens alguma sbalwar kameez?"

O recém-chegado foi buscar o saco e abriu-o, deixando o anfitrião espreitar o tecido imaculadamente branco das vestes tradicionais que acabara de adquirir no bazar.

"Está aqui." Exibiu com entusiasmo o chapéu tradicional afegão. "Comprei um pakol e tudo."

O homem abanou a cabeça com um esgar de censura e virou-se para um armário do quarto. Abriu uma gaveta e extraiu uma sbalwar kameez velha e esfarrapada.

"Amanhã vestes isto."

Ahmed pegou na túnica branco-suja, uma faísca de decepção a perpassar-lhe pelo olhar.

"Isto, meu irmão?"

"Sim", confirmou ele, estendendo-lhe a mão. "Dá-me todos os teus documentos, incluindo o teu passaporte."

"Porquê?"

"Eles ficam cá, juntamente com a tua mala. Ser-te-ão devolvidos quando regressares."

O visitante tirou os documentos do bolso e entregou-os ao anfitrião. O homem meteu-os num envelope sem sequer olhar para eles e pegou numa caneta para os identificar.

"Como te chamas?"

"Ahmed", retorquiu o recém-chegado, ainda desgostado com o aspecto esfarrapado da sbalwar kameez que lhe fora entregue; pelos vistos queriam que ele fosse para os mukhayyam com ar andrajoso, como um pedinte a implorar por zakat. "Ahmed ibn Barakah. Venho do..."

Com um gesto rápido, o homem tapou-lhe a boca e impediu-o de prosseguir.

"Não quero saber", repreendeu-o. "Aqui ninguém diz de onde vem nem qual o seu verdadeiro nome, meu irmão. Tens de arranjar um nome pelo qual queiras ser conhecido e que fique aqui registado."

Ahmed olhou-o, hesitante.

"Bem... confesso que não pensei nisso."

"Pois tens de pensar, meu irmão. Quem chega aqui deixa tudo para trás, incluindo a família e a sua própria identidade. Deixamos de ser pessoas normais e, com a graça de Deus, tornamo-nos mudjahedin"

A palavra tinha uma conotação simbólica tão forte que Ahmed sentiu o coração disparar.

Era a primeira vez que alguém lhe chamava mudjahedin! Primeiro ouvira a palavra mukhayyam e agora mudjahedin! Por Alá, a jihad estava mesmo próxima!

"Todos os mudjahedin mudam de nome?", perguntou Ahmed.

"Todos."

"Tu também?"

"Claro."

"Como te chamas aqui?"

"Aqui eu sou Abu Bakr", identificou-se o homem.

Claramente, usava um nome de guerra inspirado no primeiro califa. Abu Bakr acenou com o sobrescrito que continha os documentos que lhe haviam sido entregues. "Agora tens tu de me dizer qual o teu nome porque preciso de identificar este envelope."

Ahmed vidrou os olhos, mergulhando a memória na história do islão, mas não precisou de pensar muito porque depressa identificou a figura histórica que queria reencarnar.

"Já sei!", exclamou. "Já tenho um nome."

"Diz lá."

"Omar ibn Al-Khattab!", anunciou com satisfação. "Adopto o nome do conquistador do Egipto e de Al-Quds."

Abu Bakr abanou a cabeça.

"Não pode ser, já temos um Omar. Aliás, a maior parte dos irmãos escolheu os nomes dos grandes califas ou dos grandes guerreiros, como Saladino e outros.

Tens de ser mais original."

Ahmed mordiscou o lábio inferior enquanto reflectia, a mente em busca de alguém cujo espírito gostasse de encarnar. Não teve de pensar muito.

"Acho que encontrei."

"Quem?"

O visitante inspirou com serenidade e sentiu o espírito do passado glorioso do islão tocar-lhe a alma quando pronunciou o nome que mais admirava, aquele pelo qual iria doravante ser conhecido enquanto mudjabedin.

"Ibn Taymiyyah."

O homem que daí em diante seria chamado Ibn Taymiyyah havia terminado a oração da madrugada três minutos antes quando a porta do quarto se abriu com suavidade e a barba branca de Abu Bakr espreitou pela frincha. "Está na hora, meu irmão."

Ibn Taymiyyah arrumou a mala debaixo da cama, pegou no saco de viagem e saiu de imediato do quarto.

"Ele já chegou?", quis saber.

"Sim, o teu guia está aqui", confirmou. "Deves evitar falar com ele. Se o guia te mandar fazer alguma coisa, obedeces sem questionar. Nunca lhe faças perguntas.

Percebeste?"

"Sim."

Percorreram o corredor e Ibn Taymiyyah viu um rapazinho de tez muito morena e cabelo negro gorduroso, obviamente um afegão, parado no hall de entrada do apartamento. Abu Bakr apresentou-os e o guia fez ao visitante sinal de que o seguisse.

Depois de se despedir de Abu Bakr, Ibn Taymiyyah saiu para as escadas, sentiu a porta do apartamento fechar-se atrás dele e, numa questão de minutos, já circulava no encalço do guia pelo Bazar Khyber, ainda sossegado àquela hora matinal.

Junto ao passeio estava estacionada uma pickup com homens, mulheres e galinhas na carga. O guia fez a Ibn Taymiyyah sinal de que entrasse. O visitante saltou para a parte de trás, a carrinha arrancou com um rugido e, aproveitando o facto de as ruas da cidade ainda estarem semidesertas, abandonou Peshawar em dez minutos.

A pickup meteu pela estrada da lendária Passagem do Khyber, parando apenas nos sucessivos checkpoints erguidos pelas diferentes milícias tribais. A viagem prolongou-se por algumas horas, incómoda e aos solavancos, até que, perto de Sadda, a carrinha abandonou a estrada principal e meteu por um atalho. Parecia que tinham entrado num caminho de burros.

Foram assim a saltitar durante vários quilómetros no meio da poeira. Com a pickup sempre em marcha, ao fim de algumas horas o guia apontou para uns montes áridos à direita e anunciou:

"Afghanistan!"

Ibn Taymiyyah colou os olhos aos montes, fascinado. Depois do que os mudjahedin haviam feito aos kafirun russos, considerava aquela terra sagrada. Havia anos que ouvia falar do Afeganistão, os relatos das grandes batalhas vitoriosas enchiam-lhe a imaginação, e por fim ali estava ele à beira de abraçar aquela terra abençoada!

Alguns minutos volvidos, a estrada confluiu para um largo com uma grande árvore e várias carrinhas estacionadas. A pickup imobilizou-se ao lado das outras e toda a gente saltou lá para fora. Sem perceber bem o que se estava a passar, mas vendo que o guia também se apeara, Ibn Taymiyyah seguiu-lhe o exemplo. As costas doíam-lhe e sentia as pernas doridas, pelo que fez exercícios para distender os músculos.

"Onde estamos?", perguntou Ibn Taymiyyah em árabe enquanto exercitava o tronco.

O guia afegão fez sinal de que não entendia. Ibn Taymiyyah repetiu a pergunta em inglês, mas obteve a mesma resposta. O visitante percebeu que teria de tentar de outra maneira.

"Afghanistan?", perguntou.

O guia apontou para umas viaturas estacionadas num outro largo, para lá das árvores, e disse qualquer coisa em pasto. Havia pessoas a cruzarem-se num caminho entre os dois largos e todas elas passavam por baixo da grande árvore. Ibn Taymiyyah olhou melhor e detectou dois vultos à sombra da árvore. Estavam vestidos com shalwar kameez negras, a farda da polícia paquistanesa.

Foi nesse instante que percebeu.

"A fronteira!", exclamou. "Isto é a fronteira!"

Seguiu o guia e os outros elementos da sua pickup em direcção à árvore. Apercebeu-se de que os dois polícias paquistaneses inspeccionavam as pessoas que passavam nas duas direcções carregadas com sacos e que todas vinham com shalwar kameez andrajosas.

Compreendeu nesse instante por que razão Abu Bakr não aceitara os trajes que ele havia adquirido no bazar; se tivesse ido para ali com uma shalwar kameez novinha em folha, sem dúvida teria sido notado.

O guia olhou para ele e, com dois dedos a simular pernas que andavam, deu-lhe a entender que deveria caminhar sem parar. Ibn Taymiyyah obedeceu e integrou a fila sem olhar para os polícias. Viu o guia aproximar-se dos paquistaneses, entregar-lhes uma mão-cheia de rupias para que não fizessem

perguntas e retomar a marcha, aparentemente despreocupado.

Lá à frente, do outro lado, estavam mais pickups; pareciam táxis à espera dos clientes.

Caminharam na sua direcção, mas Ibn Taymiyyah percebeu que havia homens de turbante branco armados com AK-47 que o estavam a vigiar. Olhou melhor e apercebeu-se de que não eram homens, mas rapazes. Pareciam muito novos, nenhum deles tinha mais de quinze anos, e exibiam uma expressão desconfiada no rosto.

Também o guia parecia incomodado com a presença daqueles rapazes armados. Baixou a cabeça e, dirigindo-se discretamente a Ibn Taymiyyah, pronunciou a palavra que de imediato tudo esclareceu.

"Taliban."

Estavam no Afeganistão.

XLIII

A noite caiu quente e uma estátua de Andrei Sakharov no meio da pequena praça mostrou-lhes que se encontravam no sítio certo. Tomás olhou para a estátua e considerou-a adequada para aquele momento. Afinal Sakharov era o pai da bomba atómica soviética, o homem na origem remota dos caracteres cirílicos que se encontravam na caixa que Zacarias havia fotografado no Paquistão.

"Procure a Nalbandyan", pediu Rebecca, olhando em todas as direcções.

Tomás apontou para a direita.

"E aquela, está a ver? Vai paralela à Abovyan."

Meteram pela Rua Nalbandyan e desceram em direcção à Praça da República.

Apesar de continuarem em pleno centro de Ierevan, esta artéria era consideravelmente mais tranquila que a Abovyan, onde estavam hospedados e haviam jantado.

"E aqui", disse a americana.

Tomás olhou para a direita e viu quatro enormes letras vermelhas a assinalarem o local.

CCCP.

Junto do acrónimo russo da antiga União Soviética via-se uma foice e um martelo gigantes e, ao lado, umas escadas cavadas na rua afundavam-se para o que parecia ser uma cave. Tomás e Rebecca desceram as escadas e deram com uma porta a ostentar a efígie de Lenine. Havia um botão à direita e o historiador carregou nele.

Ding-dong.

Acto contínuo, a porta abriu-se, revelando um homem corpulento, obviamente um segurança.

Rebecca meteu a mão no bolso e tirou um cartão da NEST que mostrou ao homem.

"Viemos falar com o coronel Oleg Alekseev."

O segurança inspeccionou o cartão e, com cara de poucos amigos, fez-lhes sinal com a cabeça de que passassem. Entraram num pequeno hall, dominado por um mapa gigantesco da antiga União Soviética que preenchia a parede à

direita, e sentiram uma batida forte de música na sala ao lado.

"Venham comigo."

O homem assumiu a dianteira e entrou numa sala cheia de luzes avermelhadas em movimento rotativo.

A música estava tão alta que quase fazia vibrar as paredes, mas o que de imediato atraiu a atenção de Tomás não foi a música estridente nem as luzes psicadélicas, mas o que se passava no meio da sala.

Uma mulher nua dançava de costas para a entrada, exibindo os seios gordos a vários homens sentados em cadeiras de bar com copos nas mãos. A luz vermelha dos holofotes bailava sobre o corpo transpirado e bamboleante da mulher, emprestando à cena um toque surreal. Alguns homens lambiam lascivamente os lábios e esfregavam o ventre enquanto observavam a stripper, claramente estimulados pelos peitos saltitantes, mas outros pareciam indiferentes, talvez a aguardar a atracção seguinte.

"Isto é típico do coronel", observou Rebecca aos berros, tentando fazer a sua voz ouvir-se acima da música.

"O quê?", perguntou Tomás, também aos gritos.

"Marcar um encontro num strip club. Só ele!"

O segurança fez-lhes sinal de que aguardassem e desapareceu por uma porta no canto, deixando os dois parados no meio da sala. Tomás levou a americana para um lugar encostado à parede e, como a música enchia o ar e não dava para conversarem, ficaram ambos a olhar para a stripper. Era uma mulher grande e morena, com cabelos negros encaracolados e um ar ordinário de rua. Balouçava as ancas largas ao ritmo das batidas da música e começava já a desfazer o laço que ainda mantinha as calcinhas presas ao corpo.

"Privei, Rebecca!"

Tomás voltou-se e viu um homem grande, já na casa dos sessenta, com cabelo branco, sobrancelhas negras e enormes arcadas supracilares; dava ares do actor americano Anthony Quinn.

Rebecca levantou-se e cumprimentou o homem com três beijos na face. Fez sinal a Tomás e apresentou-o ao russo. O coronel Alekseev apertou-lhe a mão com excessivo vigor e entusiasmo e convidou-os a passarem à sala ao lado.

"Venham", disse. "Aqui está demasiado barulho!"

A nova sala era pequena, mas tinha a enorme vantagem de estar protegida da cacofonia vibrante que animava o centro do strip club. Havia nas paredes uns posters com mulheres nuas, quatro sofás em torno de uma pequena mesa de vidro, um divã longo vermelho berrante e um pequeno bar ao canto, para onde o coronel se dirigiu.

"O que querem tomar?", quis saber, pegando nos copos. "Whisky, gin,

vodka?"

Rebecca ficou-se por uma água com gás, mas Tomás hesitou, os olhos a dançarem por entre as várias garrafas.

"O que me aconselha?"

"Está na Arménia, beba a bebida nacional da Arménia!" O russo pegou numa garrafa com um líquido brilhante cor de caramelo. "Brandy! O Ararat é o mais famoso!"

"Vamos a isso!"

O coronel serviu as bebidas e acomodaram-se os três no sofá. O russo despachou de uma assentada um copo de vodka e suspirou longamente quando acabou.

"Aaah! Isto é o sabor da Santa Rússia!" Com os olhos subitamente congestionados, sem dúvida por causa do ardor do álcool, virou-se para Tomás. "E

então, esse brandy?"

O português viu-se forçado a provar a bebida.

Tinha um sabor ardente e adocicado.

"Não é mau."

O russo soltou uma gargalhada.

"Não é mau!? Não é mau!?" Nova gargalhada. "O brandy arménio é do melhor que há!" Inclinou-se na direcção de Tomás e piscou-lhe o olho. "E a devushka? Hã? E a devushka?”

"Quem?"

"A miúda, blin! A miúda que está lá fora! Homem, você não a viu? É maricas ou quê?"

"Ah, sim! A... a dançarina."

Nova gargalhada sonora.

"Dançarina! Dançarina!" Mais uma gargalhada e voltou--se para Rebecca.

"Onde foi você desencantar este melro?", perguntou, referindo-se ostensivamente ao português. Sem esperar pela resposta, voltou-se de novo para Tomás.

"É a primeira vez que oiço chamar dançarina a uma puta!"

Voltou a baixar a voz, como se assumisse a postura de um confidente. "A Galina é boa, mas a melhor é a Natalya, que vem a seguir. Quer prová-la?"

A pergunta deixou Tomás embasbacado, sem saber o que responder.

"Eu?"

"Sim, você! Quer provar a Natalya ou não?"

Estreitou os olhos, numa expressão desconfiada. "Ou querem lá ver que é mesmo maricôncio?"

"Coronel!", cortou Rebecca, indo em socorro do historiador. "O professor Noronha não veio cá para conviver com... com prostitutas. Foi ele que descobriu a fotografia que lhe enviámos. O professor Noronha tem um papel muito importante nesta operação. Ele é um perito de criptanálise e, além disso..."

"Eu sei muito bem quem ele é", atalhou o coronel russo com uma sobriedade que parecia impossível ainda cinco segundos antes. "Estive a ler a documentação do FSB."

O acrónimo deixou Tomás intrigado.

"FSB?", admirou-se. "O que é isso?"

"Federalnaya Sluzhba Bezopasnosti", disse o coronel, como se as suas palavras esclarecessem tudo.

O historiador manteve no rosto uma expressão interrogativa. "Sim, mas o que é isso?"

"O FSB é o sucessor do KGB", explicou Rebecca.

"O coronel Alekseev é o nosso contacto informal no FSB." Voltou-se para o russo.

"Oiça, presumo que vocês tenham analisado em pormenor a fotografia que vos enviámos do Paquistão. Será que já tem resposta para nos dar?"

O coronel pousou o seu copo vazio na mesa de vidro, agarrou na garrafa de vodka e despejou mais um pouco de aguardente russa no copo.

"Eu tenho tudo o que vocês precisam de saber", prometeu. "Mas primeiro têm de me fazer um favor."

"O que quiser."

"Quero que vejam uma das maravilhas da natureza."

"Ai sim?", espantou-se Rebecca. "O quê?"

O coronel deu um berro. A porta da salinha abriu-se e a cabeça do segurança espreitou para saber o que era.

"Sasha", disse Alekseev. "Vai-me buscar a Natalya."

XLIV

"Biçmillab Irrahman Irrahim!", recitou uma voz longínqua.

Ao ouvir as primeiras palavras do Alcorão, Ibn Taymiyyah deu um salto no saco-cama. Estava escuro e estranhou o sítio onde acordara. Num primeiro reflexo interrogou-se sobre que lugar seria aquele, para logo responder num murmúrio entusiasmado:

"Estou num mukbayyam! Estou no Afeganistão! Allab u akbar!.

O segundo pensamento foi quase de terror. O salat da madrugada já tinha começado e ele não estava a orar com os seus novos companheiros! Por Alá, o que iriam pensar dele os mudjahedin? Que não era pio? Que lhe faltava zelo? Que não cumpria os seus deveres de crente?

Ainda meio grogue, saiu do saco-cama estendido no chão, fez rapidamente as abluções e foi a correr para a mesquita. O Sol ainda não tinha despontado e fazia um frio incrível, mas o desconforto físico não era nada diante das recriminações com que se martirizava por quase ter falhado o primeiro salat. Como era possível que não tivesse acordado a horas?

O facto, percebeu de imediato, é que não se adaptara ainda ao horário solar da Ásia Central. Além do mais, com toda a excitação de ir para os campos de treino do Afeganistão, estava agora a pagar por ter dormido muito pouco durante quatro noites consecutivas, a começar pela sua última noite em Lisboa, passando depois pela noite no avião para Islamabade, seguindo-se a noite que passara em Peshawar e pela última noite ali em Khaldan. Khaldan.

Como era belo e misterioso este nome! Khaldan.

Era então ali que os mudjakedin se preparavam para a jihad! Era então aquele um dos vários mukbayyam que os irmãos tinham espalhado pelo Afeganistão!

Parecia-lhe incrível estar ali, mas o facto é que estava. Chegara na véspera ao campo e começava nesse dia o treino para se tornar mudjahedin. Allah u Akbar! Deus era sem dúvida grande!

Depois da oração, o chefe do campo, Abu Omar, mandou-os a todos para a grande praça diante dos edifícios. Omar era um jordano baixo e musculado; olhando para ele percebia-se que devia ser um guerreiro temível, talvez quase tanto como a figura histórica em cujo nome ele se inspirara, o califa Omar ibn

Al-Khattab que sucedera a Abu Bakr, o homem que conquistara o Cairo e Damasco e Al-Quds.

Omar mandou-os correr à volta da praça e em seguida fazer exercícios para alongar os músculos.

Enquanto se exercitava com os companheiros, Ibn Taymiyyah contemplou o campo quase em adoração. No centro do complexo estava a mesquita, um edifício de tijolo com telhado de zinco; à entrada do perímetro encontrava-se a cantina, construída em pedra e com um telhado de folhas secas, e, do outro lado, perto de um declive que ia dar a um riacho, estendia-se um cacho de pequenos edifícios rústicos construídos de uma forma de tal modo rudimentar que o chão era a própria terra. Tratava-se da zona residencial, onde estava o barracão que o abrigara durante a noite.

Depois dos exercícios de aquecimento, Abu Omar conduziu os instruendos em fila indiana para fora do campo, levando-os para as montanhas em redor. Nas primeiras centenas de metros, Ibn Taymiyyah reagiu bem, mas, após o entusiasmo das primeiras passadas, começou a sentir os músculos doerem-lhe e as pernas pesarem como chumbo.

A arfar, ergueu a cabeça e tentou localizar o resto do grupo. Iam todos bem lá à frente e pareciam fazer um pequeno compasso de espera, aguardando que o novato se lhes juntasse. Quase desanimou, mas num assomo de orgulho continuou a escalar a montanha até chegar finalmente junto dos companheiros, o coração aos saltos, os pulmões exangues, a força a faltar-lhe nas pernas.

"Maskaallah, meu irmão", acolheu-o Omar com um sorriso, fazendo sinal para o grupo retomar a escalada. "Yallah! Yallah!

Ibn Taymiyyah arregalou os olhos, horrorizado.

"Omar, espera!", conseguiu dizer por entre duas golfadas de ar. "Deixa-me ao menos repousar um pouquinho..."

"A jihad não espera", retorquiu Omar. "Um verdadeiro rnudjahedin transforma as fraquezas em forças." Voltou-se de novo para o grupo e deu ordem de que recomeçassem a correr. "Yallah! Yallah!

O instrutor e os instruendos retomaram a escalada. Sem opções, Ibn Taymiyyah esforçou-se por ir atrás deles, rastejando pelo caminho de pedregulhos e tentando descansar nas descidas. Por Alá, já não era nenhum miúdo!, pensou. Tinha trinta e dois anos. Além disso nunca treinara a sério e, embora não fosse gordo, ganhara alguma barriga com os pratos de Adara e sem dúvida que precisava de perder uns quilos para ficar em forma.

Mas Abu Omar, para além de algumas gargalhadas e ocasionais palavras de incitamento, parecia indiferente às dificuldades do novo recruta e continuava a levar o grupo para cima e para baixo pelas montanhas. Ibn Taymiyyah arrastava-

se como um farrapo alguns quilómetros atrás. Por vezes via os companheiros lá à frente, outras vezes perdia-os de todo.

A corrida tornara-se para ele um exercício penoso que só terminou uma eternidade mais tarde, quando Abu Omar os conduziu de regresso ao campo.

Deitado na praça dos exercícios a recuperar o fôlego e a energia, o novo instruendo ainda teve forças para erguer o braço e consultar o relógio de modo a calcular o tempo que tinha durado todo aquele sofrimento. Cinco horas.

A vida no campo de Khaldan era mais dura do que, na fantasia da distância, havia imaginado. A comida tinha um aspecto realmente duvidoso; não passava de um prato de feijões que os deixava sempre com fome. Os alimentos escasseavam, pelo que achavam uma delícia os poucos que tinham; às sextas-feiras a dieta forçada era compensada com a matança de um carneiro. Como sabiam bem a Ibn Taymiyyah aquelas sextas-feiras! Parecia que vivia para elas...

Os exercícios físicos revelavam-se de grande dureza. Umas vezes corriam pelas montanhas, outras ao longo de rios de água rápida e gelada, que tinham de cruzar com sacos de pedras às costas. Volta e meia Abu Omar dava ordens para que corressem descalços, o que invariavelmente levava Ibn Taymiyyah a terminar os exercícios com os pés ensanguentados; e noutras ocasiões corriam com armas, como Kalashnikov ou morteiros.

"É duro o Omar, hem?", observou um argelino com um sorriso compreensivo durante uma das pausas para descanso.

Ibn Taymiyyah encolheu os ombros.

"Se é o emir do campo, tem de ser duro, não é verdade?", observou. "Caso contrário não poderia comandar mudjahedin."

"O Omar não é o emir do campo."

A notícia surpreendeu Ibn Taymiyyah.

"Ai não? Então quem é o emir?"

"É o xeque."

"Qual xeque?"

"O xeque, que Alá o proteja. Anda por cá desde a jihad contra os kafirun soviéticos."

Fez um gesto para nordeste. "Vive numas montanhas para aquele lado e raramente passa por estas bandas. Mas é ele o emir deste mukhayyan. Deste e doutros que por aí existem. O Omar é apenas o seu lugar-tenente aqui em Khaldan."

Toda a umma parecia representada no campo.

Havia sauditas, marroquinos, argelinos, iemenitas, chechenos, tadjiques, usbeques, somalis, indonésios, caxemires, palestinianos e outros crentes; alguns eram até provenientes de países kafirun, como a Grã-Bretanha, a Espanha ou a

França.

Depressa constatou que o mukbayyam, tal como a cadeia muitos anos antes, vivia ao ritmo de uma rotina própria. Depois do primeiro salat e da corrida da madrugada vinha o pequeno-almoço, feito apenas de pão e chá, que Ibn Taymiyyah devorava com uma sofreguidão quase animal.

Sentia permanentemente a fome a roer-lhe o estômago e ao fim de algumas semanas verificou, com um misto de orgulho e preocupação, que a pequena barriguinha de trintão já lhe desaparecera, substituída por costelas cada vez mais protuberantes. Nada disso o deixou admirado; o emagrecimento acelerado era afinal o fruto lógico da dieta forçada e da pesada carga de exercícios a que se submetera desde que ali chegara.

Após o pequeno-almoço, todavia, as coisas acalmavam um pouco no campo.

Seguia-se uma lição militar num pequeno edifício perto da cantina, onde o instrutor de armas, um eritreu chamado Abu Nasiri, lhes apresentava o diferente armamento em geral utilizado pelos mudjahedin e expunha as suas especificações, incluindo pormenores sobre as respectivas munições.

Logo na primeira lição, Abu Nasiri exibiu uma pistola com um formato característico que todos se habituaram a ver nas mãos de oficiais alemães nos filmes americanos da Segunda Guerra Mundial.

"Sabem o que isto é?", perguntou ele.

"Uma Luger", respondeu de imediato um instruendo checheno, obviamente fascinado por aquela arma.

Abu Nasiri rodopiou a pistola na mão.

"Na verdade chama-se Parabellum", explicou. "Escolhi-a para esta primeira aula, não só porque é muito famosa, mas sobretudo por causa do nome, Parabellum.

Sabem o que significa?"

Ninguém sabia.

"É latim", disse. "A empresa que inventou a Luger tinha como motto a frase em latim Si vis pacem, para bellum. O que quer isto dizer?"

"Qualquer coisa sobre a guerra", arriscou um recruta de aspecto argelino, embora proveniente de França. "Bellum em latim, bélique em francês."

"Isso mesmo, tem a ver com a guerra", assentiu Abu Nasiri. "Mas qual a tradução exacta do motto?”

Como era previsível, não obteve resposta.

"Si vis pacem, para bellum significa: se queres a paz, prepara-te para a guerra."

Acenou com a pistola. "E um motto muito apropriado para um mudjabedin, não acham? Embora deva ser reformulado, claro. Um guerreiro do islão diria: Si

vis islam, para jihad; ou: se queres o islão, prepara-te para a jibad."

Depois da Parabellum, Ibn Taymiyyah aprendeu a manejar outra pistola alemã, a Walther PPK, seguindo-se as russas Tokarev TT e Makarov PM.

Das pistolas, Abu Nasiri passou de seguida para a mais famosa arma de assalto do mundo, a Kalashnikov AK-47; depois para as pistolas-metralhadoras, como a Uzi, e as metralhadoras ligeiras, designadamente a Degtyarev DP; as pesadas PK e PKM, alimentadas por cintos de munições; e as ultrapesadas Dusbkas, tão potentes que tinham de ser transportadas por carrinhos.

Para além das aulas teóricas havia exercícios para testar cada uma das armas. O grupo ia para um vale das redondezas praticar exercícios de fogo real e as tardes eram assim preenchidas com estampidos sucessivos. Da primeira vez que ouviu uma Dusbka ser disparada, Ibn Taymiyyah pensou que ensurdecia; a detonação reverberou pelas montanhas e os recrutas quase fugiram da arma. Também testaram róquetes antitanque de fabrico soviético, em particular as sucessivas versões da RPG.

Nos exercícios de tiro, Ibn Taymiyyah aprendeu a montar e desmontar as armas de olhos fechados, a respirar quando fazia pontaria e a efectuar cálculos de trajectória de balas e de granadas em função da distância e do vento. Na verdade, e apesar das suas limitações na parte dos exercícios físicos, revelou-se um instruendo de topo na precisão de tiro e na manutenção das armas; era capaz de montar e desmontar uma Kalashnikou em setenta segundos, quando a maioria dos companheiros o fazia em dois minutos.

"Masha'allah, Ibn Taymiyyah", ronronou Abu Omar aprovadoramente quando lhe detectou o talento. "Mashaallah"

Como bom engenheiro, Ibn Taymiyyah gostava de toda a parte da instrução que envolvia o cálculo de tiro e de manejo das armas. Mesmo os sons das detonações a ecoar pelas montanhas e pelos vales, que antes o impressionavam, se haviam tornado familiares.

No campo desenvolveu-se um espírito de camaradagem entre os recrutas, como se todos fossem realmente irmãos, unidos pela fé e por aqueles laços invisíveis que aproximam os homens quando o mundo os ameaça. Para eles só o presente contava e o sentimento de irmandade era o aço que consolidava o grupo. O problema é que estavam proibidos de falar sobre a sua verdadeira identidade e as causas regionais em que se encontravam envolvidos. Era uma medida de segurança sensata, claro, mas deixava Ibn Taymiyyah algo frustrado; queria saber mais sobre os homens pelos quais se sentia disposto a dar a vida.

Havia, porém, coisas que transpareciam em pequenos gestos ou palavras soltas.

Observando com atenção o comportamento de cada mudjahedin, percebeu

que os chechenos e os tadjiques tinham abundante experiência de combate, enquanto os sauditas se revelavam os mais preguiçosos. Havia até uns que eram gordos e indolentes, mas com quem os instrutores mostravam uma especial deferência; tratava-se decerto de importantes financiadores da jihad.

As lições tácticas eram, para além das corridas, o ponto fraco de Ibn Taymiyyah. Para compensar, revelou grande destreza no manejo de explosivos, mais uma vez graças à sua formação de engenheiro. Mexia em dinamite como se o fizesse desde criança, embora o seu interesse residisse, sobretudo nos explosivos plásticos, em particular o Semtex, que se distinguia dos outros por ser quase completamente indetectável.

Aprendeu a armar e desarmar minas e a armadilhar objectos. Com os seus conhecimentos de engenharia chegou até a entrar em debate com o instrutor, Abu Nasiri, sobre a parte química e física dos explosivos, incluindo a composição e reacção química característica de cada um deles. Esta matéria apaixonava tanto Ibn Taymiyyah que ele passou noites com o instrutor a produzir nitroglicerina, pólvora negra, RDX, Semtex, TNT e outros explosivos com base em produtos facilmente adquiríveis em lojas, como café, açúcar, fósforos, limões, fertilizantes, lápis, produtos de limpeza, areia, baterias, óleo de milho e tinta, todos bens que continham componentes essenciais para a produção dos diferentes explosivos.

A coroa de glória do instruendo de Lisboa ocorreu no dia em que conseguiu fabricar uma bomba a partir da sua própria urina.

"E raro ver um mudjahedin tão habilidoso com os explosivos", observou Abu Nasiri, verdadeiramente impressionado. "És um fenómeno, meu irmão!"

Ibn Taymiyyah destacou-se tanto nesta área que passou a ter autorização de frequentar as grutas onde era guardado o arsenal para ir buscar munições ou explosivos. Tratava-se de cavernas cavadas na encosta da montanha sobranceira ao campo. As entradas eram estreitas, só tinham um metro de largura, e era preciso rastejar para entrar; mas, uma vez lá dentro, as grutas abriam-se em enormes galerias.

A primeira caverna estava pejada de munições, eram milhares e milhares de balas e granadas armazenadas em caixas de madeira empilhadas até ao tecto; muitas delas tinham estampados na madeira números e caracteres cirílicos. A segunda caverna, aquela que Ibn Taymiyyah mais visitava, guardava milhares de explosivos igualmente armazenados no mesmo tipo de caixa; só que, em vez de inscrições em caracteres cirílicos, apresentavam também rótulos que as identificavam como sendo oriundas de Itália e do Paquistão.

"E a terceira caverna?", perguntou ao fim de dois meses no campo, sentindo já confiança suficiente para interpelar o responsável de Khaldan. "O que se

guarda lá?"

Abu Omar, sempre cioso da sua responsabilidade em gerir o mukbayyam, fez um ar grave.

"Não podes ir aí."

"Porquê?"

Omar abanou a cabeça.

"Porque não podes."

O conteúdo da terceira caverna deixou Ibn Taymiyyah a morder-se de curiosidade e a proibição aguçou-lhe o interesse. O que raio estaria lá de tão importante que merecesse tanto secretismo?

Depois dos exercícios com armas, os instruendos recolhiam ao campo para o salat do crepúsculo e juntavam-se na cantina para o jantar, o inevitável prato de arroz cozinhado por dois afegãos. Ao fim de algum tempo, Ibn Taymiyyah cansou-se daquele prato repetitivo e decidiu ir à cozinha protestar junto dos cozinheiros, sobretudo porque já tinha visto galinhas a correrem à solta pelo campo.

Ao ver o recruta interpelar os homens da cozinha, Abu Nasiri foi buscá-lo e puxou-o para o refeitório deserto.

"Não podes falar com eles", disse. "Qual é o problema?"

"São afegãos. Uma das regras dos mukhayyam é que os mudjahedin não podem falar com os afegãos."

Ibn Taymiyyah continuou sem entender. "Mas porquê?"

Abu Nasiri baixou a voz.

"Ninguém pode confiar neles, são traiçoeiros", sussurrou sem mexer os lábios.

"Acredita em mim, é melhor não falares com os afegãos."

A seguir ao jantar vinha a instrução religiosa, que os instrutores consideravam a parte mais importante da formação de um mudjahedin. Juntavam-se na cantina à luz dos archotes, uma vez que não havia electricidade no campo, e umas vezes recitavam o Alcorão enquanto outras discutiam diferentes aspectos do islão.

Nessas situações revelou-se interessante ver as hierarquias no campo tornarem-se difusas. Depressa se tornou claro que a autoridade de Abu Omar e dos outros instrutores só era válida para questões de ordem prática; em tudo o resto sentiam-se todos irmãos. Podiam exprimir as suas diferentes opiniões e desafiar as palavras dos instrutores, sem quaisquer sentimentos de sujeição. A maior parte da matéria teológica já era aliás conhecida por Ibn Taymiyyah, que a aprendera com Ayman quando jovem, mas aqui e ali apareciam coisas novas.

"O que distingue um mudjahedin de um guerreiro kafir é a sua preparação

moral e a sua pureza diante de Deus", explicou Omar. "Um mudjahedin é um soldado de Alá, pelo que, uma vez em combate, as regras que tem de respeitar são muito rigorosas. Deve evitar as matanças indiscriminadas, em particular de mulheres e crianças, e também a destruição de santuários religiosos, como igrejas ou sinagogas."

"E se as mulheres e crianças estiverem envolvidas no esforço de guerra dos kafirun?", perguntou um checheno, claramente a pensar numa situação que havia vivido.

"Como se procede nessas circunstâncias?"

O instrutor tinha a resposta na ponta da língua.

"Nesse caso devem ser mortas", sentenciou. "As leis da jihad são muito claras nisso.

Um hadith conta que uma vez perguntaram ao Profeta se era errado matar as mulheres e crianças dos kafirun. Ele respondeu: «Considero-os como se fossem os seus pais.» Ou seja, se os pais forem kafirun, em certas circunstâncias é permitido matar-lhes os filhos. Por exemplo, quem de alguma forma apoiar o inimigo, mesmo fornecendo apenas água ou até somente apoio moral, é também um inimigo e pode ser morto."

O grupo assentiu com um movimento sincronizado das cabeças.

"Imagina, meu irmão, que uma mulher kafir reza para que o marido mate um crente", insistiu o checheno. "Ou imagina que uma criança kafir reza para que o pai mate um mudjabedin.”

"Devem ambos ser mortos", sentenciou Abu Omar sem hesitações. "Basta um kafir desejar a morte de um crente para poder ser morto, mesmo que se trate de uma criança. De qualquer modo, é importante sublinhar que o recurso à força deve ser evitado enquanto possível. No entanto, no momento em que a jihad for necessária, ninguém deve fugir às suas responsabilidades. Disse o Profeta: «Aquele que se encontrar com Alá sem alguma vez se ter envolvido em jihad encontrará Alá com um defeito»."

Ergueu o dedo para sublinhar um ponto crucial. "A jihad ocupa muitas páginas do Santo Alcorão. São mais de cento e cinquenta versículos nos quais Alá Al-Hakam, o Juiz, enuncia as regras da guerra, tornando claro que a verdade tem de ter uma força física que a proteja e a propague. A maior parte das guerras decretadas por Maomé foram ofensivas, como toda a gente sabe. Ora como Alá nos manda no Alcorão seguir o exemplo do Seu mensageiro, também nós temos de lançar guerras ofensivas. Há até um hadith que cita assim o Profeta: «Fui educado com a espada nas mãos da Hora até que apenas Alá seja venerado. Ele ofereceu-nos sustento por baixo da sombra das lâminas e decretou a humilhação de todos os que se me opõem.»

Por aqui se vê que o apóstolo de Deus valorizava a espada e a necessidade de a usar até que todos os seres humanos se submetam a Alá. Num outro hadith, o Profeta é assim citado: «Eu ordeno por Alá que se faça guerra a toda a gente até que todos digam que Alá é o único Deus e que eu sou o Seu Profeta». Ou seja, o objectivo do islão é governar todo o mundo e submeter toda a humanidade ao islão. Há pessoas que se dizem muçulmanas mas que preferem fingir que estas palavras do Profeta não foram proferidas. Mas, meus irmãos, as ordens de Maomé são claras: enquanto houver kafirun há jihad para os converter ou para os obrigar a pagar jizyah."

"Mas quem decreta a jihad ofensiva, meu irmão?", perguntou um instruendo proveniente da Grã-Bretanha. "Há quem diga que só o califa o pode fazer..."

"Esse é um ponto em discussão", admitiu Omar. "Muitos dos nossos irmãos entendem que a jihad ofensiva está já decretada no Alcorão e na sunnah do Profeta, que a paz esteja com ele. Para perceber isso basta ver os ahadith que acabei de citar ou ler a ordem de Alá na sura 2, versículo 216 do Alcorão: «Prescreve-se-vos o combate, ainda que vos seja odioso»." Ergueu o dedo e repetiu as palavras que considerava cruciais: "Ainda que vos seja odioso!

Mas há outros irmãos que entendem que a jihad ofensiva, sendo de facto uma obrigação dos crentes, só pode ser decretada pelo califa. Existe, como sabem, tradição nesse sentido. O califa tem o dever de reunir um exército e atacar os kafirun uma ou duas vezes por ano, como fizeram no passado Abu Bakr e Omar ibn Al-Khattab e tantos outros. O califa que não o fizer estará a violar a vontade de Alá, expressa no Alcorão ou na sunnab. A jihad é obrigatória para os crentes e deve existir até que todos os seres humanos sejam crentes ou paguem a jizyab."

"Mas o último califado já foi abolido", observou o mesmo instruendo. "Como se faz agora que não há califa?"

"Na minha opinião aplicam-se as ordens de Alá dadas no Alcorão ou através do exemplo do Profeta", respondeu o instrutor. "Mas parece haver acordo no sentido de que, aconteça o que acontecer, é preciso reinstalar o califado para pôr fim a esse ponto de discórdia e, por consenso, podermos lançar guerras anuais contra os kafirun.

Disse o Profeta num hadith: «Se receberes a ordem de marchar contra o inimigo, então marcha.» Foi justamente porque negligenciámos a ordem divina de atacar os kafirun que Alá nos abandonou. Ignorámos as Suas regras e Ele ignorou-nos a nós. Foi porque deixámos de fazer a jihad ofensiva, conforme ordenado por Alá no Alcorão ou através da sunnah do Profeta, que nos vemos agora na contingência de fazer a jihad defensiva. Urge, consequentemente, reinstalar o califado e pôr fim à humilhação da umma, espalhando o islão por todo o planeta."

"E como se faz isso? Como se pode reinstalar o califado?"

Abu Omar pegou na Kalashnikov que o acompanhava sempre e ergueu-a com veemência no ar. "Com a guerra!"

XLV

"Natalya!"

A loira oxigenada que assomou à porta apresentou-se roliça e vaporosa, com tantas curvas que a carne quase lhe transbordava pelo vestido, uma peça única em vermelho-vivo e muito justa no peito e no tronco, alargando-se em baixo numa saia rendilhada que lhe dava pelas coxas. Era o tipo de corpo que as mulheres odiavam ter, achavam-no gordo, mas gordura era a última coisa que os homens viam naquelas formas opulentas.

"Chamou, meu coronel?"

"Anda cá, devushka!"

"Mas o meu espectáculo está quase a começar..." "Ê só um minutinho, vá lá."

Natalya aproximou-se, muito consciente do efeito animal que o seu corpo lúbrico produzia nos homens.

"O que é, meu coronel?", ronronou, passando a mão pelo peito do russo. "Porque precisa da sua Natalya?"

Alekseev apontou para Tomás.

"É para te mostrar aqui a este senhor", disse. "Vai lá dar-lhe um beijinho..."

A loira de vermelho sorriu com malícia e aproximou-se do português, que trocou um olhar alarmado com Rebecca. A americana fez-lhe sinal de que estava tudo bem, o que Tomás entendeu como uma indicação de que não deveria contrariar o russo.

Natalya inclinou-se sobre ele e aproximou a cara; o português começou a cheirar-lhe o perfume barato e sentiu-lhe os lábios quentes e carnais colarem-se aos seus. Quis resistir, embaraçado por a americana estar ali ao lado a ver tudo, mas aquela boca húmida e ardente era mesmo deliciosa. Atrás dos lábios de Natalya veio a língua, que penetrou molhada na boca entreaberta do historiador, explorando-a com gula.

O beijo durou quase um minuto e terminou abruptamente. No instante em que a mulher lhe largou os lábios, Tomás sentiu as mãos dela apalparem-no entre as pernas, a testá-lo.

"Então?", perguntou o coronel.

Natalya voltou a cabeça para trás e piscou o olho garço, como quem diz que a missão fora cumprida.

"Está duro."

O coronel soltou mais uma das suas gargalhadas ruidosas e deu uma palmada no traseiro farto de Natalya.

"Eu sabia!", exclamou. "Eu sabia! Ninguém resiste aqui à minha Natalya! Está para nascer o homem que fique indiferente a este pedaço de mulher!"

Natalya lançou um olhar para a porta.

"Posso ir, meu coronel? É que chegou a hora do meu espectáculo..."

"Vai lá, devushka. Arrasa com eles!"

A mulher lançou um olhar de despedida a Tomás, cheia de promessas, e voltou as costas, saracoteando o corpo para a porta e para além dela.

Quando saiu, o coronel voltou-se para o português.

"Então? O que achou?"

Tomás trocou um novo olhar com Rebecca, como se pedisse novas instruções. A americana encolheu os ombros; depois do que vira parecia já estar por tudo.

"É... é bonita", disse o português.

"Quer prová-la? Olhe que é caro, mas vale a pena!"

"Eu... fica para uma outra oportunidade."

"Ah, vai-se arrepender! Esta rapariga faz um tratamento que nos põe de molho.

Aqui há tempos tive uma sessão com a Natalya que me ia deixando a soro. Sabe, com aquela boca ela é capaz de..."

Rebecca pigarreou, já um pouco cansada daquele jogo e daquela conversa.

"Coronel, se me dá licença, nós temos um assunto que precisamos de tratar com uma certa urgência."

Alekseev ergueu as sobrancelhas espessas e respirou fundo, resignando-se à inevitabilidade da conversa que precisavam de ter.

"Ah, sim! A fotografia, não é?"

"Isso mesmo."

"Então diga lá, o que querem saber?"

"Nós enviámo-vos a fotografia. Explique-nos o que aquilo é."

O russo inclinou-se no sofá e pegou no copo de vodka que deixara sobre a mesa.

"Blin, aquilo é a Rússia no seu pior!", exclamou, bebendo um trago. "Oiça, tem de perceber que, quando a União Soviética se desintegrou, em 1991, a Rússia herdou a maior indústria nuclear do planeta, incluindo o maior arsenal de armas atómicas e as maiores quantidades de urânio enriquecido e plutónio militar do mundo. Tudo isto se encontrava em dezenas de complexos tão escondidos que nem constavam em mapas. Tínhamos dez cidades secretas que

albergavam quase um milhão de pessoas e onde se concentrava toda a indústria nuclear soviética. Com o colapso da economia e com a quebra da disciplina, toda esta indústria ficou ao deus-dará.

A inflação disparou para os dois mil por cento, as pessoas começaram a ser mal pagas e a ficar com os salários atrasados vários meses, os edifícios deterioraram-se, o material nuclear passou a ser negligenciado, até as vedações eléctricas foram desactivadas porque não havia dinheiro para pagar a electricidade. Para que tenha uma ideia, havia armazéns com toneladas de urânio enriquecido cujas portas estavam apenas protegidas por cadeados! E os guardas que vigiavam esses armazéns, sabe o que eles faziam? Ausentavam-se para ir buscar comida ou bebidas... ou ir ver uma devushka.

"Isso estava mesmo mau..."

"Imagine!"

"No meio de toda essa anarquia, qual foi o material que, na sua opinião, ficou mais vulnerável ao tráfico?"

"Olhe, o país tem dezenas de milhares de ogivas nucleares guardadas em mais de cem locais. O maior risco, a meu ver, diz respeito às armas nucleares tácticas portáteis, as RA-155 do Exército e as RA-115-01 da Marinha. São pequenas, pesam uns meros trinta quilos, podem ser detonadas por um único soldado em apenas dez minutos e estão guardadas em posições avançadas, onde a segurança é relativamente fraca. Muitos oficiais encarregados da sua protecção já se reformaram, mas continuam a viver nos complexos onde essas armas tácticas nucleares se encontram armazenadas. Esses homens sabem onde esse material está, têm acesso fácil a ele e recebem reformas baixas. É uma mistura explosiva. Quem me garante a mim que, se alguém lhes oferecer uma quantia generosa de rublos que os tire da miséria, eles recusarão?

"É evidente", concordou Rebecca. "Mas já houve algum roubo confirmado?"

"De armas nucleares tácticas? Não lhe posso dizer."

"O general Lebed, assessor do antigo presidente Ieltsin, revelou em público que algumas dessas armas desapareceram..."

"Não posso falar sobre isso."

Rebecca retirou da sua pasta a fotografia de Zacarias.

"Bem, para todos os efeitos o que está aqui em causa não são as armas nucleares tácticas, pois não?", disse ela, exibindo a imagem da caixa com caracteres cirílicos e o símbolo nuclear. "É o urânio enriquecido. De onde veio este material? O que nos pode dizer sobre isto?"

O coronel tirou uns óculos do bolso, encavalitou-os sobre o nariz e inclinou-se para a imagem, examinando-a com cuidado.

"Então esta é que é a famosa fotografia?"

"Não a tinha visto ainda?"

"Minha cara, vocês enviaram-na para Moscovo."

Afastou os olhos da imagem e cravou-os em Rebecca.

"Eu estou em Ierevan, não estou?"

A americana fitou-o interrogadoramente, uma expressão de alarme a cintilar-lhe nos olhos.

"O que quer dizer com isso? Não me diga que não tem respostas para me dar..."

Alekseev guardou os óculos, sorriu e rodou o corpo no sofá, voltando-se de novo para a porta.

"Sasha!"

A porta reabriu-se e o segurança voltou a espreitar.

"Sim, meu coronel?"

"O Vladimir já chegou?"

"Vem a caminho, meu coronel."

"Logo que ele chegue traga-o para aqui."

"Sim, meu coronel."

Assim que a porta se fechou, Alekseev pôs-se de novo confortável e voltou a encarar os dois visitantes.

"O homem do FSB que está a investigar este caso é da minha inteira confiança", disse.

"Mandei-o vir cá de propósito para nos contar o que descobriu."

Rebbeca respirou de alívio.

"Ufa!", exclamou, o corpo esvaziando-se como um saco. "Cheguei a ficar preocupada."

O coronel agarrou no copo que havia deixado sobre a mesa e engoliu os últimos vestígios de vodka.

"Vocês têm de perceber uma coisa", disse o oficial russo, logo que recuperou do ardor do álcool. "Com a inflação a dois mil por cento, a palavra de ordem na Rússia passou a ser está tudo à venda! Naquele tempo vendia-se tudo! Kalashnikov, minas, tanques, aviões.... tudo! Houve até um almirante que vendeu sessenta e quatro navios, incluindo dois porta-aviões, da Esquadra do Pacífico!" Soltou uma gargalhada.

"Já viu ao ponto a que as coisas chegaram? O homem vendeu uma esquadra russa!"

"Fale-me do urânio enriquecido."

O russo recostou-se no sofá e bufou, como se tivesse relutância em entrar nesse tema.

"Ah, pois. O urânio enriquecido!" Voltou a inclinar-se para a frente e encheu

mais uma vez o copo com vodka. "Sabe qual a quantidade de urânio enriquecido que a Rússia tem? Novecentas toneladas."

"E bastam cinquenta quilos para fazer uma bomba atómica", observou Rebecca.

"Pois é", suspirou Alekseev. "O pior é que a maior parte desse urânio enriquecido está guardada em locais pouco seguros. Fizemos um levantamento e foram identificados mais de duzentos armazéns com graves problemas de segurança, incluindo vedações rebentadas e janelas de vidro facilmente acessíveis a ladrões."

"Eu sei", disse a americana. "O nosso governo gastou milhões de dólares a ajudar-vos a recuperar essas instalações. Mal o nosso dinheiro deixou de fluir, a deterioração da segurança recomeçou. Roubar um complexo nuclear russo é, pelos vistos, mais fácil do que assaltar um banco."

"Isto é muito complicado", reconheceu o coronel, limpando as gotas de suor que lhe rolavam pela testa. "O problema é agravado pelo facto de o urânio enriquecido a oitenta por cento ou mais não ser apenas usado em instalações militares, mas igualmente noutros locais. Nós recorremos a urânio enriquecido em quarenta reactores de pesquisa científica, em reactores de navios e submarinos e em instalações de fabrico de combustíveis. Muito desse material físsil é guardado em simples depósitos, facilmente acessíveis."

"Acessíveis a que ponto? De que está a falar?"

"Olhe, vou dar-lhe um exemplo. Em Novembro de 1993, um capitão da nossa Marinha entrou nos estaleiros de Sevmorput, perto de Murmansk, por uma porta sem guarda e penetrou no edifício onde era guardado o combustível dos submarinos nucleares. Uma vez lá dentro, pegou em três peças do núcleo de um reactor com cinco quilos de urânio enriquecido, pôs esse material físsil num saco e saiu dos estaleiros da mesma maneira que tinha entrado.

Ninguém soube de nada. Só viemos a tomar conhecimento do caso muitos meses mais tarde, quando o capitão foi apanhado a vender o urânio enriquecido."

"Isso é muito preocupante!", observou Rebecca.

O oficial russo encolheu os ombros.

"Acha?", perguntou. "O que é realmente preocupante é que esta história não tem nada de extraordinário, ela é semelhante a muitas outras. O que sucedeu em Sevmorput também já aconteceu na base naval de Andreeva Guba ou na base de submarinos de Vilyuchinsk-3, para citar só alguns exemplos. E os casos com civis também são frequentes, como ocorreu em Luch, em Sarov ou em Glazov. Um homem que foi apanhado com urânio altamente enriquecido roubado de Podolsk foi apenas condenado a três anos com pena suspensa porque o juiz teve pena dele. O ladrão só queria arranjar dinheiro para comprar um novo fogão e

um novo frigorífico."

"Quantos incidentes desse género já ocorreram na Rússia?"

"Alguns, como vê."

"Quantos?"

Alekseev suspirou, agastado por estar a ser assim pressionado.

"Só a Agência Internacional de Energia Atómica identificou dezoito incidentes na Rússia entre 1993 e 2002."

"Isso é o que diz a agência. Qual é o verdadeiro número?" "É superior."

Rebecca inclinou-se na direcção do seu interlocutor, os olhos cravados nele com muita firmeza, como uma fera que não larga a presa.

"Qual é o número?"

O russo pegou na garrafa de vodka e voltou a encher o copo.

"Não lhe posso dizer", murmurou. "Essa informação é confidencial. Mas posso revelar-lhe que, só na transição da União Soviética para a Rússia, perdemos material nuclear em quantidade suficiente para construir vinte bombas atómicas."

A americana arregalou os olhos, incrédula.

"Quantas?"

"Vinte bombas."

"Jesus!"

XLVI

Os instruendos de Khaldan estavam nessa manhã a estudar a técnica e os princípios por detrás dos itisbadi, os atentados suicidas. Abu Omar, que dava a aula, começou por se centrar nos princípios teológicos que legitimavam as acções levadas a cabo pelos shahid, os mártires, uma vez que o suicídio era absolutamente proibido pelo Alcorão.

"A excepção são justamente os itisbadi", sublinhou o instrutor, referindo-se aos suicidas em acções de combate. "O martírio em jihad é até a única forma de garantir o acesso ao Paraíso. Alguém sabe qual o versículo do Alcorão onde isso é esclarecido?"

Ao lado de Ibn Taymiyyah encontrava-se um palestiniano de Gaza, decerto ligado ao Hamas. O rapaz levantou a mão.

"É na sura 3, versículo 169", exclamou de pronto. "«Não tenhais por mortos aqueles que morreram pela causa de Deus. Não! Estão vivos juntos do seu Senhor, estão alimentados»."

"Muito bem", aprovou Abu Omar. "Esse versículo torna claro que a morte em jihad nos leva para junto de Alá, nos jardins eternos onde há muita água e comida. Existe até um hadith que esclarece que o shahid tem à sua espera setenta e duas virgens.

Isso é..."

Um burburinho alegre percorreu a aula.

"O que é?", perguntou o instrutor com um sorriso, "Já estão a pensar nas setenta e duas virgens?"

O burburinho transformou-se em risada geral.

"Lá em Gaza muitos irmãos só pensam em tornar-se shahid por causa das virgens", observou o palestiniano com um sorriso traquina.

Nova gargalhada geral.

"Realmente, como não desejar morrer se o shahid é o único dos crentes que tem assegurado um lugar no Paraíso?", perguntou Omar logo que o clamor acalmou.

"Com a paz do Senhor e as virgens à nossa espera, qual é a dúvida? O que são as agruras desta vida quando comparadas com as recompensas que nos esperam? Há outros versículos do Alcorão e outros ahadith que falam sobre o

Paraíso à espera dos shahid. Por exemplo, vejam o que Alá diz no..."

Roendo-se de curiosidade com a experiência do seu vizinho de carteira, Ibn Taymiyyah inclinou-se para o lado.

"Conheceste muitos shahid?", sussurrou.

"Sim", confirmou o palestiniano. "Eu próprio quero ser shahid."

"A sério?"

"Não vês o que nos espera, meu irmão? O Paraíso! O rio com jardins! O vinho sem álcool!

A graça de Deus!" "E as virgens..." O palestiniano sorriu de novo.

"Sabes o que fazem muitos irmãos no momento de se tornarem shahid? Como não conseguem deixar de pensar nas virgens, protegem o ventre com cartão para garantir que, depois de se fazerem explodir, os órgãos genitais chegam intactos ao Paraíso!"

Ibn Taymiyyah riu-se.

"Não acredito!"

"Juro por Alá! Antes de partirem em missão, muitos shahid protegem os genitais. Diz-se que é muito eficaz para..."

De repente, irrompeu um brutal tiroteio lá fora. Tac-tac-tac-tac-tac. "O que é isto?"

Tac-tac-tac-tac-tac.

O fogo cerrado lançou o caos na sala de aula, com os recrutas a atirarem-se para baixo das mesas.

"O campo está a ser atacado!", gritou Abu Omar, agarrando de imediato na sua Kalashnikov e saltando lá para fora.

Após o primeiro momento de confusão, Ibn Taymiyyah e os companheiros seguiram o exemplo do instrutor e foram também buscar as suas armas.

Com as mãos já treinadas a lidar com a Kalashnikov, desligaram a cavilha de segurança e saíram do edifício em corrida, os corpos curvados, os dedos colados aos gatilhos, os olhos a dardejar na direcção dos tiros para localizar a ameaça e neutralizá-la.

Com os companheiros a assumirem posição de tiro ao seu lado, Ibn Taymiyyah viu três vultos a disparar, ajoelhou-se e apontou igualmente a arma para eles.

"Alto!", ordenou Abu Omar, antes que os recrutas abrissem fogo. "Não disparem! São os nossos irmãos!"

Foi nesse instante que Ibn Taymiyyah se apercebeu de que o inimigo era Abu Nasiri e outros dois instrutores. Os três disparavam freneticamente para o ar, pareciam crianças, e o grupo que interrompera a aula ficou a observá-los sem saber o que pensar.

"O que se passa?", perguntou Abu Omar na direcção de Abu Nasiri, tentando sobrepor as suas palavras ao som das rajadas sucessivas. "Aconteceu alguma coisa?"

"Masha’allah, gritavam os instrutores. "Masha'allah!"

Mais tiros.

"O que se passa?"

Abu Nasiri parou momentaneamente de disparar.

"Liguem a rádio!", gritou, parecia histérico. "Oiçam o que os kafirun estão a noticiar!"

"O quê?"

"Ajoelhámos a América! Ajoelhámos a América! Masha'allah!"

Os instrutores retomaram os disparos de celebração, numa euforia sem limites.

Intrigados, Abu Omar e os recrutas abandonaram a praça e precipitaram-se para a cantina; havia no refeitório um receptor de ondas curtas que por vezes escutavam à noite.

Ibn Taymiyyah sabia de cor a frequência da BBC em árabe, que desde pequeno se habituara a ver os pais sintonizarem, e procurou-a. O rádio emitiu os assobios habituais das ondas curtas e passou por várias estações até que se fixou na frequência pretendida.

Uma voz em árabe irrompeu então pela cantina.

"... não sabemos agora o que vai acontecer ao outro edifício", disse a voz, claramente a improvisar. "Foi danificado pelo primeiro avião e permanece em pé, enquanto a torre atingida pelo segundo aparelho já se desmoronou. Será que a primeira torre também vai cair?" Uma segunda voz, aparentemente ao telefone, respondeu à primeira. "Bom... nem quero pensar nisso! Isto é uma tragédia sem... sem precedentes. O facto é que está instalado o caos aqui no centro de Nova Iorque.

Toda a gente se interroga sobre quem lançou este brutal ataque contra as torres gémeas do World Trade Center. O presidente Bush, que recebeu a notícia quando se encontrava numa..."

"Masha'allah!", gritou Abu Nasiri lá fora, louco de alegria.

O grupo que se juntara na cantina em torno do rádio desatou a correr para a praça, aos tiros e aos pulos, esfusiante, gritando em coro a resposta que lhes enchia o coração.

"Allah u akbar”

"Masha'allah!"

"Allah u akbar”

As celebrações só acabaram noite dentro.

A moto saltitava na terra, levantando uma nuvem de poeira avermelhada, e Ibn Taymiyyah agarrou-se com força ao tronco do condutor para não cair. Sentiu a moto abrandar e espreitou para a frente. Lá estava a figura humana sentada a uma mesa, na esplanada, a tomar um café.

Ibn Taymiyyah ajeitou a Waltber PPK na mão direita e preparou-se para actuar no instante em que recebesse a ordem.

"Agora!", disse o condutor.

Ibn Taymiyyah saltou da moto em andamento, destravou a Waltber enquanto dava uns passos rápidos, viu-se diante da figura sentada à mesa da esplanada, apontou-lhe a pistola à testa e carregou três vezes sucessivas no gatilho.

Pah. Pah. Pah.

A figura tombou desamparada para trás e o assassino desatou a correr, saltou para a parte traseira da moto e o veículo arrancou com grande fragor, desaparecendo rapidamente do local do atentado.

"Muito bem!", aplaudiu Abu Nasiri, irrompendo na esplanada. "Estás um assassino perfeito, meu irmão! Este teu exercício foi ainda melhor do que a simulação de sequestro."

A moto deu meia volta e regressou ao local. Ibn Taymiyyah apeou-se e foi verificar a precisão dos seus disparos na cabeça do boneco tombado no chão.

"Falhei um tiro", constatou.

"Não faz mal", consolou-o o instrutor. "Duas balas na cabeça chegam para arruinar o dia a qualquer kafir".

Ainda pouco convencido, Ibn Taymiyyah olhou para a moto, cujo motor continuava a ronronar.

"Posso tentar outra vez?"

"Claro. Mas desta feita destranca a pistola quando a moto começar a abrandar, não quando estiveres já a andar. É arriscado o que fizeste. Imagina que tinhas saltado mesmo em cima do alvo, o que fazias? Precisavas ainda de destravar a pistola e o kafir dispunha de tempo suficiente para se aperceber da ameaça e reagir, percebeste?"

"Sim, meu irmão."

Sem perder tempo, Abu Nasiri foi recolher o boneco e posicioná-lo outra vez à mesa.

"Então vamos lá repetir isto."

Ibn Taymiyyah permaneceu parado a olhar para o boneco. "E se em vez de lhe disparar para a cabeça eu o matar da forma estipulada por Alá?"

"O que queres dizer com isso?"

"Diz Alá na sura 47, versículo 4 do Alcorão: «Quando encontrardes os que não crêem, golpeai-os no pescoço até os deixardes inertes»."

O instrutor cravou igualmente os olhos no boneco.

"Queres decapitá-lo?"

"Sim, é essa a ordem de Alá."

"É muito complicado, não tens tempo de o fazer em meio urbano", observou Abu Nasiri, abanando a cabeça. "Exercita o assassínio com a pistola. Os exercícios de decapitação ficam para outro dia."

O instruendo dirigiu-se de novo à moto, acomodou-se na traseira, travou a Walther e a moto arrancou para assumir a sua posição. Foi quando estava a postos para reiniciar o exercício de assassínio em meio urbano que Ibn Taymiyyah se apercebeu de um vulto a aproximar-se e a gesticular freneticamente na sua direcção.

"Quem é aquele?", perguntou ao condutor da moto.

"É o Omar", devolveu o companheiro. "Parece que nos está a chamar."

A moto arrancou e levou-os para junto do responsável pelo campo para ver o que ele queria.

"Ibn Taymiyyah, meu irmão", disse Abu Omar, pousando a mão no ombro do recruta.

"Vai buscar as tuas coisas imediatamente."

"Quais coisas?"

"As que trouxeste para o campo."

"Porquê?"

"Tens de partir dentro de cinco minutos."

A informação deixou Ibn Taymiyyah embasbacado.

"Partir? Partir para onde?"

"O xeque quer falar contigo. Mandou que te levássemos ao seu refúgio o mais depressa possível."

"Mas porquê?"

Abu Omar esganiçou a voz e caricaturou Ibn Taymiyyah.

"Porquê, porquê... ai tanta pergunta!" Apontou na direcção dos barracões residenciais. "Por Alá, vai mas é buscar as tuas coisas e cala-te! Pareces uma alcoviteira, assim com tantas perguntas! Um bom mudjahedin não fala. Faz."

Ibn Taymiyyah mordeu o lábio, repreendendo-se pela sua falta de disciplina, e obedeceu.

"Sim, meu irmão."

Ao observar o recruta a afastar-se, Abu Omar fez um gesto rápido com a mão, como se o enxotasse.

"Yallah! Yallah! Despacha-te!"

Vendo o seu instruendo a ir-se embora, Abu Nasiri correu atrás dele para lhe dar os últimos conselhos.

"Leva um casaco", recomendou quando o alcançou.

"Faz frio lá nas montanhas. E que Alá te acompanhe, porque vais precisar da Sua ajuda, meu irmão."

Esta observação fez Ibn Taymiyyah parar para encarar o seu instrutor.

"O que queres dizer com isso?"

"Quero dizer que te espera uma missão muito importante."

"Que missão?"

Abu Nasiri abanou a cabeça e olhou em redor, como se receasse já ter falado de mais.

"Não te posso revelar. Só o xeque."

"Ah, o xeque, a figura mistério aqui do campo!", exclamou. "Mas afinal quem é ele?"

O instrutor arregalou os olhos, admirado com a pergunta.

"Não há mistério nenhum, ele é o emir do nosso campo", disse. "Por Alá, não sabes quem é o xeque?"

"Não."

"Olha lá, tu não tens lido os jornais que chegam aqui ao mukhayyam?"

"Claro que sim. Porquê?"

"O xeque é o herói da umma, meu irmão. O xeque é o homem que vergou a América!"

Ibn Taymiyyah não estava a perceber nada. De quem estaria o seu instrutor a falar?

"O quê?"

Abu Nasiri cravou os olhos no seu instruendo. "O xeque é Bin Laden."

XLVII

Um homem minúsculo de cabelo loiro, escasso e fino, entrou obsequioso na salinha de estar do strip club. O coronel Alekseev rodou a cabeça e, ao vê-lo, ergueu-se de um salto e abriu os braços para um acolhimento efusivo.

"Vlad!"

Os dois homens abraçaram-se e o coronel levou o recém--chegado para o sofá, apresentando-o a Rebecca e Tomás.

"Este é Vladimir Tarasov, um camarada meu do FSB", anunciou. "Bom rapaz!"

"Muito prazer", respondeu Rebecca, apertando-lhe a mão.

"Como está?", disse Tomás quando chegou a sua vez de cumprimentar o recém-chegado. "Já vi que vocês os dois se conhecem há muito tempo..."

Alekseev olhou para Vladimir e soltou uma gargalhada cúmplice.

"Oh, desde os tempos da guerra no Afeganistão!"

Agarrou em Vladimir pelo ombro e puxou-o para si.

"Aqui o Vlad trabalhava comigo na unidade de contra-informação do KGB em Cabul." Uma gargalhada sonora. "Grandes tempos, hem?"

"Se foram!...", concordou Vladimir com um sorriso acabrunhado. "Connosco aquela canalhada não brincava!"

Acomodaram-se no sofá, trocando palavras de ocasião. O coronel encheu mais um copo de vodka enquanto o recém-chegado se queixava do atraso no voo da Aeroflot que o havia impedido de chegar a horas a Ierevan.

Cumpridas as formalidades de cortesia, Rebecca voltou a pegar na fotografia de Zacarias e mostrou-a a Vladimir.

"Presumo que já tenha visto isto."

O russo assentiu.

"O FSB distribuiu essa foto por todos os escritórios espalhados pelo país", confirmou. "Recebia em Ozersk e passei os dois últimos dias a investigar esse assunto."

"E... descobriu alguma coisa?"

Vladimir aproximou a imagem dos olhos e analisou-a com cuidado.

"Dizem vocês que este material está na posse da Al-Qaeda?"

"Sim."

Vladimir manteve a atenção fixada na fotografia por alguns instantes, como se quisesse confirmar uma vez mais o que já sabia, e depois devolveu-a à americana.

"Tenho uma má notícia para lhe dar."

"Diga lá."

"Este material é genuíno."

Fez-se um súbito silêncio na sala. Apenas se ouviam as batidas surdas da música no salão do strip club, do outro lado da porta.

"De certeza?"

"Sem sombra de dúvida."

Rebecca ficou com a fotografía nas mãos; parecia alimentar ainda a esperança de que ela fosse capaz de revelar mais algum segredo.

"E onde foram eles adquirir isto?"

"Supomos que tenha sido no complexo de Mayak."

"Mayak? O sitio do grande desastre nuclear de 1957?"

"Esse mesmo."

"Como é que a Al-Qaeda arranjou isto em Mayak? Houve aí algum incidente que vocês não nos tenham comunicado?" Vladimir riu-se nervosamente.

"Não temos tido outra coisa que não sejam incidentes naquele maldito complexo", exclamou. "Mayak está adstrita a Ozersk, pelo que infelizmente se encontra sob a minha jurisdição. Posso garantir-lhe que me tem dado enormes dores de cabeça. Em 1997 descobrimos por mero acaso que um grupo de trabalhadores da Fábrica de Radioisótopos Número 45, em Mayak, andava há dois anos a vender irídio radioactivo com documentos falsificados. O próprio director da fábrica estava envolvido no tráfico. No ano seguinte, o FSB desmantelou um plano arquitectado por funcionários de outra das unidades de Mayak, chamada Chelyabinsk-70, para roubar mais de dezoito quilos de urânio altamente enriquecido."

"Gee!", admirou-se Rebecca. "Isso é quase metade da quantidade necessária para fabricar uma bomba atómica."

"Pois é. Mais um ano volvido foi encontrada uma tonelada de aço radioactivo abandonada nos arredores de Ozersk. Uma investigação revelou que o material havia sido roubado de Mayak. Se o aço radioactivo não tivesse sido encontrado, ou se algumas pequenas coisas acidentais não tivessem permitido identificar os roubos de irídio e urânio altamente enriquecido, nada saberíamos. E se com amadores, que cometem erros parvos, foi difícil detectar estes roubos, imagine a quantidade de material nuclear que pode ter sido roubada de Mayak por profissionais sem que nós saibamos."

"Eu julgava que a segurança em Mayak havia sido reforçada", argumentou a

americana. "Nós metemos lá muito dinheiro."

"Sim, agora está melhor. Mas não há dúvidas de que temos ali problemas. Basta dizer que até já detectámps redes de tráfico de droga envolvendo os soldados destacados para Mayak. Isso diz tudo sobre as debilidades do sistema de segurança ali instalado."

Rebecca voltou a exibir a fotografia.

"O que vos leva a pensar que esta caixa de urânio enriquecido veio mesmo de Mayak?"

"Os números de série que se encontram registados na caixa. Batem certo com o inventário de Mayak."

"E quando foi isto roubado?"

"Não temos a certeza", disse Vladimir. "Mas em 1997 apareceram num descampado de Ozersk os corpos de uns soldados e de vários funcionários que supostamente estariam na noite anterior de serviço no complexo de Mayak. Num outro local da cidade foram encontrados os cadáveres de familiares dos funcionários. Fizemos umas averiguações que não deram em nada e o caso foi encerrado. Mas agora, ao ver essa fotografia, comecei a interrogar-me sobre o que realmente se teria passado e decidi reabrir o caso."

"Descobriu alguma coisa nova?"

"Ainda estamos a fazer o inventário do material dentro do cofre de Mayak."

Hesitou. "Mas já tropeçámos em duas coisas que nos chamaram a atenção."

"O quê?"

"Tentámos ver as gravações referentes aos vídeos internos nos locais e na noite em que os guardas e os funcionários mortos supostamente se encontravam de serviço. Por estranha coincidência, pelos vistos ocorreu uma avaria no sistema de videosegurança no edifício onde deveriam estar dois funcionários. Também fomos verificar as passagens assinaladas nos postos fronteiriços russos naquele período, para ver se foi registada alguma anomalia na altura em que os corpos foram descobertos."

"E então?"

"A fronteira mais próxima de Mayak é a do Cazaquistão, situada a apenas quatro horas de distância para quem for a conduzir. Acontece que o nosso posto fronteiriço localizado na estrada entre Ozersk e o Cazaquistão registou a passagem de um grupo de homens umas horas antes de os corpos dos guardas, dos funcionários e dos seus familiares terem sido encontrados."

"O que tinham esses homens de especial?"

"A sua nacionalidade."

"Não me diga que eram árabes..."

"Chechenos." O homem do FSB levou a mão ao bolso e tirou uma fotografia

de um homem moreno com aspecto de ser da região do Cáucaso. "Um deles chama-se Ruslan Markov e era muito activo na guerrilha. Temos até uma pasta sobre ele."

Rebecca e Tomás debruçaram-se sobre a fotografia, como se o rosto que ela mostrava lhes pudesse dar respostas.

"Acha que foi este tipo?"

"O que lhe parece?", perguntou Vladimir. "Os Chechenos são muçulmanos e muitos deles são fundamentalistas, com ligações a outros movimentos islâmicos. O Markov é checheno, tinha contactos com grupos fundamentalistas e sabemos que esteve envolvido na execução de reféns na Chechénia e no Sul da Rússia. Os nossos registos indicam que ele passou com um bando de chechenos pela fronteira mais próxima de Mayak horas antes de serem encontrados os corpos dos soldados, dos funcionários e dos seus familiares. Considerando toda esta informação, o que conclui?"

Rebecca nem retorquiu, tão óbvia era a resposta. Em vez disso, indicou a fotografia que mantinha na mão.

"Onde está este Markov?"

"A informação que temos é que ele já morreu.Pareçe que os nossos homens o abateram num combate nos arredores de Grozny."

"Damn!" praguejou ela.

"Por ele já nada saberemos, mas não é difícil adivinhar o que terá acontecido depois do roubo de urânio enriquecido em Mayak. Os chechenos largaram os corpos dos guardas, dos funcionários e dos seus familiares, estes provavelmente usados para fazer chantagem, fugiram para o Cazaquistão e desapareceram do mapa. Ali ou em qualquer outro ponto, naquele mesmo dia ou algum tempo mais tarde, acabaram por vender o urânio enriquecido à Al-Qaeda. Nada mais simples."

A americana girou a fotografia entre os dedos nervosos, indecisa quanto ao que fazer a seguir.

"E agora?", perguntou ela.

Percebendo que o briefing do homem do FSB em Ozersk havia terminado, Tomás ergueu-se e puxou por Rebecca.

"Agora só há uma coisa a fazer", disse o português, rompendo o seu longo silêncio.

"Temos de localizar essa caixa."

XLVIII

O jipe de fabrico russo saltitava sem parar pelos caminhos poeirentos e montanhosos do Sul do Afeganistão, a terra amarela e castanha recortada pelo céu azul e branco de nuvens. Ao volante ia um mudjahedin com gosto pela aceleração e atrás, ao lado de Ibn Taymiyyah, seguia um segundo mudjahedin armado com uma Kalashnikov. O jipe dava solavancos incríveis nos buracos da estrada, mas isso não impedia o condutor de continuar a carregar no acelerador a fundo.

Ao fim de duas horas, o jipe deparou-se com uma barreira na estrada e os mudjahedin pegaram de imediato nas armas, preparados para a emboscada, mas logo reconheceram os rapazes em shalwar kameez e turbantes brancos que operavam o posto de controlo. Embora tensos, os ocupantes do jipe voltaram a pousar as armas.

"Taliban", disse o motorista, a voz um tudo-nada irritada.

Os rapazes do posto de controlo inspeccionaram os documentos muito devagar e leram cada papel com enorme atenção, revirando as folhas como se elas ocultassem segredos. Quando se deram por satisfeitos, um deles extraiu do bolso uma pequena cassete áudio e disse algo de imperceptível em pasto ao motorista. O mudjahedin suspirou, enchendo-se de paciência, e pôs a cassete no gravador do carro.

Seria música?, interrogou-se Ibn Taymiyyah. De imediato teve a resposta. Dos altifalantes do jipe começou a sair uma voz cavada a recitar versículos em árabe antigo. Prestou atenção e percebeu que era a primeira sura do Alcorão. Os talibãs sorriram em aprovação e, com um gesto, mandaram-nos avançar.

"Por Alá, são mesmo crentes", observou Ibn Taymiyyah quando se afastavam já do posto de controlo, voltando a cabeça para observar os vultos que iam desaparecendo por entre a nuvem de poeira levantada pelo jipe.

O mudjahedin que estava com ele assentiu.

"Às vezes até exageram", observou com acidez. "Exigem coisas que Alá não ordenou no Santo Alcorão ou através da sunnab do Profeta."

"Tais como...?"

O mudjahedin apontou para o leitor de cassetes de onde continuavam a jorrar versículos corânicos.

"Olha, a obrigatoriedade de ouvirmos o Santo Alcorão em viagem, por exemplo.

Onde está exigida tal coisa no Livro Sagrado? Em que hadith está o Profeta, que a paz esteja com ele, a determinar tal preceito?"

Ibn Taymiyyah conhecia o Alcorão de cor e a maior parte dos ahadith credíveis e sabia que o mudjabedin tinha razão. Em ponto algum se exigia tal coisa dos crentes. Aqueles talibãs eram mesmo uns exagerados!, concluiu; estavam em desvio. Mas sabia que não era boa política dizer mal dos anfitriões; os mudjahedin precisavam deles para poderem continuar a preparar a jihad nos mukhayyam e por isso tinham sempre o cuidado de evitar tecer observações críticas em voz alta.

Isto não impediu o motorista de, ao assegurar-se de que os afegãos já haviam ficado bem lá para trás, se inclinar sobre o rádio e desligar a cassete. No momento em que a recitação foi interrompida, os três homens do jipe riram-se, divertidos com aquela pequena revolta contra os talibãs, como se aquele gesto reproduzisse a vontade comum.

O incidente criou uma afinidade indefinida entre Ibn Taymiyyah e os mudjahedin que o levavam. Era um sentimento tão volátil como uma pena ao vento, mas o facto é que perdurou durante alguns momentos. Aproveitando a atmosfera benigna que se instalara no jipe, o recruta arriscou uma pergunta.

"Para onde vamos?"

"Para o Ninho da Águia", explicou o mudjahedin que seguia ao lado dele.

"O que é isso?"

"É a nossa base nas montanhas." Deixou passar uns instantes e depois acrescentou, como se adicionasse um post scriptum: "É lá que está o xeque."

Ah, Bin Laden!, pensou o recruta, de repente excitado outra vez com a perspectiva do encontro.

"O que me quer ele?"

"Desconheço", devolveu o mudjahedin. "A seu tempo o saberás, inch'Allah!"

Ibn Taymiyyah ficou a ver a estrada, os olhos perdidos no pensamento.

"Vocês conhecem o xeque há muito tempo?"

"Desde a guerra contra os Russos."

"E como é ele?"

"Um dos melhores homens do mundo, que Alá o proteja e o guie. Um crente muito pio. Se todos fossem como ele, meu irmão, podes estar certo de que o islão já mandaria no mundo e os kafirun encontrar-se-iam todos submetidos à vontade de Alá. O xeque é o emir de vários mukhayyam que temos espalhados aqui pelo Afeganistão, incluindo Khaldan, onde te fomos buscar."

"Sim, eu sei. É por isso que fico admirado por uma figura tão importante me

querer conhecer. Eu não sou ninguém."

"És um crente. Por isso és importante."

"Sim, mas há milhões de crentes em todo o mundo. Por que razão quer ele falar comigo em especial?"

"O motivo exacto não sei, meu irmão. Mas, conhecendo o xeque como conheço há tantos anos, há uma coisa de que eu tenho a certeza."

"O quê?"

O mudjahedin deixou o olhar espraiar-se pela paisagem amarela e árida do Afeganistão.

"Se ele te chamou com tanta urgência é porque se vão passar grandes coisas", disse, deixando o olhar deslizar para o seu passageiro. "Espera-te uma missão muito importante."

Uma carrinha de caixa aberta irrompeu subitamente na estrada com grande aparato, pondo-se ao lado do jipe e fazendo Ibn Taymiyyah dar um salto de susto. Para além do motorista, a carrinha tinha três homens na caixa, dois a manejar um lança-róquetes e o outro agarrado aos manípulos de uma metralhadora assente numa pequena plataforma. Parecia-lhe que iam abrir fogo à queima-roupa contra o jipe.

"As salaam alekum!", saudaram os dois mudjahedin que traziam o instruendo de Khaldan.

Vendo a troca de cumprimentos, Ibn Taymiyyah acalmou--se. Eram todos conhecidos, não parecia haver problema.

"Quem são estes?"

"É a guarda do Ninho da Águia."

Ibn Taymiyyah inspeccionou a carrinha que os havia interceptado. Seguira durante algumas centenas de metros ao lado do jipe, aparentemente para se certificar da identidade dos seus ocupantes, mas de momento acompanhava-os pela cauda.

Voltou a cabeça para a estrada diante deles. Havia já algum tempo que o jipe escalava as montanhas nevadas e tinha a impressão de que se encontravam já bem alto. Fazia frio e o ar ali parecia mais leve.

O passageiro inclinou-se para o mudjahedin que ia ao seu lado.

"Estamos a chegar?"

O mudjahedin apontou para o topo das montanhas em frente.

"Sim", confirmou. "O Ninho da Águia é já ali."

A excitação por conhecer o homem que a América responsabilizava pela jihad nas suas cidades era muito grande, mas Ibn Taymiyyah fazia por permanecer calmo. Passara toda a viagem a pensar naquele encontro e no que lhe quereria Osama Bin Laden, e agora que estavam a chegar a curiosidade era

maior do que nunca. A expectativa tornara-se enorme e obrigou-o a um esforço para distrair a mente.

"Isto é alto, hem?", observou, espreitando o vale lá em baixo.

"Estamos a três mil metros de altitude." O mudjahedin indicou um outro pico, mais distante. "Na jihad contra os Russos, os kafirun instalaram ali uma base que nos deu muitos problemas. Tivemos de a bombardear noite e dia para os expulsar de lá."

"Lutaste contra os Russos?", quis saber Ibn Taymiyyah, a admiração e o respeito estampados na cara.

"Alá, na Sua grandeza, concedeu-me essa oportunidade."

"E que tal eram eles?"

"Corajosos. Não eram como os kafirun americanos, que fugiram mal lhes demos uma tareia em Mogadíscio. Os Russos eram duros e pacientes. Foi uma jihad muito difícil, fez muitos mártires entre os crentes."

O passageiro assentiu. Como gostaria de ter participado na jihad contra os Russos, essa guerra já mítica que trouxera grande glória ao islão! Esfregou as mãos para gerar calor e olhou em volta, os olhos atraídos pela deslumbrante paisagem que se abria diante deles. Contemplou os picos nevados e escarpados; eram de tirar o fôlego, sobretudo quando recortados sob o céu azul e laranja do crepúsculo, como acontecia nesse instante. A existência de um tal lugar na Terra parecia-lhe a prova consumada de que Alá era o supremo artista.

"Que montanha é esta?"

O mudjahedin lançou um novo olhar à montanha que escalavam antes de responder com um sentimento de protecção, como se ela lhe pertencesse.

"Tora Bora."

A encosta nevada da montanha era rasgada aqui e ali pela entrada de grutas.

Apesar de a luz do dia estar a diminuir rapidamente, via-se actividade humana diante das cavernas, com mudjahedin armados para cá e para lá. O jipe prosseguiu a sua escalada mais algumas centenas de metros, mas virou junto a mais uma gruta e imobilizou-se com um guincho, a nuvem de poeira a planar atrás com lentidão.

"Chegámos!", anunciou o motorista, puxando o travão de mão e desligando o motor.

A calma instalou-se naquele lugar. Ibn Taymiyyah apeou--se devagar, incerto quanto ao que deveria fazer a seguir, mas logo deu de caras com um homem de meia-idade que saíra da gruta ao seu encontro.

Depois de cumprimentar o recém-chegado, o homem fez-lhe sinal de que o seguisse.

Ibn Taymiyyah despediu-se dos mudjahedin que o haviam trazido de

Khaldan e acompanhou o seu novo guia.

"O xeque aguarda-te", anunciou-lhe o homem.

A gruta estava quase às escuras, apesar de um ocasional candeeiro de luz amarelada pregado às paredes. Ibn Taymiyyah percorreu os corredores com o coração aos saltos; pensava inicialmente que era de excitação, mas ficou tão ofegante que teve de parar para recuperar o fôlego.

"O que se passa?", perguntou o homem que o conduzia. "Sentes-te bem, meu irmão?"

O recém-chegado arfava e encostou-se à parede para descansar.

"Não sei", disse. "Sinto-me... fatigado." O homem observou-o com atenção e sorriu ao identificar o problema.

"Isso é normal, fica descansado", tranquilizou-o.

"Estás a sofrer do mal da altitude. Passar de repente para os três mil metros de altitude deixa qualquer pessoa sem fôlego."

Logo que o visitante recuperou, o guia conduziu-o pelo resto do corredor até uma abertura a meio da parede. Dela vinha um clarão. Os dois homens franquearam-na e Ibn Taymiyyah deu consigo numa galeria bem iluminada e ocupada por três mudjahedin sentados de pernas cruzadas em tapetes, as Kalashnikov pousadas no regaço.

Ao aperceberem-se da chegada do convidado, os três assentaram as armas no chão, levantaram-se e um deles, o mais alto, aproximou-se com um sorriso e os braços abertos.

"As salaam alekum, meu irmão", disse ele, dando-lhe as mãos. "Bem-vindo ao Ninho da Águia!"

Ibn Taymiyyah reconheceu-o das fotografias. Já se havia cruzado com aquele rosto antes dos atentados de Nova Iorque, mas só se familiarizara com ele nas duas últimas semanas, ao ler os jornais que chegavam a Khaldan com pormenores do sucedido na América.

Era Osama Bin Laden.

XLIX

Rebecca desligou o telefone e olhou para Tomás.

"Vou marcar voo para Washington", disse ela. "Também quer vir?"

O português estava de costas e contemplava a cidade iluminada e o céu estrelado sobre Ierevan.

Encontravam-se ambos no terraço do hotel, junto à piscina escura e silenciosa, e já passava da uma da manhã. Logo que saíram do CCCP, a americana insistira em ir ali para falar com Frank Bellamy pelo seu telefone-satélite, o único meio de comunicação que lhe dava garantias de não estar sujeito a escutas.

Ao ouvir a pergunta, Tomás voltou-se, coçou o queixo e estreitou os olhos, pensativo.

"Que lhe disse mister Bellamy?"

"Que o presidente decretou DEFCON 4."

"O que raio é isso?"

"Defense Readiness Condition", disse ela, traduzindo o acrónimo. "É um estado de alerta das forças armadas dos Estados Unidos. O estado normal é o grau 5. O alerta de grau 4 refere-se a uma ameaça ainda não muito clara e estende-se a todo o globo. Neste momento está montada a caça. Os serviços secretos de todo o mundo andam a apertar todas as suas fontes para tentar localizar a unidade da Al-Qaeda que anda a passear por aí com urânio enriquecido."

"Mas como diabo se faz uma busca dessas?"

"Falando com muita gente e fazendo muitas perguntas. Além do mais, não se esqueça de que temos uma pista."

"Qual?"

"Não foi o seu antigo aluno que disse que o terrorista da Al-Qaeda se chama Ibn Taymiyyah?

Agora toda a gente anda a ver se localiza esse tipo."

"E já apareceu alguma indicação sobre o seu paradeiro?"

A americana abanou a cabeça, um pouco apreensiva.

"Ainda não."

"Nem vai aparecer."

Rebecca levantou os olhos e fitou-o, admirada.

"Porquê? Porque diz isso?"

"Oiça, Rebecca. Sabe quem foi Ibn Taymiyyah?"

A expressão de admiração acentuou-se ainda mais.

"Não estou a perceber essa pergunta..."

"Ibn Taymiyyah foi um xeque árabe que se ergueu contra a invasão mongol de Bagdade, na Idade Média. É um dos teóricos do jihadismo. Percebe o que lhe estou a dizer?"

"Não."

"Ibn Taymiyyah é um pseudónimo!", exclamou, peremptório. "Não existe ninguém com esse nome. Podem vasculhar todos os registos aduaneiros que quiserem, nunca o vão encontrar porque ele não existe! E, se por acaso aparecer alguém que tenha tal nome no passaporte, pode estar certa de que se trata do homem errado.

Entendeu agora?"

"Acha?"

"Tenho a certeza. Além do mais, o Zacarias disseme que o Ibn Taymiyyah andava na minha faculdade. Já liguei para a secretaria em Lisboa e pedi que me verificassem nos computadores se houve algum aluno inscrito na universidade com esse nome nos últimos dez anos. Não apareceu ninguém.

Vocês já falaram com o SIS português?"

"Claro. Pedimos-lhes que identificassem Ibn Taymiyyah."

"E então? Qual foi a resposta?"

"Ainda não deram." "Nem vão dar porque, como lhe expliquei, não existe ninguém com esse nome."

"Então como poderemos localizar o terrorista?"

"A luz do que me disse o Zacarias, a única certeza é que o nosso homem frequentava a Mesquita Central de Lisboa e a minha faculdade. Provavelmente até foi meu aluno, pelo menos a acreditar no Zacarias. É pois pela faculdade que devemos começar."

Rebecca ficou a brincar por alguns momentos com o fio do telefone-satélite, a mente a desenvolver a linha do raciocínio que Tomás lhe havia exposto.

"Tom, a sua universidade tem registados os nomes de todos os alunos que se inscreveram lá nos últimos dez anos?"

"Claro."

"E existem fotografias de todos eles?"

"São obrigatórias no acto de matrícula."

"Muito bem, vamos fazer o seguinte", disse com resolução. "Vou pedir a mister Bellamy que contacte o governo português no sentido de dar ordens à sua

universidade para mandar tudo isso para Washington o mais depressa possível. Acha que pode ajudar-nos a identificar os nomes e os rostos dos que foram seus alunos?"

"Claro."

"Então terá de vir a Washington comigo. Outro passo que temos de dar é perceber onde vai ocorrer o atentado. Estamos já a fiscalizar todos os portos e passagens alfandegárias do mundo ocidental. Além do mais..."

"Eu sei onde vai ser."

"Como? Sabe?"

"Se tivermos em conta que este atentado implica uma nova escalada no jihadismo e se conhecermos o tipo de raciocínio dos fundamentalistas islâmicos, não é difícil perceber qual será o alvo."

"Não me diga que vão ser os Estados Unidos..."

"Com toda a certeza."

"Porque pensa isso? Por sermos o Grande Satã?"

"Por serem os líderes do mundo ocidental", disse Tomás.

"Que disparate!", exclamou Rebecca. "Vão atacar-nos só por causa disso? Não faz sentido!"

O historiador suspirou e encheu-se de paciência.

"Oiça, você sabe de que vos acusam os fundamentalistas? Eles culpam a América por ter exterminado os índios, por ter escravizado os negros, por ter cometido crimes de guerra em Hiroxima e Nagasáqui, e ainda na Coreia, no Vietname, no Iraque, no Afeganistão e por aí fora, por apoiar Israel, por apoiar os tiranos árabes, por explorar o petróleo dos países árabes, por imoralidade, por prática de usura, por autorizar o consumo de álcool, por permitir a liberdade sexual, por garantir a liberdade de expressão, por defender a democracia, por deixar que as mulheres sirvam passageiros nos aviões, por..."

"Já entendi", atalhou Rebecca. "Somos culpados de tudo."

"Exactamente! Algumas destas acusações são muito estranhas, como decerto reparou. Por exemplo, esta acusação de a América ter escravizado os negros. Vinda de quem vem, é hilariante! Não era Maomé que permitia a escravatura? Ele até tinha escravos! E a Arábia Saudita? Sabe quando foi que este país islâmico, o mais sagrado de todos, a pátria de Maomé, a terra onde se encontra Meca e Medina... sabe quando foi que a Arábia Saudita aboliu a escravatura? Em 1962!

Como é possível que os fundamentalistas islâmicos estejam tão indignados com práticas na América que eram aprovadas e exercidas pelo próprio Profeta?"

"Onde quer chegar?"

"A uma ideia muito simples: a interminável lista de queixas dos

fundamentalistas islâmicos contra a América não passa de um conjunto de pretextos usados para disfarçar a verdadeira motivação. Repare, quando o Ocidente vai de encontro a uma exigência islâmica e satisfaz uma reivindicação, o antagonismo nunca é verdadeiramente resolvido e logo outra queixa se levanta, e depois outra e outra ainda.

Pior, quando os Americanos se põem ao lado de muçulmanos contra cristãos, como aconteceu na Bósnia e no Kosovo, isso é liminarmente ignorado. Os fundamentalistas e os conservadores islâmicos chegam ao cúmulo de esquecer o enorme contributo americano na guerra do Afeganistão contra a União Soviética, afirmando explicitamente que os mudjahedin venceram sozinhos os Soviéticos. Ora tudo isto mostra que existe um problema de fundo, não lhe parece?"

"Sim, mas qual é esse problema? O que têm eles especificamente contra a América?

É isso que eu não percebo..."

"Quando o islão nasceu, o grande inimigo era a tribo que dominava Meca. No momento em que essa tribo foi vencida, os grandes inimigos passaram a ser todos os não muçulmanos que viviam na Arábia. Logo que eles foram convertidos, assimilados, mortos ou expulsos, o grande inimigo passou a ser a Pérsia. Este império foi vencido e o grande inimigo seguinte tornou-se Constantinopla, que liderava o mundo cristão. Com a queda do Império Romano do Oriente, o grande inimigo transferiu-se para Viena, capital do Sacro Império Romano. Mas quando a liderança do mundo cristão se deslocou para a Grã-Bretanha e a França, estes dois países passaram a ser o Grande Satã. E agora? Quem é o líder do mundo ocidental?"

"A América."

"Então é a América o grande inimigo", sentenciou Tomás. "A América é atacada, não necessariamente porque esteja a maltratar os muçulmanos, mas simplesmente porque é o líder do Ocidente, a principal potência mundial, e consequentemente o maior obstáculo à expansão do islão a todo o planeta. O mais grave é que, pelo simples facto de se revelarem económica, cultural, política e militarmente mais poderosos do que todos os países muçulmanos juntos, os Estados Unidos estão a humilhar o islão porque mostram que um país que funciona segundo leis dos homens é mais forte do que muitos países que se regem pelas leis de Deus. Isso é insuportável para muitos muçulmanos em geral e para os fundamentalistas em particular. Daí que todos os pretextos sejam bons para demonizar o Ocidente e sobretudo o seu líder, a América. Eles constatam que os cristãos do Ocidente são a única força capaz de fazer frente ao islão e acreditam que, se fizerem cair o líder, o inimigo se desmoronará, abrindo as portas ao nascimento do grande califado que levará o islão a todo o planeta."

"Portanto, o verdadeiro crime da América é ser poderosa."

"Isso mesmo."

Rebecca revirou os olhos e abanou a cabeça. "Jesus Cristo”

Tomás ajoelhou-se junto da americana e ajudou-a a desmontar o telefone-satélite, dobrando as peças até o conjunto se reduzir ao que parecia ser uma pasta de mão metálica.

"E é por isso, minha cara, que não tenho a mínima dúvida sobre qual o alvo do grande atentado que está a ser preparado."

Rebecca selou a mala e ergueu-se, rendendo-se à evidência. "A América."

L

Foi o instante mais inolvidável da vida de Ibn Taymiyyah até àquele momento. O xeque estava ali, diante dele, ouvira-o cumprimentá-lo, via-o em carne e osso.

Pestanejou, tentando certificar-se de que os olhos não o enganavam; não havia dúvida, o xeque era mesmo igual às fotografias.

Teve ganas de se beliscar; quase se recusava a acreditar, mas a semelhança com as imagens dos jornais não enganava. Por incrível que parecesse, à frente dele, sorrindo com afabilidade, encontrava-se de facto o homem que enfrentara a América, o crente que restituíra o orgulho ao islão. O grande Osama Bin Laden. Por Alá, que privilégio!

"Allah u akbar!", exclamou Ibn Taymiyyah, inclinando o corpo em sinal de respeito.

"Agradeço o convite que me fez. É uma grande honra estar aqui diante de si. O xeque é uma dádiva de Alá, o orgulho da umma, a luz que..."

"Então, então?", interrompeu-o Bin Laden, quase embaraçado com a adulação.

"Aqui sou apenas um irmão. Tal como tu e todos os que se encontram neste Ninho da Águia, não passo de um mero súbdito de Alá, que Deus me ajude a servi-Lo até à eternidade!" Puxou o seu convidado pelo braço para junto dos outros dois.

"Vem, instala-te aqui connosco." Apresentou os seus companheiros. "Este é o nosso irmão Uthman Bin Affan e este é o nosso irmão Ayman Al-Zawahiri... aliás um egípcio, como tu."

Ainda atarantado, Ibn Taymiyyah cumprimentou os dois companheiros do xeque e sentaram-se todos num tapete. Não se estava mal naquele lugar, pensou.

A galeria tinha uns quatro por seis metros de diâmetro e era aquecida por um fogareiro a lenha que crepitava com brandura, envolvendo o lugar numa ambiência acolhedora. A luz amarelada das chamas bailava intermitentemente pela gruta, desenhando figuras dançantes sobre as estantes de livros e as Kalashnikov penduradas nas paredes por pregos.

"Então?", perguntou Bin Laden, acomodando-se no seu lugar. "Foi boa a viagem?"

O xeque tinha uma voz suave e tranquila, quase melíflua, e sorria de uma forma agradável.

"Talvez um pouco longa", disse o recém-chegado.

Inclinou-se um pouco, acariciou a região lombar e fez uma careta. "O jipe tinha a suspensão dura. Vou precisar de tempo para recuperar..."

Os anfitriões riram-se com cortesia.

"Peço desculpa por te ter sujeitado a esta provação, meu irmão", exclamou Bin Laden. "É por uma boa causa, acredita."

"Estou inteiramente às suas ordens, xeque. É uma grande honra que tenha pensado em mim! Nunca imaginei servir um crente tão ilustre."

"Não me serves a mim", retorquiu Bin Laden, apontando para cima. "Serves Alá."

"Ao servi-lo a si", disse com grande respeito, "sirvo Alá."

Um mudjahedin entrou na galeria a transportar um tabuleiro com um bule, duas chávenas e dois copos de água. Aproveitando a pausa, Ibn Taymiyyah estudou o herói da umma. Bin Laden era um homem magro e sobretudo alto, o que o surpreendeu. Não esperava alguém com tão elevada estatura; as fotografias dos jornais não indiciavam isso. O xeque tinha uma longa barba negra pontiaguda, vestia uma shalwar kameez coberta por um casaco camuflado sem insígnias e trazia um turbante branco a tapar-lhe a cabeça.

O mudjahedin que acabara de entrar pousou entretanto o tabuleiro no chão, assentou os dois copos junto de Bin Laden e Al-Zawahiri, distribuiu as chávenas pelos outros dois homens sentados no tapete e começou a enchê-las de chá.

"Tens fome, meu irmão?", perguntou Bin Laden ao seu convidado.

Desde que entrara no Afeganistão que Ibn Taymiyyah vivia num estado de permanente subnutrição, devido às circunstâncias da sua presença em Khaldan. E verdade que de certo modo já se havia habituado a isso, uma vez que se tornara evidente que o treino se destinava também a familiarizar os mudjahedin com a fome ininterrupta, pelo que fez um esforço para dominar o apetite que o consumia.

"Estou bem, xeque."

Mas o anfitrião parecia conhecer a vida nos campos de treinos e fez um sinal ao mudjahedin que lhes servia o chá.

"Hassan, quando é que podemos jantar?"

"Daqui a quinze minutos, Abu Abdullah."

O visitante registou este novo nome. Pelos vistos as pessoas mais próximas do xeque chamavam-lhe Abu Abdullah, ou pai de Abdullah. Ansiou por um dia ter confiança suficiente para se dirigir a ele nesses termos.

O mudjahedin retirou-se e os quatro provaram as bebidas que lhes foram distribuídas. Bin Laden pousou o copo de água junto à Kalashnikov e suspirou.

"Como deves saber", disse ele, mudando o tom de voz para assinalar que

estavam a entrar na parte séria da conversa, "com a ajuda de Deus atingimos há duas semanas o coração da América."

"Foi uma grande vitória, xeque", afirmou Ibn Taymiyyah. "Graças a si, o islão está a reocupar o seu lugar. A umma sente-se orgulhosa do seu feito."

"Este é o caminho da virtude, mas é um caminho duro", retomou o anfitrião. "A gloriosa acção levada a cabo em Nova Iorque e em Washington pelos nossos irmãos, que Alá os tenha para sempre rodeados de virgens no Paraíso eterno, significa que a jihad atingiu o ponto de ignição. Nada será como dantes. Agora já não há retorno e com a graça de Deus a guerra vai generalizar-se. Embora não tenhamos reivindicado a operação, os kafirun da aliança cruzados-sionistas já sabem que fomos nós quem a levou a cabo e preparam-se para retaliar.

Dentro de pouco tempo virão atacar-nos aqui no nosso santuário no Afeganistão."

"Deixem-nos vir", empolgou-se Uthman com o punho cerrado. "Vamos dar-lhes uma lição igual à que demos aos Russos na outra jihad. E estes kafirun americanos não têm a têmpera dos Russos, como já o demonstraram em inúmeras ocasiões. Dispõem de muita tecnologia e muita fanfarra, mas quando se sentem apertados com mais força... vão-se abaixo."

"É certo que sim", concordou Bin Laden. "Esta gente é de facto cobarde, meu irmão. É gente que gosta de usar aviões para não ter de arriscar a vida no solo. Mas aqui, nesta terra que tão bem conhecemos, as coisas vão ser diferentes. Iremos atraí-los a um combate para o qual não são suficientemente corajosos. Não me esqueço de que bastou uma explosão para que fugissem de Beirute, bastaram duas explosões para que fugissem de Aden, bastou caírem dois helicópteros e morrer um punhado de soldados para que fugissem de Mogadíscio! Por Alá, o que os espera agora é muito pior do que isso!" Suspirou. "Claro que, com toda a tecnologia e imensos recursos financeiros ao seu dispor, eles são muito poderosos e não podem ser enfrentados de forma convencional. Nos primeiros tempos teremos mesmo de recuar e o Afeganistão deixará de ser um refúgio seguro."

"O Paquistão ajudar-nos-á, com a graça de Alá", alvitrou Uthman.

"Não acredites nisso, meu irmão", retorquiu Bin Laden. "Os kafirun dominam os nossos governos corruptos, quase todos incapazes de resistir à pressão da aliança cruzados-sionistas. Estamos rodeados de jahiliyya e é por isso que o islão precisa de nós.

Tal como no tempo do Profeta, que a paz esteja com ele, terá de ser um pequeno grupo a assumir a vanguarda e a conduzir a humanidade à submissão a Alá. Não te esqueças do que Deus diz na sura 2, versículo 249: «Depois de atravessarem o rio, disseram: 'Não temos força hoje, frente a Golias e às suas

tropas.' Mas outros, os que acreditaram no auxílio de Deus, disseram: 'Quantos pequenos grupos venceram grandes exércitos, com a permissão de Deus!'»"

"Esse pequeno grupo somos nós", esclareceu Al-Zawahiri, quebrando o mutismo.

"Com a ajuda de Deus, seremos a luz que iluminará a umma e a conduzirá até ao resto da humanidade, como nos é ordenado por Alá no Santo Alcorão ou através da sunnah do Profeta, que a paz esteja com ele. Chegará o dia em que só haverá crentes ou dhimmies que pagam a jizyah, inch'Allah".

"Vamos pôr fim à humilhação de ver os kafirun ter mais poder do que nós", afirmou Bin Laden. "Olhem o que eles fazem na Palestina! Olhem a forma como eles manipulam os nossos governos como se fossem fantoches! Olhem para as leis humanas contrárias à sharia que eles nos impõem com a sua cultura corrupta! Olhem para as bases militares que a aliança cruzados-sionistas instalou na Terra das Duas Mesquitas Sagradas, violando a vontade do Profeta no seu derradeiro sermão!

Como é possível termos chegado a este ponto? Como é possível que os crentes se tivessem deixado humilhar desta maneira? Isto, meus irmãos, só foi possível porque nos desviámos da Lei Divina! Alá puniu-nos assim por ignorarmos a Sua sharia e por termos cedido às tentações e aos desejos humanos! Se Alá criou e rege o universo, quem sabe mais sobre as leis verdadeiras? Alá ou os seres humanos? O criador ou a criatura? Temos, pois, de retomar a Lei Divina, tal como fez o Profeta, que a paz esteja com ele, e como fizeram os primeiros califas, que Alá os abençoe. Se a umma cumprir todos os preceitos da Lei Divina, como é sua obrigação, o islão voltará a ser a força dominante da humanidade. Mas enquanto a sharia não for respeitada, permaneceremos humilhados e os kafirun da aliança cruzados-sionistas mandarão em nós".

"Isso não podemos mais tolerar!", vociferou Uthman. "A nossa jihad é justa! Os kafirun combatem por dinheiro e pelo desejo de submeter os outros homens à sua vontade, os mudjahedin combatem pelo dever de servir Alá e Alá apenas.

Qual o combate que Deus favorecerá? O dos gananciosos ou o dos justos? A jihad dos mudjahedin está destinada a ter a graça de Alá! É por isso que, embora o caminho da jihad seja difícil, com a graça e a ajuda de Deus iremos vencer!"

"Atingimos o ponto de ignição", disse Bin Laden, repetindo a ideia que expressara momentos antes.

"Para além de ser uma retribuição pelas humilhações a que os kafirun da aliança cruzados-sionistas sujeitaram a umma ao longo dos anos, a jihad que lançámos agora no coração da América destina-se sobretudo a provocá-los, a forçá-los a invadir a terra dos crentes. Mas esta é apenas a primeira fase de um

longo caminho. A segunda fase será usar esse ataque dos kafirun para acordar o grande gigante adormecido, a maior força existente ao cimo da Terra: a umma. Com os kafirun a combaterem em terra islâmica, deixando cair as máscaras e mostrando-se como os cruzados que realmente são, os crentes irão despertar para a realidade e muitos juntar-se-ão a nós."

Ibn Taymiyyah, que até ali havia seguido a exposição calado, remexeu-se no seu lugar, inquieto.

"O xeque acha mesmo que os kafirun nos vão atacar aqui no Afeganistão?"

"Não têm alternativa, meu irmão. Provocámo-los e eu até ficaria decepcionado se não o fizessem. Tens de perceber que, nas actuais circunstâncias, não os poderemos vencer num combate convencional. Precisamos, pois, de os atrair para a terra dos crentes, onde, aqui sim, lhes iremos ministrar uma lição que jamais vão esquecer. Rezo, por isso, para que ataquem o Afeganistão e conto mesmo que não se fiquem por aqui e invadam outras terras islâmicas, como o Paquistão e a Terra dos Dois Rios, o Iraque, e mais ainda se for possível. Ao atacar-nos, os kafirun farão assim pela nossa causa mais do que mil fativas. De uma assentada, cairão numa gigantesca emboscada e, mais importante ainda, vão fazer milhares de crentes juntar-se às nossas fileiras para participarem na jihad. Ou seja, esses ataques da aliança cruzados-sionistas irão atear a umma e impulsioná-la à acção. Seguir-se-á assim a terceira fase, que é a expansão do conflito a todo o mundo islâmico. Com a graça de Deus iremos atrair os kafirun para uma guerra de atrito, para a qual eles não estão manifestamente vocacionados. Os kafirun gostam de guerras de Hollywood, com um princípio, um meio e um fim muito bem definidos, mas o que nós lhes vamos dar é uma guerra interminável. A quarta fase será tornar global a nossa jibad. Qualquer crente poderá juntar-se a nós através da Internet e lançar acções em qualquer parte do mundo. Já dispomos de algumas células adormecidas no Ocidente e estamos a constituir outras para que actuem no momento certo, inch'Allah." "Que será quando?"

Bin Laden exibiu os cinco dedos da mão.

"Será o momento que conduzirá à quinta fase", disse. "Tencionamos atrair os kafirun da aliança cruzados-sionistas a uma emboscada global e pressionar as suas capacidades militares até aos limites. Eles vão estar preocupados com o Afeganistão, com a Terra dos Dois Rios, com o Irão, com o Paquistão, com o Líbano, com a Somália, com os campos petrolíferos, com a protecção dos ocupantes sionistas da Palestina... com uma multiplicidade de coisas que acontecerão ao mesmo tempo. Quando derem por ela, já não terão capacidade militar ou financeira para sustentar a situação por mais tempo. Será nesse momento que a América entrará em colapso."

"E... e depois?"

"Com a implosão da América, os governos corruptos do islão ficam sem a sua base de apoio e, com a graça de Deus, serão derrubados pela umma. Chegaremos então ao objectivo final."

O xeque calou-se, como se tivesse concluído a sua exposição, e o visitante remexeu-se na cadeira, a curiosidade espicaçada por aquela visão de glória.

"Desculpe, xeque", disse com timidez. "Qual é esse objectivo final?"

"O novo califado."

Fez-se silêncio na gruta, apenas pontuado pelo estralejar acolhedor da lenha ao lume no fogareiro.

A grandiosidade do que acabara de ser dito estava ainda a ser digerida pelo convidado.

"É isso que vai acontecer?", perguntou por fim Ibn Taymiyyah, os olhos a cintilarem de fascínio. "O califado vai mesmo ser reinstituído?"

Bin Laden assentiu com a cabeça.

"É esse o plano, Deus seja louvado", disse. "Com a jihad lançada há duas semanas no coração da América, cruzámos o ponto de ignição. Vamos agora esperar que os acontecimentos que desencadeámos sigam o seu curso natural. Os kafirun irão levar tal lição que se verão forçados a deixar os crentes em paz. Sem os kafirun a fortalecer os nossos governos corruptos, os verdadeiros crentes contarão com a ajuda de Deus e assumirão o controlo dos seus países. Como um dominó, um país será libertado logo a seguir ao outro até a sharia entrar em vigor em todos. Deixará assim de haver muitos países muçulmanos e passará a haver um único. A umma estará então unida e o grande califado será proclamado, inch'Allah. Quando o califado voltar, o califa terá de seguir a vontade de Alá expressa no Santo Alcorão e na sunnah do Profeta, que a paz esteja com ele, e ordenar uma ou duas jihads por ano contra os kafirun, até que o mundo inteiro esteja convertido e os que não estiverem paguem jizyah aos crentes, conforme o desejo de Deus."

"Com a graça de Alá, é isso mesmo que vai acontecer!", exclamou Uthman, num estilo empolgado que contrastava com o tom tranquilo das palavras de Bin Laden. "O mundo inteiro será constituído por crentes. Os que se recusarem a ver a verdade serão humilhados e transformados em dhimmies, como é vontade de Alá! Os que não aceitarem pagar o tributo serão mortos."

O xeque pousou a mão no ombro de Ibn Taymiyyah.

"E é para esta grande jihad pelo califado mundial que precisamos de ti, meu irmão", disse. "Reservámos-te a maior de todas as missões, aquela que atingirá o ponto mais vulnerável da aliança cruzados-sionistas, provocando o seu colapso final.

Graças a essa missão, a umma irá de novo..."

"Dá licença?"

A cabeça do mudjahedin que quinze minutos antes trouxera o chá e a água espreitou pela entrada da gruta e interrompeu a conversa.

"O que é, Hassan?"

"O jantar está servido."

LI

"Este."

A fotografia foi salva num ficheiro separado e logo o jovem operador da NEST, um rapaz de face leitosa e cabelo preto liso, regressou à lista importada e foi mostrando mais imagens. Os rostos estudantis sucediam-se um a um no ecrã; cada um ficava durante uns dois ou três segundos e desaparecia, substituído pelo seguinte.

Sempre que surgiam raparigas, que aliás eram a maioria, a imagem saltava imediatamente para o retrato que vinha a seguir.

"Este."

O operador americano guardou a nova fotografia e, de volta à lista importada, tentou prosseguir, mas a imagem anterior manteve-se fixa, como se estivesse congelada ou se se recusasse a mostrar a seguinte.

"Acho que já acabámos", concluiu o homem da NEST. "Não há mais fotografias."

"Quantas temos?", perguntou Tomás.

O americano clicou no ficheiro separado e consultou as estatísticas.

"Cinquenta e quatro."

"Cinquenta e quatro alunos masculinos em dez anos?", ponderou o professor português. "Sim, faz sentido. Aquela faculdade está cheia de mulheres.

Não devo ter tido mais de cinquenta rapazes durante este tempo todo nas minhas aulas."

Um dos dois vultos que aguardavam na sombra, por detrás de Tomás e do operador, quebrou o silêncio.

"Portanto, os seus alunos estão todos identificados."

O historiador voltou a cabeça e olhou para ele.

"Sim, mister Bellamy", assentiu. "E agora? Que vão vocês fazer?"

"Vamos proceder a uma identificação biométrica."

"O que quer isso dizer?"

"Trata-se de um processo de reconhecimento automático de pessoas através de traços anatómicos distintivos", explicou Frank Bellamy na sua voz rouca e tensa. "Como sabe, todas as pessoas que entram nos Estados Unidos são fotografadas por pequenas câmaras nos postos aduaneiros, quando apresentam o

passaporte."

"Ah, sim", exclamou Tomás. "São aquelas câmaras redondas e amarelas, não é?

Ainda hoje me fotografaram numa delas quando cheguei aqui ao aeroporto de Washington."

"É um procedimento que adoptámos depois do 11 de Setembro", explicou o responsável da NEST. "O que vai acontecer agora é que o Don irá ligar o ficheiro com o rosto dos seus alunos ao sistema onde estão registados os milhões e milhões de fotografias de todas essas pessoas que entraram aqui nos Estados Unidos nos últimos dois anos.

O computador irá ver quais os rostos dos seus alunos que coincidem com rostos de pessoas que vieram visitar-nos. A investigação far-se-á a partir daí."

"E é rápido?"

Bellamy balançou a cabeça.

"Pode levar algum tempo. O computador trabalha depressa, mas são muitas fotografias para comparar..."

Sentado diante do ecrã do computador, Don ia clicando ordens para fazer a ligação entre o ficheiro e o sistema aduaneiro. Quando terminou, o processo de identificação biométrica começou a funcionar, com a ampulheta do computador a aparecer sempre que processava uma comparação anatómica.

"Isto não pode ir mais depressa?", perguntou Tomás.

"É demasiada informação", retorquiu Don sem descolar os olhos do ecrã. "O sistema biométrico por reconhecimento de rosto funciona a baixa velocidade, devido às muitas semelhanças que as pessoas apresentam entre si. A taxa de sucesso é muito elevada em condições controladas, designadamente quando o indivíduo está a olhar de frente para a câmara e com uma expressão neutra, mas se há diferenças na pose ou nos apêndices faciais, como óculos ou outras coisas, o processo complica-se." Indicou as imagens no ecrã. "Felizmente as fotografias dos seus alunos e dos visitantes que chegam cá são todas frontais e relativamente neutras, o que viabiliza o reconhecimento biométrico. Mas mesmo assim o computador tem de tomar decisões com base em fotografias que não são exactamente iguais e precisa de reconstituir pequenas diferenças, como por exemplo o tamanho dos cabelos e das barbas. Isso leva tempo."

"Estamos a falar de quanto tempo exactamente?"

"Podemos estar aqui dias. Ou até semanas."

"O quê?!". espantou-se o português, erguendo a voz alarmada. "Nós não temos dias! E semanas muito menos! O meu contacto em Lahore foi muito claro quanto a isso! O atentado está iminente! Não haverá maneira de apressarmos isto?"

O outro vulto lá atrás deu um passo em frente e pôs a mão no braço de Tomás. Era Rebecca.

"Tom, como deve calcular ainda estamos mais ansiosos do que você," disse ela. "Não se esqueça de que, no fim de contas, este é o nosso país. Mas infelizmente não podemos fazer mais nada. Temos de aguardar que o computador faça o seu trabalho e rezar para que ele o conclua a tempo."

"Isto é muito lento", protestou o historiador, inconformado. "Não existem mais pistas?"

"Infelizmente, não."

Tomás manteve os olhos fixos na ampulheta que girava no ecrã, exasperado pela lentidão do processo de reconhecimento biométrico, a mente em busca de alternativas.

"E a charada?"

"Qual charada?"

O português fitou Rebecca.

"Não se lembra de eu lhe ter dito, quando nos encontrámos em Lahore, que tinha quebrado a cifra da charada?"

A americana levou a mão direita à cabeça.

"Pois é!", exclamou. "A mensagem enviada para Lisboa do endereço da Al-Qaeda!

Com toda a confusão em Lahore e depois em Ierevan, nunca mais me lembrei disso!

Porque não me falou no assunto mais cedo?"

"Porque você não mostrou o menor entusiasmo quando lhe dei a notícia em Lahore. Ao ver a sua reacção, achei que já não dava grande importância à charada..."

"Claro que dou! Hell, no meio desta loucura esqueci-me completamente!" Assumiu uma expressão interrogadora. "O que contém a mensagem? Há lá alguma pista?"

Tomás meteu a mão ao bolso e extraiu o seu bloco de notas.

"Não sei", respondeu, abrindo o caderninho.

"Consegui identificar o sistema de cifra quando ia no táxi ao seu encontro, em Lahore, mas não completei a decifração."

Folheou o bloco de notas, com os dois americanos atrás dele a espreitarem por cima do ombro.

"Goddam it!", praguejou Frank Bellamy. "Como puderam vocês negligenciar uma coisa dessas?"

"Mister Bellamy, a coisa em Lahore esteve muito difícil", desculpou-se Rebecca. "Com aquela confusão toda, a verdade é que tínhamos outras

prioridades e esta questão...

enfim, passou-nos um pouco ao lado."

Os dedos de Tomás imobilizaram-se numa folha do pequeno caderno com linhas azuis.

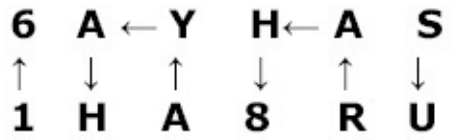
"Está aqui."

A atenção dos dois americanos convergiu para a folha, onde viram a charada que já lhes era familiar.

6 A Y H A S 1 H A 8 R U

Tomás deslizou o indicador pelas múltiplas experiências que fizera, até se fixar na derradeira.

"Estão a ver isto?"



"Seis Ayhas 1 HA 8 Ru", leu Bellamy. "O que diabo quer dizer isso?"

Tomás abanou a cabeça, mas deixou os lábios esboçarem um sorriso.

"Cortei a sequência original a meio e pus uma metade sobre a outra. A mensagem está em árabe, pelo que deve ser lida da direita para a esquerda e de cima para baixo, ziguezagueando depois de baixo para cima, acompanhando o movimento destas setas que desenhei entre as letras e os números. E esse o itinerário."

"Não estou a perceber..."

"Já lhe mostro."

O historiador pegou numa caneta e rabiscou as letras na sequência sugerida pelo percurso que quebrava o segredo da cifra.

SURAH 8 AYAH 16

"Voilá!"

Frank Bellamy fez uma careta. "O que é isto?" "Surah 8 Ayah 16."

"Eu sei ler!", rosnou o americano. "Mas o que significa isto?"

"É a mensagem que a Al-Qaeda enviou para o seu operacional em Lisboa.

LII

"Sentem-se."

Só a rígida autodisciplina emocional desenvolvida no campo de Khaldan impediu Ibn Taymiyyah de deixar transparecer no rosto a decepção que sentiu ao ver o que lhe era oferecido para o jantar. Havia já alguns meses que não comia uma refeição decente, apenas feijão e pão, pelo que, ao perceber que iria visitar a base do xeque, não conseguira controlar o impulso salivante que lhe provocava a expectativa de uma refeição mais satisfatória. Se Bin Laden era assim tão poderoso, raciocinara, decerto que os seus repastos seriam lautos banquetes!

Agora que o momento havia chegado, o desapontamento quase lhe fazia doer o estômago.

Sobre a toalha suja da mesa estavam batatas mergulhadas em óleo, uma pequena omeleta, um queijo e uma cesta com pão afegão. Mais nada. Os quatro ocuparam os seus lugares e Bin Laden fez sinal ao convidado de que se servisse primeiro.

Escondendo o desencanto, Ibn Taymiyyah cortou um quarto da omeleta, o que dava uma porção minúscula, pôs algumas batatas gordurosas no prato, escolheu umas fatias de queijo e tirou um pão da cesta. Não era pior do que no campo de Khaldan, claro; porém, considerando as suas elevadas expectativas, o jantar constituía um duro revés.

Depois de todos se servirem, Ibn Taymiyyah decidiu começar pelo queijo; sempre tinha um ar mais decente. Mas logo que o começou a mastigar apercebeu-se de que era muito salgado. Para disfarçar o sabor, trincou o pão e logo os dentes se puseram a ranger. Arregalou os olhos, atónito: havia areia no pão!

"Então?", perguntou Al-Zawahiri, que detectara a reacção. "Está bom?"

"Hmm-hmm", assentiu o convidado, corando de embaraço por ter deixado transparecer o que realmente pensava do jantar. "Muito bom."

"Um koshari caía agora bem, não?", sorriu com uma simplicidade cúmplice.

Ibn Taymiyyah devolveu o sorriso. Lembrou-se de que Al-Zawahiri era egípcio, como ele, pelo que a referência aos pratos do seu país constituía um laço invisível que os unia.

"Isso", concordou o convidado. "Ou uma molokhiyya."

Bin Laden não parecia ser homem para comer muito, constatou ao passar os olhos pelos seus parceiros de mesa. Aliás, isso nem admirava, considerando quão magro ele era. O xeque engoliu as batatas gordurosas como se fossem caviar, comeu um pouco de pão com queijo, bebeu água e pareceu dar-se por satisfeito.

"Meu irmão", disse, enquanto mastigava os últimos pedaços de pão. "Deixa-me explicar-te a missão para a qual te convidámos. Calculo que te interrogues sobre os motivos que nos levaram a chamar-te aqui ao Ninho da Águia..."

Ibn Taymiyyah engoliu depressa a sua fatia de omeleta para poder responder.

"Pois... enfim, confesso que fiquei realmente um pouco surpreendido quando o Abu Omar me deu a notícia..."

O xeque afastou o seu prato para o lado, dando sinal de que a conversa entrava na fase realmente importante.

"O meu convite", disse devagar, medindo as palavras, "está, como já te expliquei, relacionado com a grande jihad que se avizinha."

Ibn Taymiyyah ficou calado um instante até perceber que Bin Laden aguardava dele um sinal de aceitação ou rejeição, como se disso dependesse a continuação da conversa.

"Xeque, os seus desejos são ordens para mim", declarou com solenidade. "Diga-me o que eu tenho a fazer e eu fá-lo-ei."

Ao ouvir isto, Bin Laden olhou-o com tal intensidade que o convidado teve a impressão de que lhe via a alma.

"Estás disposto a tudo?"

"Aos maiores sacrifícios."

O xeque inclinou-se na direcção do seu convidado.

"Mesmo a tornares-te um shahid?"

A referência ao martírio chocou momentaneamente Ibn Taymiyyah. Então era disso o que se tratava! O xeque queria recrutá-lo para uma missão suicida! O xeque queria fazer dele um shahid! Por Alá, isso era... era... era um orgulho!

"Seria para mim uma honra sem igual morrer ao serviço de Alá", proclamou, quase comovido. "O martírio em nome de Deus é o meu maior desejo e se Alá, na Sua infinita graça e generosidade, me conceder uma tal oportunidade, podeis estar certo de que não O decepcionarei."

"Sabes que te espera o Paraíso", afirmou Bin Laden com suavidade. "O Profeta, que a paz esteja com ele, numa ocasião em que enfrentava o inimigo disse: «As portas do Paraíso estão sob a sombra das espadas.» Um homem que o ouviu ergueu-se, despediu-se dos amigos, lançou-se contra o inimigo e combateu-o até morrer. O homem sabia que não iria sair vivo, daí que se tenha despedido. Este hadith prova, para lá de qualquer dúvida, que o apóstolo de Deus

defendia o ataque-suicida, desde que fosse para bem do islão, prometendo o Paraíso a quem o fizesse. O Profeta, que a paz esteja com ele, esclareceu num outro hadith: «O shahid possui seis características para Alá: ele é perdoado, entre os primeiros a serem perdoados; ser-lhe-á mostrado o seu lugar no Paraíso; não será punido no túmulo; está a salvo do supremo terror do dia do julgamento; a coroa da dignidade será colocada na sua cabeça; casará com setenta e duas mulheres no céu; e poderá interceder por setenta dos seus familiares». Assim sendo, como não aproveitar esta magnífica oportunidade de ir para o jardim eterno? Como ignorar que o shahid tem setenta e duas mulheres à sua espera no Paraíso?"

"Eu sei, xeque."

Nesse instante, Ibn Taymiyyah não pôde deixar de se lembrar do mudjahedin palestiniano que conhecera em Khaldan e que sonhava com as setenta e duas virgens que o aguardavam no Paraíso.

"O próprio Alá o diz na sura 4, versículo 74 do Santo Alcorão", retomou Bin Laden. "«Combatam na causa de Deus os que trocam a vida mundana pela outra! A esses, que combatam na senda de Deus e sejam mortos ou vencedores, dar-lhes-emos uma enorme recompensa». A recompensa é, como todos sabem, o Paraíso. Já na sura 9, versículos 88 e 89, Alá o esclarece: «O Enviado e os que com ele crêem combatem com as suas riquezas e as suas pessoas. Esses terão os bens e esses serão os bem-aventurados. Deus preparou-lhes jardins por onde correm rios. Neles viverão eternamente.» A importância da jihad é tal que o Profeta explicou certa vez: «Permanecer uma hora nas fileiras de combate no caminho de Alá é melhor do que rezar durante sessenta anos.»"

Tudo aquilo já Ibn Taymiyyah conhecia. Haveria porventura algum mudjahedin que ignorasse que Alá lhe prometia o Paraíso em caso de se tornar shahid?

Na verdade, em ponto algum do Alcorão ou da sunnah do Profeta dava Deus garantias de que o crente iria para os jardins eternos. Por mais que se esforçassem e tentassem respeitar com extremo rigor a sharia, os crentes acabavam sempre por cometer pecados e não havia garantias nenhumas de que Alá lhes perdoasse. A única circunstância em que essas garantias existiam ocorria justamente nos casos de martírio. Quem morresse em martírio iria com toda a certeza para o Paraíso, mesmo que tivesse cometido muitos pecados em vida. Assim sendo, como era possível um verdadeiro crente não desejar o martírio? Ser shahid era ver abrir-se uma entrada directa e segura no Paraíso, pelo que qualquer mudjahedin só podia ansiar ardentemente pela morte em jihad.

"Se Alá me convidar para os Seus jardins, aceitarei com grande alegria", garantiu Ibn Taymiyyah. "Diz-me o que tenho de fazer e será feito."

Bin Laden estendeu a mão e pousou-a no ombro do convidado, num gesto de apreço.

"És um verdadeiro crente, meu irmão", proclamou. "São mudjahedin como tu que permitirão reencaminhar a umma e salvar a humanidade, com a graça de Deus."

"A tua generosidade embaraça-me, xeque. Limito-me a cumprir o meu dever de crente que se submete à vontade de Alá. Quais são as tuas ordens?"

Bin Laden endireitou-se e assumiu a sua pose de emir dos mudjahedin.

"Lembras-te de eu te ter explicado o nosso plano para provocar os kafirun da aliança cruzados-sionistas a virem combater na nossa terra, de modo a despertar a umma e a provocar o colapso do inimigo?"

"Sim, o plano do califado. Tens um papel para mim nesse plano?"

O xeque assentiu com a cabeça.

"Tenho um papel muito, muito importante."

Ibn Taymiyyah levou a mão ao peito.

"Muito me honras, xeque. Se Alá me criou para desempenhar um papel assim tão importante na expansão da verdadeira fé, quero que saibas que estarei à altura de tão elevada missão. Nada me honra mais do que servir a Deus."

"O teu nome foi-nos sugerido pelos irmãos que te treinaram em Khaldan", revelou Bin Laden voltando-se para Al-Zawahiri, que acompanhava a conversa em silêncio.

"Meu irmão, podes explicar tu a ideia?"

O egípcio afinou a voz.

"A situação é a seguinte", começou por dizer. "Os kafirun vão atacar-nos aqui no Afeganistão. Todas as condições de segurança de que gozamos actualmente irão desaparecer nos tempos mais próximos. É por isso que estamos a plantar células adormecidas um pouco por todo o mundo. Quando passarem as primeiras vagas de ataques teremos de ter prontas respostas muito poderosas. Com a graça de Deus, as respostas serão dadas por essas células adormecidas, uma vez que eu receio que a operacionalidade do nosso comando esteja por essa altura comprometida." Fitou o convidado. "Estás a acompanhar o meu raciocínio até agora?"

"Sim, muito bem."

Al-Zawahiri apontou para ele.

"O que nós queremos é que tu sejas uma dessas células."

"Farei o que me for ordenado."

"A ideia é simples. A operação que os nossos valentes irmãos lançaram no abençoado dia 11 de Setembro, que essa data gloriosa fique gravada a ouro na

história da humanidade, mostrou que a aliança cruzados-sionistas, por mais

poderosa que seja, pode ser atingida nos seus pontos fracos. A América é uma grande potência, mas assenta numa fundação frágil e oca. Se atingirmos a fundação, o edifício desmoronar-se-á, inch'Allah! Precisamos, pois, de ti para lançar o mais mortífero dos ataques contra essa fundação."

"O que querem exactamente que eu faça?"

"Falei com Abu Nasiri para lhe dizer que estava à procura de um mudjahedin com um perfil muito específico para uma missão... digamos, especial. Abu Nasiri ouviu as minhas especificações e disse que, por acaso, tinha justamente em Khaldan um mudjahedin que encaixava na perfeição." Sorriu.

"Eras tu, claro."

"Folgo em saber que Alá, na Sua imensa sabedoria, encontrou um papel para mim nos Seus altos desígnios."

"Queríamos alguém que estivesse muito familiarizado com explosivos e que não tivesse sido ainda identificado pelos serviços secretos dos kafirun. Quando o Abu Nasiri falou de ti, fomos investigar a forma como chegaste a Khaldan e constatámos que foste enviado pela Al-Jama'a. Ora acontece que eu próprio, sendo egípcio, tenho muitos conhecimentos dentro da Al-Jama'a, pelo que me fui informar. O que me foi dito revelou-se realmente muito encorajador. Não só és um verdadeiro crente, daqueles capazes de dar a vida por Alá, como tens um curso de Engenharia, o que é muito útil na área dos explosivos. Além disso, nunca estiveste inscrito na Al-Jama'a e vives em Al-Lishbuna, uma cidade que se encontra totalmente fora dos circuitos dos verdadeiros crentes! Isso significa que nenhuma polícia tem o teu nome referenciado! É a cereja em cima do bolo, meu irmão, é que tens agora treino de mudjahedin. É... perfeito! Eu nem queria acreditar que tu existias! E, no entanto, aí estás tu, Deus seja louvado! És uma verdadeira dádiva de Alá para a grande jihad!"

Ibn Taymiyyah quase corou de orgulho.

"Farei o que precisarem."

"Precisamos que voltes para Al-Lishbuna e aí permaneças como uma célula adormecida, vivendo a tua vida normal até alguém te contactar e te entregar uma ordem codificada. Essa pessoa levará um plano para executar. Quando isso acontecer, obedecerás às instruções operacionais que te forem dadas."

"Mas o que precisam de mim exactamente? Que leve a cabo um assassinato?"

"Precisamos que montes uma bomba e a faças explodir no sítio que te for ordenado."

"TNT? Semtex?”

Bin Laden fez um gesto a Al-Zawahiri, indicando querer ele próprio retomar a condução da conversa.

Virou a cabeça e fitou Ibn Taymiyyah com gravidade.

"Nuclear."

O convidado abriu e fechou a boca, primeiro chocado, depois na dúvida sobre se teria escutado bem. "O quê?"

"Uma bomba nuclear."

Ibn Taymiyyah olhou em redor, para se certificar de que aquilo era a sério.

"Mas... mas...", gaguejou. Abanou a cabeça, tentando reordenar os pensamentos.

"Desculpem, querem que eu construa e faça explodir uma bomba nuclear?"

"Isso mesmo."

"Mas... não pode ser. Não se constrói uma bomba nuclear assim às três pancadas!

Uma bomba dessas é muito complexa, requer muitos meios e material sofisticado.

Além disso..."

"Ao que nos dizem", cortou Bin Laden com a sua voz calma e suave, "o princípio é até elementar."

O mudjahedin afagou a barba, pensativo enquanto reconsiderava a questão.

"Bem... sim, é verdade", admitiu ao fim de alguns instantes. "Embora o fabrico de uma bomba dessas requeira primeiro a produção de materiais muito raros... plutónio ou urânio enriquecido. Eu não quero desanimar ninguém, mas só para obter esse combustível nuclear é preciso reunir uma equipa multidisciplinar e equipamento de ponta, como centrifugadoras e coisas do estilo. Depois o trabalho levará, à vontade, uma década. Acima de tudo, é preciso considerar que não será fácil encontrar onde..."

"Nós temos o material nuclear."

"O quê?"

"Foi-nos entregue há uns anos por um comando checheno, como pagamento pelas acções de treino para a jihad contra os kafirun russos no Cáucaso."

"Onde o arranjaram eles?"

"Roubaram-no de umas instalações russas, acho eu. Não interessa. O facto é que, com a graça de Deus, temos o material."

"E que material é esse? Urânio? Plutónio?"

"Urânio."

A sua mente de engenheiro começou a funcionar a grande velocidade, contemplando as possibilidades que inesperadamente se lhe abriam.

"E qual o grau de enriquecimento?"

"Noventa por cento."

"Por Alá, isso serve!", exclamou com súbito entusiasmo. "Onde está esse

urânio?"

Bin Laden sorriu. "Em Khaldan."

Ibn Taymiyyah abriu a boca, perplexo. Havia urânio enriquecido em Khaldan? Mas onde? Trabalhara em explosivos com Abu Nasiri e não se lembrava de ver qualquer material radioactivo no campo de treinos. Ele próprio fora muitas vezes buscar explosivos às grutas que serviam de arsenal e... e...

Bateu na testa quando a ideia lhe ocorreu.

"Por Alá!", exclamou. "A terceira gruta!" O urânio estava na terceira gruta! Daí que Abu Nasiri o tivesse proibido de a visitar! Pudera! Havia urânio enriquecido na terceira gruta!

"Como dizes, meu irmão?"

A sua mente voltou à galeria onde decorria o jantar.

"Eu?", admirou-se por ter falado alto. "Nada, nada. Estava apenas a... a falar comigo próprio."

Bin Laden manteve o olhar preso nele, como se o avaliasse.

"Achas-te capaz de cumprir esta missão?"

"Sem dúvida!", exclamou sem hesitar. "Pode contar comigo, xeque."

"A construção da bomba... não é impossível, espero."

"Não, não. Se eu tiver urânio enriquecido em quantidade suficiente, isso faz-se sem grandes problemas técnicos. Como o senhor disse há pouco, os princípios são simples."

"E a tal década de que estavas a falar ainda há instantes?"

"Isso era para enriquecer o urânio ou para produzir plutónio. Mas se já dispomos de urânio enriquecido esse problema não se põe."

Finalmente convencido de que o homem diante dele estava à altura da missão, o xeque esfregou as mãos.

"Excelente! Excelente!", exclamou. "Vou então dar instruções ao Abu Omar e ao Abu Nasiri para te ajudarem. Considerando que os kafirun vêm aí, o material radioactivo vai ter de ser imediatamente transportado para um sítio mais seguro."

Ibn Taymiyyah ergueu o sobrolho.

"Atenção que há problemas de segurança muito importantes. É preciso levar o material para um local discreto, montar a bomba e depois transportá-la para o alvo.

Isso não é tão simples como à primeira vista possa parecer..."

"Deixa isso connosco. Quero que sigas a tua vida normal e não te faças notar.

Quando chegar o momento certo, serás contactado. Nessa altura, só terás de montar a bomba e, com a graça de Deus, fazê-la detonar no local apropriado. O

resto é um problema nosso"

"Como saberei eu que a pessoa que me vai contactar é genuína?"

"Ela dir-te-á uma senha com o nome de código da operação. A senha é o versículo 16 da sura 8 do Santo Alcorão."

O convidado fez um esforço de memória para localizar o versículo em questão.

"Versículo 16... versículo 16..."

"É aquele que avisa os crentes de que não devem fugir da jihad sob pena de irem para o grande fogo."

"Ah, já sei!", exclamou Ibn Taymiyyah, identificando enfim o versículo. "«Quem volte então as costas — a menos que seja para retornar ao combate ou para se unir a outro grupo de combatentes — incorrerá na fúria divina, e o seu refúgio será o Inferno»."

O xeque assentiu.

"E essa a senha."

"Muito bem. E o nome da operação?"

"Já te disse: está inserido nesse versículo."

O visitante fez um ar desconcertado.

"Mas o versículo é longo, xeque", argumentou. "Quais as palavras nele contidas que são o nome de código da operação?"

Antes de responder, Bin Laden ergueu-se da mesa e deu o jantar por terminado. Os outros três homens seguiram-lhe o exemplo e Ibn Taymiyyah ficou à espera da resposta.

O xeque olhou então para ele.

"Gbadhabum min'Allah", murmurou. "Fúria Divina."

LIII

As atenções do grupo estavam todas voltadas para a linha que Tomás rabiscara no bloco de notas a partir da mensagem interceptada à Al-Qaeda. Os homens da CIA olhavam para o gatafunho e abanavam a cabeça, sem entender o que viam.

SURAH 8 AYAH 16

"Shit!", praguejou Frank Bellamy na sua voz rouca e tensa. "É uma nova fucking charada!"

"Não, não é", corrigiu Tomás. "São palavras e números árabes. Mais do que isso, é uma referência corânica! Diz-se surah ou sura e significa capítulo. Ayah quer dizer versículo. Ou seja, capítulo 8, versículo 16. A mensagem remete para um versículo do Alcorão!"

"I'm be damned!", exclamou Bellamy, a atenção vidrada na linha decifrada. "Que versículo é esse?"

"Não sei." O historiador olhou em redor. "Tem aí algum exemplar do Alcorão?"

Rebecca dobrou-se e pegou na pasta que guardara aos pés de uma mesinha.

"Eu tenho!", anunciou, abrindo a pasta e começando a vasculhá-la. "Desde que ando a lidar com esta gente que não largo o Alcorão." A mão parou de remexer o interior, como se tivesse localizado o que procurava.

"Aqui está!"

Entregou o livro a Tomás, que logo se pôs a folheá-lo.

"Sura 8... sura 8... sura 8...", murmurou, os dedos a passarem as páginas a grande velocidade. "Ah! Encontrei!" O indicador deslizou pelos versículos do capítulo. "Vamos lá ver o... o... o versículo 16."

A unha do historiador cravou-se na linha onde começava o versículo e os três inclinaram a cabeça para ler o que lá se encontrava.

"«Quem volte então as costas — a menos que seja para retornar ao combate ou para se unir a outro grupo de combatentes — incorrerá na fúria divina, e o seu refúgio será o Inferno»", leu Rebecca.

"Fucking bell!", praguejou Frank Bellamy, os dentes cerrados. "Mais um mistério! Eu não digo? Esta merda não acaba! Cada charada encerra uma nova charada e não saímos disto."

"Não há aqui mistério nenhum", disse Tomás, esforçando--se por interpretar o que lera. "Esta é uma ordem de Alá para que os muçulmanos façam a guerra contra os infiéis, proibindo os crentes de fugirem a não ser para prepararem um novo ataque."

Bateu com o dedo na página do Alcorão. "O que temos aqui é uma ordem operacional."

"Uma ordem de Alá."

"Sim. Mas também uma ordem da Al-Qaeda. Ou seja, ao enviar a referência deste versículo, Bin Laden ordenou ao seu operacional em Lisboa que desencadeasse a operação terrorista." Ergueu a cabeça e mirou Rebecca. "Quando é que esta mensagem foi colocada no endereço da Al-Qaeda na Internet?"

"Há dois meses."

Tomás voltou-se para o operador americano que vigiava o processamento de dados da comparação biométrica em curso.

"Oiça... você chama-se Don, não é?"

O rapaz voltou a cabeça, surpreendido por ser interpelado. "Yes, sir. Don Snyder."

"Don, não é preciso fazer a comparação das fotografias dos meus alunos com a dos visitantes que entraram nos Estados Unidos nos últimos dois anos. Restrinja o universo de pesquisa aos visitantes que entraram no país nos últimos dois meses."

Don olhou para Frank Bellamy, como se pedisse autorização.

"Sír?"'

Bellamy assentiu. "Do it."

O operador voltou-se para o ecrã e desatou a digitar no teclado as novas ordens.

"Isto vai acelerar consideravelmente as coisas", disse Don, visivelmente satisfeito.

"Com um pouco de sorte, talvez amanhã já tenhamos a identificação biométrica completa."

Tomás levou os dedos à boca e pôs-se a mordiscar uma unha, os olhos perdidos no infinito.

"Ora bem, a mensagem foi enviada há dois meses...", murmurou, a mente perdida em cogitações. Olhou de novo para Rebecca.

"Diga-me uma coisa, quanto tempo leva a montar e transportar uma bomba nuclear para um alvo?"

"Depende do alvo."

"Imagine que tem o urânio enriquecido no Paquistão e precisa de o

transformar numa bomba para a fazer explodir algures nos Estados Unidos."

"Estou a perceber o seu raciocínio", observou Rebecca. "Se eu tiver o urânio enriquecido em quantidade suficiente, a montagem da bomba é uma coisa simples.

Pode, em último caso, fazer-se em apenas vinte e quatro horas num sítio qualquer.

Até numa garagem ali em Bethesda. Em todo este processo, o que leva mais tempo é colocar o urânio enriquecido aqui na América. E, claro, há o problema do tempo que leva obter o visto."

"O nosso suspeito é cidadão português", lembrou Tomás. "Não precisa de visto."

"Pois, tem razão. Nesse caso eu diria que toda a operação se pode completar em um ou dois meses."

Fez-se silêncio na sala. Apenas se ouvia o sussurro leve dos computadores a processarem informação. Os três viraram os olhos para a janela e contemplaram o exterior, como se esperassem ver, a todo o instante, a nuvem de cogumelo a formar-se no céu.

"Então o tempo esgotou-se."

LIV

O The Washington Post dessa manhã trazia as notícias do costume. A primeira página era dominada por um bombardeamento surpresa efectuado por Israel contra presumíveis alvos do Hamas na Faixa de Gaza e pela fotografia de uma criança palestiniana ensanguentada que havia sido resgatada dos escombros e exibida perante as câmaras como uma shahid. Um porta-voz do Hamas jurava vingança e citava as palavras do Profeta, mencionadas no final do artigo sétimo da constituição do seu movimento, prometendo que "o julgamento final não virá até que os muçulmanos lutem contra os judeus e os matem".

Numa caixa à parte vinha o anúncio pelo Irão de que o seu presidente ia levar o assunto à Assembleia Geral da ONU, que se iria reunir daí a dois dias, enquanto os países da União Europeia, ao mesmo tempo que renovavam promessas de falar a uma só voz sobre o assunto, emitiam as habituais opiniões díspares.

"Sempre a mesma merda!", murmurou Tomás, agastado com o carácter repetitivo das notícias.

Mudou de página.

O presidente americano fazia um qualquer apelo ao Congresso para que autorizasse um pacote de incentivos à indústria das energias alternativas.

Seguiu em frente, passando distraidamente os olhos pelos cabeçalhos, e depressa chegou à página desportiva. Procurou notícias sobre o futebol europeu, mas as atenções do jornal americano pareciam concentrar-se numa vitória espectacular dos LA Lakers sobre os Chicago Bulls. Podia ser uma notícia galvanizante para os Americanos, mas ele, um europeu, pousou uns olhos entediados naquelas linhas.

Trrr-trrr.

O toque do telemóvel despertou-o da sua letargia. Meteu a mão no bolso e tirou-o.

"Está lá?"

"Tom, por onde diabo anda você?"

"Estou aqui no business center do hotel a ler o jornal. Porquê?"

"Isso é mesmo aqui ao lado da recepção, não é?"

"Sim. Tem uma grande porta de vidro. Se vier pela porta principal, vire à

direita e logo verá que..."

Quando ainda ia a meio da frase, Tomás viu a porta do business center abrir-se e o corpo ágil de Rebecca entrar apressadamente, o telemóvel colado à cabeça dourada.

"Até que enfim que o encontro!", exclamou ela, desligando o telemóvel e estendendo o braço na direcção do português. "Estou farta de lhe telefonar e você não atende."

"Desculpe, só liguei o telemóvel há instantes."

Rebecca pegou-lhe na mão e puxou-o, obrigando-o a levantar-se.

"Venha daí! Não há tempo a perder!"

Arrancado quase à força do seu lugar, Tomás ainda teve tempo de atirar o jornal para a mesa.

"O que foi? O que aconteceu?"

Sem se voltar para trás, a americana empurrou a porta de vidro e arrastou o português para o Hall do hotel. "O computador do Don já terminou a busca", anunciou. "Temos a identificação biométrica completa."

Ao contrário do que acontecera na véspera, nesse dia a sala de operações da CIA em Langley estava apinhada de gente. As pessoas conversavam animadamente, as mãos a segurar canecas de café com o logótipo da agência, mas não pareciam fazer grande coisa.

No instante em que Rebecca entrou na sala com Tomás, o burburinho morreu e a pequena multidão abriu alas para os deixar passar. O português ficou intimamente surpreendido por lhe ser dada tanta importância, mas fingiu que tudo aquilo era normal e, muito seguro de si, acompanhou a loira americana até junto de Frank Bellamy.

"Você está fucking atrasado!", rosnou o responsável da NEST, o olhar duro a chispar na direcção do historiador.

"Tinha o telemóvel desligado", retorquiu Tomás, como se isso explicasse tudo.

"Então o que se passa?"

Bellamy voltou-se na direcção de Don Snyder, que permanecia sentado no mesmo lugar em que o historiador o vira na véspera, como se nunca dali tivesse saído.

"Passa-se que o computador terminou a busca", disse. "Mostra-lhe, Don."

O operador digitou o teclado e o ecrã encheu-se com o retrato de um homem.

"A identificação biométrica entre as fotografias seleccionadas pelo professor Noronha e a nossa base de dados com as imagens de todos os homens que entraram nos últimos dois meses nos Estados Unidos estabeleceu duas dezenas de ligações, a maior parte inverosímeis. Descobrimos que oito antigos alunos do

professor Noronha vieram ao nosso país nos últimos dois meses e que sete já voltaram para Portugal."

"Então há um que ainda cá está."

Don apontou para o rosto no ecrã.

"É este indivíduo", disse. "Rafael Cardoso. O suspeito chegou ao aeroporto de Miami há uma semana e está hospedado no Holiday Inn. Já pusemos alguns homens a vigiá-lo."

"O que acha, Tom?", perguntou Bellamy. "É este o nosso homem?"

Tomás observou o rosto imberbe do seu antigo aluno. A legenda por baixo da fotografia indicava que ele se chamava Rafael da Silva Cardoso. O professor lembrava-se vagamente dele, tinha frequentado as suas aulas de Línguas Antigas alguns anos antes.

"Não me parece", disse, abanando a cabeça com cepticismo. "Não têm mais ninguém?"

"Os outros sete já regressaram a Portugal."

"Mostre-mos."

O operador voltou a digitar o teclado e no ecrã passou uma sucessão de rostos, que Tomás perscrutou com atenção.

"Nenhum destes meus antigos alunos parece ter nada de extraordinário", concluiu no final, decepcionado. "Não há mais?"

"Receio que não."

Tomás respirou fundo e um burburinho de desalento percorreu a sala. Sentindo que todos os olhos e todas as esperanças estavam pousados em si, o historiador não se deu por vencido.

"Disseme há pouco que a busca produziu dezenas de resultados..."

"Sim, mas os restantes são inverosímeis."

"Como assim, inverosímeis? O que quer dizer com isso?"

Don atacou o teclado mais uma vez.

"É normal a comparação dar resultados errados, uma vez que pode haver certas linhas do rosto semelhantes entre pessoas diferentes. Quando as semelhanças são muito grandes, isso confunde o computador." Duas fotografias apareceram no ecrã lado a lado. "Por exemplo, a imagem da esquerda é a do seu antigo aluno Filipe Tavares.

A da direita é de Dragan Radanovic, um serralheiro de Belgrado. Dadas certas semelhanças fisionómicas entre ambos, o computador emparelhou as fotografias e pensou que se tratava da mesma pessoa. É um erro, como é óbvio."

O português balançou afirmativamente a cabeça, percebendo o problema, mas ainda não estava disposto a atirar a toalha ao chão.

"Quantos erros destes ocorreram?"

Don carregou numa tecla e obteve as estatísticas.

"Trinta e um."

"Mostre-mos todos."

O operador olhou para Frank Bellamy, como quem diz que tudo aquilo era já perda de tempo. Porém, o superior hierárquico fez com a cabeça sinal de que obedecesse e Don foi buscar todas as comparações falhadas.

As parelhas de rostos começaram a suceder-se. O primeiro caso comparava um antigo aluno de Tomás com um visitante italiano, o segundo era o de outro aluno com um brasileiro e assim sucessivamente, sempre um antigo aluno emparelhado com um visitante de outra nacionalidade qualquer. À décima sétima parelha, porém, Don quebrou o silêncio.

"Este caso é curioso", disse, indicando o ecrã. "Em vez de ser um ex-aluno seu português emparelhado com um visitante estrangeiro, é um ex-aluno seu árabe que o computador emparelhou com um visitante português." Soltou uma gargalhada.

"Cómico, não é?"

A observação fez Tomás fixar os olhos com mais atenção nas duas fotografias.

"Como se chama este aluno?" Don procurou a tecla da legenda.

"Ahmed ibn Barakah. É egípcio. O computador emparelhou-o com o engenheiro Alberto Almeida, de Palmela."

O historiador manteve os olhos colados ao rosto do seu antigo aluno. Tinha uma vaga ideia dele. Tratava-se de um rapaz calado e, tanto quanto se lembrava, aparecera a poucas aulas alguns anos antes. À medida que Tomás olhava para a fotografia e fazia um esforço de memória, as lembranças iam fluindo. Teve a impressão de ter falado uma vez com aquele estudante e, logo que se recordou disso, sentiu uma reminiscência desconfortável dessa conversa. O rapaz dissera algo que lhe chamara a atenção. Que teria sido?

Cerrou os olhos e fez um novo esforço de memória.

Fixava o rosto e procurava associar-lhe conversas; esforçou--se tanto que o pormenor desagradável acabou por se tornar presente. O seu antigo aluno fizera um comentário agreste contra os judeus e dissera-lhe qualquer coisa sobre o facto de a história não estar acabada... Como fora que ele pusera a questão? Ah, tinha dito que um dia seriam os historiadores muçulmanos a analisar o passado cristão da Península Ibérica e que...

Num gesto quase reflexo, esticou o braço e apontou para o ecrã.

"É ele!"

Os americanos em redor olharam para o português sem entenderem.

"Como?"

"É ele o homem da Al-Qaeda!"

LV

Os rostos estavam presos ao ecrã como se estivessem a reavaliar a imagem para a qual Tomás apontava o dedo acusador. A face imóvel do visitante suspeito fitava o vazio, eternizada pela câmara aduaneira ao lado da imagem fornecida pela Universidade Nova de Lisboa. A indicação por baixo de cada fotografia identificava o rosto do visitante como pertencendo ao engenheiro Alberto Almeida e o rosto do estudante como de Ahmed ibn Barakah.

Dois nomes diferentes, mas a face era a mesma.

Após um primeiro instante de silêncio entorpecido, uma algazarra de ordens explodiu na sala de operações da CIA e toda a gente se pôs em movimento.

"Don!", berrou Bellamy, os olhos presos na face exibida pelo ecrã. "Onde diabo está alojado este motherfucker?"

Nem tinha sido preciso emitir a ordem, uma vez que Don digitava já furiosamente no teclado. As fotografias desapareceram do ecrã e, em sua substituição, apareceram sequências de palavras com toda a informação relativa ao visitante suspeito.

"Alberto Almeida deu entrada nos Estados Unidos pelo aeroporto de Orlando há exactamente... trinta e três dias. Proveniente de Madrid. Indicou como morada o Marriott de Orlando."

"Liga-me ao Marriott", ordenou Bellamy para Don.

Depois olhou para o homem que estava ao seu lado "Passa-me a Casa Branca. Quero falar com o David Shapiro."

Don fez de imediato a ligação para a Florida pelo computador. O tom de chamada encheu por duas vezes os altifalantes até que se ouviu o clique de atendimento.

"Hotel Marriott, bom dia. Em que posso ajudá-lo?"

"Passe-me o gerente, por favor", ordenou Don. " É urgente."

"Com certeza. Espere um momento, por favor." O tom suave de uma música de salão encheu a linha por uns instantes, seguida do toque de chamada.

"Daqui Hughs."

"O senhor é o gerente do Marriott de Orlando?"

"Sim. Em que posso ajudá-lo?"

"O meu nome é Don Snyder e estou a ligar-lhe de Langley. Sou da CIA e

preciso de obter com muita urgência uma informação sobre uma pessoa que se hospedou aí."

Fez-se um breve silêncio na linha.

"Isto é alguma brincadeira?"

"Infelizmente, não. Poderemos enviar alguém com as credenciais necessárias, mas o caso é de tal modo urgente que agradecia que confiasse em mim e me desse de imediato a informação. O meu número está decerto registado na vossa central telefónica e vocês podem confirmar que estou mesmo a ligar de Langley."

A voz do outro lado hesitou, como se estivesse a tomar uma decisão.

"Muito bem", suspirou o gerente do Marriott. "Como se chama esse hóspede?"

"Alberto Almeida. Quer que soletre?"

"Sim, por favor."

Don soletrou o nome e fez-se silêncio na linha, enquanto o gerente verificava a informação no computador do hotel.

"Tivemos de facto um Alberto Almeida hospedado aqui no hotel. Era um indivíduo com nacionalidade do Paraguai... perdão, de Portugal. Dormiu cá uma noite e fez check-out logo na manhã seguinte. Pagou em cash."

"Não há indicações relativas ao sítio para onde ele foi?"

"Não. Como deve calcular, nunca perguntamos isso aos nossos clientes."

Quando Don pôs termo à ligação com o Marriott, já Frank Bellamy estava em linha com a Casa Branca a comunicar as novidades. O responsável da NEST afastou-se e saiu da sala de operações, fechando-se num cubículo envidraçado para não ser escutado.

"E agora?", perguntou Tomás.

"Já lançámos um alerta nacional para localizarem esse tipo", respondeu Rebecca com ar grave. "Mas se ele chegou há um mês aqui aos Estados Unidos... não sei, não. Com o urânio enriquecido em quantidade suficiente, a construção da bomba completa-se num instante."

Don voltou ao teclado.

"Vou proceder a uma busca com a NORA."

"O que é isso?"

"Non Obvious Relationship Analysis", disse, descodificando o acrónimo. "Acreditem ou não, é um sistema de cruzamento de dados que foi desenvolvido pelos casinos de Las Vegas. Muito eficiente." Pôs a língua no canto da boca, como uma criança, e começou a soletrar à medida que ia digitando. "A-l-b-e-r-t-o-A-l-m-e-i-d-a."

Acrescentou todos os dados que constavam da ficha aduaneira do aeroporto

de Orlando e depois, por cautela, inseriu também o nome Ahmed ibn Barakah. A ampulheta do computador começou a girar enquanto processava a informação.

"Explica-me o que estás a fazer", pediu Rebecca, aproveitando a pausa dada pelo computador.

"A NORA combina a informação sobre a identidade de uma pessoa com as bases de dados das companhias de crédito, os registos públicos e a informação que consta dos computadores dos hotéis e de mais uma série de sítios. O sistema funciona através da construção de hipóteses baseadas em informação real."

"Não percebo."

"Isto foi uma ideia dos casinos para detectar fraudes", explicou Don, um olho na ampulheta que continuava a girar, o outro em Rebecca. "A NORA pode descobrir, por exemplo, que a irmã de um dealer de blackjack foi há dois anos vizinha de um homem que ganhou duzentos mil dólares durante um jogo controlado por esse mesmo dealer. A relação entre o dealer e o vencedor é assim estabelecida e permite ao casino investigar se houve ou não batota."

"Ah, já entendi!"

"O sistema permite fazer também outro tipo de associações. Um nome árabe pode ser grafado Otmane Abderaqib em Africa ou Uthman Abd Al Ragib no Iraque. A NORA consegue emparelhar estes dois nomes, o que..."

Uma voz encheu de repente os altifalantes da sala de operações, interrompendo a conversa.

"Atenção a toda a gente! Atenção!"

Era a voz rouca de Frank Bellamy.

Tomás olhou para o cubículo envidraçado e constatou que o responsável da NEST

havia terminado o telefonema com o conselheiro presidencial e tinha um microfone colado à boca.

"Acabei de falar com a Casa Branca e, com base na informação que lhe fornecemos, o presidente acabou de decretar DEFCON 2. Estamos em DEFCON 2. Estamos em DEFCON 2."

Um silêncio estarrecido impôs-se na sala de operações.

"Já vi isto nos filmes..." murmurou Tomás.

"DEFCON 2 é o segundo grau de emergência mais elevado dos Estados Unidos", explicou Rebecca também em voz baixa. "Isto significa que as nossas forças militares foram postas em estado de alerta máximo devido à possibilidade de um ataque iminente. Que eu saiba, a última vez que DEFCON 2 esteve em vigor foi durante a crise dos mísseis em Cuba."

"E no 11 de Setembro?"

"Estivemos em DEFCON 3."

"Portanto, isto agora é mais sério..."

Rebecca fitou-o fixamente.

"Tom, estamos a falar de uma bomba nuclear."

A ampulheta do computador parou de girar e o ecrã foi preenchido por uma avalancha de informações. Don aproximou os olhos e estudou as conclusões do gigantesco cruzamento de dados.

"Pessoal", chamou. "Venham ver isto."

As pessoas que estavam na sala convergiram para o lugar do operador e fixaram a atenção no ecrã, onde o programa NORA relacionava todos os dados e fornecia enfim o paradeiro de Alberto Almeida, aliás Ahmed ibn Barakah, aliás Ibn Taymiyyah.

"O motherfucker está em Nova Iorque."

LVI

O Chevrolet branco esperou pelo sinal verde para arrancar. Quando a luz se acendeu, pôs-se em marcha e virou imediatamente à direita, metendo pelo bairro de vivendas da classe média, uma área agradável cheia de árvores e zonas ajardinadas. O sol escondia-se por entre as nuvens cinzentas, espalhando uma luminosidade melancólica, e o rio Hudson corria com lentidão lá ao fundo, as águas escuras a espelharem a floresta de arranha-céus que se estendia pela outra margem.

"Tem a certeza de que é por aqui?"

Rebecca sacudiu a cabeça para afastar os cabelos loiros que lhe descaíam da testa para os olhos e deu uma nova espreitadela ao mapa.

"É por aqui, é", confirmou. "Não conheço muito bem New Jersey, mas fique descansado que eu já descubro o local."

O olhar de Tomás prendeu-se na ponta sul de Manhattan, do outro lado do rio.

Mesmo passados todos estes anos era estranho não ver ali as duas torres gémeas do World Trade Center.

"Como é possível que a Al-Qaeda tenha metido aqui cinquenta quilos de urânio altamente enriquecido e ninguém tenha dado por nada?", perguntou, vagamente irritado. "Vocês montam um grande aparato de segurança nos aeroportos e no fim deixam passar uma coisa dessas?! Como é isso, possível?"

Rebecca mantinha os olhos presos à estrada, em busca da sinalização que a ajudaria a reencontrar o caminho certo.

"Traficar grandes quantidades de urânio enriquecido para os Estados Unidos não é nada de especial", observou. "É até a coisa mais fácil do mundo!"

"Desculpe?"

Mais uma olhadela para o mapa de ruas, para se certificar da sua posição.

"Olhe, há uns anos uma estação de televisão aqui de Nova Iorque, a ABC, despachou em Djakarta uma pasta com sete quilos de material radioactivo para um endereço em Los Angeles. Depois ficou à espera para ver o que iria suceder. Pois sabe o que aconteceu? Algum tempo mais tarde, a pasta foi entregue absolutamente intacta na morada prevista.

Ou seja, aquele material nuclear passou pela goddam alfândega do porto de

Los Angeles sem que ninguém suspeitasse da mínima coisa!"

"Vocês não têm nas alfândegas equipamento para detectar material radioactivo?"

"Claro que temos."

"Então como foi possível que essa pasta não tivesse sido detectada?"

"Tom, você tem de perceber como as coisas funcionam nas alfândegas", disse Rebecca. "Antes de um navio chegar, os nossos fiscais aduaneiros consultam os manifestos de carga e os portos de origem para determinar o grau de risco que envolve cada cargueiro. Imagine que um navio partiu da Colômbia. Se considerarem que o risco de tráfico de droga é muito elevado nesse navio, podem decidir analisar a sua carga. Nesse caso submetem os contentores do cargueiro suspeito a uma análise de raios X e de outros sistemas que envolvem raios gama, de modo a obter uma imagem mais precisa do seu interior. Se detectarem alguma coisa estranha podem abrir o contentor e inspeccionar o seu conteúdo."

"Muito bem. Então porque não o fazem?"

"Porque todos os dias há cento e quarenta navios a entregar nos portos americanos cinquenta mil contentores com mais de meio milhão de produtos provenientes de todo o planeta! Eis porquê! Só o porto de Los Angeles, sabe quantos contentores recebe por dia? Onze mil! E sabe quanto tempo levam cinco funcionários a inspeccionar um único contentor? Três horas! E, já agora, tem a noção de quantos portos de águas profundas existem na América? Mais de trezentos! Isto significa que, se pegar em cinquenta quilos de urânio altamente enriquecido e os colocar numa caixa de produtos de ténis, e depois escrever no manifesto que o conteúdo da caixa são raquetes, pode ter a certeza de que a porra da caixa chegará ao seu destino sem grandes obstáculos! Foi isso o que aconteceu com a pasta da ABC. E se a ABC¨descobriu que é assim tão fácil traficar produtos radioactivos usando o sistema de correio normal, acha que a Al-Qaeda não descobriu também?"

"Pois, tem razão."

"As hipóteses de intercepção são diminutas e sabemos que a Al-Qaeda faz de facto uso frequente de cargueiros para transportar armas. É por isso que a aquisição de urânio altamente enriquecido é o único ponto verdadeiramente difícil numa operação para levar a cabo um atentado nuclear. Se eles conseguirem vencer esse obstáculo e tiverem acesso ao material nuclear em quantidade suficiente, transportá-lo depois para o alvo e construir a bomba não passa de uma brincadeira de crianças!"

Tomás manteve os olhos fixos nas vivendas pelas quais passavam, a mente a considerar as opções.

"Portanto, não tem dúvidas de que a bomba já está montada?"

"Nenhumas", disse ela, enfática. "Eles podem ter perdido algum tempo com o transporte do urânio enriquecido para os Estados Unidos. Um barco não é muito veloz, não é verdade? Mas se possuem de facto o material e se o nosso homem recebeu a ordem de passar à acção há dois meses, isso é tempo mais do que suficiente para completar a operação. A bomba atómica da Al-Qaeda já deve estar pronta."

"Então porque não a detonaram ainda?"

O carro fez uma curva para a esquerda, Rebecca verificou mais uma vez a sua posição no mapa e abrandou, encostando ao passeio por detrás de um carro cinzento-escuro.

"Não sei", disse ela. "Mas o nosso terrorista sabe."

Inspeccionou as vivendas em redor e, identificando os números dos portões, apontou para um telhado ao fundo da rua, a casa protegida por muros altos.

"É ali."

"O quê?"

"O poiso do suspeito."

Os dois agentes do FBI estavam a comer um hot dog e a ouvir a música do rádio quando Rebecca e Tomás lhes entraram no carro. Depois de os dois recém-chegados se identificarem, os homens do Bureau fizeram-lhes um briefing com o ponto da situação.

"O Fireball está lá dentro", apontou Ted, o homem do FBI que parecia liderar o duo.

"Quem?"

"É o nome de código que demos ao suspeito. Vimo-lo entrar há pouco com um saco de compras. Tirámos muitas fotografias."

"Posso vê-las?", pediu Tomás.

Uma máquina fotográfica com um zoom tão grande que parecia um canhão materializou-se nas mãos do companheiro de Ted. O agente do FBI virou para o português o pequeno ecrã que se encontrava nas costas da câmara.

"Está aqui."

As imagens apareceram no pequeno ecrã, mostrando sucessivas fotografias de Ahmed a carregar enormes sacos de compras; viam-se até as pontas de carcaças pontiagudas a espreitar pelos cantos.

"É ele", confirmou o historiador. "A barba está maior e dá a impressão de ter emagrecido, mas é realmente ele."

"A comer desta maneira, até admira que esteja mais magro", gracejou Ted.

"Ele encontra-se sozinho?"

"Assim parece." Indicou as redondezas. "Os nossos homens já andam a

questionar os vizinhos e as lojas da zona, mas parece que nunca viram o Fireball com ninguém."

"E o urânio?", quis saber Rebecca. "Já o detectaram?"

O homem do FBI abanou a cabeça, a boca agora a mastigar os últimos pedaços de hot dog.

"Nope."

"O que fizeram vocês para o localizar?"

"Pouca coisa", reconheceu Ted. "Quando o Fireball saiu para as compras, passámos diante dos muros da casa com o contador geiger. Não acusou nenhuma radioactividade."

"Isso não quer dizer nada", insistiu Rebecca. "O urânio pode estar na cave da casa, protegido por folhas de chumbo. Se for o caso, o contador não o consegue detectar."

"É verdade."

"Então o que planeiam vocês fazer?"

"Daqui a pouco vamos rebentar o sistema eléctrico da casa. Temos as linhas telefónicas interceptadas e, quando ele telefonar a pedir assistência, a chamada será desviada para uma unidade nossa. A unidade fará deslocar um carro até à vivenda e apresentar-se-á para reparar a suposta avaria e restaurar a electricidade."

"Ah, estou a perceber. Vão meter o contador geiger a funcionar lá dentro."

"Isso. E vamos plantar microfones por toda a casa."

"E se o contador não detectar nada? Lembre-se de que o material pode estar bem protegido..."

"Se nada detectarmos e se considerarmos que a busca ficou incompleta, esta madrugada, quando o Fireball estiver a dormir, vamos inserir uma unidade na casa para fazer uma busca mais pormenorizada."

Tomás ficou admirado com esta parte do plano.

"Isso não é arriscado?"

Ted voltou-se para trás e sorriu.

"Viver é arriscado."

O plano desenrolou-se com a eficiência de um relógio. Ao anoitecer, e conforme previsto, as luzes da casa extinguiram-se subitamente. Tomás viu um ténue clarão passar por uma janela; era decerto Ahmed que deambulava pela casa com uma vela na mão.

Uma hora depois chegou ao local uma carrinha com as palavras General Electric estampadas nas portas. Dois homens de fato-macaco azul-escuro saíram da carrinha com equipamento e foram bater ao portão. Após um breve compasso de espera, o clarão reapareceu e o portão abriu-se. Um vulto indistinto, que

Tomás presumiu ser Ahmed, espreitou do portão e, após o que pareceu uma breve troca de palavras, os três desapareceram para lá dos muros da vivenda.

"Aqui vamos nós", murmurou Ted, desligando a música do rádio e aumentando o volume do aparelho de intercomunicações.

Acto contínuo, os dois homens do FBI retiraram as pistolas dos coldres ocultos por baixo dos casacos e puseram-se a verificar as balas.

"O que é isso?", admirou-se Tomás. "Vai haver confusão?"

"Se houver alguma anomalia, os nossos homens têm ordens para dar o alerta", disse Ted sem tirar os olhos da pistola. "Nesse caso teremos de assaltar de imediato a casa."

Passaram-se duas horas de angustiante expectativa. De quinze em quinze minutos os agentes nos diferentes carros do FBI que vigiavam a casa estabeleciam comunicação entre si para verificar se estava tudo bem, e o facto é que a resposta era sempre a mesma.

"Nada a assinalar."

De repente as luzes foram restabelecidas na casa e, minutos mais tarde, os dois homens de fato-macaco apareceram no portão e fizeram adeus a Ahmed, que os acompanhara. Meteram-se na carrinha e arrancaram dali.

Crrrrrr.

"Electric One, Electric One", chamou uma voz na intercomunicação. "O que descobriram vocês?"

"Nada, Big Mother", devolveu outra voz, presumivelmente de um dos supostos electricistas.

"O mostrador do geiger apenas se animou levemente numa passagem pela cozinha, mas nada de especial. No resto da casa o geiger registou tudo normal."

"E a cave?"

"Não conseguimos ir lá."

"Porquê?"

"Estava fechada e o Fireball disse-nos que, assim às escuras, não conseguia encontrar a chave. Pareceu-me um pouco nervoso e achámos melhor não insistir."

"E os microfones?"

"Instalámos tudo. Pode começar a testar."

"Okay, obrigado Electric One. Bom trabalho."

O diálogo foi acompanhado do carro onde se encontravam Rebecca e Tomás. Uma vez terminada a troca de palavras, Ted baixou o volume do aparelho de intercomunicações e voltou a ligar o rádio para sintonizar uma estação de jazz.

"E agora?", perguntou Tomás.

"Não ouviu o que disseram os nossos homens?" perguntou Ted com uma

ponta de impaciência. "A busca não ficou completa. Não conseguiram ir à cave."

"Isso quer dizer que vocês vão avançar com uma operação esta madrugada?"

"Yep."

Estava escuro lá fora e Tomás começava a sentir alguma fome. Interrogou-se sobre se valeria a pena permanecerem ambos ali, mas, como Rebecca não dava sinal de se querer ir embora, decidiu não levantar o assunto e deixou-se ficar.

"Há alguma dúvida de que o Ahme... uh... o Fireball é uma ameaça à segurança dos Estados Unidos?", perguntou ele.

"Nenhuma", respondeu Rebecca. "Não temos neste momento a mínima dúvida de que é ele o homem da Al-Qaeda encarregado de fazer explodir uma bomba atómica no nosso país."

"Então porque não o prendem imediatamente?"

"Porque não sabemos onde está a bomba."

A resposta deixou Tomás algo desconcertado.

"Bem... se o prenderem ele pode dizer-vos, não é?

Além do mais, se o deixam à solta ele pode escapar-se a qualquer momento e fazer explodir o engenho!"

Rebecca cravou-lhe os olhos azuis.

"O seu antigo aluno é um fundamentalista islâmico, não é?"

"Suponho que sim."

"Então não vai revelar nada em tempo útil", disse ela. "Se o prendêssemos, isso apenas serviria para alertar os seus companheiros da Al-Qaeda de que lhes estamos no encalço. Isso só iria precipitar as coisas. Se a bomba não estiver nesta casa, parece-me óbvio que se encontra nas mãos de outros operacionais que a poderão fazer explodir mais depressa. Temos, por isso, de ser pacientes e dar os passos certos no momento exacto."

"Daí a importância do raide desta madrugada." A americana assentiu e virou os olhos na direcção da casa que todos vigiavam.

"Temos de encontrar a maldita bomba."

LVII

Três dias.

Tomás começava já a sentir-se farto da inacção. O raide feito três dias antes não dera em nada e o FBI limitava-se agora a vigiar Ahmed. Isso significava que havia três dias que passava quase todo o tempo fechado naquela amaldiçoada carrinha, estacionada num passeio a dois quarteirões da casa onde o seu antigo aluno se alojara.

A carrinha era enorme, com monitores e câmaras e tudo o que se pudesse imaginar; afinal, era ela a Big Mother, o centro de controlo daquela operação. Os três homens do FBI que a tripulavam, incluindo o chefe da operação, conversavam descontraidamente entre si e Rebecca, mesmo ao lado, tinha a cabeça encostada ao vidro opaco e parecia ter adormecido.

O tédio da espera estava a dar cabo de Tomás. O português sentia o corpo dorido por causa das más posições em que se sentava e buscava constantemente uma postura mais confortável, mas sem grande sucesso. Olhou para o The New York Times estendido no chão e pegou nele pela terceira vez; já o tinha lido de uma ponta à outra, mas alimentava a esperança de encontrar ali qualquer coisa nova que o entretivesse.

Ajeitou o jornal com grande fragor e passou os olhos pelos títulos. A notícia do dia centrava-se em suspeitas de irregularidades financeiras envolvendo um senador qualquer. Folheou o jornal e deteve-se numa outra notícia dando conta de mais um escândalo de insider trading em Wall Street, com a detenção de um qualquer investidor famoso de que Tomás nunca tinha ouvido falar. Seguiu em frente. Um título especulava sobre o teor do discurso do presidente dos Estados Unidos na Assembleia Geral da ONU, essa tarde. Já tinha lido tudo aquilo. Saltou para o desporto e quase gemeu por não encontrar mais uma vez referências ao futebol europeu. O jornal parecia antes mais excitado com um jogo qualquer entre os Cardinais e os Philadelphia Eagles para o campeonato do American Football Conference.

"Que seca!", grunhiu com frustração, atirando o jornal para o chão.

Suspirou e recostou-se no assento, preparando-se para mais umas horas de espera entediante. Olhou para o lado e constatou que Rebecca ainda dormitava. Os cabelos cor de trigo espalhavam-se-lhe pelo rosto lácteo, dando-lhe um certo

ar selvagem. Era bonita. Sentiu ganas de a acordar e conversar com ela, mas dominou o impulso.

A americana andava cansada e precisava de recuperar forças. Estendeu o braço e acariciou-lhe o rosto com carinho, os dedos a deslizarem pelo veludo quente da pele.

"Hmm", ronronou ela, sentindo o afago meigo.

Agora a vontade de Tomás não era apenas de conversar com Rebecca, mas de lhe beijar os lábios húmidos e entreabertos. Inclinou a face em direcção ao rosto sereno, mas no derradeiro instante dominou o impulso de se colar à boca dela e, em vez disso, deslizou para junto da orelha.

"Shhhh", soprou-lhe Tomás ao ouvido, a voz infinitamente suave. "Dorme."

Tut-tut.

Os três agentes do FBI no interior da carrinha deram um salto, como se tivessem apanhado um choque eléctrico, e assumiram de imediato as suas posições.

"O telefone!", exclamou o chefe da operação, gesticulando para os subordinados.

"Bob, localiza-me a chamada. Carl, põe-me o gravador a funcionar."

A súbita agitação despertou Rebecca.

Estremunhada, a americana girou a cabeça em redor e, sem perceber o que estava a acontecer, voltou-se para o português.

"Tom, o que se passa?"

Tomás pôs o indicador diante da boca.

"Chiu!", disse. "Alguém está a ligar para o Ahmed.

Deixa ouvir."

Tut-tut.

"Héllo?"

Era a voz de Ahmed a atender.

"Ibn Taymiyyab?"

"Nam."

"Surat-an-Nisaa, ayah arba'a wa sabiin." Ao ouvir estas palavras, Ahmed fez uma pausa, como se digerisse o seu significado, e clamou. "Allah u akbar!”

Click.

Na carrinha, os agentes do FBI e os dois elementos da NEST pareciam congelados, os ouvidos atentos aos sons do telefonema que haviam interceptado.

"Fuck!", vociferou o chefe da equipa operacional do Bureau. "Os motberfuckers já desligaram." Virou a cabeça para o lado. "Bob, conseguiste localizar a chamada?"

Bob abanou a cabeça, os olhos presos em desânimo ao monitor.

"Nope", disse. "Foi demasiado curta. A única coisa que consegui determinar é que se tratou de uma ligação doméstica."

O chefe da equipa revirou os olhos.

"Já calculava." Virou-se para o segundo subordinado.

"Está tudo gravado, Carl?" "Sim."

"Ao menos isso. Mandame a gravação

imediatamente para a Federal Plaza. Quero o tradutor de árabe em cima desse material o mais depressa possível."

Tomás pegou na pasta de Rebecca, levantou-se e aproximou-se do chefe de equipa, a mão mergulhada na pasta à procura do livro que sabia estar ali guardado.

"Desculpe."

O americano girou a cabeça para trás. "O que é?", perguntou com irritação. "Não vê que estamos a trabalhar, goddam it!?"

"Eu sei árabe."

O chefe da equipa encarou-o com súbito interesse.

"Porque não disse logo?", perguntou, evidentemente sem esperar resposta. "O que disseram aqueles motberfuckers ao telefone? Alguma coisa importante?"

"Foi uma chamada estranha. O tipo que telefonou comunicou ao Fireball um versículo do Alcorão. O Fireball disse que Deus é grande e a chamada terminou."

O responsável do FBI afagou o queixo.

"Um versículo do Alcorão, eh?" Girou no banco rotativo e voltou-se para os seus homens. "Algum de vocês tem aí um exemplar do Alcorão?"

Como um aluno bem comportado, Tomás estendeu o braço e pôs diante do rosto do americano o livro que acabara de retirar da pasta de Rebecca.

"Está aqui", disse. "Será que podem passar a gravação da conversa, para eu tomar nota da referência corânica?"

Carl colocou nos altifalantes da carrinha a breve troca de palavras entre Ahmed e o desconhecido que lhe ligara. Quando o desconhecido disse "surat-an-Nisaa, ayah arba’a wa sabiin", o historiador registou a referência no seu bloco de notas e pôs-se de imediato a folhear o livro sagrado do islão.

"Surat-an-Nisaa... surat-an-Nisaa... é a sura 4", identificou. Localizou o capítulo corânico e foi à procura do versículo referenciado na gravação. "Ayah arba'a wa sabiin é versículo 74." A ponta do dedo deslizou pelos sucessivos versículos daquela sura. "Deixa cá ver... deixa cá ver... aqui está, versículo 74!" Afinou a voz e leu.

"«Combatam na causa de Deus os que trocam a vida mundana pela outra! A esses, que combatam na senda de Deus e sejam mortos ou vencedores, dar-lhes-

emos uma enorme recompensa.»"

Ficaram todos um instante a amadurecer estas palavras.

"Uma enorme recompensa?", perguntou Carl. "Não me digam que o tipo ganhou a lotaria!?"

Os homens do FBI desataram às gargalhadas no interior da carrinha, mas a dupla da NEST não os acompanhou. Ignorando a galhofa em redor, Tomás releu em silêncio o versículo, buscando o seu verdadeiro sentido.

"Isto é sério."

"Porque diz isso?", quis saber Rebecca, intuindo uma ameaça escondida.

"Em primeiro lugar, repare no início do versículo: «Combatam na causa de Deus.» No original do Alcorão em árabe, a palavra combate deve ler-se jihad. Isto é, pois, uma ordem divina para que se faça a jihad. A seguir vem esta expressão estranha: «os que trocam a vida mundana pela outra». No original em árabe, a vida mundana é esta vida e a outra é a vida depois da morte, no Paraíso. Ou seja, com estas palavras Alá está a prometer o Paraíso aos muçulmanos que morram na jihad. Esta ideia é reforçada pela segunda parte do versículo: «A esses, que combatam na senda de Deus e sejam mortos ou vencedores, dar-lhes-emos uma enorme recompensa.» A recompensa para os que morrem é, como se percebe pela referência inicial à outra vida, o Paraíso."

"Então vamos lá a ver, como descodifica você esse versículo?"

"Trata-se de uma ordem de Alá aos crentes, dizendo-lhes que façam a jihad e prometendo o Paraíso aos shahid que morrerem", disse Tomás. "É isso o que este versículo quer dizer."

Os homens do FBI, que se calaram para ouvir o historiador, abanaram a cabeça quase em uníssono.

"Eles acreditam mesmo nisso?", interrogou-se o chefe da equipa. "Que idiotas!"

Tomás releu mais uma vez o versículo, situando-o no contexto da operação que a Al-Qaeda tinha em curso.

"Isto é uma ordem operacional", sentenciou. "O Fireball recebeu uma instrução para se preparar para o martírio e passar à acção."

"Que está para aí a dizer?"

Convicto de que tinha interpretado tudo o que havia a interpretar, o português fechou o Alcorão e encarou o responsável do Bureau.

"Prepare os seus homens."

"Para quê?"

Sem perder mais tempo, Tomás pegou nas suas coisas, fez sinal a Rebecca de que o seguisse, abriu a porta da carrinha e saltou para a rua. Antes de desaparecer, porém, lançou da rua um derradeiro olhar para o homem do FBI.

"O atentado vai ser hoje."

LVIII

O portão da casa abriu-se lentamente.

Crrrrrr.

"Standby."

Instantes depois de a voz do chefe operacional soar pela intercomunicação rádio do FBI, um Pontiac verde envelhecido emergiu no portão. Instalados nos assentos de trás do carro de Ted, Tomás e Rebecca viram os homens do Bureau disparar uma rajada de fotografias sobre a viatura em marcha.

"É ele", confirmou Ted, o olho colado à câmara com zoom. "O motherfucker está a sair."

Crrrrrr.

"Fireball em movimento. Sierra One, podes pegar nele?" Ted colou o microfone à boca e respondeu.

"Roger, Big Mother", confirmou. "Sierra One em movimento."

O Pontiac passou por eles e o carro de Ted, que tinha ligado a ignição logo após a ordem de standby, arrancou com suavidade e pôs-se no encalço de Ahmed. Era uma parte muito delicada da operação, com vários automóveis do FBI já em marcha ou a aguardar a passagem do suspeito em diferentes pontos dos itinerários possíveis, numa espécie de coreografia improvisada.

Para evitar denunciar as suas intenções, a viatura onde Tomás se encontrava seguia Ahmed com alguma cautela, mantendo quase duzentos metros de distância.

Crrrrrr.

"Sierra Two", chamou o chefe da equipa.

"Ultrapassa o Fireball e faz uma verificação com o geiger."

"Roger, Big Mother. Sierra Two em movimento."

Um carro azul arrancou lá de trás, como se estivesse apressado, e ultrapassou a viatura onde Tomás se encontrava. Depois aproximou-se do Pontiac de Ahmed e ultrapassou-o também, mas sem muita pressa. A seguir virou à esquerda e desapareceu.

Crrrrrr.

"Sierra Two aqui. O geiger deu negativo."

"Tem a certeza, Sierra Two?"

"Roger, Big Mother. O geiger deu negativo."

Ted espreitou de relance pelo espelho retrovisor para os seus convidados da NEST.

"A medição não detectou nenhuma radioactividade no carro", disse. "O tipo não leva a bomba."

"E porque ela já deve estar posicionada", observou Rebecca, os dedos a tamborilarem pensativamente na janela do carro. "É estranho, não é?" Olhou para Tomás com a expressão de quem se sente baralhado.

"Por que motivo não fizeram eles explodir a bomba logo que a colocaram no sítio?

Não faz sentido..."

"Talvez ela ainda não esteja instalada no alvo", disse Tomás. "Às tantas o Ahmed vai agora buscá-la."

"Só pode ser isso..."

Continuavam a seguir pelas ruas de New Jersey e a operação de vigilância decorria sem novidades. A certa altura o Pontiac aproximou-se de uma rotunda e Ted preparou-se para o problema.

Crrrrrr.

"Aproximamo-nos de Blue Three."

Blue Three era a rotunda. "Mantenha em Blue Three."

O Pontiac meteu-se na rotunda e Ted tentou acompanhá-lo, mas o tráfego intensificou-se de repente, impedindo-o de avançar de imediato. Percebeu que teria de ser outro automóvel a assumir a cauda do suspeito.

"Fuck!", praguejou Ted, dando uma palmada frustrada no volante. Sem se desconcentrar, seguiu com os olhos o movimento do carro verde que contornava a rotunda, ao mesmo tempo que, com um gesto rápido, pegava no microfone da intercomunicação rádio e se mantinha atento à saída da viatura suspeita. "Fireball na Blue Three." Viu-o virar à direita e sair da rotunda. "Tomou dois." O Pontiac tinha tomado a segunda saída. "Tomou dois.

Quem pode?"

Uma nova voz respondeu.

"Sierra Five, tenho o Fireball."

Ao ouvir uma outra viatura assumir o controlo, Ted descontraiu-se e contornou tranquilamente a rotunda. Identificou a rota escolhida por Ahmed e, com um sorriso de satisfação, virou à direita e foi dar a uma rua paralela. Meteu por ela e acelerou, num esforço para assumir uma nova posição mais adiante.

"Onde vamos?", perguntou Tomás, sem perceber os pormenores da manobra.

"Vamos esperá-lo lá mais à frente."

"Lá à frente como? Vocês já conhecem o itinerário que ele vai seguir?"

"Considerando a estrada que ele tomou depois da rotunda, até já percebemos qual é o destino."

"Ai sim?"

Ted apontou para a floresta de betão que se erguia do outro lado do rio, o topo dos arranha-céus iluminados pelas aberturas soalheiras, as ruas mergulhadas na sombra.

"Manhattan."

A boca do Lincoln Tunnel ia engolindo tráfego como um monstro sôfrego. Dentro do carro do FBI o grupo permanecia em silêncio, acompanhando pelas intercomunicações a progressão do automóvel de Ahmed e à espera de ver o Pontiac verde aparecer a todo o momento da Route 495.

"Está atrasado", observou Tomás, impaciente.

Ninguém respondeu. Ted manteve-se tranquilamente a mastigar a sua chewing gum, os olhos colados ao trânsito ininterrupto.

"Se ele se dirige para Manhattan é porque a bomba já está posicionada", observou Rebecca. "Não faz sentido que ele vá a Manhattan buscar a bomba para a instalar noutro sítio qualquer. Não existe nas redondezas alvo com um perfil mais elevado do que Manhattan. O atentado tem de ser aqui."

"Tem razão", admitiu Tomás. "Mas se assim é, porque diabo não a rebentaram já? De que estão eles à espera?" A americana encolheu os ombros. "Beats me."

Ted mantinha a atenção fixa no tráfego e fez-lhes sinal de que se calassem. "Ali vem ele!"

Ligou a ignição e esperou que o carro verde se aproximasse. Quando Ahmed passou, arrancou e posicionou-se atrás, tendo o cuidado de manter uma viatura entre os dois, uma medida de precaução para se fazer menos notado.

"Sierra One em movimento", comunicou pelo microfone.

"Roger, Sierra One", confirmou a viatura que até ali mantinha o contacto com o suspeito. "Sierra Five a passar o Fireball para o esperar na 30th West."

Mal acabou esta comunicação, o outro carro meteu-se pela faixa exclusiva para transportes públicos e ultrapassou em velocidade a lenta fila de trânsito no sentido de Manhattan. Tomás quase teve inveja de o ver acelerar daquela maneira, uma vez que o tráfego estava completamente embatucado no acesso ao túnel. A progressão revelou-se ainda mais vagarosa do que havia calculado, com as viaturas a avançarem num pára-arranca interminável.

Por fim, conquistando caminho metro a metro, os automóveis de Ahmed e de Ted percorreram todo o Lincoln Tunnel e desembocaram em Manhattan. O

português consultou o relógio; só aquele curto troço entre New Jersey e a ilha tinha levado trinta minutos.

"Está um engarrafamento incrível", constatou Tomás. "É sempre assim?"

"O tráfego em Manhattan nunca foi simples", respondeu Ted. "Mas hoje o trânsito na cidade encontra-se muito condicionado pelas medidas de segurança, o que tem dificultado as coisas."

O pisca direito do Pontiac verde acendeu-se de repente e o carro virou no sentido que indicara. Ted invadiu de imediato a linha exclusiva para os transportes públicos e ultrapassou a viatura diante dele, pondo-se no encalço de Ahmed. O Pontiac meteu pelo emaranhado de ruelas, fugindo assim ao trânsito, e internou-se por Manhattan em direcção a leste, com os homens do Bureau sempre atrás.

Quatro quarteirões adiante, a viatura verde virou para o que parecia ser um túnel e desapareceu no interior.

Os tripulantes do carro do FBI identificaram uma tabuleta azul com o P de Parking.

"Stop, stop!", ordenou Ted ao microfone. "Near side."

Era uma ordem para os automóveis do FBI que seguiam lá atrás pararem. Mas o próprio Ted nem sequer abrandou, optando antes por seguir em frente, não fosse o suspeito estar a vigiar o trânsito para verificar se alguém o seguira.

Crrrrrr.

"Sierra One, o que se passa?"

"O Fireball meteu-se no parque de estacionamento", explicou Ted, parando mais adiante. "Sierra Two e Sierra Three, fiquem onde estão. Sierra Four e Sierra Five, identifiquem outras saídas deste parque. Atenção que Sierra One vai ficar com um só homem porque eu e os nossos dois convidados vamos tornar-nos Foxtrot One."

"Porquê, Sierra One?"

"O Fireball pode colocar-se foxtrot."

"Roger that."

A um sinal de Ted, Rebecca e Tomás saltaram do carro e caminharam pelo passeio em direcção ao parque de estacionamento.

"O que é isso de o Fireball colocar-se foxtrot?", quis saber Tomás, a curiosidade sempre atiçada pelos códigos, quaisquer que eles fossem. "Que significa foxtrot?"

"Há uma forte probabilidade de o Fireball sair do carro", retorquiu o homem do FBI.

"Foxtrot significa peão. Não se esqueça de que o nosso homem entrou num

parking. Só costuma fazer isso quem quer estacionar um carro, não é verdade?"

Penetraram no parque de estacionamento com fingida descontracção, os olhos atentos a qualquer movimento. Vasculharam o primeiro piso e não detectaram nada de anormal. Meteram pela escada para ascender ao segundo piso, mas ouviram o som dos passos de alguém a descer e recuaram, ocultando-se atrás de um pilar.

Um homem de jeans e camisa verde emergiu da sombra das escadas e seguiu na direcção da saída.

"É ele!", identificou Tomás.

Assim que Ahmed cruzou a porta do parking e saiu para a rua, os três apressaram-se a abandonar o parque de estacionamento e a segui-lo à distância, conversando entre si da maneira mais insuspeita que conseguiram simular. O muçulmano caminhava cinquenta metros adiante de uma forma algo hirta, como se estivesse tenso.

"Estamos ao pé da Port Authority", constatou Ted, observando o grande terminal ali próximo.

Tomás ignorou a referência; preferia manter a atenção concentrada no seu antigo aluno.

"Já viram a cor da camisa dele?", perguntou.

Rebecca fez um trejeito indiferente com a boca.

"É verde", constatou. "O que tem isso de especial?

Que eu saiba, o verde é a cor do islão. Sendo ele muçulmano..."

"É verdade", confirmou o português. "Mas, para os muçulmanos, o verde é também a cor do Paraíso. Claramente o nosso homem acredita que está a caminhar para o Paraíso."

Ted soltou uma gargalhada.

"Nova Iorque? O Paraíso? Essa é boa!"

Dobraram a esquina e Tomás viu cinco polícias a cavalo à sua esquerda e mais três à direita, todos de capacete. Ao fundo da rua identificou dois carros com o logótipo do NYPD estampado nas portas e ouviu várias sirenes a soar à distância. Olhou para cima e viu helicópteros a percorrer o céu de Manhattan. Enquanto observava os aparelhos a zunir, o seu olhar prendeu-se quase por acidente num vulto posicionado num terraço com o que parecia ser uma espingarda de mira telescópica. Era um atirador especial da polícia.

"Oiçam lá, vocês não estarão a exagerar um bocadinho?", perguntou o português, quase chocado com tanto aparato.

"Porquê?", admirou-se Ted.

"Ainda pergunta porquê?" Fez um gesto na direcção dos polícias a cavalo. "Já viu o número de guardas que colocaram ostensivamente na rua? Acha isto

normal? Pensa que o nosso homem é parvo e não vai desconfiar?"

O agente do FBI deitou um olhar desinteressado ao dispositivo policial.

"Claro que isto é normal."

"Está a gozar comigo?", perguntou Tomás. "Acha normal toda esta... esta catrefada de polícias? Acha que o nosso suspeito não vai topar que o estão a vigiar?"

Ted riu-se.

"O quê? Você julga que isto é tudo por causa do Fireball? Não, man, é a Assembleia Geral da ONU. Todos os anos é a mesma cowboyada aqui em Manhattan. Vêm chefes de Estado e de governo de todo o mundo discursar na Assembleia Geral e espalham o pandemônio na cidade. A vida aqui é um inferno nestas duas semanas."

"Quando há Assembleia Geral, isto é todos os dias assim?"

"Bem, hoje está pior, é verdade. No fim de contas, vem cá o presidente, não é verdade?

Quando ele aparece, o aparato de segurança é sempre um pouco mais espectacular."

"Qual presidente?"

"Qual haveria de ser? O dos Estados Unidos, claro."

"O presidente dos Estados Unidos vai discursar diante da Assembleia Geral da ONU?"

Ted assentiu.

"Esta tarde."

"Ele... ele já cá está?"

O homem do FBI consultou o relógio.

"Deve estar, deve. O discurso está previsto para daqui a quinze minutos."

A notícia deixou Tomás embasbacado. Estancou a meio do passeio, os olhos fixos na camisa verde que se movimentava cinquenta metros adiante, a luz da compreensão iluminando-o enfim. Lera nos jornais a notícia do discurso na Assembleia Geral e, grande burro!, nunca fizera a relação entre as coisas.

Mas era tudo tão claro!

"É isso!", quase gritou, esmurrando a palma da mão. "É isso!"

"O quê?", assustou-se Rebecca. "O que aconteceu?"

O historiador apontou num frenesim para o vulto distante de Ahmed, os olhos arregalados no horror da compreensão.

"Ele está à espera do discurso! Ele está à espera do discurso!

"O quê?"

"A Al-Qaeda vai fazer explodir a bomba atómica quando o presidente estiver a falar na ONU!"

LIX

"Foxtrot One para Big Mother."

Considerando as circunstâncias, Ted nem sequer fez um esforço para disfarçar quando efectuou a chamada pelo intercomunicador rádio portátil que trazia no cinto.

Crrrrrr.

"O que é, Foxtrot One?"

"Mandem evacuar Manhattan e retirem imediatamente o presidente da sede das Nações Unidas", disse com uma calma gelada. "Ponham os contadores geiger a funcionar no edifício e também em todos os quarteirões vizinhos. Vasculhem tudo de uma ponta à outra."

Fez-se um silêncio perplexo no espectro de comunicações.

"Porquê, Foxtrot One? O que aconteceu?"

"O presidente está em Manhattan! O Fireball também está em Manhattan! Existe uma elevada probabilidade de que ele faça detonar um engenho nuclear ainda hoje! Preciso de explicar mais alguma coisa?"

"Roger, Foxtrot One."

Observaram a figura de Ahmed a cruzar mais uma avenida no meio da multidão, neste caso a Quinta Avenida. Seguiam pela 42nd Street e as linhas clássicas da Biblioteca de Nova Iorque ficaram para trás. Não havia dúvidas de que o seu antigo aluno se encaminhava na direcção da sede da ONU, no outro lado da cidade.

"Considerando o que se passa, não seria mais aconselhável interceptá-lo já?", perguntou Tomás, nervoso com tudo aquilo. "Era capaz de ser mais seguro, não acham?"

"E a bomba?", quis saber Rebecca. "Onde está a bomba?"

"Isso vemos depois."

"Não pode ser assim", disse ela. "Se neutralizarmos o Fireball, a ameaça mantém-se. Parece-me altamente provável que a bomba se encontre na posse dos seus capangas. Eles não hesitarão em fazê-la explodir se o Fireball não aparecer. A nossa prioridade é, pois, localizar a bomba. Só depois de sabermos onde ela está poderemos avançar." Indicou o vulto verde de Ahmed. "De qualquer modo,

o Fireball ainda não é uma verdadeira ameaça. Não leva a bomba com ele e por isso julgo que ainda dispomos de algum tempo."

Tomás espreitou nervosamente o relógio.

"O presidente começa a discursar dentro de sete minutos." Olhou para Ted. "Para além dele, quem mais está cá?"

"Deixe cá ver... temos hoje o presidente do Brasil, o primeiro-ministro espanhol, o primeiro-ministro italiano... o presidente do Irão, o primeiro-ministro de..."

"O do Irão também?"

Reflectindo sobre a presença do chefe de Estado iraniano, Ted sentiu-se subitamente encorajado.

"Pois é, está cá o iraniano! Isso é bom, não acham?

O tipo é fundamentalista. Se ele também se encontra cá, a Al-Qaeda não se atreverá a fazer explodir a bomba hoje, pois não?"

"A Al-Qaeda é sunita e considera que os xiitas são infiéis", explicou o historiador. "O presidente iraniano é xiita, logo é um infiel. A sua morte constitui, pois, um excelente bónus para a Al-Qaeda."

Ted abanou a cabeça e voltou-se para leste, olhando na direcção da zona onde se encontrava a sede das Nações Unidas.

"E a ONU?", perguntou. "Eles nem ao menos respeitam a ONU?"

Tomás sorriu sem vontade.

"Respeitar a ONU? A Al-Qaeda já lançou ataques violentíssimos contra a ONU no Afeganistão, no Iraque, na Argélia, na Somália, no Sudão, no Líbano..."

"Mas porquê? As Nações Unidas são uma organização que junta todos os povos, que diabo! Até os muçulmanos estão lá! Como podem eles atacar a ONU?"

"A Al-Qaeda acusa a ONU de crimes contra o islão, incluindo o reconhecimento da existência de Israel", explicou Tomás. "Mas o principal problema é teológico."

"Está a gozar."

"A sério. A Carta da ONU estabelece a igualdade de todas as religiões e os muçulmanos não aceitam isso, uma vez que Maomé declarou a superioridade do islão. A declaração da igualdade das religiões desmente Maomé e isso é, consequentemente, algo que eles consideram que faz da ONU uma organização anti-islâmica."

Ted arregalou os olhos, perplexo com aquilo que para ele era uma total novidade.

"Mas... mas a liberdade de religião é um direito humano fundamental!"

"Isso achamos nós, mas não acham muitos muçulmanos", observou Tomás.

"Aliás, o mundo islâmico levantou grandes objecções à Declaração Universal dos Direitos Humanos, por exemplo, e essas objecções não se limitam aos fundamentalistas. Se for a ver bem, muitos países muçulmanos nem sequer aceitam essa declaração porque ela estabelece o direito de as pessoas mudarem de religião conforme a sua livre vontade. Ora isso colide frontalmente com o crime de apostasia estabelecido pelo Alcorão e pelo Profeta e que prevê a pena de morte para quem renegar o islão.

Além do mais, a Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece a total igualdade de direitos entre homens e mulheres e entre pessoas de qualquer religião, o que também vai contra as leis do islão. Daí que muitos muçulmanos, e não só os fundamentalistas, achem que essa declaração é anti-islâmica."

O homem do FBI grunhiu de frustração.

"Nem sei o que diga!"

O edifício das Nações Unidas encontrava-se já a uns meros quatro quarteirões de distância e Tomás vislumbrou na avenida seguinte, a Lexington Avenue, uma barreira metálica que bloqueava o acesso à continuação da 42nd. As ruas pareciam fechadas ao trânsito para além da barreira.

Crrrrrr.

"Big Mother para Foxtrot One."

"O que é, Big Mother?"

"Está fora de questão a evacuação de Manhattan. Não há tempo para isso."

"E o presidente?"

"Também não o podemos retirar da sede da ONU. Tecnicamente o edifício não é território americano, pelo que o presidente não tem prioridade sobre os outros governantes que lá estão. E estamos a falar de mais de trinta governantes. Teríamos de os retirar a todos ao mesmo tempo, o que não é possível em poucos minutos."

"O quê?", escandalizou-se Ted, perdendo a calma pela primeira vez. "Vocês estão loucos? O presidente tem de sair imediatamente de Manhattan!"

"Lamento, Foxtrot One. A decisão foi dele e é final. Vocês têm mesmo de localizar essa bomba e de a neutralizar."

O homem do FBI teve vontade de atirar o intercomunicador para o chão, mas conteve-se. O momento era demasiado grave para que se desse ao luxo de ter um ataque de nervos. Respirou fundo e recuperou o autocontrole.

"Os contadores geiger já detectaram alguma coisa?"

"A sede da ONU está limpa, Foxtrot One. E as ruas imediatamente em torno do edifício também. A busca está agora a ser alargada."

Ted guardou o intercomunicador portátil no cinto e consultou mais uma vez

o relógio.

"Fuck!", praguejou. "Três minutos para o presidente começar a falar. Se calhar vamos mesmo ter de interceptar o Fireball."

"Já disse que primeiro precisamos de localizar a bomba", repetiu Rebecca, começando já a sentir-se cansada de frisar aquele ponto. "Quantas vezes tenho de vos lembrar que o objectivo último não é neutralizar o Fireball, mas neutralizar a bomba?"

O lado de lá da Lexington Avenue estava cheio de polícias e os vultos dos franco-atiradores formigavam nas varandas e terraços dos prédios; os helicópteros zumbiam por toda a parte e as sirenes não paravam de se fazer ouvir. Não havia dúvidas, a zona circundante da sede da ONU era naquele dia o local mais bem vigiado do planeta.

Diante de tão espectacular aparato, parecia uma loucura haver alguém que sonhasse desencadear um atentado naquele local e naqueles dias, mas pelos vistos nada daquilo impressionava a Al-Qaeda.

A atenção de Tomás voltou-se para a figura solitária de Ahmed, que caminhava agora ao longo da Lexington Avenue em direcção a norte e passava ao lado dos magotes de polícias e de carros-patrulha que protegiam o acesso à zona da sede da ONU.

Estaria o seu antigo aluno a explorar o terreno? O historiador pôs-se a questionar todas as ideias que até ali dava por certas. Como ter a certeza de que o atentado estava iminente? E se, na verdade, tudo aquilo não passasse de...

Caiu.

Sem que ninguém o esperasse, Ahmed pareceu tropeçar de repente e estatelou-se desamparado no chão.

Os três perseguidores cravaram os olhos no corpo do homem que tombara no passeio do outro lado da avenida, tentando perceber o que se passara. O suspeito caíra e, pelos vistos, não se levantava.

Estaria bem?

Tomás e os dois companheiros mantiveram-se atentos ao vulto tombado, esperando que ele se erguesse, que se mexesse, que fizesse alguma coisa.

Mas o corpo estendido no passeio permanecia quieto e os três chegaram à conclusão inevitável.

Ahmed fora abatido.

LX

"Foxtrot One para Big Mother."

Ted estava de novo agarrado ao intercomunicador portátil, fervendo de irritação e sentindo um nervosismo crescente apossar-se dele.

"O que é, Foxtrot One?"

"O Fireball está down. Quem diabo disparou sobre ele?"

"Já vou verificar, Foxtrot One", foi a resposta.

"Standby."

Ficaram os três na esquina da Lexington Avenue com a 43rd, junto ao edifício da Chrysler, a observar o corpo inerte de Ahmed. Viram alguns polícias a aproximarem-se e um homem de bata branca a sair de uma ambulância ali parada e a ajoelhar-se diante do vulto verde, verificando-lhe os sinais vitais. O homem de bata branca, obviamente um médico, começou a falar com os polícias; parecia evidente que lhes dava instruções sobre como proceder. Quando terminaram de falar e gesticular, dois guardas pegaram no corpo e levaram-no para a ambulância, uma carrinha branca com a cruz vermelha e o nome Bellevue Hospital por baixo.

Ahmed foi deitado numa maca e introduzido na viatura pelas portas traseiras, que logo se fecharam.

"Se calhar é melhor irmos lá ver o que se passa", disse Tomás, enervado por ter perdido o contacto visual com Ahmed.

"E se o tipo volta a si?", perguntou Rebecca.

"Vê-nos a fazer perguntas ao médico e somos desmascarados. Não, se calhar é melhor ficarmos quietos. Mais vale pôr o FBI a falar com os responsáveis do hospital e eles que questionem o médico pelos canais normais."

Ted assentiu com a cabeça, aceitando a sugestão, e puxou o intercomunicador para a boca.

"Foxtrot One para Big Motber. Será que pode verificar uma coisa, por favor?"

"Diga, Foxtrot One."

"O Fireball foi metido numa ambulância do Bellevue Hospital estacionada junto ao edifício da Chrysler. Será que o hospital pode indagar discretamente

junto do médico da ambulância o que se passa com o seu novo paciente?"

"Roger, Foxtrot One."

O homem do FBI passeou os olhos pelo topo dos prédios. O recorte longínquo de um franco-atirador lembrou-lhe que havia ainda uma resposta para ser dada, pelo que voltou a colar o intercomunicador à boca.

"A propósito, Big Mother. Já se sabe quem foi o idiota que abriu fogo sobre o Fireball?"

"Negativo", foi a resposta. "Ainda estamos a tentar perceber o que se passou, mas até agora ninguém se acusou. Quem quer que tenha disparado está a fechar-se em copas. Provavelmente foi um franco-atirador mais nervoso, sei lá..."

"Não me admirava nada", resmungou Ted entre dentes, baixando devagar o intercomunicador enquanto abanava a cabeça. "Recrutaram uma série de novatos e está-se mesmo a ver que os tipos já fizeram merda." Voltou a colocar o intercomunicador diante da boca e carregou no botão. "Big Motber, já há notícias da inspecção com os geiger?"

"Afirmativo, Foxtrot One. Pusemos várias viaturas com contadores a percorrer toda a zona e também o resto da cidade. A busca está quase completa."

"E então?"

"Negativo. Não foram detectados sinais de radioactividade em parte alguma de Manhattan. Está tudo limpo. Pelos vistos não há nenhuma bomba, Foxtrot One."

Ted, Tomás e Rebecca entreolharam-se, sem saber o que fazer nem dizer. Os eventos pareciam tomar rumos imprevisíveis; o que era certo num momento tornava-se improvável no instante seguinte. Parecia que cavalgavam uma montanha-russa de emoções.

Num gesto que parecia ter-se tornado um tique nervoso, o historiador português espreitou o relógio pela enésima vez.

"Está na hora."

O homem do FBI recuou alguns passos e plantou-se diante da montra de uma loja de electrodomésticos a ver um televisor sintonizado na CNN. Tomás e Rebecca juntaram-se a ele. A estação de notícias transmitia em directo do interior da sede da ONU e mostrava um homem de fato azul-escuro e gravata vermelha subir tranquilamente ao pódio de mármore verde para fazer o seu discurso.

Era o presidente dos Estados Unidos.

Crrrrrr.

"Big Motber para Foxtrot One."

"O que é, Big Motber?"

"Você deve ter-se enganado quanto à ambulância."

"Enganado como?"

"O Bellevue Hospital diz que não tem nenhuma ambulância em Lexington. Aliás, nem sequer dispõe de qualquer ambulância nessa zona. Pode verificar melhor?

Os olhos de Ted fixaram-se no veículo branco de emergência médica, estacionado do outro lado da avenida. As portas da ambulância apresentavam, de facto, a inscrição Bellevue Hospital.

"Desculpe, Big Motber. Mas esta ambulância é mesmo do Bellevue Hospital, não há dúvida nenhuma quanto a isso."

"Negativo, Foxtrot One. O hospital diz que não tem nenhuma ambulância na zona."

Ted não desistiu.

"Eles estão enganados!", insistiu. "Eu estou a ver à minha frente..."

Num gesto impulsivo, Tomás, que seguia a conversa com crescente atenção, arrancou o intercomunicador portátil das mãos do homem do FBI e falou directamente com o comando da operação.

"Big Motber, aqui Tomás Noronha, da NEST", apresentou-se. "Estou a acompanhar o Foxtrot One e precisava de saber uma coisa."

A resposta tardou uns segundos; dava a impressão de que o comandante da operação estava a ponderar se iria falar com um amador estrangeiro que não pertencia ao Bureau. A gravidade das circunstâncias, porém, acabou por ditar a sua decisão.

"Go abead, mister Noronha."

"Vocês já passaram os contadores geiger por toda a cidade?"

"Afirmativo."

"E eles não registaram nenhuma radioactividade em parte alguma?"

"Exacto. Não há nada."

"Estão-me a dizer que em momento algum a agulha do contador geiger registou qualquer actividade? Nada de nada?"

"Sim... quer dizer, há sempre circunstâncias em que o geiger acusa a existência de radioactividade, não é verdade?"

"Que circunstâncias?"

"Olhe, quando passa ao pé de hospitais, por exemplo. Os hospitais estão cheios de equipamento radioactivo. Sempre que um contador geiger é apontado para algum hospital, a agulha mexe-se. Mas isso é normal e tem de ser descontado."

Tomás começou a sentir o coração bater mais e mais depressa. Os olhos arregalaram-se-lhe de terror e teve tanto medo da pergunta seguinte que esteve

quase para não a fazer.

Mas fez.

"E... e as ambulâncias?"

"É a mesma coisa."

Tomás olhou para Ted e para Rebecca, e os três caíram em si. As cabeças convergiram para a ambulância estacionada na base do edifício Chrysler e os rostos imobilizaram-se por um longo segundo, interpretando o que viam de um modo totalmente novo, o pavor tombando sobre eles como uma sombra.

A ambulância era a bomba atómica.

LXI

Como se tivessem recebido nesse instante um choque eléctrico, os três largaram a correr para atravessar a avenida, Ted e Rebecca a sacarem as suas pistolas, Tomás de mãos vazias mas a correr também, a mente dos três fixada obsessivamente na mesma ideia, na mesma descoberta, no mesmo horror.

A ambulância era a bomba atómica.

Acercaram-se do veículo já sem se preocuparem com manter-se furtivos; era tudo demasiado urgente para subtilezas. O homem do FBI agarrou o manipulo e puxou-o, de modo a abrir a porta traseira, mas ela manteve-se fechada. Estava trancada.

Sem hesitar, Ted apontou a pistola à fechadura, segurou o pulso para travar o coice da arma e carregou no gatilho. Pah.

O brutal estampido do disparo ecoou pelos tímpanos de Tomás e lançou o caos em redor. Os polícias que faziam a segurança naquela zona aperceberam-se de que algo de anormal se passava, sacaram das armas e começaram a gritar. "Freeze!"

Mas Ted ignorou-os.

A fechadura da ambulância estava estilhaçada e ele puxou a porta, que se abriu de imediato, revelando dois homens no interior do veículo, um de camisa verde ajoelhado sobre alguma coisa, o de bata branca com uma arma na mão.

Pab.

Pab.

Ted abateu o homem da bata branca, que se dobrou em dois e caiu para a rua. O homem de verde, evidentemente Ahmed, sacou de uma pistola e apontou-a para o exterior.

Crack-crack-crack-crack-crack.

Uma chuva de balas abateu-se sobre Ted, que caiu desamparado no chão. Eram os polícias em redor a abrir fogo sobre ele, pensando que o homem do FBI acabara de balear um médico indefeso.

"CIA!", gritou Rebecca para os polícias. "Parem o fogo!"

Os polícias hesitaram e suspenderam os disparos.

Pab.

Um tiro partiu do interior da ambulância e Tomás rolou pelo chão, fulminado

pelo disparo.

Acto contínuo Rebecca atirou-se ao asfalto e, deitada de barriga para baixo, apontou para Ahmed, que já virava a arma fumegante na direcção dela.

Pab.

Pab.

Ahmed tombou no interior da ambulância.

Crack-crack-crack-crack-crack.

Dessa vez a polícia abriu fogo sobre Rebecca, mas como ela estava estendida no chão acabou por se revelar um alvo menos exposto. Além disso largou de imediato a pistola e protegeu a cabeça. Vendo-a indefesa, os guardas suspenderam os disparos e mantiveram as armas apontadas para toda a gente, mesmo os que haviam sido atingidos.

"Ninguém se mexe!", gritou um dos polícias.

"Mantenham-se deitados no chão! Quem se levantar ou fizer alguma coisa será abatido!"

"CIA!", repetiu ela. "Sou da CIA! Há uma bomba na ambulância! Temos de a desactivar!"

Os polícias ficaram desconcertados com a informação. Olharam para a ambulância e depois para o mais graduado do grupo, um barrigudo que tentava ainda decidir o que fazer.

"Você é da CIA?"

"Sim. Deixem-me ir ver a ambulância. Está lá uma bomba!"

"Esteja quieta!", ordenou o polícia barrigudo. "Tem algum cartão que a identifique?"

"Sim."

"Com movimentos muito lentos, tire-o e mostre-nos. Mas, atenção, têm de ser mesmo movimentos muito lentos. Se fizer algum gesto brusco, abrimos fogo."

A mão ensanguentada de Rebecca mergulhou devagar no casaco e extraiu um cartão, que exibiu na direcção dos guardas. Os homens do NYPD aproximaram-se com cuidado, curvados e atentos, as armas sempre apontadas. Um deles inclinou-se com lentidão e pegou no cartão. O pequeno rectângulo plastificado apresentava a fotografia dela e o círculo com a águia americana no centro e as palavras Central Intelligence Agency em redor.

"Com os diabos, ela é mesmo da CIA!", constatou o guarda, mostrando o cartão ao mais graduado.

"Posso levantar-me?", perguntou Rebecca.

O superior hierárquico ponderou o pedido por um instante. Olhou para o cartão, depois para Rebecca, de novo para o cartão e mais uma vez para

Rebecca. Não encontrando motivos para duvidar da autenticidade do documento, acabou por fazer sinal afirmativo com a cabeça. O polícia que pegara no cartão estendeu a mão e ajudou-a a erguer-se.

A americana sentia-se combalida e teve dificuldade em endireitar-se. Havia sido atingida por duas balas no braço direito e a manga da camisa estava molhada de encarnado. Olhou em redor e viu Tomás e Ted deitados no alcatrão com pequenas poças de sangue em redor.

"Meu Deus!"

"A senhora conhece esta gente?"

"Eles estão comigo", disse ela, aproximando-se o mais depressa que pôde do português. Ajoelhou-se junto dele e inclinou a cabeça cor de palha para lhe falar ao ouvido. "Tom, você está bem?"

Tomás gemeu e voltou-se devagar.

"Fui apanhado no ombro", arrulhou com um esgar de dor. "Mas acho que vou sobreviver."

Rebecca caiu sobre ele e abraçou-o, aliviada.

"Graças a Deus! Graças a Deus! Tive tanto medo..."

Tomás devolveu o abraço, embora com cuidado para proteger o ombro esquerdo, e beijou-a nas orelhas e no pescoço. Cheirou-lhe o perfume suave no cabelo dourado e sentiu-se flutuar, os músculos distendendo-se e o corpo descontraindo e entregando-se a ela.

"Está tudo bem", insistiu num sussurro, os dentes subitamente cerrados para dominar um inesperado recrudescer da dor no ombro. "Pronto, está tudo bem."

Os polícias rodearam-nos.

"Minha senhora", disse um deles, uma expressão alarmada no rosto. "Há um relógio dentro da ambulância."

Num sobressalto, Rebecca e Tomás viraram imediatamente a cara para ele.

"O quê?"

"Está em contagem decrescente."

LXII

Um polícia magro e alto ajudou Rebecca e Tomás a subirem para a viatura. Sentiam ambos dores fortes nas partes do corpo onde haviam sido baleados, mas a informação que o homem do NYPD lhes dera funcionara como uma chicotada. Fosse qual fosse a dor que sentissem, aquele assunto tinha prioridade sobre todos os outros.

O polícia indicou-lhes o relógio.

"É aqui."

Os dois inclinaram-se sobre o local e arregalaram os olhos ao ver os dígitos luminosos a movimentarem-se na sombra.

"Três minutos e dez segundos para a explosão", murmurou Tomás, aterrado. "Você consegue desarmar a bomba?" Rebecca abanou maquinalmente a cabeça. "Em três minutos? Isso não é possível!"

Levaram ambos as mãos à boca, sentindo-se impotentes para resolver o problema.

"Isto é uma bomba?", perguntou o polícia, de repente muito alarmado. "É melhor mandar evacuar esta zona!"

"Esta bomba é nuclear", observou Rebecca. "Já não vale a pena evacuar nada. É demasiado tarde para isso."

Tomás encarou-a.

"Oiça, Rebecca. Tem de haver uma maneira."

"E impossível, Tom! Teríamos de abrir a bomba e desactivar o propulsor da bala de urânio enriquecido. Isso não se faz em... em..."

Olhou de novo para o relógio.

"... em menos de três minutos! É absolutamente impossível!" Recusando-se a desistir, Tomás pegou na caixa negra com o mostrador do relógio a âmbar e analisou-a.

"Isto é um teclado."

"Sim, faz parte do sistema de segurança", disse Rebecca. "O teclado serve para introduzir um código que activa a bomba."

A informação acendeu-lhe uma luz de esperança.

"Isso significa que deve também haver um código que a desactiva..."

"E provável", admitiu ela. "O problema é que não sabemos que código é

esse."

Tomás voltou a cabeça para o corpo do homem da bata branca, que permanecia estendido na rua.

"Mas sabem eles", disse. Levantou o olhar para o polícia que os acompanhava.

"Algum dos tipos da ambulância sobreviveu?"

"O paciente", indicou o homem do NYPD, afastando-se para deixar ver Ahmed. "Foi atingido nos pulmões, mas safa-se."

Tomás arrastou-se para junto do seu antigo aluno.

"Ahmed! Ahmed!"

O árabe tinha os olhos fechados, mas abriu-os ao ouvir alguém chamar o seu nome, coisa que não esperava. Olhou Tomás com surpresa, como se visse e não acreditasse.

"Professor!", exclamou em português. "O que está o senhor a fazer aqui?"

"É uma longa história", disse Tomás, esforçando-se por sorrir. "Tu estás bem?"

Ahmed suspirou com dificuldade.

"Estou pronto para entrar no Paraíso", murmurou. "Deus é grande e misericordioso e vai acolher-me no Seu belo jardim."

Ouvindo-o falar assim, Tomás percebeu que não ia ser fácil convencê-lo a revelar o código de desactivação.

"Ouve, Ahmed", disse com suavidade. "És livre de ir para o jardim de Alá se quiseres e quando quiseres. Mas, sabes, eu não estou com muita pressa e gostava de continuar a viver por mais algum tempo."

"Compreendo", assentiu o homem da Al-Qaeda, manifestamente com dificuldade em falar devido à ferida nos pulmões. "Se o senhor morrer agora irá para o Inferno, uma vez que é um infiel." Tossiu.

"Mas há uma solução."

"Diz."

"Converta-se ao islão agora", sugeriu. "Recite a sbahada, aceitando Alá como o único Deus e Maomé como o Seu Profeta. Tornar-se-á imediatamente muçulmano e morrerá como um shahid. Deus, na Sua misericórdia infinita, acolhê-lo-á no Paraíso das virgens."

Estas palavras soaram a Tomás como uma sentença de morte; era evidente que Ahmed não iria falar.

Mesmo assim, não desistiu. Apontou para o relógio cujos dígitos brilhavam na sombra, a dois metros de distância, saltitando na contagem decrescente.

"Estás a ver aquilo?"

Ahmed voltou a cabeça para lá.

01:37

"Falta um minuto e meio para Alá me receber no Paraíso", murmurou o árabe. "Deus é grande!"

"Quando a bomba explodir irá morrer muita gente, Ahmed. Mulheres, crianças, velhos.

Não podes deixar que isso aconteça. Por favor, dá-me o código para desactivar a bomba."

"Se as vítimas forem muçulmanas serão todas shahid e irão para o Paraíso das virgens e dos rios de vinho sem álcool. Se forem infiéis, irão conhecer as chamas do Inferno. O senhor professor ainda tem tempo de se converter."

Tomás respirou fundo.

"Ouve, Ahmed, como sabemos nós que esta é mesmo a vontade de Deus? Porque não damos a Deus a hipótese de escolher?"

"Não percebo", murmurou o árabe, uma expressão interrogativa nos olhos. "Escolher o quê? Escolher como? Como se pode pôr Deus a escolher?"

"Dá-me uma pista para o código", sugeriu o historiador. "Se eu conseguir chegar à chave que pára a contagem decrescente, é porque Deus quis que a bomba não detonasse. Por outro lado, se eu não conseguir, é porque Deus quis que ela rebentasse. O que achas da ideia? Não me digas que tens medo de entregar a Deus a decisão..."

Ahmed voltou a espreitar o relógio.

Um minuto para a explosão. O que tinha ele a perder?

"Está bem", assentiu. "Deus, na Sua infinita sabedoria, decidirá. A pista é esta: Thy mania by I."

Tomás fez uma careta. "O quê?"

"Thy mania by I. E essa a pista para o código."

"Isso é Shakespeare ou quê?"

O homem da Al-Qaeda lançou um derradeiro olhar na direcção do relógio e sorriu.

"Tem um minuto, senhor professor", disse, cerrando os olhos. "Que se cumpra a vontade de Alá e se solte a fúria divina!"

Percebendo que do seu antigo aluno não arrancaria mais nada, Tomás arrastou-se para junto do relógio e digitou Thy mania by I no teclado. Depois fixou os olhos no mostrador a âmbar.

00:51

Os algarismos prosseguiram a sua marcha inexorável.

"Então?", perguntou Rebecca, afogada em ansiedade. "Conseguiu parar o..."

"Chiu!", ordenou Tomás.

O historiador fez um esforço para se concentrar na charada.

Thy mania by I.

Parecia inglês antigo e queria dizer literalmente a tua mania por eu. Ou por mim.

Shakespeare era uma possibilidade, mas, se fosse de facto uma referência a um qualquer verso do grande poeta inglês, estava tudo perdido. Não havia tempo para localizar a referência e o verso, e muito menos para extrair daí a palavra ou a frase que travasse a detonação da bomba.

Sem conseguir controlar o nervosismo, lançou uma espreitadela para o mostrador do relógio.

00:45

Duas gotas de suor percorreram a testa de Tomás.

A verdade, a triste verdade, é que já não havia tempo para nada. A única esperança que via era tratar-se de um anagrama. Se fosse outra coisa, estava realmente tudo perdido. Seria um anagrama?

Mesmo que fosse, o tempo esgotava-se sem misericórdia.

00:33

Deixem cá ver, pensou, escrevinhando a charada num pedaço de cartão que arrancou de uma caixa pousada na viatura.

Thy mania by I.

Um espasmo de dor no ombro fê-lo gemer. Era como se uma agulha ali espetada remexesse na ferida latejante, mas respirou fundo, controlou o sofrimento e, embora a custo, voltou a concentrar-se.

Se fosse um anagrama, raciocinou, teria de manter estas letras mas alterar a sua ordem, de modo a encontrar uma outra frase ou palavra que usasse as mesmas letras.

A haver tal palavra, considerou, provavelmente seria uma qualquer referência islâmica. Teria de ser uma palavra com dois y, dois a, um í, um m...nn

00:32

Seria Allah u akbar? Não, as letras não coincidiam. E os primeiros versículos do Alcorão? Biçmillah Irrahman Irrabim? Não, também não podia ser. Teria de ser uma coisa secreta, uma coisa que só Ahmed soubesse. Essas frases islâmicas eram demasiado óbvias para serem escolhidas para código.

A dor voltou, lancinante. Cerrou os dentes, fez força com o corpo todo, comprimiu os olhos até as lágrimas lhe nascerem pelos cantos e esperou que o espasmo passasse.

Quando a dor finalmente recuou, olhou de novo para a charada, sabendo que, custasse o que custasse, tinha de se manter concentrado.

E se fosse um nome? Balançou afirmativamente a cabeça, encorajado com aquela linha de pensamento.

Sim, um nome. Maomé ou Mubammad estavam fora de questão, as letras não coincidiam e, além do mais, tratava-se também de uma opção por demais evidente.

Claro que o seu antigo aluno poderia ter utilizado o seu próprio nome. Não, abanou a cabeça. Também não. Ahmed não dava. Era um nome demasiado curto e óbvio.

Além disso, faltava à charada o e. A ser um nome, parecia-lhe claro que teria de ser um nome secreto, um nome que... que...

Caramba, se calhar... se calhar...

"Ibn Taymiyyah!", exclamou. "É Ibn Taymiyyah!"

00:26

Agarrou-se ao teclado e escreveu Ibn Taymiyyab, o nome de guerra de Ahmed na Al-Qaeda. Era Ibn Taymiyyah, convenceu-se no seu desespero. Só podia ser Ibn Taymiyyab!

Acabou de introduzir as letras, o rosto coberto de transpiração e o suor a pingar profusamente pela ponta do nariz e do queixo, e cravou os olhos ansiosos no relógio.

00:18

00:19

00:20

"Não!", exclamou, desesperado. "Não!" O relógio não parara. A bomba atómica iria explodir dentro de vinte segundos, apagando Manhattan do mapa. Estava tudo perdido.

A palavra de código que parava a contagem decrescente não era Ibn Taymiyyab! Era outra coisa. Outra coisa.

Mas o quê?

00:15

Os seus olhos voltaram-se de novo para a charada que Ahmed lhe dera e que Tomás rabiscara no pedaço de cartão. Thy mania by I. Pois, era evidente que não podia ser Ibn Taymiyyab. O nome de guerra de Ahmed tinha três y e a charada apenas continha dois y.

Não podia ser a mesma coisa.

"Tom!", implorou Rebecca, a voz muito alarmada. "Tom!"

Sentiu a americana a rezar ao seu lado e a dor lancinante no ombro voltou, como uma onda insaciável que ia e vinha cada vez mais depressa à medida que a ferida arrefecia; nesse momento vinha e no auge parecia uma adaga a dilacerar-lhe a carne, mas sabia que naquele instante tinha de ser superior a tudo, até ao sofrimento mais insuportável, até àquela dor que lhe dilacerava o ombro. Apertou os lábios e respirou fundo, esforçando-se por ignorá-la; a transpiração

brotava-lhe do topo da testa como uma cascata, até que a onda retrocedeu por fim e Tomás conseguiu retomar a concentração.

Não havia tempo para procurar soluções alternativas à charada, percebeu. Além disso, intuía que Ibn Taymiyyah era o caminho certo, mas alguma coisa estava a falhar. O quê? O que seria?

Observou as letras das palavras que encerravam a solução e tentou arranjar uma nova forma de extrair dela o nome de guerra de Ahmed.

00:11

00:10

"Tom, isto vai explodir!", gemeu Rebecca, o medo a apossar-se da sua voz. "Tommm!"

A transpiração escorria ainda mais abundante pela face de Tomás e pingava num fio contínuo pelo queixo. Passou as costas do braço pela testa para limpar o suor, sabendo que o tempo voava e só havia oportunidade para uma última tentativa.

A derradeira.

Voltou a avaliar o enigma. Em boa verdade, as letras da charada e do nome coincidiam todas. Todas. A excepção era o maldito terceiro y. Onde diabo errara?

Cravou os olhos nos dois y da charada, como se a intensidade do olhar pudesse arrancar o segredo que ela escondia. E se... e se... e se a ortografia fosse diferente?

Caramba, porque não?

Lembrou-se nesse instante que a caligrafia árabe não estava uniformizada na referência a Ibn Taymiyyah e que certos textos usavam esse nome com apenas dois...

"Oh, Deus, vamos morrer!"

O tempo esgotara-se.

Com os dedos a tremer, Tomás agarrou-se ao teclado e, em desespero de causa, escreveu Ibn Taymiyab com dois y em vez de três. Podia estar errado, mas já não tinha nada a perder. A seguir carregou no enter e cerrou os olhos com força.

Embora não fosse um homem religioso, benzeu-se às cegas e entregou o destino à divina providência, resignando-se enfim à morte.

O tempo congelou.

Congelou.

Congelou tanto que se eternizou. Como nada parecia acontecer, o historiador abriu um olho e, a medo, espreitou o mostrador.

00:01

O relógio parara.

Epílogo

A cerveja jorrava com profusão pelos copos e as gargalhadas enchiam o bar. Um grupo de homens fardados do NYPD aproximou-se do sofá onde Tomás se sentava e agarrou-o pelo braço direito, puxando-o para o centro do bar.

"Come on, Tom!", disse um deles. "Você é o herói do momento! Venha daí festejar!"

Tomás fez sinal com a cabeça, indicando Rebecca, que ficara lá para trás.

"Mas eu já estava a festejar!", protestou. "Com um anjo!"

Um dos polícias voltou-se para a loira.

"Desculpe, miss Scott. Só o vamos roubar por uns minutinhos!"

Rebecca tinha o braço direito engessado, mas fez sinal com a mão esquerda de que não havia problema.

"Tudo bem, guys..."

Os polícias arrastaram Tomás até ao pianista.

"You're the man, Tom!", insistia um deles, levado pelo entusiasmo. "You're the man!"

"No último segundo!", gritou outro, pondo a cabeça entre as pernas do historiador e erguendo-o em ombros. "Ele desactivou a bomba no último segundo!

Nem em Hollywood! Nem o Spielberg!"

"You're the man!"

Tomás riu-se e deixou-se levar às cavalitas pelos polícias eufóricos. Os homens do NYPD desfaziam-se numa cascalhada de gargalhadas e deixaram-no cair sobre uma cadeira ao lado do pianista.

O músico aguardou pelo sinal e começou a dedilhar o teclado, lançando a melodia pelo piano. Ao escutarem as notas introdutórias, os polícias nova-iorquinos encheram os pulmões e berraram em coro, os copos virados para o português.

For he's a jolly good fellow,

For he's a jolly good fellow,

For he's a jolly good feeellowww...

And so say all of us!

O coro desfez-se numa galhofa e Tomás aproveitou a confusão para escapar para junto de Rebecca.

"Jeez, você é mesmo o herói!", sorriu ela. "Estou impressionada!"

"E para si? Também sou?"

O sorriso da americana tornou-se ainda mais luminoso. Rebecca lambeu os lábios com malícia, inclinou-se na direcção do historiador e abraçou-o, terna e doce.

"Está a brincar? Depois do que fez esta tarde, para mim você é... é um deus!"

Tomás puxou-a para si e teve vontade de a beijar, mas não se atreveu. Preferiu sentir-lhe o calor e o perfume suave que exalava dos cabelos dourados.

"Posso pedir-lhe uma coisa?", murmurou ele, apertando-a ainda.

"O que quiser", retorquiu Rebecca. "Por si estou disposta a fazer tudo. Tudo mesmo."

Ao ouvir estas palavras, o português sentiu uma erecção monstruosa e incontrolável formar-se-lhe nas calças.

"E se saíssemos daqui para fora?"

"Quer ir-se embora?"

"Sim. Estes polícias são simpáticos, mas a verdade é que não os conheço de parte alguma." Afagou-lhe o cabelo. "Prefiro mil vezes celebrar consigo."

Rebecca afastou ligeiramente a cabeça e fitou Tomás nos olhos.

"Está bem", concordou. "Vamos festejar para outro lado. Mas só mais daqui a um bocadinho."

O português fez beicinho.

"Oh, porquê? Porque não saímos já?"

"Não pode ser, Tom. Não se esqueça de que o pessoal de Washington está a caminho para se juntar a nós. Vem mister Bellamy e toda a gente da NEST. Temos ao menos de ficar um pouco com eles, não acha?"

Tomás esforçou-se por ocultar o desapontamento. Queria sair imediatamente com Rebecca e planeava beijá-la no elevador. Imaginava-se já a fazer amor, ele com o ombro esquerdo engessado, ela com o braço direito na mesma situação. Seria original.

Sentia-se decepcionado por não saírem naquele instante, mas depressa se conformou.

O que estava em causa era um mero adiamento dos instantes divinais que os lábios húmidos e o corpo ardente da americana lhe prometiam.

Um mero adiamento.

"Está bem", assentiu. "Quando é que eles chegam?" Rebecca espreitou o relógio.

"Daqui a meia hora."

Nova Iorque à noite era uma gloriosa coroa de jóias brilhantes, todas a cintilarem como diamantes incrustados por entre rubis, safiras e esmeraldas.

Mais espectacular ainda era contemplar das alturas a grande cidade, sentindo-a pulsar pela grande janela do Rainbow Grill, o bar situado no

sexagésimo-quinto andar do edifício da RCA.

Dentro do piano-bar, os homens do NYPD não paravam de cantar e beber cerveja, mas Tomás e Rebecca preferiam observar em silêncio a metrópole resplandecente, como se estivessem hipnotizados pelas luzes e cores exuberantes que se estendiam e mexiam por toda a parte numa grandiosa coreografia.

"Estou mortinho por sair daqui", observou o historiador, que já mal conseguia pensar noutra coisa. "Acha que eles ainda estão muito atrasados?

Já passou a meia hora..."

A americana verificou o relógio.

"Tem razão", constatou. "Levam vinte minutos de atraso. Se calhar é melhor eu ligar para..."

"Fucking génio!"

O português reconheceu a voz baixa e arrastada e voltou-se. Atrás dele encontrava-se o rosto familiar do responsável da NEST a abrir-se nos vestígios de um sorriso.

"Mister Bellamy!"

"O que ando eu a dizer há anos?", perguntou o americano, sem tirar os olhos de Tomás.

"Você é um fucking génio!"

"Foi sorte..."

"Qual sorte! Ninguém faz o que vocês fizeram só por sorte! Estão os dois de parabéns!" Apontou para Rebecca. "Você também, babe. Esteve muito bem!"

"Obrigada, mister Bellamy."

"Fui informado de que o presidente vai conceder-vos aos dois uma Presidential Medal of Freedom, a mais alta condecoração civil do país, por especial mérito na defesa da segurança nacional dos Estados Unidos. E o tipo do FBI que morreu, coitado, também vai levar uma medalha a título póstumo. Foi um herói."

A referência a Ted ensombrou os rostos de Tomás e Rebecca. Não se tratava propriamente de um amigo, mas ambos haviam passado três dias na companhia do operacional do Bureau enquanto vigiavam a casa onde estava Ahmed e tinham-no visto morrer diante deles. Uma estranha afinidade ligá-los-ia para sempre a Ted.

Tomás sentiu necessidade de desanuviar o ambiente.

"Então, mister Bellamy? Veio sozinho?"

"Claro que não."

Rebecca espreitou com súbita ansiedade para a entrada do bar, em busca dos seus colegas da NEST.

"Onde está o resto do pessoal?"

"Vim à frente num carro com batedor", disse Bellamy. "Eles devem estar a chegar."

"A Anne também vem?"

"Claro."

Como em obediência a uma deixa de teatro, logo que o responsável da NEST se calou uma pequena multidão invadiu o Rainbow Grill numa grande algazarra. Mal viram Rebecca, os recém-chegados dirigiram-se directamente a ela. À cabeça do grupo vinha uma bonita morena de cabelos longos e encaracolados. Tinha lágrimas nos olhos e caiu nos braços de Rebecca.

"Oh baby!"

"Honey!"

Arregalando os olhos de estupefacção, vendo e recusando-se a acreditar no que os seus olhos lhe diziam, Tomás observou Rebecca e Anne mergulharem na boca uma da outra, viu-as afundarem-se com tal intensidade e paixão e volúpia que o coração se lhe contraiu e, esvaindo-se como oxigénio no vácuo, a esperança foi definhando até se transformar em desilusão completa.

FIM

Nota final

Este romance conta uma história ficcional com personagens ficcionais, mas, como acontece em todas as minhas obras, muitas das coisas que o livro revela não constituem qualquer invenção.

São verdadeiras.

É verdade que há documentos da Al-Qaeda e declarações dos seus dirigentes que revelam a intenção do movimento de fazer detonar um dispositivo nuclear. É verdade que, estando na posse de cinquenta quilos de urânio altamente enriquecido, qualquer pessoa com conhecimentos de engenharia pode montar uma bomba nuclear em pouco mais de vinte e quatro horas numa garagem. É verdade que é possível aceder a urânio altamente enriquecido ou plutónio em países com medidas de segurança de eficácia duvidosa. É verdadeiro que já ocorreram vá- rios roubos de material nuclear em instalações russas, incluindo em Mayak. É verdade que o Paquistão andou a exportar tecnologia nuclear para os outros países islâmicos e os seus cientistas foram consultados por Bin Laden e por outros dirigentes da Al-Qaeda. E é verdade que mais de cento e cinquenta versículos do Alcorão são dedicados à jihad.

Nenhum dos diálogos das personagens deste romance reflecte a minha opinião sobre o islão; apenas expõe as diferentes perspectivas que se cruzam a propósito desta importante religião, com uma natural atenção à perspectiva dita radical ou fundamentalista. No entanto, as citações do Alcorão ou dos ahadith que estabelecem o exemplo do Profeta são genuínas. Para o efeito, usei a tradução do Alcorão em português feita por Américo de Carvalho e editada pelas Publicações Europa-América em 2002; apenas fiz uma pequena alteração de forma, mas não de conteúdo, numa referência que se encontra na sura 8, versículo 16; e ainda na sura 4, versículo 34, a conselho de um clérigo muçulmano para o qual a alteração traduz melhor o original em árabe. Já as citações dos ahadith são traduções minhas a partir de traduções do árabe em inglês.

Também foram usadas outras fontes. Em primeiro lugar, os textos dos mentores do islamismo dito radical ou fundamentalista, que consultei nas suas traduções do árabe em inglês.

Os principais foram jihad, do egípcio Hasan Al-Banna, fundador da Irmandade Muçulmana e assassinado em 1949; e sobretudo Milestones Along the Road, escrito na prisão pelo também egípcio Sayyed Qutb em 1964 e considerado o texto fundamental dos islamitas modernos. Qutb, que sucedeu a

Al-Banna na Irmandade Muçulmana, foi executado em 1965 precisamente por ter publicado este livro.

Outras obras que se seguiram na esteira dos textos de Al-Banna e de Qutb, e que também consultei, foram Defense of Muslim Lands e Join the Caravan, do xeque Abdullah Azzam, um dos mentores de Osama Bin Laden; The Virtues of Jihad, do maulana Mohammed Masood Azhar; Ruling by Man-made Law, de Abu Hamza Al-Masri; e Jihad in the Qur'an and Sunnah, do xeque Abdullah Bin Muhammad Bin Humaid.

Para perceber a Al-Qaeda e conhecer o pensamento do seu líder consultei dois opúsculos escritos pelo próprio Osama Bin Laden e intitulados Declaration of War on America e Exposing the New Crusader War, e ainda a entrevista que ele deu à ABC

News em 1998. Importantes neste segmento foram igualmente os livros Al-Qaeda, de Jason Burke; e The Secret History of Al-Qaeda, de Abdel Bari Atwan, que me forneceram pormenores relativos a Bin Laden e ainda aos campos de treino da Al-Qaeda no Afeganistão. Sobre estes campos em particular, contudo, a obra mais importante foi, sem dúvida, Inside the Jihad, de Omar Nasiri.

Outras referências de destaque foram Terror in the Name of God, de Jessica Stern; Who Becomes a Terrorist and Why, um relatório feito em 1999 por Rex Hudson para o governo americano; O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial, a célebre obra de Samuel Huntington; O Fim da Fé — Religião, Terrorismo e o Futuro da Razão, de Sam Harris; Sobre o islão, de Ali Kamel; The Crisis of Islam — Holy War and Unholy Terror, de Bernard Lewis; e ainda God's Terrorists — The Wahhabi Cult and the Hidden Roots of Modern Jihad, de Charles Allen.

No que diz respeito a obras gerais sobre o islão, e para além do próprio Alcorão, usei como referência os livros O Islão, de Akbar Ahmed; Islam — Faith, Culture, History, de Paul Lunde; e também ABCedário do islão, de Yves Thoraval.

Recorri igualmente a obras que analisam a faceta belicista do islão. As mais importantes foram Journey Into the Mind of an Islamic Terrorist e Islam and Terrorism, de Mark Gabriel; mas também consultei The Truth About Muhammad, de Robert Spencer. De referir que os nomes destes dois autores são pseudónimos, uma vez eles revelaram recear pela vida caso divulgassem a sua verdadeira identidade — o que me pareceu inquietante e sintomático sobre o estado de intolerância em relação à liberdade de expressão.

No que diz respeito à questão nuclear, as minhas obras de referência foram The Atomic Bazar, de William Langewiesche; Nuclear Terrorism — The Ultimate Preventable Catastrophe, de Graham Allison; The Four Faces of

Nuclear Terrorism, de Charles Ferguson e William Potter; The Seventh Decade — The New Shape of Nuclear Danger, de Jonathan Schell; America and the Islamic Bomb — The Deadly Compromise, de David Armstrong e Joseph Trento; Deception — Pakistan, the United States, and the Secret Trade in Nuclear Weapons, de Adrian Levy e Catherine Scott-Clark; The Nuclear Jihadist — The True Story of the Man Who Sold the World's Most Dangerous Secrets... and How We Could Have Stopped Him, de Douglas Frantz e Catherine Collins; e, por fim, Shopping for Bombs — Nuclear Proliferation, Global Insecurity, and the Rise and Fall of the A. Q. Khan Network, de Gordon Corera.

Não posso deixar de reconhecer o valioso contributo de várias pessoas para esta obra. O primeiro agradecimento vai para os dois muçulmanos que fizeram a revisão do romance: Paulo Almeida Santos, um dos mais antigos operacionais da Al-Qaeda, interlocutor de Bin Laden e autor do primeiro atentado desse movimento na Europa; e um amável clérigo que conheceu os mudjahedin no Afeganistão e no Paquistão e que, embora confirmando que este livro apresenta realmente a visão que os fundamentalistas têm do islão, preferiu manter-se anónimo.

Obrigado também a José Carvalho Soares, professor de Física da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Física Nuclear, pela revisão do que diz respeito à engenharia de construção de uma bomba nuclear; a Evgueni Mouravitch, mais uma vez útil para as coisas russas; a Ali Zhan, o meu esclarecido guia muçulmano ismaelita em Peshawar e Lahore; a Hussein, que me mostrou o Cairo islâmico e cristão copta; a Mohammed, que me levou ao templo de Hatshepsut, onde em 1997 a Al-Jama'a Al-Islamiyya efectuou o massacre de Luxor; ao meu editor, Guilherme Valente, e a toda a equipa da Gradiva, pelo seu empenho e profissionalismo; e, como sempre acima de tudo, à Florbela.